

Patrícia Inês Garcia de Souza

LIBERDADE IGUALDADE FRATERNIDADE
A todos os homens e mulheres

Buscadores do Sagrado:
As transformações da Maçonaria
em Belém do Pará

UNICAMP
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
2006

Patrícia Inês Garcia de Souza

*"Buscadores do Sagrado":
As transformações da maçonaria
em Belém do Pará*

Tese apresentada à Banca de avaliação do Curso de Doutorado em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Orientadora:
Profa. Dra. Suely Kofes.
Dep. de Antropologia.

UNICAMP
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
2006

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

So85b

Souza, Patrícia Inês Garcia de
Buscadores do sagrado: as transformações da maçonaria em
Belém do Pará / Patrícia Inês Garcia de Souza. - Campinas, SP :
[s. n.], 2006.

Orientador: Maria Suely Kofes.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Maçonaria - Amazônia. 2. Antropologia urbana - Brasil.
3. Belém (PA). 4. Religiosidade. 5. Esoterismo. 6. Antropologia –
Métodos biográficos. I. Kofes, Maria Suely. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

(msh/ifch)

Palavras chaves em inglês (keywords) : **Freemasonry – Amazon River Region**
Urban anthropology - Brazil
Belém (PA)
Religiosity
Occult sciences
Anthropology – Biographical methods

Área de Concentração: Antropologia

Titulação: Doutorado

Banca examinadora: Maria Sueli Kofes, Josildeth Gomes Consorte, Kanavillil
Rajagopalan, José Luiz dos Santos, Ronaldo Rômulo de
Almeida,

Data da defesa: 21/03/2006

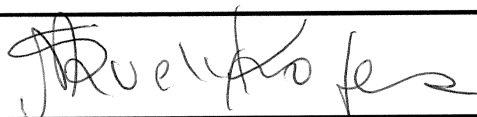
Patrícia Inês Garcia de Souza

*"Buscadores do Sagrado":
As transformações da maçonaria
em Belém do Pará*

Tese apresentada à Banca de
avaliação do Curso de Doutorado
em Ciências Sociais do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de
Campinas, como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor
em Ciências Sociais, sob orientação
da profa. Dra. Suely Kofes.
Dep. de Antropologia.

Comissão Julgadora

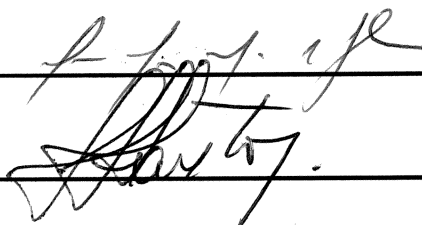
Profª. Dra. Maria Suely Kofes
Orientadora – Dep. de Antropologia



Profª. Dra. Josildeth Gomes Consorte
PUC – SP

Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan
Departamento de Linguística, Unicamp, IEL

Prof. Dr. Ronaldo Rômulo de Almeida
Departamento de Antropologia, IFCH



Prof. Dr. José Luiz dos Santos, Unicamp, IFCH

Suplentes

Prof. Dr. Milton José de Almeida
Faculdade de Educação

Prof. Dra. Eliane Moura da Silva
Departamento de História, IFCH

Profª. Dra. Ana Maria de Niemayer
Departamento de Antropologia, IFCH

UNICAMP
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
2006

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

200608439

RESUMO

A presente tese investiga as transformações da maçonaria na cidade de Belém do Pará, dando ênfase aos aspectos relacionados à religiosidade. Para tanto, faz um levantamento histórico dos embates da instituição na cidade e de sua presença, relevando também a forma como se deu a constituição de um campo maçônico. Em seguida, para comprovar a existência desse campo, destaca os *lugares* em que um maçom compõe sua identidade, a partir de um *habitus*, o da instituição. Essa conserva suas próprias leis e modos de funcionamento e de transformação, admitindo transformações internas dentro de limites. Se a reprodução de um *habitus* constitui o maçom, *lugares* como a ritualística agenciam diversos lugares de interesse, produzindo-se assim vários tipos de maçons. Para comprovar tal fato descreve-se o ritual de iniciação ao grau de aprendiz, do *Rito Escocês Antigo e Aceito*, que é quando o indivíduo começa a conhecer a instituição, dando início à incorporação de um *habitus* e a inscrição desse como uma pessoa particularizada – um maçom – que então passa a fazer parte de uma comunidade. Mas nem todos vivem essa *ritualização* desse modo, na cidade, não passando por nenhuma *performance* transformadora e colocando em questionamento os significados da instituição. As reações a esse *estranhamento* são variadas. E então os lugares de interesse que enformam a instituição entram em crise, a partir de uma crise dos próprios maçons, tornando-se *lugares de incerteza* – um campo de embates. Esses embates se vêem mais intensificados com o surgimento de uma maçonaria mista na cidade, segmento considerado “espúrio” pela maçonaria “regular”, que, além de dar entrada às mulheres no ritualismo maçônico, também surge para recuperar um “espírito tradicional maçônico” que julga estar perdido pela maçonaria regular, em inter-relação com o espiritismo kardecista. A invenção dessa maçonaria rompe com os limites estabelecidos. Para se compreender esse processo, faz-se uso do conceito de Das, de *evento crítico*. Em seguida, se abordam duas trajetórias pertinentes para se traduzir o processo de transformação local da maçonaria: a *etno-biografia* do fundador da maçonaria mista e, do mesmo modo, a de um maçom considerado uma *estrela* do esoterismo contemporâneo na cidade, pois concentra redes de relações pessoais que interconectam a maçonaria com o movimento do esoterismo. Por fim, se explora o termo “buscadores do sagrado” – termo êmico recolhido durante a pesquisa, tradutório de embates internos locais da maçonaria.

ABSTRACT

This thesis investigates the transformations of Free Masonry in the city of *Belém do Para*, emphasizing the aspects related to religiousness. In order to do this a historical survey was made of the clashes with the institution and its presence in the city, also emphasizing the way in which a Masonic field was constituted. In sequence, in order to prove the existence of this field, emphasis is given to the *places* in which the Mason builds his identity, that is, starting from a recurring *habitus*, within the institution. This conversation has its own rules and modes of operation and transformation in the institution, allowing for the internal transformations within limits. The reproduction of a *habitus* constitutes a Mason. However since the *places* like the rituals represent various places of interest, this *habitus* also produces various types of Free Masons. To prove such a fact a description is given of the initiation ritual to the degree of apprentice, of the Ancient and Accepted Scottish Rite, which is when the individual begins to learn about the institution, beginning the incorporation of a *habitus* and his subscription as a particularized person – a Mason – who then begins to be a part of a community. But not everyone goes through this *ritual* in this way, in the city; some do not undergo any transforming *performance* or questionings of the meanings of the institution. The reactions to this *questioning* are varied. And then the places of interest that inform the institution face a dilemma, starting with the dilemma of the Free Masons themselves, thus becoming *places of uncertainty* – a field of conflicts. These conflicts become intensified with the appearance of a Mixed Masonry in the city, a segment that is considered “spurious” by “regular” Free Masons, which besides allowing the entrance of women to the Masonic rituals has also arisen to recuperate the “traditional Masonic spirit” that is deemed lost by the regular Masonry in an inter-relationship with Kardecist spiritism. The invention of this Mixed Free Masonry breaks with the established limits. To understand this process the Das concept of a *critical event* is applied. This is followed by two pertinent approaches to interpret the local process of Masonry transformation: the *ethnic-biography* of the founder of Mixed Free Masonry, and in the same way that of a Free Mason considered a *star* of contemporary esotericism in the city, since he concentrates networks of personal relationships that interconnect masonry with the esoteric movement. Finally the term “searchers of the sacred” - an emic term collected during the survey that interprets the local internal conflicts of Free Masonry.

*Aos meus pais Wilson e Rocimar,
Que educaram e
Deram asas a uma pesquisadora,*

*À grande amiga Elvira do Valle,
Pelo apoio em todos os momentos,
mesmo à distância.*

AGRADECIMENTOS

Paz: foi essa a maior mensagem que recebi na passagem do ano, para 2006. Em Pocinhos do Rio Verde, em companhia de pessoas especiais, cercada de natureza, refleti sobre os embates descritos nessa tese, e em quantas dificuldades passei para realizá-la. Foi em Pocinhos (MG) que se iniciou o fim dessa batalha. Espero que o clima de luta constante em minha própria vida, iniciado desde que agarrei esse desafio tenha findado. Que o céu de tempestades dê lugar ao céu da paz, de azul celeste. Porque são muitos os céus que atravessamos na vida – me dissera um maom. Com certeza, esse foi um dos maiores – senão o maior – desafio do meu trajeto. Agradeço primeiramente ao que nossos olhos não vêem, mas o coração sente:

Ao Deus Inominado, Criador dos mundos;

Ao orixá caçador, Oxossi, e aos meus ancestrais;

Às energias da natureza (porque tem gente que se alimenta de sol!)

À Sra. Desatadora dos nós;

Depois agradeço aos meus sentidos e a minha cozinha filosófica;

Em seguida, às pessoas/corpo que me transmitiram muita fé nesse caminho:

Fé como força, vida e coragem. Á Elvira do Valle e seus encantados (Omi Akalewi) pelo AXÉ!;

Fé na antropologia e na reflexividade. À Profa. Suely Kofes, pelas leituras atenciosas desse texto e pela paciência com que ouviu meus encontros e desencontros: primeiro para achar o meu tema de tese, depois para encontrar na tese, a própria tese, nesse labirinto...

Fé na formação de pesquisadores. Ao CNPQ, pela concessão de uma bolsa de estudos;

Fé na universidade. Ao prof. Javier Bustamonte, professor visitante de Madri, praticante de tai-chi-chuan, em temporada na Unicamp, pela fraterna leitura de um de meus textos;

Fé no crescimento intelectual, pelos debates em Congressos de antropologia. Aos professores Pablo Wright pela afirmação de que o sagrado é imoral e a Alejandro Frigério, pela minha participação na I ALA, em Rosário - Argentina;

Fé na solidariedade e cidadania. Ao Prof. Carlos Brandão, pelo Heráclito e pela acolhida carinhosa em Pocinhos do Rio Verde durante os momentos finais desse doloroso parto. Na Rosa dos Ventos as pedras se dissipam... e o que era para ser dor se transforma em criação prazerosa... e à sua família, D. Maria Alice, Luciana e André, pelo incentivo;

Fé nos acordos acadêmicos entre o Brasil e França. Aos Professores da EHESS, Afrânio Garcia e Marion Aubrée, pelo apoio imediato a esse tema de tese, mesmo que o estágio em Paris não tenha se concretizado;

Fé na união e no amor. À minha família, chova ou faça sol em Belém do Pará, há sempre apoio: meus pais, Wilson e Rocimar, meus irmãos Tânia e Jackson, e de São Paulo, minha irmã Sandra;

Fé na irmandade pela mesma linguagem. Aos amigos: Manuel Gil, pela força; Mauro Roberto, pela amizade fiel mesmo nas tempestades; aos antropólogos; Nicholas Alexandria; Daniela do Carmo, também pela nossa comunhão com o Homi Bhabha; e Marta Jardim, pela simpatia. Ao filósofo João, pelo incentivo. À Jussânia, pelo apoio;

Fé nos intercâmbios culturais. À Emilie Brunelle, pela breve estadia enriquecedora;

Fé nas amizades que permanecem mesmo por muitos anos: À Nathalie Rossi, querida, sempre; à amiga de minha mãe, dos tempos de “filha de Maria”, Cleide, pela hospitalidade, no centro de Belém do Pará; também à Rosa Pereira, pelo presente de um livro maçônico;

Fé na maçonaria. Aos maçons e amigos que contribuíram para o desenvolvimento dessa tese. Em especial: Salazar, pela revelação de muitos segredos; Carlos Seixas, Graça Loureiro, todos os maçons das maçonarias mistas. Os irmãos Schmidt, da Comab. Borja, Kemil, Von-Rommel, De Mendes, o divertido escritor Walcyr Monteiro. Também aos maçons da Grande Loja: Reginaldo Cunha, Victor Swami, Dr. Hermes, Villar Pantoja.

Fé nas energias da sincronicidade. Aos amigos do mundo esotérico, Evandro Piancó, Ana Pinheiro, Ana Lúcia; Ao astrólogo Arnatíf Bechara e ao numerólogo Franz Kreuter;; Aos membros da ordem Rosacruz-amorc, de Belém do Pará;

Fé no incentivo à pesquisa e ao aprendizado, com carinho, aos meus antigos professores e orientadores: Graça Leal, Lília Chaves, Juruema Bastos, Zélia Amador, Socorro Simões;

Ao meu ex-orientador Foot Hardman, por sua total confiança em mim durante o mestrado, por ter me incentivado a seguir a veia antropológica e por ter aceitado participar da banca de qualificação mesmo em vésperas de viagem aos Estados Unidos, enfim, por tudo;

Fé no aprendizado coletivo. Ao grupo de estudos extinto “Marcel Mauss”, coordenado pela profa. Suely Kofes, pelos debates enriquecedores e inspiradores: Lady Selma; Danielas Manica e Araújo; Vilson; Raquel; Ana Belon;

Fé no conhecimento, pelo estudo da imagem. Ao pessoal do OLHO, prof. Milton Almeida e Acir Dias;

Fé na pesquisa. Aos bibliotecários do Arcebispado de Belém e do Centur; Á Codem e seus simpáticos funcionários pelo empenho em me fornecer o mapa mais adequado da cidade para esse trabalho;

Fé na beleza, no corpo e na alma. À equipe da saúde: Sílvia, la coiffeuse; Xavier, farmacêutico; Dr. Danilo, pela simpatia e apoio; À Ana Sílvia, pela amizade e pelas massagens; Beth, pelas dicas de culinária e pelas flores; Gláucia, pelas conversas animadoras;

Fé na tecnologia. À equipe técnica: Alencar, da Casa do Engenheiro, pela paciência com que concretizou a idéia do mapa;

Ao Wagner, técnico em informática, pelos ouvidos, pelo apoio, amizade e pela católica fé que me levou a algumas missas no maravilhoso santuário Maria Porta do Céu, em Campinas;

A todos, enfim, que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização dessa árdua tarefa, meus sinceros agradecimentos. A fé remove as montanhas e não importa o nome que tenha. *Tudo é Um.*

SUMÁRIO

Apresentação	01
I – Constituição do campo da maçonaria	32
1.1) Um imaginário maçônico sobre o passado	32
1.2) A constituição do campo da maçonaria no espaço social nacional e local	35
1.3) O <i>habitus</i> maçônico e a constituição de um campo de embates na maçonaria local	58
II – Um “mundo à parte”: os <i>multilugares</i> do campo	76
2.1) Lugares do segredo	76
2.1.1) O segredo e o sentido de comunidade na maçonaria	92
2.2) Lugares da ritualística	95
2.2.1) <i>Performance</i> e <i>drama social</i> na maçonaria: a iniciação ao grau de <i>aprendiz</i> do <i>rito escocês antigo e aceito</i>	95
2.2.1.1) a seqüência da morte	99
2.2.1.2) a seqüência da crise e a “pedagogia da liminaridade”	105
2.2.1.3) a seqüência de reparação e a liminaridade	116
2.2.1.4) a seqüência de <i>reintegração</i>	119
2.2.2) Uma pedagogia da <i>reflexividade</i> : aspectos do rito de iniciação ao grau de aprendiz	122
2.2.2.1) O <i>lugar</i> da moral	123
2.2.2.2) O <i>lugar</i> da política	130
2.2.2.3) O <i>lugar</i> da filantropia	131
2.2.2.4) O <i>lugar</i> do simbolismo ou esoterismo	132
2.2.2.5) O <i>lugar</i> do segredo ou silêncio	134
2.2.2.6) O <i>lugar</i> da hierarquia	135
2.2.3) A <i>performance</i> do ritual e a construção da pessoa do maçom.	136
2.2.4) <i>Performance</i> e <i>estranhamento</i> : a (des)sacralização na maçonaria	144
2.5) Em lugar sagrado: um olhar sobre alguns templos maçônicos paraenses	148
Ilustrações	160
III – Um Evento e suas conseqüências	173
3.1) A <i>Revelação</i> da maçonaria mista de Belém do Pará: um evento crítico	173
3.2) A crise de representação da maçonaria	184
3.2.1) Significados atribuídos à maçonaria	185
3.2.2) A tentativa de ruptura das <i>landmarks</i>	189
3.2.3) O debate sobre as origens da maçonaria	192
3.2.4) Finalidades da maçonaria	195
3.3) As eleições na Grande Loja Maçônica do Pará	198
3.4) Lugares “entre”.	205
3.4.1) Entre rituais	206
3.4.2) Entre moralidades	208

3.4.3) Entre esoterismos	210
3.4.4) Entre filantropias	212
3.4.5) Entre redes de ajuda – mútua em Belém do Pará	215
3.5) Inter-relações no campo	220
3.5.1) A maçonaria e o campo da economia	220
3.5.2) A maçonaria e o campo da educação	222
3.5.3) A maçonaria, o segredo, e os campos do comércio e do mercado financeiro	224
3.6) Redes de relações sociais na maçonaria local	226
Mapa das redes da maçonaria local	231
IV – Histórias de vida.	232
4.1) Carlos Correia Seixas	232
4.1.1) Seixas, pessoa	236
4.1.2) O personagem Seixas	237
4.1.3) O mundo conceitual de Carlos Seixas	249
4.1.4) Seixas, a maçonaria regular e a maçonaria mista.	254
4.1.5) Uma maçonaria no entre-lugar: a Grande Ordem Maçônica Mista Cavaleiro da Arca da Aliança	257
4.1.6) Sobre as mulheres da maçonaria mista	270
4.2) Erwin Von-Rommel Vianna Pamplona	278
4.2.1) Von-Rommel, pessoa	278
4.2.2) O personagem de Von-Rommel, por si mesmo	280
4.2.3) Histórias de vida, entrelaçadas: um parêntese para Roberto Conde dos Reis Cavallero	288
4.2.4) O personagem de Von-Rommel através de suas redes de relações sociais	292
4.2.5) O mundo conceitual de Von-Rommel	294
4.2.6) O maçom Von-Rommel e o esoterismo em sua forma contemporânea	301
V- “Buscadores do Sagrado”: notas sobre maçonaria, misticismo, esoterismo, religiosidade e espiritualidade na contemporaneidade da cidade de Belém do Pará	306
Bibliografia	327
Apêndices	
Anexo I: O surgimento das Grandes Lojas no Brasil	339
Anexo II: Landmarks, de Albert G. Mackey	349

Índice de ilustrações

1. Templo Firmeza e Humanidade – Belém-PA	160
2. Interior do templo “Firmeza e Humanidade” no. 01	160
3. Porta de entrada do templo Harmonia e Fraternidade	160
4. Antigo rito escocês segundo a COMAB	160
5. Teto do templo Harmonia e Fraternidade no. 09	161
6. Interior do templo da loja Harmonia e Fraternidade	161
7. Um malhete em um altar da COMAB	161
8. Altar dos juramentos da loja Harmonia e Fraternidade no. 09	162
9. Altar do Venerável da loja Firmeza e Humanidade no. 01	162
10. Colunas Jachin e Booz	163
11. Estandarte da Grande Ordem Maçônica Mista	163
12. Isis, Osíris e Miquerinos, na potência mista de Seixas.	164
13. Símbolo mortuário em loja comercial	164
14. Advertência maçônica na loja Ponto do maçom	164
15. Templo decorado para o rito de York, em loja do Grande Oriente do Brasil	165
16. A fundação da primeira Potência mista maçônica no Pará	165
17. Prédio da Grande Loja maçônica do Pará	166
18. Ponto do maçom	166
19. Emblema maçônico em exposição comercial	166
20. Loja comercial de esoterismo	166
21. Carlos Correia Seixas, o fundador da maçonaria mista de Belém do Pará.	167
22. Erwin Von-Rommel Pamplona, maçom de Belém do Pará e autor de livros esotéricos	167
23. Valores morais nos degraus de um templo maçônico	168
24. Graça Loureiro , da maçonaria mista, exercendo a função de 1º. Vigilante	168
25. Estandarte psicografado da Loja “Cavaleiros dos Grandes Mistérios”, da maçonaria mista	169
26. Símbolos do grau de Aprendiz, Companheiro e Mestre, da Grande Loja. O triângulo do Mestre, a estrela do Companheiro e o pentagrama do Aprendiz	169
27. Cristo nas paredes externas de um templo maçônico em Belém. Abaixo da figura, uma frase que se refere à Fraternidade	170
28. Graça Loureiro paramentada de mestre.	170
29. Templo Nicandro Seixas, em Ananindeua	171
30. Pedra de fundação do templo Nicandro Seixas.	171
31. Integrantes do Supremo conselho dos 7 da maçonaria universal em templo próprio	172
32. Pavimento de mosaico	172
33. Templo da Grande Ordem Maçônica Mista Cavaleiro da Arca da Aliança	172

Como a novidade penetra no mundo? Como é que nasce?
De que fusões, transformações, conjunções é feita?
Como sobrevive, extrema e perigosa como é?
Que concessões, que acordos, que traições de sua natureza secreta tem ela de fazer
para repelir a fúria das multidões, o anjo exterminador, a guilhotina?
Nascer é sempre uma queda?
Anjos têm asas? Homens podem voar?”
(Salman Rushdie, *Os versos satânicos*)

Apresentação

Estranhos e inusitados são por vezes os caminhos que nos levam à escritura e dedicação a uma tese. A escolha desse tema está entrelaçada à minha própria biografia e, por conta disso, considero importante relatar esse trajeto com algumas minúcias, pois eles se tornaram dados reveladores do mundo que irei abordar. Além disso, foram muitos os percalços da rota, o que talvez justifique as possíveis falhas dessa tese. Mas julgo que, ao fim das contas, o jogo entre proximidade e distância me auxiliou com a tarefa.

A partir de 1991 – então eu não sabia – o interesse em frequentar palestras cujo tema em discussão era se Paulo Coelho era ou não mago, marcava o início do jogo que me levaria à presente tese. Foi na *livraria esotérica* que ouvi falar pela primeira vez de Roberto Conde e de suas extraordinárias façanhas no mundo do esoterismo. Um esoterismo que saía de círculos restritos e que havia tido uma expansão nos anos 80, na cidade de Belém do Pará. Começava então a tal *trama com os carneiros* de que fala Geertz...

Interessei-me tanto por esse universo que cheguei a trabalhar na loja *Arte Mística* (a primeira loja de esoterismo da cidade) somente com o intuito de aprender algo sobre aquele mundo. Mas logo a exploração de apenas três meses teve que findar, pois fiquei muito atribulada com a Universidade.

Ao ingressar no curso de Letras na graduação atraída pela intensidade do simbolismo na poesia de Fernando Pessoa, continuei pesquisando o tema e descobri outros poetas como Rimbaud, (já que a licenciatura era também em Francês) que também parecia ter a mesma paixão que eu pelo mistério. E como, além disso, há sempre aqueles que nos cativam mais que outros e nos transmitem sua própria paixão, realizei TCC sobre o poema “Iniciação” de Pessoa, sob orientação daquela Juruema Bastos, de olhos brilhantes quando recuperava Portugal e outro sobre Rimbaud, em língua francesa, orientada pela também maravilhosa Lília Chaves, a sobrinha de Benedito Nunes.

Sempre fui coerente com minha busca mesmo com essa aparente mudança radical de campo, saber e objeto e mesmo trafegando entre distintas arenas. Ao procurar um projeto de iniciação científica para trabalhar, em Belém do Pará, deixando um pouco de lado o mundo de Paulo Coelho & cia. (livros, cristais, incensos, numerólogos, pretensos “magos”, astrólogos, etc.) um ano após ter ingressado na universidade, uma amiga (hoje

doutora) do curso de História indicou-me para levar adiante um projeto ao qual ela não havia se interessado muito, sobretudo pela dificuldade encontrada em suas tentativas de fazer a pesquisa de campo: “maçonaria e espiritismo: caminhos cruzados¹” sob orientação da profa. Luzia Miranda Álvares. Para iniciar as reflexões sobre o projeto, presenteou-me com o seu projeto (que tenho até hoje) e com um livro maçônico intitulado *A maçonaria na história do Brasil*, de Manoel Gomes, guardado como um presente, e que foi muito utilizado nessa tese inclusive.

Interessei-me imediatamente pelo tema, mas – devo confessar – estava um tanto quanto cansada daquele universo enigmático e sentia que precisava respirar daquilo tudo: foram tantas as narrativas obscuras que escutei que aquele mundo me soava como o arcano 18 – a Lua – do tarot: atraente, misterioso, porém perigoso, porque cheio de armadilhas. Evidentemente que nessa fase estudei com afinco os arcanos do tarot, a numerologia aristotélica e inúmeros outros oráculos. Diante disso, achei melhor procurar, em linguagem de ex-taróloga *caminhos mais ensolarados*...convenci-me de que poderia ser melhor trabalhar na própria área de Letras (porque eu não achava certo *ficar atravessando a rua*...) e fui ver se havia algo: no mesmo dia ingressei em um Programa de Pesquisa do Centro de Letras e Artes.

Dessa forma, paralelamente a um trajeto na teoria literária que dava à imaginação e à crítica apaixonada grande valor, eu ensaiava também alguns passos como etnógrafa, participando de um projeto de iniciação científica intitulado “O Imaginário nas formas narrativas orais populares da Amazônia Paraense” – surgia então a vontade de frequentar a antropologia já que a chave do que é a realidade muito me inquietava, sobretudo quando eu me deparava com realidades e concepções de real distintas. Sob coordenação dos professores Socorro Simões e Christophe Golder, tal programa se dedicava, naquele primeiro sopro de existência, a recuperar lendas amazônicas que então se julgava que se estava perdendo. Fiz esse trabalho durante praticamente toda a graduação. Assim, movida pela vontade de descobrir o que estava escondido ou de difícil acesso, fui a primeira pesquisadora desse programa a recolher narrativas entre a população da ilha do Mosqueiro

¹ Conversei por telefone com essa profa. no final de 2002 e soube que o projeto (vinculado à área de História) não chegou a se concretizar.

e com esse material passei a estudar o mito do Boto, a partir de um esforço de compreensão de Lévi-Strauss e sob orientação da adorável Zélia Amador, a quem me filiei para executar o sub-projeto “mitologia e realidade próxima”. Em seguida, interessei-me por outros mitos como o da mãe d’água², e da Matintapereira³, na cidade de Vigia, na microrregião do Salgado. Eu procurava então, com um certo espírito romântico talvez, ir cada vez mais longe naquilo que eu denominava de “descobertas”: acabei chegando à ilha de Mayandeua, local em que recolhi narrativas sobre os encantados e sobre a Princesa⁴ que os nativos afirmavam ser a protetora da ilha. Então lá estava eu novamente me defrontando com o *mysterium tremendum*... foram várias as viagens à ilha para recolher narrativas em um trabalho que se tornou emocionante pela intensidade com que eu notava que os nativos relacionavam uma ética (ecológica) e uma estética (o motivo da Princesa inclusive nas produções culturais da musicalidade da ilha) entrelaçadas em suas visões de mundo: no cotidiano mesmo, em meio muitas vezes à pobreza e à fome, essas pessoas pareciam resistir à decadência e teciam belas narrativas e sonhos. Esse contraste entre o belo das narrativas e as dificuldades de sobrevivência na ilha me incomodava e me deixava mesmo arrasada algumas vezes. O problema naquele momento era a pesca de arrasto que estava colocando em situação difícil a pesca artesanal e provocando a escassez de alimentos para os próprios nativos. Mesmo assim, esses, em noites de lua cheia, organizavam um animado Carimbó e cantavam as canções que se referiam à Princesa e aos encantados. Mas não dava mais tempo de ficar muito *encantada*... já se findava a graduação. O material foi guardado e transcrito somente no mestrado em teoria literária, sob a batuta do prof. Foot Hardman – um dos incentivadores dos Estudos Culturais no Brasil e quem o introduziu no IEL. Assim, o projeto de mestrado sobre a ilha de Mayandeua, um ano após o meu ingresso no mestrado, proposto ao prof. Hardman (pois eu havia entrado no programa com um ensaio bastante genérico sobre os mitos amazônicos e pretendia fazer um trabalho sobre o mito do

² Uma sereia que na Amazônia é descrita geralmente como uma bela morena de cabelos pretos que atrai os incautos para o fundo do rio-mar.

³ Uma pessoa que se transforma em pássaro e assombra as populações ribeirinhas. É-lhe oferecido tabaco, café ou camarão para se descobrir de quem se trata, no outro dia a pessoa vai buscar o prometido e assim se descobre a identidade da Matintapereira.

⁴ A Princesa da Ilha de Mayandeua é sempre descrita como loura e misteriosa. As narrativas lhe colocam como inatingível e intocável, às vezes cruel, quando se trata de castigar alguém que maltratou a sua ilha e desrespeitou a natureza local.

Boto) encontrou um momento adequado para o seu desenvolvimento: tratava-se então de relativizar o belo nas produções literárias e defender que as populações que se baseiam na oralidade produzem de outra forma a sua literatura – o que me inseria na linha dos Estudos Culturais, então nascente no Brasil. Os encantados de Mayandeua tornavam-se então o motivo estético com o qual os nativos teciam uma literatura toda própria, mas sem seguir a etimologia do termo *litter* (escrita) contida na palavra literatura. Evidente que reações internas conservadoras ocorreram diante dessa interpretação para o literário, mas para empreender essa dissertação tive em Foot Hardman um orientador que me apoiou e defendeu em todos os momentos e, dessa forma, a dissertação chegou a sua concretização e a um dia memorável de defesa.

Foi ele mesmo que me incentivou *a atravessar a rua* (termo a que muitas vezes nos referíamos no Iel), pois reconhecia em mim uma forte vocação para a antropologia. Quanto a mim, não acreditava que seria aprovada em uma primeira tentativa com um projeto que julgava ainda inacabado. Tinha como objetivo explorar as relações entre a antropologia e a literatura a partir da ficção de Milton Hatoum. Participei da seleção no IFCH no final do ano de 2000 e fui aprovada para iniciar o doutorado em 2001.

Fui obrigada a mudar de orientadora no início de 2002, pois a professora com quem achei que iria trabalhar não seguia essa linha de trabalho. Momento muito delicado e difícil de se lidar... *uma pedra no meio do caminho*... além disso, eu estava desempregada e lutando para receber uns tostões de uma faculdade particular que havia me contratado mas não tinha pago corretamente... é importante dizer isso, porque traduz uma realidade de alguns estudantes brasileiros, que têm condições intelectuais para enfrentar uma pós-graduação, mas não contam com muitos recursos. Essa posição desvantajosa lhes impede um desenvolvimento maior de suas capacidades. Com muita luta, conquistei uma bolsa do CNPQ. Ineri-me no *movimento dos sem bolsa* para isso. Em seguida, ocupei rapidamente a representação discente. Terminado meu mandato, promovi eleições e me retirei, porque achava o *métier* muito estressante e sentia os ataques a minha pessoa com intensidade e eu não estava habituada àquilo. Achei melhor me dedicar integralmente à tese e à minha formação na área, pois a política é um assunto tão sério que ainda tenho muito o que aprender...

Procurei a profa. Suely Kofes. Eu a procurei porque ela estava na banca de seleção e parecia simpatizar com o projeto aprovado. E, além disso, eu havia gostado muito dela imediatamente – aprendi com a crítica literária e no meio esotérico que a primeira impressão é sempre muito importante...

Naquele momento ela anunciava o seu novo projeto sobre a maçonaria. Achei uma terrível coincidência e tive logo uma forte certeza de que teria que me conter para não ceder à velha atração pelo mistério iniciada desde a adolescência⁵. Coloquei-me para ela como uma possível informante apenas, pois conhecia bastante daquele universo. Na convivência, expus meu problema sobre a questão da orientação de tese. Evidentemente, tratava-se de uma situação muito delicada e, com muita insistência de minha parte, ela, com relutância, aceitou me orientar.

Mas somente iniciei um doutorado com mais afinco, em 2002, porque como tinha *conquistado* uma bolsa de estudos do Cnpq eu podia finalmente me dedicar. Insisti bastante com o projeto aprovado na banca de seleção e ele me parecia muito bom embora grandioso demais, talvez um trabalho para a vida toda. Ora, eu nem havia ainda compreendido o campo da antropologia, como eu conseguiria compreender suas associações com a literatura? Da mesma forma que o meu projeto de mestrado sobre o Boto, notei que esse também não se desenvolvia, como se aquele não fosse o momento...a sensação era a de que faltava-lhe um *algo mais*... chegamos à conclusão que esse *algo mais* era a pesquisa de campo e o seu contato com as pessoas e a antropologia se constituía nisso... Tornava-se então vital que eu encontrasse um *link* com o que a antropologia considerava o seu *ethos* mais importante: o elemento vivo das pessoas. O projeto até que ia bem, mas faltava-lhe, na verdade, o gás que me impulsiona a escrever todos os meus trabalhos: o elemento do sagrado. Reencontrei a velha trilha quando tive um *insight* durante um dos encontros do grupo de estudos “Marcel Mauss” coordenado pela profa. Suely Kofes, enquanto conversava sobre Belém e seus fantasmas com uma colega e ao mesmo tempo em que lia, em casa, a obra *uma trajetória, em narrativas*, de Kofes. Uma obra que procura demonstrar como uma história de vida de uma anônima como Consuelo Caiado pode se transformar em

⁵ Quando cheguei mesmo a me filiar aos *Rosacruz*es (Amorc), contudo, não cheguei sequer ao primeiro grau para me auto-intitular “Rosacruz”. No entanto, a breve convivência com os rosacruz e o acesso a alguns de seus materiais muito me ajudaram a compreender com mais facilidade a maçonaria.

objeto etnográfico. De repente, tudo se encaixou e achei que iria escrever a história de vida de Roberto Conde, e, com isso, iria traduzir o mundo maçônico/esotérico de Belém do Pará: a sensação foi a do encontro que era também um reencontro. A confusão e a indecisão daquele projeto seria superada e em questão de segundos tive a sensação do alumbramento de quem achou um objeto perdido mas que esteve o tempo todo diante dele. Mas mudar... mudar.. e mudar não soava muito bem no programa de doutorado do IFCH e eu sabia disso. Então somatizei, fiquei doente, tive febre, até que me sentindo sem saída resolvi procurar a minha orientadora para conversarmos sobre a situação. Revelei-lhe com mais clareza sobre meu vínculo passado com o tema, contei-lhe algo sobre a convivência que tive com os rosacruzistas e propus uma tentativa de mudança de projeto com uma certa timidez, achando que seria recusada. Por se tratar da maçonaria, teria que ser feita com muito cuidado pois eu não tinha certeza (baseada nos fatos do passado) que uma pesquisa de campo sobre esse tema daria certo. Dessa forma, eu não poderia anunciar ainda uma mudança oficial de tema, pois eu só faria isso se a pesquisa desse certo. Diante disso, ao final de 2002, lá estávamos nós duas com muita animação, sentadas numa cantina da Unicamp, planejando o que ela chamou de “mapeamento” do campo. Construímos um plano que pensava em relacionar o esoterismo em sua forma contemporânea, juntamente com a maçonaria e a história de vida de Roberto Conde, um possível maçom.

Então sem muitos recursos para viajar confortavelmente até Belém do Pará, cidade situada no norte do Brasil, convencida de que a tese era essa mesma, tomei um ônibus semileito (porque para Belém não há leito) para a minha cidade-natal, em dezembro de 2002: antes de chegar ao destino ele pegou fogo... esperávamos chegar em Paragominas, no Pará, quando então tínhamos a certeza de que o ônibus seria assaltado porque o motorista estava ainda com trauma do assalto que havia sofrido naquele lugar há uma semana atrás. Fumando nervosamente em todas as paradas, ele achou melhor alertar os passageiros do risco e nos aconselhou que escondêssemos objetos de valor... Passamos no local tido por perigoso de madrugada sem que nada nos acontecesse. O alívio foi grande, mas em seguida o ônibus começou a encher-se de fumaça. Parou em uma estrada deserta e todos descemos. Os celulares não funcionavam e nem os telefones públicos. Ficamos então todos sentados na beira da estrada esperando o dia amanhecer e um outro ônibus ser enviado. Ledo

engano. Porque a *boiada* não merece assim tanta consideração... com o fato, porque no mundo do esoterismo tudo se torna um *senal* de algo...Mas eu não era mais a adolescente de alguns anos atrás, de pensamento mágico, que acreditaria que aquilo seria algum signo funesto... Aliás me recusei terminantemente durante todos esses anos a acreditar em qualquer “recado” que tivesse como objetivo me colocar em pânico...isso nada tinha a ver com a maçonaria... *Yo no creo en brujas pero que las hay, las hay...*

Na cidade, no decorrer da pesquisa, percebi que Roberto Conde não se revelava como uma porta eficaz para a entrada no mundo da maçonaria e tudo acabou ocorrendo de forma diferente, mas não como *uma incursão fracassada aos carneiros*...acabei conhecendo a maçonaria mista. Uma surpreendente maçonaria. Ela se revelou como algo muito mais significativo do que as pistas que me foram fornecidas sobre ela: a sensação era a de que quanto mais pesquisava mais aumentava minha perplexidade diante de um fato novo. Pois se as relações que surgem nesse objeto não nos são estranhas, o fato em si é novo: a maçonaria mista, de Seixas, possui o signo do milagre como origem, isto é, tem estatuto de acontecimento miraculoso entre seus adeptos, pois se trata de uma maçonaria proveniente do irracional por excelência – o sagrado, *psicografada, de outro mundo*, com um mito de fundação – comparável a fundação de algumas das igrejas católicas, que, em geral, têm como discurso de origem algum acontecimento miraculoso, como a aparição da imagem de alguma santa no lugar de construção da futura igreja, diferentemente dos segmentos regulares que seguem normas instituídas na modernidade pelos homens, com rituais que foram paulatinamente inventados.

No desenrolar de outras pesquisas de campo realizadas sempre nos finais e inícios dos anos de 2002 (dezembro) e 2003 (janeiro-fevereiro-março-dezembro), 2004 (janeiro-fevereiro-março-abril-dezembro) e 2005 (janeiro-fevereiro) ao final acabei me concentrando sobre o processo de transformação pelo qual passa a maçonaria da cidade. Processos e trajetórias que traduzem transformações na maçonaria local. Essa concentra em si várias relações inclusive a relação com o esoterismo tanto em sua forma conservadora e secreta quanto a contemporânea, com um sentido mais flexível do que é considerado secreto. Consegui, dessa forma, com a paciente e fundamental ajuda de minha orientadora,

no primeiro semestre de 2003, atar os fios e configurar finalmente o objeto. Aprendi com ela como se faz um projeto de excelência.

De volta à Belém, no final de 2003, o problema na pesquisa de campo ao buscar somente a maçonaria tornou-se outro: o argumento e obstáculo do segredo. O tema do segredo foi o primeiro tema polêmico levantado durante a pesquisa empírica e também motivo de muitas das minhas atribulações e dificuldades de realização desta pesquisa. Malinowski comenta sobre os momentos de “desânimo e desespero depois de terem fracassado inteiramente muitas tentativas obstinadas, porém inúteis, de estabelecer um verdadeiro contato com os nativos e de coletar qualquer material⁶”. Alguns “nativos” maçons também não deixaram por menos, várias vezes desanimei e achei que a opção por pesquisar a maçonaria tinha sido uma má escolha, principalmente, quando eu saía à cata de maçons dispostos a colaborar para a pesquisa, desvendando a maçonaria em Belém e me revelando também algo sobre suas respectivas lojas. Tarefa árdua, difícil, pois muitas portas se fecharam justamente porque muitos deles achavam que se me concedessem algum depoimento estariam ferindo regulamentos, estatutos e o segredo maçônico – ao menos era isso que me era alegado muitas vezes. Mas, como o pai da etnografia, também superou sua dificuldade inicial eu também persisti e superei a minha e, apesar de não ter podido estar sempre em contato com os “nativos”, (já que meu acesso em rituais, por exemplo, eram – e me são – proibidos, porque eu não sou maçom⁷) utilizei outras estratégias para entrar no mundo da maçonaria a partir da recolha de outros materiais, como jornais e revistas que noticiaram muitos dos embates maçônicos locais, do exame de uma bibliografia maçônica, com o acesso ao arquivo pertencente à Igreja, e também entrevistando maçons que se prontificaram a colaborar sem nenhum problema, relatando-me suas histórias de vida e suas concepções a respeito da maçonaria. Nesse caso, posso afirmar, juntamente com Geertz, que “nossos dados são realmente nossa própria construção

⁶ MALINOWSKI, Bronislaw. “Objetivo, método e alcance desta pesquisa” in *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, p. 41.

⁷ Sigo nesse caso a terminologia que apreendi em campo, quando as maçons do sexo feminino recusaram o termo “maçona” como se o termo fosse algo pejorativo e diminuidor de suas capacidades. A discussão lembrou o mesmo caso de poeta-poetisa, quando algumas poetisas recusam serem chamadas de poetisas. O termo “maçona”, contudo, foi pronunciado pelos segmentos regulares.

das construções de outras pessoas⁸”, pois minha própria experiência com o mundo da maçonaria deu-se pelos interstícios, pelo “entre”, jamais enfrentando diretamente a questão. Ainda, se conforme Geertz, “a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma idéia, ou o que quer que seja, está insinuado como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente⁹” então, baseada nessa contribuição, deixei temporariamente de lado a vontade de conhecer diretamente a maçonaria e, pelos interstícios, foi possível entrever (e compreender) os embates da instituição. Utilizei-me, dessa forma, de muitas sutilezas e estratégias, como de posse de questionários adequados a cada entrevistado e nunca indo diretamente ao ponto, já que nunca tive acesso direto à maçonaria a não ser marginalmente, por causa do “tabu” do segredo. De qualquer maneira, ainda conforme Geertz, “não é necessário conhecer tudo para poder entender uma coisa¹⁰”. O que importa mesmo é “ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido um tanto mais amplo, conversar com eles¹¹” – experiência esta, ainda que “marginal” tornada possível nesta pesquisa.

Diante desse impasse, surgiu logo a inevitável questão da ética e sempre sou questionada sobre isso. Primeiramente, essa pesquisa não foi realizada em segredo. Apresentei a proposta da pesquisa para todos os segmentos e coloquei-me sempre como pesquisadora da Unicamp, cursando o doutorado e pretendendo fazer uma descrição da maçonaria de Belém dando ênfase ao aspecto do sagrado e do esoterismo, mas sem induzir quem quer que seja a nada. Os representantes dos segmentos, chamados de grãos-mestres, jamais se opuseram à pesquisa e alguns deles até me incentivaram a realizá-la. Conforme o que solicitei, na *Grande Loja*, por exemplo, o Grão-mestre daquele ano de 2003 assinou uma autorização (que podemos considerar como um “consentimento informado”) para que eu circulasse entre as *lojas* de sua jurisdição, permitindo também que eu fotografasse alguns templos. A *Grande Loja* me encaminhou a um maçom considerado um conhecedor do tema “esoterismo” que ficara encarregado de responder às minhas questões. Guardei

⁸ GEERTZ, Clifford. “Por uma teoria interpretativa da cultura” in *A Interpretação das culturas*, p.19.

⁹ *Id.*, *Ibid.*, p. 19.

¹⁰ *Id.*, *Ibid.*, p. 30.

¹¹ *Id.*, *Ibid.*, p. 35.

sigilo sobre tudo que me pediram sigilo, até porque o conteúdo desses tais “segredos” nada tinham de relevante para essa pesquisa... apenas revelavam o valor atribuído a determinados assuntos. Portanto, essas pequenas concessões em nada afetaram a realização do projeto e/ou a minha postura de imparcialidade¹² como pesquisadora. Postura essa, diga-se de passagem, garantida por vários anos de afastamento de minha cidade natal e do universo das sociedades secretas. Um afastamento necessário quando se precisa analisar dados da maneira mais desapaixonada possível, como bem orientou Kofes: é natural que em um primeiro momento o pesquisador se envolva com o tema, mas posteriormente é necessário haver um des-envolvimento – mais difícil em meu caso, porém possível. Consegui com certa facilidade conquistar a confiança dos grupos devido talvez a uma identificação empática com a maioria deles e, em relação aos segmentos de maçonaria mista, expliquei como se dava a atuação de um pesquisador, para que eles compreendessem minha recusa em ingressar em suas maçonarias. Soube também que eu estava sendo investigada, conforme me revelaram alguns deles, e não me inquietei, eles me expuseram suas razões e eu compreendi. Afinal, o tema é envolto em mitos e lendas, eles temiam que eu estivesse lá para prejudicá-los, pois eles já foram bastante *perseguidos*. Em minha defesa, lhes falei sobre o *Código de Ética* do antropólogo cujo um dos artigos afirma a “garantia de que a colaboração prestada à investigação não seja utilizada com o intuito de prejudicar o grupo investigado¹³.”

Árduos foram alguns debates sobre a minha presença em solo maçônico. Um incidente bastante eloqüente foi quando um maçom do *Grande Oriente do Brasil* me fizera jurar que jamais diria que tinha estado em sua loja e entrado no templo. Outros maçons apoiaram o projeto e outros ainda mostraram-se indiferentes. Um deles se apresentou como Venerável *past-master* e se prontificou a colaborar. Em outro contato, tive que citar novamente a existência do *Código de Ética* do antropólogo (consultado primeiramente por

¹² Cardoso de Oliveira comenta: “Geertz argumenta que o acesso direto ou neutro ao ponto de vista nativo é inviável, pois o antropólogo não pode se abster de suas pré-concepções, e que a compreensão se daria através da articulação entre conceitos distantes (os dos nativos) e conceitos próximos (os do antropólogo).” CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. ‘Pesquisa em versus pesquisa com seres humanos’ in *Antropologia e ética: o debate atual no Brasil*. – Niterói, EdUFF, 2004, p.42.

¹³ Cf. VICTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice; ORO. Ari Pedro (org). “Código de ética do antropólogo”. Anexo 1, da Associação Brasileira de Antropologia. In *Antropologia e ética: o debate atual no Brasil*. – Niterói, EdUFF, 2004, p.173.

mim durante um dos cursos do doutorado em fonte na internet¹⁴), durante uma reunião com um dos segmentos mistos (o *Supremo Conselho...*) quando discutimos várias questões. Na primeira, eu me apresentei e apresentei a pesquisa. Eles foram bastante questionadores e depois de um cansativo debate, foi-me permitido entrevistá-los neste mesmo dia, de posse de um roteiro de entrevistas que tinha formulado em Campinas. Isso aconteceu somente após terem tido certeza de que eu não era nenhuma *espiã* do segmento de Seixas e que eu era mesmo pesquisadora da Unicamp (eu mostrava sempre a carteira de estudante da Unicamp) e mais ainda: eu não tinha a intenção de prejudicá-los com essa pesquisa. Finalizei o encontro com uma fotografia do grupo todo dentro do templo. E quanto à sessão semanal esta fora suspensa em razão de minha presença naquele dia. Um integrante do *Grande Oriente do Brasil* estava lá lhes visitando e levando algumas propostas de iniciação de novos maçons e também participou do debate, de uma forma eloqüente e de postura conservadora. Mas admitiu que não poderia opinar já que não pertencia ao segmento. Depois pude participar também de um pequeno banquete: algo comum no meio maçônico, depois de sessões ritualísticas há sempre uma refeição entre os “irmãos”. Enfim, se alguns se opuseram e reagiram, outros, em posição privilegiada em seus segmentos maçônicos concordaram com o projeto e se tornaram competentes colaboradores e foi a partir do material recolhido entre eles que pude realizar essa tese. Portanto, tudo foi negociado. Situações embaraçosas eram previsíveis dentro de uma área de estudos que não foi ainda muito desvendada. Além disso, vários deles não gostaram do fato de a pesquisa concentrar-se em Belém do Pará, pois a maçonaria de fato constitui-se além das fronteiras regionais. Nesse caso, a pesquisa *multilocal* não fora possível não por falta de vontade, pois o resultado da tese poderia ter sido outro, se eu pudesse ter seguido as redes que se desenhavam a partir do local, mas devido à falta de recursos. *Et pour cause...* fiz algumas opções nesse estudo limitando o tema de exploração: não abordarei a maçonaria toda, concentrar-me-ei sobre o processo de transformação da maçonaria paraense causada sobretudo pelo surgimento da maçonaria mista, em um questionamento constante sobre as representações de maçonaria em vigor. Mas comentarei sobre as escolhas teóricas adiante.

¹⁴ <http://www.abant.org.br>

Dessa forma, a princípio, na pesquisa de campo, conforme aprendi durante a graduação, procurei as pessoas que eu conhecia para iniciar a pesquisa: numerólogos, astrólogos, proprietários de lojas de produtos esotéricos, um maçom apenas. Não era um grande capital social... mas para começar (e retomar aquelas velhas histórias) era o suficiente. A partir da indicação deles fui alargando a rede de informantes para a pesquisa. E em relação à maçonaria, sem qualquer indicação, fui até o maior segmento maçônico do local e simplesmente me apresentei e ao projeto. Fui muito bem sucedida e esses maçons comentaram imediatamente algo sobre a questão das mulheres na maçonaria e o surgimento recente de uma “potência espúria” mista na cidade. Tentei conseguir sua localização exata, mas ninguém nesse segmento sabia da informação. Após inúmeras tentativas infrutíferas em que ninguém sabia com exatidão informar em que lugar ficava a maçonaria mista, decidi *cair* na rede dos rosacruzes.

Expus o problema a um grupo que aguardava o início da sessão ritualística semanal e uma integrante confidenciou-me que tinha ouvido falar da maçonaria mista...ligou para um amigo seu e imediatamente eu consegui o endereço da tão “espúria” maçonaria mista: era no caminho para a casa de meus pais, na estrada do Maguari, em Ananindeua. O ônibus “Maguari” obrigatoriamente passa por lá todos os dias. Mais uma vez tive a sensação de que o que eu procurava estava diante de meus olhos o tempo inteiro...

Saí imediatamente da Rosacruz-amorc, no sábado à noite, de um bairro às proximidades da UFPA, para Ananindeua, em direção à casa de meus pais. Cheguei lá e conheci imediatamente Graça Loureiro, paramentada de Venerável, apresentei-me e ela foi muito simpática e disse que havia acabado de finalizar uma iniciação. Marcamos um encontro para o dia seguinte, para que eu conhecesse o Grão-mestre do segmento: Carlos Seixas.

Confesso que fiquei bastante impressionada com aquele que me lembrou Chico Xavier, inclusive com o problema de uma catarata em um dos olhos. A empatia foi imediata e no mesmo dia iniciei uma série de encontros interessantes com esse maçom, na qual ele me relatava sua história de vida, me revelando também suas concepções sobre a vida, o mundo, a morte, e, sobretudo, a forma como sua maçonaria tinha sido criada – sob

influência espírita. Com essa revelação, senti ter reencontrado uma velha rota pessoal e conhecida de buscas e pesquisas, que posso denominar de procura pelo irracional: encantamento – encantado – maçonaria. Ora, do universo dos Botos e Uiaras, da feitiçaria das Matintaspereiras, dos encantados de Mayandeua que surgiam e desapareciam misteriosamente, tinha chegado até uma maçonaria surgida de transe mediúnicos. Ou seja, eu continuava seguindo uma linha que tinha o mistério como espinha dorsal. Embora a maçonaria regular tenha aspectos que a conectam com algo de sagrado, tal é somente um elemento entre muitos outros nesse segmento, ao contrário da maçonaria mista de Seixas completamente hibridizada a esse sagrado.

Acredito, ao olhar para esses últimos quatorze anos de pesquisas, haver uma interpenetração de várias esferas, não ficando mais o universo das crenças restrito às religiões confessas. A religiosidade não é só pública, nem tampouco somente privada. No caso dos esoterismos, alguns defendem simplesmente e capitalisticamente interesses e tiram partido do mercado esotérico (por isso talvez seja exagero afirmar o *reencantamento do mundo*) e outros romanticamente lutam por seus ideais de “reencantar o mundo”¹⁵, e outros ainda lamentam a “aura” perdida, mas a recuperam na narração do encantamento¹⁶, numa ética bem de acordo com a que vemos emergindo entre os N’MS, influenciados pela visão holística do mundo. Há uma busca pelo sagrado. O sagrado ou os processos subjetivos ou o desejo ecoam como uma voz das profundezas e dizem que ainda existem mesmo como resistência, fragmento, ou sinal, ou sintoma: são os espíritos maçons de Mestre Seixas, são os encantados de Mayandeua, ou ainda aqueles que vão buscar pelo sagrado em sociedades secretas ou nas ritualísticas beberagens do chá *ayuaska*. Essa breve reflexão posso retomar no capítulo final. Voltemos à Seixas.

Com a generosidade de Seixas, que me passou inúmeros contatos de outros maçons de outros segmentos com os quais eu poderia conversar, o que aconteceu depois não tem nenhum segredo: apenas muita movimentação minha entre maçons, seguindo o

¹⁵ Há idealistas como o maçom Seixas, que afirmando não querer explorar ninguém, funda uma maçonaria mais acessível às classes menos favorecidas.

¹⁶ Como os habitantes da ilha de Mayandeua, no interior do Pará, que narravam as aparições da Princesa – entidade protetora do lugar e seus “encantados”. Cf. GARCIA DE SOUZA, Patrícia Inês. *Mayandeua: espaço e imaginário em narrativas de uma comunidade no litoral paraense*. Dissertação de mestrado. IEL/UNICAMP, 1999.

“conflito”, conforme nos sugere Marcus¹⁷, quando propõe uma etnografia *multisituada*, ou as redes de relações. Nesse caso, o conflito maior era provocado pela entrada das mulheres no ritualismo maçônico. Além disso, ao observar como uma espécie de *nó da intriga* desenhava-se paulatinamente nas narrativas, eu procurava juntar tais narrativas como um imenso quebra-cabeças ou um tecido mesmo em que alguns fios se interligavam a outros e em que alguns *nós* precisavam ser desatados... com cautela, eu seguia o conflito ou os conflitos. Outras vezes, como procedimento metodológico, me utilizava do exame das redes de relações que se configuravam no campo a partir do princípio de quem conhece quem e que tipo de relação mais ou menos densa é estabelecida entre eles.

Quanto à reflexão teórica sobre o objeto, essa foi iniciada a partir dos resultados da primeira pesquisa de campo, realizada a partir do final de 2002. Mudei a configuração do objeto várias vezes, mas algo permaneceu desde o início: esse mundo da maçonaria passou a ser lido a partir do conceito de *campo*, de Bourdieu. Conceito esse e outros conhecidos por mim a partir principalmente do livro *As regras da Arte*, a qual eu gostava de ler (sou adepta do *saber com sabor*, de Barthes) por conta do *corpus* de autores utilizados da literatura francesa. A partir dessa obra, busquei uma analogia do mundo da literatura com o da maçonaria. Analogia essa que só foi possível para digamos assim *um começo de conversa*, pois, da mesma forma que na literatura, a maçonaria também teve uma “fase heróica”, mas depois cada arena seguiu caminhos diferentes: a anomia foi estabelecida no campo da literatura, mas não no da maçonaria. O trajeto da maçonaria em relação à literatura foram semelhantes a princípio somente, depois cada uma das áreas seguiu outras trajetórias. A literatura conseguiu firmar uma lógica própria de funcionamento e conquistar uma relativa autonomia em relação ao mercado, ao contrário da maçonaria, que não conseguiu a mesma autonomia: ao associar-se com outros campos, não conquistou a mesma autonomia do campo das artes, porque o próprio capital a ser buscado encontra-se em processo de redefinição.

Mas mesmo ciente da limitação do conceito insisti com Bourdieu e observei que cada campo procura, mesmo com muitas controvérsias, conservar uma espécie de “acordo

¹⁷ MARCUS, George in “Etnography in/of the world system: the emergence of Multi-Sited Etnography” in Annual Review of anthropology, volume 24, 1995, pp.95-117.

tácito” que o mantém como campo: um consenso. Em relação à maçonaria, penso que esse momento em que há esse *acordo* se traduz como o discurso que a maçonaria espera concretizar a respeito de si mesma, inclusive entre seus adeptos: encontra-se esse discurso sobretudo no processo do ritual, que ocorre em um templo devidamente organizado e ornamentado para tal e sob o signo estruturante do segredo. A maçonaria institui valores em seu maçom, mas este capta somente alguns traços desse *habitus* – os que mais lhe interessam. Cada maçom pode movimentar-se de uma forma na maçonaria em busca de um capital específico existente nesse vasto mundo. Vale ressaltar que se tratam muito mais de capitais, no plural, e não no singular. Ou seja, o maçom busca o que faz diferença para ele, pois, comentou Bourdieu, *inter-est* em sua etimologia refere-se ao que *faz diferença*. Esse campo só se reproduz pela força do *habitus*, porque este tem uma história específica desenvolvida por muitos anos, a qual procurei recuperar para demonstrar o impacto que o surgimento da maçonaria mista teve em uma maçonaria local com longa experiência e densidade histórica e que até os anos 90 existia sob a égide de duas potências regulares. Com isso configurou-se, à primeira vista, uma heterodoxia no meio e o agente que colocou tal fato em prática passou a ser visto, do ponto de vista do poder dominante do grupo (os segmentos regulares) como uma espécie de herético. Tal jogo compõe uma luta própria ao campo, ao modo de Bourdieu, que se refere ao campo como um “campo de forças”, entre conservadores e subversivos.

Sendo o campo da maçonaria constituído de um vasto mundo de elementos e interesses, optei por abordar somente o processo local de reconfiguração da maçonaria: do histórico da maçonaria regular na cidade de Belém do Pará para uma transformação no espaço maçônico local com o surgimento de vários grupos dissidentes que passaram a questionar as práticas da instituição. Dentre essas dissidências, optei por analisar somente o evento crítico que foi a fundação da maçonaria de Seixas, que foi a que colocou a maçonaria em relação intensificada com o sagrado e, ainda, passou a iniciar as mulheres. Ora, nos anos 90, o evento crítico da fundação da maçonaria mista colocou em questão tudo que ocorreu na história do campo e verdadeiramente incomodou os segmentos considerados regulares na maçonaria local, pois mesmo que o *nomós* da maçonaria não tenha sido oficialmente modificado, na prática se tem uma maçonaria mista hibridizada às práticas

espíritas, que permite a participação das mulheres no ritualismo maçônico e que tem encontrado um solo fértil na cidade para seu crescimento¹⁸, algo que os segmentos regulares não têm se mostrado indiferente. Essa maçonaria ocupa um *entre-lugar* ao modo de Bhabha, ou seja, nem maçonaria “regular” nem “espiritismo”, mas uma terceira forma de religiosidade que subverte com as outras duas, invocando uma íntima relação com o irracional (o sagrado) e colocando em questão uma outra representação de maçonaria. Isto é, ao analisarmos esse evento crítico, vêm à tona representações de um imaginário religioso que está por trás da maçonaria como instituição e que, nesse caso, ganham relevância pela proposta apresentada por essa nova forma de maçonaria. Novidade essa considerada uma recuperação de uma maçonaria muito antiga entre seus participantes.

Assim, com o intuito de descrever o processo, faço um contraponto inicial entre as representações literárias e as representações de maçonaria, tendo em mente o livro, *As regras da arte*, de Bourdieu. Nessa obra, esse autor examina a literatura como “um mundo à parte, sujeito às suas próprias leis¹⁹”; constituindo-se como um campo. Seus agentes concorrem entre si em busca da apropriação de um capital específico desse mundo. Esse *capital* como *interesse* específico do campo se transforma de acordo com o momento histórico. Assim, em uma primeira fase, em uma espécie de fase artesanal da literatura, o autor mostra o *nomós* inicial da literatura afirmado pela separação radical do mercado, pois como afirmava Flaubert: “ninguém é bastante rico para pagar-nos²⁰”, como se a busca pela estética pura da “arte pela arte” não tivesse preço. Em seguida, pela ação dos agentes nesse *mundo à parte*, as posições se transformam e três posições são engendradas nesse campo: a “arte comercial ou burguesa”, a favor do mercado; a “arte social”, interessada pela função da literatura na sociedade e a “arte pela arte” afirmando-se como “arte pura” e defendendo a independência em relação ao mercado. À medida que o campo se constitui e também se complexifica, ele perde seu *nomós* em favor de uma anomia, pois então, com o seu desenvolvimento, ninguém mais poderia se julgar “senhor e possuidor absoluto do *nomós*,

¹⁸ Procuro mostrar que o *evento crítico* do surgimento dessa maçonaria é também um *evento histórico-cultural* condizente com o espírito da cidade de Belém do Pará.

¹⁹ BOURDIEU, P. *As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, P.64.

²⁰ Equivalente à afirmação maçônica “nós não somos um *Rotary* de avental”. *Id;Ibid*; p. 101.

do princípio de visão e de divisão legítimo²¹”. Também a multiplicação e “invenção progressiva dos agentes (artistas, críticos, historiógrafos, conservadores, conhecedores, etc.)²²” mostram a constituição da literatura como um campo, isto é, como um mundo à parte marcado pela atuação de seus agentes que marcam posições e essas tendem a se tornar cada vez mais complexas, a cada vez que o processo de transformação acontece. Dessa forma, a autonomia inicial da história do campo é relativizada pela inter-relação com a política e a economia, tal é consequência de um “longo trabalho histórico²³”. Apesar das diferenças, e de um histórico de lutas que fez com que a literatura impusesse sua lógica própria, houve sempre uma “relação de cumplicidade e de conviência²⁴”, nessa espécie de “campo de forças²⁵”, isto é, um certo acordo tácito que permitiu com que o campo se mantivesse como campo, isto é, unificado, paradoxalmente, de acordo com Bourdieu, “o princípio gerador e unificador desse “sistema” é a própria luta²⁶.”

Ora, quase a mesma *démarche* pode ser aplicada para a maçonaria. O conceito de *campo*, de Bourdieu, é um instrumento bastante eficaz para se pensar a maçonaria de Belém do Pará, a princípio.

A maçonaria tem uma história específica, de agentes que lutaram para conservar uma estrutura ou subvertê-la, ou seja, existe uma estrutura que fora estabelecida, consequência de um longo processo histórico que fez parte da especificidade maçônica e, no caso de Belém do Pará, tal estrutura passa por um processo de mudança, a partir da ação transformadora de seus próprios agentes, com suas trajetórias, interesses e estratégias. A separação radical do mercado, que da mesma forma que na literatura, marca a maçonaria em seus primórdios, ao menos no Brasil, também acabará por ser revista, pois com o desenrolar da história da maçonaria, a instituição também relativizará esse *nomós* pela conquista de uma relativa autonomia, em relação à política e à economia, com a penetração de uma lógica de mercado em seu interior. Contudo, diferentemente do campo literário, a completa anomia não chega a ocorrer porque as potências ditas “regulares” continuam

²¹ *Id; ibid*; p. 153.

²² *Id; Ibid*; p. 325.

²³ *Id; Ibid*; p. 325.

²⁴ *Id;Ibid*; p. 261.

²⁵ *Id; Ibid*; p. 262.

²⁶ *Id;Ibid*; p. 263.

ditando as normas de funcionamento da instituição, mesmo que o evento do surgimento de uma maçonaria mista na cidade tenha incomodado. A maçonaria passou por um processo de constituição e a consolidação de um mundo independente de outros, não chegou a ocorrer por conta da associação e negociação com outros campos, como a política e a economia.

A maçonaria como campo, no sentido de Bourdieu, revela três momentos importantes nesse trabalho: uma descrição da forma como o campo maçônico efetuou sua constituição, focalizando a maçonaria como um todo e depois somente a paraense; uma segunda parte em que analiso o valor dado ao simbolismo da Ordem em Belém do Pará – momento em que também, ao analisar o ritual procuro por uma certa *religiosidade* (no sentido de *religare*) presente na maçonaria. Por isso, concebo essa parte como uma espécie de “campo da religiosidade”, em sentido amplo. Nessa parte, a inter-relação com a religião, por causa do surgimento da maçonaria mista, será enfatizada, seguida da etnografia de uma experiência significativa para a tradução desse processo: a trajetória de Carlos Seixas. Na última parte do trabalho, relevo a inter-relação da maçonaria com o campo do esoterismo. Para isso, descrevo a trajetória de um maçom considerado um “tipo esotérico” de forte agência na maçonaria e no campo do esoterismo.

Assim, primeiramente tem-se a fase heróica da maçonaria – uma fase de estruturação de um campo quando as estruturas “estruturadas e estruturantes” tomam forma, configurando o que seria a maçonaria a partir de um *habitus* que lhe constitui, visto que há sempre uma “relação de cumplicidade” que visa manter a instituição, isto é, um princípio que lhe unifica conforme seus participantes concordem sobre certos pressupostos que afirme a existência de um mundo maçônico, ditos inquestionáveis. Trata-se de uma espécie de “pensamento institucional”²⁷ que revela o que a instituição diz sobre si mesma. Esse pressuposto compõe o capítulo “*um mundo à parte: os multilugares do campo*”, capítulo em que enuncio²⁸ o princípio do segredo como a principal propriedade estruturante da maçonaria, visto ser esse traço aquele que perpassa todos os *lugares* dessa instituição.

²⁷ DOUGLAS, Mary. *Como as instituições pensam*. São Paulo: Edusp, 1998.

²⁸ Quanto à questão da “autoridade etnográfica” no texto, não irei apenas insinuar “eu estive lá” e depois tomar distância textual do objeto. De vez em quando deixarei marcas no texto de minha presença narrativa, sem quaisquer problemas.

Princípio esse que é exercitado e incorporado a partir de um ritual – algo que também unifica as maçonarias mesmo as irregulares, lhes fazendo participar do mundo maçônico, mesmo não sendo reconhecidas oficialmente. O capítulo em que descrevo o *Rito Escocês Antigo e Aceito* marca a passagem entre um momento histórico de constituição da maçonaria como um campo e outro em que as estruturas maçônicas locais se vêem incomodadas por um fato novo: esse fato novo não será somente a entrada das mulheres na maçonaria, mas a ênfase dada ao hibridismo com o campo da religião, no caso, o espiritismo, em que aspectos existentes na maçonaria em relação ao seu simbolismo e religiosidade se vêem intensificados pela atuação de Seixas como agente de mudanças.

Dessa forma, esse espaço tal ele como se apresentava, isto é, transformando-se de acordo com um *habitus* corrente na instituição, dá início a um processo de mudança mais crítico a partir de um evento: o surgimento da maçonaria mista. Nesse caso, a nova potência coloca em questão esse *habitus* e tenta modificar as estruturas do campo, pois se trata de uma maçonaria hibridizada às práticas espíritas e que também permite a entrada de mulheres na instituição.

Em razão dos próprios dados, tive que recorrer a outros autores além de Bourdieu para compreender o objeto, apesar da operatividade de algumas de suas teorias para se pensar esse tema. Para traduzir e refletir melhor a transformação que ocorre no meio maçônico local recorri a outros autores. Pois o evento do surgimento da maçonaria mista que tensionou o ambiente local maçônico não poderia ser lido apropriadamente através somente das teorias desse autor, pois tal fato foi algo mais crítico do que apenas uma mera “heresia²⁹”. O jogo de posições entre ortodoxos e heterodoxos apenas reforçam a fé da arena em questão, garantindo-lhe a existência, pois a própria luta em torno de um capital específico do campo se torna um princípio unificador deste, transformando-lhe, mas dentro dos limites de suas leis.

O conceito de *campo* de Bourdieu, ainda, ao afirmar a existência de diversos mundos, diferenciados uns dos outros, regidos por suas próprias leis de funcionamento e de transformação, acaba nos passando a idéia de pureza desses mundos e segundo Ortiz, não

²⁹ Termo de Bourdieu quando comenta sobre as heterodoxias que se contrapõem às ortodoxias dentro de todo “mundo à parte”

dá lugar à transformação. De fato, no jogo entre a ortodoxia e a heterodoxia ninguém coloca em questão o que se está buscando no campo analisado como seu capital específico. As disputas acabam acontecendo para se ocupar uma posição dominante no dado campo analisado – e isso não é transformação. O mundo da maçonaria não está livre de influências, nem de contaminações, com diversos campos. Buscar a pureza de um “mundo à parte”³⁰, ao invés de se enriquecer a análise, traduzindo com propriedade o objeto, a empobrece, na medida em que a pureza não corresponde à realidade dos dados empíricos, isto é, das práticas, pois essas se mostram sempre contaminadas com outras práticas, quando se observa a forma como seus agentes se movimentam no conjunto de suas relações sociais. A teoria dos campos tem a utilidade de registrar, em nível abstrato, um “pensamento institucional”³¹ que, no caso desse estudo, a maçonaria quer concretizar e dizer sobre si mesma. Não existe de fato “mundo à parte”: o que se tem são pessoas-corpo que em seus cotidianos participam de vários universos aparentemente isolados uns dos outros, mas que, quando nos aproximamos para analisá-los, percebemos que eles sempre se relacionam a outros campos, portanto, não são isolados, embora conservem, na maioria das vezes, um caráter próprio, que lhes permite afirmar uma identidade de grupo. Dessa forma, a construção teórica dessa tese compõe-se de outros autores, além de Bourdieu, por conta dos próprios dados que exigiram esse procedimento e busca por outros pensamentos.

Assim, às teorias de Bourdieu são adicionadas outras. Esse autor está fortemente presente até a metade do trabalho quando abordo algo sobre *campo* e *habitus* para descrever a maçonaria regular e a composição de sua história na cidade, que vinha se reproduzindo de um modo ortodoxo até que surgiu um acidente no percurso...Por conta disso, e em seguida, recorro ao conceito de *evento crítico* de Das (DAS, 1995), para traduzir a forma como esse fato novo surgiu e tentou romper com as estruturas de um *habitus*.

No entanto, as teorias de Bourdieu atravessam inevitavelmente toda a tese, mesmo que implicitamente e com as limitações do conceito, sobretudo a *teoria dos campos*, quando, por exemplo, descrevo a maçonaria em suas atividades externas, como interligada a vários outros campos, como por exemplo, o campo comercial, o financeiro, e o

³⁰ BOURDIEU, *As regras da arte*, p. 64.

³¹ Douglas, Mary. *Como as instituições pensam*.

educacional. As limitações foram superadas pela eficácia de outras teorias. Assim, de um modo heterodoxo, adiciono à *teoria dos campos* de Bourdieu, a idéia de *multilugar*, inspirada por George Marcus³², mas inversamente me referindo à fragmentação do local dentro do local. Nesse caso, reporto-me aos múltiplos interesses que motivam a movimentação de um maçom, o que faz com que tudo dentro do campo maçônico se torne múltiplo: pois nem sempre um maçom comporta-se como outro maçom, pois os dois podem ter interesses divergentes pela maçonaria; o capital a ser alcançado, pois um maçom pode estar em busca do sagrado e outro da proteção oferecida pela instituição; a representação de maçonaria, já que um pode compreender a maçonaria como uma instituição filantrópica e outro pode lê-la como algo mais além; a função da maçonaria, etc. Tais tópicos não se constituem como campos dentro do campo maçônico, pois não envolvem concorrência por posições melhores, mas como “lugares”. Ou melhor, *lugares de interesse*, a exemplo da filantropia, da ajuda-mútua, do esoterismo. Esses *lugares* são primeiramente revelados ao maçom durante o ritual. A maçonaria ao performatizar e encenar dentro do templo o seu abstrato “mundo à parte,” com o objetivo de se fazer apreender por um maçom (ele mesmo em constante construção) apresenta *multilugares* evidenciados principalmente durante a ritualização.

Assim, o campo da maçonaria se fragmenta devido à multiplicação de interesses de seus agentes, em relação às formas, nesse caso, de um maçom se movimentar nesse ambiente. Contudo, não se tratam de campos dentro de campos, no sentido de Bourdieu, e sim de um campo agenciado e fragmentado por interesses diversos entre seus maçons: esses interesses traduzo como “lugares.” Tais “lugares” revelam-se com mais exatidão quando se analisa o *Rito Escocês Antigo e Aceito*, pois no ritual de aprendiz desse rito – que é quando

³² Esse autor propõe a construção da etnografia tendo em mente sempre uma pluralidade de lugares sejam eles geográficos (seguir as redes além de uma área geográfica particular; os conflitos, o plot, etc.) ou temáticos. O termo utilizado é *multi-sited*. Com isso ele se refere tanto ao deslocamento entre diferentes geografias quanto à fragmentação do local dentro do local. Essa estratégia é necessária quando se trata de analisar um mundo plural, em que os moldes da etnografia realista já não se faz suficiente para compreender novos contextos. Portanto, a discussão de Marcus refere-se muito mais ao modo de construção de uma etnografia no contexto atual de um mundo pluralizado. Todavia, tomei sua discussão como inspiração para pensar que o campo da maçonaria é *multisituado*, mesmo dentro do mesmo local geográfico. Cf. George Marcus. “Etnography in/of the world system: the emergence of Multi-Sited Etnography” in *Annual Review of anthropology*, volume 24, 1995, pp.95-117.

um “candidato” a maçom tenta entrar para a instituição – é enunciada toda uma “pedagogia” do que se trata a maçonaria, com seus diversos “lugares” de interesse, que representam valores para a comunidade. As formas como esses ideais abstratos realizam-se no plano empírico são dados marcados temporalmente e temporalmente serão interpretados, pois a partir dos anos 90, com a fundação da maçonaria mista, algo ocorreu com esses valores maçônicos na cidade de Belém do Pará: transformaram-se em lugares de incerteza, em lugares “entre”³³.

Toda maçonaria se constitui de rituais. O *Rito Escocês Antigo e Aceito* é considerado o mais utilizado em todas as maçonarias. Farei uso do mesmo para refletir sobre a ritualização³⁴ de modo geral. Essa possui vários “lugares”, isto é, além de seu sentido processual, essa ritualização aciona vários “lugares”, por exemplo, o “lugar” da Moral (universal); o lugar da filantropia, o lugar do segredo, etc. Esses *lugares* serão apenas apresentados durante o capítulo em que descrevo o ritual, baseado apenas em seu texto, pois a forma como eles se realizam na prática são dados marcados temporalmente, no contexto de fortes transformações locais, que coloca esse lugares como espaços de incerteza entre os maçons. A pedagogia contida no ritual é repassada ao maçom para que ele tente colocar aqueles ideais abstratos em prática quando sair do espaço sagrado da ritualística. A moral, por exemplo, presentificada no ritual, é relativizada e considerada “moralidades” quando se examina o “contexto da situação”³⁵. Pois no plano empírico cada um a interpretará de uma forma, de acordo com suas conveniências e interpretações para maçonaria. Ela se tornará, nesse caso, motivo também das muitas dissidências e mudanças de lojas para outras lojas.

³³ Kofes propõe a construção do objeto da maçonaria em um “entre”, indicando-lhe os sentidos de incerteza, de invenção e tradição. Neste trabalho, o “entre” percorre um caminho diferente do que foi proposto por Kofes. Também não se trata exatamente do “entre-lugar” proposto por Bhabha (1998) pois para esse autor, o *entre-lugar* é o *inter*, “o fio cortante da tradução e negociação”, a cultura. Inspiro-me nesses autores, contudo, para enunciar os lugares ou *ethos* da maçonaria a partir da ritualística e indico como esses lugares se tornaram um espaço de incerteza entre seus agentes, em uma maçonaria vista como um campo, com todas as ressalvas mencionadas. Cf. KOFES, S. *Objeto (in)definido e/ou a (in)definição do entre: desde uma pesquisa sobre a maçonaria contemporânea*. XXVIII Encontro anual da ANPOCS, Caxambu, MG, 2004. Texto de circulação restrita.

³⁴ O termo *ritualização* ao invés de ritual já traz consigo a idéia de processo comum a todo ritual. Cf. HUGHES, F. & CRAIN, M. *Recasting ritual: performance, media, identity*, p. 02.

³⁵ MALINOWSKI, B. (1930).

Quanto à descrição do ritual, a partir da noção de “drama social” e de *performance* de Turner, examinarei as seqüências do texto de iniciação de 1º. grau, ao grau de aprendiz, do *Rito Escocês Antigo e Aceito* – um rito de passagem muito importante, pois através do cerimonial se dramatiza a entrada de um novo membro – um estranho que se tornará familiar – à maçonaria. Interpretarei os sentidos que os maçons vinculados à maçonaria local dão às ritualizações de modo geral, com ênfase sobretudo ao rito de iniciação ao 1º. grau, de aprendiz, por se tratar do momento em que a maçonaria coloca com mais evidência seus vários lugares de interesse, com o objetivo de iniciar um estranho à instituição.

Nesse momento, faço uso do texto dessa iniciação e dos depoimentos recolhidos sobre ela. Procedo dessa forma porque jamais tive acesso a nenhum ritual de iniciação, pois este é proibido a não-maçons. A maneira que escolhi para adentrar o mundo privado maçônico foi procurar percebê-lo através do texto do ritual e através das entrevistas que versaram sobre os rituais, mesmo assim, sem que seus maçons traissem quaisquer dos juramentos prestados à instituição de nada revelar sobre o que se passava no interior da Ordem³⁶. Somente a partir desse procedimento, a tradução e a compreensão dos significados das ritualizações para os maçons da cidade de Belém foi possível para a etnografia aqui proposta.

Schechner, ao interpretar Turner, comenta que os ritos de passagem são situações inerentemente dramáticas, ou seja, situações de conflito que podem ser analisadas pela chave do “drama social”. O rito de iniciação ao grau de aprendiz do *Rito Escocês Antigo e Aceito*, como rito de passagem, representa de fato uma situação de conflito, pois em cada seqüência, o “candidato” a maçom é questionado se quer realmente entrar para a maçonaria, dando-se a ele a chance de desistir do intento. Há raríssimos casos de desistência, mas eles existem³⁷.

Turner se utiliza de uma terminologia teatral para analisar as seqüências desse “drama social”. No caso, dentro do estudo em questão, se pode dizer que se tem um “drama social não-socializado”, pois todo o ritual é realizado a portas fechadas, e restrito

³⁶ Como também é chamada a maçonaria pelos seus integrantes.

³⁷ Soube através de terceiros de um candidato que desistiu durante a estada na câmara das reflexões. Ele afirmou ter ouvido barulhos estranhos e batidas “muito sinistras”. Teve muito medo e pediu para se retirar.

aos seus participantes, encarregados de promoverem o processo de transformação do “profano” em maçom e de testar sua certeza em entrar para a organização.

Esse autor considera o “drama social”, em seu desenvolvimento formal completo, “como um processo de conversão particular de valores e fins, distribuído sobre um âmbito de atores, dentro de um sistema”. A ritualização de iniciação de passagem, isto é, quando “alguém começou a se mover em direção a um novo lugar na ordem social”, de qualquer grau, pode ser vista como a encenação de um drama, um processo em que alguns valores devem ser transformados, dentro de uma visão de mundo. Para isso, o significado de todo o drama é performatizado. Para Turner, o “homem é um animal ‘auto-perfomático’, suas performances são, de um modo, *reflexivas*, em performance ele revela a si mesmo para si mesmo”. A performance do ritual de aprendiz, portanto, revela muito sobre a visão de mundo maçônica, e, a partir dessa noção, passo a enunciar a relação da performance com a concepção de pessoa na maçonaria, bem como a performance e o deslocamento de alguns maçons, que não experimentaram nenhuma performance transformadora.

Além disso, os multilugares do campo e a fragmentação dos interesses têm como consequência a mobilidade dos maçons entre lojas, entre ritos, em função do interesse em questão. Dentre esses lugares, destaco o movimento de busca pelo sagrado (inserido no lugar do esoterismo) que, em Belém do Pará, sempre foi algo bastante marcante na cidade, e que na maçonaria em geral perdeu terreno em prol de um movimento que visa tornar a instituição mais visível, filantrópica e sem a aura do segredo. Algo que em Belém do Pará encontra resistência, pois ainda existe o princípio do segredo (e do sagrado) como um valor importante dado à significação de maçonaria.

Assim, a maçonaria local é vista por nós como segmentada, disputando adeptos para suas lojas, com maçons que agem de forma semelhante (porque são maçons) e diferenciadamente em função de seus interesses ou do que lhe atrai na instituição. Mas esse *habitus* instituído na maçonaria é surpreendido pelo surgimento da maçonaria mista que colocou em processo de transformação o *habitus* maçônico e a configuração do campo com o surgimento de novas posições. Nesse caso, o fato de seus agentes falarem em uníssono sobre o que pensam sobre a entrada das mulheres na maçonaria como reação imediata ao evento fez parte da própria noção de evento crítico (DAS, 1995): as opiniões foram se

modificando no decorrer de mais ou menos três anos, tornando-se mais flexíveis e abertas à presença das mulheres no ritualismo maçônico. E, em relação à intensificação da religiosidade no novo segmento, fez surgir e intensificar os embates em torno de qual representação de maçonaria deveria prevalecer e a questão da legitimidade dos novos segmentos.

Dessa maneira, a fundação da maçonaria mista veio tensionar um campo que se estruturava em torno de duas posições, entre duas maçonarias regulares, mas não chegou a modificá-lo estruturalmente, pois os dois segmentos mais antigos são dominantes em relação às dissidências, considerados “regulares” e o fato que poderia modificar estruturalmente a maçonaria local não chegou a ocorrer até o presente momento, como a desvalorização total do princípio do segredo e/ou a perda significativa de adeptos para a maçonaria mista, de Seixas³⁸. O *Grande Oriente do Brasil*, por exemplo, afirma haver lugar para todos e aparentemente não se importou com o surgimento do novo segmento. No entanto, alguns membros dos dois segmentos *regulares* na cidade argumentam que a maçonaria mista não é maçonaria, pois não é reconhecida como “potência regular”, sendo considerada “espúria” entre os maçons. Contudo, maçons que poderiam pertencer ao quadro das maçonarias regulares, como um ex-prefeito de uma cidade do interior, preferem filiar-se à maçonaria mista pois é lá que encontram o aspecto do sagrado que procuram na maçonaria. Portanto, o embate é inevitável e os segmentos regulares, à contragosto, dividem o “mercado” de pessoas interessadas em ingressarem na instituição com as chamadas “potências espúrias”. Diante disso, o segmento da *Grande Loja* proíbe veementemente seus membros de participarem e/ou de visitarem a maçonaria mista, segundo integrantes da mesma. Algo que nem sempre é obedecido por alguns integrantes, como o caso de um maçom cuja filha fora iniciada na potência mista e sob esse pretexto seu pai disse que queria saber “onde a filha estava entrando” e fora visitar e participar de uma sessão da maçonaria mista, de Seixas.

A maçonaria mista – um evento crítico – gerou, dessa forma, um processo de transformação no espaço maçônico local. Essa transformação radical não ocorreu

³⁸ Meu foco será mais sobre o segmento de maçonaria mista de Seixas do que sobre o outro segmento de maçonaria mista, o *Supremo Conselho*..., por conta de suas diferenças em relação aos demais segmentos, e a relação intensificada com a religião espírita.

descontextualizada de seu momento histórico. Bhabha (1998), inclusive, se refere ao contemporâneo como um momento de incerteza e de turbulência, que o termo *au delà* “capta tão bem”. Para ele, nesse momento, público e privado se misturam causando-nos entre nós uma sensação de estranhamento, uma sensação desnorteadora. Ao pensar nas teorias de Bhabha relacionando-as ao que ocorre na instituição maçônica em Belém, creio que a crise contemporânea também se reflete na maçonaria quando seu espaço privado (abordado no tópico “*multilugares* do campo”) interpretado, nesse caso, como as sessões e ritualizações que ocorrem dentro do templo, que têm para alguns maçons uma finalidade e um sentido muito forte, e o sentido do segredo (que estrutura a instituição) entra em processo de transformação, com o maior segmento em número de integrantes – a *Grande Loja* – se voltando mais para a prática filantrópica e para a desvalorização desse princípio, o que provoca a reação de muitos integrantes – debates esses observados e vindos à tona, sobretudo, quando ocorreram as eleições para Grão-Mestre em 2004, nesse segmento. Ou seja, o “mundo à parte”, com fronteiras demarcadas sobretudo pelo princípio do segredo, entra em crise.

As transformações da maçonaria se referem muito mais ao momento em que a maçonaria mista surgiu e os testemunhos de certa forma, reagem a esse acontecimento. Dessa forma, o que descreverei a seguir: as cisões, as inter-relações, as redes, têm sempre como contexto um momento histórico de transformação, de “turbulência”, “excêntrico”, termos de Bhabha (1998:22) para refletir sobre o momento chamado também de “intervalar” porque não se encontra uma definição exata para ele, *nem aqui, nem lá, au-delà*, em que a cidade de Belém do Pará e sua maçonaria não ficou indiferente, já que a maçonaria parece sempre assimilar o contexto histórico da época em que é praticada, bem como o lugar. Além disso, embora a cidade não tenha ficado indiferente à modernização, manteve algo de si-mesma, sobretudo em relação à religiosidade. Trata-se de uma cidade com “tradições arraigadas e desenvolvimentos autônomos³⁹”, em que, por exemplo, em relação à maçonaria, há o predomínio da potência da *Grande Loja* sobre o *Grande Oriente do Brasil* em número de integrantes, diferentemente do resto do Brasil em que ocorre o contrário. E, além disso, a maçonaria analisada se posiciona no lugar da maior procissão

³⁹ Termo sugerido pelo prof. Foot Hardman.

religiosa do Brasil⁴⁰. Mas minha intenção aqui não é descrever a cidade e sim o campo da maçonaria em Belém e de Belém quando se refere a um segmento específico da maçonaria – a maçonaria fundada por Carlos Seixas.

Dessa forma, não tratarei de toda a maçonaria, mas descreverei a maçonaria paraense com ênfase para o surgimento da maçonaria mista de Seixas, pois essa veio colocar esse “mundo à parte” em tensão. Esse processo radicalizou uma certa crise de representação da maçonaria – reflexo de um momento que Bhabha denomina de “estranho”.

Assim, segundo Bhabha (*O local da cultura*, 1998), no momento “estranho”, público e privado se misturam causando-nos uma sensação desnorteadora, pois não há mais fronteiras nitidamente demarcadas, não há mais a sensação da volta ao lar pois o estranhamento se volta até para o espaço da intimidade. Viver no presente, segundo o autor, é viver pontilhado pela dúvida e pela incerteza. Hoje, espaço e tempo se cruzam e produzem “figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão⁴¹”. O interesse comunitário, a idéia de sociedade e o valor cultural são negociados nessas zonas de conflito, nos “entre-lugares”. O que há são estratégias discursivas, num momento em que a exigência de identificação joga com outros fatores de “significação e desejo, cultura e política”. Para Bhabha, o momento é também profundamente estranho:

“Se, para Freud, o Unheimlich é ‘o nome de tudo o que deveria ter permanecido...secreto e oculto mas veio à luz’ então a descrição de Hannah Arendt dos domínios público e privado é profundamente estranha: ‘é a distinção entre coisas que deveriam ser ocultas e coisas que deveriam ser mostradas’” (Bhabha, 1998: 31)

Tal fato parece se refletir na formação do maçom. Alguns maçons ao final de sua iniciação não encontram nenhum sentido na ritualística. Portanto, não experimentam nenhuma performance transformadora. O *estranhamento* que alguns maçons tiveram durante a iniciação e ao terminá-la, não desvendando no cerimonial *nenhum sentido* é

⁴⁰ É visível que a maior procissão católica religiosa do Brasil tem o apoio da maçonaria em sua organização: conta com a presença dos De Molay.

⁴¹ BHABHA, *O local da Cultura*, p. 19.

sintomático do momento estranho indicado por Bhabha. De repente, moviam-se em um universo absolutamente estranho e sem explicação e então se sentiram deslocados. Ora, a maçonaria não ficou indiferente ao que ocorreu com o contemporâneo, com a indefinição entre as fronteiras das esferas pública e privada, a que Bhabha denominou de momento “estranho”. Muitos de seus segmentos voltaram-se cada vez mais para a esfera pública, isto é, a instituição tornou-se mais filantrópica e voltada para os negócios da política. Além disso, os conflitos que eram sempre vividos internamente, isto é, sem que a sociedade local soubesse de quaisquer de seus problemas, acabaram tomando o domínio público, no caso de Belém do Pará, por exemplo, a fundação da maçonaria mista provocou tanto impacto no meio que o conflito acabou resvalando para a sociedade local, através da mídia falada e escrita. As fronteiras se indefiniram: no deslocamento da maçonaria (que antes se colocava como sociedade *discreta*, que influenciava nos destinos da nação e que tinha sua força e estrutura no segredo) as fronteiras entre o privado e o público se misturaram, e a publicação e exposição maior da instituição em seus aspectos privados, teve como consequência o aumento da tensão no campo, pois o horizonte da instituição está confuso e não é mais claro para os maçons qual deva ser o papel da maçonaria na contemporaneidade.

Um dado que confirma uma maior exposição da instituição para a sociedade local foi o lançamento de uma obra maçônica. O livro de Antônio Mendes, *Memórias de aprendiz*, que foi grão-mestre da *Grande loja maçônica do Pará*, durante os períodos de 1983/86 e 1986/90, foi lançado em 1991 na cidade, provocando muita polêmica entre os maçons que achavam que ele havia “aberto demais” o mundo maçônico para os “profanos⁴²”. Segundo o maçom C.C.S. presente naquela ocasião, houve uma sessão em que o problema havia sido discutido, levantando grandes debates sobre o tema do segredo maçônico, ele teria se colocado a favor da publicação.

A publicidade do que antes se considerava privado da instituição se tornou um tema polêmico entre os maçons. As mudanças nesse período foram intensas com uma maior publicização do que antes era considerado restrito à Ordem. Com o surgimento da maçonaria mista, essa acabou assumindo o lugar de uma diferença radical na maçonaria, sendo, naquele momento movido pelas circunstâncias, que alguns dos informantes

⁴² Termo que se refere àqueles que não são maçons. Pesquisa de campo, janeiro/2003.

afirmaram uma identidade maçônica, sobretudo em relação à regularidade do segmento fundado. Outros maçons afirmaram esse mesmo processo identitário reagindo ao Outro da maçonaria: as chamadas “maçonarias brancas” que praticam a filantropia, mas não tem nenhum ritual – o *Rotary Club* e o *Lions*.

Nesse sentido, para pensar a construção de uma identidade, Bhabha propõe uma teoria que reflita sobre o psíquico e o político nessa constituição identitária. Para esse autor, a constituição da identidade é algo conflitante e ambíguo. As identidades nunca podem ser essencializadas e fixas porque, além de serem sempre mediadas pela voz de outrem, como o pastor ou o psicanalista, nunca são estanques, a todo instante uma ou outra identidade é chamada à atuação. Por exemplo, uma pessoa pode ser negra, porém não ser tratada como minoria por ser rica, ou ainda conjugar as identidades negra, feminista, ecologista, pobre, mas formada em uma universidade de elite, etc. As situações podem ser variadas. Esse autor afirma a diferença como um lugar sem negociação e solução, longe dos discursos sobre diversidade.

A construção identitária maçônica é, assim, envolta em representações que enfatizam ora o político, chamando o maçom ao exercício da cidadania; ora o psíquico, quando ele se volta para o desenvolvimento de sua pessoa (corpo e mente). Mas como essa instituição *produtora de um sentido* para seus adeptos encontra-se em crise, esse processo se torna algo conflituoso em Belém do Pará.

No caso da maçonaria, diante do sentimento de alguns maçons de que não há sentido algum no mundo privado maçônico e o efeito de *estranhamento*, têm-se diversas reações, reveladas em suas trajetórias como maçons.

O estranhamento de alguns maçons em relação à instituição, isto é, em relação às questões: o que é a maçonaria, para que serve a maçonaria, qual o objetivo da maçonaria, etc. é consequência da crise de representação da instituição e isso tem consequências práticas nas trajetórias desses maçons que se inquietaram com a instituição, a exemplo da fundação de uma maçonaria que procura recuperar o aspecto do sagrado na maçonaria. Para Bhabha, o novo entra no mundo através da mistura: a maçonaria mista de Belém do Pará apresenta-se como uma mistura, ou melhor, hibridizada ao espiritismo. E afirma ter nisso sua força.

Portanto, diante disso tudo, torna-se importante analisar também as relações entre os segmentos em um mapa das redes de relações que compunham a maçonaria local até 2004.

Em seguida, no quarto capítulo, após a descrição dos embates locais, com a observação de que o espaço estruturado de posições fixas da maçonaria local (mostrado no mapa anterior) encontra-se em processo de transformação causado principalmente pelo evento crítico da fundação da maçonaria mista, passo a descrever trajetórias que revelam inter-relações na maçonaria, com o campo da religião e com o campo do esoterismo, respectivamente.

A tentativa de se modificar a estrutura da maçonaria em Belém do Pará está intrinsicamente ligada à trajetória e ao personagem de Carlos Correia Seixas, fundador da maçonaria mista na cidade, nova potência que se mostra hibridizada ao espiritismo, levando-nos a recorrer ao *procedimento biográfico* para traduzir melhor o fenômeno. Abordar a história de vida de Carlos Seixas significa também compreender a maçonaria que ele criou: nem *Grande Oriente*, nem *Grande loja*, mas uma terceira potência que subverte as outras duas através da associação com a religião.

Assim, dentre as inúmeras inter-relações da maçonaria local, passo a abordar somente a relação que coloca uma representação de maçonaria associada ao que é secreto: movimento local, contrário ao que ocorre na maçonaria de modo geral. Em Belém, a fundação da maçonaria mista de Seixas – um evento crítico – reforça uma representação de maçonaria ligada ao sagrado e ao esoterismo. O fato incomoda a maçonaria local uma vez que a cidade sempre teve no misticismo um *ethos* e digamos assim, o seu *canto de sereia*.

Para comprovar tal assertiva, apresentarei outro personagem importante na maçonaria local, através do procedimento biográfico: Erwin Von-Rommel, maçom da *Grande Loja*, autor de livros relacionados ao esoterismo em sua forma contemporânea. Ele representa a publicidade, um contraponto em relação ao personagem Seixas – embora ambos defendam a mesma representação de maçonaria associada ao mistério.

O que os dois têm de diferentes é que Seixas é fundador de uma potência “irregular” e Rommel pertence há muitos anos a um segmento “regular”, valorizando, portanto, as vantagens de fazer uso de uma rede social de relações que lhe permite resolver “problemas” com mais facilidade. Seixas e seus seguidores, ao contrário, como não têm reconhecimento

oficial, não mobilizam tais redes de relações e acabam se concentrando em fortalecer caracteres locais em sua maçonaria: a forte religiosidade, o misticismo, e os laços com o sagrado.

O capítulo final deverá encerrar provisoriamente a discussão sobre o processo que ocorre em Belém do Pará, de transformação da maçonaria. Concentrando-me na problemática que envolve o sagrado, pretendo ressaltar a noção êmica recolhida durante pesquisa de campo – a de *buscadores do sagrado* e de algumas discussões que essa noção envolve no contexto da religiosidade contemporânea.

Assim, no primeiro capítulo abordarei a constituição do campo e a composição de um *habitus* institucional; no segundo, os *multilugares* que funcionam como demarcadores de identificações maçônicas; e no terceiro, a fundação da maçonaria mista como um evento crítico; no quarto, as trajetórias de Carlos Correia Seixas; a trajetória de Erwin Von-Rommel, com um breve parêntese para um de seus “mestres”, Roberto Conde – essas trajetórias traduzem processos e inter-relações da maçonaria local com a religião e com o esoterismo; na parte final, sob o título de “buscadores do sagrado”, discuto temas tais como maçonaria e religiosidade, esoterismo, misticismo contemporâneo. Tento, dessa forma, atar os fios teóricos que se costuraram nessa tese com o intuito de traduzir os processos de transformação da maçonaria local.

I – Constituição do campo da maçonaria.

1.1) Um imaginário maçônico sobre o passado

“A tradição de todas as gerações mortas
oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.”
Karl Marx.

Quando se começa a examinar o tema da maçonaria e se tem acesso a seus discursos tem-se logo a certeza de que se trata de um universo retórico, de retórica própria. Uma das falas mais proferidas, praticamente um consenso no meio, é sobre o passado *glorioso*⁴³ da maçonaria. De fato, houve uma época de ouro para a maçonaria paraense, a qual todos os maçons se orgulham, que tinha como contexto histórico a fase Imperial.

Mas esse paraíso é mais ou menos invenção. Em seus primórdios, a maçonaria viveu um período conturbado no plano nacional marcado pela polaridade entre *azuis* e *vermelhos*, isto é, aqueles que se submetiam ideologicamente à Inglaterra ou à França, respectivamente, com muita movimentação e engajamento na política. Contudo, mesmo assim, a este período o imaginário maçônico se refere como se houvesse uma identidade maçônica ideal, a qual eles quisessem conservar (por conta da legitimidade do grupo) e defender como suas identidades políticas, ainda que distante da contemporaneidade. Parece também haver uma certa nostalgia dessa *máquina maçônica*, que intervinha com eficácia nos destinos do país.

Dessa forma, diante de todos os dados maçônicos recolhidos sobre a história da maçonaria, percebi que a cronologia perde para a dimensão da imaginação, o que me levou a interpretar os dados fornecidos por maçons sobre esse período dentro do conceito de *imaginário*⁴⁴.

O conceito a princípio pressupõe algo que é inventado. O passado *glorioso* da maçonaria decerto não foi inventado, mas sua interpretação sofre um “deslocamento de

⁴³ Assim o denominou LIMA, Ana Paula Belon. *Sobre a inserção da maçonaria na sociedade brasileira contemporânea: aspectos sociológicos*. Monografia apresentada ao IFCH/UNICAMP, Graduação em Ciências Sociais, Campinas, 2003, mimeo.

⁴⁴ “Nós falamos de imaginário quando queremos falar de algo inventado, ou quer se trate de uma invenção ‘absoluta’ (uma história onde todas as peças são imaginadas) ou de um deslizamento, ou de um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações distintas de suas significações ‘normais’ ou canônicas.” Cf. CASTORIADIS, (1965:65)

sentido⁴⁵” por parte de seus integrantes, que instituíram uma glória passada para a maçonaria, tão imaginada que as datas de fundação das lojas foram inventadas, isto é, apenas instituídas, sem a preocupação da exatidão. No caso de Belém do Pará, por exemplo, instituiu-se o ano de 1874 como data de fundação da “Loja Cosmopolita” segundo dados fornecidos pelos maçons da cidade, mas no ano de 1871, o jornal *O Vigilante* informou que essa loja, em pleno funcionamento, encaminhou um documento ao *Grande Oriente do Brasil* reclamando-se de alguns fatos, o que comprova seu franco exercício antes da instituição dessa data como a de seu surgimento.

Como história coletiva, passada oralmente de geração a geração, possivelmente os maçons locais não se preocuparam em averiguar com exatidão os fatos que se tornaram com o tempo uma representação⁴⁶ da maçonaria da época da borracha, embora tenham afirmado, no segmento da *Grande Loja*, que ainda pretendem fazer isso e estavam se organizando para tanto. Nesse caso, uma maçonaria paraense de passado exemplar tornou-se algo cristalizado nas mentes maçônicas da cidade – e de todos eles. Um maçom, durante a pesquisa de campo, tentou dissuadir-me da idéia de estudar o presente maçônico, o passado era melhor pois se tinha os “vultos gloriosos do Pará”.

Assim, a maçonaria institucionalizou uma fala sobre si mesma, que convinha que se reproduzisse, pois essa imagem ideal da maçonaria é que se poderia adorar, pois legitimava e fixava uma identidade para o grupo. Imaginário esse sempre recuperado nos discursos presentes sobre que maçonaria se deveria pôr em ação. O imaginário foi assim a saída, isto é, uma *resolução fantasiosa das contradições reais*. Pois se o presente não agrada à

⁴⁵ Castoriadis vai além dessa leitura para o conceito de imaginário, lendo-o duplamente como algo sócio-histórico e como psíquico: “como sócio-histórico ele é o rio aberto do coletivo anônimo; como psique-soma ele é fluxo representativo/afetivo/intencional. Aquilo que no social-histórico é posição, criação, fazer ser, nós o denominamos imaginário social, no sentido primeiro do termo, ou sociedade instituinte. Aquilo que na psique-soma é posição, criação, fazer ser para a psique-soma, nós o chamamos imaginação radical” Castoriadis, (1965: 493)

⁴⁶ “A representação é a apresentação perpétua, o fluxo incessante no e pelo qual qualquer coisa se dá. Ela não pertence ao sujeito, ela é, para começar o sujeito...Ela é precisamente aquilo pelo que este ‘nós’ não pode jamais ser fechado em si mesmo, aquilo pelo que foge de todos os lados, se faz constantemente passar como outro que ele não é, se afirma na e pela posição de figura e ultrapassa toda figura dada.” Castoriadis, (1965: 445). Para De Coppel, trata-se de um “tornar presente novamente”, como um ato social criativo, que visa recuperar o passado, mas não como mera repetição. Cf. DE COPPET, D. “Comparison, a universal for anthropology. From ‘re-presentation’ to comparison of hierarchies of values”. In: KUPPER, Adam. *Conceptualizing Society*, Routledge, London and New York, 1992.

instituição, convém refugiar-se no passado que é exemplar e glorioso. Não seria interessante quebrar o ídolo. Citando um trecho de Castoriadis, pode-se dizer que o passado faustoso da maçonaria ressoa “como um império independente nas nuvens”⁴⁷.

Quanto à maçonaria brasileira, raros foram os momentos de paz na *maravilha* que era essa maçonaria primeira. As práticas da instituição eram eminentemente políticas: os conservadores disputavam o mesmo espaço de poder que os republicanos, e se utilizavam de estratégias políticas para se tornarem dominantes, em seguida, o *Lavrado* concorria pelo mesmo espaço de poder e pela legitimidade maçônica com o *Grande Oriente Brasileiro*...ou seja: a sonhada unidade maçônica nunca existiu em plano nacional. E se existiu deve ter sido algo como um ligeiro pacto de paz, logo rompido.

Nas falas contemporâneas também é costume remeterem-se ao lema da Revolução Francesa “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” para, a partir disso, defenderem uma maçonaria libertária como nos princípios e legitimarem o grupo. Imaginam que ela esteve fortemente envolvida na Revolução Francesa. Mais um engano: apenas três lojas constituídas de uma classe média em ascensão, em Paris, participaram e incentivaram a Revolução Francesa⁴⁸. Os maçons e as lojas maçônicas, que tinham em sua maioria integrantes da nobreza se retraíram. Apesar do pequeno desvio de interpretação (mais uma vez se tem a dimensão da imaginação sobrepondo-se aos fatos) esses maçons estão em parte corretos, pois mesmo que a maçonaria não tenha participado efetivamente dessas lutas, esteve presente abstratamente, a partir de seu ideário⁴⁹.

O fantasma da maçonaria *gloriosa* assombra de diferentes modos seus adeptos.

⁴⁷ CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 163.

⁴⁸ Cf. VIEIRA, D. *O protestantismo, a maçonaria, e a questão religiosa no Brasil*, p. 44.

⁴⁹ Comenta Chassin: “...a maçonaria influenciou de forma abstrata através de suas idéias humanistas e de realce da sociabilidade. A tríade *Liberdade-Igualdade-Fraternidade* corresponde a tal influência. Mas suas lojas, em muitas das quais se reuniam pessoas de projeção política, econômica e social variada, não desempenharam papel importante enquanto agentes políticos. Tampouco influenciaram enquanto instituições de espiritualidade ou religiosidade, ficando seus mistérios à margem da sociabilidade política praticada durante a Revolução.” Apud TERRADAS. “Nota sobre a franco-maçonaria” in *Religiosidade na Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 74. Ver também TOURET, Fernand. *Chaves da franco-maçonaria*, pp. 40-1.

1.2) A constituição do campo da maçonaria no espaço social nacional e local

“A questão é”, disse Alice, “se podes fazer com que uma palavra queira dizer tantas coisas diferentes.”

“A questão é”, disse Humpty Dumpty, “quem será o senhor – somente isto.”

(de *Alice no país das maravilhas*)

A epígrafe acima traduz algo do tema aqui tratado. Embora o jogo maçônico nacional tenha frequentemente se mostrado como uma disputa pelo poder, pois nesse primeiro sopro de existência da maçonaria no Brasil não se tinha um espaço maçônico diferenciado, tanto seus objetivos e interesses misturavam-se aos da política, a maçonaria em si possuía algo de uma arena de disputas futuras: a instituição se segmentava em dois pólos. A maçonaria conjuntamente à política da então colônia de Portugal se dividia, na política externa, entre monarquistas e republicanos, e na Ordem entre “azuis” e “vermelhos”⁵⁰.

Retomemos Bourdieu, para o qual: “um campo (...) se define (...) através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos⁵¹”. Diante disso, a especificidade maçônica ainda não era visível, pois a instituição iniciava seu processo de

⁵⁰ Nessa “fase heróica” da maçonaria, as lutas no Brasil ocorriam no sentido de se fundarem lojas maçônicas. Depois que essas lojas se estabeleceram, os portugueses do *Grande Oriente Português* ficaram incomodados com o fato de que a maioria delas estava filiada ao *Grande Oriente de França*. Disputava-se então, do ponto de vista internacional, quem dominaria ideologicamente a maçonaria brasileira, pois desse posicionamento dependeria a forma como as transformações políticas se efetuariam e o próprio sentido da maçonaria. Segundo Vieira, “em 1804, a Grande Loja portuguesa enviou um emissário para obter a filiação e a lealdade das lojas brasileiras. O emissário português, entretanto, não foi bem sucedido na sua missão, contudo, conseguiu fundar no Rio duas outras lojas de filiação portuguesa. Outras lojas de rito francês foram também estabelecidas na Bahia (1807-1813) e em Pernambuco (1809), mas essas, que eram puramente revolucionárias, tornaram-se inativas depois do fracasso da revolução de 1817”. cf. VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª. Edição, 1980, p.41. A França era o local da denominada maçonaria “vermelha” de Rito Moderno e incentivava a forma de governo republicana, apoiando o surgimento das nações. E a Inglaterra abrigava uma maçonaria denominada de “azul” que tomava partido da monarquia. Essas disputas se refletiram no Brasil, colônia de Portugal. Este último, por sua vez, era dominado pela política inglesa. Uma maçonaria brasileira ainda estava em vias de constituição e nem mesmo o Brasil era ainda um país independente e, portanto, a maçonaria dessa fase agiu no sentido de primeiramente conquistar a independência do Brasil, em uma maçonaria sob influência francesa. De acordo com Vieira, têm-se notícias no estrangeiro do surgimento das primeiras lojas maçônicas brasileiras. As notícias foram publicadas no *Masonic World-Wide Register*, em 1832, sob autoria de José Bonifácio, em forma de manifesto. Em tais manifestos, Bonifácio afirma que as primeiras lojas brasileiras foram fundadas em 1801 e 1802, no Rio de Janeiro e na Bahia respectivamente, filiadas à Grande Loja francesa.

⁵¹ Bourdieu, P. “Algumas propriedades dos campos” in *Questões de Sociologia*, pp. 89-94.

organização no país, para tanto, era necessário que uma nação independente surgisse, por isso as atividades maçônicas foram realizadas como esse objetivo primordial.

Em analogia com Bourdieu, quando aborda o campo literário, pode-se afirmar que, em uma primeira fase, no Brasil, a maçonaria também vivenciou um:

“...período heróico, em que os princípios de autonomia que se converterão em mecanismos objetivos, imanescentes à lógica do campo, residem ainda, em grande parte, nas disposições e ações dos agentes (...) esse universo aparentemente anárquico e de bom grado libertário (...) é o lugar de uma espécie de balé bem ordenado no qual os indivíduos e os grupos desenham suas figuras, sempre se opondo uns aos outros, ora se defrontando, ora caminhando no mesmo passo, depois se dando as costas, em separações muitas vezes retumbantes, e assim por diante, até hoje...”⁵²

Após a “fase heróica”, a maçonaria passou a agenciar outros significados, fortalecendo uma filosofia interna de uma comunidade que não dissimula sua existência para a sociedade, destinada ao desenvolvimento da pessoa do maçom e à filantropia. Ou seja, a palavra *maçonaria* passou a abranger um vasto mundo, mas, no final das contas, seu “senhor” isto é, seu pólo dominante, é quem vai determinar a que prática ela se consagrará.

Procurou demonstrar, nesse tópico e no seguinte, como os elementos que formam o campo maçônico começarão a surgir pouco a pouco no trajeto da maçonaria. Primeiramente, ter-se-á um foco maior sobre uma política engajada nos movimentos nativistas do período. Depois, outros traços que compõem uma identidade e um espaço de movimento maçônico principiam seus surgimentos e passam a ser mais valorizados, como a filantropia, o simbolismo da Ordem, (que transmite um tipo de Conhecimento através de imagens e alegorias), os estudos esotéricos, o segredo, a ajuda - mútua, o princípio da moral e a ritualística. Tais traços surgem paulatinamente no desenrolar da história específica da instituição, e mesmo as leis instituídas pela maçonaria delimitam as fronteiras de um “mundo próprio” em formação e em constante discussão pelos seus próprios integrantes.

A partir da reinstalação dos trabalhos do *Grande Oriente do Brasil*, em 1831⁵³, surgiu a primeira loja maçônica paraense. Chamava-se “Tolerância”, e foi aprovada pelo

⁵² BOURDIEU, *As regras da arte*, Op. Cit, p. 133.

⁵³ O príncipe D. Pedro acabou filiando-se aos dois segmentos maçônicos existentes na época do surgimento da maçonaria no Brasil, mais tarde, por influência de Bonifácio, fechou o “Grande Oriente”, sob acusação de que esse grupo era uma “perigosa organização republicana”. O “Grande Oriente”, comenta Vieira, revidou acusando o “Apostolado” de estar tramando o “assassínio do imperador⁵³”. Assim, o imperador acabou fechando as duas maçonarias. Em 1831, quando o imperador abdicou, de acordo com fatos não-comprovados, por “maquinações das Lojas Maçônicas que tinha fechado⁵³”, reinstalaram-se os trabalhos do Grande Oriente.

Grande Oriente do Brasil em 1831. Essa Loja, subvencionada pela potência⁵⁴ do *Grande Oriente do Brasil* teve vida efêmera e “abateu colunas⁵⁵” em 1835 por causa da revolta da Cabanagem⁵⁶. Esse movimento fez parte das lutas nativistas dessa “fase heróica” e envolveu a maçonaria. Salles afirma que a Cabanagem teve “caráter de luta de classes⁵⁷”, evidente na oposição entre o governador e maçom Lobo de Souza e os *cabanos*, naquele momento também apoiados pela igreja católica.

O evento que marcou o início dos trabalhos maçônicos em Belém foi narrado por Manoel Barata⁵⁸: na noite de 7 de Janeiro de 1835, cabanos revoltados invadiram a loja maçônica e a depredaram, pois a associavam aos poderes centrais; foram incitados pelo Cônego Batista Campos, da igreja católica, pois a maçonaria teria negado a entrada deste Cônego, em 1833, na instituição, de acordo com Barata. Foi por isso que, afirmou também Rocque, os cabanos “arrombaram a loja maçônica (contra quem também o cônego se voltara, por lhe terem negado o ingresso na sociedade⁵⁹),” e se apossaram de vários locais tomando o poder na cidade. O último cabano foi rendido pelos poderes centrais em 1840.

O movimento da Cabanagem refletiu uma tradição arraigada na cidade, de radicalismo social e político, pareceu justificar os eventos ocorridos na contemporaneidade, em relação à maçonaria. Dessa maneira, afirmou Salles:

“A atuação de Lobo de Souza, cujos desmandos tinham o pretexto de conjurar movimentos subversivos, contava com o apoio dos latifundiários e dos representantes

⁵⁴ Dá-se o nome de “Potência” a um organismo maçônico que agrega, sob esta denominação, diversas “lojas” essas, por sua vez, viria “do italiano *Loggia*, que significa *berço*” afirma um dicionário maçônico. Pois “era nas lojas que se realizavam as assembléias dos maçons operativos transformadas em oficinas, isto é, locais de trabalhos manuais”. Cf. ALENCAR, Renato de. *Enciclopédia Histórica do Mundo Maçônico*. Editora Maçônica, Rio de Janeiro, 1968. A “Potência” funciona como sua administração. E o vocábulo “loja” acabou tomando o sentido de reunião de um grupo, dentro de um ambiente propício para se trocar informações sigilosas. Interessante que a denominação de “potência” coloca nitidamente a relação da maçonaria com o poder e talvez até sua intenção de ter e de incorporar esse poder: “porque o mundo tem dono”, afirmou um maçom.

⁵⁵ Expressão maçônica que significa que a loja encerrou suas atividades.

⁵⁶ Este movimento, segundo Pasquale di Paolo, “foi a revolução popular mais importante da Amazônia e entre as mais significativas da história do Brasil. Explodiu em 7 de janeiro de 1835, pela saturação da paciência cabocla diante da sistemática do governo central em negar, aos mais antigos habitantes da região, o direito elementar da cidadania”.. Trata-se, de acordo com o autor, da “emergência histórica da consciência política da Amazônia” Cf. PAOLO, Pasquale di. *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*. Belém-Pará: Conselho Estadual de Cultura, 1985. Cf. p. 143 e p. 380, respectivamente.

⁵⁷ Salles, Vicente. *O negro no Pará*. Belém: UFPA, 1971, p. 264.

⁵⁸ Cf. BARATA, Manoel. “A primeira Loja maçônica no Pará”. Artigo da *Folha do Norte*, Belém, 13 de Setembro de 1911.

⁵⁹ Rocque, *Op. Cit*, p. 46.

da oligarquia local. Lobo de Souza trouxe para essa gente um novo alento. Ela necessitava de um governo forte para manter o *status quo*, visivelmente deteriorado. O acordo foi feito secretamente: é quando entra em cena a maçonaria. Esta, na forma mais elementar, tivera antes alguns representantes no Pará, entre os chamados “pedreiros-livres”, intelectuais e artistas (proletários da época) mais ou menos esclarecidos. Sob a forma oficial, e poderosa, foi instalada efetivamente no governo de Lobo de Souza. Rapidamente, tornou-se o mais forte baluarte da classe dominante, envolvendo em seu meio, clérigos, capitalistas, comerciantes, portugueses de variado cabedal, etc⁶⁰.”

A maçonaria paraense, dessa forma, desde o início, foi composta pela classe dominante. Em determinado momento, os “pedreiros-livres” acharam conveniente apoiar as lutas do Brasil imperial. Desse modo, a maçonaria paraense, como as outras maçonarias do país, também participou das lutas pela *Abolição da Escravatura* e pela *Proclamação da República*. Havia apenas um segmento maçônico, na cidade de Belém do Pará, com um número de lojas em expansão, todas envolvidas nessas lutas políticas, não se tinha ainda disputas pelo mesmo espaço de poder, como ocorrerá mais tarde. O mesmo não ocorria em plano nacional, pois nesse caso se tinha um campo em constituição⁶¹.

Assim, foi o *Grande Oriente do Brasil* quem fundou novas lojas em Belém do Pará. A potência subvencionava as lojas, que entre si, contudo, eram independentes. No mesmo lugar da primeira loja maçônica paraense que fora fechada, foi erguida, por volta de 1857, (já que durante a luta da Cabanagem a província se empobrecera) a Loja “Firmeza e Humanidade no. 01⁶²” e, no mesmo ano surgia outra Loja: a “Harmonia e Fraternidade no. 09” – era o início da expansão da presença maçônica na cidade. Ambas as lojas, decoradas

⁶⁰ SALLES, Vicente. *Op. Cit.*, p. 264.

⁶¹ Quando a maçonaria voltou às atividades, logo se segmentou: o *Grande Oriente* de José Bonifácio considerado “despótico” passou a concorrer pelo mesmo espaço de poder com o *Grande Oriente* no. 02 considerado pelo historiador Vieira, “democrático”. Os rastros dessa constituição segmentaram-se ainda mais, segundo Vieira, após o ressurgimento do *Grande Oriente do Brasil*: “...por volta de 1835, tal era a dissensão dentro da maçonaria brasileira que a mesma se dividiria em dois Grandes Orientes e quatro Supremos Concílios. Para confundir ainda mais a questão, a Grande Loja da Inglaterra começou a dar cartas de autorização a lojas de língua inglesa no Brasil. Já em 1842, o Grande Oriente no. 2 uniu-se com o Supremo Concílio no. 2 e abertamente rejeitou o Rito Moderno francês”. Cf. VIEIRA, *op. Cit.*; pp. 45-6.

O Grande Oriente no. 01, de José Bonifácio, por fim, acabou absorvendo todos os outros e constituindo o *Grande Oriente do Brasil*. Mas a unidade não durou muito e em 1863 o segmento se dividiu em “Grande Oriente do Vale do Lavradio” (Conservador) e “Grande Oriente do Vale dos Beneditinos” (Liberal-republicano) – logo esses dois segmentos revelaram sua desigualdade no campo, configurando duas posições: dominantes (Lavradio) e dominados (Beneditinos) por conta de uma divisão desigual de capital, pois o primeiro era formado pela nobreza brasileira e defendia a monarquia e a manutenção dos privilégios e o segundo defendia a República e transformações mais radicais na sociedade.

⁶² Loja que os maçons reconhecem oficialmente como a primeira do Estado.

desde os primórdios em azul⁶³, tiveram intensa atuação política, participando das lutas pela República e incentivando a *Abolição da Escravatura*. Tais lojas se associavam aos poderes centrais: antes ou depois do Império, a maioria dos dirigentes da Província ou do Estado eram maçons, como Lobo de Sousa e Lauro Sodré.

A inserção da cidade na constituição da maçonaria e seu envolvimento com as lutas políticas dessa fase podem ser comprovados quando se verifica a grande quantidade de jornais que circularam na Belém do Pará imperial – uma pequena cidade que encontrou, contudo, grande desenvolvimento nessa fase, sobretudo após a Cabanagem, sendo considerada *central* para o país, favorecida pelo comércio exterior da borracha⁶⁴, na época, juntamente com transformações na sociedade, na política e na tecnologia.

Alguns desses jornais, constituídos por maçons que defendiam essas causas comprovam tais envolvimento, além de demonstrarem que a igreja católica continuava, desde a Cabanagem, a se colocar contra a instituição, a exemplo dos seguintes:

“Em 1863, o semanário *A Estrela do Norte* surgiu. Era um jornal editado sob a orientação do bispo D. Antônio de Macedo Costa. Circulou até 1869. Nos seis anos de sua existência enfrentou ferrenha luta contra os maçons. (...) Para substituir *A Estrela do Norte*, o bispado passou a editar, a partir de 1871, o semanário *A Boa Nova*. O jornal enfrentou várias campanhas anticlericais, salientando-se, entre elas, a famosa *Questão religiosa* (...) O *Santo Ofício* foi um semanário anticlerical que circulou de 1871 a 1876. (...) Lutou contra *A Boa Nova* na *Questão dos Bispos*. Outro jornal que passou a defender os maçons foi *O Pellicano*, fundado em 1872. Era órgão da maçonaria do Pará. Bissemanário, tinha um excelente corpo de redatores: Joaquim José de Assis, o padre Eutíquio⁶⁵ Pereira da Rocha, o cônego Ismael de Senna Ribeiro Nery, Jorge

⁶³ A “loja azul” brasileira, de acordo com Vieira, “era um movimento monarquista cruel, que destruiu à espada todas as aspirações “democráticas” republicanas, representadas nos grandes levantes durante a Regência (1832-1845), tais como a revolta de Cuiabá, a Revolução do Pará e a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul. Essas revoltas, afirmam os Ferreiras, foram, não apenas lutas políticas, mas uma guerra entre duas filosofias maçônicas opostas”. Cf. *Id; Ibid*; p. 46.

⁶⁴ Em 1825, foram 93 toneladas de borracha exportada; em 1830, 156 toneladas; em 1834-35, 175 toneladas; em 1839-40, 418 toneladas; em 1844-45, 367 toneladas; em 1849-50, 879 toneladas; em 1854-55, 2868 toneladas; em 1859-60, 2.531 toneladas, segundo o *Anuário Estatístico do Brasil*, 1939-40. Exceto para o ano de 1825. Apud SALLES, Vicente. *Épocas do Teatro no Grão-Pará: ou apresentação do teatro de época*. Belém:UFPA, 1994, tomo 1, p. 30. Segundo esse autor, além disso, “na década de 1850 começou, portanto, a intensificar-se o movimento das companhias viajeras. Não era só Belém que ostentava esse teatro. Era todo o Brasil que passara a oferecer pontos de apoio às atividades teatrais, cuja circulação tornou-se grandemente facilitada com a entrada em cena, nos tempos modernos, do navio a vapor”. *Id; ibid*; p. 33. O comércio da borracha declina, segundo Salles, a partir de 1910.

⁶⁵ Padre e maçom que deu nome mais tarde à loja “Padre Eutíquio no. 29”.

Sobrinho e Cármino Leal, entre vários⁶⁶. Existiu até 1874. O mesmo Dr. Assis, de *O Pellicano*, em 1792 lançou *O Futuro*, advogando a causa republicana. (...) Na manhã de 25 de março de 1876, um novo jornal era apregoado pelas ruas de Belém: *A Província do Pará*. O mesmo Dr. Assis, de *O Pellicano* e de *O Futuro*, fundava-o, (...) **Participou ativamente da campanha em prol da abolição da escravidão e abriu suas colunas para os republicanos nelas fazerem as suas propagandas políticas.** (grifos nossos) (...) *O Abolicionista Paraense*, de 1883 a 1884 defendeu a causa da extinção da escravidão. Semanário, era impresso nas oficinas de *A Província do Pará*⁶⁷.

Assim, se nesses jornais engajados pelas lutas da República e *Abolição da Escravidão* tinha-se maçons, essa orientação política se repetia nas lojas maçônicas⁶⁸.

No segundo momento do jogo de forças dessa arena em constituição no país, houve a disputa entre o *Lavradio* e os *Benedictinos*. Tornar-se *dominante*⁶⁹, em relação à maçonaria, equivale a um valor no meio e tem a ver com a regularidade do segmento. Somente se uma potência fosse regular o maçom seria recebido e reconhecido como maçom em qualquer parte do mundo. A questão da legitimidade e da regularidade de um corpo maçônico tornava-se muito importante para a maçonaria como organismo internacional, pois seus maçons queriam ser reconhecidos como maçons “regulares” em qualquer lugar do mundo. Dessa forma, muitas reconfigurações da maçonaria ocorreram em função de se conseguir legitimidade e regularidade internacional. Os maçons concorriam, nesse caso, entre segmentos, pela legitimidade maçônica. E na luta pela legitimidade, a nascente maçonaria brasileira daquele momento passou a se polarizar entre o *Lavradio* e o *Grande Oriente Brasileiro*. A disputa foi documentada pelo jornal *O Vigilante*⁷⁰, publicado pelo *Grande Oriente Brasileiro*, que, em posição dominada no campo do poder, utilizava-se da estratégia de atacar o adversário. Para esse segmento, o *Oriente do Vale do Lavradio* era “irregular”, um “impostor” porque os componentes do *Grande Oriente Brasileiro* é que haviam participado e lutado pela independência e pela Abolição da Escravidão. O jornal criticava veementemente o que eles consideravam uma farsa do “Lavradio” que tentava se apoderar da “legitimidade” da maçonaria e de um

⁶⁶ Obviamente todos deveriam ser maçons.

⁶⁷ Cf. Rocque, Op. Cit, p. 71.

⁶⁸ Cf. Rocque, Op. Cit; p. 71.

⁶⁹ Conforme Bourdieu, “nesse jogo que é o campo do poder, a aposta é evidentemente o *domínio*, que é preciso conquistar ou conservar (...)” Bourdieu, *As regras da arte*, p. 24.

⁷⁰ Cf. *O VIGILANTE*, Jornal do Grande Oriente Brasileiro, Rio de Janeiro, 1870-1872.

passado que pertencia ao *Grande Oriente Brasileiro*; levavam vantagens pelo fato de terem mais capital econômico⁷¹ do que os integrantes do *Grande Oriente Brasileiro*, mas a “verdadeira” maçonaria não estava lá, segundo o jornal, pois o que lá havia era muito dinheiro e influência política, segundo esses maçons, pouco se importavam com a *filosofia maçônica*⁷².

A história da maçonaria demonstra que o *Grande Oriente do Brasil* é quem acabou prevalecendo na luta de forças pela legitimidade. No Pará, ele prevaleceu desde o início. No entanto, a dominação não foi sem embates. *O Vigilante* relata um conflito havido em 1871 entre o *Lavradio* e a loja *Cosmopolita* de Belém do Pará. Critica o fato de o *Lavradio* ter divulgado a relação de lojas que estavam sob sua jurisdição no Brasil, incluindo a Loja *Cosmopolita* como de sua jurisdição e tendo como “vagos os lugares de Venerável e Secretário⁷³”, assertiva considerada errônea, segundo o jornal, pois, a loja em questão se acharia “estremecida e dissidente com o *Lavradio*⁷⁴”, por essa razão, disse o jornal, “é assim apresentada no tal quadro⁷⁵”. A “prancha⁷⁶” que a loja *Cosmopolita* dirigiu ao *Lavradio*, que o jornal fornece como prova desse fato foi publicada no meio maçônico. A Loja *Cosmopolita* reclamou, no documento, sobre o silêncio do *Grande Oriente do Brasil* a respeito da aprovação das eleições que a loja realizara, reivindicando uma atenção maior da potência e sua posição quanto a alguns problemas da loja:

“...esta Augusta e Respeitável Loja Capítulo Cosmopolita em sua sessão extraordinária de 27 de Junho corrente, considerando que o vosso tão demorado quão injustificável silêncio sobre as eleições e mais reclamações pendentes da vossa aprovação, sem dardes a mínima explicação dos motivos por que assim procedeis, poderá afetar e comprometer mui grave e sensivelmente a boa ordem e regularidade dos trabalhos desta Resp. e Augusta Loja mantendo-a nessa interinidade deplorável em que há tanto tempo

⁷¹ De fato, o grão-mestre do *Lavradio* era membro da nobreza, um Barão. Portanto, essa maçonaria parecia reunir a aristocracia e usando de sua influência, acabou predominando no campo maçônico do Brasil.

⁷² Foi a primeira vez que, em relação a esse período, encontrei o termo “filosofia maçônica” que seria o lugar em que a maçonaria poderia se consolidar como algo de específico. Os outros documentos mostram a maçonaria misturada à disputas políticas externas.

⁷³ *O Vigilante: jornal do Grande Oriente Brasileiro*. No. 19, Rio de Janeiro, Domingo, 08 de Outubro de 1871, p. 301.

⁷⁴ *Id;Ibid*; p. 301.

⁷⁵ *Id: Ibid*; p. 301.

⁷⁶ “Prancha: ofício, carta, ata, ou documento maçônico, de modo geral.” In MENDES, Antônio. *Memórias de um aprendiz*. Cultural Cejup, Belém, 1991, p. 210.

se acha; (...) em princípios de Maio próximo, sem razão plausível, nomeasteis em substituição ao venerando decano, que ora preside aos nossos trabalhos, um Maçom que, além de não pertencer ao nosso quadro, não é do nosso rito⁷⁷;

Considerando que dessa vossa última nomeação, além da desconsideração provada para com os Grandes Inspetores Gerais e fundadores da Maçonaria no Pará, que esta Augusta e Respeitável Loja conta em seu seio, resulta uma patente prova de vossa parcialidade, ou firme propósito na coadjuvação com que pretendeis apoiar as vistas caprichosas do Ex-Venerável desta Augusta e Respeitável Loja, Hilário Honorato da Cunha Meninéa, único promotor da discórdia há tempos e pela primeira vez neste recinto agitada; pois a não ser esse vosso manifesto propósito, de certo não escolheríeis a um Maçom que, sendo imediatamente subordinado na repartição onde é empregado, ao sogro daquele Ex-Venerável, seria para um e para outro o cego instrumento de suas caprichosas vistas (...) ⁷⁸”

A “prancha” comprova o jogo de forças que acontecia naquele momento entre o *Grande Oriente do Brasil* e a sua loja “Cosmopolita”. O *Grande Oriente Brasileiro* aproveitou-se da discórdia e publicou estrategicamente o fato, pois quem está em posição dominada investe em práticas heterodoxas com a intenção de deslegitimar quem detém o “capital social⁷⁹” do campo em questão— o pólo dominante. O texto da *Cosmopolita* relatou ainda que o *Venerável* que assumiu a direção da loja estava agindo com muito “fervor maçônico”. De acordo com o que afirmava o *Grande Oriente Brasileiro*, a loja “Cosmopolita” se achava “estremecida com o Lavrado”, por isso lhe deu um *ultimatum*: retoricamente, ressaltou que não estava na intenção da loja separar-se do *Grande Oriente do Brasil*:

“Apesar dos sobrados motivos para ressentir-se do abandono e desconsideração que há tanto tempo vem patenteando esse Grande Poder para com a primeira de suas filhas neste Vale – temos resolvido que, de hoje, 31 de agosto futuro cessem todas as comunicações desta Augusta e Respeitável Loja Capítulo Cosmopolita com esse Grande Oriente, aguardando que dentro desse prazo que reputamos mais que suficiente vos digneis dar-nos as soluções seguintes (...) ⁸⁰”

⁷⁷ Nessa época o *Rito Escocês Antigo e Aceito* predominava e era considerado regular pela Confederação com o Grande Oriente do Brasil. A prática de vários ritos não era bem visto por aqueles que seguiam as diretrizes do Supremo Conselho – órgão regulador do rito em nível internacional.

⁷⁸ *Id: Ibid*; p. 302.

⁷⁹ No seguinte trecho de Bourdieu: “A luta pela autoridade científica, espécie particular de *capital social* que assegura um poder sobre os mecanismos constitutivos do campo e que pode ser reconvertido em outras espécies de capital...”, pode-se observar que ele considera o *capital social* como uma espécie de *quantum* (como afirmou Ortiz) do campo em questão. Na maçonaria, esse *quantum* é muito variado. Cf. ORTIZ (Org.) . “O campo científico” in *Pierre Bourdieu: Sociologia*. P. 127.

⁸⁰ *Id; Ibid*; p. 303.

Em seguida, a loja *Cosmopolita* exigiu do *Grande Oriente do Brasil* uma resolução para o “processo acusatório instaurado pela maioria dos irmãos⁸¹” contra o seu Ex.Venerável da loja; a aprovação das eleições, sendo que o Grande Oriente já havia “recebido a respectiva quota⁸²”; anulação de qualquer nomeação “que contradigam a autoridade que todos respeitamos e queremos continuar a guardar em o nosso atual Venerável⁸³”; as providências por esta Loja, “contra o procedimento do Ex-Secretário⁸⁴” que subtraiu “todo o material da secretaria existente no respectivo arquivo⁸⁵”; a falta de resposta à várias “pranchas” dirigidas à potência, desde Dezembro do ano passado, “entre as quais dois documentos assinados pro dois irmãos dissidentes desta Loja injuriando e atassalhando a reputação dos membros desse Grande Oriente⁸⁶.”

Tais dados demonstram que, em Belém do Pará, havia uma maçonaria em efervescência na época do Império, mesmo que em constituição. A maçonaria local se compunha de um único segmento, com fins políticos e sociais definidos: o capital que os maçons almejavam alcançar naquele momento era agenciado pelas necessidades da época. A libertação dos escravos, por exemplo, era algo muito noticiado pelos jornais locais, a cada vez que um senhor decidia alforriar um escravo.

As lojas maçônicas, de duas, passaram a sete, marcando a expansão da presença maçônica na cidade, com a construção de templos em locais diferenciados, porém, em sua maioria, próximos uns dos outros, em bairros centrais de Belém do Pará⁸⁷. Conforme observamos anteriormente, a data de fundação da loja *Cosmopolita*, de acordo com o fornecido pela *Grande Loja Maçônica do Pará* foi o ano de 1874, mas ela já funcionava em 1871, ano de publicação do artigo de *O Vigilante*. Há outras lojas que tiveram datas de

⁸¹ *Id;Ibid*; p. 303.

⁸² *Id;Ibid*; p. 303.

⁸³ *Id;Ibid*; p. 303.

⁸⁴ *Id;Ibid*; p. 303.

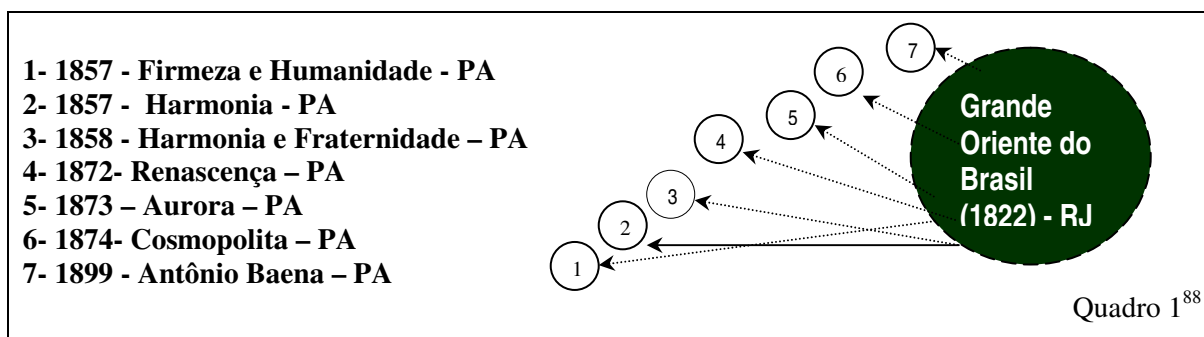
⁸⁵ *Id;Ibid*; p. 303.

⁸⁶ *Id;Ibid*; p. 303.

⁸⁷ Todas essas lojas se localizavam no mesmo bairro central e comercial: a Firmeza e Humanidade, ainda hoje se localiza no bairro do Comércio; Harmonia e Fraternidade, Renascença e Aurora ainda existem e se localizam na mesma rua, do Shopping Iguatemi. No local em que este Shopping foi construído existiam outras lojas maçônicas. A cidade de Belém surgiu nesse centro. Fundada em 1616, sua marca de fundação se tornou o Forte do Castelo, na cidade velha, localizado às proximidades do Ver-o-peso, bairro do Comércio.

fundação instituídas, mas de qualquer modo, passaram a existir nessa fase, conforme o seguinte quadro:

Lojas da maçonaria em Belém do Pará de 1857 a 1899 sob administração do *Grande Oriente do Brasil* com sede no Rio de Janeiro segundo dados maçônicos



Assim, o elemento da política interligado à maçonaria esteve fortemente presente nessa “fase heróica” de constituição da instituição no país e no Estado do Pará. Outro item diferenciador e característico de uma identidade maçônica diz respeito à prática de determinado ritual.

Nessa época, os dois segmentos praticavam o *Rito Escocês*, havia também um embate sobre a forma como ele estava sendo praticado. O *Grande Oriente Brasileiro* acusava o *Grande Oriente do Brasil* de não ser fiel ao *Rito Escocês*, inclusive permitindo que suas lojas praticassem o *Rito* que quisessem, fato que não era bem visto na época e proibido por leis internacionais do *Rito Escocês* (regulado pelo Supremo Conselho) pois que se quisessem praticar outro rito teriam que fundar outra potência⁸⁹. Conforme o documento:

⁸⁸ Os pequenos círculos visam traduzir a relação da potência com suas lojas, como “partículas jogadas em um campo de forças” (Bourdieu), em que a potência liga-se com as lojas, mas essas, entre si, são independentes. Relaciono a afirmativa de Bourdieu ao movimento de transformação da maçonaria, sob a representação desses círculos que se mostrarão também adiante, no texto.

⁸⁹ Por outro lado, em uma publicação maçônica datada de 1975, a posição reservada do Lavradio é defendida como prudência de seu Grão-Mestre. GOMES, Manoel. *A maçonaria na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Aurora, s/d. pp.113-14.

3.º — A diversidade de Ritos, acarreta necessariamente consigo a diversidade de Potências que os regem, porque cada Rito é independente de todos os outros.

4.º — Attentar contra a independência de um Rito, é attentar contra a independência de todos, é estabelecer um scisma e perturbar a ordem inteira.

90

Os dois segmentos e a maioria das lojas praticavam o *Rito Escocês Antigo e Aceito* nesse período. Esse rito foi considerado “regular” a partir de 1864 quando, para conseguir a regularidade, uniu-se ao Grande Oriente da Rua do *Lavrado*, tornando tais lojas regulares, segundo um documento da CMSB⁹¹. E até 1926, “o Supremo Conselho viveu confederado ao Grande Oriente do Brasil⁹²”. O *Grande Oriente do Brasil* praticava uma “verdadeira confederação de Ritos” e o “Supremo Conselho para o Brasil administrava somente o *Rito Escocês Antigo e Aceito*”. O trecho acima recupera essa tensão: o “tratado” dessa confederação estabelece que o *Rito Escocês* deveria ser predominante. A prática de uma pluralidade de ritos não era bem aceita pelo órgão regulador do Rito Escocês no Brasil. Para isso seria necessário que se fundasse outro segmento (que foi o que de fato ocorreu, em 1927). Maçons do *Grande Oriente Brasileiro* tomavam partido do órgão que regulava a maçonaria em nível internacional – o *Supremo Conselho*. Esse posicionamento mudou conforme a mudança de contexto histórico: o *Grande Oriente do Brasil* predominou sobre o *Grande Oriente Brasileiro* nesse “campo de forças” em constituição; a confederação com o *Supremo Conselho* foi rompida e deu lugar ao surgimento de outro segmento, motivado pela busca de maior autonomia local: as *Grandes Lojas*, em 1927.

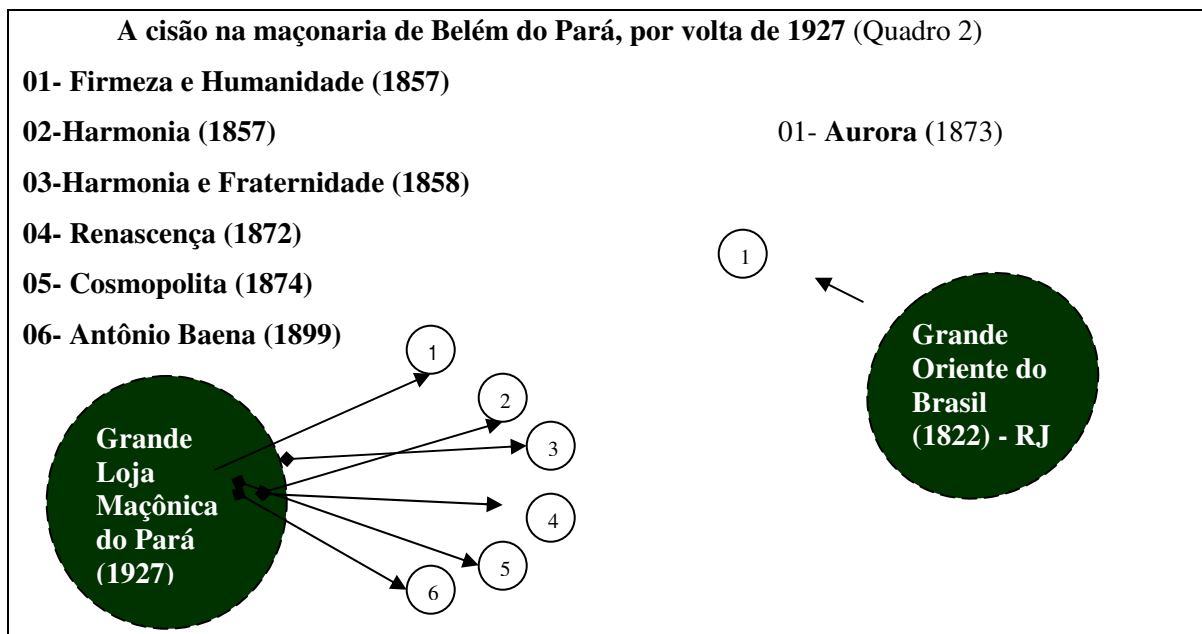
Surgiu, dessa forma, um embate sobre a identidade maçônica, colocando em questão a importância de uma maçonaria internacional. Sem recusar esse caráter, no entanto, o movimento em prol das “Grandes Lojas” afirmou a relevância de uma maçonaria nacional, que resolvesse *in loco* os seus problemas. Tratou-se de um fato importante no processo constitutivo da maçonaria no país.

⁹⁰ “Tratado de Confederação” in *O Vigilante: jornal do Grande Oriente Brasileiro*. Domingo, 5 de março de 1871, no. 15.

⁹¹ Cf. <http://www.grandeloja-pb.org.br/historia>. Acesso em 12/08/2005. Texto extraído do “Vademecum da Regularidade maçônica”, publicado em 1982, pela Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB)

⁹² Id; Ibid.

Desse modo, a formação da instituição maçônica na cidade foi marcada por uma cisão local que tornou a maçonaria da cidade polarizada entre *Grande Loja*⁹³ e *Grande Oriente do Brasil*. Além disso, teve início a constituição de uma arena de embates maçônicos na cidade, pois os dois segmentos passaram a disputar o mesmo espaço de poder. Tem-se o seguinte quadro:



O embate sobre o caráter internacional da maçonaria, que exigia a regularidade de um segmento, apareceu com mais intensidade devido a essa cisão ocorrida na instituição maçônica.

Desse modo, com o surgimento das Grandes Lojas, em nível nacional, o *Supremo Conselho* oficializou no país a descentralização maçônica, a soberania e a autonomia de cada Estado, em relação à maçonaria. Tal fato ocorreu supostamente em 1927, e as lojas tiveram suas “Cartas-patentes constitutivas outorgada pelo Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito”, documento esse que deveria garantir o “reconhecimento

⁹³ O rompimento entre Supremo Conselho e Grande Oriente aconteceu, segundo o documento da CMSB, primeiramente porque cada um deles possuía legislação específica para o preenchimento do cargo de grão-mestre. Cf. anexo.

das Potências Maçônicas do Universo⁹⁴”, foram as seguintes: Grande Loja do Amazonas; Grande Loja do Pará (independência essa promovida no Estado do Pará, segundo alguns maçons, por influência de Lauro Sodré); Grande Loja da Bahia; Grande Loja da Paraíba; Grande Loja do Rio de Janeiro; Grande Loja de São Paulo. Essas lojas passaram a funcionar, assim, ao modo de uma federação, sob influência, conforme afirmou Vieira⁹⁵, do republicanismo americano.

Assim, motivados pela busca por mais autonomia, os maçons do Pará reformularam suas posições no espaço maçônico local. As Lojas do *Grande Oriente* tinham um poder central no país, com sede no Rio de Janeiro, administração afastada portanto da cidade de Belém do Pará, a quem deviam obediência, numa estrutura de poder semelhante à uma monarquia, com o surgimento da *Grande Loja* – a nova potência – esta possuía a característica de não mais precisar obedecer à potência localizada na região sudeste do país, funcionando ao modo de uma República Federativa em um país que havia adotado o sistema Republicano e federativo de governo em 1889.

Outro documento maçônico comenta sobre a controvérsia entre Grande Oriente do Brasil e Supremo Conselho, em 1925, com as suas conseqüências para a maçonaria local e cita uma loja que não constava em outras fontes maçônicas, a loja “Eduardo VII”:

“A cisão ocorrida em 1925 (...) entre o Grande Oriente do Brasil e o Supremo Conselho, teve profundo reflexo na vida maçônica do **Pará**. Com o Grande Oriente ficaram as Lojas “Harmonia”, “Harmonia e Fraternidade” e “Aurora”. As Lojas “Firmeza e Humanidade”, “Renascença”, “Cosmopolita”, “Antônio Baena”, “Eduardo VII” e todas as do interior acompanharam o Supremo Conselho, passando a constituir a “Grande Loja Simbólica do Pará”, que teve como primeiro Grão-Mestre o Ir. Apolinário Pinheiro Moreira. Algum tempo depois as Lojas “Harmonia” e “Harmonia e Fraternidade”, decidiram-se separar-se do Grande Oriente do Brasil, filiando-se à “Grande Loja” do Pará. Com o *Grande Oriente do Lavradio* (Rio de Janeiro) ficou apenas a “Aurora”⁹⁶”.

⁹⁴ Contudo, segundo alguns maçons do Grande Oriente, atualmente, os maçons das Grandes Lojas são recebidos no exterior e reconhecidos apenas por outros maçons de outras Grandes Lojas.

⁹⁵ VIEIRA, *Op. Cit*, p. 43.

⁹⁶ ALENCAR, *Op. Cit*, p. 254.

Diante disso, apesar do rompimento, a presença maçônica na cidade se expandiu ao serem fundadas, pela *Grande Loja*⁹⁷, mais duas lojas: no mesmo ano de fundação da potência, em 1927, a loja “Cavaleiros de Malta” e em 1934, sob o governo de Getúlio Vargas, a loja “Armando do Amaral Sá”. Durante a ditadura de Vargas, de 1937 a 1945, nenhuma loja maçônica oficial foi inaugurada em Belém do Pará.

Assim, o engajamento da maçonaria nas mudanças sociais, a importância de uma maçonaria mais nacionalista, o cosmopolitismo da instituição, e a mudança de ritual para outro mais espiritualizado, foram temas discutidos em ambiente maçônico nessa fase de sua organização no país, o que colaborou para uma formulação mais clara de um ideário da instituição. Tais fatos foram ocorrendo paulatinamente, de acordo com a ação de seus maçons e as oposições à comunidade.

Desse modo, como toda maçonaria se compunha de rituais, as mudanças relacionadas à ritualística também se revelaram importantes. Na retomada dos trabalhos da maçonaria no Brasil, em 1831, o *Rito Moderno* acabou cedendo lugar ao *Rito Escocês Antigo e Aceito* que passou a predominar na maioria das lojas brasileiras. Tal fato traduziu regras de funcionamento internas que foram modificadas em direção a uma maior estruturação da maçonaria e também diz respeito a uma redefinição de seu capital específico, ou seja, o que o maçom buscava como investimento específico, pois se, durante a “fase heróica” esses objetivos se confundiam com os do campo da política, com essa mudança de rito, a maçonaria voltou-se para uma maior diferenciação de suas atividades, colocando em segundo plano as disputas exclusivamente políticas e externas, (como o empenho da fase heróica em se constituir uma nação), e valorizando os aspectos do simbolismo. Ou seja, o radicalismo revolucionário foi substituído por outra postura: a discrição.

⁹⁷ As *Grandes Lojas* se difundiram pelo Brasil, como “poderes” independentes umas das outras, como uma república federativa e descentralizada. Ao contrário do *Grande Oriente* que tinha sua sede no Rio de Janeiro, as *Grandes Lojas* passaram a possuir suas sedes em suas respectivas cidades. Inclusive os cargos da nova potência, sobretudo o de Grão-mestre passaram a ser realizados através de eleição direta. O Grande Oriente, desta forma, ficou apenas com a loja *Aurora* (1873), as demais passaram a ser dirigidas pela Grande Loja.

A mudança de rito, segundo Vieira⁹⁸, marcou uma mudança na forma de as lojas agirem politicamente: de uma política de tons revolucionários para uma política mais moderada e habilidosa. Conforme o desenrolar da história maçônica, de fato, percebe-se que há uma orientação política que parece tender cada vez mais para a discrição e não mais para o tom heróico. Segundo Vieira, a mudança do *vermelho* para o *azul*, isto é, Rito Moderno Francês, de linha republicana, para o Escocês, de linha monarquista, traduz o fato de que teria havido uma “inferência filosófica profunda e uma total mudança de programa⁹⁹” na maçonaria brasileira.

A discussão sobre o rito utilizado revela algo sobre o processo constitutivo de um “mundo à parte” maçônico no país. Assim, alguns fatos internacionais se refletiram no Brasil: o *Rito Moderno*, vinculado ao *Grande Oriente da França*, em 1865, pediu a *laicização* da maçonaria retirando do ritual a invocação ao *Grande Arquiteto do Universo*. Propunha, dessa forma, “a liberdade de consciência excluindo a obrigação moral de crer em Deus¹⁰⁰.” O fato teve consequências imediatas: logo a “Grande Loja Unida da Inglaterra decidiu romper relações com o *Grande Oriente de França* e foi seguida por todas as Lojas sob sua autoridade. Somente as lojas belgas e italianas (de forte tendência anti-religiosa) adotaram redações análogas¹⁰¹”. A maçonaria, assim, para os que praticavam o Rito Moderno significava algo diferente daqueles que praticavam o Rito Escocês, pois os primeiros se engajavam mais em políticas de tons revolucionários, do que os segundos, no passado. Assim, quando o *Rito Escocês* assumiu o espaço antes ocupado pelo *Rito Moderno* (que perdera inevitavelmente terreno) houve uma mudança na prática e na concepção de maçonaria no Brasil. Isso significou o fim da fase heróica e a vitória da influência anglo-saxônica no país. Comenta Vieira:

“O Rito Escocês colocou a Bíblia no altar maçônico. A Bíblia foi chamada a “regra da vida” e as reuniões começavam e terminavam com citações bíblicas, como ainda hoje é feito. Desse modo o Rito Escocês predisps o seguidor da ordem maçônica a olhar para

⁹⁸ Esse rito é substituído, com a intenção, segundo Vieira, de afastar o “radicalismo político”. Então se espalha rapidamente o “Rito Escocês dos “Maçons Antigos, Livres e Aceitos”, segundo esse historiador, “introduzido no Brasil por intermédio de uma carta de autorização belga”. Cf. *Vieira, Op. Cit*; p. 42.

⁹⁹ *Id*; *Ibid*; p. 46.

¹⁰⁰ TOURET, Fernand. *Chaves da Franco-maçonaria*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975, p. 59.

¹⁰¹ *Id*; *Ibid*; p. 62.

a Bíblia como algo especial, merecedor de respeito, e digno de ser propagado. Por esta razão não é surpreendente notar que os grandes defensores da Bíblia no Brasil, no século XIX, que protegeram os vendedores de Bíblias e travaram batalha contra os ultramontanos, em sua defesa, foram maçons¹⁰².”

Desse modo, um tom de religiosidade adentrou com mais força a maçonaria no Brasil, subvencionada então pela *Grande Loja Unida da Inglaterra*, e não mais pelo *Grande Oriente de França*. Tal fato marcou outra reordenação no jogo, que partiu para uma maior definição, isto é, a mudança significou um importante passo para a constituição da maçonaria como “um mundo à parte”, com uma ênfase maior dada ao simbolismo maçônico (e ao GADU¹⁰³) embora ela continuasse inter-relacionada ao campo da política. Ou seja, ocorreu uma redefinição do que se desejava adquirir como *quantum* na maçonaria: com a mudança de rito, o maçom brasileiro passou a não querer mais somente engajar-se em uma política de tom libertário, já que o rito moderno era mais materialista do que o Escocês. Dessa vez ele se voltou para o aspecto do simbolismo da maçonaria, fortemente presente no Rito Escocês (que colocou a Bíblia no altar) e passou a visar também o seu próprio desenvolvimento como pessoa ou “espiritual”.

Assim, com a mudança de rito, a maçonaria brasileira passou a prestar obediência à maçonaria do *Rito Escocês Antigo e Aceito* e indiretamente e ideologicamente ligou-se à maçonaria inglesa, que tem origem oficial, em 1717, com as *Constituições de Anderson* – uma constituição que instituiu as leis fundamentais da maçonaria para a *Grande Loja Unida da Inglaterra*. De domínio aristocrático, com o predomínio mais tarde do grupo do *Lavrado*, composto principalmente pela classe dominante brasileira, a maçonaria dessa fase se separava radicalmente do mercado porque nem sequer precisava dele.

Na cidade de Belém do Pará – um ambiente propício para que o aspecto do simbolismo encontrasse logo solo fértil e se desenvolvesse – tal mudança em direção à espiritualização contribuiu para a incorporação de um *habitus* maçônico. No entanto, visível somente a partir da implantação dos dois segmentos na cidade (*Grande Loja* e *Grande Oriente*) e a partir da expansão (equiparada, das duas potências) do número de lojas e a permanência das mesmas no local por mais de uma geração.

¹⁰² VIEIRA, *Op. Cit.*, p. 47.

¹⁰³ Abreviatura para “Grande Arquiteto do Universo”.

Obviamente que a maçonaria como sociedade ligada à política continuou com sua atuação, mas em outros tons, mais moderados. E também foi modificada a posição dos maçons nesse espaço de lutas, não se tratavam mais de maçons que atuavam do ponto de vista da periferia, de um Brasil-Colônia lutando por liberdade, mas de agentes que faziam uma política realizada a partir da perspectiva de uma posição dominante no campo do poder, pois a maioria dos dirigentes do país eram maçons.

Em Belém do Pará, cristianizar a maçonaria significou a atração de inúmeros padres para as hostes maçônicas, pois antes da “questão religiosa” gerar um conflito entre católicos e maçons, vários padres participaram da maçonaria. As primeiras lojas adotaram logo o *Rito Escocês Antigo e Aceito*, e como a orientação no modo de agir politicamente da maçonaria se modificou, (a partir da mudança de rito) e a presença da classe dominante na instituição prevaleceu (em plano nacional, o *Grande Oriente Brasileiro*, em posição dominada, foi vencido) a maçonaria se preocupou em influenciar nos destinos políticos da cidade.

Na Belém do Pará de 1912, nas eleições para Governador do Estado, a maçonaria apoiou publicamente a candidatura do maçom Lauro Sodré, como bem mostra o historiador Rocque:

“A Maçonaria, por unanimidade, a 20 de setembro, em conjunto com a Liga Feminina, com a Brigada de Defesa da candidatura de Lauro Sodré e com grande parte da mocidade acadêmica, deliberou manter, integralmente, a propaganda dessa candidatura, atendendo “aos justos reclamos da vontade inconcussa do povo paraense¹⁰⁴.”

A candidatura de Lauro Sodré¹⁰⁵ (naquele momento senador pelo Estado) ao governo do Pará foi vetada pelo governo federal, que considerava que Sodré não poderia apaziguar os ânimos políticos de uma cidade dividida entre *Lauristas* e *Lemistas* (Antônio Lemos, ex-governador do Estado, urbanizou a cidade, era apoiado pelo Presidente Hermes

¹⁰⁴ Rocque, *op. Cit*, p. 124.

¹⁰⁵ Comenta Alencar: “Com o advento da Revolução de 1930, foi a Maçonaria no Pará duramente atingida e grandemente prejudicada, pois, quando se tratou de reconstitucionalizar o País, envolveram-na, levianamente, na luta política então travada no Estado, o que ocasionou o afastamento de numerosos Ilr. Desgostosos com a atitude a que ela foi levada, apoiando a candidatura de um profano para governador do Estado, contra a de um Maçom de gloriosas tradições, renome e serviços, como era Lauro Sodré, ex-Grão-mestre do Grande Oriente durante muitos anos de sucessivos mandatos.” *Op. Cit*; p. 254.

da Fonseca). Lauro Sodré acabou indicando Enéas Martins como candidato, e, desse modo, a junta de apoio à candidatura laurista se dissolveu. Mais tarde, contudo, foi proclamado e reconhecido governador do Estado para o período de 1917 a 1921.

Além da associação constante da maçonaria com a política nessa fase, no processo constitutivo da instituição no Pará, a abertura de novas lojas representava uma expansão da influência maçônica na cidade. Em 1918, fundou-se uma loja distante da área urbana, em Belém do Pará: a loja Fraternidade Pinheirense nº12, quando a localidade se chamava “Pinheiro” ao invés de seu nome atual: Icoaraci.

Outro documento maçônico que relata a atuação da maçonaria paraense na época imperial comenta que:

“Sem dúvida nenhuma (...) o apogeu, fausto e prestígio da Maçonaria Nacional tiveram sua época áurea na primeira década deste século, prolongando-se até ao término da primeira guerra mundial, aí pelos idos de 1918. E tal apogeu e prestígio – sem contestação – tiveram por base a Maçonaria Paraense¹⁰⁶”.

Pelos seguintes motivos, segundo o autor:

- Era grão-mestre da Maçonaria Brasileira o General paraense Lauro Sodré¹⁰⁷;
- Era a época da borracha e da produção de castanha, que fez com que, durante fins do século XIX até a primeira guerra mundial, a Amazônia tivesse grande desenvolvimento;
- Lauro Sodré combatia a oligarquia Antônio Lemos, e, segundo o autor:

“Era firmemente ajudado nessa campanha de saneamento político pelo jornal “Folha do Norte” onde pontificava Paulo Maranhão, bem como especialmente pela Maçonaria, que já então contava com eficiente e coeso grupo de Lojas, cada qual mais prestigiosa,

¹⁰⁶ Cf. ALENCAR, Renato de. *Enciclopédia Histórica do mundo maçônico*. Tomo I. Editora maçônica, Rio de Janeiro, 1968.

¹⁰⁷ Lauro Sodré era natural do Pará. “Republicano histórico foi constituinte da Primeira Câmara Brasileira, que formulou a primeira Constituição Republicana do País; Senador da República, Professor Catedrático da antiga Escola Militar, discípulo amado de Benjamim Constant (General e Professor), líder da Igreja Positivista do Brasil; foi Lauro Sodré, Chefe do Partido Republicano Federal do Pará, lutando tenazmente pela derrubada das oligarquias políticas instaladas no Brasil. Pela sua inteireza moral, sua cultura e tantos outros atributos que tanto o distinguiam, desfrutava de grande prestígio nacional e internacional, o que ficou provado, quando o Rei da Inglaterra Eduardo VII, tendo notícias de que Floriano Peixoto, então presidente da República, por motivos políticos, mandara prender Lauro Sodré, responsabilizou-o por sua vida, em nome da Maçonaria do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. É que, conforme a tradição, é o Rei da Inglaterra Grão Mestre da Ordem Maçônica Britânica do Rito Escocês Antigo e Aceito, o mesmo a que pertencia Lauro Sodré.” *Id*; *Ibid*; p. 252.

destacando-se dentre elas, a “Cosmopolita”, cujo Templo, dos mais imponentes da América Latina, é uma obra que honra¹⁰⁸ a Maçonaria nacional e atesta o valor da Ordem neste País, na transcendência de seus princípios¹⁰⁹.”

Afirma ainda, em um relato apaixonado, outros motivos para a importância da maçonaria paraense, como sua forte moralidade, “o sentimento de fraternidade”, a prática filantrópica que integra a *filosofia maçônica* e a atuação de alguns Grãos-mestres, ou seja, já existia nessa época um esboço do que deveria ser a identidade maçônica, embora a instituição ainda estivesse se organizando:

“Considerável e cuidadosamente selecionado era o número de Maçons. Reinava grande sentimento de fraternidade que a todos beneficiava e cada vez mais se alicerçava no trabalho construtivo e positivo das Oficinas. Inspirado nos mesmos ideais e propósitos de progresso moral, espiritual e social, Manoel Francisco Barreiros Lima, unindo-se aos seus prestigiosos irmãos José Rodrigues Barata, Cipriano Santos Soeiro, Octaviano de Menezes Bastos, Velhote Silva e outros foi o idealizador do majestoso Templo da Loja “Cosmopolita” e fundador do primeiro Colégio maçônico funcionando no prédio da Loja, instituto esse destinado à preparação de alunos à matrícula na “Escola Prática de Comércio”, (hoje Academia), e ao ensino dos idiomas espanhol, francês, inglês e alemão para filhos de maçons. Seu filho Raymundo Barreiros, foi um dos seus numerosos alunos. (...) apesar da derrocada econômico-financeira do após-guerra que se abateu sobre a Amazônia, pode-se afirmar que, até 1930, mais ou menos, era a Maçonaria no Pará, ainda uma das mais prestigiosas e importantes instituições, não só do grande Estado do Norte, mas do Brasil¹¹⁰.”

De acordo com esse autor, os integrantes dessa maçonaria eram figuras expressivas em diferentes setores da comunidade paraense. As lojas tinham sede em Belém do Pará e praticavam o *Rito Escocês Antigo e Aceito*:

“...Todas elas eram filiadas ao *Grande Oriente do Brasil*, com sede no Rio de Janeiro. Funcionavam em sedes próprias de belo estilo e magnitude. As lojas paraenses espelhavam o interesse e o desvelo que seus Ilr. Na sua grande maioria pertencentes às mais altas camadas sociais, dedicavam ao desenvolvimento e prestígio da Ordem. Para prová-lo, basta dizer que os templos da “Cosmopolita” e da “Firmeza e Humanidade”, amplos e funcionais, foram construídos pelo mesmo arquiteto que planejou o monumental Teatro da Paz, de Belém. Essas duas lojas tornaram-se famosas, não somente pelo rendimento de seus trabalhos construtivos, como pela magnificência de

¹⁰⁸ Segundo um informante, essa loja fora vendida pela administração e dera lugar a um amplo estacionamento.

¹⁰⁹ *Id;Ibid*; p. 252.

¹¹⁰ *Id;Ibid*; p. 252.

seus templos, notáveis pela simetria e fidelidade às linhas e simbolismos maçônicos, tendo sido seus tetos decorados por De Angelis¹¹¹.”

Alguns templos foram vendidos e outros foram conservados, como a loja “Harmonia e Fraternidade”, a “Firmeza e Humanidade” e a “Renascença” – todas da época da borracha, quando a maçonaria paraense teve um importantíssimo lugar na maçonaria brasileira. O retrato heróico dessa fase da maçonaria é algo sempre bastante destacado pelos maçons locais que se orgulham deste período áureo, quando então a instituição possuía grande influência política na sociedade, e seu papel estava bem definido, com fins políticos e sociais. Belém do Pará, nesse caso, guarda uma peculiaridade, diante do grande desenvolvimento alcançado nessa fase, tinha-se uma maçonaria local unida em torno de idéias, sem ainda grande concorrência, pois se tinha apenas uma “potência”, o que permitiu que a comunidade se mantivesse como um bloco sólido durante o período imperial, sobretudo após a Cabanagem. Dessa forma, os maçons da cidade têm razão em se orgulharem desse período, pois a cidade viveu a sua melhor época e a sua maçonaria refletiu esse fausto.

Com todos esses fatos, pode-se concluir que a maçonaria em Belém do Pará desse primeiro período, que consideramos “heróico”, fora marcada pela preponderância com os negócios da política. Todos os agentes estavam bem colocados no campo do poder, em uma posição dominante. Não há maçom de origem humilde nessa época. Nomes de destaque como aqueles que dirigiram o jornal *A Província do Pará*, em seus primórdios, por exemplo, como o Dr. Assis, eram maçons. Lauro Sodré era maçom. Apolinário Moreira, presente no enterro do ex-governador do Estado, Assis de Vasconcelos, às vésperas da Revolução de Trinta, também era maçom e se tornou nome de uma loja maçônica em Belém do Pará, pois também foi o primeiro Grão-mestre da *Grande Loja*. Todos eles eram de famílias capitalizadas, e alguns maçons tinham até títulos de nobreza, e, como numa espécie de tradição, (até porque a família é um valor para a maçonaria) a condição de

¹¹¹ Esses fatos eu mesma pude comprovar visitando dois templos que foram construídos nessa fase e decorados por De Angelis. Segundo fontes orais muitas dessas “sedes próprias” foram vendidas, a exemplo da loja “Padre Eutíquio”, que deu lugar a um amplo shopping no centro da cidade. Dessa forma, várias “lojas” passaram a fazer sua reunião no prédio da administração da Grande Loja que construiu um prédio em arquitetura moderna, com um templo em seu interior.

maçom foi sendo passada de pai para filho, pois filhos de maçons e/ou parentes sempre tiveram oportunidades de desenvolverem as *disposições* herdadas e incorporadas na família¹¹².

Dessa forma, a maçonaria paraense era constituída principalmente por quem ocupava posição dominante no espaço do poder, portanto se o grupo era menor, e a cidade estava capitalizada, mais fácil era sua união em torno de ideais, nas lutas pela proclamação da República e/ou pela Abolição da escravidão (já que durante a Independência, não havia ainda nenhuma loja maçônica em Belém do Pará).

Assim, em um primeiro período, do surgimento oficial da maçonaria no país, (1801) até o início do século seguinte, por volta dos anos 30, pode-se afirmar que a “Arte Real¹¹³” maçônica poderia ser comparada ao período artesanal vivenciado no campo das artes, de tom libertário e heróico. Ou seja, neste ponto a transformação da maçonaria assemelha-se ao que descreve Bourdieu, em relação ao campo das artes em sua fase de constituição, pois a maçonaria teve também um início de tom heróico quando se envolveu nas lutas pela independência, abolição da Escravatura e Proclamação da República, depois, mudou-se o rito e a maçonaria também deu mostras de iniciar uma fase de engajamento em uma política de matiz conservadora. Dessa forma, seu envolvimento com o campo da política continuou, mas em tons mais moderados: com negociação, ao invés de revolução, pois se a comunidade crescia, era possível se contar com os “benefícios da sociabilidade¹¹⁴”.

Essa transformação e afastamento da política de tom revolucionário, isto é, daquela prática maçônica dos primeiros tempos no Brasil, podem ser notados examinando-se também as constituições maçônicas. As primeiras constituições do *Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil* são de 1891 e 1897, sob o grão-mestrado de Macedo Soares,

¹¹² Durante a pesquisa de campo em Belém, um maçom, advogado, relatou-me sua trajetória na maçonaria e seu ingresso a partir de uma tradição familiar, isto é, seu pai era maçom, ele tornou-se maçom por influência de seu pai e seu filho tornou-se maçom por sua influência.

¹¹³ Outro nome dado à prática da maçonaria. O termo “Real” a associa à realeza e também ao real, como Verdade. Todos os maçons se referem às suas associações longínquas com o Rei Salomão e à busca que eles procuram fazer pela “Verdade”, uma verdade relacionada aos estudos maçônicos e suas diversas pesquisas. E quanto ao termo “Arte”, Salazar comentou que o Conhecimento como “Arte” é belo, deu exemplo do termo “cosmética” que vem de “Cosmos”.

¹¹⁴ Cf. TERRADAS, *Op. Cit.*, p. 61.

não abordam nada sobre o assunto “política”. A Constituição de 1900 ainda sob o mesmo Grão-Mestre, aborda o regime de federação e não faz qualquer referência ao modo de o maçom agir politicamente. Em 1907, tendo como grão-mestre o paraense Lauro Sodré, proscribe-se “terminantemente e sistematicamente o recurso à força e à violência¹¹⁵”, ou seja, recusa assim o envolvimento do maçom em qualquer movimento radical. Em 1938, sob o Estado Novo, e Grão-Mestre Moreira Guimarães, a constituição maçônica do Grande Oriente “*proíbe expressamente, dentro das oficinas, a discussão ou controvérsia sobre matéria religiosa ou política, bem como o exame ou crítica dos atos da autoridade civil*¹¹⁶.” E ainda: “*proíbe professar ideologias contrárias ao regime político-social-brasileiro*¹¹⁷.” Em 1951, sob o grão-mestrado de Rodrigues Neves, a proibição em relação à política engajada continua: “*proibindo-lhes, contudo, e terminantemente discussões sobre matéria política ou religiosa, dentro das oficinas*¹¹⁸.” E também: “*não professar ideologia contrária aos princípios maçônicos e democráticos*¹¹⁹”.

A constituição da *Grande Loja Maçônica do Pará* seguia os mesmos princípios:

“artigo 8º: a proibição expressa de toda e qualquer controvérsia política e religiosa dentro de seus templos, ou fora deles, em nome da Maçonaria, inclusive o exame ou crítica dos atos de autoridade civil ou militar¹²⁰”

Esses regulamentos contribuíram para estruturar a maçonaria, sobretudo em Belém do Pará, com uma maior ênfase dada ao desenvolvimento dos aspectos do simbolismo da ordem¹²¹, pois segundo declarações de maçons (mais interessados nesse aspecto) os grãos-mestres anteriores à contemporaneidade procuravam ressaltar esse aspecto em suas

¹¹⁵ *Manifesto aos maçons, legião Gonçalves Ledo, Diretrizes da Legião: razões históricas e morais*. Salvador, Bahia, 1957, p. 09.

¹¹⁶ *Id; Ibid*; p. 09.

¹¹⁷ *Id; ibid*; p. 09.

¹¹⁸ *Id; ibid*; p. 10.

¹¹⁹ *Id; Ibid*; p. 10.

¹²⁰ Cf. MENDES, A. Op. Cit. p. 35.

¹²¹ O fato também traduz uma espécie de repressão aos maçons, como reflexo de um contexto histórico. Ora, se a repressão ocorreu, a única saída era desenvolver-se nos estudos da Ordem. A idéia não é nova, comenta Simmel: “lorsque commença la répression des associations communales par le pouvoir central en plein essor, la vie secrète se développa largement (...) à la manière des animaux qui cherchent un abri quand ils vont mourir. » Cf. SIMMEL, G. « La société secrète » in *Sociologie : études sur les formes de la socialisation*, p. 381.

administrações. Embora debates acontecessem em Congressos maçônicos, mesmo assim a atuação da maçonaria na política externa brasileira era diferente daquela praticada na fase engajada dos primórdios. Havia também um artigo que envolvia todas as ações maçônicas: o sigilo – outro elemento a contribuir para a constituição de um campo maçônico.

A maçonaria paraense desse período recusava objetivos comerciais, como no campo literário, em seus primórdios. Ora, sendo uma “arte” nascida no seio da nobreza, a questão financeira não inquietava o maçom. Dessa forma, um pré-requisito para o ingresso na maçonaria dessa fase era a própria condição de nascido em uma posição dominante, para que, sem problemas financeiros, fosse possível a prática da filantropia¹²² e de toda a filosofia maçônica.

Além disso, dinheiro não era um problema para a maçonaria paraense dessa fase, pois se estava na época de riqueza proporcionada pelos lucros da borracha. Era então possível que a hipótese de se mercantilizar a maçonaria nem sequer fosse levantada.

E, assim, a constituição da maçonaria no Brasil contou com a participação de um grupo de *poderosos* que pouco a pouco acabou prevalecendo sobre o *Grande Oriente Brasileiro*¹²³. Esses *poderosos*, a seguir, se dividiram entre aqueles que queriam uma maçonaria internacional, mas que resolvesse *in loco* os seus problemas (as *Grandes Lojas*) e aqueles que também a percebiam como um organismo internacional, mas que não se importavam em obedecer à lentidão das tomadas de decisão da sede localizada no Rio de Janeiro (o *Grande Oriente do Brasil*) – foi o início da constituição de uma arena de embates maçônicos locais e a consolidação de um *habitus* maçônico, já que a maçonaria paraense contava com 77 anos de experiências até 1934, com a fundação da loja “Armando do Amaral Sá” pela *Grande Loja*.

¹²² Segundo Alencar: “à maçonaria paraense devem ser creditados serviços de vulto, especialmente no campo da assistência social e do desenvolvimento cultural. Escolas de gloriosas tradições fundadas e mantidas por ela, muito contribuíram para a formação de expressivos valores intelectuais que hoje são elementos de escol nas elites da terra”. Além disso, nessa fase, segundo Alencar, teria sido construído o *Hospital das Acácias*, “onde os maçons recebem carinhosa e desvelada assistência”. *Op. Cit*, p. 254.

¹²³ Para isso, basta conferir o jornal *O Vigilante*, órgão do Grande Oriente Brasileiro, publicado de 1870 a 1872.

1.3) O *habitus* maçônico e a constituição de um campo de embates na maçonaria local

"Que ninguém entre aqui se não é Geômetra"¹²⁴ (Pitágoras)

Com a existência de dois segmentos na cidade e diversos traços peculiares que lhe diferenciavam de outros campos, nessa fase a maçonaria passou a apresentar uma maior definição de si mesma. Tal fato foi propiciado pelo cumprimento de leis internacionais e locais que lhe delimitaram as práticas e pela ação de seus agentes que lhe foram transformando os sentidos e atribuindo mais ou menos valor para um outro aspecto da instituição.

Aconteceu um vácuo de quase uma geração sem que os dois segmentos fundassem novas lojas maçônicas na cidade de Belém do Pará: de 1937 (data de fundação da loja “Armando do Amaral Sá”) até 1957, quando a *Grande Loja* fundou as lojas “Apolinário Moreira” e “Fênix”. Assim, pareceu que a maçonaria local estagnou ao não expandir o número de lojas maçônicas nesse vácuo de 19 anos, mas, mesmo assim, as lojas que já existiam (em total de 26 lojas) continuaram praticando suas atividades e instituindo um *habitus*¹²⁵ maçônico ao longo de quase um século de existência.

Durante essa fase, os sentidos dados à prática da “Arte Real¹²⁶” se transformaram e a maçonaria, no plano nacional, saiu de uma fase que tinha como contexto o período imperial e a República Velha, para outro momento dessa constituição, em que um “universo que obedece às suas próprias leis de funcionamento e de transformação¹²⁷”

¹²⁴ De um *site* maçônico, <http://www.samauma.com.br>, acesso em 18 de julho de 2004.

¹²⁵ Ortiz destaca um trecho de Bourdieu a respeito do *habitus*: “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro. (...) Cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo porque suas ações e suas obras são produto de um *modus operandi* do qual ele não é o produtor e do qual ele não possui o domínio consciente; as ações encerram, pois, uma ‘intenção objetiva’, como diria a escolástica, que ultrapassa sempre as intenções conscientes.” Bourdieu apud Ortiz, *Op. Cit.*, p. 15.

¹²⁶ Como também é denominada a maçonaria.

¹²⁷ “Isto é, a estrutura das relações objetivas entre as posições que aí ocupam indivíduos ou grupos colocados em situação de legitimidade”. Cf. BOURDIEU, P. *As regras da Arte*. Companhia das Letras: São Paulo, 1996, p.243.

institui-se a partir de um *habitus*, com uma “dinâmica própria¹²⁸”, consequência da “história específica do campo¹²⁹”.

Bourdieu afirma que as “instituições só podem revelar sua verdade singular, paradoxalmente, com a condição de ser recolocada no sistema das relações objetivas, constitutivo do espaço de concorrência que forma com todas as outras¹³⁰”. Essa “verdade singular” foi percebida nesse momento de constituição da arena da maçonaria local, porque foi quando a instituição mostrou uma identidade¹³¹ com mais evidência, consequência de um *habitus*, definindo com mais exatidão quem entra no jogo, para que, como e por quê. Os dois segmentos existentes compartilhavam do mesmo padrão moral e conhecimento e as entradas eram regidas pela mesma constituição internacional. Tinha-se uma certa estabilidade nas transformações maçônicas locais que entraram mais tarde em processo de transformação mais “crítico”, com a entrada das mulheres no espaço maçônico local – esse, um processo contemporâneo.

Assim, essas estruturas foram estruturadas após um longo trabalho histórico, e se tornaram também estruturantes no modo de o maçom se conduzir. Para que isso ocorresse, várias foram as modificações de posições nessa arena (o predomínio do *Grande Oriente do Brasil* e depois o surgimento das *Grandes Lojas*) e de instituições de regras de funcionamento. Na declaração de princípios da *Grande Loja Maçônica do Pará*, por exemplo, afirma-se que qualquer lei pode ser modificada pela potência, que é soberana para isso, sem todavia desrespeitar as “Constituições de Anderson, as Antigas Obrigações, os Landmarks e as Leis do simbolismo¹³²”. Determina também que os maçons podem praticar, além do *Rito Escocês Antigo e Aceito*, o *Rito de York* e o *Schroeder*.

¹²⁸ *Id; Ibid*; p. 304.

¹²⁹ *Id; Ibid*; p. 335.

¹³⁰ *Id; Ibid*; p. 207.

¹³¹ Compreendida aqui como a *mesmidade* de Ricoeur. Na operação de identificação, “entendida como a reidentificação do mesmo, que afirma que conhecer é reconhecer: a mesma coisa duas vezes, *n* vezes. RICOEUR, Paul. *O si mesmo como outro*. P. 141.

¹³² Além disso, a constituição dessa potência preconiza: “1º. – A Crença em Deus, a quem, em respeito a todas as religiões, denomina GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO, e na existência de uma vida futura;

2º. – O sigilo;

3º. – O simbolismo da maçonaria operativa;

4º. – A divisão da maçonaria Simbólica nos três graus universalmente reconhecidos: Aprendiz, Companheiro e Mestre;

5º. – A lenda do 3º. Grau;

Diante disso, a maçonaria se afirmou como uma instituição controlada abstratamente por leis que foram instituídas pela *Grande Loja Unida da Inglaterra*, no século XVIII, que passaram a controlar o direito de entrada no campo. Desse modo, a maçonaria de Belém do Pará (e todas as maçonarias regulares do mundo) passou a se submeter a uma “autoridade suprema, capaz de resolver em última instância: o monoteísmo do nomoteta central¹³³”, representada pelas *landmarks*¹³⁴. Mesmo com autonomia interna para resolver problemas locais, no caso do *segmento* da *Grande Loja*, as *landmarks*, continuaram impondo um *nomós* dentro da maçonaria, juntamente com o modo de o maçom se movimentar dentro de um templo, do *Rito Escocês Antigo e Aceito*, um rito cristianizado, pois colocou a Bíblia no altar; mais espiritualizado do que o *Rito Moderno*, considerado materialista, segundo Vieira, e que passou a predominar na maioria das maçonarias, embora a prática de outros ritos nessa fase passasse a ser permitida e vista sem grandes alardes.

Assim, os maçons demarcaram suas fronteiras e puderam declarar um “que ninguém entre aqui...¹³⁵” se não for:

Homem; de finanças estáveis; que creia em Deus e “numa vida futura”; que não discuta política partidária, nem religião dentro da instituição; de boa conduta, isto é, que “seja livre e de bons costumes”.

Os *landmarks* tornaram-se uma forma de regular a maçonaria. Preconizam em 25 pontos a “demarcação de limites” da maçonaria “regular¹³⁶” e influenciam os maçons, pois fazem parte de um “pensamento institucional¹³⁷”. Convém citá-los resumidamente¹³⁸.

6º. – A iniciação só de homens;

7º. – A caridade, a beneficência e a educação, como principais meios de combater a ignorância e o erro, em todas as suas manifestações;

8º. – A proibição expressa de toda e qualquer controvérsia política e religiosa dentre de seus templos, ou fora deles, em nome da Maçonaria, inclusive o exame ou crítica dos atos de autoridade civil ou militar;

9º.– O Livro da Divina Lei, a principal das três Grandes Luzes emblemáticas da Maçonaria, sempre aberto durante os trabalhos.

Assim orientada, a *Grande Loja Maçônica do Pará* considera seus obreiros como maçons antigos, livres e aceitos, permitindo às suas Lojas pautarem seus trabalhos pelos rituais dos três primeiros graus dos *ritos Escocês, Antigo e Aceito*, de *York* e de *Schroeder (...)* MENDES, Antônio. *Op. Cit.*, pp.34-35.

¹³³ Bourdieu, *Op. Cit.*, pp-278-9.

¹³⁴ Tratam-se das leis maçônicas instituída no século XVIII que proíbe a entrada de mulheres, deficientes físicos e escravos na maçonaria.

¹³⁵ “...o ponto de vista fundador pelo qual o campo se constitui como tal e que, a esse título, define o direito de entrada no campo: “que ninguém entre aqui” se não estiver dotado de um ponto de vista que concorde ou coincida com o ponto de vista fundador do campo. Bourdieu, *op. Cit.*, p. 253.

Segundo o maçom Da Camiño, o primeiro quesito refere-se ao reconhecimento entre “os irmãos”, pois “sem esse reconhecimento não haveria o cumprimento do primeiro *Landmark*¹³⁹”. No segundo quesito afirma-se que a maçonaria simbólica deve ser constituída dos três graus: *aprendiz, companheiro e mestre*. No terceiro¹⁴⁰, é dito que se deve conservar a lenda de Hiram Abif¹⁴¹, que representa a “lenda do construtor do templo¹⁴²”, lenda essa de tom moralista e exclusivamente maçônica. A lei de no. 18, destacarei por ser a mais citada nas controvérsias atuais da maçonaria, mas que só abordarei mais detidamente em outro capítulo:

“Os Candidatos à Iniciação devem ser isentos de defeitos ou mutilações, livres de nascimento e maiores. Uma mulher, um aleijado, ou um escravo não podem ingressar na Fraternidade¹⁴³”

¹³⁶ Afirma o maçom: “Anualmente, nos vem dos Estados Unidos da América do Norte a *list of lodges*, publicada pela “Masonic Relief Association of the States and Canada”, ou seja, a Associação de Auxílio Maçônico, onde estão inseridas todas as Lojas Regulares do mundo.” DA CAMIÑO, Rizzardo. *O aprendiz maçom*. São Paulo: Madras, 2000, P. 192.

¹³⁷ DOUGLAS, Mary. *Como as instituições pensam*. São Paulo: Edusp, 1998. O “pensamento institucional” influencia nas decisões dos indivíduos na hora de tomarem decisões, pois ele já se encontra em suas mentes *a priori*, e aparece em momentos de angústia ou em outras situações sutis. Mas há aqueles que discordarão das *landmarks*, conforme veremos mais adiante.

¹³⁸ Conferir também o anexo no final do trabalho.

¹³⁹ DA CAMIÑO, *Op. Cit.*, p. 192.

¹⁴⁰ Do quarto ao oitavo quesito fala-se sobre a autoridade do Grão-Mestre. O nono comenta sobre a necessidade de se reunir os “irmãos” em uma “loja” (oficina de trabalho – maçônico); o décimo comenta que uma “loja simbólica” só pode se formar a partir da presença de três pessoas: O presidente e dois ‘vigilantes’; o décimo-primeiro afirma que a loja deve estar “coberta” durante as reuniões, ou seja, não deve haver nenhuma interferência externa, de não-maçons e o *Vigilante* deve constatar se todos os presentes são verdadeiramente maçons. O *landmark* seguinte comenta sobre “o direito representativo de cada Irmão nas reuniões gerais da Fraternidade”, isto é, todos participam das decisões da loja, embora os aprendizes sejam representados pelo Venerável ou pelos Vigilantes. O *landmark* de no. 13 comenta sobre o direito de defesa do maçom diante de alguma decisão que ele considerar injusta em relação a ele, para conservar a justiça e prevenir da opressão; o de no. 14, fala sobre o direito de o maçom visitar outras lojas; o de no. 15, comenta que o visitado terá direito de examinar o visitador, para ter certeza de que ele é maçom; o de no. 16 afirma que nenhuma loja deverá se intrometer em assuntos de outra; o de no. 17, diz que todo maçom deverá se submeter às leis maçônicas do local aonde residir (...) *Id; Ibid*; pp. 205-207.

¹⁴¹ Várias são as interpretações desse personagem lendário que pertence exclusivamente à maçonaria. O livro *A Chave de Hiram* é todo motivado pela pesquisa de quem era esse personagem que até os próprios maçons desconhecem... Hiram Abif teria sido o mestre da construção do templo de Salomão, este, por sua vez, figura no Antigo Testamento. Abif teria sido assassinado por três obreiros porque ter-se-ia negado a revelar os segredos de um mestre-maçom. Seus assassinos teriam “refletido” a respeito do que haviam praticado e a reflexão os conduziu ao arrependimento de terem assassinado o mestre da construção do templo de Salomão. Os três obreiros para alguns autores representam os três inimigos de todo maçom: a Inveja, o Fanatismo e a Ignorância.

¹⁴² DA CAMIÑO, *Op. Cit.*, p. 194.

¹⁴³ *Id; ibid*; p. 212.

Embora todos os maçons concordem quanto ao conteúdo preconceituoso dessa *landmark*, alguns maçons acham, contudo, que, sendo uma *landmark*, deve ser então preservada. Como Da Camiño:

“Enquanto subsistir esse *landmark*, é óbvio que o Maçom terá de respeitá-lo¹⁴⁴,”

Os *landmarks* XIX, XX e XXI se apresentam como complementares: referem-se respectivamente à crença no *Grande Arquiteto do Universo*¹⁴⁵; à crença em uma “vida futura” e à obrigatoriedade do “Livro Sagrado¹⁴⁶” que deve ser aberto nos trabalhos maçônicos e colocado no “altar dos juramentos”, sendo escolhido de acordo com a crença da maioria dos “obreiros¹⁴⁷”. O tópico 22 afirma que todos são iguais dentro da loja; o 23 pede a “conservação secreta dos conhecimentos” que só podem ser transmitidos a outros maçons. O artigo 24 aponta como finalidade da “ciência especulativa” maçônica o ensinamento moral. O artigo 25 – tão citado quanto o 18 – afirma a:

“Inalterabilidade dos anteriores, nada podendo ser-lhes acrescido ou retirado, nenhuma modificação podendo ser-lhe introduzida. Assim como de nossos antecessores os recebemos, assim os deveremos transmitir aos nossos sucessores¹⁴⁸.”

Moulin (um autor maçônico) comenta que o termo *Landmark* se refere às “*leis não escritas, ou regras consagradas pela prática na Maçonaria (...)* *Landmark é uma palavra inglesa aplicada ao direito maçônico. Foi tirada da Bíblia e significa Marca, senda, ‘sinal sagrado e inviolável que dividia terras de diferentes donos*¹⁴⁹”. Ressalta o caráter de tradição das *landmarks*: “*essas leis não escritas remontam a épocas que a memória e a história não podem alcançar. O primeiro requisito para que uma prática ou norma de ação*

¹⁴⁴ *Id; Ibid*; p. 213.

¹⁴⁵ Uma representação bastante genérica da divindade para os maçons.

¹⁴⁶ O “livro sagrado” não é obrigatoriamente a Bíblia, se os componentes da loja assim o desejarem, pode ser o Alcorão, por exemplo.

¹⁴⁷ O maçom é denominado também de “obreiro”.

¹⁴⁸ *Id; ibid*; p. 222.

¹⁴⁹ Cf. MOULIN, Milton. *Treze instruções para aprendizes maçons*, p. 105.

constitua um landmark é que ela tenha existido desde uma época que escape à memória dos homens, eis que sua antiguidade¹⁵⁰ é seu elemento essencial¹⁵¹.”

A palavra foi empregada pela primeira vez, segundo esse autor, em 1723, nas *Constituições de Anderson*. Há, segundo ele, várias compilações de *landmarks* e elas variam entre si enormemente. Dentre os compiladores mais famosos o mais citado é Mackey¹⁵², cuja compilação foi elaborada em 1856. Esclarece Moulin:

“As ‘Constituições de Anderson’, publicadas em 1723, no alvorecer da Maçonaria Especulativa, são a base doutrinária **escrita** da Maçonaria, enquanto os Landmarks constituem a sua tradição que, até Mackey, se transmitia oralmente¹⁵³.”

A maçonaria dessa fase, em que um *habitus* maçônico pareceu cristalizado, e em que a instituição não precisava se engajar em grandes lutas históricas, seguiu fundamentalmente as diretrizes dos *landmarks* ou lindeiros. As lojas se apresentavam como independentes entre si, se submetendo administrativamente à “potência”. Nem todas as lojas possuíam local próprio para reunião¹⁵⁴ e reuniam-se, algumas, no prédio da potência, no caso da *Grande Loja Maçônica do Pará*. Dos anos 50 aos 80, pode-se dizer que as lojas se proliferaram de modo semelhante entre as duas “potências”, que disputavam o mesmo espaço de poder, como em um sistema dinâmico estável, sendo que o *Grande Oriente* era mais centralizado em relação ao segmento da *Grande Loja*. Pode-se conferir essa expansão a partir do seguinte quadro, com as datas de fundação das lojas fornecidas pelas potências:

¹⁵⁰ A idéia é motivo de embates entre os maçons, o que virá em outro capítulo.

¹⁵¹ *Id: Ibid*; p. 106.

¹⁵² Cf. Anexo.

¹⁵³ Moulin, *Op. Cit*, p. 108.

¹⁵⁴ Conforme já dissemos, muitos prédios tiveram que ser vendidos.

As novas lojas das duas potências dos anos 1950 aos 1980 ¹⁵⁵ . (Quadro 3)	
	
1. Apolinário Moreira (1957)	1.Lauro Sodré (1958)
2. Fênix (1957)	2. Esperança da Amazônia (1965)
3. Padre Eutíquio (1963)	3.Major Adolfo Pereira Dourado (1965)
4. Abolição (1967)	4.João Salomão Filho (1980)
5. Independência (1983)	5.Venerável Osvaldo Rezende (1981)
6. De Campos Ribeiro (1984)	6.Luz e Fraternidade de Belém do Pará (1982)
7. Fênix e Fraternidade (1984)	7.Paes de Carvalho (1982)
8. Nicandro Seixas (1984)	8.Fanoel (1983)

As condições para que se consolidasse uma arena de embates se deram somente a partir de 1927, quando a *Grande loja* foi fundada e passou a concorrer pelo mesmo espaço que o *Grande Oriente do Brasil*. Porém, os aspectos referentes à ritualística, como a construção da pessoa do maçom, corroboraram para que a instituição afirmasse uma identidade, afirmando, desse modo, uma certa diferença em relação ao campo da política. Em expansão, com dissidências internas e conseqüente surgimento de novas lojas, o espaço maçônico não parecia estar tão tensionado por tantos embates como a partir dos anos 90, pois se fundavam lojas e não potências radicalmente discordantes do sistema empregado. As duas potências, obedientes às *landmarks*, sem dúvida equiparavam-se em termos de fundação de novas lojas.

A *Grande Loja* acabou angariando bem mais adeptos que o *Grande Oriente*, e este reivindicou para si uma representação de maçonaria mais “seletiva” e reservada, afirmando exigir “mais qualidade” que quantidade de membros. A *Grande Loja* se tornou o segmento que passou a predominar em Belém do Pará, em número de integrantes. As duas potências

¹⁵⁵ As datas de fundação foram fornecidas pelas potências.

foram criadas dentro da *regularidade* e reivindicaram para si a relação ideológica com a Inglaterra e, portanto, a identificação como maçons “regulares”¹⁵⁶, porque isso lhes afirma a identidade maçônica, dentro de uma organização que tem princípios definidos. E que, em Belém do Pará, ganhou respeitabilidade internacional desde cedo.

Desta forma, além da abertura de novas lojas marcarem a expansão da presença maçônica na cidade, a maçonaria procurava afirmar algo a respeito de si ao nomear as lojas. Ao observarmos os nomes das lojas fundadas na cidade, nota-se que elas foram nomeadas de três formas: para homenagear um grande maçom do passado, como a loja *Lauro Sodré*; para evidenciar certa intenção de um maior engajamento social, como a loja “Esperança da Amazônia” (do Grande Oriente, de *rito moderno*) fundada após o golpe de 1964, ou para ressaltar o caráter místico da maçonaria, como a *loja Fênix*, que evidencia um símbolo do esoterismo: na mitologia egípcia é um pássaro que sempre ressurgue das cinzas, símbolo do renascimento.

A maçonaria local necessitou se transformar de acordo com o contexto histórico, redefiniu quem entrava na Ordem e logo passou a dar entrada também para outros segmentos que não tinham títulos de nobreza, mas tinham capital econômico para isso: uma classe média em ascensão. Como cresceu o número de integrantes, que muitas vezes eram oriundos dessa classe média, cresceu também os tipos de relação estabelecida com a maçonaria: não mais um pequeno grupo que praticava a “arte pura”, independente em relação ao mercado, muitas vezes até sem um local físico para reunião, mas um grupo que crescia cada vez mais, tornando a maçonaria uma organização mais complexa, quando a “Arte real” passou a se relacionar mais fortemente com outros campos, inclusive com o econômico, necessitando também de uma organização administrativa mais adequada para uma espécie de institucionalização da ordem maçônica, com locais fixos para reunião, templos, corpo administrativo, tesouraria, secretaria, salas para a reunião das “damas da fraternidade” (esposas dos maçons ou sobrinhas) que se encarregavam da filantropia; auxílio para as viúvas de maçons, etc.

¹⁵⁶ Caberia quanto a isso nos perguntarmos sobre a posição de uma maçonaria local em relação ao contexto mundial. Apesar de ambas reivindicarem a relação com a Inglaterra, na prática, apenas maçons do Grande Oriente são recebidos pela Grande Loja Unida da Inglaterra. E, segundo a fala de alguns atores desta potência, o Grande Oriente possui planos de estreitar mais ainda estas relações.

A partir dos anos 50, principalmente na *Grande Loja*, foram lançadas edições maçônicas praticamente artesanais que não visavam o grande público e, sem publicidade, não movimentaram editores, nem editoras, e nem o consumidor não-maçom; ficaram praticamente restritas ao quadro maçônico¹⁵⁷. Dentre essas, destaco: o livro de Cândido Marinho da Rocha, por exemplo, *Biografias Maçônicas Paraenses*, é de 1978. Há outras obras como: *Em Busca da Verdade; maçonaria e as necessidades de mudanças; os três julgamentos do mestre*. Todos lançados nesse período, pelo segmento da *Grande Loja*.¹⁵⁸ O dado, no entanto, traduz que havia uma filosofia maçônica e um interesse dos maçons locais por essa filosofia, além de uma discussão sobre mudanças na instituição, algo perceptível através dos títulos dos livros.

A existência de fato e de direito de um campo maçônico, de embates¹⁵⁹, de reuniões, de congressos nacionais¹⁶⁰ e internacionais passaram a afirmar politicamente a existência e o processo identitário da comunidade, também permitiram que o *habitus* maçônico fosse exposto. Ao convidarem a comunidade maçônica a recuperarem o modo de agir da maçonaria junto às lutas “cívicas”, nesses congressos, era afirmado implicitamente também o seu contrário: que realmente a maçonaria tinha em certo momento do passado se afastado de uma política de cunho mais atuante. A partir dos anos 50, depois de quase uma geração em que nenhuma loja maçônica era fundada na cidade, modificando posições no espaço maçônico, o Congresso maçônico de 1957 aconteceu para levantar uma reflexão sobre o papel da maçonaria. Havia um *habitus* instituído, mas não um espaço consolidado. A existência da instituição, assim como no campo das artes, passou a necessitar do contato com outros campos para se manter, configurando um campo relativamente autônomo.

¹⁵⁷ Tanto que nem tive acesso. Um de seus autores alegou que havia perdido o “disquete”. Portanto, nessa fase nem se pode falar em publicidade do pensamento maçônico na cidade.

¹⁵⁸ Esses títulos podem ser conferidos em www.glmpa.com.br. Acesso em 30/08/2005.

¹⁵⁹ Em 1965, foi apresentada “a tese *Organização Eleitoral Maçônica*, escrita pela Grande Loja do Pará, (...) foi outra tentativa para a atuação política da Maçonaria.” Cf. Belon Lima, op. Cit, p. 79. Um dos embates internos da maçonaria é que ela afastou-se demais da cena política e das lutas sociais, os maçons gostariam de retomar esse aspecto engajado da maçonaria. E muito se discute em encontros nacionais a respeito disso.

¹⁶⁰ Em junho de 1957, por exemplo, foi realizada a *V mesa da Maçonaria Simbólica Regular do Brasil*, em Belém do Pará, que, segundo BELON LIMA, “recomendava doze itens às Grandes Lojas participantes, através dos quais proclamava que os maçons brasileiros deveriam retornar às lutas cívicas, cumprindo seus deveres para com a Pátria e a Humanidade”. Cf. BELON LIMA, *Op. Cit*, p. 73.

Assim, estas interconexões entraram na maçonaria que se constituiu a partir dessa fase em Belém do Pará: de relativa autonomia, ela se revelou como fragmentada por diferentes modos de agir dos maçons (apesar de o Rito de iniciação ser o mesmo para a maioria das maçonarias, ou seja, eles freqüentaram a mesma escola) e por diferentes objetivos e buscas de seus participantes. Assim, as inter-relações que a maçonaria configurou nessa fase tiveram como consequência a sua expansão em diferentes setores de atividades, e, portanto, por outro lado, diferentes interesses e *habitus* cultivados no maçom.

A maçonaria passou a se constituir de vários locais ou lugares de interesse, de atividades. O maçom *Salazar*, utilizando-se de outras metáforas, comentou quanto a isso:

(...) quando você fala em maçonaria... você está imaginando um bloco único...mas a maçonaria ela é cheia de subdivisões... é como se fosse o aparelho estatal de segurança...ele é um só no seu todo...mas tem a polícia..tem o exército...a marinha...a aeronáutica...tem a polícia militar...tem a polícia federal... tem o serviço secreto...então existem diversos/diversas secções dentro da maçonaria... ela não é um bloco único e compacto¹⁶¹ (...)

Uma interconexão local da instituição foi iniciada nessa fase quando uma pequena loja comercial de produtos maçônicos em Belém foi inaugurada. Na época de sua fundação, essa loja era, contudo, restrita ao mundo maçônico, pois se dedicava a confeccionar a indumentária maçônica e comercializar símbolos ligados à maçonaria. Mas tal fato representa muito para uma instituição que era completamente fechada ao mundo *profano*, em relação à sua simbologia e filosofia, deixando transparecer o surgimento de uma nova

¹⁶¹ As normas seguidas para as transcrições seguiram os trabalhos de Marcuschi (1986) e de Angela Dionísio (1998) que por sua vez basearam-se no projeto NURC (Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Linqüística Culta). Assim, a partir disso, usamos os seguintes critérios na transcrição, a partir também dos objetivos desta pesquisa, que não são lingüísticos, mas temos a preocupação de diferenciar os discursos utilizados. Assim, não observamos todos os fenômenos da conversação, mas apenas aqueles mais importantes para o sentido e o contexto da narrativa. A seguinte lista foi extraída de Dionísio (1998).

- a) ... =pausas em geral, não cronometradas após um segundo;
- b) () = contém os segmentos ininteligíveis;
- c) / =truncamentos, isto é, cortes numa unidade lingüística;
- d) MAIÚSCULAS = marcam os segmentos produzidos com ênfase;
- e) (()) = contém os comentários da transcritora;
- f) P = pesquisadora;
- g) I = Informante;
- h) **demarcada por asteriscos** = marca os trechos de fala com imitação de traços prosódicos;
- i) **demarcada por asteriscos** e sublinhado = citação de fala de personagens, heterocitação;
italico = citação da fala de personagens, autocitação.

ética para a maçonaria, de secreta e voltada para a filosofia, para uma maior publicização de sua existência e finalidade. É importante observar que os processos iniciados nessa fase tenderão a se acirrar a partir dos anos 90.

Além disso, a divisão em grupos, que se traduzem na fundação de novas lojas, e na instituição de outros ritos (nesse momento a pluralidade passou a ser permitida e vista sem grandes alardes) adentrou o universo maçônico de um modo mais intenso do que no início das atividades maçônicas no Brasil.

Com o desenvolvimento da filosofia interna da Ordem e o exercício de diversas ritualísticas que têm, segundo um maçom, dentre seus objetivos desenvolver o “adestramento mental”, o que ficou evidente nessa fase, segundo alguns maçons da cidade, foi a atração de muitos militares para a instituição, já que ela sempre os interessou. Os militares sempre foram uma presença forte na instituição. Maçons quando recuperam e se referiram a esse contexto histórico no Brasil, contudo, informaram sobre o ingresso intenso dos militares¹⁶² nessa fase. Para *Salazar*, o “adestramento mental” proporcionado pelo exercício da ritualística foi o responsável pelo ocorrido. Mais ainda, a questão do poder:

(...) Os militares têm algo em comum com as ordens religiosas: cadeias de comando...disciplina...especialização...outro ponto de contato: comando...controle...comunicações... comando... comunicações e controle (...)

Além disso, os militares lembram os maçons e suas práticas na valorização da hierarquia, com suas patentes semelhantes aos graus maçônicos; como também a movimentação disciplinada do corpo durante a marcha, que para os maçons ocorre na ritualística.

O maçom E.P.C, 77 anos, por exemplo, um dos fundadores da loja “Esperança da Amazônia”, é aposentado da Aeronáutica. Contou ainda que essa “loja” surgiu da necessidade de se praticar com mais afinco a filantropia e o *Rito Moderno*. Esta loja surgiu logo após o golpe de 1964, em 1965. Queriam uma “loja forte” com pessoas engajadas e convictas, para “dar a firmeza e fortalecer a maçonaria na Amazônia”. Durante a ditadura

¹⁶² O fato não é novidade. Segundo Tourret, no final do século XVIII, na França, existiam lojas militares: “havia em 1790 cerca de 70 Lojas militares, reunindo cerca de 15.000 Maçons no exército. As escolas militares eram numerosas (mais de 15 em 1780). Elas desenvolviam um ensino de alta qualidade.” Cf. TOURRET, *Op. Cit*, p. 38.

foram “perseguidos” - relatou que entraram na loja muitos militares para espionarem as atividades do grupo, eles nada encontraram, segundo este maçom, pois a maçonaria só deseja o “bem estar da humanidade”.

Os maçons que ingressaram na maçonaria neste período e que hoje têm alguns deles por volta de 70 anos, contam como e com que objetivo entraram na maçonaria: W.M, por exemplo, escritor, sociólogo, jornalista, funcionário público aposentado, conta que tinha tentado entrar para a maçonaria durante o período do regime militar, mas sua proposta simplesmente desaparecera. Confidenciou que fora injustamente acusado de participar da guerrilha na Amazônia e por isso fora preso, isto lhe teria prejudicado bastante a reputação e ele acha que talvez tenha sido este fato o motivo da primeira recusa. Nos anos 80 (época da reabertura da democracia no Brasil) sua proposta fora reapresentada e aceita. Desde a adolescência cultivava o desejo de entrar para a maçonaria que, para ele, trata da “própria experiência da evolução do homem no planeta terra.” W.M, como a maioria dos maçons entrevistados dessa potência, ressaltou muito mais o caráter místico da maçonaria do que seu aspecto passado de engajamento no social e na política.

O maçom “Walmero” (nome fictício) entrou há 30 anos atrás na maçonaria, por volta dos anos 70, na loja *Harmonia e Fraternidade no. 09*, da *Grande Loja Maçônica do Pará*. Ele é um dos militares que ingressou nesse período, sendo *militar da reserva*. Afirmou que entrou na maçonaria pela fraternidade que ouvia falar e pelo companheirismo. Seu objetivo na maçonaria é se “aperfeiçoar espiritualmente e desbastar a pedra bruta”. Para ele, “a pessoa melhora de vida porque trilha outros caminhos. Em todos os sentidos. Tem ensinamento bonito. Tem irmãos que fazem dela religião. Para ser maçom é preciso acreditar em Deus.”

*Nélson** é Funcionário Público Estadual, aposentado e oficial reformado do *exército*, de Grau 18. Ingressou na loja *Firmeza e humanidade* (GLMPA) em 20 de Janeiro de 1986. Tinha parentes maçons. Procurava “*melhor conhecimento e desenvolvimento espiritual*”. Ressaltou *pertencer também ao Lyons e ainda que os “rituais só ensinam o que é bom. Se a gente faz alguma coisa que é pra fazer...contra os nossos regulamentos, já está infringindo os mandamentos. Eu acho que durante estes anos eu tenho sido um bom*

maçom...Corrupção quando ocorre o maçom é expulso da ordem. O maçom erra, trilha pelos caminhos errados aí ele é expulso da ordem...”

V. S.A. também é *ex-militar*, piloto civil, pára-quedista, advogado. Afirmou ser Grau 33, mas “hoje não significa que seja de grande conhecimento¹⁶³”. Foi convidado em 1983. Seu ingresso na *Loja Harmonia e Fraternidade no. 09* (GLMPA) levou dois anos para ser aprovado. Acredita ter sido convidado porque tinha sobretudo “bom caráter e finanças estáveis”. Disse que sempre se interessou mais pelo aspecto místico da Ordem. Sua “mãe era esotérica”. É membro também da *Ordem Rosacruz-amorc*, da *Sociedade Filosófica de Simbolismo e esoterismo*, do Rio de Janeiro, e do *Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento*, tendo sido convidado para entrar nesse último por um maçom de sua estreita relação. Para ele, “maçonaria é escola de aperfeiçoamento. Tem os graus tem os ensinamentos”. Recordou de alguns conflitos que vivera na ordem quando entrara: diziam que ele queria fazer universidade sem fazer vestibular. Ele se adiantou nos conhecimentos e isso veio a chocar os outros maçons. Ele pesquisava. Isso gerou conflitos. Ele se considera muito questionador. Isso já está superado. Criticou também a vaidade de alguns que fundam outras potências.

Desse modo, esses posicionamentos demonstram que a maçonaria se tornou um campo de embates, além de ter recebido integrantes interessados muito mais no simbolismo da Ordem que nessa fase se tornou um aspecto mais valorizado do que no início do processo.

O maçom *Salazar*, filho de um maçom, físico, 50 anos, contou que entrou para a maçonaria, dentre outros motivos, porque seu pai tinha formação militar e lhe influenciou:

“(...) a maçonaria é o portal mais sério de acesso aos mistérios (...) A influência veio do meu pai que era maçom... mas muito antes de ser maçom... ele muito mais do que ser maçom...ele era um místico no sentido sério da palavra... ele era *militar*...oficial da Marinha...do corpo dos fuzileiros navais...e um estudioso sério disso (...)”.

Afirmou ainda que ele mesmo tem formação militar:

¹⁶³ Afirmativa ocorrida no contexto de um embate local, proferida em razão do surgimento da maçonaria mista e em resposta indireta à frase em que Seixas afirmou ser grau 33, e que portanto tinha o direito de fundar novo segmento.

(...) a minha formação militar...eu tenho sido doutrinado desde os 13 anos...nas amarras do positivismo (...)

Assim, a maçonaria passou a dar ingresso na Ordem não só por aqueles que têm nas *origens* o seu trunfo para o *jogo* e sim por novos personagens integrantes de outro contexto histórico, como por exemplo:

*Moacir**, da loja Mosqueirense no. 41, corretor de seguros, 56 anos, na loja exerceu a função de *mestre de cerimônias*, sendo venerável *Past-master*¹⁶⁴, grau 14. Foi convidado para entrar, ressaltou que na maçonaria “cada um faz seu próprio estudo. Há milhares de temas. Uns gostam mais da ritualística e outros da...”(não completou). Ele gosta mais da ritualística. Sempre gostou do “simbolismo e da virtude da ordem”. Tem 20 anos de maçonaria, adquiriu conhecimentos gerais, elevou seu nível cultural e se aperfeiçoou como cidadão. Afirmou ainda ter se aperfeiçoado “moralmente, espiritualmente e culturalmente através dos conhecimentos que [foi] adquirindo dentro da ordem”.

V. P. , advogado, ingressou na loja *Antônio Baena* em 16/03/1961. Depois foi para a *Fênix 27*. Evidenciou que para entrar na maçonaria é necessário “crer em Deus e numa vida futura. Valorizar a Pátria e a família”. Soube que o maçom tinha que “se comprometer a melhorar o seu caráter” e pensou que “uma instituição dessas não pode ser ruim. Por isso entrei”. O objetivo da maçonaria, disse, é “tornar feliz a humanidade, sem sectarismo. A ordem é principalmente espiritualista, porque se não acreditar em Deus, não entra”. V. P. é o líder do *Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento* na cidade, tendo levado vários outros maçons a ingressarem nessa outra instituição. É membro também da ordem Rosacruz-amor.

Dessa forma, em outro contexto histórico, um campo maçônico se constituiu com diversos elementos sendo valorizados: a filantropia, o segredo, a política, o simbolismo, a Moral.

¹⁶⁴ Aquele que já exerceu a função de líder de uma loja.

Ao observar os dados recolhidos¹⁶⁵, notei que em Belém do Pará, a maçonaria encontrou um terreno fértil para o desenvolvimento dos aspectos ligados ao simbolismo da Ordem. Muitos de seus integrantes pertencem a outras ordens esotéricas, além da maçonaria, revelando-lhes um perfil. A maçonaria é sempre enfatizada em seu aspecto místico, pois a justificativa de praticamente todos os maçons para o fato de se interessarem em ingressar na instituição foi a busca mística e/ou aperfeiçoamento moral.

Assim, a partir dos anos 50, a maçonaria retomou o seu desenvolvimento, e o *quem entra* foi modificado em relação à maçonaria da época da borracha, pois a maçonaria local passou a convidar como seus membros, pessoas das mais diversas atividades e níveis sociais, desde que tivessem capital financeiro para isso. A *Grande Loja Maçônica do Pará* tem em seu quadro maçons dedicados inteiramente à instituição, pois são aposentados e/ou militares da reserva. Outros são pertencentes a profissões liberais como advogados e economistas. E há também agricultores.

E, além disso, ao defenderem a questão da regularidade maçônica também enunciam algo característico da instituição, pois então versam sobre a moral e o esoterismo, desenhando-lhe fronteiras, discursam por isso sempre sobre Moral e uma filosofia ligada ao esoterismo.

O aspecto místico da maçonaria foi ressaltado sobretudo em seus graus filosóficos. Houve uma espécie de consenso no meio de que existe uma filosofia maçônica, apreendida na maçonaria enquanto uma “escola de mistérios”, e isso unifica abstratamente um território maçônico. A valoração do simbolismo (Conhecimento) da Ordem passou assim a delimitar um espaço e uma identidade maçônica. Outro depoimento de um maçom que ingressara na maçonaria do *Grande Oriente do Brasil*, pelos anos 80, e que depois rompera com essa maçonaria e ajudara a fundar a COMAB, em 2000, tem o mesmo tom de busca por uma maçonaria mística. Diante da pergunta sobre o que esse maçom buscava na maçonaria, ele respondeu:

(...) Uma busca que já estava latente em mim desde criança...uma busca pelo desconhecido...uma busca por aquilo que eu não via mas que eu sentia dentro de

¹⁶⁵ Depoimentos recolhidos durante as pesquisas de campo, de 2002, (Dezembro-março) de 2003 (janeiro a abril) e de 2004 (janeiro e fevereiro), entre os maçons da *Grande Loja*.

mim...alguma coisa que estava além do meu conhecimento e que eu queria ir mais além...a eterna busca do ser humano...e isso encontrei na ordem maçônica...e na Rosacruz...e me envolvi com isso aí...veio a maçonaria... as duas...a maçonaria tem que ir mais fundo na pesquisa...a maçonaria é mística...os 4 elementos: terra...fogo...água...e ar...esoterismo é místico...maçonaria é mística...a simbologia das velas...incenso...tudo tem significado esotérico...a maçonaria ela é gnóstica... a maçonaria significa tudo: conhecimento...sabedoria...ordem...perfeição (...)¹⁶⁶

Assim, dos anos 50 até os anos 80, o espaço da maçonaria local continuou com seu processo constitutivo, mas consolidou um *habitus*, de 1857 a 1989, (mais de um século de práticas maçônicas) agenciado por discursos filosóficos semelhantes entre seus agentes, entre outros elementos já citados que constituíram esse campo.

Dessa forma, na ordem maçônica, ter-se-á o que a unifica abstratamente, independente de qualquer discórdia, pois o mundo maçônico – fora de tempo, lugar e espaço contém uma filosofia: A *ordem* na instituição passou a ser agenciada por um discurso interno ao meio que o unificou abstratamente. Por isso a maçonaria demarca suas fronteiras quando afirma na epígrafe supracitada: “que ninguém entre aqui se não é Geômetra”. Mas também a afirma através de outros mecanismos. Conforme Bourdieu: “definir as fronteiras, defendê-las, controlar as entradas, é defender a ordem estabelecida no campo¹⁶⁷”.

A geometria enunciada anteriormente na epígrafe de Pitágoras, como a lei fundamental, ou seja, como “ponto de vista fundador do campo”, representa um primeiro rastro sobre o jogo do “microcosmo¹⁶⁸” maçônico.

O enunciado de Pitágoras, em contexto maçônico, evoca, dessa forma, a lei fundamental e abstrata da maçonaria: a de que *só entra quem for de dentro*, isto é, quem tiver alguma afinidade com o universo da instituição, que começa a se revelar a partir do princípio da geometria¹⁶⁹.

¹⁶⁶ CS. Da COMAB, em março de 2003. Ex integrante da loja “Nova Betel”, já extinta, do *Grande Oriente do Brasil*.

¹⁶⁷ Bourdieu, *Op. Cit.*, p. 255.

¹⁶⁸ Bourdieu comenta que os “universos de especialistas funcionam como *microcosmos* relativamente autônomos, como espaços estruturados” in *As Regras da Arte*, p. 232.

¹⁶⁹ Denominada por um informante de “geometria sagrada”.

A geometria, como linguagem metafórica, aparece como conhecimento da proporcionalidade das coisas, segundo um maçom¹⁷⁰. Para ele, a geometria traduz o fato de o mundo ser visto como algo ordenado, tendo sido criado pelo “Grande Arquiteto do Universo”, sendo o próprio universo uma obra arquitetônica, com “proporcionalidade, beleza de estrutura, cálculo, ordem” – tudo que há na geometria. Segundo alguns maçons, como Von-Rommel, da maçonaria local, tudo que está desordenado tende a se organizar de acordo com leis pitagóricas. Para a maçonaria, o caos esconderia uma ordem. Além disso, os maçons consideram-se herdeiros dos construtores de catedrais. Para eles, o universo é pitagórico e por isso o maçom deve ter certo conhecimento da geometria, porque ele mesmo terá que se aprimorar e trabalhar em sociedade inspirando-se nos instrumentos do pedreiro (“*tem que ser como a régua, tem que ser como o prumo*” – disse um informante) para aperfeiçoar-se como pessoa e construir a sua “obra” na terra. Ou seja, é desta forma que um maçom deve se conduzir, segundo alguns de seus maçons propagadores dessa filosofia.

Além disso, já se estará dentro do *jogo* aquele que for nascido dentro dele, isto é, as ligações de parentesco são vitais na maçonaria e a família do maçom terá um papel na mesma: a filha de um maçom (irmão) será considerada “sobrinha” para outros maçons; a esposa, se quiser, ajudará com a prática filantrópica e o filho de um maçom raramente deixará de entrar para a maçonaria. Geralmente, quando ainda adolescentes, os filhos do sexo masculino ingressam na *Ordem De Molay*¹⁷¹, e começam a se habituar ao mundo maçônico, pois têm nas *origens* o seu trunfo para o jogo.

O outro modo de entrada nos segmentos maçônicos (até esse momento, havia apenas os segmentos “regulares”) é ser convidado porque se tem capital financeiro para isso, sem prejuízo para o orçamento familiar, e interesse em participar da comunidade e de tudo que ela oferece.

¹⁷⁰ Maçom natural da Espanha, residente em Madri, filiado a uma loja italiana chamada “Fratelanza Cosmica”, sociólogo, professor-visitante do Centro de Geociências da Unicamp. Entrevista em agosto de 2004.

¹⁷¹ Em Belém do Pará, os *De Molay* costumam ajudar nas festividades do Círio de Nazaré. Têm ritual próprio e frequentemente participam de palestras proferidas pelos maçons que lhes visitam.

Outra maneira ainda de se provocar um convite para a entrada na Ordem é ter *capital simbólico* como contribuição a dar, a exemplo do maçom Von-Rommel, considerado um grande estudioso do esoterismo, foi convidado a entrar na maçonaria por conta disso, já que participava anteriormente de outras instituições. Da mesma forma, o maçom *Salazar*, apesar de ser filho de maçom, não ingressou na maçonaria por conta disso, contou ter provocado o convite, depois de ter proferido inúmeras palestras sobre numerologia para os maçons da *Grande Loja*.

Enfim, simbolismo¹⁷² e política caminharam conjuntamente na instituição desenhando-lhe fronteiras, em que, de acordo com o contexto histórico, a ênfase era dada mais para um ou outro aspecto. Assim, quando se examina sua história específica na cidade, notamos que as cenas de revolta e os ataques à instituição foram sempre motivados por esses dois temas: a rebelião da Cabanagem; a questão religiosa ou dos Bispos em oposição à maçonaria; a eleição de Lauro Sodré, demonstrando como a instituição conseguia influenciar nos caminhos políticos de uma cidade; a mudança de ritualística para outra, de linha conservadora e rica em simbolismos, que muito agradou aos maçons paraenses, já que eles, em sua maioria, afirmaram buscar esse aprendizado na instituição e de tudo que ela envolve.

Em seguida, demonstrarei a forma como a maçonaria se constitui como instituição, descrevendo a ritualização através da qual um maçom compõe seus valores e começa a fazer parte de uma comunidade.

¹⁷² Afirma Moulin: “A maçonaria filosófica tem por objeto o estudo metódico e detalhado dos símbolos maçônicos, sendo, assim, uma extensão da maçonaria simbólica. Começou ela a se delinear em 1817 (Maçonaria do Real Arco, - Escocês Reformado) para se firmar ao fim do século XVIII (1786 – 1800). Representa a especialização dos estudos do simbolismo. Maçonaria filosófica é nome genérico para os diversos ritos atualmente praticados no mundo.(...) Cf. MOULIN, *Op. Cit*, p. 70.

II – Um “mundo à parte”: os *multilugares* do campo

2.1) Lugares do Segredo

“Ven.: (bate!) – Ir :. 1º. Vig.: entre vós e mim existe alguma coisa?

1º. Vig.: – Sim, Resp.: Mestr.:, um culto.

VEN.: Que Culto é esse?

1º. Vig.: – É segredo.

VEN.: – Que segredo é esse?

1º. Vig.: – A Maçonaria.”

(Instrução de 1º. Grau, do Rito Escocês Antigo e Aceito)

A maçonaria constitui-se de vários lugares de interesse, sendo o segredo um tema comum a todos, pois todas as ações maçônicas têm algo de secreto: a filantropia, a ajuda mútua, o ritualismo. No meio maçônico o maior ou menor princípio de guarda desse segredo é polêmico, pois na recolha de dados etnográficos se percebe que o limite do que deve ser dito ou não, não é claro entre os maçons. Há maçons que afirmam que atualmente a maçonaria não teria mais qualquer segredo, admitindo, contudo, que os signos de reconhecimento que fazem com que os maçons se reconheçam uns aos outros são defendidos ardorosamente como de fato secretos. Quer os maçons concordem ou não que o segredo exista, como um conteúdo, como um princípio moral, ou como uma técnica, o tema é estruturante de um campo maçônico¹⁷³. Ou seja, há sempre a idéia de segredo no ambiente maçônico, mesmo que o segredo (como um conteúdo) sequer exista. E há segredo enquanto meio de reconhecimento entre eles e como signo de pertencimento à comunidade maçônica – e nisso todos concordam.

O segredo é o principal marco de qualquer sociedade secreta. Embora alguns autores maçônicos considerem a maçonaria como “discreta” ao invés de “secreta”, o tema não deixa por isso de estar sempre associado à maçonaria¹⁷⁴. E, além disso, levando-se em consideração que cada “segmento” de maçonaria posiciona-se de uma forma quanto à questão, há posições semelhantes entre alguns segmentos de que a maçonaria nada teria de

¹⁷³ Pelo menos em Belém do Pará, *locus* da pesquisa.

¹⁷⁴ Muitos livros que adquiri sobre maçonaria encontrei na sessão de “sociedades secretas” ou “esoterismo”.

secreto e outras radicalmente discordantes dessa posição e que se comportam quase que inteiramente como sociedades secretas¹⁷⁵.

O segredo, de acordo com Simmel, denota primeiramente um “sentido sociológico exterior¹⁷⁶”, que se trata de uma relação de alguém que detém um segredo com alguém que não o detém. Assim, pode-se dizer que o maçom é aquele que detém, de modo simbólico o sentido do segredo, um princípio apreendido e incorporado para que ele faça parte da comunidade. Ele se contrapõe aos que não fazem parte da instituição que não possuem essa diretriz – são os “não-iniciados”. E já que o “comportamento de seus membros é de segredo diante de elementos exteriores” como sabermos se estamos de fato diante de uma sociedade discreta sem segredos ou diante de uma sociedade discreta com segredos? A tendência de alguns maçons pode ser a de dissimular esse princípio para não atrair a atenção para si e/ou a curiosidade de algum *profano* intrometido em “assuntos internos da ordem¹⁷⁷”.

O segredo pode ser interpretado sob diversos aspectos. Segundo Simmel, toma um aspecto sociológico “interior”, quando o grupo toma o segredo “como forma de existência¹⁷⁸”. A partir dessa colocação do segredo do exterior para o interior da sociedade secreta, o autor passa a destacar as relações que se configuram internamente a partir da colocação do segredo como estruturante de um grupo.

O primeiro aspecto é a confiança que deve ser alicerçada no grupo, condição para que o próprio continue existindo e o segredo se torna assim uma estratégia de proteção face ao exterior. Diante da intenção de se proteger de influências externas há também o objetivo de reforçar os laços do grupo para que haja confiança recíproca e treinar também em seus membros a capacidade de se calar.¹⁷⁹

¹⁷⁵ Como a maçonaria mista da cidade, fundada em inter-relação com o espiritismo, sob a direção de Carlos Correia Seixas.

¹⁷⁶ Afirma: “le sens sociologique du secret est extérieur: c’est la relation de celui que détient le secret avec celui qui ne le détient pas.” Cf. SIMMEL, G. « La société secrète » in *Sociologie : études sur les formes de la socialisation*. Presses Universitaires de France, p. 379.

¹⁷⁷ termo dito por um “venerável” que se recusou a me receber para falar sobre a maçonaria.

¹⁷⁸ “le secret détermine désormais les relations réciproques de ceux qui le détiennent tous ensemble. » Id, Ibid, p. 379.

¹⁷⁹ “la première relation interne essentielle à la société secrète, c’est la confiance réciproque de ses éléments. Et celle-ci est nécessaire dans une mesure tout à fait particulière, parce que la finalité du secret est avant tout la protection (...) A cette qualité extérieure de la société secrète – son caractère de protection – correspond

A capacidade de se calar seria, dessa forma, a primeira qualidade exigida de um maçom, diante dos “segredos” que ele poderá conhecer entrando na Ordem, como se essa fosse uma escola, em que uma espécie de segredo revelar-se-ia gradualmente, exigindo-se assim, uma atitude ética e moral diante desse “segredo”. A maçonaria tem, dessa forma, aspectos que a assemelham às sociedades secretas, como o aprendizado do *habitus* da instituição nas ritualizações de graus¹⁸⁰. Lugar esse que, como foi visto no capítulo anterior, ganhou maior relevância e desenvolvimento como consequência da transformação de postura política da maçonaria como sociedade de radicalismo político.

Além dessa auto-disciplina, afirma Simmel, que a confiança que um ser humano deposita em outro representa um valor moral muito alto¹⁸¹. Constitui dessa forma a sociedade secreta como uma “escola muito eficaz da solidariedade moral entre os homens¹⁸²”, baseada em uma espécie de “fé” que se dá ao outro na forma de confiança. Mas essa confiança não é dada gratuitamente e sem a mediação de um ritual – local em que esse respeito pelas normas deverá ser incorporado.

O segredo, desta forma, funcionaria primeiramente como um princípio moral norteador da instituição, constituindo o segredo como uma espécie de comprometimento ético diante da instituição. Princípio este, mais do que apenas assimilado, performatizado nas ritualizações de graus¹⁸³, sobretudo nos momentos em que o candidato faz seus juramentos de nada revelar de modo solene. Para alguns maçons da cidade, tais rituais não passam de meras formalidades, mas para outros, tratam-se de eventos que lhes transformam

une qualité intérieure: la confiance réciproque de ses membres; et il s’agit ici d’une confiance tout à fait spécifique: celle dans la capacité de se taire. Cf. SIMMEL, “La société Secrète”, pp. 379-381.

¹⁸⁰ Na Ordem *Rosacruz-amorc*, por exemplo, todo ritual ao mesmo tempo em que procura efetuar uma transformação, afirma sempre o *ethos* da instituição.

¹⁸¹ “...sont une école extrêmement efficace de la solidarité morale entre les hommes. Car il y a dans la confiance qu’un être humain porte à un autre une valeur morale aussi haute que dans le fait de ne pas décevoir cette confiance; et cette valeur est peut-être même encore plus libre et plus méritoire, car lorsqu’on nous fait confiance, nous sommes presque engagés par un jugement porté sur nous par avance, et il faut déjà être positivement mauvais pour le décevoir.” Cf. Simmel, *Op. Cit.*, p. 382.

¹⁸² Id, Ibid, p. 382.

¹⁸³ “Les sociétés secrètes recherchent naturellement le moyen de susciter psychologiquement le silence qu’on peut imposer aux individus par la force. Le serment et la menace de sanction viennent em premier lieu, et peuvent se passer de commentaire. Plus interessante est la technique assez fréquemment utilisée, qui consiste à apprendre au néophyte à se taire systématiquement dès le début”. Id;Ibid; p. 382.

a subjetividade. Esses últimos afirmam quanto a isso que “há maçons que entram na maçonaria mas a maçonaria não entra neles¹⁸⁴”.

Dessa forma, o segredo pode ser compreendido sob diversos aspectos, que podemos resumir sob as seguintes palavras: moralidade; técnica e conteúdo. Ou seja, como princípio moral adquirido nas ritualizações, o “profano” deve provar que é digno de confiança à ordem a que se inicia; segundo, como forma de auto-disciplina¹⁸⁵; e terceiro, como sinônimo de informação ou conteúdo. Dessa forma, qualquer iniciativa do maçom é mediada pela questão do segredo, seja ele sobre a ritualística ou sobre a filantropia que a instituição afirma praticar.

Da confiança decorre a própria progressão nos estudos maçônicos que é reveladora da *hierarquia*, “a organização por graus dos elementos de uma sociedade¹⁸⁶”. Se a maçonaria considerar que o maçom incorreu em algum delito ele não conseguirá ascender nos graus, sua punição será uma parada provisória no grau em que estiver¹⁸⁷. Assim, os maçons somente ascendem aos graus da ordem quando provam que podem guardar um segredo (ser digno de confiança) passando, para isso, por diversos rituais e diversas provas simbólicas que vão testar sempre simbolicamente seu merecimento ao longo de anos, pois cada grau tem um tempo determinado de aprendizado, e a passagem de um grau para outro são sempre marcadas por ritualizações. As tarefas (simbólicas) vão se tornando cada vez mais psicologicamente difíceis dentro dessas ritualizações, até que se chegue ao grau 33. Nesse grau, o ápice da maçonaria que pratica o *Rito Escocês Antigo e Aceito*, é concedido ao maçom o título que lhe outorga todos os direitos como maçom, conforme comenta um maçom que publica bastante em nível nacional e que é bastante conhecido, Rizzardo da Camiño:

¹⁸⁴ Voltarei ao tema da ritualização em outro tópico. Essa frase é bastante repetida no meio maçônico.

¹⁸⁵ Conforme um maçom, três seriam as qualidades de um “mestre”: “Saber falar; saber ousar; saber calar” ADOUM, Jorge. *Do mestre maçom e seus mistérios*: 3º. grau. São Paulo: Pensamento, 1997.

¹⁸⁶ Simmel, op. Cit, p. 389. Afirma ainda: “la hierarchisation de leurs membres sont liés à un autre de leurs traits (...) le caractère fortement *conscient* de leur vie, qui substitue aux forces organiques instinctives une volonté de régulation permanente, à la croissance de l’intérieur une finalité de construction. »

¹⁸⁷ Soube do caso de um maçom em Belém do Pará, que segundo o que me contara um maçom que exercera o cargo de tesoureiro, foi impedido de passar do grau 31 para o 32, por ter deixado de participar de várias sessões semanais de sua loja e “falado demais.” Para conseguir voltar a ascender nos graus ele teria que readquirir um comportamento maçônico discreto e ser mais freqüente na maçonaria.

“O Grau 33 é o símbolo do Equilíbrio e da Perfeição que deve alcançar o Soberano Grande Inspetor Geral face à perfeita igualdade dos dois algarismos que formam o número 33, cada um dos quais, por si só é perfeito, por ser o símbolo do Ternário; somente isso já nos daria uma idéia perfeita do Equilíbrio e da Perfeição¹⁸⁸.”

Assim as ritualizações dos diversos graus teriam entre seus objetivos verificar se o novo ingressante seria digno de confiança ou não, dessa forma, à medida que *polia a pedra bruta*, isto é, buscava o aperfeiçoamento interior, e melhorando como pessoa na sociedade, na instituição, no grau 33, o maçom – considerado *Sublime Príncipe do Real Segredo* – ainda assim continuará trabalhando a si mesmo para se aperfeiçoar, mas teria sido provado e aprovado pela maçonaria em todos os sentidos, conforme afirma Camiño:

“É a aspiração suprema de todo maçom que atingiu os últimos Graus do Consistório, já perfeitamente entrosado na filosofia maçônica e provado com profundidade em todos os sentidos¹⁸⁹”.

Sobre essa espécie de treinamento pelo qual passaria o maçom, de uma fala de repercussão nacional no meio, desloco a perspectiva para as vozes locais. Afirmo o maçom paraense *Salazar*:

(...) a maçonaria opera por filtros....vamos supor que você está bem aqui...então você é observado pelo círculo mais concêntrico...então uma série de provas...uma série de testes... não...vão fazer você atravessar a nado...não... é só pra ver se você raciocina, porque a maioria das pessoas pensam mas não raciocinam...aí você vai pro círculo mais interno... e assim sucessivamente¹⁹⁰ (...)

Para o maçom *Salazar*, do *Grande Oriente do Brasil*, a maçonaria transcenderia fronteiras de nação e se constituiria de “círculos concêntricos”. Quanto mais o maçom se tornaria maçom, mais ele se aproximaria do que ele considera a “legítima maçonaria”, localizada na Inglaterra. Sobre os “testes” necessários para isso, o maçom acredita que eles parecem transcender o momento da ritualização para provas colocadas na própria vida do maçom, para testar-lhe seus próprios limites, sua moral, sua dignidade, e saber se o mesmo seria completamente digno de confiança ou não: como se a moral fosse a condição *sine qua*

¹⁸⁸ DA CAMIÑO, Rizzardo. *Rito Escocês antigo e Aceito*, p. 364.

¹⁸⁹ Id; *ibid*; p. 372.

¹⁹⁰ *Salazar* (nome maçônico), Dr. em Física, 50 anos, maçom do *Rito de Emulação*, entrevista em fevereiro de 2003. Venerável Past-Master. Ex-membro da loja *Kabbalah*. (Grande Oriente do Brasil) a partir de 2004.

non para que o maçom avançasse nos segredos (Conhecimento) da Ordem. Segredo esse que concederia uma espécie de poder ao que o possuiria. Nesse ponto de vista, é como se houvesse uma maçonaria dentro da maçonaria (que Salazar denominou de “Círculos concêntricos”) semelhantemente ao que afirmou também o maçom Von-Rommel, também de Belém do Pará, mas de outro segmento:

(...) a maçonaria é uma escola de vida... escola filosófica de mistérios... guardiã da sabedoria oculta... o que poucos sabem é que existe uma maçonaria dentro da maçonaria... ou seja... o que entra continua sendo testado para ser admitido em outros níveis... como uma cebola quanto mais casca se tira mais se encontra... todo conhecimento dá ao que possui um grau de poder sobre os que o ignoram totalmente (...)¹⁹¹

Guardadas as diferenças de perspectivas entre esses dois agentes, já que, para o primeiro, a “legítima maçonaria” teria local e endereço certos: a Inglaterra, para o maçom Von-Rommel, essa maçonaria que ele denomina de interna dentro da maçonaria seria algo menos palpável, denominado pelo maçom de “energia”, “tradição”. Em outra entrevista, em 2004, esclareceu e retomou o assunto:

(...) o lado interno da maçonaria... é muito poderoso... o que eu posso lhe dizer é que existe uma maçonaria dentro da maçonaria... dentro da maçonaria existe uma outra maçonaria...e nem sempre o próprio grão-mestre faz parte dessa maçonaria interna e essa maçonaria interna ela é responsável pela continuidade da energia... de TRANSMISSÃO...(((da tradição?))) é... (...) a maçonaria dentro da maçonaria detém o poder desse mundo... (((tipo é uma sociedade de informação?))) toda pessoa que detém o CONHECIMENTO ela detém o PODER porque toda informação que vem em primeira mão ela é privilegiada... então a maçonaria para uns poucos privilegiados consegue um conhecimento que pode ser usado de modo a... ter poder realmente (...) hoje em dia..existe uma coisa muito interessante...o *status* de maçom é o *status* de maçom...isso não se perde...(((ela pode se expor até..mesmo assim ele estará guardando os segredos...))) mas ele não vai abrir a boca...se ele abrir a boca ele é...a cobrança vem logo depois...(((de modo geral as sociedades secretas se retraíram por causa da globalização?))) as verdadeiras sociedades secretas nunca fizeram publicidade nenhuma... a maçonaria é uma exceção à regra...sociedade secreta você nem sabe aonde elas funcionam...são poucas as pessoas que estão ligadas... existem sociedades secretas dentro das religiões... e são aqueles que mantém viva a chama da TRADIÇÃO (...) (grifos nossos)

¹⁹¹ Entrevista, jan/2003. Membro da Grande Loja Maçônica do Pará. Autor de inúmeros livros sobre esoterismo.

Assim, da confiança decorreria a entrada em uma espécie de escola regida pela hierarquia. Desse respeito pelas leis internas do grupo resultaria o desenvolvimento dentro desse “mundo à parte”, através de estudos que envolvem o esoterismo, e uma representação de maçonaria: mais voltada para a filantropia e a política, ou mais mística, envolvendo sempre noções sobre poder¹⁹² (dominação) e diversas leituras para segredo: como comprometimento moral e/ou como conteúdo (conhecimento), que por sua vez pode ser lido como estudos esotéricos ou como informação.

Além do aprendizado da discrição no grupo, o segredo apreendido desta forma significa também um aprendizado pedagógico do silêncio, quando essa capacidade de se calar representará um esforço de o maçom disciplinar suas próprias vontades¹⁹³ – uma técnica.

O segredo como técnica, isto é, como uma pedagogia para conquistar o autodomínio pelo aprendizado do silêncio revela uma outra relação na interpretação do segredo. A técnica do silêncio é comentada em vários livros nacionais relacionados ao esoterismo maçônico:

“O programa de realização está encerrado em quatro VERBOS, que são: SABER, OUSAR, QUERER e CALAR. O que sabe, quer; o que SABE QUERER, poder OUSAR, e o que SABE QUERER e OUSAR sabe CALAR, porque, o que fala não sabe nada, disse Lao Tse¹⁹⁴”.

Decorrente dessa pedagogia, o segredo é também mostrado como meio de se conseguir a realização de algum desejo. Conforme uma tradução local dessa leitura, do maçom Von-Rommel, o segredo “é um dos mais potentes meios de despertar nossa força interior¹⁹⁵”. Ou seja, qualquer desejo para se realizar precisaria ser ocultado para chegar ao seu fim. Tornar-se silencioso sobre algum desejo seria, dessa forma, uma conduta mais

¹⁹² Sobre isso Simmel comenta : « a l'élaboration de plans et au désir de construire, qui sont déjà en eux-mêmes une volonté de puissance, vient encore s'ajouter la tentation particulière d'exercer son pouvoir sur un vaste cercle d'êtres humains, déjà assujettis en esprit ou prêts à le devenir, en mettant en place un schéma de positions et de relations hiérarchiques. » Simmel, *op. Cit.*, p. 390.

¹⁹³ “...l'adepte ne devait pas seulement apprendre à taire certaines choses précises, mais d'une façon générale, à se maîtriser. Le groupe visait une stricte autodiscipline et une pureté stylisée de la vie, et si l'on parvenait à garder le silence pendant des années, on était probablement capable de résister à d'autres tentations que celle du bavardage.” Cf. Id;Ibid;p. 383.

¹⁹⁴ ADOUM, Jorge. *Do Mestre Maçom e seus Mistérios: 3º. grau*. São Paulo, Pensamento, p. 07.

¹⁹⁵ Von-Rommel. *A verdade sobre os anjos*, p. 14

uma vez moral, para que um anseio chegasse a sua conclusão. Algo que não é específico da maçonaria, mas de toda sociedade secreta que tem no silêncio um valor. Em outro sentido para segredo, em seu livro, é dito ainda que:

“A vida é feita de segredos. A tênue linha que separa líderes de liderados, generais de soldados, cardeais de padres, nada mais é do que o conhecimento aprofundado, porém sutil, dos “segredos de conduta de vida”¹⁹⁶”. Associa-se, assim, o sigilo às dicas para se conduzir na vida e se obter sucesso, fortuna e felicidade – favorecendo a realização de objetivos materiais para si e para a comunidade.

Além disso, para preservar os segredos, proíbe-se, em uma sociedade secreta, conforme Simmel, que algumas palavras sejam fixadas pela escrita¹⁹⁷. Da mesma forma, segundo dados recolhidos em campo, alguns ensinamentos maçônicos transmitidos oralmente devem ser guardados de memória e jamais escritos, como por exemplo, a “palavra semestral”¹⁹⁸, e a “palavra de passe”¹⁹⁹.

Esses tópicos exercitados de uma forma na maçonaria regular se realizam de uma forma diferente na maçonaria de Seixas. Em sua maçonaria mista (*Grande Ordem Maçônica Mista Cavaleiro da Arca da Aliança*) a “palavra semestral” tornou-se um discurso proferido pelo grão-mestre (Carlos Seixas) com a função de nortear moralmente o maçom durante seis meses.

O outro aspecto a ser considerado, segundo Simmel, é o segredo como conteúdo a ser guardado pela comunidade, ou seja, um “saber teórico, místico, religioso”²⁰⁰. Nesse caso, a

¹⁹⁶ GRANDI, Rodolfo apud Rommel, *Sem segredos*, p. 25.

¹⁹⁷ “Lorsque la transmission traditionnelle de contenus intellectuels en constitue la charnière, d’éviter efficacement qu’ils soient fixés dans l’écrit.”. Id, Ibid, p. 384.

¹⁹⁸ A « palavra semestral » renova-se, segundo Charlier, a cada seis meses : « É a mesma para todas as lojas da Obediência. Implica a perfeita regularidade do maçom que a possui e constitui, necessariamente, um segredo muito importante. O *Mestre de Cerimônias* exige-a de qualquer irmão visitante. A palavra Semestral comunica-se aos irmãos de boca a ouvido durante uma cadeia de união, especialmente organizada para esse fim. É dada inicialmente e em segredo a um Oficial de Loja (...) A Palavra Semestral não pode ser escrita. É proibido lembrá-la a qualquer irmão que a tenha esquecido. Somente ao Venerável é lícito transmiti-la àqueles que não estavam presentes quando foi dada ». Cf. CHARLIER, René. *Pequeno ensaio de simbólica maçônica*. Edições Futuro, São Paulo, 1964, p. 212.

¹⁹⁹ “A palavra de passe pede-se na trolhagem, é sinal de reconhecimento.” Cf. Charlier, *op. Cit*, p. 212.

²⁰⁰ “Il ne faut pas oublier, dans ces questions de technique du secret, que celui-ci n’est absolument pas le seul moyen qui doive favoriser les buts matériels de la communauté en les protégeant; mais qu’à l’inverse, de bien des façons, la constitution de la communauté doit servir de son côté à garder secrets certains contenus. C’est le cas dans un certain nombre de sociétés secrètes, dont la substance est une doctrine secrète, un savoir

comunidade se alicerçaria dependendo da guarda desse segredo. A substância seria uma doutrina secreta, de acordo com Simmel, “conhecimentos que não deveriam se espalhar na massa”. Mas esses “conhecimentos” têm várias interpretações entre os maçons locais. Von-Rommel exemplifica:

(...) maçonaria tem três funções na sociedade...UMA é regulador moral do mundo... segundo...é um local de ecumenismo porque lá você precisa acreditar em Deus...o Grande Arquiteto do Universo... e não interessa de onde você veio...se é protestante...católico... judeu... cristão...não interessa... e... terceiro item...é um pilar na manutenção de segredos... se algum louco descobre a fórmula da bomba atômica e publica na internet o que é que ele está fazendo? Ele tem um segredo e está entregando pérolas aos porcos... digamos que.. por analogia a maçonaria seria uma guardiã de um conhecimento que pode tanto destruir a humanidade quanto acelerar o seu desenvolvimento²⁰¹ (...)

Essas interpretações para segredo como informações valiosas que podem ser manipuladas politicamente, não encerram a polêmica sobre a questão no meio, pois o tema, muitas das vezes, dá margens à imaginação. Haveria de fato segredos enquanto informações valiosas que trariam um certo poder ao seu possuidor? Ou haveria certamente um conteúdo estudado na instituição que não deveria ser conhecido pelos não-maçons?

O tema não é discutido apenas na cidade de Belém do Pará. De acordo com dados recolhidos na pesquisa, relatados por membros do *Grande Oriente do Brasil*, um livro bastante polêmico quanto aos “segredos perdidos da Ordem”, foi lançado em 1997²⁰², no campo editorial maçônico mundial. Ele teria tido um impacto muito grande²⁰³ no meio por enfrentar diretamente essa questão, tensionando também a maçonaria mundial, segundo esses integrantes, pela revelação de várias partes do ritual de iniciação do Rito de York²⁰⁴ –

théorique, mystique, religieux. Le secret est alors une fin sociologique en soi, il s’agit de connaissances qui ne doivent pas se répandre dans la masse; les initiés forment une communauté afin de se garantir mutuellement le secret”. Id;ibid; p. 388.

²⁰¹ Entrevista em março/2004.

²⁰² Comprei esse livro por acaso, em agosto de 2003, em São Paulo, no ano seguinte, fiquei muito surpresa com o fato dele ter-me sido indicado insistentemente por membros do Grande Oriente do Brasil em Belém do Pará.

²⁰³ Recebi de um maçom do Grande Oriente do Brasil, meses depois da segunda pesquisa de campo, em 2004, um e-mail perguntando-me se já havia lido *A chave de Hiram* e o que tinha achado.

²⁰⁴ Para alguns maçons as etapas dos rituais praticados na « Ordem » não são mais segredo, já que, até mesmo o Rito de York, praticado na Grande loja Unida da Inglaterra, foi mostrado no cinema, no filme “Do Inferno”, que mostra um ritual completo e instalação de um tribunal maçônico para julgar *Jack, o estripador*.

algo que não é recebido de forma pacífica e unânime entre seus adeptos. O livro *A Chave de Hiram*²⁰⁵ foi escrito por dois maçons pertencentes à *Grande Loja Unida da Inglaterra*. Nele, seus autores narram no primeiro capítulo como foram “iniciados” nos segredos da “Ordem”²⁰⁶. Os autores descrevem parte do ritual de iniciação ao grau de aprendiz e como se sentiram. Após terem sido entrevistados por veneráveis “*past masters*” da loja alguns meses antes e respondido afirmativamente à questão se acreditavam em Deus, todo o processo de entrada se seguiu até o ritual de iniciação. O cerimonial foi descrito para “um pobre candidato imerso em trevas”²⁰⁷ e ao final do processo (os autores usam a primeira pessoa para narrar a situação já que suas experiências foram semelhantes), o “eu narrativo” afirmou ter ficado alarmado “em saber que existem perguntas que devem ser fixadas na memória para que [se] progrida para o 2º. Grau, o de Companheiro Maçom”²⁰⁸. As perguntas e respostas foram repetidas mecanicamente sem que o “aprendiz” compreendesse o sentido daquelas palavras. Ao final da cerimônia sua sensação de estranhamento permaneceu²⁰⁹.

Com isso, os autores mostram uma maçonaria repleta de rituais, signos e insígnias, mas que não contam com uma profunda compreensão de seus próprios adeptos, como se o sentido profundo da maçonaria tivesse se perdido. Restam apenas os sinais de reconhecimento mútuo como segredos, para um campo que se revela em crise na contemporaneidade. Afirmam esses maçons da Inglaterra:

²⁰⁵ KNIGHT, C. & LOMAS, R. *A Chave de Hiram : faraós, franco-maçons e a descoberta dos manuscritos secretos de Jesus*. Trad. Zé Rodrix. São Paulo : Brasil, Editora Landmark, 2002. (1997)

²⁰⁶ “...Como parte dessa cerimônia fomos levados a jurar, como homens de honra, que não divulgaríamos nenhum dos segredos da Maçonaria ao mundo profano, e temos consciência de que certas informações que aqui damos possam parecer a alguns Maçons uma traição desses segredos. No entanto, a Grande Loja Unida da Inglaterra considera apenas os meios de reconhecimento mútuo como segredos protegidos pela Ordem, e ninguém poderá passar-se falsamente por Maçom após ler esse livro. Seria necessário explicar os rituais de maneira consideravelmente detalhada, já que formam a base de toda nossa pesquisa. Algumas das palavras mencionadas são palavras de passe, mas nunca revelamos que palavras devem ser usadas em que circunstâncias...”. *Id, Ibid*, p. 21.

²⁰⁷ *Id;Ibid*; 21.

²⁰⁸ *Id ; Ibid* ; p. 24.

²⁰⁹ “Sendo agora um irmão totalmente aceito, apesar de ainda um mero “aprendiz”, deixei o templo com a sensação de que alguma coisa de muito especial havia acontecido: mas não fazia a menor idéia do que aquilo tudo significava. Um banquete festivo aconteceu e, sendo o homem do momento, fui colocado à esquerda do Venerável Mestre. Brindes e discursos se seguiram e todos extraímos grande prazer em participar da comemoração. Os mistérios da Ordem não me tinham sido revelados. Talvez, pensei eu, tudo fique claro na próxima cerimônia. Não ficou”. *Id ;Ibid* ; p. 24.

“Nossa maior crítica à Maçonaria é a sua falta de objetividade. Não sabe de onde veio, ninguém parece saber o que ela deseja alcançar, e parece cada vez mais improvável que ela tenha muito futuro em um mundo que deseja cada vez mais clareza de propósitos e de benefícios. Não só não se conhecem mais as origens da Ordem, mas todos admitem que seus “verdadeiros segredos” estão perdidos, com “segredos substitutos” sendo usados em seu lugar nas cerimônias maçônicas, “até o momento em que os verdadeiros sejam redescobertos”²¹⁰.”

O segredo, nesse caso, é interpretado como conteúdo por esses maçons ingleses. A idéia de algum segredo que se teria perdido é reproduzido também por uma fala local, a do maçom Von-Rommel:

(...) a maçonaria ela tinha um ritual e esse ritual foi mudado pelo senhor Albert [Fy]... que achou que era muito perigoso manter o ritual original...então são poucos os maçons que têm acesso... a esse ritual original e o que se pratica em lojas é uma versão modificada desse ritual (...)

Para outros maçons, como Salazar, *Segredo* significa *informação*. A maçonaria seria uma sociedade de informação e seria por isso que ela deteria o controle do mundo. Essa informação resultaria em poder para aquele que a possuísse, envolvendo não a informação do dia-a-dia, dos jornais, mas uma espécie de conhecimento de assuntos de difícil acesso, algo que traria poder (status, prestígio, privilégios, êxito material, etc.) aquele que o possuísse, a exemplo da cura da Aids. Para ele, o país que conseguir descobrir a cura da Aids, não só terá um segredo; terá um poder imenso em suas mãos e esse será manipulado politicamente.

No caso do segredo visto como conteúdos que seriam apreendidos pouco a pouco à medida que o integrante fosse desenvolvendo seus estudos na Ordem, nada parece haver de secreto. Há inúmeras publicações que versam sobre cada grau do *Rito Escocês Antigo e Aceito*, por exemplo.

Além disso, há também as “instruções”, em geral semanais, dadas em cada sessão de cada loja. Através da brochura intitulada *Treze instruções para aprendizes maçons (REAA)*, do *Mestre Instalado* Milton Moulin, da Loja Simbólica “Adonai” (GOB), Rio de Janeiro, 1977, adquirida em um sebo em Belém do Pará, pode-se ter uma idéia destes conteúdos, já que a publicação destina-se a “orientar os instrutores e monitores. Podem ser retificadas,

²¹⁰ *Id ;Ibid ; p. 20.*

atualizadas, ampliadas ou reduzidas, de acordo com as conveniências de cada Oficina²¹¹”. Questionado sobre estas “instruções”, quando lhe mostrei a publicação adquirida, um maçom vinculado a uma loja paraense, a *Fênix 27, venerável past-master*, afirmou que as diretrizes para os aprendizes seriam iguais em todas as lojas que praticam o *Rito Escocês Antigo e Aceito*. As diretrizes abordam a maçonaria paulatinamente, e na segunda parte do livro é dado lugar para o estudo do esoterismo. Dessa forma, segredo sob esse aspecto seria traduzido como esoterismo que se apreende paulatinamente na “Escola maçônica”. Os treze roteiros com instruções práticas, teóricas e esotéricas para se empreender tal estudo abordam vários temas, a exemplo dos seguintes:

Roteiro VI: “*O plano astral e seus “habitantes”. Entidades astrais humanas, não humanas e artificiais. Elementais naturais (espíritos da Natureza). Elementais artificiais. Formas pensamento. Entidades astrais vivificadas. A quarta dimensão. O TESSARACT (objeto imaginário de 4 dimensões). Possibilidade da existência de outras dimensões. O Sistema Solar e a Flor de Lótus dos Hindus. Universos paralelos. Forças naturais desconhecidas ou Forças Ocultas da Natureza e suas manifestações. Clarividência, clariaudiência, psicomетria, psicografia, tiptologia, levitação, telepatia e etc. Percepção Extra-sensorial (P.E.S). A Mediunidade – restrições à sua prática*”²¹².”

Roteiro XIII: “*A sugestão é a ação de impor uma idéia ao cérebro de outra pessoa, mas segundo Emile Coué, a sugestão não existe por si mesma. Só pode existir concorrendo com a condição de que se transforme em AUTO-SUGESTÃO no paciente. A auto sugestão é a influência da imaginação sobre o ser moral e o ser físico do homem.*” *A imaginação (subconsciente) sempre domina a vontade (Consciente). O “gérmen” e o “terreno psíquico”, segundo Bernhein. Os fatores “I” (Impressionabilidade) e “R” (Resistência) e a fórmula de Crocq I:R: 2:4 e suas variações. A necessidade de substituir a auto-sugestão inconsciente pela auto-sugestão consciente. Prática da auto-sugestão e dos pensamentos positivos. Defesa contra os elementais artificiais de caráter nefasto ou prejudicial*”²¹³.”

²¹¹ MOULIN, Milton. “Introdução” in *Treze instruções para aprendizes maçons (REAA)*. Edições Adonai, Rio de Janeiro, 1977.

²¹² *Id;ibid*; p. 127.

²¹³ *Id;ibid*; p. 141.

Entrevemos assim que o estudo abordado na Ordem passa por áreas diversas, tais como a astronomia, a física, a química, a matemática, e as ultrapassa enveredando por temas que carecem ainda de comprovação científica. Como, por exemplo, a sugestão na forma de existência de forças invisíveis que influenciariam nas decisões das pessoas. Algo dentro de uma racionalidade maçônica, porque não considerada *sobrenatural*, mas uma técnica que estaria dentro das leis da natureza, desconhecida pela média dos indivíduos.

Com tudo isso, pode-se perceber que os temas abordados pela maçonaria que pratica o R.E.A.A. parecem nada terem de “escondido”. Ora, quaisquer desses temas podem ser encontrados atualmente em profusão em boas livrarias e em editoras ligadas ao tema do esoterismo. Diante da profusão de informações que vemos atualmente, poder-se-ia afirmar que a maçonaria já não tem mais nenhum segredo, já que tudo está à nossa disposição, bastando para serem desvendadas apenas a vontade ou a curiosidade de alguém que se interesse pelo tema – este em geral é o argumento utilizado por aqueles que afirmam que a “maçonaria não tem mais nenhum segredo”, sendo esse segredo lido como um conteúdo estudado nessa “Escola de Mistérios”.

Contudo, nunca se sabe como esse “programa de estudos” com seus “conteúdos” são exatamente abordados em cada loja, pois cada “professor” ou “Orador” (como é chamado aquele que passará a “instrução”) transmitirá esses ensinamentos de uma forma, de acordo com o seu estilo, com o contexto em que essa maçonaria é processada e de acordo com sua orientação filosófica e sua formação: mais filosófica, científica, ou religiosa, etc. E, além disso, estes ensinamentos são restritos aos seus membros. Apesar dessa dificuldade, procuramos descobrir como a maçonaria acontece em Belém do Pará – pelas frestas.

Vários maçons da cidade afirmaram que o esoterismo prende-se ao desenvolvimento da mente e que tal, na verdade, era pouco estudado sistematicamente pelo segmento da *Grande Loja*. A auto-sugestão de Emile Coué foi um tópico que o maçom fundador da maçonaria mista em Belém do Pará afirma ter estudado bastante quando ainda pertencia a esse segmento. Não foi à toa que sua ex- potência, a *Grande Loja Maçônica do Pará*, fundou um “Centro Pedagógico maçônico” com a incumbência de apoiar mais firmemente esses estudos, justificando-a da seguinte forma:

“A conveniência de aprofundar, do máximo possível, os ensinamentos contidos nas Instruções dos Rituais dos 1º. e 2º. graus e outras instruções complementares,(...) e ampliar e intensificar por todas as formas, a confraternização dos irmãos Aprendizes e Companheiros e ainda tirar do quase anonimato os grandes e sábios Mestres Instalados, conhecedores e depositário que são dos profundos *segredos* da Ordem²¹⁴.”

Além disso, o candidato vencedor ao cargo de grão-mestre das últimas eleições de 2004 propôs a importância de se formar um grupo de estudos sobre o esoterismo, deixando-se perceber que o esoterismo nessa potência funciona como uma das áreas de atuação da maçonaria na cidade e deixando entrever também que existe em todas as maçonarias da cidade uma grande inquietação com os temas ligados ao mistério. Isso traduz, assim, também uma marca da cidade de Belém do Pará em sua busca pelo que é secreto:

“Ações ritualísticas e litúrgicas: visando a espiritualização e o Esoterismo:

- *Incentivo aos estudos e pesquisas maçônicas considerando a Arte Real;*
- *Resgatar os costumes e tradições, observando os ensinamentos esotéricos e espirituais, com a finalidade primordial, a harmonização entre os irmãos;*
- *Criação de uma Loja de Pesquisas e Estudos maçônicos;*
- *Observância da ritualística em todos os seus aspectos, com orientações periódicas e trocas de informações nas Lojas, através de uma equipe de Ritualística²¹⁵.”*

Em entrevista, o maçom F.B.P., da Grande Loja, revelou que sempre é convidado para proferir palestras sobre esoterismo em sua loja, já que ele é “Venerável *past-master*”. Afirmou já ter feito palestras sobre os seguintes temas, na loja Fênix 27: “Cabala”; “As 22 cartas do Arcano Maior de Aleister Crowley” que para ele aborda mais o “reflexo comportamental do ser humano” e o “Arcano 16”. Diz já ter realizado também muitas palestras improvisadas, apenas chegando na loja, retirando uma carta do Tarô de Crowley ao acaso e falando sobre ela. Sua próxima palestra aconteceria na *Loja Antônio Baena* no. 04, na qual ele falaria sobre a “Câmara da reflexão e o esoterismo da morte”.

O maçom *Salazar* era membro da *Grande Loja Maçônica do Pará* e antes de trocar de segmento, quanto aos estudos dentro da Ordem comentou:

²¹⁴ Orgão informativo do *Centro Pedagógico maçônico*, Belém-PA, Janeiro/Fevereiro 2003.

²¹⁵ Programa de trabalho Swami 2004-2008, p. 29.

(...) a partir da minha atuação dentro da maçonaria de Belém ela teve um salto qualitativo muito grande...ela vinha num marasmo muito grande aí eu obriguei as pessoas a estudarem...e não precisa dizer que eu sou odiado por Deus e o mundo por causa disso (...)

Partidários da existência do segredo, os integrantes do segmento “Grande Ordem Maçônica Mista Cavaleiro da Arca da Aliança”, em entrevistas, revelaram que os ensinamentos esotéricos que recebem provêm do lado inspirado do grão-mestre fundador da ordem, que afirma “receber” estes ensinamentos diretamente de maçons desencarnados – uma inter-relação com a religião se revela. E ao que parece, com isso, esta potência recupera a idéia de que a maçonaria possuiria segredos, revelados apenas para os “iniciados” do grupo, que se comportam como uma sociedade secreta já que seus rituais são secretos, já que psicografados, e não encontráveis em nenhuma publicação. Ou seja, tem-se nesse caso uma maçonaria completamente voltada para a espiritualidade e para o esoterismo, ao contrário das potências que tratam do esoterismo apenas como um tópico a mais abordado na instituição.

Então esse **segredo** passa agora para o campo da religião, em inter-relação com o espiritismo, outro problema se-nos revela. Mas o que importa no momento é apenas destacar o fato de que no fim das contas, em Belém do Pará, a maioria dos maçons acredita no sentido do segredo, sob diversas formas. Caso contrário, também esta pesquisa teria sido muito mais facilitada, pois me defrontei frequentemente com a barreira e o argumento do segredo.

O fato de não se saber afinal do que trata o segredo maçônico enquanto conteúdo dá margem a inúmeras especulações entre os maçons que acreditam que esses segredos existem, mas que eles não o conhecem. Se esse conteúdo para alguns se refere a segredos tais como, a cura da Aids, por exemplo, para outros, como um maçom da maçonaria mista (dissidente dentro da própria maçonaria mista) esses segredos se refeririam ao passado: disse que na época do Rei Salomão existiam dois grandes tesouros: a Arca da Aliança e o Santo Graal. A Arca da Aliança seria um baú revestido em ouro que conteria informações valiosíssimas e a *tábua dos 10 mandamentos* de Moisés, através dela também se falaria com o próprio Criador. Contudo a *Arca* teria sido roubada pelo filho mais velho de Salomão, este último teria sido muito poderoso porque possuiria esses tesouros, e, em sua

opinião, a *Arca* estaria na Etiópia. Já o *Graal* – o cálice da última ceia de Cristo - teria sido buscado por diversos líderes: Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda, Napoleão, Alexandre, o Grande, Hitler... E, em sua opinião, o *Graal* deve ter sido destruído e perdeu-se. Essa conversa foi motivada, aliás, porque o fundador da potência mista tinha acabado de construir (e descobrir) o seu templo intitulado “Grande Ordem Maçônica Mista Cavaleiro da Arca da Aliança”, o que deixou esse maçom bastante intrigado.

Enfim, quando se examina o contexto local e as falas em relação ao tema do segredo em Belém, a maçonaria recupera uma representação de si como misteriosa. Como se fosse esse um movimento de resistência dos maçons paraenses em relação às maçonarias mundiais, mantendo-lhe a imagem de “secreta”. Portanto, o princípio do segredo se revela como um consenso local entre os maçons e tal delimita uma fronteira da maçonaria, ao estruturar um “mundo à parte”.

Simmel afirma que como traço “exterior” o que mais caracterizaria uma sociedade secreta em contraposição à sociedade é o valor dado aos costumes, às fórmulas, aos ritos. Esses traços continuam bastante valorizados na maçonaria local. Em relação à maçonaria o autor inclusive afirma que “le serment du silence se rapporterait exclusivement aux formes du rituel maçonnique²¹⁶.” Em algumas maçonarias percebe-se que tal assertiva ainda é seguida, e o seu integrante não pode falar da forma como o seu ritual é praticado, caso da maçonaria mista de Seixas, em Belém, mas há outros segmentos, como o do *Grande Oriente do Brasil* que não parecem se inquietar em, por exemplo, deixar-me ler um ritual de outra loja, como ocorreu quando li rapidamente algo do rito *Adonhiramita*. Assim, o segredo se torna um tema polêmico no meio maçônico agenciando também a ritualística, pois nem todos aceitam falar à vontade sobre os rituais praticados em suas lojas. Por isso, como parte de um “mundo privado” maçônico, mediada pelo segredo, a ritualística será um dos tópicos que abordarei adiante como um dos *lugares* que diferencia a maçonaria de outras instituições, como o Rotary, e que, por outro lado, lhe faz se assemelhar à outras “organizações de iniciação²¹⁷” que também possuem rituais iniciáticos, como a Rosacruz-

²¹⁶ Simmel, op. Cit, p. 390.

²¹⁷ Ver HUTIN, Serge. *As sociedades secretas*.

Amorc. Embora a maçonaria não seja uma *Rosacruz-Amorc* porque essa última não se relaciona tão fortemente ao poder e às relações políticas como a maçonaria.

Por fim, são indiscutíveis na maçonaria que os sinais de reconhecimento mútuo são os maiores segredos da ordem e que devem ser radicalmente preservados, segundo seus adeptos. De onde deriva o próximo tópico que compõe o tema do segredo.

2.1.1) O Segredo e o sentido de Comunidade na maçonaria

(...) o grande postulado da maçonaria é o cosmopolitismo... o maçom... a pátria do maçom é o planeta terra...É um maçom/ que não existe vamos dizer assim o maçom inglês o maçom português... o argentino... a gente é maçom em todos os países... a pátria do maçom é o planeta... Então... esse reconhecimento internacional é baseado nisso no cosmopolitismo né? E nós/ que nos consideramos maçons em qualquer canto do mundo... sem este problema de espaço né? Um maçom no Brasil é o mesmo maçom na Inglaterra... Ele diz **eu sou maçom brasileiro**... Não existe o maçom brasileiro... o maçom inglês... o maçom português...existe o maçom...Existe o maçom... Ele é um maçom tanto no Brasil... como na Inglaterra... a casa da maçonaria é o planeta terra... certo? (((Mas isso funciona na prática mesmo?))) funcioNA... Na prática...pode não funcionar pr'aqueles que...vc sabe...em todo canto... existe aqueles que estudam e aqueles que não estudam...tem aquele maçom que entra e muitas vezes não se aprofunda né... no que a gente chama... mistérios...né? ele não atinge...ele não assimila essa...condição do maçom... Por causa disso...desse cosmopolitismo...se baseia a fraternidade né? A consequência do cosmopolitismo... a fraternidade universal... porque eu sou o mesmo maçom nos Estados Unidos... na França... daí inexistir qualquer tipo de preconceito... de raça... de lugar... ta entendendo? Porque o cosmopolitismo elimina qualquer tipo de preconceito... eliminando o preconceito... vinga a fraternidade universal né? A fraternidade é universal... não é uma fraternidade brasileira... uma fraternidade francesa... nós somos fraternos em qualquer lugar (...)

O segredo, a partir dos sinais de reconhecimento de um maçom, engendra o sentido de comunidade. Signos simbólicos e secretos são realizados entre maçons que sequer se conhecem, não sabem de suas nacionalidades, nem a quais segmentos pertencem, mas se reconhecem como maçons e isso delimita uma fronteira: marca-se um território imaginário pela idéia do “nós” (maçons) em separação aos “outros” (não-maçons) . Segundo dados etnográficos, se um maçom fizer um “sinal de socorro” em algum lugar e outro maçom entender o comunicado ele deverá prontamente tomar uma atitude em defesa do “irmão”, não importando em que lugar eles estejam. Tal fato configura o sonho de uma comunidade mundial maçônica, com a solidariedade e a fraternidade maçônica como um dos objetivos

da instituição se realizando na prática. E é uníssona a idéia de que esse sistema realmente funciona.

Dessa forma, a linguagem de sinais, de conhecimento maçônico, resulta na existência dessa comunidade mundial maçônica, que “faz coisas”, provoca reações quando realizados em presença de outros maçons. Nesse caso, se transcende as fronteiras locais, derivando daí a característica de “cosmopolitismo” citada pelo maçom. Os maçons compartilham, assim, do mesmo sistema de significados e por isso compõem uma comunidade – mas o cosmopolitismo tem seus limites.

Os discursos sobre o cosmopolitismo da maçonaria, durante a pesquisa de campo vinham sempre acompanhados pela preocupação com a legitimidade do grupo. Assim, o cosmopolitismo tem suas fronteiras, postas politicamente²¹⁸. Localmente²¹⁹, o incômodo

²¹⁸ No contexto mundial, uma tese intitulada *L'Autre et le Frère. L'étranger et la Franc-maçonnerie en France au XVIIIe. Siècle*, escrita por Pierre-Yves Beaupaire, contesta o conceito de uma maçonaria mundial, apontando os limites do cosmopolitismo maçônico, dado politicamente, no século XVIII. Primeiramente o autor aponta contradições no discurso maçônico, já que o ideal maçônico é “ser reconhecido como sujeito fiel e patriota mantendo uma cadeia de união através do mundo; ser sensível à anglomanía ou a galomanía se inspirando em seus juramentos para formar uma grande república universal”. Mostra, com isso, um campo maçônico mundial naquele século dividido entre duas influências: a inglesa e a francesa. O autor da tese, citado na resenha, sublinha o principal eixo do discurso maçônico dos “missionários” sobre o cosmopolitismo: “você não será estrangeiro em nenhum lugar, em todo lugar você encontrará Irmãos e Amigos, você se tornou cidadão do mundo inteiro”. Na França, afirma que todo viajante maçom estrangeiro que a visitava chegava munido de certificados e de cartas de recomendação que lhe levavam a estabelecer itinerários em função da implantação de lojas. Assim, quem procurava um emprego, socorros materiais, fazia “funcionar a rede de relações maçônicas”, no século XVIII. Dessa forma, em 1765, a *Grande Loja de França* e a *Grande Loja da Inglaterra* concluem “um tratado visando promover a troca de informações e delimitar os domínios em que cada Obediência pode exercer sua soberania de maneira exclusiva, mais ainda se deve aplicar seus princípios.” Beaupaire mostra como os ingleses cumpriram com rigor o tratado desde que “il’agit de contrarier les intérêts français et comment le laxisme s’impose dès lors qu’ils y trouvent leur avantage! Dans ces conditions, les tensions sont de plus en plus vives dans les années 1770 et le *Grande Orient de France* décide de multiplier ses relations avec la Franc-maçonnerie continentale en plein essor (...) dans l’objectif avoué de construire une Europe maçonnique sous influence française. » A última parte da obra coloca a prova da tolerância maçônica em questão quando ela se afirma como um cosmos essencialmente cristão. Tal fato tende a excluir da maçonaria os muçulmanos, segundo o autor. Da mesma forma, ela não consegue impedir que Negros e mulatos sejam recusados nas colônias; e quanto aos judeus: “judeus não podem integrar a maçonaria sem que renunciem à sua religião”, e, ainda, “negros e muçulmanos tornaram-se o Outro Absoluto” no mesmo momento em que maçons católicos e maçons protestantes tem bastante dificuldade de dialogar com serenidade (...) o cosmopolitismo maçônico conhece uma outra fratura com a *guerre d’Amérique* que vê lojas francesas apoiarem abertamente os insurgentes enquanto floresce a anglofobia. (...) a maçonaria francesa deve fazer frente a uma vaga denúncia que a coloca no centro de todos os complôs e de todas as empresas de subversão política e social (em primeiro lugar a Revolução Francesa, tema que devia durar mais ou menos dois séculos).” Mas “loin d’être subversifs, des clandestins qui préparent la chute de la monarchie, les francs-maçons français déploient ce que Pierre-Yves Beaupaire appelle une « pédagogie de l’innocence » : choisir les Grands Maîtres parmi les princes du sang, afficher ses sentiments patriotiques, multiplier les signes d’allégeance à l’égard de l’État royal, prouver que le « bon »

maior era causado, pelo surgimento da maçonaria mista na cidade – uma potência considerada “espúria” porque não reconhecida pela maçonaria “regular”. Assim, os discursos proferidos durante a pesquisa de campo reagem a esse acontecimento. Ora, a maçonaria mista, através de seu grão-mestre, ex-maçom da *Grande Loja*, dava a conhecer às mulheres os sinais de reconhecimento mútuo dos maçons e isso incomodou os segmentos maçônicos dominantes na cidade.

Outro fato que coloca limites ao cosmopolitismo é que, além disso, segundo maçons do *Grande Oriente do Brasil*, maçons da *Grande Loja* só seriam recebidos no exterior em lojas de mesmo segmento, não sendo reconhecidos nem recebidos como maçons pela *Grande Loja Unida da Inglaterra*²²⁰. Há assim no meio um discurso pelo reconhecimento maçônico, pela “regularidade”, com cada adepto defendendo o segmento a que pertence, como em um “campo de forças”. Mas, *au-delà* das lutas políticas, os sinais de reconhecimento mútuo parecem ainda estar restritos à comunidade maçônica²²¹, conservando-lhe como “mundo à parte”.

Assim, o princípio do segredo está presente em diversos aspectos na maçonaria, seja ele interpretado como um conteúdo, um princípio ético ou como uma técnica, ele estrutura e unifica uma comunidade, demarcando-lhe fronteiras e garantindo-lhe a

cosmopolite est celui qui sert bien l’humanité car il sert bien sa Nation... » in BIARD, Michel. « *L’Autre et le Frère. L’étranger et la Franc-maçonnerie en France au XVIIIe. Siècle* » in *Annales historiques de la Révolution Française* (317). Compte-rendu. Texte intégral. Cf. <http://ahrf.revues.org/document936.html>. Acesso em 9/9/2005.

²¹⁹ Pois só poderei abordar o local, já que para falar da conjuntura mundial atual faltam-me dados concretos. Mas sem dúvida que o discurso do patriotismo maçônico se choca com o sonho manifestado de cosmopolitismo da Grande Loja e Grande Oriente. Já que esse último tem projetos de estreitar suas relações com os membros da Grande loja Unida da Inglaterra, que praticam o Rito de York. Os integrantes de certas lojas em Belém pretendem fazer cursos de inglês para que, futuramente, o Rito seja performatizado em língua original (inglesa). Uma maçonaria de influência inglesa na Amazônia é algo que ainda não podemos analisar, até porque não se sabe se esse projeto chegará à prática efetiva.

²²⁰ No campo maçônico em Belém do Pará, quem conseguiu predominar no jogo histórico entre duas influências maçônicas – a inglesa e a francesa – foi a Inglaterra, ou “anglomania” porque os maçons de lojas consideradas “regulares” sempre citam essa influência inglesa como a origem de suas lojas.

²²¹ No momento em que acabava de escrever esse trecho, deparei-me com a revista *Superinteressante*, edição de aniversário, com uma matéria de capa intitulada “Os segredos da Maçonaria: os rituais, os personagens, e os mistérios da mais influente sociedade secreta do mundo” por Sérgio Gwercman. Edição 217, set/2005. Nessa matéria o autor descreve alguns dos sinais usados pelos maçons em lugares públicos para reconhecimento mútuo. Dessa forma, se forem esses os “sinais, toques e palavras” tão resguardados pelos maçons, agora a maçonaria não teria mais nenhum segredo, sendo essa a mensagem da matéria. Outro fato é que, de qualquer modo, a publicação desse tema em matéria de capa, vem provar que o tema do segredo na maçonaria até a presente data continua inquietando, mesmo que não haja mais segredo algum.

continuidade de uma tradição, mesmo que esse segredo, como um conteúdo, nem exista. O tema do segredo regula também o próximo *lugar de interesse* da maçonaria: o ritual.

2.2) Lugares da Ritualística

2.2.1) *Performance e drama social na maçonaria: a iniciação ao grau de aprendiz do Rito Escocês Antigo e Aceito.*

“A sombra das tuas vestes
Ficou entre nós na Sorte.
Não ‘stás morto, entre ciprestes.
.....
Neófito, não há morte.”

(trecho do poema “Iniciação” de Fernando Pessoa²²²)

Na cidade de Belém do Pará, os segmentos maçônicos praticam, em sua maioria, o *Rito Escocês Antigo e Aceito*. De modo geral, os ritos tratam das formas de o maçom se movimentar dentro do templo e cada um deles possuem “sinais, toques e palavras” (nos termos maçônicos) diferentes. Ou seja, o gestual do corpo é modificado, como também as palavras utilizadas, a decoração do templo e a indumentária do maçom. Tive acesso somente ao texto do *Rito Escocês Antigo e Aceito*²²³. Quanto aos demais ritos, como o *Rito Adonhiramita* e o *Rito de York* pude somente dar uma rápida visada, oportunidade oferecida por um maçom do *Grande Oriente do Brasil* – segmento que me forneceu a listagem de todas as lojas com seus respectivos ritos praticados. Nessa visada desses dois rituais percebi que o *Rito Adonhiramita* tem outros simbolismos, mas esses são tão exuberantes e ricos em detalhes quanto o *Rito Escocês*. Em comparação com o *Rito de York*, esse é mais curto em duração de tempo e “desencantado²²⁴” em termos de decoração e de simbolismos em relação aos outros dois citados. Quanto ao segmento da *Grande Loja*, através de sua constituição interna foi possível saber que três ritos são praticados: o *Rito Escocês Antigo e Aceito*, o *Adonhiramita* e o *Schroeder* – nada mais. O segredo em torno desses assuntos ainda é um forte tabu nesse segmento e seus agentes raramente tocam nesses temas. É válido ressaltar que esses ritos não são encontrados com facilidade em publicações. O texto

²²² Citado por um agente durante a pesquisa de campo para falar sobre o processo da iniciação.

²²³ Na biblioteca do Arcebispado de Belém do Pará.

²²⁴ No sentido weberiano. Despovoado de imagens, por exemplo.

completo de um ritual, seja ele qual for, não é de acesso facilitado ao público. Pode-se encontrar, em profusão, publicações que comentam sobre esses ritos, com citações de partes do ritual, como ocorre no livro *Memórias de aprendiz*, de Antônio Mendes, do segmento da *Grande Loja*, que publicou parte do *Rito Escocês*, mas não o texto completo de determinada ritualística. Esses textos completos continuam restritos ao mundo privado da maçonaria.

O *Rito Escocês Antigo e Aceito* é o mais utilizado para as iniciações ao grau de aprendiz entre todos os segmentos locais. Mesmo a maçonaria mista se utiliza desse ritual, “com algumas modificações”. Pois segundo seu fundador, a sua maçonaria possuiria mais juramentos do que o ritual praticado pelos segmentos considerados “regulares”. Trata-se, portanto, de um evento especial do ponto de vista dos maçons, com uma percepção coletiva, nas palavras de Peirano, “de que eles são diferentes²²⁵”. E sobre o ritual de iniciação ao grau de aprendiz, a percepção de seus agentes é a de que se trata de um “ponto-chave” como disse o maçom *Boris:

“O processo de iniciação é o ponto-chave da maçonaria para a luz e para a morte”.

Trata-se de uma morte simbólica seguida de um renascimento “para a luz”. Grande parte da maçonaria se revela na ritualística de 1º. grau de *aprendiz* deste rito, já que este marcará a entrada de um indivíduo à instituição maçônica propriamente dita, tornando-o um maçom. Além disso, os valores da comunidade serão gradualmente revelados dentro de um espaço-tempo propício para tal, em uma verdadeira “pedagogia da liminaridade”, que acontece, no entanto, do início ao fim da cerimônia, visando à incorporação do *habitus* institucional.

Tratar-se-á de uma análise de ritual segundo as proposições de Turner para quem o ritual é uma “performance transformadora reveladora de classificações maiores, categorias, e contradições do processo cultural²²⁶.” Para que essa *performance* seja convincente, o

²²⁵ PEIRANO, Mariza (org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2001.

²²⁶ TURNER, Victor. “The anthropology of Performance” in *Anthropology of Performance*. Paj Publications, New York, 1987. trad .nossa.

drama acontece dentro de um cenário apropriado. A ação transcorre em três ambientes: fora do templo, na denominada “sala dos passos perdidos”; dentro do templo devidamente ornamentado em vermelho, e dentro de uma câmara escura que fica ao lado do templo, denominada “câmara das reflexões”, que “é o local onde é recolhido o profano antes de ser introduzido no templo²²⁷”. Os “atores²²⁸” desse drama são vários e todos possuem os seus papéis e lugares no templo maçônico. De acordo com a terminologia maçônica, tratam-se dos seguintes personagens:

- **Iniciando ou Profano:** candidato à entrada na maçonaria.
- **1º. Experto:** é interpelado pelo Venerável que deseja saber se há algum “profano” que queira ser iniciado; conduz o candidato, entrega-lhe um questionário para ser respondido e o recebe de volta, venda-lhe os olhos, e o conduz à porta do templo; é também quem apresenta o candidato para o Venerável.
- **Tesoureiro:** quem recebe os “metais” da admissão e depois lhe entrega o recibo no final da iniciação.
- **Venerável:** quem preside a sessão.
- **Secretário:** entrega ao *Experto* o questionário que será respondido pelo profano.
- **Irmãos em geral:** portando espadas, colaboram com a iniciação.
- **Mestre de Cerimônias:** Dá algumas batidas na porta, quando recebe o ‘profano’ diante da porta do templo;
- **Cobridor:** sua função é proteger o templo. É uma “espécie de guarda externo que zela para que ninguém perturbe a sessão²²⁹”. O ritual, contudo, informa que há um “Cobridor” da parte de dentro. Arma-se quando escuta baterem à porta do templo. E comunica este fato ao primeiro vigilante.

²²⁷ Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901.

²²⁸ Uma loja para funcionar precisa ter no mínimo 7 membros. Segundo Da Camiño, a “administração de uma loja maçônica comporta três Luzes, quatro dignidades e quinze oficiais”. As luzes são: o Venerável mestre, primeiro e segundo vigilantes. E os oficiais: Orador, secretário, tesoureiro, chanceler, Diáconos, mestre de cerimônias, hospitaleiro, Expertos, porta-estandarte, porta-bandeira, cobridor interno e externo, arquiteto, mestre de harmonia, mestre de banquetes, bibliotecário. Mas na iniciação, apontamos apenas os “personagens” que aparecem em cena no documento da ritualística. Cf. DA CAMIÑO, Rizzardo. “Luzes e oficiais da loja” in *O aprendiz maçom: as benesses do aprendizado maçônico*. São Paulo: Madras, 2000, p. 169.

²²⁹ Cf. DA CAMIÑO, Rizzardo. “Os deveres a serem cumpridos dentro da loja” in *O aprendiz maçom: as benesses do aprendizado maçônico*. São Paulo: Madras, 2000., p. 165.

• **Vigilantes:** comunicam que bateram à porta para o Venerável. O 2º. Vigilante passa a informação para o 1º. e este para o Venerável. O lugar do 2º. Vigilante é o “meio-dia” e o lugar do 1º. Vigilante é no “ocidente”.

• **Diáconos:** o 2º diácono se localiza à direita do 1º. Vigilante; transmite as ordens do Venerável ao 2º. vigilante; o 1º. diácono localiza-se à direita do Venerável e abaixo do solo, para transmitir as ordens do Venerável ao 1º. Vigilante, e a todas as outras “luzes e oficiais afim de que os trabalhos se executem com prontidão”²³⁰,

• **Irmão Terrível:** representa um opositor para o candidato, fazendo-o passar por uma prova. O Experto encena tal papel, conforme o texto.

• **Orador:** faz o discurso sobre a iniciação, os ensinamentos do grau e a maçonaria.

• **Irmão Hospitaleiro:** é quem vai até o profano saber de forma discreta quanto ele doará para o seu primeiro ato filantrópico.

Além disso, a *performance* visa produzir efeitos no candidato e no ambiente, não só através da comunicação verbal, mas também através de mecanismos não-verbais, tais como os símbolos presentes na mesa da câmara das reflexões: um galo e uma ampulheta, e abaixo deles, as palavras “vigilância” e “perseverança”: para *Salazar*, Venerável *past-master*, maçom de Belém do Pará, entre outros simbolismos, o galo deve lembrar ao “iniciado” que ele deve perceber as situações antes que elas aconteçam, pois o galo é aquele que anuncia a luz, cantando antes de o sol nascer.

Múltiplas são as mensagens e os meios para se transmitir os ensinamentos maçônicos durante um ritual, essas *performances* dramáticas podem ser divididas em quatro seqüências:

²³⁰ Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901, p. 58.

2.2.1.1) A seqüência da morte.

“Não, morte não: nascimento.”
(Salman Rushdie in *Os versos satânicos*)

A iniciação ao grau de *aprendiz*, principalmente, dramatiza a chegada de um novo membro à ordem maçônica. Trata-se nitidamente de um rito de passagem de um estado a outro, quando o “estrangeiro” tornar-se-á progressivamente “familiar” e pertencente ao círculo maçônico. O que se encena é a chegada deste candidato a maçom que provoca uma situação de conflito no grupo. De acordo com o que afirma Turner:

“Alguém começou a se mover em direção a um novo lugar na ordem social; este movimento é consumado através do ritual, ou bloqueado; em cada caso uma crise começa porque qualquer mudança de status envolve um reajustamento do esquema inteiro; este reajustamento é efetuado cerimonialmente – isto é, por meios teatrais²³¹”.

Assim, na primeira seqüência, de acordo com a terminologia proposta por Turner, dá-se a *ruptura*²³² das relações sociais regulares, no caso, a chegada de um ingressante na ordem maçônica rompe com a ordem anteriormente estabelecida na comunidade, pois o “estranho” incomoda a comunidade inteira e a ordem deverá ser restabelecida, como se eles – os maçons – fossem “puros” e o candidato representasse a “impureza” do mundo exterior, tal como uma ordem baseada na hierarquia²³³ se constitui. Ao mesmo tempo, o “candidato” à maçom rompe também com a sua vida anterior como não-maçom: ele é convidado a morrer simbolicamente e a refletir sobre essa morte. Para isso, fica sozinho num lugar obscuro e lúgubre. Aqueles que participam da cerimônia devem ser todos desconhecidos para o candidato e o único que terá contato com o candidato será o “Experto”. Nesse momento, dá-se também a “ruptura das relações sociais regulares²³⁴”, pois o candidato então não terá mais contato nenhum com elementos externos à Ordem, ao menos durante o processo ritual.

²³¹ TURNER, Victor. “The anthropology of Performance” in *Anthropology of Performance*. Paj Publications, New York, 1987. trad .nossa.

²³² “*Breach of regular norm-governed social relations*. Cf. TURNER, Victor. “The anthropology of Performance” in *Anthropology of Performance*. Paj Publications, New York, 1987

²³³ Refletida em relação ao puro e ao impuro. Cf. DUMONT. *Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. Edusp: São Paulo, 1992.

²³⁴ Turner, *op. Cit.*, p.

O refrão de todas as cenas (que marcarão uma espécie de passagem de um momento para outro) é sempre a pergunta se o candidato insiste em entrar para a maçonaria, pois a opção de desistir lhe será sempre oferecida, como se fosse uma “cena isolada”, de acordo com a terminologia de Turner. O impedimento freqüente é encenado através das várias cenas invariantes em que o candidato é barrado por um “irmão” armado e a ele é perguntado o que ele quer e o que fora lá fazer, diante disso, o *Experto* responde, e a seguir o guarda do templo o deixa passar “porque é livre e de bons costumes”. Cada cena desta se passa em uma posição no templo, e cada vez mais perto de sua parte mais alta²³⁵, onde o presidente da sessão se localiza. E a cada vez que o candidato “sobe”, se aproximando do Venerável, mais “provações” e obstáculos lhe acontecem.

Dessa forma, na primeira cena, o 1º *Experto* informa se há algum profano para ser iniciado. O *Venerável* pergunta formalmente em voz alta e para todos se há algum profano na *câmara das reflexões* que deseja ser iniciado. O 1º *Experto* responde. O *Venerável* comenta que o escrutínio²³⁶ foi favorável à admissão do novo membro e naquele momento eles devem recepcioná-lo. Pede que se manifestem pelo “sinal de costume” (todos estendem a mão horizontalmente). O *Venerável* pede ao Secretário que entregue um questionário para o *Experto* entregar para o candidato responder na Câmara das reflexões, “para bem conhecermos os seus princípios e o merecimento das suas virtudes²³⁷”.

Na cena seguinte, o *Experto* vai até o candidato e o conduz à *câmara das reflexões*. De acordo com as instruções do ritual: “O iniciando deve ser introduzido no edifício de modo que não veja nem conheça a ninguém mais do que o seu introdutor. É introduzido por um dos *Expertos* que se apresenta sem insígnias enquanto não lhe tiver vendado os olhos e só lhe dirige as palavras indispensáveis. Tanto quanto possível, o iniciando deve estar vestido de preto²³⁸. Com o *Experto* vem o *Tesoureiro*, antes do candidato entrar na *câmara das reflexões*, afim de receber os metais da admissão, o qual declarará que dará o recibo depois de terminada a sua iniciação. Logo que o candidato entrar para a câmara das

²³⁵ Quando o templo segue uma construção adaptada ao rito Escocês.

²³⁶ “Escrutínio” é o momento da votação, quando se decide se um candidato está apto ou não a entrar para a maçonaria.

²³⁷ Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901, p. 31.

²³⁸ A indumentária e as cores utilizadas na maçonaria são sempre ligadas a diversos simbolismos. Quanto ao uso do negro afirmou o maçom Salazar que ele representa a morte, ou transformação.

reflexões, faz-se-lhe ler o títulos I e II da Constituição, que tratam da Maçonaria e dos seus princípios e dos maçons²³⁹.

A *Câmara*²⁴⁰ das reflexões se apresenta como repleta de símbolos, insígnias lúgubres, e ditos morais sentenciosos. Segundo o guia ritualístico:

“Nesta câmara haverá um esqueleto humano ou pelo menos uma cabeça óssea²⁴¹, uma cadeira, uma meza, uma campainha, papel, penas e tinteiro. Sobre a mesa estarão representados um galo e uma ampulheta e, debaixo d’estes emblemas, as palavras: *Vigilância, Perseverança*”. Sobre as paredes devem haver, em caracteres legíveis, inscrições como as que se seguem:

Se a curiosidade aqui te conduz, retira-te.

Se queres bem empregar a tua vida, pensa na morte.

Se tens receio de que se descubram os teus defeitos, não estás bem entre nós.

Se és apegado às distinções mundanas, retira-te: nós aqui não as conhecemos.

Se fores dissimulado, serás descoberto; se tens medo, não vás adiante²⁴².”

A câmara simboliza um sepulcro e deve ter acesso direto ao templo, geralmente, segundo Camiño, ela se localiza em alguma parte do subsolo. A permanência dentro da câmara deverá exercitar a mente, segundo Camiño. Surgiu a partir da lendária morte de Hiram Abif²⁴³, uma vez que seus assassinos teriam “refletido” a respeito do que haviam praticado e a reflexão os conduziu ao arrependimento de terem assassinado o mestre da construção do templo de Salomão, ao refletirem sobre isso, se arrependeram do ato dentro de uma caverna. Isso acabou, segundo Camiño, sugerindo a criação da *Câmara das Reflexões*: “o ponto principal da “Câmara” deveria demonstrar um ambiente fúnebre, uma vez que foi originada pelas reflexões dos assassinos”.

²³⁹ *Id., Ibid.*, p. 10.

²⁴⁰ “Esta câmara não deve receber luz do exterior, sendo alumada apenas por uma lâmpada. As paredes são forradas de preto e pintadas de emblemas fúnebres”. Cf. Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901.

²⁴¹ Cf. figuras 13 e 14.

²⁴² Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901

²⁴³ Trata-se de uma lenda maçônica que é encenada na iniciação de Mestre. Hiram Abif teria sido o mestre da construção do templo de Salomão, este, por sua vez, figura no Antigo Testamento. Abif teria sido assassinado por três obreiros porque ter-se-ia negado a revelar os segredos de um mestre-maçom.

Na *Câmara*, o candidato será levado a uma reflexão sobre sua própria vida (e sobre a morte) devendo redigir o seu testamento moral e filosófico e assiná-lo, como também responder às seguintes questões:

“Quais os deveres do homem para com Deus?”

Quais os deveres do homem para com a humanidade?

Quais os deveres do homem com a Pátria?

Quais os deveres do homem para com a família?

*Quais os deveres do homem para consigo?*²⁴⁴”

Ao entregar o questionário ao profano, o Experto avisa-lhe que deve tocar a campainha quando terminar. Ou seja, o candidato fica sozinho no recinto para que faça uma reflexão. Para Turner, a noção de performance envolve reflexividade, porque o homem é um “animal performático” e ao realizar a sua performance ele se transforma:

“...suas performances são, de um modo, *reflexivas*, em performance ele revela a si mesmo para si mesmo. Isto pode ser de dois modos: o ator talvez venha para conhecer a si mesmo melhor através da atuação ou lei. Ou um grupo de seres humanos talvez venha conhecer a si mesmo melhor, através da observação e/ou participação em performances geradas e apresentadas por outro grupo de seres humanos²⁴⁵”.

Tal como o dito de Sócrates “conhece-te a ti mesmo”, através da *performance* de iniciação, o candidato é levado a conhecer-se melhor porque ele se depara cenicamente com a própria morte. Também o grupo, através da encenação de papéis, talvez venha a se conhecer melhor, porque cada personagem possui sua importância para a *performance* ser bem sucedida, e todos têm sua função e quando de fato entram no jogo, algo acontece. Esse fato é confirmado quando examinamos outros dados, como as entrevistas realizadas com maçons a respeito dessa iniciação.

Sempre que alguns deles se recordam do rito de iniciação à entrada na maçonaria, levantam o tema da morte. Foi essa experiência que mais lhes ficou impressa na mente,

²⁴⁴ Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901, p. 11.

²⁴⁵ Turner, Op. Cit,

como um processo dramático, que envolveu reflexividade, e que resultou em uma transformação da pessoa, no caso, um “profano” se tornou maçom.

A morte é inscrita na maçonaria a partir da cor negra, em decorações ritualísticas e na indumentária maçônica. A morte é sempre um importante símbolo para a instituição. Na *câmara das reflexões*, o maçom será convocado a refletir dramaticamente sobre esse tema:

(...) ele entra²⁴⁶ na maçonaria, a primeira coisa que ele faz: ele assina um testamento porque ele vai conhecer a morte através das trevas... É esse um momento de *reflexão* porque ele vai passar de seis a sete horas de iniciação pra reverter todo o processo da vida profana e criar a sua elevação espiritual...”

Morrer simbolicamente durante a iniciação ao grau de aprendiz foi um processo representativo de uma *performance* que envolveu reflexividade para esse maçom. O efeito da performance causou-lhe uma leitura da ritualização. No momento em que se tem um contato filosófico com a morte, segundo esse agente, essa repercute em seu íntimo. Acredita que nessa sequência da iniciação o candidato, que não é ninguém nesse momento, em termos hierárquicos, tenha a chance particular de obter respostas para muitos enigmas, através da reflexão que lhe é propiciada:

²⁴⁶ Boris explicou como se entra na maçonaria: “Entrada na maçonaria [] O candidato na maçonaria ele é convidado por um maçom...este maçom preenche uma proposta de que ele é responsável por aquela pessoa... Esta pessoa tem que ter um emprego... Tem que ter um teto salarial... pois nós não queremos que ele tenha problemas com a família dele... porque de repente ele pode estar tirando dos filhos para pagar a maçonaria e nós não queremos... Tem que ter um teto pra entrar na maçonaria... porque ele tem que fazer parte daquela receita também... porque o mestre se responsabiliza por ele... ele tem que ter emprego... tem que ter bons costumes... tem que acreditar numa vida futura e principalmente em um Deus... Não importa que seja Buda... que seja hare-krishna... não importa que religião seja... porque a maçonaria não é uma religião... Ela é uma sociedade secreta... Em que ela pratica o esoterismo dentro do deus de cada um de nós... que na verdade é um só... que é o grande arquiteto do universo... Então este elemento (o candidato) nós chamamos de “pedra bruta”... que significa pedra bruta? que você ainda não tem os conhecimentos da sabedoria... Então ainda vai ser aprovada esta proposta... como? Através de uma sindicância... essa sindicância ela é feita nos vizinhos... nos colegas de trabalho... na faculdade... nos clubes... que é pra ver que tipo de pessoa é... se é uma pessoa temperamental... se é um mal marido... se é um péssimo filho... a idoneidade dessa pessoa... a partir daí nós vamos aprovar a proposta... porque uma vez maçom nunca mais deixa de ser... Por isso que nós devemos ter sempre esse cuidado... Até que esse elemento é aprovado... Ele é convidado a pagar a “jóia”... Como nós não trabalhamos com lucros... não vivemos de lucros... todo dinheiro arrecadado são para as despesas... nós não costumamos chamar o dinheiro de dinheiro são metais... jóias tudo...então até que é marcada a iniciação... É passada para ele a informação para ele comprar os paramentos... É marcada a iniciação... Que é normalmente um smoking preto... um avental branco... dois pares de luvas brancas (...)

(...) aonde ele vai ter todas as esperanças de buscar respostas para as perguntas que questionam todos os maçons que é de onde nós viemos... o que nós viemos fazer aqui entendeu? (...)

O tema da morte o levou também a refletir sobre o que ele gostaria de fazer com a sua vida. Pensou então no futuro. Nesse momento do drama, sua experiência pessoal com o ritual fez-lhe refletir sobre seu próprio papel na vida. Ele comentou:

(...) O objetivo da maçonaria é preparar o homem...o maçom para a vida futura.... Só que pra você conseguir se realizar numa vida futura... você tem que ter uma boa preparação aqui...Tudo depende do aqui... Entendeu? Então tu tens que te preparar primeiro aqui... Aí sim tu vais estar preparado pro amanhã...pra vida futura.. por isso... na própria iniciação você olha à tua frente... nas trevas... o pouco de luz que você vê... na penumbra... o teu próprio epitáfio... tuas inscrições... o que tu vais deixar...Qual a representatividade do que você vai deixar AQUI... Você vai lutar por ISSO... Ou você vai ser mais um esquecido... um bêbado... ou uma pessoa QUALQUER (...)

Para um outro maçom, como *Salazar*, o tema da morte na iniciação representou um “renascimento”: muitos conceitos morrem para darem lugar a outros, muitas certezas, e muitos sonhos. Em um ritual o que é simbolizado é o jogo entre vida e morte:

(...) mas você morre...você renasCE... (((bate na mesa))) como você não morre? Quantos conceitos você já não matou? Quantas certezas você já não assassinou? E quantos sonhos todos morreram com seus pais? É esse jogo de nascer e renascer que nós simbolizamos em uma cerimônia...você morRE (...)

De qualquer modo, para esses maçons, o ritual de iniciação representa um momento dramático, uma situação de conflito, quando o candidato se depara consigo mesmo: com a morte e com tudo que ela representa para cada um. Terminada a sequência mais forte do ritual, de acordo com o que observei nos depoimentos, tem-se início outra sequência.

2.2.1.2) A sequência da crise e a “pedagogia da liminaridade”.

Na sequência seguinte, segundo Turner, *há uma tendência para a rusga aumentar: é a crise*²⁴⁷. Nesta sequência da *crisis*, há características liminares, segundo Turner. Nesse caso, o candidato encontra-se na liminaridade: não é nem “profano”, pois já *morreu* na sequência anterior e não é ainda maçom, daí a crise. E então ele será testado: acontecem as provas ou “viagens” simbolizadas pelos elementos “água”, “fogo” e “ar”. O elemento “terra” predominou durante a primeira sequência quando o candidato teve que morrer simbolicamente na câmara que lembrava um sepulcro. O ingressante representa também um combate travado entre ele e os representantes da Ordem, isto é, um embate entre os que já estão lá dentro e o profano que está querendo entrar. O “profano” pode se revelar como algo de ameaçador para a existência da Ordem se seus tabus forem violados (sendo o maior deles o princípio do segredo), daí o combate entre forças profanadoras e forças consideradas sagradas. Se o “profano” não puder ser vencido, tendo dado amostras de sua força e resistência durante o ritual, ele deverá se tornar maçom, e assim ele será um deles, um igual e não mais uma ameaça.

Finda a primeira sequência, quando o candidato refletiu sobre a morte e escreveu seu testamento, o Experto vai até ele e obtém as suas respostas, em “papel cheio e assinado” e entra no templo sem formalidades, entregando o que foi escrito na ponta da espada, ao *Venerável*. Este pergunta ao tesoureiro se ele está satisfeito com o ato. Este lhe responde afirmativamente. O *Venerável* ordena ao *Experto* que prepare o profano, trazendo-o ao templo e lhe entregando ao *Mestre de Cerimônias*. O *Experto* vai até o profano, venda-lhe os olhos, tira-lhe todos os *metais*, (tudo que tiver valor, como dinheiro e jóias) a “casaca e o colete”, descobre-lhe o lado esquerdo do peito, e o conduz à porta do templo, entregando-lhe ao Mestre de cerimônias que bate na porta.

²⁴⁷ “Crisis, during which there is a tendency for the brach to widen. Each public crisis has what I now call liminal characteristics, since it is a threshold (limen) between more or less stable phases of the social process, but it is not usually a sacred limen, hedged around by taboos and thrust away from the centers of public life. On the contrary, it takes up its menacing stance in the form itself, and, as it were, dares the representatives of order to grapple with it” Cf. Turner, *Op. Cit.*, p.

Ao ouvir a batida na porta, o *Cobridor* arma-se e avisa aos vigilantes que comunicam o fato ao Venerável. Este pede aos *Vigilantes* que vejam de quem se trata. Estes transmitem a ordem ao *Cobridor*, que abre um pouco a porta e aponta “cautelosamente” a ponta da espada no peito do profano, e diz em voz alta e áspera:

– *Quem é o temerário que tem o arrojo de querer forçar a entrada d’este templo?*

O *Experto* pede ao *Cobridor* que suspenda a espada, pois se trata do *Mestre de cerimônias* que vem apresentar um “profano” para a loja. Em seguida, o Venerável, executando uma bateria²⁴⁸, ordena que todos se armem porque há um profano batendo à porta do templo. E interpela agressivamente o Mestre de Cerimônias:

“– Irmão Mestre de Cerimônias, que indiscrição é vossa conduzindo aqui um Profano? O que quereis? O que pretendeis?”

Quem responde à questão é o *Experto*, que diz se tratar do desejo de o profano ser admitido nos “mistérios da maçonaria”. O *Venerável* continua falando em tom não-amigável e pergunta ao Profano (que nunca toma a palavra) como pôde este conceber tal “esperança”. O *Experto* responde que é porque o profano “é livre e de bons costumes”. Se é assim então o *Venerável* pergunta-lhe o nome e a pátria do *profano*. O *Experto* responde. Em seguida, sua profissão e a residência atual. O *Experto* responde.²⁴⁹ O *Venerável* realiza uma bateria e ordena que o *Profano* entre. O *Experto* o ameaça com a ponta da espada sobre o peito e o candidato, de olhos vendados, é interrogado pelo *Venerável*. Todo o diálogo a seguir entre o *Venerável* e o profano é feito em tom agressivo já que o Profano ainda é estranho à ordem e ainda não goza de confiança do grupo. O Profano tem o direito de se pronunciar somente quando questionado:

²⁴⁸ Segundo o dicionário de Aslan, pode ser feita com as mãos e com os malhetes. A bateria do grau dá-se com as mãos. “No R.E.A.A. , existe uma bateria particular a cada grau.” Cf. ASLAN, Nicola. *Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia*. Vol 1. Arte nova, Rio de Janeiro, 1974, P. 157.

²⁴⁹ Segundo as instruções do rito, neste momento, “a porta deve estar meio aberta, O Mestre de Cerimônias e o Profano da parte de fora e o Cobridor, da parte de dentro, para passar as respostas ao 2º. vigilante, o 2º. ao 1º. e este ao Venerável”. Cf. Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901, p. 33.

“–Vedes alguma coisa senhor?
 –Não, Senhor.
 –Sentis alguma impressão?
 –Sinto a ponta de um ferro.
 – A arma, cuja ponta sentis, simbolisa o remorso que há de perseguir-vos, si fôdes trahidor á associação a que desejais pertencer. O estado de cegueira em que vos achais é o symbolo do mortal que não conhece a estrada da virtude, que ides principiar a trilhar. O que quereis de nós, senhor?
 –Ser recebido maçom.
 –E esse desejo é filho do vosso coração, sem nenhum constrangimento ou sugestões?
 –Sim, senhor²⁵⁰. ”

A seguir o Venerável faz um discurso sobre os dogmas da maçonaria, seus objetivos, e os deveres de um maçom. A maçonaria não é, segundo ele, uma “simples associação de auxilio mútuo e de caridade. Tem responsabilidades e deveres para com a sociedade e para com a humanidade, necessitando progredir e por isso exige de seus adeptos “o cumprimento de sérios deveres e enormes sacrifícios²⁵¹.” Comenta sobre este sacrifício e utiliza-se até mesmo de alegorias:

“Abraão, preparando-se para sacrificar o seu próprio filho, representa grande e sublime alegoria. Assim também, a sociedade ou a pátria deve levar os seus filhos ao altar do sacrifício quando o exigir o bem das gerações vindouras.”²⁵²

O Venerável continua sua performance ao afirmar que o candidato deve estar prevenido de que a instituição a que irá entrar exigirá dele obrigações “solenes e terríveis”, grandes homens e benfeitores da humanidade tem-se sacrificado por ela, e só pela história de vida deles já é possível se conhecer o quanto a maçonaria tem incitado e estimulado seus adeptos. Caso ele não cumpra os deveres de um maçom diante de uma calamidade, ele será considerado traidor. Faz-se uma pausa eloqüente.

A seguir, o *Venerável* explica que ele passou pela iniciação da Terra, ao ter estado presente na *Câmara das Reflexões*. Mas ainda restam outras provas que irão colocar a sua coragem em questão. O *Venerável* continua testando sempre a certeza do candidato em entrar para a instituição:

²⁵⁰ Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901, p. 33.

²⁵¹ *Id.*, *Ibid.*, p. 33.

²⁵² Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901, p. 34.

“Ainda uma vez refleti, senhor. Si vos tornardes maçom, encontrareis nos nossos símbolos a terrível realidade do dever. Não deveis combater somente as vossas paixões, mas ainda a outros inimigos da Humanidade, como sejam: os hipócritas que a enganam; os pérfidos, que a defraudam; os fanáticos, que a oprimem; os ambiciosos que a usurpam; e os corruptos e sem princípios, que abusam da confiança das massas. A estes não se combate sem perigo. Senti-vos com energia, resolução e dedicação para combater o Obscurantismo, a Perfídia e o Erro?”²⁵³,”

O candidato responde afirmativamente. E, a seguir, sempre sendo ameaçado pelos “irmãos maçons”, numa recepção tradicionalmente rigorosa, enérgica, e nada amigável eles continuam testando a firmeza, a coragem, a decisão do candidato em se tornar maçom, dando continuidade ao tom solene do ritual. Assim, dá-se prosseguimento com as provas. O “irmão Terrível” leva-o para fora do templo, fazendo-o dar várias voltas ainda de olhos vendados e depois o atira de qualquer altura, mas o ampara convenientemente. Ao retornarem ao templo, o Experto afirma que o profano deu uma prova de coragem. E o *Venerável* dá a lição de moral a propósito desta cena e cita o único “dogma” da maçonaria:

“Senhor, é através de perigos e dificuldades que podereis alcançar a iniciação. Embora a Maçonaria não seja uma religião e proclame liberdade absoluta de consciência, tem contudo crença e os maçons não se empenham em empresa importante sem primeiro invocarem ao Grande Arquiteto do Universo”.

É o momento em que todos se desarmam para fazer uma oração ao G.A.D.U.²⁵⁴. O candidato é conduzido junto ao 2º. vigilante e é obrigado a se ajoelhar. Todos tomam parte na oração para o “Grande Arquiteto do Universo”, mas só o profano fica ajoelhado, pois após convidar a todos para orarem, o *Venerável* executa uma bateria e diz: “de pé e à ordem”.

Na primeira parte da oração, o GADU é descrito com vários qualificativos, depois de invocado é pedido proteção para os presentes e em especial ao candidato, depois é-lhe perguntado em quem ele confiará nos momentos difíceis. O profano responde que confiará em Deus. A seguir trava-se um questionamento do *Venerável* para com o candidato: primeiramente que pensamentos haviam lhe ocorrido durante sua estadia na Câmara das Reflexões. A resposta deve ser dada “sem precipitação”. O *Venerável* esclarece-lhe que ele

²⁵³ *Id;Ibid*; p. 35.

²⁵⁴ Grande Arquiteto do Universo.

havia passado pela primeira das provas: a da Terra. “Os antigos diziam que havia quatro elementos: Terra, Ar, Água e o Fogo”. O *Venerável* explica-lhe todo o simbolismo da Câmara e quais eram as expectativas em relação a sua resposta: deveria comparar aquele ambiente a uma “masmorra”, esta que foi o principal “instrumento da tirania”, e lembrando-se disso, esperava-se ver surgir neste candidato a novo maçom “o mais fervoroso amor pelas instituições livres”. Pois “o primeiro ato de um povo oprimido que defende seus direitos é destruir as Bastilhas que foram o orgulho e a segurança de seus senhores”. Em segundo lugar, olhando para “emblemas da mortalidade” ele deveria lembrar-se da “instabilidade e brevidade da vida humana”, e, por fim, com a estada na “câmara das reflexões” esperava-se justamente uma reflexão do candidato e uma transformação em sua subjetividade:

“Si desejais tornar-vos um verdadeiro maçom, deveis primeiro morrer para o vício, para os erros e para os preconceitos vulgares e nascer de novo para a virtude, para a honra e para a sabedoria²⁵⁵.”

O *Venerável* continua o discurso esclarecendo que eles não desprezam as religiões, julga-se que se deve homenagear a Deus através da “Candura, Sciencia e a Virtude”, e aqueles que possuem estas qualidades podem ser admitidos na Ordem. Além disso, o *Venerável* esclarece que eles não são “inimigos dos governos ou das autoridades constituídas, se são justos. Censuram apenas o que julgam desacertado. Mas, infeliz do maçom que consentir em tornar-se instrumento da tirania, apoio da usurpação e apologista da injustiça e do desprezo das leis e constituições que contêm as eternas garantias de liberdade²⁵⁶.”

O questionamento continua e a segunda questão posta é: “Credes em um Ente Supremo?” O Profano responde com um “sim”. A terceira questão é “o que entendeis por virtude?” O profano responde à vontade. E a quarta, “o que pensais ser o vício?” O profano responde livremente. A cada resposta do profano o *Venerável* em seguida profere algum ensinamento referente à Deus, à Virtude e ao Vício, respectivamente. E por fim, pergunta-lhe se ele ainda persiste em ser maçom. O profano responde que sim. Depois, o *Venerável*

²⁵⁵ Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901, p. 39.

²⁵⁶ *Id; ibid; p. 39.*

fala sobre os deveres do maçom: “um silêncio profundo acerca de tudo quanto ouvirdes e descobrires entre nós, bem como de tudo quanto para o futuro chegues a ouvir, ver ou saber²⁵⁷”; “vencer as paixões ignóbeis que desonram o homem e o tornam desgraçado²⁵⁸”; “socorrer os seus irmãos, prevenir as suas necessidades, minorar os seus infortúnios, assisti-los com os seus conselhos e as suas luzes. O que em um profano seria uma qualidade rara, não passa no maçom do cumprimento dos seus deveres. Toda a ocasião que ele perde de ser útil é uma infidelidade, todo o socorro que recusa é um perjúrio; e si a terna e consoladora amizade também tem culto nos nossos templos, é menos por ser um sentimento do que um dever que pode tornar-se em virtude.²⁵⁹”

Depois de conhecer as leis da ajuda mútua, na ritualística, o candidato é ainda questionado pelo *Venerável* se ainda persiste em entrar na instituição. Ele responde afirmativamente e a seguir é levado ao altar pelo *Mestre de cerimônias* e o *Experto* apresenta-lhe uma taça com água açucarada, esperando que o *Venerável* faça-lhe o sinal para que ele entregue a taça ao neófito. Deve estar também munido de um líquido amargo que despejará no vaso depois de o candidato ter bebido parte da água. O neófito é levado pelo *Venerável* a jurar fidelidade à instituição sobre a “taça sagrada”. Enquanto repete as palavras do *Venerável* este faz sinal para que o *Experto* entregue-lhe o copo. A performance parece ter, neste momento, uma cena bastante dramática. O candidato faz o primeiro juramento:

“– Juro guardar o silêncio mais profundo sobre todas as provas a que for exposta a minha coragem. Se eu for perjuro e trair os meus deveres, se o espírito de curiosidade aqui me conduz, consinto que a doçura d’esta bebida (O Ven. Faz sinal para lhe dar o copo) se converta em amargura e o seu efeito saudável em subtil veneno. (Faz-lhe beber)²⁶⁰.”

É um momento dramático em que o *Venerável*, em tom ameaçador, inquire o *profano* se ele, por acaso, não estaria sendo dissimulado. O *Venerável* realiza fortemente uma bateria e é repetido pelos *Vigilantes*. E fala, transtornado:

²⁵⁷ *Id;Ibid; p. 41.*

²⁵⁸ *Id;Ibid; p. 41.*

²⁵⁹ *Id;Ibid; p. 41.*

²⁶⁰ *Id; Ibid; p. 42.*

“– O que vejo, Senhor?! Altera-se o vosso semblante! A vossa consciência desmentiria por ventura as vossas palavras? A doçura desta bebida não mudar-se-ia em amargura?! Retirai o profano! (o profano é conduzido entre colunas e ali senta-se)”

A cena é seguida por um discurso do venerável que afirma que espera que o *profano* não esteja lá para enganá-los. Ele ainda pode se retirar e desistir de ser maçom. Contudo, os maçons lhe permitiram que ele provasse da “taça da boa ou má sorte, que é a taça da vida humana”. Consentiram que ele “provasse da doçura da bebida” e ao mesmo tempo fora solicitado a “esgotar o amargo de seus restos²⁶¹”. A experiência dramática deve levar o candidato a lembrar-se que o “homem sábio e justo deve gozar os prazeres da vida com moderação, não fazendo ostentação do bem que goza desde que vá ofender ao infortúnio.” Depois o candidato é prevenido de que passará pelas provas simbólicas para que lhe sejam testadas a *firmeza e resolução*, segundo as explicações do *Venerável*. As provas deverão lembrar o candidato que, de um dia para outro, ele poderá vir a ser pressionado a falar e sofrer algo como se fosse a inquisição, e deverá permanecer fiel aos seus juramentos, mas nunca se encontrou delatores entre maçons. E também de um dia para o outro “no pleno gozo dos vossos direitos, podeis também ver de um momento para outro um usurpador declarar a sua vontade única lei e n’esse caso sereis levado a defender os direitos do povo e a majestade da lei contra ele. A nação hoje livre pode amanhã estar escravizada. República ontem, reino hoje, império amanhã, tais são as fantásticas mutações de cena das nações²⁶².” Ao fim de seu discurso, o Venerável pergunta ao candidato se ele ainda persiste em entrar para a maçonaria.

Diante de sua assertiva, o *Venerável* bate forte uma bateria, e é seguido pelos *Vigilantes*, a seguir o profano é levado pelo *Experto* a sentar-se na “cadeira das reflexões”, para que ele sinta a solidão e a obscuridade como suas únicas companheiras, e pense bem se realmente quer entrar para a instituição – o que lhe é perguntado em seguida. Diante de sua assertiva, o *Venerável* realiza fortemente uma bateria, e é seguido pelos *Vigilantes*, ordenando a seguir que o *Experto* o leve a praticar sua “primeira viagem”, empregando todos os esforços “para trazê-lo sem perigo”.

²⁶¹ *Id., ibid*, p. 42.

²⁶² *Id.; Ibid*; p. 43.

“O Experto acompanha o Profano e o faz percorrer um caminho difícil e cheio de obstáculos. Enquanto dura a viagem altera-se o silêncio da loja, imitando o trovão, o que cessa desde que o candidato chega ao altar do 2º. vigilante, onde o Experto bate três pancadas com a palma da mão aberta²⁶³.”

O 2º. vigilante o questiona, “levantando-se precipitadamente e encostando o malhete no peito do profano”:

- *Quem vem lá? (1º. vigilante)*
- *É um profano que deseja ser recebido maçom. (Experto)*
- *E como pôde ele conceber tal esperança?*
- *Porque é livre e de bons costumes.*
- *Pois, se assim é, passe.*

O Experto conduz o profano entre colunas. O 2º. *Vigilante* bate uma bateria e anuncia ao 1º. *Vigilante* que está feita a primeira viagem. Este, batendo, anuncia o fato para o *Venerável*. Este observa ao neófito que tais provas têm caráter simbólico e pergunta-lhe que observações elas teriam suscitado em seu espírito. O profano responde livremente. Em seguida, o *Venerável* explica o sentido desta viagem, com os ensinamentos do elemento Ar, que com seus ruídos, trovões, meteoros, relâmpagos, “ameaça-nos constantemente de morte²⁶⁴”. Afirma ainda:

“O Ar é símbolo da vitalidade ou da vida, é um emblema natural e próprio da vida humana, com as suas correntes, as suas agitações e estagnações, o seu cansaço e energias, as suas tempestades e calmarias e as suas perturbações e equilíbrios elétricos.

Esta interpretação, embora verdadeira, é, porém trivial. Esta viagem representa também o progresso de um povo. O progresso é a vida geral da humanidade, é o seu avançar coletivo. Ele encontra delongas e obstáculos, tem as suas estações e as suas noutes, mas sabe vencer a todos os tropeços e tem o seu despertar.

As nações também são cegas e o Destino que as guia é simbolizado pelo vosso guia, o Ir. Terrível. Finalmente, assim como depois do temporal vem a calmaria, também depois das revoluções do progresso vem a estabilidade das instituições livres.

Conseguir este resultado e ajudar o seu paiz a progredir é o verdadeiro trabalho do maçom e para isso necessita ele sobretudo de constância e de coragem.

São estes os sábios ensinamentos da prova do Ar²⁶⁵.”

²⁶³ *Id., Ibid., p. 44.*

²⁶⁴ *Id;Ibid; p. 45.*

²⁶⁵ *Id; Ibid; p. 45.* Interessante observar também que neste momento os maçons recorrem à sonoplastia, mais um elemento teatral.

O ritual prossegue com a pergunta ao candidato se ele deseja fazer uma segunda viagem. Nesta segunda viagem, o profano dá uma volta no templo, sendo conduzido ainda pelo *Experto*, percorre um terreno mais plano, e dirige-se ao altar do 1º. *Vigilante*, que então o questiona, “levantando-se precipitadamente e encostando o malhete no peito do profano” e a seguir o questionamento repete-se como na primeira viagem, só que dirigido ao 1º. *Vigilante*, este pede que então o profano seja purificado pela água. O 2º. *Experto* apresenta-lhe um jarro ou bacia com água, “onde o 1º. *Experto* introduz as mãos do Profano e enxuga-as depois com uma toalha. O Profano é então conduzido entre colunas²⁶⁶.” Em seguida, o 1º. *Vigilante*, fazendo uma bateria, comunica ao *Venerável* que foi feita a segunda viagem. O *Venerável* comenta sobre a prova que o profano passou, pedindo antes que o *Irmão Terrível* faça o candidato sentar-se:

“Passastes, senhor, pela terceira prova, a da Água. A água em que vos fizeram mergulhar as mãos é uma imagem do vasto oceano que banha as praias dos continentes e ilhas.

Nas antigas iniciações, a purificação simbólica da alma fazia-se pelo batismo do corpo, constituindo isso uma parte indispensável do cerimonial.

O oceano é para nós um símbolo do povo, a cujo serviço dedicam-se os verdadeiros maçons. Inerte na calmaria, quase estagnado nos trópicos. Ele é agitado e revolto pelo mínimo movimento que lhe dão os ventos. Açoitado pela tempestade, as suas vastas ondas vêm atirar-se de encontro às praias. A sua instabilidade e a sua fúria pintam bem os caprichos vários e as vinganças cruéis de um povo exaltado. As suas grandes correntes são como as da opinião popular. Os homens são as gotas do vasto oceano da Humanidade, de que as nações são as ondas. Assim como o marinheiro lança-se aos riscos dos naufrágios e de ser engolido pelas ondas, assim também o patriota que quer servir ao povo deve arriscar-se a tornar-se-lhes mesmo odioso e a ser esmagado pela sua fúria cega.

Assim, não deveis deixar de servir ao povo quando ele carecer dos vossos serviços, porque ser seu bemfeitor é muito nobre, embora mais perigoso e menos proveitoso²⁶⁷.

Em seguida pede ao *Irmão Terrível* que faça o candidato passar pela terceira viagem:

“O Experto faz o Profano percorrer um terreno sem obstáculos, não se ouvindo o menor ruído, e depois no faz subir os degraus do trono onde tem assento o Venerável e aí bate três pancadas como nas viagens anteriores²⁶⁸.”

²⁶⁶ *Id; ibid; p. 46.*

²⁶⁷ *Id; Ibid; p. 47.*

²⁶⁸ *Id., Ibid., p. 47.*

Ao invés de ser interpelado e obstruído por um ou outro *Vigilante*, como nas cenas anteriores, desta vez é o *Venerável* quem interroga o ‘profano’ e lhe barra a passagem, encostando-lhe o malhete no peito e quem responde é o *Experto* que lhe está acompanhando:

- *Quem vem lá? (Venerável)*
- *É um profano que deseja ser recebido maçom. (Experto)*
- *E como pôde ele conceber tal esperança?*
- *Porque é livre e de bons costumes. (Experto)*

“Se assim é” – responde o *Venerável*, que o profano passe “pelas chamas purificadoras para que d’ele desapareçam todos os vestígios do mundo profano”. Desta forma, “o *Experto* desce com o profano e, antes, de chegar entre colunas, o faz passar três vezes pelas chamas, ajudado pelo *Mestre de Cerimônias*. O profano depois se senta entre colunas²⁶⁹.” O 2º. *Vigilante* anuncia o fato para o 1º. *Vigilante*, fazendo uma bateria, e este último, também fazendo uma bateria, anuncia ao *Venerável* que a terceira viagem foi feita e que o profano encontra-se entre colunas. O *Venerável* então se dirige ao *profano* e explica-lhe o sentido da terceira e última viagem:

Esta passagem simboliza, segundo o que é dito pelo *Venerável*, que o profano encontra-se limpo “de qualquer nódoa do vício”, purificado que fora pela água e pelo fogo. Explica ainda que: “o fogo, cujas chamas sempre simbolizaram aspiração, fervor e zelo, vos lembrará que deveis aspirar à excelência e à verdadeira glória e trabalhar com zelo e fervor pela causa em que vos empenhardes, principalmente se essa causa for a do povo²⁷⁰.” Ainda resta contudo uma prova: a do sangue. O argumento do *Venerável* é que:

“A Ordem maçônica e a pátria podem ter necessidade de que derrameis o vosso sangue em sua defesa e um verdadeiro maçom não pode esquivar-se a esse sacrifício. Os principais mártires da Liberdade e da Fé, em todas as épocas, poderiam ter uma vida mais longa e perdido essa glória imortal, se tivessem se prestado a lisonjear a tirania e a sacrificar aos deuses pagãos. Antes de serdes iniciado nos nossos mistérios deveis passar pelo batismo de sangue. Se vos sentis possuído de zelo e bastante valor para vos sacrificardes pelo serviço da Pátria, da Ordem, da Humanidade, e dos nossos Irmãos, com risco iminente de vida,

²⁶⁹ *Id., Ibid., p. 47.*

²⁷⁰ *Id.; Ibid; p. 48.*

deveis selar a vossa profissão de fé com o vosso sangue. Não podemos aceitar meras palavras e promessas vãs. Estais disposto a isso?”

O iniciando responde afirmativamente. Diante da assertiva, o *Venerável* afirma que a resignação do *profano* é o bastante e a “retirada de sangue” nem chega a ocorrer. Em seguida explica o que significa o “batismo de sangue”:

“O batismo do sangue não é um símbolo de purificação: é o batismo do heroísmo e da dedicação, do soldado e do mártir. É um penhor solene de que jamais faltareis ao cumprimento dos vossos deveres maçônicos para com os nossos Irmãos, para com a Ordem, ou para com a Pátria, por medo ou temor do perseguidor ou do tirano. Ele vos lembrará também o sangue derramado em todas as épocas pela intolerância e pela perseguição e vos incitará à tolerância e à defesa dos sagrados direitos da consciência²⁷¹.”

Assim, essa sequência funciona como uma verdadeira “pedagogia da liminaridade²⁷²”, quando o candidato deve estar preparado para tudo, e a tudo se submeter, para mudar de *status* e em nome da instituição que deseja pertencer. Ao final deste processo, o candidato já passou por toda espécie de teste, por uma aprendizagem simbólica, conforme Turner:

“O neófito na liminaridade deve ser um tabula rasa, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo “status”. Os ordálios e humilhações (...) a que os neófitos são submetidos, representam em parte a destruição de uma condição anterior e, em parte, a têmpera da essência deles, a fim de prepará-los para enfrentar as novas responsabilidades e refreá-los de antemão, para não abusarem de seus novos privilégios. É preciso mostrar-lhes que, por si mesmos, são barro ou pó, simples matéria, cuja forma lhes é impressa pela sociedade.²⁷³”

Assim, ao mesmo tempo em que o ingressante é exposto a um aprendizado sobre o simbolismo do grupo (desde sua entrada até os ensinamentos proferidos durante o ritual) ele também é educado a respeitá-lo, e a incorporá-lo como um *habitus*, desde então conhecendo as regras do grupo a que vai pertencer. Ou seja, a ritualística de iniciação ao

²⁷¹ Turner, *O processo ritual*, p. 49.

²⁷² *Id.; ibid.*; p. 129.

²⁷³ *Id., Ibid.*, p. 127.

grau de aprendiz afirma um *ethos*²⁷⁴ maçônico à medida que enuncia como o maçom ideal deve se conduzir.

Nesse processo, o ingressante vai num crescente deixando de ser “profano”, entra na ordem como neófito e aprendiz maçom, e, por fim, ganhando a confiança do grupo, pode então ser iniciado e a ele é “mostrada a luz”.

Em seguida, o *Venerável* lhe afirma:

“É chegado o momento de cumprirdes um dos deveres maçônicos. Temos n’esta loja maçons necessitados, viúvas e orphãos a quem socorremos constantemente. Dizei, pois, ao ouvido do Ir. Que vou dirigir-vos, a quantia que destinaís para socorro destes infelizes, porque deveis saber que os atos de ostentação e de vaidade, que sopram o orgulho de quem dá e cobrem de vergonha a quem os recebe, devem ficar sepultados no mais profundo segredo”²⁷⁵.”

Depois, o *Irmão Hospitaleiro* vai até o quase maçom para saber dele em segredo quanto ele pretende doar para a instituição, de forma simbólica. O *Hospitaleiro* comunica isso de modo discreto ao *Venerável*. Este lhe agradece “a bondosa dádiva que [destina aos] desprotegidos da sorte”. Agora o tom não é mais de agressividade. Em seguida, o *Venerável* diz ao *profano* para este “ir receber o prêmio” de sua firmeza e constância. Ou seja, depois de vários obstáculos, o que espera o *profano* recém-iniciado maçom no final do percurso (ou dessa seqüência) é uma espécie de *prêmio*, o que marca outra passagem da ritualização.

2.2.1.3) A seqüência de reparação e a liminaridade.

A seqüência da *crisis* chega ao seu final. Agora se procura resolver a “crise” e a solução é o “profano” tornar-se um maçom, dando para isso mostras de que ele pode agir como um maçom. E dessa forma o candidato faz um donativo simbólico para a comunidade, para o socorro de “orfãos e viúvas”. Segundo Turner, a fase de reparação

²⁷⁴ Conforme Geertz, aspectos morais, estéticos e elementos valorativos de uma determinada cultura podem ser resumidos sob o termo *ethos*. Cf. GEERTZ, *a interpretação das culturas*, p. 141.

²⁷⁵ *Id: Ibid*; p. 49.

também ainda apresenta algo de liminaridade, a crise ainda não está completamente resolvida:

“Reparar, também, tem suas características liminares, pois está “no meio e entre” e, como tal, fornece uma resposta distanciada e crítica dos eventos que lideram e compõem a “crise”. Esta resposta pode ser no idioma racional do processo judiciário, ou no metafórico e simbólico idioma do processo ritual²⁷⁶,”

O candidato (agora quase um maçom) é levado pelo *Mestre de Cerimônias* ao 1º. *Vigilante*, para que este lhe ensine a “dar os primeiros passos no ângulo do quadrilongo”, ou seja, dentro do templo, e depois ele é levado ao altar dos juramentos²⁷⁷ para “prestar a sua obrigação solene”.

“O Mestre de cerimônias dirige-se ao Profano e, fazendo-o levantar-se apresenta-o ao 1º. vigilante, que, saindo do seu lugar, vai ensinar-lhe a dar os passos de aprendiz; depois do que o Profano é conduzido ao altar dos juramentos e ajoelha-se com o joelho esquerdo, pondo a mão direita sobre a Constituição e a Bíblia que devem ter em cima a espada e tendo na mão esquerda o compasso que apóia no lado esquerdo do peito. O Mestre de Cerimônias conserva-se por trás do Profano”²⁷⁸.”

O *Venerável* realiza uma bateria e é seguido pelos *Vigilantes*. Pede que todos fiquem de “pé e à ordem”, pois o neófito prestará seu juramento, ainda de olhos vendados. O *Venerável* dirige-se ao *Profano* e pede-lhe que repita com ele:

²⁷⁶ Sobre essa fase, Turner afirma: “*Redressive action ranging from personal advice and informal mediation or arbitration to formal juridical and legal machinery, and, to resolve certain kinds of crisis or legitimate other modes of resolution, to the performance of public ritual. Redress, too, has its liminal features, for it is “betwixt and between”, and, as such, furnishes a distanced replication and critique of the events leading up to and composing the “crisis”. This replication may be in the rational idiom of the judicial process, or in the metaphorical and symbolic idiom of a ritual process*” Turner, Op. Cit, p. . O trecho acima citado é tradução nossa.

²⁷⁷ “O altar dos juramentos (...) é uma pequena mesa triangular ou uma pequena coluna com caneluras e truncada, em cima da qual ficam um exemplar da Constituição e do regulamento geral, uma bíblia, um compasso, um esquadro, e uma espada. Adiante do altar dos juramentos, uma almofada vermelha com um esquadro bordado a ouro” (Na figura 8, percebe-se alguns dos elementos exigidos para o ritual: a Bíblia, o esquadro, o compasso) Cf. Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901.

²⁷⁸ *Id.*, *Ibid.*, p. 50.

“JURAMENTO

Eu, F... juro e prometto, de minha vontade, pela minha honra e pela minha Fé, em presença do Supr. : Arch. : do Univ. : que é Deus, e perante esta assembléia de maçons, solemne e sinceramente, nunca revelar qualquer dos mystérios da Mac. : que me vão ser confiados, senão a um bom e legítimo Ir. : , ou em loj. : regularmente constituída, nunca os escrever, gravar, bordar, imprimir ou empregar outros meios pelos quaes possa divulgá-los.

Juro mais ajudar e defender aos meus Ilr. : em tudo que puder e for necessário e reconhecer como única Potência Maçônica legal e legítima no Brazil o Gr. : Or. : e Supr. : Cons. : do Brazil, ao qual prestarei inteira obediência.

Si violar este juramento, seja-me arrancada a língua, o pescoço cortado e enterrado nas areias do mar onde o fluxo e o refluxo me mergulhem em perpétuo esquecimento, sendo declarado sacrílego para com Deus, e deshonorado para com os homens. Amen!²⁷⁹”

Todos repetem “amém”. Depois das provas, é chegado o ápice da iniciação quando será retirada a venda dos olhos do “profano” e ele verá a “luz”. Mas ainda se está na fase de reparação da crise:

“O mestre de cerimônias faz o candidato levantar-se e o conduz para a sala dos passos perdidos. Em outra sala contígua ao templo, colocam-se duas urnas com espírito de vinho aceso. Deitado no chão, sobre um pano preto, deve estar um Irmão, como se estivesse morto, amortalhado, com a capa do 1º. Experto. Todos os irmãos estarão de pé, sem insígnias, e armados de espadas que apontam para o neófito, que é introduzido logo que está tudo preparado.

O Venerável bate três pancadas lentas.

A primeira pancada o Mestre de Cerimônias desata o primeiro nó da venda.

A segunda pancada, desata o segundo nó da venda.

A terceira deixa cair a venda aos pés do candidato.

Guarda-se o mais profundo silêncio²⁸⁰.”

Quase ao término da cerimônia, a venda é retirada dos olhos do profano, mas ele ainda vê várias espadas contra ele apontadas: na fase de reparação ainda há algo de liminaridade e a crise ainda está a caminho de ser resolvida. O *Venerável* explica que caso

²⁷⁹ *Id.:Ibid;* p. 51.

²⁸⁰ *Id., Ibid.,* p. 52.

ele seja perjuro, ele encontrará inimigos em toda parte, e em qualquer lugar do mundo encontrará perseguição e castigo...O profano é de novo vendado e conduzido pelo *Mestre de cerimônias* que “ajuda-o a revestir-se e o introduz no templo entre colunas. Todos os “irmãos”, ocupando os seus lugares, então ficam de pé e com as espadas voltadas para o neófito. O *Venerável* realiza uma bateria e pergunta ao 1º. *vigilante*, “a quem se apóia uma coluna deste templo”, o que o *profano* merece após ter saído vitorioso “do porfiado combate entre o homem profano e o maçom”. Pede-lhe que responda se o profano pode ser considerado digno de ser admitido entre eles. O 1º. *Vigilante* responde afirmativamente. O *Venerável* pergunta-lhe o que pode ser pedido em seu favor. O 1º. *Vigilante* pede “que lhe dê a luz”. O *Venerável* afirma:

“No princípio do mundo, disse o Gr.∴ Arch.∴ do Univ.∴:

Faça-se a luz (bate uma bateria²⁸¹ e é repetido pelos vigilantes)

E a luz foi feita (bate novamente e é seguido pelos vigilantes)

A luz seja dada ao neophyto²⁸²”. (bate uma bateria e é repetido pelos vigilantes²⁸³)

2.2.1.4) A seqüência de *reintegração*

Então o “profano” é considerado um maçom. Fim da fase de reparação e início da seqüência de *reintegração*. Consiste, segundo Turner, “na *reintegração* do grupo social perturbado, ou o reconhecimento social e legitimação da discórdia entre as partes contestadas²⁸⁴”. Depois de passar por toda espécie de prova, a *ação reparadora* foi dramatizada através do “idioma metafórico e simbólico do processo ritual²⁸⁵” quando o

²⁸¹ “Bateria – manifestação que tem lugar durante os trabalhos das Oficinas maçônicas, e que pode ser feita com as mãos e com os malhetes. Há baterias de várias espécies. Segundo J. Boucher (LSM), “os golpes de bateria de abertura são o signo da “consagração” do Templo; a agitação do ar afasta tudo o que poderia ainda subsistir de profano”, criando-se, desta forma, um novo ambiente. Pelo contrário, “os golpes do encerramento permitem aos Irmãos deixar o plano “sagrado” no qual estavam colocados, em princípio.” Cf. ASLAN, Nicola. *Grande dicionário enciclopédico de maçonaria e simbologia*. Vol 1. Rio de Janeiro: arte nova, 1974, p. 157.

²⁸² Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901, p.53.

²⁸³ A venda deve cair dos olhos do candidato à terceira pancada de malhete do Venerável, depois que é repetido pelos vigilantes.

²⁸⁴ “The final phase consists either of the reintegration of the disturbed social group, or of the social recognition and legitimation of irreparable schism between the contesting parties” Cf. Turner, Op. Cit, pp. 74-5.

²⁸⁵ Turner, Op. Cit, p. 74.

profano foi iniciado e o Venerável em seguida lhe abraçou em nome de todos da ordem. Na fase final, de *reintegração* do grupo social perturbado, o neófito será então chamado a “trabalhar sobre a pedra bruta”, dando “exemplo” de seu primeiro trabalho como aprendiz maçom. Assim, a desordem fora resolvida através do processo do ritual, com a agregação do novo membro – o que nos faz ler também esta ritualística como um ritual de unificação da comunidade maçônica, pois se durante o ritual a hierarquia é evidenciada através da localização dos atores em seus respectivos lugares e funções, terminada a ritualística, é afirmado que todos “são irmãos” e, portanto, iguais.

Então o *ex-profano* passa a ser considerado um igual, um maçom. O *Venerável* discursa, afirmando que agora ele se encontra entre amigos, e estes, caso ele necessite, tudo farão para lhe socorrerem e defenderem com aquelas espadas sua vida e sua honra. As espadas são abaixadas e o *neófito* é conduzido ao trono quando então se ajoelha e escuta a consagração do *Venerável* que o constitui aprendiz e membro daquela loja. Levantando-se e a seguir, o aprendiz recebe um avental, e dois pares de luvas. O avental simbolizará o trabalho que o maçom deverá ter durante uma vida ativa e laboriosa. As primeiras luvas brancas simbolizarão “o templo da virtude” que ele acabou de entrar e também que ele nunca deverá manchá-las. O outro par será destinado à mulher que “mais direito tiver” à estima do aprendiz. Depois é-lhe ensinado os “sinais, toques e palavras”, usados para reconhecimento mútuo. Em seguida, o aprendiz recebe um exemplar da Constituição maçônica, bem como o regimento interno da Loja. Em seguida, o *Venerável* abraça-o três vezes, em nome de todos da Loja. O aprendiz então é levado pelo *Mestre de Cerimônias* para ser ensinado pelo 1º. *Vigilante* a trabalhar sobre a “pedra bruta”²⁸⁶, entre colunas²⁸⁷. O anúncio de que o *neófito* “deu sua primeira lição”²⁸⁸, “trabalhando sobre a pedra bruta e está entre colunas” é feito pelo 1º. *Vigilante*. Diante disso, o *Venerável* realiza uma bateria mais uma vez e é seguido pelos vigilantes, anunciando o novo maçom pelos quatro cantos

²⁸⁶ “...pedra bruta especial, de magníficas condições operacionais que todos devemos desbastar e polir até ao estado de Pedra Cúbica, a tarefa primária do Aprendiz Maçom. Essa pedra é a criança, pedra angular do edifício da Humanidade.” Declara o maçom GUIMARÃES, Ildefonso. *Coisas da maçonaria*. Belém: Cultural Cejup, 1989, p. 20.

²⁸⁷ As colunas Jachin e Booz que ficam à entrada do templo. Cf. figuras

²⁸⁸ Pois o maçom procura aprimorar-se sempre, servindo de exemplo. Falamos aqui de um maçom ideal, retratado no texto da ritualística.

da loja²⁸⁹, pois agora ele é considerado aprendiz da loja, isto é, ele é anunciado “pelas colunas”, e, simbolicamente, para o mundo, já que o templo representa um microcosmo. Após o anúncio, os membros da loja aplaudem o novo membro. Este agradece os aplausos junto ao *Mestre de cerimônias*, “pela mesma bateria”. O *Venerável* pede que o *Mestre de Cerimônias* convide o neófito a assinar o “livro de presenças”. Em seguida, o neófito é dirigido para a *coluna do Sul*, pelo *Mestre de Cerimônias*, aonde terá “a primeira letra da palavra sagrada” comunicada pelo *Venerável*.

“O *Venerável* concede então a palavra ao orador, que deve pronunciar um discurso alusivo ao ato da iniciação, explicando ao neófito os princípios da maçonaria, e os mistérios do grau. O discurso é aplaudido ritualmente e depois circula o tronco de beneficência²⁹⁰.”

Depois de conferir se está tudo em ordem na loja, isto é, se todos estão em seus respectivos lugares, o *Venerável* encerra a sessão formando uma “cadeia de união²⁹¹”. Para Rizzardo da Camiño, a *cadeia de união* é:

“A formação circular dos elos da Loja, ou seja, dos Irmãos, que se entrelaçam, encostando, cada um, a ponta de seus pés nos do Irmão ao lado, dando-se as mãos e unindo-se mentalmente, por intermédio da circulação da palavra semestral. A formação da cadeia de união é levada a efeito em todas as Sessões e fortalece cada maçom, preparando-o para enfrentar os dias vindouros até chegar aquele em que se repetirá o ato místico e simbólico²⁹².”

Em seguida todos são convidados a participarem de um “banquete ritualístico”. Dependendo da loja, ele pode ser aberto aos familiares do recém-iniciado maçom ou não. Esse tópico é motivo de polêmica entre alguns maçons. Maçons como Seixas, ex- maçom da *Grande Loja*, e fundador da maçonaria mista, acredita que se deve manter a *tradição* e,

²⁸⁹ Pois o templo de uma loja representa o próprio mundo. Quando o presidente da sessão faz o anúncio de que o profano se tornou um aprendiz-maçom, ele está afirmando simbolicamente a mudança de status do profano, que se tornou membro da maçonaria, pelos “quatro cantos da terra”.

²⁹⁰ O “tronco da beneficência” é um dinheiro real recolhido durante a sessão destinado à filantropia interna ou externa.

²⁹¹ “Círculo ou cadeia formada no curso de uma cerimônia, simbolizando a união entre os Maçons. – Forma-se nas sessões magnas de iniciação, readmissão, filiação e regularização, nos banquetes e para receber a palavra semestral.” Cf. MENDES, Antônio. *Memórias de aprendiz*. Cejup Cultural, Belém, 1991.

²⁹² DA CAMIÑO, Rizzardo. *Op. Cit.*, p. 228.

portanto, um banquete ritualístico restrito aos maçons. Outras lojas aboliram esse “banquete” nesses princípios. Enfim, trata-se de um item polêmico.

De qualquer modo, nessa sequência final a reintegração (ou integração) é realizada como a solução da crise: um *profano* se torna maçom e toda a crise é resolvida, tornando o estranho, familiar, tratando-se, desse modo, de um ritual de agregação à comunidade maçônica.

2.2.2) Uma pedagogia da *reflexividade*: aspectos do rito de iniciação ao grau de aprendiz.

O hábito faz o monge.

Durante a fase da *crisis*, ou de liminaridade, é que o candidato recebe mais “lições” sobre como deve agir o maçom e do que se trata a maçonaria. Ele é bastante “combatido” durante o ritual, porque o “profano” deve morrer (simbolicamente) para dar surgimento ao maçom. Assim os rastros de “profanidade” são severamente combatidos e em seu lugar tentam-se fazer surgir novos hábitos, condizentes com o que se espera de um maçom. Trata-se também de um embate simbólico entre o elemento impuro (o candidato) e o puro (o maçom). Dessa forma, o “profano”, conforme as regras do jogo, deve se tornar receptivo, uma espécie de “tabula rasa” onde serão colocados os ensinamentos maçônicos. Mas o aprendizado do *habitus* da instituição é realizado em todas as sequências, revelando os valores²⁹³ do grupo. Esses valores constituem-se também como lugares de interesse entre os maçons, pois alguns investirão mais em alguns *lugares* do que em outros.

²⁹³ Sobre como esses valores se realizam na prática, colocarei em capítulo adiante, pois esses *lugares*., ao passarem do “dito” para o “feito” são reveladores de um momento do processo de transformação local. Uma prática conseqüente do evento crítico pelo qual passou o campo.

2.2.2.1) O Lugar da Moral

O aprendizado dos aspectos da instituição passa pela apreensão de seu sistema moral: um aprendizado simbólico do iniciante que deverá apreender esse traço e deverá ser moldado por ele, pois este traço apreendido é que deverá inspirar escolhas e práticas futuras.

Como nos sugere Humphrey, quanto à “moralidade” como “avaliação de conduta em relação a qualidades humanas estimadas ou desprezadas²⁹⁴”, observa-se que na primeira sequência do ritual trata-se de expressar as qualidades estimadas em um maçom, e que o identificam como tal. No questionário que ele deve preencher, demonstra-se a moralidade do grupo sendo racionalizada quando ele tem que escrever sobre os *deveres* do homem para com Deus, a humanidade, a pátria, a família e para consigo, o que significa que ele se compromete com cada uma destas instâncias, não podendo mais daí para diante ficar indiferente a essas questões. A cena de quando também é levado a escrever seu “testamento moral e filosófico” e assinar todas as folhas implica o comprometimento com a instituição e com seus valores. Uma moral, ao menos em nível abstrato, inata e universal, pois no ritual é dito:

“...e só regulando os nossos costumes pelos princípios eternos da moral que poderemos dar a nossa alma esse equilíbrio de força e de sensibilidade que constitui a sabedoria ou antes a sciencia da vida²⁹⁵.”

O que dá à iniciação um caráter de perenidade e a idéia de que existe apenas uma moral: eterna, universal, e inata. Quando o candidato entra no templo, o aprendizado do universo moral da instituição, que lhe mobilizará agora muito mais a imaginação (já que ele fica a maior parte do cerimonial de olhos vendados) dará prosseguimento, aguçando-lhe outros sentidos para compreender a cerimônia. O candidato será freqüentemente testado em sua *firmeza*²⁹⁶, convicção e em seu caráter moral, recebendo lições sobre a conduta certa maçônica: ele deve ajudar seus irmãos; praticar a filantropia na sociedade, tornando-

²⁹⁴ HUMPHREY, Caroline. “Exemplars and rules: aspects of the discourse of moralities in Mongolia” in *The Ethnography of Moralities*. Routledge: London and New York, 1997, p. 25.

²⁹⁵ Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901, p. 40.

²⁹⁶ Essa palavra – firmeza – foi muito citada no campo local como uma qualidade muito bem apreciada entre os maçons.

se útil, não ficar indiferente ao que acontece, e ser “patriota”, além de buscar sempre o aprimoramento como pessoa. Tal Moral pode ser recuperada, por exemplo, nos seguintes fragmentos:

“– Irmão 1º. Vig. Para que nos reunimos aqui?
– Para promover o bem estar da humanidade, levantando templos à virtude e cavando masmorras ao vício²⁹⁷. (...)
“Se desejais tornar-vos um verdadeiro maçom, deveis primeiro morrer para o vício, para os erros e para os preconceitos vulgares e nascer de novo para a virtude, para a honra e para a sabedoria²⁹⁸.”

Quando o cerimonial se inicia, o *Venerável* pede que se vá buscar o candidato “para se conhecer os seus princípios e o merecimento de suas virtudes²⁹⁹”. Durante o ritual, uma moral sem diferenças culturais é enfatizada. O que é certo e o que é errado é proferido performaticamente durante todo o processo, de diversas formas. No decorrer do mesmo, o *Venerável* pergunta ao candidato:

“O que entendeis por virtude?”
“O que pensais ser o vício?”

Da mesma forma, o candidato a maçom é informado que o bom maçom deve ser forte e não deve se deixar dominar por vis paixões, mais uma vez é o ponto de vista da moral que deve conduzir o maçom:

“Vencer as paixões ignóbeis que desonram o homem e o tornam desgraçado”

O maçom, segundo *Boris*, deve se mostrar forte ou se preparar para qualquer tipo de adversidade que ele acaso vier a enfrentar. Ao mesmo tempo em que se testa a reação do candidato aos obstáculos simbólicos durante a ritualização, se treina o futuro maçom para olhar a vida de outra forma, ensinando-o como ele, como maçom, deverá se comportar:

²⁹⁷ *Id;Ibid*; p. 22.

²⁹⁸ *Id;Ibid*., p. 39.

²⁹⁹ *Id; Ibid*; p. 31.

(...) Por isso os instrumentos do aprendiz... do pedreiro eles tem que ser perfeitos senão você não vai construir uma obra perfeita... Você tem que ser como o prumo... Tem que ser como a régua... tem que ser como o esquadro... tem que ser como o compasso/ traços perfeitos senão como é que você vai construir sua obra aqui? (...)

Mesmo com dificuldades ele deverá realizar a sua “obra”, tendo como instrumentos de realização os princípios de conduta representados pela presença no ritual desses instrumentos de medida do “pedreiro”. O maçom de vertente mais esotérica explica do que se trata esta “obra”:

(...) A sua obra é a missão que você tem aqui... Então você é preparado para essa missão... Você é preparado para sofrer (...)

O surgimento freqüente de “obstáculos” na ritualização, que tentam impedir o aspirante de chegar à sua meta, representam “testes” às virtudes do candidato. Nesse sentido, ele “é preparado para sofrer”. A idéia é que o próprio impedimento lhe faz sofrer, mas ele precisa vencê-lo. Essa reflexão pode ser levada para a própria vida, isto é, para o processo humano, do ponto de vista de Boris. Comenta também *Salazar*:

(...) Então uma série de provas...uma série de testes... não...não vão fazer você atravessar a nado...não... é só pra ver se você raciocina... porque a maioria das pessoas pensam mas não raciocinam (...)

Como maçom, a busca pela perfeição lhe será exigida: em tudo, o melhor. Então, desde que prometido durante a iniciação, quando o maçom promete que será virtuoso, moral, correto, um desvio de comportamento representará perjúrio, quebra de juramento.

Para o maçom *Boris*, desde que feita a promessa, o maçom terá de ser o mais correto possível em sua vida e se ele errar, ele paga. Se o maçom cometer uma transgressão, ele terá que pagar uma pena, essa punição no meio é interpretada de várias formas. A maneira de se punir um desvio dentro de uma loja, segundo o que me declarara o tesoureiro de uma potência, é fazer com que o maçom não ascenda de grau. Mas há outras interpretações para essa “punição”, conforme a interpretação de Boris, “se ele errar, ele paga”:

(...) desde que você erre...Tudo tem um preço...nada é de graça...você errou... você paga...é dentro da mesma moeda... na medida que tu indiques... tu vais ser indicado...

então é essa a preparação... (...) Eu sei que isso é difícil de se encontrar na maçonaria. Porque existem muitos declínios... muitas pessoas que esquecem desta filosofia...³⁰⁰ (...)

As “punições” são interpretadas de diferentes formas. Ele se tornará maçom, e, com isso, terá várias “benesses”, mas terá que ser moralmente correto, pois se ele não o for, pagará pelo seu delito³⁰¹ – esta é uma das apostas do jogo, sua *illusio*, ao modo de Bourdieu, a qual compartilham evidentemente maçons que se voltam mais para esse tipo de conhecimento considerado “esotérico”, que pode ser interpretado como algo baseado na moralidade.

O maçom *Salazar*, físico, interpreta o tema da ruptura da Moral, comentando sobre energia:

(...) tudo na natureza ta interligado com tudo...que se eu matar a população de morcego...eu vou ter problemas com ratos e isso eu posso trazer para as nossas vidas...por exemplo: quantas vezes os cretinos de toda ordem não magoam o seu semelhante e daqui a diante lá eles encontram um câncer...ou um caminhão...ou um problema familiar...e não sabem direito o que é...**ah não...é lei do carma...** Não é lei do carma...imagine um sistema fechado (...) Imagine um sistema fechado...um sistema fechado...se eu gero uma energia pra cá ela vai rebatendo rebatendo rebatendo...quando chega num determinado ponto ela volta só tem um detalhe...a intensidade da força...que vai determinar...o impacto que retorna...a proximidade... (...) então tudo está interligado a tudo (...)

O maçom Von-Rommel fala sobre revelação de segredos:

(...) ele não vai abrir a boca...se ele abrir a boca ele é...a cobrança vem logo depois (...)

Outros maçons falaram também da “quebra de juramento” como o maçom Seixas. Para ele, o maçom “perjuro” seria “espiritualmente cobrado”, pois a ritualização refletir-se-

³⁰⁰ *Id; Ibid.*

³⁰¹ Há várias publicações que enfatizam o que deve ser a conduta correta maçônica. Em Belém do Pará, o órgão informativo do *Centro Pedagógico Maçônico* publicou em jan/fev de 2003 os “33 mandamentos da maçonaria”. Alguns deles: “1- Adora o Grande Arquiteto do Universo”; 3- “Tem sempre a tua alma em estado de pureza, para que possas aparecer de um momento para outro perante o Grande Arquiteto do Universo”; 13- “Não julgues superficialmente as ações de teus irmãos e não censures aereamente. O julgamento pertence ao Grande Arquiteto do Universo, porque só ele pode sondar o coração das criaturas”; 19 – “Não faças o mal, embora não esperes o bem”; 26 – “respeita a mulher, não abuses jamais de sua debilidade, defende-lhe a inocência e a honra; 27 – “Fala moderadamente com os pequenos, prudentemente com os grandes, sinceramente com os teus iguais e os teus amigos, docemente com os que sofrem, mas sempre de acordo com a tua consciência e princípios de sã moral”.

ia no plano do invisível, então todos os juramentos seriam recebidos por entidades invisíveis – uma leitura de maçonaria agenciada também pela sua leitura espiritualista da maçonaria:

(...) Existe uma coisa...em maçonaria...muita gente não sabe... os juramentos que nós fazemos...no altar dos juramentos... tem os guardiões que recebem...tem muita gente que não sabe...então a pessoa que não cumpre é perjuro...é espiritual...então aquilo ali são fundamentos sérios...coisas sérias... então o de Mestre Instalado tem vezes que dá até vontade de desistir de tanto juramento que TEM... e nesse nosso aqui então ainda é muito MAIS... O maçom que não cumpre com suas obrigações você pode observar...ele não tem vida normal...ele passa a ser perjuro...aquela coisa toda (...)

Segundo o maçom Boris, o maçom terá que ser *vigilante* com suas próprias ações e trabalhar para o bem da humanidade. Pois ele mesmo disse que foi “preparado” para ter consciência de seus atos. Perguntei a ele se havia enfrentado muitos conflitos como *Venerável* com as suas idéias. Ele me respondeu:

(...) Com muita resignação.... Eu sou uma pessoa que sou um exemplo disso... Eu tive...eu cometi muitos erros na minha vida... eu paguei por eles... por todos os meus erros... mas eu paguei dentro de uma linha de pensamento consciente... eu não posso culpar ninguém... jamais... porque eu estou preparado (...)

Indaguei a esse maçom se todos os outros maçons de sua loja eram como ele. Ou seja, esses valores pertenceriam a ele somente ou esses valores equivaleriam a um pensamento comunitário que traduziriam uma particularidade dos maçons locais, e ele me respondeu:

Olha... eu te garanto que/ eu vim da minha loja-mãe...na loja-mãe eu não encontrei as pessoas totais que freqüentam ela..é... pessoas com esses ideais de praticar a verdadeira maçonaria..., que a verdadeira maçonaria é isso que eu passei para você e muito MAIS...Muito mais coisas... Tem coisas que são beLlssimas... Você precisa ver...só que eles não praticam...pra você ter uma idéia cada templo maçônico ele tem um BAR... Existe um alcoolismo muito granDE... Existem maçons que vão pra maçonaria exatamente já com a finalidade... eles ficam olhando no relógio...no momento que nós estamos falando nessas coisas... na **hora do dia**... que nós chamamos... que é exatamente pregar essa filosofia esotérica dentro dessa essência divina que é preparar o homem para viver melhor... Mesmo que eu sofra mas eu vou resistir... eu vou chegar aonde eu quero... Nem tudo é perfeito...Eu não posso ser um maçom pensando que eu vou ganhar numa megasena... ter milhões no meu bolso... mas eu posso ser um maçom perfeito e viver feliz com o pouco que eu tenho entendeu? Porque o homem que conquistou os valores... mas a sabedoria ela é eterna... A sabedoria ela não é daqui...

Você adquire e ela vai junto com você... Então o verdadeiro maçom ele pratica toda essa filosofia. Só que você não encontra isso em toda maçonaria. Eu já te falei... Então o que nos fizemos lá nessa loja? Nós saímos dessa loja e fundamos uma outra loja só de pessoas com essa finalidade... Que busca essa realidade (...) Como nós gostamos muito desse grupo de pessoas que praticam o esoterismo aqui em Belém nós somos conhecidos como uma loja esotérica, nós somos muito visitados...Saímos da Fênix para soerguer a Antonio Baena... eu fui um dos fundadores dela... A Fênix fica na XVI de Novembro entre Tamandaré e Óbidos... É uma loja altamente esotérica... Nós praticamos nas nossas sessões o esoterismo mesmo (...)

Nesse caso, o “esoterismo” acaba se relacionando com a moralidade, pois se torna uma forma de o maçom se conduzir no mundo, guiado por símbolos e alegorias, relacionados aos instrumentos da construção. São esses instrumentos que fazem parte do processo do ritual e através de uma comunicação não-verbal têm a função de levar o candidato a uma reflexão. Ao mesmo tempo o alicerce na Moral se torna um ponto de partida para que, mais tarde, os maçons busquem um conhecimento relacionado ao que é secreto, ou de difícil acesso.

Apesar de Boris ter sido o único a falar de todo o processo da iniciação ao grau de aprendiz, transpondo-a para a leitura de sua própria vida, pois sua iniciação na maçonaria o impressionara fortemente – tal como uma performance bem sucedida – relatos frequentes dessa ordem, comentando sobre outros processos rituais, revelam que em Belém do Pará se valoriza uma representação de maçonaria voltada para a busca do sagrado, para o aspecto esotérico, e alguns de seus maçons resistem a mudanças que a direcionem mais para a política e a filantropia, embora compreendam que esse aspecto também se trata de um traço maçônico. Pode-se notar em um depoimento de Carlos, um maçom da Comab, um certo jogo de forças na maçonaria local:

(...) Conduzir uma sessão...a partir do momento em que você abre uma loja...invocando o nome do Grande Arquiteto já começa todo o rito..muitas vezes a pessoa nem sabe que ela está mexendo com o quadrante...ela abre portais... muitas vezes ela pensa que ela quer ser maçom para ter status...uma pessoa diferente... às vezes o cara nem sabe que existe o conhecimento esotérico...a busca do conhecimento...que está além do que nós enxergamos aqui na terra... ela está recebendo uma energia lá? Com Certeza ESTÁ... (...) tem que ter muito jeito e tem que entrar devagar nesta questão...se eu for entrar por aí vão dizer que eu estou desvirtuando a Ordem (...)

Salazar comenta a função do ritual em seu ponto de vista e deixa implícito também uma espécie de “jogo de forças” entre duas representações de maçonaria:

(...) No Rito de York.. não existem reuniões administrativas...as reuniões administrativas são marcadas num outro dia...nós vamos seguindo o ritual...aí você me pergunta...vocês vão a um templo...se vestem...para seguirem um ritual pré-determinado...fazerem algumas palestras...entabularem alguns debates a troco de quê? Adestramento mental. ..Essa pergunta se você fizer a todos os maçons a maioria deles...não saberá responder...o porque do ritual...o adestramento mental...porque você tendo a mente...adestrada você pode com ela trabalhar...aí você pode...partir para um outro nível...os que isso entendem vão além...os que não entendem...porque...o adestramento implica uma coisa chamada disciplina...a capacidade de operar em grupo também...de coordenar mentes num mesmo objetivo...quem entende o que está sendo feito...vai muito longe...mas vamos chegar no final...até agora devo ter botado só seis ou sete que estavam entendendo o que estava acontecendo...aqui no Pará...(..)

Assim, da Moral abstrata para a realidade empírica, o que se nota quando se aborda o tema da moralidade é que, além de o segredo se mostrar como estruturante de toda a comunidade, perpassando todos os valores maçônicos, essa moralidade se revela como uma base a ser fortalecida para que o maçom possa se mostrar merecedor de receber um conhecimento³⁰² próprio da Ordem em que ingressou. Portanto, abordar o tema acaba se interligando com os traços do esoterismo e da política. O que é certo realizar na maçonaria, estudos místicos, atividades filantrópicas ou intervenção na política do país? Onde uma *potência* deve investir mais?³⁰³

³⁰² Esses conhecimentos foram comentados em parte no tópico do segredo.

³⁰³ Esse debate virá no próximo capítulo.

2.2.2.2)O lugar da política

Do mesmo modo, fica evidenciado durante o ritual o valor dado a um maçom interessado e não indiferente à cidadania e a tudo que acontece em derredor. No local da **política**, ele é convocado a “combater” todo e qualquer “inimigo da humanidade”:

“Não deveis combater somente as vossas paixões, mas ainda a outros inimigos da Humanidade, como sejam: os hipócritas que a enganam: os pérfidos, que a defraudam; os fanáticos, que a oprimem; os ambiciosos que a usurpam; e os corruptos e sem princípios, que abusam da confiança das massas”.

Do mesmo modo, ele pode se ver em uma situação em que se verá obrigado a intervir quando a liberdade de uma nação for ameaçada:

“No pleno gozo dos vossos direitos, podeis também ver de um momento para outro um usurpador declarar a sua vontade única lei e n’esse caso sereis levado a defender os direitos do povo e a majestade da lei contra ele. A nação hoje livre pode amanhã estar escravizada. República ontem, reino hoje, império amanhã, tais são as fantásticas mutações de cena das nações”

O “profano” ou “candidato” é no próprio ritual colocado como “cego”, ou uma “pedra bruta” pois, não passou pelos ensinamentos maçônicos. De acordo com Boris:

(...) este elemento (o candidato) nós chamamos de “pedra bruta”, que significa pedra bruta? Que você ainda não tem os conhecimentos da sabedoria (...)

Da mesma forma, as nações. O maçom ideal deve ajudar o seu país a “progredir”. Mesmo que isso se torne em algum momento “odioso” aos olhos “profanos”, sendo uma tarefa “muito perigosa”. Ou seja, em relação à política, ele não deve se mostrar indiferente, de acordo com os dados do texto da ritualística.

Assim, o maçom é colocado como alguém conhecedor da decisão certa a tomar, nos negócios da política. Uma análise sobre esse local de interesse e de disputas na maçonaria não está previsto para esse trabalho. Pretendi apenas, nesse momento, indicar a sua presença no ritual como um dos aspectos da maçonaria a que o maçom em formação deve tomar conhecimento.

2.2.2.3)O lugar da filantropia.

A *filantropia* é enfatizada sobretudo em relação à ajuda que se deve dar aos próprios “irmãos”:

“Socorrer os seus irmãos, prevenir as suas necessidades, minorar os seus infortúnios, assisti-los com os seus conselhos e as suas luzes”.

O maçom deve incorporar esse aspecto da maçonaria, pois a amizade (Fraternidade) deve fazer parte de seu cotidiano:

“O que em um profano seria uma qualidade rara, não passa no maçom do cumprimento dos seus deveres. Toda a ocasião que ele perde de ser útil é uma infidelidade, todo o socorro que recusa é um perjúrio; e si a terna e consoladora amizade também tem culto nos nossos templos, é menos por ser um sentimento do que um dever que pode tornar-se em virtude”.

Além dessa ajuda-mútua, consequência do cultivo da Fraternidade, de acordo com o que é dito no texto da ritualística, qualquer ato filantrópico do maçom deve ser realizado em segredo e permanecer em sigilo:

“Temos n’esta loja maçons necessitados, viúvas e orphãos a quem socorremos constantemente. Dizei, pois, ao ouvido do Ir. Que vou dirigir-vos, a quantia que destinais para socorro destes infelizes, porque deveis saber que os atos de ostentação e de vaidade, que sopram o orgulho de quem dá e cobrem de vergonha a quem os recebe, devem ficar sepultados no mais profundo *segredo*”.

Na prática, entretanto, a filantropia acabou adquirindo múltiplas interpretações entre os maçons, as quais veremos em outro capítulo, porque os dados recolhidos, que traduzem essas interpretações, são marcados pelos acontecimentos ocorridos a partir dos anos 90, sobretudo em relação ao surgimento da maçonaria mista na cidade.

2.2.2.4) O lugar do simbolismo ou esoterismo

O outro “local” enfatizado é o do *simbolismo*, representado pela filosofia dos elementos: terra, água, fogo e ar, nesse ritual. Através do elemento Fogo, por exemplo, o maçom é levado a refletir sobre “aspiração, fervor e zelo”. Isso deverá lhe lembrar que ele deve “aspirar à excelência e à verdadeira glória e trabalhar com zelo e fervor” por qualquer causa em que ele se empenhar, “principalmente se essa causa for a do povo³⁰⁴”.

As viagens simbólicas da iniciação são associadas à própria vida. Depois de declarar que não pode entrar em detalhes sobre essa iniciação secreta, o maçom Boris comentou:

“...mas eu posso te adiantar que ela é uma viagem, são várias viagens dentro de todos os obstáculos que a vida pode oferecer para ver se você tem coragem... Pra ver se você está preparado”.

Uma viagem é um deslocamento de um lugar a outro. Através de um processo que visa levar o candidato a uma reflexão, o “profano” é convidado a abandonar a sua condição para alcançar uma outra. A metáfora da viagem é empregada para traduzir essa intenção: o candidato faz várias viagens imaginárias dentro do templo, cada uma direcionada a um objetivo pedagógico, e toda uma cenografia é produzida para tal: trovões, água, etc. Essas “viagens” são comentadas também por outro maçom, da *Comab*:

(...) é feita toda uma viagem... como se você estivesse andando por galerias...como se você estivesse andando por dentro de uma pirâmide..é um grande teatro mas com um sentido esotérico muito grande... se ela não entra você não vai adiante (...)

Na tentativa de explicar-me melhor essas “viagens” ligadas ao “esoterismo” o maçom da *Comab* resolve entregar-me uma revista em que os quatro elementos presentes na iniciação são explicados, a revista pertence ao seu segmento de maçonaria, só que de outro Estado, de São Paulo³⁰⁵. Na revista é dito que nessas “viagens” são encenadas as experiências e dificuldades da vida, regidas simbolicamente pelos quatro elementos: “estes representam os esforços que, por meio da vontade e da inteligência, utilizamos para realizar

³⁰⁴ A pedagogia maçônica é sempre realizada, segundo os maçons, através de símbolos e alegorias, que é também a maneira que a maçonaria encontrou de conservar a sua “tradição”, segundo o que dizem os maçons.

³⁰⁵ O que demonstra que a maçonaria desse e de outros segmentos organiza-se em forma de redes, que ultrapassam fronteiras locais.

nosso burilamento³⁰⁶”. A Terra, prova vivida na câmara das reflexões, simboliza o Renascimento; o Ar “representa o desencadear das tempestades e dos ventos, símbolo das falsas crenças, opiniões e correntes contrárias do mundo, diante das quais haveremos de nos enfrentar.” A Água simboliza entre outras coisas, “a regeneração do homem”. E o Fogo, “poder e virtude”, a “energia primordial” quando o maçom “não deve se contentar em receber passivamente as idéias, conceitos e teorias que nos chegam, [devendo] sim, aproveitar todos os conceitos dentro da maçonaria, para [trabalhar] com estes materiais, e assim [aprender] a pensar por nós mesmos³⁰⁷.”

E como o maçom *Boris* não quis se aprofundar no tema das “viagens” durante o ritual, impedido pelo código do segredo, analisei a matéria ofertada pelo maçom da *Comab*.

Para Boris, nos graus mais avançados, o maçom teria acesso a “valiosos conhecimentos filosóficos” e ele, que já foi *Venerável*, sentia-se sempre muito preocupado ao repassar estes conhecimentos, “dentro de um círculo de fogo”, pois repassar algo para alguém que não tivesse uma base moral e ética forte seria muito perigoso. Ele então como “Venerável” tornar-se-ia responsável pelo repasse deste conhecimento, poderia ser “punido” por isso:

(...) Então eu tive que obter esses conhecimentos, eu faço palestras pra maçonaria (...) Só entre os maçons/ porque são palestras muito...quem trabalha com esoterismo assim...muito assim digamos assim dinâmicos... porque nós vamos buscar conhecimento muito assim, profundos... Pra passar pros neófitos... Para os nossos aprendizes e... esses conhecimentos normalmente tem punições... Nós estamos dentro de um círculo de fogo...Numa iniciação por exemplo... você é questionado várias vezes... *se tu tens medo não prossegues... Ainda há tempo... Recua... Volta... Se tu tens medo... não vá em frente... O que te espera é comprometedor* (...)

Assim, trata-se de uma situação dramática em que o candidato sempre pode desistir de seguir em frente. Além disso, esse maçom, como *Venerável*, sentia-se com o peso da responsabilidade diante de conhecimentos que ele considera “profundos”, pois sua dúvida era se os “neófitos” estavam ou não preparados para assimilarem aquele conhecimento pois se não o estivessem acabariam cometendo erros e, portanto, enfrentariam punições: ele, por

³⁰⁶ Afirma-se na matéria “4 Elementos” do *Grande Oriente Paulista*, jan/fev/2004, p. 06.

³⁰⁷ *Id;Ibid*:p. 07.

ter repassado o *conhecimento* na hora errada; seus alunos, por se encontrarem imaturos para o tal conteúdo. Nesse caso, ele se referiu ao mundo privado da maçonaria, em que os ensinamentos relacionados ao simbolismo da Ordem são extensos e infindáveis. O acesso a eles depende do interesse de cada maçom.

2.2.2.5) O lugar do segredo ou silêncio

O *silêncio* é colocado também no texto do ritual, pois toda ação maçônica valoriza o segredo. Na iniciação, inclusive, o princípio do segredo está presente. Inicialmente o *profano* não fala, quem lhe responde às questões colocadas pelo *Venerável* é o *Experto*. Raras são as vezes em que o próprio é solicitado a falar livremente, outras vezes, ele responde apenas com um submisso “sim, senhor”.

Além disso, deve ser guardado segredo sobre as atividades internas da loja, de acordo com o texto do ritual de 1901:

“Um silêncio profundo acerca de tudo quanto ouvirdes e descobrires entre nós, bem como de tudo quanto para o futuro chegueis a ouvir, ver ou saber”

A valorização do segredo atinge o seu ponto alto durante o juramento da iniciação de grau quando performativamente o *quase maçom* promete se tornar discreto:

“(...) Juro guardar o silêncio mais profundo sobre todas as provas a que for exposta a minha coragem (...) nunca revelar qualquer dos mystérios da Mac ∴ que me vão ser confiados, senão a um bom e legítimo Ir ∴, ou em loj ∴ regularmente constituída, nunca os escrever, gravar, bordar, imprimir³⁰⁸ ou empregar outros meios pelos quaes possa divulgá-los”

A iniciação é vista por Boris como uma das áreas proibidas da maçonaria para não-maçons:

“...que eu não posso entrar em detalhes na iniciação com você..”

³⁰⁸ Esse trecho foi citado por um maçom do *Grande Oriente do Brasil* que estava visitando o “Supremo Conselho dos 7 da Maçonaria Universal” para justificar a sua reação diante da minha presença nesse segmento que ele considerou imprópria. Afirmou ainda que se eu quisesse conhecer a maçonaria eu deveria ingressar na instituição.

O maçom Von-Rommel afirma que qualquer tentativa de falar da ritualização é inútil porque ela é secreta. Ressalta o caráter de segredo do ritual que movimenta a emoção e por isso se torna secreto, pois a emoção, para ele, é incomunicável:

(...)O que é um ritual? É uma forma simbólica de despertar a energia e a sincronicidade desses dois personagens que estão dentro do teu cérebro pra despertarem o teu centro límbico que é o coração do teu cérebro... que é o responsável pela realização das COISAS... Porque para o centro límbico não interessa se é verdade ou se é mentira... tu vais no cinema aquela história lá não aconteceu... aquilo lá não é real... mas no entanto o garotinho tá lá em fase terminal/ todo mundo chora... tu choras... e depois **pô... porque que eu chorei? Aquilo não era verdaDEIRO** É o mesmo efeito do ritual... porque o ritual já é feito de propósito para provocar esta explosão de emoÇÃO... O que é emoção? Vem do latim que é *movimentere*... que é movimenTAR... No momento em que tu movimentas tuas emoções tu despertas áreas do teu cérebro que estavam adormecidas... essas áreas são responsáveis pelos “entre aspas”... “milagres”... por isso que são rituais fechados que são rituais que não são permitidos serem falados nem revelados porque cada pessoa tem uma reação ao ritual por isso que ninguém pode revelar um segredo de uma ordem dessa com relação a sua iniciação... porque mesmo que ela fale ela nunca vai conseguir transmitir o essencial que é a emoção do momenTO (...)

Diante disso, o processo dramático suscitado através de vários procedimentos torna-se um evento particular e intransferível, incomunicável, segundo Von-Rommel.

2.2.2.6)O lugar da hierarquia

A *hierarquia* é outro “local” evidenciado no texto da iniciação ao grau de aprendiz. Ao se apresentar ao lugar de iniciação, o candidato se mostra submisso. Essa submissão é revelada pelo modo como o candidato é apresentado para iniciar-se: semi-nu, de olhos vendados, sem qualquer pertence. A degradação (como quando o profano é obrigado a tomar uma bebida amarga), o tratamento humilhante (com uma recepção nada amigável) são praticados durante o ritual, já que é regra que o candidato passe por “provações”. Além disso, dentro de uma perspectiva da hierarquia, ele é ainda apenas um “pobre candidato imerso em trevas”³⁰⁹, sem qualquer graduação na comunidade.

Os valores que se revelam durante a ritualização de entrada na maçonaria parecem nada ter de modernos, mesmo que a instituição maçônica tenha passado a existir para a

³⁰⁹KNIGHT, C. & LOMAS, R. *A Chave de Hiram : faraós, franco-maçons e a descoberta dos manuscritos secretos de Jesus*. Trad. Zé Rodrix. São Paulo : Brasil, Editora Landmark, 2002. (1997).

modernidade a partir somente das *Constituições de Anderson*, no século XVIII. Ora, ao invés da igualdade, noção tão citada entre os maçons que se referem ao lema da *Revolução Francesa*, uma noção moderna, temos a valorização do mérito³¹⁰ da distinção, da diferença, de uma espécie de “nobreza” (lembramos que a maçonaria surgiu de uma elite), de quem se destaca entre os “profanos” para se tornar um diferente na multidão. E dessa forma, quando se analisa a ritualização, o que é ativado nessa circunstância são valores tradicionais e não modernos. Algo que lembra uma sociedade de castas, hierarquizada e fechada. Ao saudar a liberdade, igualdade e fraternidade em alguns ritos, como o Moderno, dentro de uma comunidade que organiza seus estudos em graus, a maçonaria congrega em seu interior valores ditos da modernidade, como a idéia de igualdade, ao mesmo tempo que mantém algo de uma sociedade tradicional, como se fosse uma sociedade de castas, como a hierarquia. Dentro da performance ritualística, no momento do processo ritual, todos os agentes possuem um cargo, uma posição, organizada hierarquicamente dentro do templo, sendo o *Venerável* aquele que está sete degraus acima do restante nesse templo, no *Rito Escocês*. Mas quanto a esse fato, os próprios maçons ressaltam que nenhum cargo é superior a outro, todos têm sua importância.

Em outros ritos, como o rito de York, não há aparentemente a diferença de níveis, representada pela escadaria, mas a idéia de transformação (e elevação) da pessoa existe pois há pedras em cada “altar” maçônico: a pedra bruta, do aprendiz e a pedra polida, do mestre.

Dessa forma, internamente, isto é, na esfera privada, mostrada durante o ritual, a maçonaria revela-se como agenciada por valores morais e tradicionais.

2.2.3) A performance do ritual e a construção da pessoa do maçom

“...coroados celebram os “mistérios” e vêm sobre a terra a multidão daqueles que não são iniciados e que não são “puros” esmagar-se e revolver-se no lodo e nas trevas”
(Julius Evola in *La tradizione ermetica*)

Há também outros ritos narrados como um processo dramático, por exemplo, a iniciação do maçom *Salazar* que revelou ter ficado fortemente impressionado durante seu

³¹⁰ Mérito “possui quem é *merecedor* ou *digno de aprovação*; *premiável*; *merecedor de prêmio ou recompensa*”. HUTCHESON, Francis. “Ilustrações sobre o senso moral” in *Filosofia moral britânica: textos do século XVIII*. Campinas: Unicamp, 1996, p. 182.

ritual de iniciação ao grau de “Mestre Instalado”, do rito de York. Contou ter demorado vários dias para assimilar a ritualização e “voltar ao normal”. Afirmou ter saído do processo ritual uma pessoa modificada:

(...) Há 10 anos atrás quando eu ingressei nas hostes maçônicas...eu era um desqualificado/desbocado/ que não levava desaforo...eu era o cão em figura de gente...quando foi em 2003 eu fui instalado...a instalação é a cerimônia de feitura de um rei...³¹¹eu levei três semanas para voltar ao normal...foi como se eu tivesse tomado um chá de alcalóide...um fato desses...deu relâmpago...deu trovão...faltou luz no dia da minha instalação... foi um negócio fantástico mesmo...inclusive se eu não me engano o D.M. estava presente... e ele assistiu o episódio da luz e do trovão... eu levei três dias... e eu saí uma pessoa diferente...tem horas que a coluna da força³¹² tá mais forte...tem horas que a coluna³¹³ da beleza está mais manifesta...até o meu vocabulário mudou ao longo de 10 anos...não que eu tenha ficado mais culto...eu apenas fiquei mais polido...que é uma outra questão na maçonaria...você viu uma pedra toda tosca e viu uma pedra polida... isto representa em primeira instância... que existe uma outra história por trás que fica para uma outra ocasião...o polimento interno de cada um de nós...esse é o simbolismo das colunas (...)

Também, pode-se examinar como se dá a transformação do “profano” em maçom, segundo o investimento maçônico na construção da pessoa:

(...) neste processo você morre e renasce...Então uma pessoa melhor tem que renascer porque se pior...é melhor tem ficado do lado de fora...uma pessoa melhor ele renasce...e se você se imbui e se você coloca a sua mente receptiva a todo cerimonial...a todo jogo alegórico das mensagens simbólicas realmente uma mudança ocorre: isto é maçonaria. (Salazar)

(...) enquanto profano eu tinha uma certa vida irregular...a minha boemia é feita aqui dentro de casa...o meu bar... é aqui dentro...passei a viver mais para as pessoas... eu só queria saber do mundo profano...eu adoro um samba...(...) em primeiro lugar tem que ter conduta moral...ética...depois tem que aprender...assimilar...e suportar.... é como fazer um regime e passar da carne para o vegetal bruscamente...Num caso...você morre...em outro...você enlouquece...a coisa tem que ser paulatina...assim é...você ir se lapidando internamente....” (Schmidt)

³¹¹ De acordo com o livro *A chave de Hiram*, o ritual de iniciação ao grau de “mestre instalado”, isto é, quando já se passou pelos três primeiros graus maçônicos, de aprendiz, companheiro e mestre, se referiria a um ritual de feitura de reis, mas que se perdeu há muito tempo. Em seu lugar, um ritual semelhante passou a ser utilizado. Esse livro foi citado por esse maçom.

³¹² O maçom se refere ao simbolismo das colunas Jachin e Booz, pois segundo *A chave de Hiram*, elas representam a Força e a Beleza.

³¹³ Os maçons também se referem a si mesmos como “colunas”. Ao se iniciarem novos maçons afirma-se “foram instaladas novas colunas”.

(...) Comecei a ver as coisas de um jeito melhor...vendo o lado positivo da pessoa porque assim se anula o negativo... não estou dando forças para o seu negativo (...) (G.Loureiro)

São vários os relatos que falam da transformação de um indivíduo, “profano” em maçom, que passou por um processo de iniciação ritualística e se comprometeu com o código maçônico³¹⁴. A metáfora mais utilizada é a do candidato como “pedra bruta³¹⁵”, que deve ser lapidada pouco a pouco, no decorrer da vida do maçom, buscando sempre a perfeição e não perdendo nunca de vista a ética em suas relações, a moral apreendida no ritual e os bons costumes³¹⁶. A partir da iniciação, que tem como personagem principal o candidato, o indivíduo (candidato, neófito, profano) obtém o título de maçom, uma posição dentro dessa sociedade, um papel (moral, sobretudo, para se transformar internamente e agir na sociedade), obtendo também um novo prenome (denominado por Seixas de “nome de guerra”) dentro do círculo maçônico (ao menos em Belém do Pará, no segmento da *Grande Loja*) direitos e funções. O maçom tomará do direito (deve respeitar as leis de seu país), da moral (exame de consciência) e da metafísica (“crença em Deus e numa vida futura”) toda sua constituição. Sua ética é sempre lembrada e afirmada nas encenações das iniciações de graus, que testam a todo momento as certezas, a coragem, a fidelidade do candidato ao código maçônico. No que diz respeito às posições, somente após os três graus principais maçônicos (aprendiz, companheiro e mestre) é que o “iniciado” então terá acesso à “maçonaria filosófica³¹⁷”. Essa pessoa do maçom é concebida em termos filosóficos e

³¹⁴ Para Mauss, a idéia de pessoa começou no direito, e historicamente seus significados foram se transformando: de mascarado (nos rituais) para máscara (a verdadeira natureza do indivíduo, diz Mauss), de pessoa como fato moral, dotada de uma consciência, para a metafísica de um “eu” concebido como algo de unificado, até a pessoa como ser psicológico, dotada de pensamento, ação e o conhecimento de si. MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do “eu” in *Sociologia e antropologia*, pp. 209-240.

³¹⁵ “...pedra bruta especial, de magníficas condições operacionais que todos devemos desbastar e polir até ao estado de Pedra Cúbica, a tarefa primária do Aprendiz Maçom. Essa pedra é a criança, pedra angular do edifício da Humanidade.” Declara o maçom GUIMARÃES, Ildefonso. *Coisas da maçonaria*. Belém: Cultural Cejup, 1989, p. 20.

³¹⁶ Conferir figura 15, em que se tem uma pedra bruta no chão, que deverá ser polida, representando a transformação da pessoa, no Rito de York.

³¹⁷ Ou seja, a um corpo de conhecimentos considerados de cunho mais secreto, até o grau 33. A entrada na maçonaria é mais rígida do que o ingresso em outras ordens esotéricas, funcionando como uma verdadeira rede de compadrio, o convidado é considerado um “candidato” e aquele que fez o convite é seu “padrinho”. Depois do “convite” é feita uma espécie de sindicância para se conhecer os costumes e a moral do candidato, mesmo entre seus vizinhos. Após “pagar a jóia”, isto é, o valor monetário de seu ingresso, o candidato é

ideais. Por conta disso, o maçom Von-Rommel chegou a afirmar que o maçom seria uma espécie de “super-homem”.

A noção de pessoa/maçom parece dividir o mundo entre aqueles que estão “do lado de fora” (que são vistos como “profanos”, cegos, adormecidos, etc.) e os que estão do “lado de dentro” ou “dentro dos muros da maçonaria”, que são vistos como “vigilantes” (de olhos abertos) se a maçonaria tiver “entrado neles”. Uma vez maçom e, portanto, uma pessoa de visão, pois ele “viu a luz”, o maçom se torna mais responsável pelos seus atos do que os que não são maçons. Não se trata portanto de uma relação entre o superior e o inferior, mas entre o que deve se mostrar consciente de seus atos (pois como maçom ele prestou juramento) e aquele considerado ainda inconsciente, pois faz parte de uma imensa multidão – vive simbolicamente no que representa o elemento Terra.

Portanto, a transformação paulatina de uma subjetividade pode ser observada durante o ritual, através do simbolismo dos quatro elementos. A Terra – primeiro elemento abordado – representa um momento de transição, local obscuro em que o candidato deixa para trás o mundo não-maçônico, vasto de conflitos e de “trevas”. Em seguida, através do elemento Ar, o candidato é levado a experimentar um caminho difícil e cheio de obstáculos, escutando o som de trovões. Através dessa experiência ele será levado a refletir sobre as dificuldades da própria vida humana e, além disso, sobre o modo como as nações realizam o seu “progresso”:

“...com as suas correntes, as suas agitações e estagnações, o seu cansaço e energias, as suas tempestades e calmarias e as suas perturbações e equilíbrios elétricos³¹⁸”

Mas mesmo com “tropeços” os países têm o seu “despertar”. Como parte da construção da pessoa desse maçom, ele é convencido a ajudar o seu país a “progredir”, conforme o elemento Ar que lhe ensina a ter “constância e coragem”. Mas através do elemento Água, o candidato assimila que a opinião popular é instável como as ondas, e mesmo sendo um “patriota” que tudo faz para ajudar a sua nação a “progredir”, ele poderá assumir todos os riscos e mesmo assim ser odiado. Dessa forma, o maçom é encorajado a servir a sua nação, mesmo não tirando nenhum proveito disso. Pelo elemento Fogo, o

iniciado, passando por um ritual que dura cerca de nove horas, e depois sua entrada é celebrada com uma grande festa que simbolizará a sua nova vida como maçom.

³¹⁸ Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901

maçom é “purificado de qualquer nódoa do vício”, e aprende a se empenhar e fazer o melhor em qualquer causa a que se dedicar, sobretudo se essa causa “for a do povo”.

Diante desses dados, se pode perceber que a pessoa do maçom não é trabalhada apenas em sua densidade psicológica – polindo-se internamente como se fosse o lapidar de uma pedra – ele também é convidado à cidadania e à atuação política. Como alguém que se mistura às pessoas, mas que se destaca em meio à multidão, porque ocupa a posição de maçom, e, portanto, tem responsabilidades.

Ao mesmo tempo, ao se observar o simbolismo do templo, narrado pelo maçom *Salazar*, se percebe que alguns maçons, nos rituais, talvez se preocupem também em se desenvolverem internamente de uma forma diferente, procurando até mesmo uma espécie de êxtase, ao buscarem um encontro com a divindade:

(...) implicitamente eles estão transmitindo nesse templo a imagem de que existem 7 chacras...7 canais...7 estados de consciência...vamos falar em *estados de consciência*³¹⁹ que é uma coisa mais sábia...para se chegar à divindade (...)

Dessa forma, fica implícito que, para *Salazar*, é possível através do ritual realizado no templo, alcançar determinados estados alterados de consciência³²⁰, que permite um crescimento interior. Ora, retomemos o que esse maçom disse a respeito de sua ritualização à cerimônia de Mestre Instalado³²¹:

³¹⁹ O termo parece ser utilizado com frequência no mundo maçônico, a exemplo do seguinte extrato: “Porém é preciso que não nos deixemos abater por tantos obstáculos que certamente temos encontrado em nossas vidas e também pelos que ainda virão, pois o G A D U certamente espera que venhamos a atingir os *estados de consciência* que Ele traçou para nós para que possamos integrar cada vez mais e com maior poder de engajamento esta maravilhosa Criação Abençoada”. Cf. <http://www.3ponto.com.br/news.asp> Acesso em 14/11/2005. O termo “estado de consciência” refere-se a estados tais como o sono e a vigília, mas em sentido místico, pode se referir a outros níveis de consciência, quando através de técnicas diversas, o adepto ascende a um conhecimento maior de si mesmo. Entre os místicos, se afirma que essa consciência de si não é freqüente em estado de vigília. Na maçonaria, além disso, cada grau refere-se a um “estado de consciência”, sendo o grau de aprendiz representado pela “infância”. Para aqueles que seguem a “Escola mística” da maçonaria, “os graus da Ordem simbolizam certos estados de consciência que podem ser despertados no iniciado, se ele pretende conquistar os tesouros do espírito.” Cf. LEADBEATER, C. W. *A história secreta da maçonaria*. São Paulo: Madras, 2003, p. 21.

³²⁰ Mauss refere-se a “estados de consciência” quando aborda a pessoa como “ser psicológico”. Recupera Hume que afirma existir na “alma”, estados de consciência, “percepções”. Cf. MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do “eu” in *Sociologia e antropologia*, p. 238.

³²¹ Uma espécie de consagração ao grau de mestre, não é considerado um grau, realizado depois dos primeiros três graus.

(...) eu levei três semanas para voltar ao normal...foi como se eu tivesse tomado um chá de alcalóide...um fato desses...deu relâmpago...deu trovão...faltou luz no dia da minha instalação... foi um negócio fantástico mesmo...(...) eu levei três dias... e eu saí uma pessoa diferente (...)

Como consequência da performance (encenação), o maçom, no processo ritual, chega a sair de si mesmo e nessa condição extática, ao fim da cerimônia, encontra um “si” transformado. Ricouer problematiza o “si” do sujeito pensante (pois dotado de consciência) inscrito narrativamente. A reflexão, etimologicamente “volta sobre si-mesmo”, tem um estatuto em sua obra. Alguns maçons, como *Salazar*, agem, portanto, sobre o “si”, reflexivamente, ao utilizarem a metáfora da “pedra bruta”, pretendem se aprimorar cada vez mais, aparando “arestas”, polindo a pedra metaforicamente, libertando-se das impurezas e refinando o caráter. Ou seja, saindo de um processo mais denso em direção ao mais sutil. Trata-se de um processo, nesse caso, que desperta *um si* que se volta sobre si mesmo no momento também da narração (além da ritualização) recuperando aquele momento do processo em que uma transformação aconteceu – pois essa transformação não é possível sem a mediação ritualística.

Mas Salazar vai além dessa “volta sobre si mesmo”. Na encenação da *performance* ultrapassa categorias, ao se defrontar com uma performance que teve ares de contingência. Iser (1991) ao tentar fundar as bases de uma “antropologia literária”, fala sobre a categoria da encenação e do êxtase:

“Se na encenação a pessoa se distancia de si própria, é necessário contudo que ela permaneça presente para si mesma, pois noutro caso nada poderia ser encenado. Daí decorre uma situação própria ao êxtase: a pessoa tem a si mesma no estar-fora-de-si.³²²”

Estar ao mesmo tempo em si mesmo e fora de si revela, segundo Iser, o “*paradigma da ficcionalidade que se desnuda aqui e ali como engano, mas apenas para evidenciar que, a partir dela, todo engano é ao mesmo tempo uma descoberta*³²³.” Dessa forma, a partir do mecanismo do *engano* (*performance* como encenação) o maçom consegue transformar a sua pessoa, tornando-se, através da condição extática, um outro. Afirma Iser:

“O homem ultrapassa continuamente suas definições, porque ele mesmo as cria, à medida que cria algo e, assim, cria também a si mesmo; pois nenhuma definição

³²² ISER, Wolfgang. *O fictício e o Imaginário: Perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996, p. 89.

³²³ *Id; ibid*; p. 91.

racional, natural ou histórica poderia exigir a apresentação da definição final. O homem é aquele que não é aquilo que é, e é aquilo que não é, como afirmava Hegel³²⁴.”

Segundo Goldman, os estudos sobre pessoa na tradição antropológica britânica, tende a diferenciar a noção de indivíduo e de pessoa, a partir de Radcliffe Brown. Mas no caso em estudo, não se trata de opor indivíduo e pessoa, mas de demonstrar o processo de construção de uma *pessoa particularizada* do maçom³²⁵.

O processo maçônico dessa construção é descrito através de metáforas que envolvem metaforicamente o mundo dos construtores (pedreiros). O maçom é interpretado como um *pedreiro* (livre, porque se trata de um livre-pensador) logo que entra na instituição é considerado ainda um aprendiz, pois ainda não recebeu os “conhecimentos da sabedoria³²⁶”, portanto, é ainda uma “pedra bruta”, condição a qual ele é levado a refletir, pois, segundo Moulin:

“Serve para nela trabalharem os aprendizes, marcando-a e desbastando-a, até que seja julgada polida pelo mestre da Loja. A Pedra Bruta é o material retirado da jazida, no estado da natureza, até que, pela constância e trabalho do Obreiro, fique na devida forma, para poder entrar na construção do edifício. Ela representa a inteligência, o sentimento do homem no estado primitivo, áspero e despolido, e que nesse estado se conserva até que, pelo cuidado de seus pais e instrução dos Mestres, adquira educação liberal e virtuosa, tornando-se fonte de cultura, capaz de fazer parte de uma sociedade civilizada³²⁷.”

O processo de transformação do maçom continua se efetuando dentro do sistema maçônico, através de sessões ritualísticas semanais, quando se trata do *Rito Escocês Antigo e Aceito*, das instruções dadas aos maçons durante essas sessões, que incluem discursos e palestras sobre a moral maçônica; dos estudos realizados, e da progressão em graus dentro do que é chamado de maçonaria simbólica (os três primeiros graus). Chegando ao terceiro grau, o grau de “mestre”, considera-se que o maçom “poliu a pedra”:

³²⁴ *Id; ibid*; p. 95.

³²⁵ Sobre a relação indivíduo/ pessoa e as dificuldades para se superar essa dicotomia ver, entre outros: GOLDMAN, Marcio. “Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de pessoa” in *Alguma Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

³²⁶ Pesquisa de campo. Afirmativa de Boris.

³²⁷ Moulin, Op. Cit, p. 37.

“Pedra polida ou cúbica é o material perfeitamente trabalhado, de linhas e ângulos retos, que o Compasso e o Esquadro mostram estar talhado de acordo com as exigências da Arte. Ela simboliza o saber do homem no fim da vida, quando a aplicou em atos de piedade e virtude, verificáveis pelo Esquadro da Palavra Divina e pelo Compasso da própria consciência esclarecida³²⁸”.

Em seguida, se o maçom tiver interesse, ele prossegue os estudos em graus, da “maçonaria filosófica”, do grau de “mestre instalado” até o grau 33. Em cada grau, se tem vários ensinamentos a serem apreendidos.

Dessa maneira, a individualidade na maçonaria é desenvolvida em sua forma máxima, pois, nesse caso, se trata de uma busca pelo aprimoramento interior. Filosoficamente, o G maiúsculo presente em todo templo maçônico, sem particularizar qualquer deus em específico, significa que, segundo Von-Rommel:

(...) Quanto maior for o deus que nós cremos... mais alto poderemos chegar como indivíduos (...)

Além dessa filosofia, uma postura de cidadania na sociedade é sugerida pela instituição durante a ritualização ao grau de aprendiz maçom. Trata-se do mesmo indivíduo (maçom em desenvolvimento na instituição) visto no conjunto de suas relações sociais, maçônicas ou não – para alguns autores essas relações constituem uma pessoa.

Desse modo, o desenvolvimento da pessoa do maçom, até onde pudemos perceber, realiza-se de diversas formas, e, na maioria das vezes, o processo ritual está presente. As metáforas referentes à construção da pessoa do “pedreiro-livre” é a linguagem utilizada para traduzir esse aprimoramento.

³²⁸ Id; Ibid; p. 37.

2.2.4) *Performance e estranhamento: a (des)sacralização na maçonaria.*

“...Mas saiba que eu estou em você, mas você não está em mim...”
(Raul Seixas in Gita)

“...e aqui virou um rotary de avental...”
(afirmativa indignada de Salazar)

As advertências com as quais o candidato se defronta primeiramente tratam-se de “enunciados performativos”³²⁹, fórmulas convencionais, que visam produzir determinados efeitos na subjetividade desse. Iniciada a cerimônia, o tempo cronológico torna-se suspenso em favor do tempo do sagrado, e o espaço é todo ele preparado para suscitar uma experiência³³⁰ simbólica na pessoa do candidato. A ritualização é, assim, desde o início uma performance que visa produzir *efeitos no mundo; faz coisas*³³¹. Neste caso, ditos sentenciosos iniciam o aprendizado da conduta certa através da performance ritual, demarcando também signos de pertencimento à comunidade.

A ritualização é uma performance que visa conduzir à reflexão, e à transformação da pessoa. No entanto, muitos de seus participantes entram no cerimonial e saem dele sem terem compreendido o sentido de todas aquelas palavras (elas são lidas e seguidas através do manual de iniciação do grau³³²) que eram para ter “efeitos no mundo”. A exemplo do seguinte depoimento:

(...) Aí fui..inicie... não era bem o que eu esperava...e confesso que por pouco ...por muito pouco eu DESISTI no meio do caminho... eu achava que não tinha nada a ver comigo... em nenhum momento eu tive medo...nada...nada... apesar dos...não sei até quanto eu posso falar também... apesar de algumas coisas que tem na iniciação... pois é... então... mas eu iniciei...e... mas não gostei...se eu pudesse dizer: **não quero** Eu diria **não quero...** mas fui...continuei...é fui descobrindo...observando...hoje eu já estou um pouco mais maleável... eu procuro entender...estudar...saber o que é a maçonaria... na minha concepção hoje a maçonaria é também uma escola filosófica...de cunho espiritual... ingressei em 2003...no início do ano passado... eu simplesmente fui levado pelo convite de pessoas a quem considero... considero respeitáveis... como eu sempre fui atraído pelo conhecimento...pelo estudo...pelo mistério... todo voltado à parte espiritualista... esotérica...então eu imaginei que lá...viesse a complementar de

³²⁹ AUSTIN, J. L. *Quand dire c'est faire*. Editions du Seuil, Paris, 1970.

³³⁰ Da Camino, no entanto, comenta que tais frases são preparadas apenas “para assustar”, e o candidato acaba não tendo muito tempo para refletir sobre elas isoladamente e profundamente. Cf. DA CAMIÑO, Rizzardo. *O aprendiz maçom*, op. Cit, pp. 95-101.

³³¹ “...ritual as a performance which ‘has effects on the world’ and ‘does things’” cf. HUGHES, F. & CRAIN, M. “Introduction” in *Recasting ritual*. p. 03.

³³² Differentemente do *Rito de York*, em que seus maçons devem memorizar todas as frases.

alguma forma o meu estudo...a minha busca... eu considerei a maçonaria muito cheia de protocolo... de caráter geral... eu considerei muito... as atividades que eles tem dentro da loja eu achei muito protocolar...(((formal demais?))) então aquilo não tinha nada a ver comigo... eu não me identifiquei... inclusive sobre a iniciação...quando nós fomos participar da ceia... pois bem...então...como eu me sentia lá... todos esses protocolos...cerimônia que tem... eu me...inicie com mais dois colegas e enquanto eles ficavam entusiasmados...eu tive que me conter para não desapontar qualquer pessoa que lá estivesse... eu tive que me elevar para dar...para falar... ser verdadeiro comigo e não desapontá-los... eu falei mais ou menos e tal... mas não podia dizer... o que eu sentia de verdade.. porque senão... ia ser algo...que não fazia parte desse momento... aí eu procurei...**foi assim e tal e coisa...** e fui levando...(*Artur, nome fictício)

Ao final desse depoimento, *Artur* mostrou-me o livro que estava lendo, de *Rizzardo da Camiño*, sobre o grau de *aprendiz*, indicado pelo seu *Venerável*. Ele ainda estava tentando entender o sentido do que havia lhe acontecido, procurando achar esse lado misterioso que buscava na maçonaria. Mas se mostrava, naquele momento, bastante desanimado...

Outros testemunhos admitem que a maioria dos maçons ainda não passou por nenhum processo de transformação, ou algum um evento significativo para suas subjetividades, durante o cerimonial, ou mesmo depois, vivendo as ritualizações como performances que não chegam a atingi-los. Por exemplo:

“hoje em dia se você perguntar para muitos maçons as coisas mais simples eles não sabem... se você perguntar para um maçom que que ele quer fazer lá dentro...ele não sabe... “ (Seixas)

(...) Nem pensei...na minha iniciação eu me perguntava: **que é que eu estou fazendo aqui?** Eu tinha era encontrado a verdadeira LUZ...” (G.L.)

(...) na maçonaria tem entrado muitos curiosos...teve um declínio... as duas potências maçônicas tem melhorado...fazendo triagem melhor...(Grão-mestre do Grande Oriente do Brasil)

(...) A maioria entra por curiosidade...tem gente que entra para usufruir...mas esse não vai muito adiante não. (...) (Maçom da Comab)

A existência desses “curiosos” é justificada de uma forma a manter a representação de que a maçonaria tem significado, e também algo de transcendente, eles é que não a perceberam:

(...) Algumas pessoas entram na maçonaria... mas a maçonaria não entra nelas (...) (W.M)

(...) A maçonaria está para todos... mas nem todos estão para a maçonaria (...) (maçom da Comab)

Frases essas repetidas por vários maçons no meio. È como se houvesse um “estranhamento”³³³ em relação à maçonaria. Seus maçons passam pela *performance* e, ao final, ao invés de sentirem-se acolhidos, sentem-se “estranhos ao lar”, deslocados, como mostrou a narrativa de *Artur*. Mas então ele acabou de entrar... então aguarda...quem sabe no próximo encontro haja uma compreensão, um encontro... mas esse encontro não acontece e a sensação de estranheza continua, furtiva. As reações ao *estranhamento* são variadas e as trajetórias dentro da maçonaria também. A ritualização faz parte do mundo privado maçônico e os sentidos dados a ela movem-se entre o estranho (desencontro) e o acontecimento singular (o encontro) propiciado por uma bem ou mal sucedida *performance* do processo ritual. Mas o tipo de maçom que continua procurando esse “encontro” faz ainda parte da categoria daqueles que acreditam que a maçonaria não é somente um “rotary de avental”³³⁴.

Há, dessa forma, uma tensão na maçonaria local, entre as forças que visam conservar uma representação de maçonaria voltada para o místico e o sagrado – plena de significados. E outros que preferem viver a maçonaria como uma instituição política e filantrópica, e então a *performance* do ritual não passaria de um cerimonial obrigatório. A tensão entre as duas correntes contrárias de pensamento sobre o que é a maçonaria é visível na cidade. Assim o “sentido” (que nos leva a uma certa hermenêutica, de que tudo significa) se choca com o outro sentido, menos místico, de maçons que afirmam “nós somos modernos”. Esses *desencantam* a maçonaria de seus sentidos mais místicos, dando-lhe outros sentidos: instituição voltada para atividades externas, de um campo que se inter-relaciona com o campo do comércio, por exemplo. Portanto a simbologia maçônica e todos os sentidos dados ao ritual, ou ao templo, já não se mostram tão importantes para essa

³³³ Estranho e familiar se confundem na atualidade. “No momento “estranho”, público e privado se misturam causando-nos uma sensação desorientadora (...) não há mais a sensação da volta ao lar, pois o estranhamento se volta até para o espaço da intimidade. BHABHA, Homi. “vidas estranhas: a literatura do reconhecimento” in *O local da cultura*. Belo Horizonte, Ed. Da UFMG, 1998, p. 30.

³³⁴ O equivalente ao “ninguém é bastante rico para pagar-nos” de Flaubert. A maçonaria para esses adeptos encontra seu sentido nos rituais. Esse sentido se estaria perdendo e tornando a instituição um “rotary de avental”.

categoria de maçons. Embora, para alguns maçons do Grande Oriente do Brasil, por exemplo, a maçonaria se constitui como “moderna”, isto é, sem segredos e aberta para quem quiser conhecer a instituição, ao mesmo tempo que possui uma gnose (conhecimento) própria. Mas algo dentro de uma racionalidade maçônica que não deve ser por isso mistificada.

Com tudo isso, o termo *(des)sacralização* se torna bastante revelador do processo que ocorre na cidade de Belém do Pará, na maçonaria. Pois se a dissidência de Seixas volta-se para a recuperação do aspecto sagrado de uma maçonaria muito antiga, por outro lado, e, ao mesmo tempo, ocorre um movimento contrário a essa corrente por parte, principalmente, na cidade, do segmento da *Grande Loja* que se volta para atividades externas da instituição, como a filantropia, partindo dessa constatação a crítica realizada por alguns maçons, inclusive do próprio segmento, de que a maçonaria local teria se tornado um “Rotary de avental”³³⁵.

Dessa forma, a maçonaria local vive um momento de transformação que passa pelos embates em torno de seus significados. Para isso, procurei mostrar os significados muitas das vezes místicos (no sentido de busca pelo transcendente) atribuídos a ela, bastante valorizados pelos maçons locais, e que também informa um “mundo à parte”, encenado sobretudo durante uma ritualização, que tem diversos prismas, afastada dos olhares dos que não são maçons, e, simbolicamente, em um espaço-tempo que se pretende perene, isto é, não-marcado cronologicamente nem espacialmente, pois o calendário maçônico é diferente do calendário “profano” e o templo é símbolo do universo. Conheçamos agora as concepções em torno do templo maçônico.

³³⁵ Outro comentário sobre isso escutei do maçom R. C, da *Grande Loja*: “...quando eu entro naquele templo e coloco o meu avental eu não estou me vestindo de palhaço...”

2.5) Em lugar sagrado: um olhar sobre alguns templos maçônicos paraenses³³⁶

“– Não diga pra ninguém que você veio aqui! (batendo o malhete no altar)
– Como? Pra eu dizer para ninguém que eu vim na loja?
– Não! Pra você não dizer pra ninguém que você entrou no templo.
Neste aqui. É sigilo viu?”

(Incidente durante a pesquisa de campo³³⁷)

No tapete azul escuro³³⁸, aproximamo-nos e deparamo-nos imediatamente com o “Livro da Lei”, no altar de juramentos maçônico (figura 08). *Salazar*³³⁹ é quem comenta que nem sempre fora a Bíblia o “Livro da Lei”. Segundo esse maçom a maçonaria teria passado por um processo de cristianização³⁴⁰ e antes disso o que se teria era outro “livro da lei”:

(...) A bíblia...embora... para a maçonaria o **livro da lei**... o livro religioso da religião que vigora...só que nos primórdios da coisa o **livro da lei** era um manual do sábio que presidia as reuniões... vamos voltar antes de Cristo...na... vamos voltar antes do advento do Cristianismo... vamos imaginar o grimório... era o registro informacional do que se tinha de conhecimento...com o tempo ele passou a ter o cunho religioso...é a Bíblia no Ocidente..é o Alcorão no Oriente (...) Mas existe um rito...que é para ser o rito francês ou rito moderno que o **livro da lei** é para ser a constituição do país... não existe nenhum vínculo religioso... no início lá no início...LÁ NO INICIO e isso eu estou falando de

³³⁶ Conferir fotografias ao final desse capítulo.

³³⁷ Conheci Salazar nessa loja, e fora ele e outros maçons que me deram entrada nesse templo, mas um deles discordou. Portanto em conformidade ao que “jurei” não direi em que loja fotografei um templo preparado para a prática do *Rito de York*.

³³⁸ Visitei os seguintes templos: *Firmeza e Humanidade, Harmonia e Fraternidade (Grande Loja)*; um templo praticante do rito de York (*Grande Oriente do Brasil*); os templos das duas maçonarias mistas e o templo vermelho da Comab.

³³⁹ Maçons da cidade não quiseram comentar sobre os seus símbolos, pois tal ato, do ponto de vista deles, estaria violando o código maçônico e as promessas feitas durante as ritualizações. Contudo, o maçom de cognome *Salazar*³³⁹ (ex-membro do *Grande Oriente do Brasil*, praticava o *Rito de York*, Dr. em Física quântica, 50 anos) discordou de tais proibições, primeiro porque ele pertencia ao *Grande Oriente do Brasil*, que preconiza que o segredo atualmente está restrito à conservação de “sinais, toques e palavras” usadas para o reconhecimento do maçom e também já que, segundo ele, muita coisa já foi publicada e o que ele me falaria nada teria de segredo, porque já teria sido publicado, por isso concordou em comentar algo sobre algumas fotografias (algumas fotografias realizei durante a primeira pesquisa de campo, no final de 2003 e início de 2004, sempre com autorização do Grão-mestre do segmento) Aliás, na cidade de Belém do Pará ele foi um dos únicos a se colocar dessa forma e a colaborar para a pesquisa comentando algumas imagens. Outros o consideravam um espaço sagrado em que um “profano” não poderia pisar. Argumento contestado por muitos outros maçons já que em “sessões brancas”, isto é, em comemorações abertas ao público, como no *Dia das Mães* ou em aniversários, o templo ficaria aberto às visitas e o hábito de se posar para fotos dentro do templo seria algo de rotineiro, inclusive com a presença dos denominados “profanos”. Outros grupos maçônicos, como as duas maçonarias mistas, ainda, depois de alongada e acirrada discussão entre eles permitiram meu acesso ao templo e a realização de uma fotografia do grupo todo.

³⁴⁰ Pois nem sempre a bíblia estivera no altar dos juramentos.

muito antes do nascimento de Cristo... o livro das sagradas escrituras era simplesmente o livro das pessoas que tinham se filiado à loja ou ao templo... por exemplo...o primeiro foi fulano de tal... o segundo foi fulano de tal..o terceiro foi fulano de tal³⁴¹...quando abria-se o livro... estava-se simbolicamente chamando os espíritos...as almas....o conhecimento... de todos aqueles que tinham presidido o templo anteriormente...assim o era no Egito e vou dizer mais: arrisco o meu nome acadêmico e faço disso uma afirmação: assim o era no EGITO assim o era NA SUMÉRIA assim o era NOS CELTAS antes da chegada da PRAGA DO CRISTIANISMO...aí você diz: os druidas não tinham a linguagem não tinham a escrita...dizem os/ os antropólogos que não... os celtas...alguns grupos não tinham...isso é uma discussão que fica pra depois... mas eu digo o seguinte: que NO PRINCÍPIO O LIVRO DA LEI eram apenas AS PESSOAS que tinham PRESIDIDO O TEMPLO...e.que eram ABERTAS...INVOCADAS... a cada TRABALHO (...)

A nomeação é muito importante, pronunciar um nome equivale a tornar o nomeado presente simbolicamente. Pronunciar o nome de antigos maçons que já pertenceram àquela loja equivale a evocar a função de representação dos nomes. Considerando representação, de acordo com De Coppel³⁴², como *algo que se faz presente novamente*, não para repetir o passado, mas para re-criar o presente, com o apoio do que já foi feito no passado. Assim, pronunciar os nomes dos Veneráveis que já presidiram sessões anteriormente, em determinada loja, equivale a homenagear o passado e prestar tributos à Tradição. É como fortalecer uma loja com cada “espírito” simbolicamente evocado. Caso *Salazar* esteja correto³⁴³, a “Revelação” ou “palavra sagrada” seria, dessa forma, representada pelo que cada Venerável significou para a loja. É como se, também, a maçonaria afirmasse sobre si mesma que existiu no passado, existe no presente e continuará se perpetuando para o futuro, com a reatualização constante da tradição. Contudo, o que é certo é que o *Livro da Lei* mais utilizado pelas maçonarias tornou-se a Bíblia, uma prática institucionalizada a partir do predomínio do *Rito Escocês Antigo e Aceito*, no Brasil. Dessa forma, se nem sempre foi assim, houve uma modificação na prática maçônica influenciada, de fato, pela

³⁴¹ Essa prática não é estranha no meio esotérico, já que visitei um tatwa em Belém que possui mais de 100 anos de idade e durante a abertura da sessão foram pronunciados todos os nomes daqueles que a haviam presidido anteriormente.

³⁴² A partir do conceito de re-presentação de DE COPPET, D. “Comparison, a universal for anthropology. From ‘re-presentation’ to comparison of hierarchies of values”. In: KUPPER, Adam. *Conceptualizing Society*, Routledge, London and New York.

³⁴³ E não temos como comprovar essa posição. Apenas o fato parece ter sentido.

mudança de um rito materialista como o francês, para outro mais cristão, como o *Escocês*, o que vai marcar a maçonaria moderna.

Observando um pouco mais detidamente a figura 08, nota-se a almofada azul-escura com o compasso e o esquadro bordados. E sobre a almofada, *Salazar* – maçom adepto do *Rito de York*, que, segundo o mesmo trata-se de um rito pagão, comenta:

(...) Na abertura ajoelha-se para abrir o livro da Lei... para dar no Rito Escocês e nos ritos de origem francesa...ajoelha-se...pelo menos no Rito Escocês...ajoelha-se sobre esses travesseiros... nessas almofadas e abre-se o livro da Lei.. pelo menos a partir desse instante...sob os influxos do criador a loja está aberta... e como se está falando com o criador se está de joelhos... diferentemente do Rito inglês ou emulação o livro é aberto em pé...porque nas origens...nos primórdios...na pré-história...na proto-história... do rito entre religiões celtas...para falar com Deus não precisava da prostração... não precisava da entrega total da personalidade...da submissão...você vê aqui toda herança judaico-cristã que ele se ajoelha **Oh senhor** É como se você precisasse se ajoelhar para falar com seu pai... é por isso essa almofada... esse símbolo aqui ele é pródigo em significados (...)

Depois de observarmos o símbolo do compasso e do esquadro, que, para Salazar e para uma maçom da maçonaria mista, representam as polaridades masculina e feminina, presente em qualquer símbolo maçônico, subamos uma pequena escadaria da Loja *Firmeza e Humanidade*.

Conforme a figura 23, o aperfeiçoamento moral e o esoterismo andam juntos na maçonaria. Valores almeçados pelos maçons como a Virtude, a Ciência, o Trabalho, e a Força foram colocados nos degraus da loja Firmeza e Humanidade no. 01, que segundo o maçom *Salazar* tem a ver com a ciências liberais e com o positivismo. É curioso observar que, de fato, o templo foi construído por volta de 1857, portanto no século XIX, um século bastante influenciado pelo positivismo.

(...)Trabalho...ciência...virtude...Se você prestar atenção nesses degraus...é uma cópia do pensamento positivista...te lembra da escada das ciências básicas? Gramática...retórica...matemática...astronomia...você vê o positivismo impresso aqui (...)

Mas sendo o positivismo bastante posterior ao surgimento da maçonaria, outra influência a que o maçom se refere é o das ciências liberais, a qual é dito que o maçom

deve conhecer³⁴⁴: Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Geometria, Música e Astronomia, e na qual esse maçon chama de “escada das ciências básicas” – reatualizada pelo pensamento evolucionista.

Além dessa leitura, há outra, mais esotérica. Comenta o maçon Salazar:

(...) se você entrar num templo escocês / eu espero ter a oportunidade de lhe mostrar/ você vai ver que nos primeiros degraus são 4...1/2/3/4... aí você tem um plano... aí até chegar ao altar do Venerável aí tem mais três degraus representando os 7 chacras (...)

Reportando-se à teoria dos chacras do hinduísmo, o maçon ressalta que apenas no *Rito escocês* existe esta relação. “Eles são mais místicos” – afirmou. Essa teoria afirma que o corpo humano teria sete pontos de energia principais, distribuídos do alto da cabeça até o órgão sexual. Cada *chakra* governaria uma função (e um ponto de energia) no corpo humano: o *chakra* laríngeo, por exemplo, localizado na garganta, seria responsável pela comunicação. Esses *cracras* quando em desequilíbrio (polaridade negativa) poderiam traduzir alguma enfermidade ou dificuldade.

Salazar, olhando para as escadarias, comenta ainda:

(...) Bem aqui [figura 6] você tem uma perfeita noção do que eu to lhe dizendo...você tem quatro degraus e três aqui...você tem duas leituras aí...você tem a leitura do positivismo... que marcou essa época...das 7 leis...das 7 ciências básicas... e vê também aqui o seguinte: quatro degraus representa também os quatro estágios básicos da alma... os quatro chacras...os quatro aspectos e que a alma administra o corpo físico...para chegar no altar do Venerável que representa a divindade... existem mais três...então implicitamente eles estão transmitindo nesse templo a imagem de que existem 7 chacras...7 canais...7 estados de consciência...vamos falar em estados de consciência que é uma coisa mais sábia...para se chegar à divindade...³⁴⁵e existem... os primeiros administram o corpo... os três administram a área espiritual... e aí você chega à divindade (...)

Após os três degraus finais, citados pelo maçon, deparamo-nos com o altar do Venerável (figura 06). Quanto à figura do Venerável, *Salazar* comentou sobre sua importância, a partir do fato de este ter como função receber uma espécie de energia e

³⁴⁴ MOULIN, Milton. *Treze Instruções para aprendizes maçons*, p. 30.

³⁴⁵ Para ressaltar outro aspecto na mesma assertiva, repetirei por vezes trechos já relevados anteriormente.

distribuí-la para os presentes na sessão, formando imaginariamente um triângulo. Contudo, na prática, o maçom afirma que a maioria não tem consciência desse fato:

(...) Exatamente existe...em tese... filosoficamente existe...mas a maioria não tem disso consciência... não se porta como tal...mas tanto que aqui você vê... aqui é um dossel... isso aqui é um dossel...[figura 09] se você puxar uma cortina aqui forma um cilindro...então teoricamente dentro do misticismo maçônico a energia é canalizada... para cá...só que ocorre o seguinte: você vê que no rito escocês devido à influência da igreja e devido à influência dos egos você vê um monte... de cadeiras...você vê três cadeiras... então é uma briga para sentar no altar...*ah não eu tenho direito de sentar no altar...* então às vezes ficam se empurrando... aí põe uma cadeira a mais...é um espetáculo dantesco (...)

Observa ainda as disputas internas existentes em determinadas lojas pelo cargo de Venerável e não se poupa às críticas. A vaidade no meio é exacerbada. *Salazar* inclusive sugeriu-me que perguntasse para algum maçom se ele algum dia aceitaria voltar a ser aprendiz ficando sem as honrarias do grau 33... ele duvidava que algum maçom aceitasse tal proposta:

(...) era pra ser só o Venerável... [figura 09] porque só o Venerável era o que canaliza...mas aí o ego...o bom e velho ego... veio acrescentando essas cadeiras ao altar...aí é uma honra...eu sento no altar e fico lá tirando... É isso mesmo... (...) aqui deveria ter só aquele que foi instalado... para receber as energias do cosmos e dividi-las e espalha-las... por ambas as polaridades da loja e dividi-las entre todos os irmãos...olha o nome: Venerável...aquele que é digo de Veneração... as pessoas não prestam atenção nas palavras...o Venerável de uma loja... na Inglaterra existem pessoas que são veneráveis 40 anos...por que? Porque aquela pessoa detém tal sabedoria e tal capacidade de espalhar essa energia...de espalhar esta harmonia...de espalhar esse conhecimento...de funcionar como fio condutor que não tem porque tiRAR... Venerável quer dizer “aquele que é digno de ser venerado...” e aqui virou um rotary de avental...em que as pessoas perderam a noção de que esse altar... representava no Egito... na Suméria e quiçá em outras civilizações... aqui ou fora daqui um ponto onde o mais sábio sentava... porque aquele martelinho que ele detém é o martelinho... que Zeus mandava seus raios... é o martelinho de Thor...é o martelinho do “assim está feito”...então ele tinha de ser o detentor da sabedoria...por isso que ele fica... nesse local que é chamado *dossel*...ele fica protegido por um dossel...mas é o deveria...tanto que aqui você vê o triângulo equilátero representando a presença de Deus bem em cima dele...mas aí era um festival de ego já botou mais dois: *eu também quero aparecer nas fotos no dia da cerimônia* Aí fica no dia das cerimônias maçônicas quando você vê nas tais “sessões brancas”...nesse altar tem gente caindo pelas tabelas...todo mundo quer se juntar...empurra o outro...mas na verdade era só um... que está embaixo do criador...Olha só...a púrpura que você vê bem forte e o triângulo equilátero...simbolizando o criador (...)

As críticas acirradas de Salazar ao meio maçônico revelam que esse campo é palco de vários embates, constituindo-se como uma rede de relações muitas das vezes tensas.

No altar do Venerável dessa loja, observa-se um triângulo equilátero de cor púrpura, “simbolizando o criador” (figura 09, ainda), conforme afirmou o maçom. A interpretação desse maçom para a imagem em questão desperta sua indignação com uma maçonaria que teria perdido o sentido dos rituais e do que cada símbolo significa. Ora, uma maçonaria sem o sentido da ritualística transforma-se num “rotary de avental” – essa outra instituição que tem na filantropia e na amizade suas principais diretrizes. O maçom é maçom verdadeiramente em um lugar de entrada proibida para não-maçons, dentro de um templo maçônico: em busca do sagrado. Sagrado esse que funda toda religião, mas que é bem anterior a ela, de acordo com esse maçom.

No altar do Venerável de outra loja (*Harmonia e Fraternidade*) e também nos templos das duas maçonarias mistas, temos os símbolos do Aprendiz, do Companheiro e do Mestre. Na figura 26, pode-se observar tais símbolos.

Sobre o grau de Aprendiz, representado pela primeira figura, à esquerda, na cor púrpura e com a estrela de 7 pontas, comenta o maçom *Salazar*:

(...) Ah em todos os templos egípcios... seja a esfinge, seja as pirâmides... elas apontam para determinada região do céu...elas apontam para determinada região do céu... a esfinge...todas as pirâmides... e quase todas as obras importantes do Egito...toda obra de vulto... tem um tunelzinho que aponta... para uma determinada região do céu... através de cálculos astronômicos... viu-se que essa região do céu naquela época seria...eu não sei se são as plêiades...acho que é Orion... o nome da constelação me foge...mas era um grupo de sete estrelas... todos os monumentos apontam... tem um tunelzinho que aponta... a razão de você me perguntar como maçom eu poderia lhe responder...como cientista eu respeito muito meu nome para dizer... mas todas elas apontavam para determinada região no céu que naquela época eu responderia parece que a Orion que é um grupo de sete estrelas... é por isso que a Estrela maçom...a estrela maçônica tem sete pontas... coincidentemente os hindus classificaram sete chacras...e não sei quantos sub-chacras...mas são sete. Uma loja maçônica tem que abrir com sete mestres e existe toda uma mística em torno do número sete... a razão de apontar para esse conjunto de estrelas...a minha posição acadêmica só me permite uma resposta: não sei. Mas que apontavam todas para a mesma região do espaço...apontavam... como maçom eu teria a resposta...como acadêmico não sei...mas que apontam... apontam (...)

Pergunto-lhe em seguida sobre a acácia, que também aparece nesse painel de aprendiz. Ele me responde:

(...) A história da acácia... vamos...vamos pegar o mito de Hiram... o mito de Hiram é o seguinte: é a história que...resolveram construir o templo de Salomão... vamos pegar o mito que existe...que a maçonaria usa atualmente... o mito de Hiram diz o seguinte: que Salomão quis construir o templo e ele teve a ajuda de dois “grandes aliados”...um era o Rei de Tiro... do atual Líbano... que lhe forneceu material... que lhe forneceu equipamento e dinheiro... o outro era Hiram Abif...um personagem... lendário que seria o arquiteto... do templo...e que alguns/desnecessário dizer que Salomão era uma anta..uma besta...para construir o dito templo que foi na época histórica...em que as religiões relatam mas pouco depois... ele deixou Israel falido endividado...tão endividado e tão fragilizada que foi invadida então não é muita referência de sabedoria... então...nós estamos trabalhando com símbolos...então o mestre Hiram detinha todos os segredos da arte de construir... três companheiros...aprendiz companheiro e mestre...ele era o mestre...só existiam três mestres vamos dizer assim... que seriam Salomão..o Rei de Tiro e ele...e ele queria esses três mestres...esses três mestres queriam saber a palavra de passe para poderem se passar por mestre... e com isso ganharem dinheiro...fazerem obra em seus países... Hiram por ter negado a palavra de passe foi por eles assassinado... o corpo dele foi escondido...levado e escondido... Salomão encetou buscas para achar o corpo e ele foi descoberto da seguinte maneira: que um dos grupos de busca...a história é lindíssima devido ao aspecto informacional...subjetivo... que está embutido nela...seria um trabalho para uma outra tese de doutorado...um dos grupos... um dos membros do grupo deitou para descansar...quando ele foi se levantar ele foi se apoiar... no arbusto...o arbusto saiu com muita facilidade...quando eles lá cavaram eles encontraram enterrado muito porcamente o corpo do mestre Hiram...então por isso que a acácia é venerada na maçonaria porque foi o que indicou onde estava o corpo de mestre Hiram... agora nós vamos...para a realidade... A real origem desse mito contado...dessa história contada... remonta a 3600 anos antes de Cristo... quando do assassinato de um rei sacerdote chamado Seqenenre Tão II...em que a acácia era uma das plantas ritualísticas da feitura dos reis do Egito... então houve um acontecimento real... um assassinato que os hebreus quando foram para lá diante incluíram nos seus mitos... que os mitos hebreus não são tão antigos quanto eles dizem...foram reescritos do século I depois de Cristo... e foram escritos no tempo do cativeiro da Babilônia principalmente por Ezequiel... deu um formato do que é hoje o judaísmo... ou seja um desses dois instantes e da diáspora... que os aglutinou...eles incorporaram esse mito... e esse mito foi depois capturado pela maçonaria por uma necessidade de ser aceito...mas o fato de um assassinato de uma pessoa por três companheiros que desejavam um segredo é um fato histórico e o nome da vítima é Seqenenre Tão II... há três mil e seiscentos anos atrás... no Egito...leia *A chave de Hiram* (...)

O mito de Hiram é exclusivamente maçônico e para alguns autores o ensinamento moral do mito diz respeito aos três maiores inimigos do maçom: a Ignorância, o Fanatismo e a Inveja – representam os três assassinos de Hiram Abif.

Sobre o painel que está ao lado, com um pentagrama e um G no centro, Salazar afirma ser o painel de companheiro e sobre ele comenta:

(...) A hierarquização dentro da maçonaria primitiva ela existia... existia uma seqüência...uma cadeia de comando... mas só que num determinado momento... já que...pelos idos de 1300...1200 por aí... a época de Francis Bacon... houve a necessidade que eu acho que foi 1600 por aí... não lembro agora ao certo... houve a necessidade de institucionalizar-se o que se passou a se chamar de maçonaria...quem fez a institucionalização...institucionalização não...quem determinou a ritualística..os procedimentos... todo o balé ritualístico e litúrgico do grau de companheiro foi Sir Francis Bacon...isto não é dado pelo achismo...isto é dado histórico... o grau de companheiro ele tem uma brincadeira no nome...até há bem pouco tempo...e quando eu falo pouco tempo eu digo século XV... o latim era língua culta que dominava na Bretanha... então o nome de **Companheiro** não é [?] of craft no inglês é recente...era companion ...aquele que compartilha o pão contigo...era companion esse era também o compassio... esquadro...compasso...etc e tal...aquele que compartilha a tua passio...a tua dor...Passio...então o que nós podemos comentar sobre o grau de companheiro é isso (...)

O maçom a todo instante mostra-se vigilante com suas próprias palavras. Quando chega em um ponto que acredita não poder mais falar, cala-se. Como no trecho anteriormente descrito. Várias vezes, inclusive, ressaltou-me que o que iria dizer nada havia de secreto, pois tal informação já havia sido publicada em vários livros. E, além disso, afirmou várias vezes que o “que é secreto não é escrito”.

Das paredes do templo, passemos agora para o teto. Observando o teto de um templo maçônico, percebemos em sua forma circular, como na figura 05, várias constelações e planetas desenhados por um pintor italiano, Di Angeli, que estivera na cidade na época da borracha. Obviamente que representam o universo e o fato de o templo mostrar-se como um pequeno universo. Como afirma um autor maçônico, Charlier:

“Se o Templo representa o Universo, seu teto figura o Firmamento. Por isso, o teto do Templo tem forma de abóbada pintada de azul celeste e semeada de estrelas. (...) A abóbada estrelada do Templo Maçônico não é somente a figuração da universalidade de nossa Ordem, mas, ainda, o símbolo de sua transcendência³⁴⁶.”

A seguir, outro símbolo muito importante no templo é o das colunas. Todas as colunas de um templo maçônico têm algum significado. Mostro para o maçom a figura 02 e 06, que têm várias colunas. Ele as comenta:

³⁴⁶ CHARLIER, *Op. Cit*, p. 87.

(...) Ahhh essas colunas? Elas são seis de cada lado...mas se você contar com duas que estão mais adiante são sete de cada lado... são quatorze então você tem dois lados...sete colunas...e sabe onde você encontra isso? Nos templos egípcios...nas urnas onde você revirava os corpos dos faraós...e nos templos existiam sete colunas de cada lado...mas mais adiante... os hebreus colocaram duas colunas na frente do templo de Salomão... o templo que Herodes construiu e Salomão também fez lá um arremedo de tempo...e lá dentro tem 12...mas tem uma fora...aí dizem que são as 12 tribos...umas lambanças que não se sustentam historicamente....mas o que está subentendido... é que existe 7 níveis de percepção com polaridades definidas que um está fora...do templo...quer dizer...um está fora... vamos parar...um está fora ou da mente ou do corpo... porque são seis colunas dentro do templo...mas tem duas dentro da Firmeza e Humanidade que estão dentro ...na verdade deveria estar fora (...)

As duas colunas a que o maçom se refere são obviamente as que têm grafadas um J e outra, um G. Sob essas colunas, (figura 10) denominadas de *Jachin* e *Booz*, o livro *A chave de Hiram* (já mencionado) se sustenta, pois para seus autores a união da Força e da Beleza, representadas por essas colunas, resultaria na estabilidade³⁴⁷.

Salazar retoma a idéia sem medo de trair qualquer juramento já que o que disse está publicado em *A Chave de Hiram*:

(...) As duas colunas nós podemos falar porque elas não são segredo...essas duas colunas elas são associadas...ao templo de Salomão mas elas vieram muito de antes... elas vieram do Egito...porque Moisés aquele do êxodo para o Egito aquilo nunca aconteceu aquilo foi uma balela...ta? (...) Essas colunas alcançaram maior definição...maior explicação devido o povo judeu ser o povo do livro...o povo que escreve que arquiva com uma beleza e maestria incomparável...e estuda também... são duas...colunas...Mishpat e Tsedeq... poderiam ser traduzidas como uma é a coluna sacerdotal e a outra é a coluna real...uma representa o poder da força – humano militar...o poder do comando...do impor...de um exército...de um tribunal...o poder mesmo de um rei...do outro lado nós temos a Tsedeq...que alinha...a coluna sacerdotal...que simboliza...a força do saber...e o saber...o saber como sabedoria...ele é belo... ele não é seco...frio e árido como o conhecimento...saber como sabedoria ele é

³⁴⁷ (...) Olhando do Leste para essa porta espiritual, o pilar da direita era o do Baixo Egito, correspondente ao pilar maçônico Jachin, que significa “estabelecer”. Não há explicação no ritual moderno para o que isso realmente signifique, mas a nós parece vir diretamente do Baixo Egito, a mais antiga das terras. De acordo com o mito egípcio esse era o lugar aonde o Mundo veio a existir a partir do caos primordial chamado Nun, e portanto, “Jachin” significa nada menos que o estabelecimento do Mundo. Para os egípcios o pilar da esquerda marcava a conexão com o Céu para o Alto Egito, e no ritual maçônico ele é identificado como Booz., que quer dizer “força” ou “na força”. (...) essa associação surgiu quando a terra do Alto Egito mostrou grande força em tempos de necessidade do Egito, em uma época em que o Baixo Egito esteve perdido temporariamente nas mãos de um inimigo poderoso. A maçonaria diz que a unificação dos dois pilares representa “estabilidade” (...) Cf. KNIGHT, C. & LOMAS, R. *A Chave de Hiram*, p. 115.

belo...então as duas colunas...quando juntas ela formam um arco e segundo a Kabbalah que na verdade não é a Kabbalah são conhecimentos que vieram do Egito... somente quando a força e a sabedoria estiverem no mesmo ponto...no mesmo nível...na mesma intensidade..é que você vai poder juntar as mãos...ou o seu templo num arco e a divindade manifestar-se-á. Este é o simbolismo das colunas e todo maçom busca ao longo de toda sua vida atingir esse estágio do equilíbrio entre a Força e a Beleza (...)

No livro do maçom paraense Antônio Mendes, reforçando o mito maçônico, encontramos a informação de que na Bíblia está escrito “Depois, levantou as colunas no pórtico do templo; tendo levantado a coluna direita chamou-lhe Jaquim; e tendo levantado a coluna esquerda, chamou-lhe Boaz” (I Reis, 7:21) (...) na minha força (poder), apoiarei (estabelecerei) esta casa para todo o sempre³⁴⁸”.

E, ainda, além do simbolismo das colunas, o chão da loja pode também significar muito quando o que se pisa é o “pavimento de mosaico” (figura 32) que, desenhado como um tabuleiro de xadrez, para Antônio Mendes, significa: “a estreita união que deve existir entre todos os maçons, apesar da diferença de nacionalidade, de temperamento, de raças e de opiniões, ligados pelo cimento indestrutível da verdade³⁴⁹”.

Já para Salazar, a união do preto e do branco, presente nesse símbolo e nos símbolos como o do yin e do yang, resulta no cinza, e para ele, este pavimento simboliza, entre outras coisas, o próprio mundo, que é cinza e jamais será completamente preto, nem branco. Será sempre mundo – local de conflitos.

Sobre o templo maçônico, esse simboliza um microcosmo. Para Salazar, o templo maçônico tem três vertentes interpretativas:

(...) Uma coisa interessante a ser comentada sobre o espaço-tempo maçônico...o espaço...o uso...a disposição do templo maçônico... que tem três vertentes...que nós podemos se formos bastante atentos observarmos...existem lojas maçônicas que tendem a copiar uma sinagoga...existem lojas maçônicas que tendem... e essas são a grande maioria que tendem a copiar igrejas...tem o átrio...tem a balaustrada separando...aonde fica o padre...que na maçonaria nós chamamos de Oriente... e tem a vertente inglesa que é o terreno plano... existem três maneiras de ocupar o templo maçônico e cada uma dessas maneiras nós poderemos resumir em duas: uma que foi marcada pela civilização judaico-cristã e a outra que manteve a sua origem celta... notadamente o rito de York inglês...o emulação... o espaço plano sem enfeites...sem nenhum adereço... com a rapidez e a velocidade de seu rito...e os outros mais elaborados que já são um

³⁴⁸ Apud Mendes, *Memórias de um aprendiz*, p. 180.

³⁴⁹ *Id*; *Ibid*; p. 160.

contingenciamento dessa herança judaico-cristã...então nós poderemos resumir dizendo que existem duas maneiras de ocuparmos um templo maçônico: a maneira inglesa e a maneira influenciada pela civilização judaico-cristã que nós encontramos notadamente no Rito Escocês (...)

Conforme as figuras 2 e 6 percebe-se que o que o maçom está dizendo está correto, uma vez que se nota no interior dos templos fotografados uma grande semelhança com as igrejas, inclusive com decoração rebuscada e cheia de detalhes, “coalhada de símbolos” – diria um maçom. Enquanto que as lojas que praticam o Rito de York mostram-se completamente “sem enfeites...sem nenhum adereço”...sem escadarias e o mais simples possível conforme a figura 15, quando se percebe a pedra bruta no chão, à espera do trabalho do aprendiz. Há neste caso também duas concepções de práticas maçônicas, já que o rito Escocês tem maior duração e mais minúcias, como também o Adonhiramita, do que o Rito de Emulação: curto, rápido, e “desencantado”, porém “não menos eficiente”, de acordo com *Salazar*.

No templo arredondado da Loja *Firmeza e Humanidade* sentimo-nos sem dúvida dentro de um microcosmo (figura 2). E, de fato, lembra uma igreja. De acordo com uma obra de simbólica maçônica, diz-se:

“Alguns autores, entre os quais Ragon, preconizam um Templo circular, alegando o fato de que, em sânscrito, loja significa mundo, e, por isso, o Templo deve ser circular ou, pelo menos, de forma elíptica ou oval.”³⁵⁰

Ressaltamos, assim, o caráter de sagrado que o templo representa para os maçons paraenses, em um lugar em que o processo identitário maçônico é agenciado, por meio das ritualizações. Mas conflitos também acontecem em torno da realização dos rituais. Mendes comenta que no movimentar-se dentro do templo durante a ritualística e em relação ao local correto de colocação das colunas há divergências³⁵¹. Inúmeros outros informantes comentaram o mesmo: não haveria consenso sobre, por exemplo, à cor do templo, e aos giros que ocorrem durante a movimentação do *Rito Escocês Antigo e Aceito*: não se sabe se o correto seria para a direita ou para a esquerda.

Quanto às cores utilizadas *Salazar* ressaltou:

³⁵⁰ *Id*; *ibid*; p. 86.

³⁵¹ *Id*; *Ibid*; p. 181.

(...) Em todas as lojas do mundo existe uma convenção: os símbolos mudam um bocado... mas a lógica é a mesma...quando nós estamos em sessão de companheiro acende-se uma dada luz... quando se está em sessão de aprendiz...ISTO...quando se está em sessão de mestre...ISSO... normalmente eles fazem isso por um efeito mais feérico... cumulativamente (...)

Ou seja, de acordo com o objetivo da sessão, uma determinada cor e uma certa interpretação para os símbolos seria ativada – nada estando sem sentido no templo da maçonaria.

Saiamos agora pela porta pela qual entramos do templo *Harmonia e Fraternidade*, cuidadosamente desenhada, na época áurea da borracha, e arredondada (figura 03), pode-se – se quiser – prestar reverências ao *Olho de Hórus*, no meio do triângulo equilátero, que representa o *Grande Arquiteto do Universo* (figura 26).

E após se ter conhecido o local em que as sessões semanais maçônicas são realizadas e também as ritualizações de graus, abordo em seguida o evento que colocou a questão do sagrado em pauta nos embates locais.

Figuras



Figura 1: Templo Firmeza e Humanidade – Belém - Pará



Figura 2: Interior do Templo Firmeza e Humanidade nº1



Figura 3: Porta de entrada do Templo Harmonia e Fraternidade

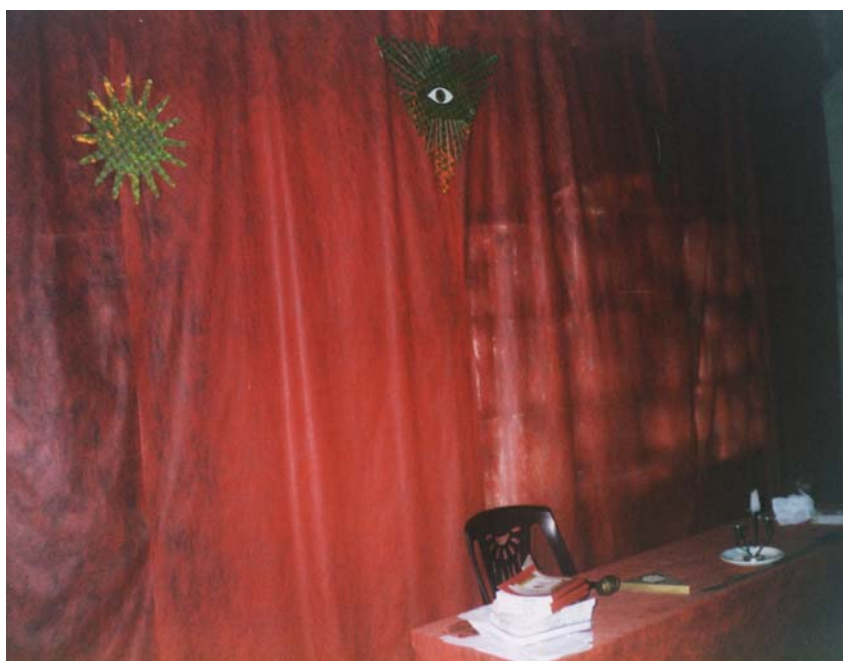


Figura 4: Antigo Rito Escocês segundo a Comab



Figura 5: teto do templo Harmonia e Fraternidade no. 09.



Figura 6: Interior do templo da loja Harmonia e Fraternidade.



Figura 7: um malhete em um altar da Comab.



Figura 8: altar dos juramentos da loja Harmonia e Fraternidade no. 09.



Figura 9: altar do Venerável da loja Firmeza e Humanidade no. 01.



Figura 10: colunas Jachin e Booz.



Figura 11: Estandarte da Grande Ordem Maçônica Mista



Figura 12: Isis, Osiris e Miquerinos, na potência mista de Seixas.



Figura 13: símbolo mortuário em loja comercial

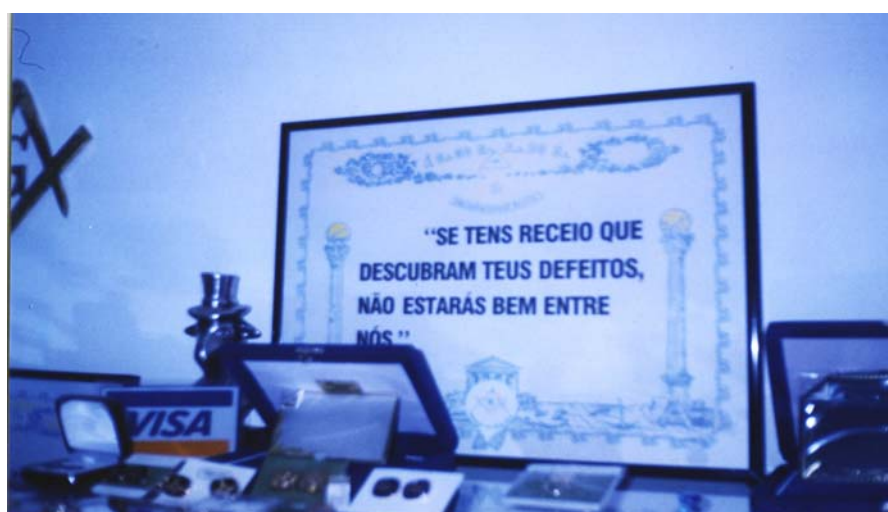


Figura 14: advertência maçônica na loja *O ponto do Maçom*.



Figura 15: Templo decorado para o Rito de York, em loja do Grande Oriente do Brasil



Figura 16: a fundação da 1ª. potência mista maçônica no Pará

¹ Da esquerda para a direita: Carlos Correia Seixas, aposentado; Graça Começanha, professora; A.G., fisioterapeuta; Graça Loureiro, funcionária pública; V.K, funcionária pública; F.C, fiscal da receita; S.G, prof.universitária; L.A, comerciante; V.P, gestora escolar; I.S, func.pública; V.S, aposentado; D.B, técnico em refrigeração; E.R., contador; I.S., func. Pública; L.T, empresária; L. C, comerciante; J.S. C., professora de matemática – um grupo que funda a primeira maçonaria mista do norte-nordeste do país, mas que se dissipou no ano de 2000, conforme veremos mais adiante.



Figura 17: Prédio da Grande Loja do Estado do Pará.



Figura 18: Ponto do Maçom



Figura 19: emblema maçônico em exposição comercial



Figura 20: loja comercial de esoterismo



Figura 21: Carlos Correia Seixas, o fundador da maçonaria mista de Belém do Pará



Figura 22: Erwin Von-Rommel Pamplona, maçom de Belém do Pará e autor de livros esotéricos.



Figura 23: valores morais nos degraus de um templo maçônico



**Figura 24: Graça Loureiro , da
maçonaria mista, exercendo a
função de 1º. vigilante**



Figura 25: Estandarte psicografado da Loja “Cavaleiros dos Grandes Mistérios”, da maçonaria mista.



Figura 26: símbolos do grau de Aprendiz, Companheiro e Mestre, da Grande Loja. O triângulo do Mestre, a estrela do Companheiro e o pentagrama do aprendiz.

¹ Seixas explicou parte de seu simbolismo: a espada significa entendimento. A posição dos braços com as espadas denomina-se “abóbada do Diácono”.

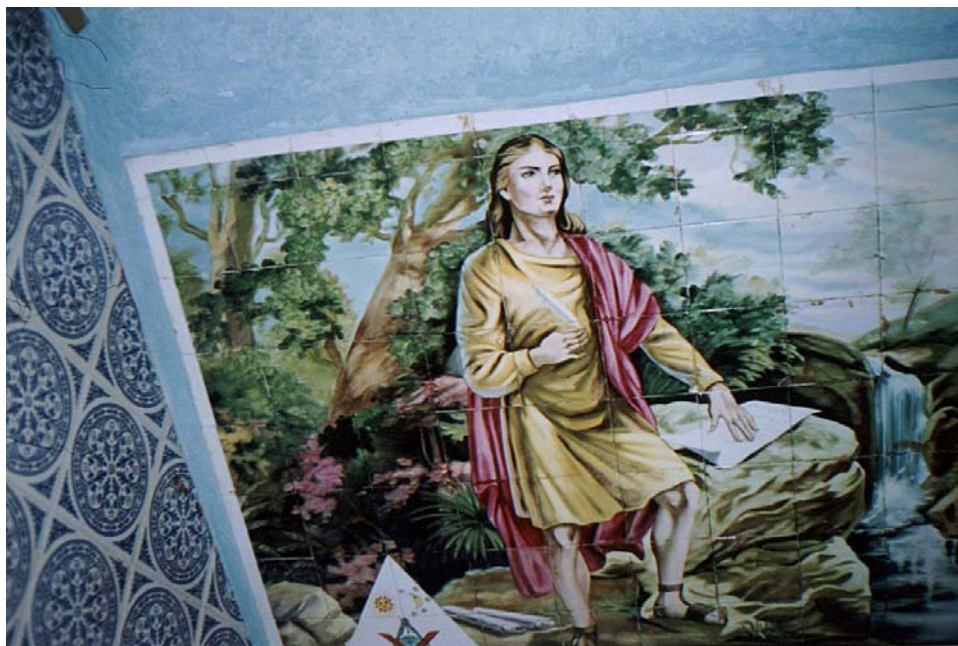


Figura 27: Cristo nas paredes externas de um templo maçônico em Belém. Abaixo da figura, uma frase que se refere à fraternidade.



Figura 28: Graça Loureiro paramentada de Mestre



Figura 29: Templo Nicandro Seixas, em Ananindeua.

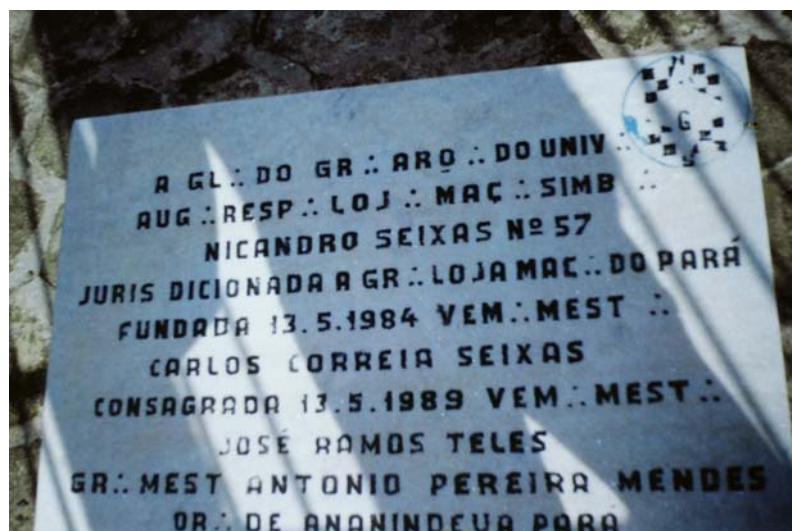


Figura 30: Pedra de fundação do templo Nicandro Seixas



Figura 31: Integrantes do *Supremo Conselho dos 7 da maçonaria Universal* em templo próprio.



Figura 32: pavimento de mosaico



Figura 33: templo da *Grande Ordem Maçônica Mista Cavaleiro da Arca da Aliança*.

III – Um Evento e suas conseqüências.

3.1) A *Revelação* da Maçonaria Mista de Belém do Pará: um evento crítico

*“Moralizemos! Moralizemos!
Bradam (...) com uma febre de missionários...”
(Baudelaire)*

A fundação da maçonaria mista representa, entre outros fatos, a radicalização da busca por um sentido místico da maçonaria diante de sua crise de representação na contemporaneidade. Tratou-se de um evento que teve efeitos no meio, que pôde ser percebido através das notícias jornalísticas da época, que traduziram as tensões na maçonaria, sobretudo em relação ao ingresso das mulheres na instituição.

Dessa forma, no Jornal *A Província do Pará* de 08 de março de 1999, um acontecimento do dia 27 de dezembro de 1998 foi narrado como homenagem ao *Dia Internacional da Mulher*: a fundação da maçonaria mista, com a notícia intitulada “mulheres já entram na maçonaria”. Onze mulheres haviam sido iniciadas, conforme a notícia, e elas, em sua maioria, eram esposas de maçons e participavam do grupo “damas da fraternidade”. O grupo era considerado pioneiro nessa iniciativa, em termos de norte e nordeste³⁵².

Embora o hibridismo com a religião espírita também provocasse algum incômodo no meio, não foi um fato muito publicizado e não tensionou tanto o meio maçônico quanto à entrada das mulheres no ritualismo maçônico, em potência independente dos segmentos “regulares”. Ora, o fato de se buscar o lado secreto da maçonaria não surpreendeu os maçons da cidade, porque estes valorizam o aspecto de busca da maçonaria pela “Verdade”, lugar de interesse procurado por alguns maçons:

(...) Nós estamos buscando a Verdade...não importa onde...(.)

Afirmou um maçom do segmento da *Grande Loja*.

³⁵² Conferir fotografia do grupo todo, na parte referente às imagens. Trata-se da mesma fotografia publicada no jornal.

Mas há acontecimentos que antecederam este fato. Seixas, em sua longa atuação na maçonaria, revela que desde que se tornara mestre-maçom na maçonaria regular era de opinião de que as mulheres deveriam ser iniciadas.

(...)Eu via chamarem as esposas de maçons de cunhada e os filhos de sobrinho eu via a ansiedade de muitas damas da fraternidade de participar da maçonaria... como a maçonaria sempre foi mista outrora... eu sentia a necessidade de fundar... então eu passei a divulgar que um dia eu ia fundar uma maçonaria mista no Estado do Pará (...)

Em outro ano, o evento voltou a ser noticiado. No Jornal *O Liberal* de 04 de março de 2001, o acontecimento do dia 27 de dezembro de 1998 foi narrado como homenagem ao *Dia Internacional da Mulher*: a fundação da maçonaria mista, com a notícia intitulada “mulheres conquistam a maçonaria” e com o *lead*: “primeira loja maçônica feminina da Região Norte funciona desde 98 no município de Ananindeua”. Onze mulheres haviam sido iniciadas, conforme a notícia, e a primeira mulher que chegou ao título de “Grã-mestra” – L.T. – tinha uma certa experiência com o mundo da maçonaria, pois era viúva de um *Venerável* e participou do grupo dedicado à filantropia, “damas da fraternidade”. O grupo era considerado pioneiro nessa iniciativa, em termos de norte e nordeste³⁵³.

De acordo com o que narrou o fundador deste segmento, desde os anos 60, aproximadamente vinte maçons estavam procurando uma loja para reingressarem na maçonaria. Eles queriam fundar uma loja em Ananindeua, município de Belém, no Pará, porque moravam nessa área. Teriam divergido de suas “lojas-mães” e tinham sido afastados. Então Seixas, que pertencia à loja *Harmonia Padre Eutíquio no. 29*, fora convocado pelo grão-mestre da *Grande Loja*, nessa época Antônio Mendes, para fundar uma loja em Ananindeua e reinseri-los na maçonaria. Fundara a loja “Nicandro Seixas”, em 1984, mas nenhum dos primeiros interessados, os vinte citados pelo Grão-Mestre, teriam permanecido na loja. Conseguindo outros interessados, Seixas iniciara por volta de

³⁵³ Há outras maçonarias que permitem a entrada das mulheres na instituição, pelo país. No entanto, o impacto desse acontecimento em uma cidade como Belém do Pará foi profundo, e tensionou fortemente a maçonaria. Convém assim recuperar o que disse Marcus com o quase slogan, “tudo em todos os lugares, mas ainda assim diferente em cada lugar”. Cf. MARCUS, G. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para a etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial” in *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, no. 34, 1991, pp. 197-221.

seis maçons na sua “loja-mãe³⁵⁴”, a loja *Harmonia Padre Eutíquio no. 29*, já que o templo naquela ocasião não estava completamente pronto e adequado para o início das atividades. Convocou-os então anos depois, quando a loja Nicandro Seixas já estava em funcionamento, para auxiliá-lo com uma atividade filantrópica.

Nessa época, o maçom revelou que já sonhava com uma maçonaria mista. O maçom Seixas sempre se interessou pelos aspectos místicos da maçonaria: de religião espírita, afirmava-se “vidente” e dizia também “psicografar” mensagens do “mundo espiritual”. A vontade de iniciar mulheres na maçonaria afirmava-se de modo crescente em sua subjetividade a cada vez que recebia mensagens oriundas desse “além”, incentivando-o a iniciar as mulheres na maçonaria.

O maçom Seixas, dessa forma, expôs seu sonho para o grupo em um dia dedicado à filantropia, em que os maçons, que continuavam sem loja, tinham ido ajudá-lo. Foi então que a idéia de se fundar uma loja mista ganhou mais adeptos. Naquele momento, “eles aprovaram a idéia” – relatou-me um pouco tristemente esse agente que achou, então, que contava com apoios efetivos para a empreitada.

Em outro momento, contudo, mesmo achando os argumentos para a instalação de uma maçonaria mista convincentes, parte do grupo não aprovou a iniciativa, temendo reações contrárias. Seixas os mandou embora de sua casa, aonde aconteciam as reuniões. Dos vinte supostos interessados na iniciativa, restaram onze integrantes: surgia, em dezembro de 1998, o “Supremo Conselho dos sete da maçonaria Universal”, com cinco lojas.

Foi fundada assim a Loja “Resistência do Grão-Pará no. 01” – a primeira loja pretendia traduzir com esse nome a enorme resistência que Seixas encontrou ao fundar a maçonaria mista por parte dos maçons da maçonaria “regular”. Em seguida, fundaram-se as lojas “Caridade Universal”; “Vontade, amor, inteligência”; “Triunfo Universal”; e a “José Ramos Telles” – todas vinculadas à potência do “Supremo Conselho dos sete da maçonaria universal”.

Até aquele momento, em 1998, só existiam dois segmentos maçônicos na cidade de Belém do Pará. Depois do ato, como reação ao evento, a *Grande Loja* também teria se

³⁵⁴ Termo que designa a loja em que o maçom se iniciara.

posicionado quanto à questão enviando um representante a um programa televisivo (RBA) para debater sobre o tema da mulher na maçonaria. Mas não imediatamente após a notícia³⁵⁵ da fundação. Anteriormente as mulheres teriam se apresentadas paramentadas em um programa televisivo informando a população local sobre a existência da nova potência³⁵⁶.

Assim que fundado o novo segmento ocorreram as reações. O maçom Seixas até aquele momento era um “maçom regular” que pertencia ao segmento da *Grande Loja Maçônica do Pará*. Vivia entre a sua religião espírita e o mundo da maçonaria. Participava de diversas confraternizações, e cultivava uma rede de relações pessoais na maçonaria. Nesse caso, o evento (crítico) se entrelaçou à sua própria biografia³⁵⁷, tornando-se mais do que apenas um texto social sobre o surgimento da maçonaria mista na cidade. Tratou-se também de um evento que por estar imbricado à sua biografia pessoal, tornou-se também traumático para suas relações sociais. Seixas, nas entrevistas, ressaltava que tinha “muitos amigos na maçonaria”. Mas o primeiro efeito de seu ato foi o afastamento deles todos. Algo que magoou bastante esse maçom que achou que não estaria sozinho quando concretizasse sua idéia. Segundo sua secretária, ele havia sofrido muito com esse fato e ficado decepcionado com a posição deles. Alguns tentaram demovê-lo da idéia; outros foram cordiais, mas não lhe deram apoio; outros ainda passaram a ignorar seus telefonemas. Mas a narrativa mais recorrente, segundo ela, é que ele havia enlouquecido. De qualquer maneira, as reações mais contundentes deram-se pelo fato de que a entrada das mulheres na maçonaria não foi, até o presente momento, oficialmente permitida pelos segmentos regulares, pois isso rompia com as *landmarks* – as leis maçônicas.

³⁵⁵ Não obtive confirmação desse dado pela *Grande Loja*. Tampouco sei a data exata do ocorrido. Segundo uma maçom integrante do evento, ela mesma teria sido uma das que se apresentou à TV Liberal, às vésperas de uma cisão no grupo, no ano de 2002. Prometeu mostrar-me o vídeo, mas depois sem razão aparente desistiu.

³⁵⁶ Mesmo quem não participava da maçonaria soube do ocorrido, mas não souberam precisar datas. Assim que cheguei à cidade, todos os que eu conhecia comentaram o fato.

³⁵⁷ Convém resumir um pouco de sua biografia, nesse caso: o maçom Carlos Correia Seixas iniciou-se na loja “Padre-Eutíquio”, nos anos 60, chegou ao grau 33, foi *Venerável* de sua “loja-mãe” e depois fundou um templo maçônico em Ananindeua, a loja “Nicandro Seixas” – a primeira deste município, marcando uma expansão da maçonaria nesta direção – também região periférica considerada “Grande Belém”. Analisarei essa história de vida com mais vagar no capítulo seguinte.

Os efeitos deste evento, dessa forma, se prolongaram e se tornaram um processo de transformação dentro do próprio campo da maçonaria local, com conceitos tais como o de “gênero” e o da representação da própria maçonaria entrando em processo de redefinição, durante o curso da própria ação. O instrumental teórico para pensá-lo foi o de evento crítico, conforme Veena Das³⁵⁸, pois o evento crítico é, segundo a autora, algo que institui novos modos de ação histórica, redefinindo durante o processo categorias tradicionais, e, da mesma forma, instituindo novas formas de ação através de uma variedade de atores políticos. A Revolução Francesa teria, assim, sido um evento, conforme Furet, citado pela autora, embora os eventos que ela analise não sejam como a Revolução Francesa, “têm algo em comum com a caracterização deste evento³⁵⁹”. Ora, o evento crítico da fundação da maçonaria mista apresenta um processo de redefinição de categorias tradicionais (quem entra na maçonaria, o lugar da mulher na instituição) refletindo também a crise de representação da maçonaria (origens, significados, *landmarks*, objetivos, etc.) e tenta instituir uma nova forma de maçonaria, através de seus agentes, sem precedentes na história e singular³⁶⁰: uma maçonaria hibridizada à prática espírita e mista³⁶¹. Do ponto de vista dos maçons do novo segmento, contudo, tratou-se de uma recuperação de uma maçonaria que teria existido nos primórdios, antes de sua instituição para a modernidade e das *landmarks*:

³⁵⁸ “François Furet (1978) defined the French revolution as an event *par excellence* because it instituted a new *modality of historical action* which was not inscribed in the inventory of that situation (...) the events of which I speak, new mods of action came into being which redefined traditional categories such as codes of purity and honour, the meaning of martyrdom, and the construction of a heroic life. Equally, new forms were acquired by a variety of political actors, such as caste groups, religious communities, women’s groups, and the nation as a whole” Cf. DAS, Veena. *Critical events: an Anthropological perspective on Contemporary India*. Oxford, University Press. 1995, pp-5-6.

³⁵⁹ “...None of the events that i have selected and described as critical compare with the French revolution, but they do have one thing in common with Furet’s characterization of that event.” DAS, op. Cit, p. 06.

³⁶⁰ Para Worsley, também, “os próprios atores em situações não tratam a sua situação como algo ímpar: eles usam categorias organizatórias que são, como se fossem, importadas dentro delas, e que se relacionam com o mundo mais amplo, do qual tem, sem dúvida, algum modelo (por mais contraditório e não sistematizado que seja). Porque o ator não está desincorporado ou livre da cultura.” Apud FELDAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das sociedades contemporâneas*. Global Universitária, p. 30.

³⁶¹ Um evento também conforme Sahlins (*Ilhas de História*) histórico-cultural, porque “orquestrado” pela cultura (como o evento da morte do capitão Cook) local e agenciado pela história do lugar, que sempre foi envolvido por um forte imaginário e religiosidade. Isto é, Belém do Pará sempre teve muitos fantasmas, lendas e crenças. Além disso, ainda possui a maior procissão religiosa do país. Esta talvez seja um tipo de maçonaria que talvez somente em Belém do Pará teria sucesso e simpatizantes de imediato. Além do que a cidade passou por movimentos considerados radicais politicamente, como a Cabanagem.

uma maçonaria espiritualizada³⁶², voltada para o esoterismo contido na ritualística e com a presença das mulheres. E, por fim, teve um certo impacto na maçonaria local, criando-lhe uma tensão e até um revigoramento das discussões sobre maçonaria, que até então levava suas atividades, segundo alguns de seus agentes, em clima de apatia; além de também ter representado um evento traumático na biografia pessoal de seu fundador, (tais como o evento de partição da Índia na biografia de algumas mulheres narrados por Das) pois lhe causou uma ruptura nas relações sociais.

Aproximadamente após três anos de fundação, o segmento da maçonaria mista se dividiu. Logo o espaço de posições da maçonaria local³⁶³ se reconfigurou e após embates indiretos com a ex-potência de Seixas – a *Grande Loja* – começou a ocorrer um desentendimento dentro de sua própria maçonaria e as transformações continuaram. A maçonaria mista passou, assim, por uma crise que provocara uma ruptura por volta de 2001. Segundo componentes do segmento de Seixas, “essas pessoas não estavam preparadas para as vivências espirituais das coisas mágicas”, eles não teriam compreendido o “verdadeiro sentido da filosofia”, eles se reuniam em outro lugar e chegavam ao local de reunião com decisões prévias já tomadas. Uma delas foi que eles queriam a expulsão de algumas “irmãs” que para eles “não se comportavam como maçons”. Essas “irmãs” logo se sentiram “discriminadas”, conforme as próprias contaram, e o segmento, com isso, entrou em crise. Seixas, diante disso, foi consultar o “mundo espiritual” e segundo o que relatara, os *espíritos* pediram que os dissidentes se afastassem do grupo de Seixas. Assim, numa reunião com todo o segmento Seixas pediu a separação: eles ficariam com o nome da *potência*, com os *estandartes*³⁶⁴, mas deveriam passar a fazer as reuniões em outro lugar, já que todos se reuniam em um templo provisório, construído no terreno de Seixas. O “Supremo Conselho...” então foi, conforme instruções espíritas, cedido ao grupo divergente. Juntamente com as lojas “Vontade, amor e inteligência”, “Resistência do Grão-Pará no. 01 e a “José Ramos Telles”. O grupo dissidente construiu então um templo

³⁶² Dado esse que não se trata de invenção: vimos que a psicografia é tópico estudado na maçonaria, quando se abordou sobre segredo. Ou seja, a relação com o mistério existe, no caso da maçonaria de Seixas, essa relação foi intensificada. Cf. MOULIN, *Op. Cit.*, p. 127.

³⁶³ Nesse caso, me refiro a um campo composto de segmentos regulares e também às dissidências.

³⁶⁴ Bandeiras que simbolizam uma loja, foram psicografadas.

também em Ananindeua, às proximidades do antigo segmento e passou a apregoar uma maçonaria mais voltada para a política e para a prática da filantropia³⁶⁵.

Em entrevista, em 2004, esse segmento identificou-se com um sonoro “todos somos católicos” em oposição ao grupo relacionado ao espiritismo, de Seixas. Tendo chegado em um momento tenso de disputa pela legitimidade e pelo título de primeira maçonaria mista da cidade (legalmente registrada como instituição sem fins lucrativos), percebi nas entrevistas todas as tensões da arena e a disputa entre duas maçonarias mistas se configurava pela representação de maçonaria que se pretendia praticar. Dessa forma, as críticas do segmento dissidente acabaram se dirigindo à influência da religião na maçonaria de Seixas.

Quando o *Supremo Conselho* achava que Seixas havia desistido de praticar maçonaria, pois ele mesmo chegara a afirmar isso para eles, tendo mudado de idéia logo depois, surgiu a seguir, dirigida e psicografada por Seixas, a “Grande Ordem Maçônica Mista Cavaleiro da Arca da Aliança”: “foi uma maçonaria que abateu colunas no século IX”, contara. Ou seja, para ele a maçonaria existia antes da modernidade, com a reunião de homens e mulheres. A expressão “abater colunas” significa, em linguagem maçônica, que ela havia encerrado suas atividades. Então as lojas passaram a sete: *Loja Maçônica Cavaleiro dos Grandes Mistérios no. 01; Loja Maçônica Grandes Segredos da Arte real no. 02; Loja Maçônica Verdade Universal no. 03; Loja Maçônica Verdade, Amor e Justiça no. 04; Loja Maçônica Cavaleiro da Luz Eterna no. 05; Loja Maçônica Conselheiro da Fraternidade no. 06; Loja Maçônica Luz da sabedoria no. 07.*

Com este acontecimento, as lutas se intensificaram, a maçonaria local, segmentada em vários grupos, de autonomia relativa, tornou-se um espaço de lutas *mais tenso* entre seus integrantes que passaram a ocupar diferentes posições neste espaço, se movimentando de uma forma peculiar a tal *campo* em busca da apropriação de um capital específico a este mundo, que também é causa de embates: ora se busca o sagrado, a “espiritualização”, ou o “adestramento mental”, ora uma maior atuação e influências políticas na sociedade ou mesmo ampliar as relações de amizade. De qualquer modo, este capital está em processo de redefinição configurando-se como um embate no meio sobre o que seria a maçonaria, qual

³⁶⁵ Conferir figura 31, realizada com o segmento dissidente.

seria sua função na sociedade e o que ela almejaria alcançar – uma crise de representação cujo surgimento da maçonaria mista foi um de seus reflexos, mesmo que tal surgimento não tenha afetado estruturalmente as leis da maçonaria. Ora, todos os maçons sabiam de sua existência quando dei início à pesquisa de campo: pronunciavam-se sobre a mesma e sobre a presença das mulheres na maçonaria, sem que eu fizesse qualquer pergunta ou ligasse o gravador. Ou seja, mesmo que essa maçonaria não tenha modificado estruturalmente a maçonaria, não há dúvidas que exasperou os ânimos locais.

As reações continuaram. Em 16 de novembro de 2003, o Jornal *O Liberal* noticiou no caderno *Mulher*: “Guardiãs da família conquistam novos espaços” com o *lead*: “apesar da participação restrita na maçonaria elas marcam presença com trabalho filantrópico”. A fotografia da matéria foi realizada com o grupo das “Damas da fraternidade” da loja *Nicandro Seixas*, em Ananindeua. O artigo citou, no entanto, as falas de algumas mulheres do segmento da *Grande Loja*, lugar em que outras “Damas” se reuniam semanalmente. Enfatizou o que era a maçonaria, quem poderia entrar de acordo com as *landmarks*, e procurava mostrar que a mulher entrava na maçonaria, mas o lugar dessa mulher na instituição era na organização da filantropia³⁶⁶. Procurava também retratar mulheres bastante satisfeitas com seu lugar, embora algumas delas tivessem vontade de participar “mais efetivamente” da maçonaria.

Tais reações fizeram parte do início de um processo de transformação. A mudança de conceito citada por Das como parte do evento crítico aconteceu em relação à presença das mulheres na instituição. Logo que fiz um primeiro mapeamento do campo, no final de 2003 e início de 2004, a primeira constatação da tensão existente no meio maçônico foi quanto à presença das mulheres no ritualismo maçônico. Assim que fui ao segmento da *Grande Loja*, antes sequer de apresentar a proposta da pesquisa, o grão-mestre e alguns

³⁶⁶ Presenciei uma reunião com o grupo das “Damas da Fraternidade” de Ananindeua, no qual elas estavam se preparando para fazer algumas doações de cestas básicas para famílias necessitadas no próprio bairro. Sobre a questão da filantropia, Setton ressalta que, em relação à filantropia rotariana, “não questionam os modelos de desenvolvimento responsável pela estrutura desigual da sociedade. Procuram as soluções via solidariedade dos ricos frente aos pobres”. Guardadas as diferenças entre o *Rotary* e a maçonaria, se pode associar essa afirmativa em relação ao ato filantrópico da maçonaria, que também não questiona as causas da desigualdade, e tenta, quando possível, realizar donativos, atendendo aos efeitos da pobreza, e não suas causas. A questão causa embates no campo maçônico. Ver SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Rotary Club: habitus, estilo de vida e sociabilidade*, p. 142.

outros maçons fizeram um discurso sobre a presença das mulheres na instituição. Pessoalmente eram a favor, mas politicamente eram contra a entrada das mulheres no jogo maçônico. Em 2004, eles estavam em campanha eleitoral e a posição radical havia se tornado mais flexível; após a eleição ocorrida na *Grande Loja* para o cargo de grão-mestre, com a vitória daquele que anteriormente era o vice do grão-mestre, a *Grande loja*, no mesmo ano, passou a propor a organização de uma loja só para mulheres³⁶⁷. Continuavam contra a existência da maçonaria mista, mas o conceito em relação às mulheres na instituição havia se modificado. Da mesma forma, passou-se a se discutir a questão da representação de uma maçonaria voltada para o sagrado em uma instituição que estava se tornando mais política e orientada para a filantropia, fato esse criticado pelos maçons que estavam na maçonaria por conta de seus aspectos místicos, que se traduz para alguns maçons como o interesse pelos estudos esotéricos.

Enfim, com o surgimento dos segmentos de maçonaria mista, e com a chegada da COMAB, em Belém, através de dissidentes do *Grande Oriente do Brasil*, a configuração do espaço da maçonaria local, em Belém do Pará, se complexificou, em 2004, tornando-se constituída de cinco segmentos: a *Grande Loja Maçônica do Pará*, o *Grande Oriente do Brasil*, a COMAB, o *Supremo Conselho do 7 da Maçonaria Universal* e a *Grande Ordem Maçônica Mista Cavaleiro da Arca da Aliança*, envolvendo um total aproximado de 2980 maçons, que são recrutados entre diversas profissões. Todos estes segmentos defendem representações de maçonaria com ênfase para um ou outro aspecto, e disputam pelo mesmo espaço de poder, pois, de qualquer modo, mesmo que os segmentos regulares não reconheçam as dissidências oficialmente como maçonarias, se concorre por adeptos.

As cisões internas continuaram acontecendo: cada segmento “regular” fundou mais duas lojas cada uma; sendo que a loja *Sol Nascente* pratica o *rito moderno*, que se trata de um Rito que considera o GADU apenas como um princípio filosófico; a potência mista se dividiu entre o grupo dos católicos e o grupo dos espíritas; surgiu uma dissidência do *Grande Oriente do Brasil* – a COMAB, em 2002, que se pretendia mais engajada socialmente que a potência de origem. A maçonaria contemporânea paraense entrou em

³⁶⁷ Algo que até a presente data, em 2005, ainda não aconteceu.

crise, totalizando 51 tipos de reuniões diferentes ou lojas (já que loja não é sinônimo de local físico de reunião), conforme o quadro seguinte.

Grande Loja Maçônica do Pará	Grande Oriente do Brasil	Supremo Conselho dos 7 da maçonaria Universal	Grande Ordem Maçônica Mista Cavaleiro da Arca da Aliança	Grande Oriente Paraense - COMAB
1. Firmeza e Humanidade	Aurora	Resistência do Grão-Pará	Cavaleiro dos Grandes Mistérios	7 de Setembro
2. Loja Harmonia	Lauro Sodré	José Ramos Telles	Grandes segredos da Arte Real	Irmão Jerônimo
3. Harmonia e Fraternidade	Esperança da Amazônia	Vontade, Amor e Inteligência	Verdade Universal	20 de agosto
4. Renascença	Major Adolfo Pereira Dourado	Caridade Universal	Verdade, Amor e Justiça	Reintegração de Marabá
5. Cosmopolita	João Salomão Filho	Triunfo Universal	Cavaleiro da Luz Eterna	
6. Antônio Baena	Venerável		Conselheiro da Fraternidade	
7. Cavaleiros de Malta	Oswaldo Rezende			
8. Armando do Amaral Sá				
9. Apolinário Moreira	Luz e Fraternidade de Belém do Pará		Luz da sabedoria	
10. Fênix	Paes de Carvalho			
11. Padre Eutíquio	Fanoel			
12. Abolição	Vigilância e perseverança			
13. Independência	Duque de Caxias			
14. De Campos Ribeiro	Luz e Fraternidade Marapaniense			
15. Fênix e Fraternidade	Sol Nascente (2000)			
16. Nicandro Seixas	Kaballah (2003)			
17. Cândido Marinho da Rocha				
18. Estrela de Belém (2002)	Cavaleiros do Oriente			
19. Os Templários (2002)				
20- Fraternidade Pinheirense nº12				
Total: 20 lojas	Total: 15 lojas	Total: 5 lojas	Total: 7 lojas	Total: 4 lojas

A proliferação de lojas e de segmentos traduz a crise de representação da maçonaria, ao mesmo tempo que a expansão de sua presença na cidade, já que o número de adeptos aumentara bastante. Em Belém do Pará, em busca de uma maçonaria que faça sentido – sejam esses sentidos inscritos a partir do misticismo, ou a partir da política e/ou da prática filantrópica – alguns de seus agentes fundam novos segmentos, outros migram de lojas, outros ainda mudam-se em busca de diferentes rituais. Procura-se, enfim, uma maçonaria condizente com o interesse em questão – efeitos da (des)sacralização³⁶⁸ ou *estranhamento*³⁶⁹ na instituição, que provoca uma movimentação intensa dentro do espaço maçônico, pois seus agentes procuram por uma maçonaria que lhes faça sentido, com cada um deles fazendo investimentos específicos.

A criação da maçonaria mista veio a evidenciar esses embates, colocando em xeque as bases regulares da instituição. Assim, conflitos que estavam latentes na maçonaria tomaram forma, vindos a serem expostos com mais clareza, pois parecia que tais conflitos estavam somente à espera de que algo ocorresse para que revelassem com mais clareza uma crise na instituição.

³⁶⁸ Refiro-me ao movimento de busca ou de recusa do sagrado na instituição.

³⁶⁹ Trata-se da sensação de que nada faz sentido; do deslocamento que alguns iniciantes revelaram em entrevistas.

3.2) A crise de representação da maçonaria.

Por representação entende-se nesse trabalho, não somente as idéias mentais a respeito de algo, mas também como essas idéias se relacionam às práticas sociais. Paul Rabinow, propondo que se siga os passos de Foucault, afirma em texto homônimo que as “representações são fatos sociais”³⁷⁰. Segundo esse autor, o pensamento pode ser analisado como “uma prática pública e social”³⁷¹.

De Coppet, em *démarche* semelhante³⁷², tenta também superar o representado apenas como objeto, relacionando também a representação às práticas sociais. Primeiramente, analisa várias nuances de significado de *représentation*, conduzindo a duas leituras: na primeira, *représentation*, significará um “apresentar novamente”, no sentido de repetição, livre de contextos. Na segunda, representação é “*algo que é colocado em lugar de*, como uma substituição, como nos antigos funerais dos reis ingleses. Segue etapas na exploração do conceito para nos levar à idéia de “tornar presente novamente”, não como mera repetição do passado, mas como um ato social criativo. Essa definição tenta superar a dicotomia entre objeto e práticas sociais.

Refiro-me a uma crise de representação da maçonaria, visto que, nas discussões maçônicas sempre se põe diversos significados e relevâncias para a prática maçônica e não se sabe mais que maçonaria se deve praticar: a de aspecto místico, voltada para uma busca de aperfeiçoamento interior, indiferente aos acontecimentos do mundo³⁷³, ou uma maçonaria fortemente engajada no social. Enfim, que maçonaria deve se *tornar presente novamente*? As respostas se tornam práticas maçônicas que segmentam o espaço da maçonaria, isto é, tornam a presença maçônica na cidade um campo de embates e de práticas diferenciadas de seus maçons, provocando também a fundação de novas lojas e segmentos. E, portanto, essas representações *são fatos sociais*.

³⁷⁰ RABINOW, Paul: “Representações são fatos sociais: modernidade e pós-modernidade na Antropologia” in *Antropologia da Razão: Ensaios de Paul Rabinow* Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1999.

³⁷¹ *Id.*; *Ibid*; p. 78.

³⁷² DE COPPET, D. “Comparison, a universal for anthropology. From ‘re-presentation’ to comparison of hierarchies of values”. In: KUPPER, Adam. *Conceptualizing Society*, Routledge, London and New York, 1992.

³⁷³ Pois um maçom afirmou que não é necessário “ver tudo que passa na televisão”.

3.2.1) Significados atribuídos à maçonaria

Diante disso, o surgimento da maçonaria mista colocou na pauta das discussões da instituição o que era a maçonaria. Alguns maçons recuperam-lhe um sagrado, relacionando-a ao esoterismo, compreendido como desenvolvimento da mente, e, portanto, do *espírito*, e ao misticismo enquanto busca desse sagrado, isto é, da divindade. Outros preferem-lhe recuperar representações mais palpáveis, como a preocupação com a política social com intervenções efetivas na sociedade e com a atitude filantrópica. Com isso, se tem uma crise de representação da instituição entre os maçons.

Para aqueles de orientação mais esotérica, como o maçom V.R., que também pertence a várias outras organizações de iniciação, a maçonaria se compõe de misticismo, para ele era como se houvesse uma “maçonaria dentro da maçonaria”. Em entrevista, em 2005, afirmou:

(...) Na qualidade de ex-secretário das Relações Exteriores da Grande Loja Maçônica do Pará eu me sinto bem à vontade para falar da história dessa famosa e profundamente mística Ordem... a maçonaria é...atualmente...existem maçons e maçons e... a verdadeira pesquisa maçônica está restrita a pouquíssimas pessoas com paciência...determinação... persistência... e capacidade de reconhecer o esotérico do exotérico... a maçonaria ela é tão profundamente *mística* e tão profundamente relacionada aos princípios básicos da formação da mente humana que...no seio da maçonaria surgiram quase todas as ordens iniciáticas que existem atualmente...a começar pela *Ordem Hermética da Aurora Dourada... Hermetic Ordo of Golden-Dawn...* pois é...a *Golden Dawn* foi fundada por três maçons da *Grande Loja da Inglaterra...* e durante muito tempo os manuscritos...e os rituais secretos da *Golden Dawn* foram guardados dentro de uma loja maçônica (...)

Em argumento menos místico, o maçom *Salazar*, disse o que significava a maçonaria para ele, em outro sentido para “mistério”:

(...) existem ordens tão secretas...tão secretas...tão secretas...que não existem...existem ordens que dizem o seguinte: nós somos tão secretos...que a nossa célula não sabe quem é a outra célula... Então... se morrer todo mundo numa viagem de avião eles não sabem...não tem onde procurar ...então a maçonaria é o portal mais sério de acesso aos mistérios... uma observação como cientista: mistérios entendidos como conhecimentos técnicos científicos e filosóficos...E conhecimentos como arma de PODER... Não tem

essa história de fazer o bem pra humanidade... ou de construir um mundo melhor... não... Como estrutura de dominação (...)

Para Salazar, a maçonaria é uma espécie de sociedade secreta, mas que não se esconde como as outras, e isso se constitui em um valor. Pois caso ele necessite de ajuda, ele saberá aonde recorrer, ao contrário de outras organizações. Para esse maçom, a “melhor maneira de se esconder é se tornar visível”, portanto, a maçonaria se tornou visível para a sociedade, ao ser institucionalizada nos idos do século XVIII e, para justificar sua existência para a sociedade engendrou-se um discurso sobre filantropia. A maçonaria, para Salazar é uma sociedade de poder que domina, ao menos parte, o mundo, pois em sua opinião a instituição não teria muita penetração no Oriente Médio. Ela influenciaria indiretamente em acontecimentos políticos, segundo ele, assim, sendo uma organização poderosa, a evolução para a maçonaria, nessa perspectiva, consistiria em aprimorar os instrumentos de dominação. Dessa forma, em sua perspectiva, a função da maçonaria na sociedade seria agenciar a ordem e o controle. Deixou sempre claro, em suas declarações, contudo, que se referia a uma maçonaria de nível mundial e não apenas à paraense.

Todavia, ao se examinar a maçonaria praticada em apenas um local, se pode levantar vários embates do ambiente maçônico. Dentre esses, uma discussão entre os maçons em torno de temas tais como: “mistério”, esoterismo e misticismo. Ao desenvolverem esses temas, eles se voltam para enfoques mais científicos ou se voltam para uma certa religiosidade, no sentido de *re-ligare*. Tal embate resulta em diferentes visões de maçonaria, com diferentes *lugares* também para a filantropia.

O maçom C.S. da *COMAB*, sociólogo, também pertencente à Ordem Rosacruz-amorc, apesar de não negar o caráter místico da maçonaria, afirmou que se fosse “entrar por aí” com os seus irmãos maçons iriam achar que ele teria enlouquecido. Acredita mais no potencial político da maçonaria e que esta deve intervir no social e ajudar a modificar a sociedade, fazendo o possível para tal. Tanto que o primeiro ato desta potência, surgida em 2000, na cidade, depois da organização do templo, foi abrir uma escola de alfabetização para adultos na comunidade da Sacramento, bairro popular, onde estão localizados.

Através de uma integrante da maçonaria mista, tive acesso a um folheto intitulado “Reflexões sobre a existência e a razão de ser na maçonaria na contemporaneidade” do

maçom R.F.M, da *COMAB*, então Grão-mestre “AD VITAM” do *Grande Oriente Autônomo do Maranhão*. O autor afirma ser maçom desde 1966, e isto tem se tornado motivo de conflito para ele, “conflito entre a teoria e a prática. Entre a realidade e o ideal”. Pois “se a busca da verdade é, seguramente, um dos principais desideratos da Maçonaria (...) não se pode ficar preso ao passado.” Para ele, a idade da Maçonaria é a idade da humanidade; “surgiu a partir do momento em que o homem a outro se associou para combater toda sorte de males”. A seguir, o maçom faz um histórico da maçonaria dividindo-a em período “primitivo”; “operativa” (“Era dos maçons antigos e dos maçons aceitos”) e “Especulativa”, “que predomina em nossos dias”. A partir das *Constituições de Anderson*, o grande objetivo da maçonaria passou a ser a Fraternidade e a Moral, afirma o maçom, em discurso proferido numa loja no Maranhão, segundo algumas marcas presentes no texto. Depois retoma o lema “liberdade, igualdade e fraternidade” como maçônico, para voltar-se na parte seguinte da elocução, para o contexto brasileiro, recuperando o momento áureo da maçonaria e sua influência nos destinos do Brasil. A seguir, volta-se novamente para a contemporaneidade, para interrogar aonde a maçonaria teria ido parar em relação à Revolução Russa de 1917 e ao Nazismo. E no Brasil, o que teria feito a maçonaria em relação à corrupção, às escravidões ainda não abolidas, ao desemprego, e outros problemas do país. O autor após isso, se coloca a favor da entrada da mulher e do aleijado na maçonaria, enumerando seus motivos. Encerra seu discurso desejando que seus conflitos íntimos terminem – um ato performativo que acaba revelando o perfil desta potência (*COMAB*), que deseja uma “maçonaria que pense, mas que aja”.

Para maçons do *Grande Oriente do Brasil*, o maçom não precisa se preocupar em se dedicar inteiramente às causas sociais. A filantropia para a sociedade deve se constituir apenas de um ato, como doações, por exemplo, atos que informam um estilo maçônico, que lhes comprova identidade de grupo, ao se praticar essa espécie de *noblesse oblige*. Algo que se percebe na ritualística do REAA, quando o *hospitaleiro* vai até o maçom discretamente e lhe pergunta quanto ele pretende doar para seu primeiro ato filantrópico. Desse modo, a filantropia é interpretada de um modo diferente no GOB, pois se valoriza mais a “filantropia interna” (termo utilizado pelo seu dirigente no Pará). Os membros fundadores da *Comab* eram dissidentes desse segmento, por isso, alguns dos maçons do *Grande*

Oriente do Brasil se posicionaram com fortes críticas em relação a esse segmento, sobretudo em relação à interpretação que os mesmos fizeram à filantropia. A exemplo de *Salazar*:

(...) A minha loja...as lojas de...que eu pertença agora elas tentam praticar... o escopo...a massa média... o ponto crítico econômico-social da loja não permite...Agora eu particularmente sou veementemente contra... Eu acho que...eu acho não...essa história de filantropia ela surgiu lá pelos idos de 1717 na Inglaterra quando a maçonaria tentou...ela precisou se ajustar a uma nova realidade política...então era a sociedade dos cavalheiros...dos jantares dos cavalheiros...então nada melhor do que uma atitude de benemerência para enganar os paspalhos de toda ordem...na essência a maçonaria tem uma regra: filantropia? Para nós. (...)

Como consequência das crises de interpretação de vários *lugares* da maçonaria, *ser maçom* na contemporaneidade passou a não traduzir mais com exatidão a que prática maçônica esse maçom se consagra, resultando, de sua prática, uma representação de maçonaria. Com a crise, seus integrantes é que lhes desenham os significados do que é *ser maçom* para eles, com suas idéias e suas práticas.

No meio maçônico, apesar disso, acredita-se que o *status* de maçom nunca se perca e, com isso, a idéia de fraternidade que se associa à instituição. Assim, a identidade maçônica influenciaria na hora de se tomar decisões e nas associações com outros campos e não o contrário. Contudo, é inegável que a instituição se tornou algo que pode ser interpretado de várias formas, dependendo da perspectiva de onde o maçom fala e como ele dá significados às suas práticas consideradas “maçônicas”. Ou seja, existe um campo maçônico, mas entrecortado por relações e interesses diversos.

Recuperar o caráter místico ou retomar a atuação política da instituição de forma mais eficaz na sociedade ou ainda fortalecer a ajuda - mútua se constituem de aspectos da maçonaria colocadas em discussão no meio, por conta da nova maçonaria que surgiu com o objetivo de recuperar o aspecto místico da instituição. Essa maçonaria “irregular” atraiu olhares de maçons interessados no misticismo maçônico, que não lhe podiam visitar – ao menos oficialmente, pois isso poderia causar expulsão – mas permitiram o ingresso de suas esposas e filhas nessa maçonaria mística, que rompia com as *landmarks*.

3.2.2) A tentativa de ruptura das *landmarks*

Primeiramente, tem-se transcrito a seguir a voz e a opinião de um maçom paraense sobre o que é a maçonaria, de seu ponto de vista, ou seja, ele fala do modo como a maçonaria como *algo que se faz presente novamente* deve se portar. A representação que esse agente deseja é uma que se repita, que se perpetue, e que no presente não traga inovação. Aliás, Bourdieu observa que quem ocupa posição dominante em um campo consagra-se à uma prática ortodoxa, que pretende conservar imutável o *quantum* acumulado. Essa narrativa, como também as outras que falam sobre a representação de maçonaria reagem à maçonaria mista, naquele momento, e também às representações que a maçonaria vem assumindo assemelhando-a ao *Rotary*, na atividade filantrópica.

(...) Só pode entrar na maçonaria quem acreditar numa vida após a morte... isto é...numa “vida futura”... em “Deus”... quem não possui defeito físico e quem não é mulher... Deficiente físico: defeito deve ser aparente... sem braço...paraplégico... etc. porque em determinados graus ele deverá realizar determinados movimentos e sendo deficiente ele não vai poder... O escravo também não pode....Isso foi instituído no século XVIII no livro “capa preta”...que é a constituição dos maçons... nele... as leis são imutáveis.. São as “landmarks”... são 25 leis... a primeira diz que **jamais um maçom poderá modificar qualquer uma das leis... inclusive modificar e alterá-las...se este o fizer sofrerá funestas conseqüências** Essas leis vem de Jacques de Molay...O último landmarks diz: **Jamais deve ser alterada a primeira lei sendo este passíveis de punições esotéricas** Então na maçonaria a seriedade é muito grande... Tudo que nós fazemos dentro do esoterismo é feito através de juramento secreto...Com esses *landmarks* não se brinca...quando você vir uma loja de mulheres... em que há uma constituição que entre mulheres dentro da loja ela não é oficial... ela não é reconhecida... ela está fora das *landmarks*... Nos somos maçons tradicionais nós lutamos para manter essas *landmarks*... Se você alterar os *landmarks* não existe mais maçonaria...acabou... não é mais maçonaria... Você pode pegar um ritual da maçonaria e praticar...eu tenho rituais em casa...grau 1... grau 2... e grau 3... uma loja maçônica se divide em loja simbólica e filosófica... a principal é a simbólica....Que é de 1 ao grau 3 que gera o “Venerável mestre” que é o mestre instalado...de onde se elege também o “Sereníssimo grão-mestre”....Que é a partir de um mestre instalado... O grau filosófico é opcional....Você faz se você quiser... é importante também....Ele vai do 4 grau ao 33... o que eu te falei sobre a essência da maçonaria que é exatamente as *landmarks*... Se você preservar as *landmarks*... você pratica a maçonaria... Por isso que a maçonaria existe por exemplo...Por que não ter mulher lá dentro? As mulheres são inteligentes elas poderiam estar junto conosco... dentro da ordem...Mas vai ferir os *LANDMARKS*... Aí deixa de ser maçonaria... Não é mais maçonaria... Entendeu? Se colocar um escravo.. você vai dizer... mas não existe mais escravo... mas está ESCRITO... Não podemos

mudar... Nos não sabemos também que tipo de escravidão eles estão se referindo... pode ser um homem submisso ao outro³⁷⁴. (...)

Eu havia começado a pesquisa de campo em pleno evento³⁷⁵, em que o novo segmento colocava em tensão esse espaço, em um momento crítico de transformação do espaço maçônico local, pois até os anos 80 o espaço maçônico se bipartia, se constituindo de apenas dois segmentos ditos “regulares” que se modificavam dentro dos “limites”.

As *landmarks* constituem-se como o discurso das maçonarias consideradas “regulares” para a não-aceitação do segmento da maçonaria mista. Tratam-se de leis que rejeitam qualquer mudança, pois se diz que elas traduzem uma tradição. Com o decorrer do evento, essas leis que até então se apresentavam como algo inquestionável passaram a ser cada vez mais postas em dúvida por alguns maçons que não acreditavam em sua legitimidade, mesmo sendo alguns deles componentes de segmentos regulares. Essas leis, segundo esses agentes, foram coligidas por um maçom que não era considerado uma autoridade maçônica, era apenas um “capelão”. Além disso, esses agentes argumentam que tais leis foram constituídas de acordo com as conveniências de uma época (século XVIII) e de um lugar (a Inglaterra), portanto, as *landmarks* não deveriam continuar em vigor.

Todavia, muitas das vezes, foi a partir dessas leis que as significações dadas à maçonaria foram tecidas, como resposta também ao fato de que as mesmas foram rompidas dentro do segmento da maçonaria mista, que iniciou mulheres – algo mais crítico do que apenas uma contestação simbólica.

O maçom Seixas desautorizou as *landmarks* colocando em prática uma representação de maçonaria que visa re-criar o presente, com o apoio do passado, no sentido de De Coppet³⁷⁶, *algo que se faz presente novamente*. Recorreu, para isso, ao argumento sobre as origens da maçonaria: antes de sua instituição para a modernidade, as mulheres participavam da maçonaria e o sagrado era a essência da Ordem. Dessa forma, procurou também legitimar sua ação e a do grupo. Com a fundação da maçonaria mista, o maçom

³⁷⁴ Primeira entrevista no campo, em dezembro de 2003, com o maçom Boris (nome fictício)

³⁷⁵ É válido ressaltar que se trata de um evento crítico, além de uma mera heresia, pois coloca em questão um princípio de poder estruturador do campo em questão. A de que só entra quem for do sexo masculino.

³⁷⁶ DE COPPET, D. “Comparison, a universal for anthropology. From ‘re-presentation’ to comparison of hierarchies of values”. In: KUPPER, Adam. *Conceptualizing Society*, Routledge, London and New York.

afirmou que estava recuperando essa maçonaria primeva, e fazendo o “correto”, isto é, “corrigindo” práticas e rituais, que ele acreditava incorretos, através de mensagens psicografadas. Na ritualística da *Grande Ordem*, por exemplo, transmitida, segundo ele, por maçons *desencarnados*, ele procurou inserir alguns símbolos considerados femininos, como a água, tomada antes do início do ritual, dessa forma, procurou-se tornar o ritual equilibrado entre as duas polaridades. A construção de uma nova crença como estratégia subversiva de Seixas só fora aceita por parte de seu grupo porque ele goza da confiança deles e é visto como um “vidente” e pessoa de dons especiais entre os seus. Daí sua iniciativa, de qualquer modo, ter encontrado êxito na cidade: mesmo não reconhecido oficialmente, o segmento iniciou algumas esposas de maçons da maçonaria regular. Aliás, houve o caso de um maçom que defendia uma maçonaria mais voltada para a espiritualidade e, por conta disso, apoiou a entrada de sua esposa na maçonaria mista. Acabou sofrendo tantas pressões de seu segmento (regular) que sua mulher se viu obrigada a se afastar da maçonaria mista. Além disso, mesmo sendo colocada como “potência espúria”, o evento colocou vários conceitos em revisão, como a validade das *landmarks*.

Landmarks essas que até então eram vistas como insuspeitáveis, compiladas por Mackey e outros, eram consideradas um reflexo da maçonaria que se vinha praticando. Afirma-se que elas traduziriam uma antiguidade das práticas maçônicas uma vez que se tratavam de “leis não-escritas” que foram compiladas no século XVIII.

Com o surgimento da maçonaria mista local e a reflexão suscitada no meio maçônico sobre esse evento, alguns maçons passaram a defender a tese de que Mackey teria se enganado, ele era apenas um capelão e atendeu aos reclamos da época, excluindo mulheres e outros das práticas maçônicas. Para alguns desses maçons, a *tradição*, usada como argumento para que uma forma de agir se repita, guardava um lugar para as mulheres, que teriam participado da maçonaria em suas origens – outro debate suscitado pelo incômodo da fundação da maçonaria mista na cidade.

3.2.3) O debate sobre as origens da maçonaria.

*“Eu nasci há dez mil anos atrás
E não tem nada nesse mundo
Que eu não saiba demais...”
(Raul Seixas³⁷⁷)*

O surgimento da maçonaria mista fez vir à tona um debate sobre as origens da maçonaria. O maçom Seixas, fundador da maçonaria mista, afirmou que suas origens se “perdem na poeira dos tempos”, entendendo que a maçonaria deveria ser praticada sem fronteiras, com o homem e a mulher desenvolvendo-se juntos. A mulher já teria feito parte *nos tempos antigos* da maçonaria. Assim, afirmou:

(...) a maçonaria se perde na poeira dos tempos (...) eu acho que a maçonaria universal não deve ter fronteiras...eu entendo que a terra também não deveria ter fronteiras...porque nós todos estamos numa bolinha no universo... nós somos só um grão de areia..(...)

Seixas afirmou que as *Landmarks*³⁷⁸ do século XVIII – seu grande empecilho ao reconhecimento de seu segmento como “loja regular” – estavam subordinadas ao lema da “liberdade, igualdade e fraternidade”. Portanto, se elas colocavam limites à prática maçônica, então estavam desrespeitando o princípio da liberdade. Além disso, afirmou que a “maçonaria não tem dono”, pretendia com seu ato instituir uma anomia no campo maçônico, pois então ninguém mais poderia considerar-se proprietário dos princípios de legitimidade que regiam o campo. Mas no final das contas, o princípio da regularidade das

³⁷⁷ O maçom Salazar, para comentar sobre a questão das origens, disse para eu escutar com atenção essa música de Raul Seixas, antes que ele respondesse à questão.

³⁷⁸ Comenta um maçom: “assim como as religiões, a Maçonaria se divide em grandes ramos: Grande Loja, Grande Oriente, etc... Fazemos parte da Grande Loja, que é independente em cada Estado do Brasil ou cada Estado dos Estados Unidos, ou da Inglaterra, ou do Canadá, ou da França, etc...Cada uma tem sua Constituição, Estatuto, Leis penais e Processuais. Como as leis internacionais, as leis maçônicas são também muito parecidas entre si. Muitas Grandes Lojas copiam de outras, apenas adaptando às suas realidades. Tal como soe acontecer nas nações, quanto aos três poderes. Os Landmarks ou Lindeiros, são 25 artigos respeitados pela maçonaria internacional. Eles foram coligidos por Alberto Mackey no século 18 na Inglaterra”. *Landmark* é palavra de origem inglesa, significando “demarcação de limites”, para os maçons contudo, ela representa mais do que isso: são as leis maçônicas, instituídas pelo maçom e capelão Albert Mackey, logo após a invenção do rito escocês antigo e aceito, são em número de 25, e diz-se que são leis que não podem ser alteradas. A 18ª. *landmark* proíbe a entrada da mulher na maçonaria. (carta por e-mail, RC, maçom da Grande loja, em junho de 2003.

lojas maçônicas não foi até o momento alterado e seu segmento é considerado “irregular” na maçonaria.

Contudo, este não foi o único³⁷⁹. a pensar que as origens da maçonaria são remotas. Afirmou o maçom Von-Rommel, da *Grande Loja*:

(...) o ciclo da maçonaria... em 1717 foi reavivado... a maçonaria é muito mais antiga...funcionava inclusive como uma forma de restringir...os construtores das catedrais... que eles ocultavam nas catedrais os segredos do universo (...)

Outro maçom, *Salazar, do Grande Oriente do Brasil*, fez uma leitura semelhante³⁸⁰:

(...) É um movimento translacional há muito tempo... Só há cinco mil anos³⁸¹ (...)

Em resposta indireta ao debate presente na cidade por causa do surgimento da potência mista, V.S., em 2003, da *Grande Loja*, chegou a afirmar que aquilo tudo eram “invencionices”. Escreveu sobre a maçonaria num texto que apresentara em “sessão branca” em comemoração ao aniversário da Loja mais antiga de Belém:

“O seu atestado de nascimento é relativamente recente, e é denominada por alguns autores de *Maçonaria Moderna*, para diferenciá-la da *Maçonaria Operativa*, com poucos documentos existentes. (...) não existe registro da *Maçonaria Primitiva*. Muitos escritores e historiadores alegam que a *Maçonaria* teria surgido com o princípio do mundo, e que Deus foi um iniciado. Outros, que teria surgido com Adão e Eva e seus filhos, e assim sendo, (...) Eva teria participado da *Maçonaria*, como maçona³⁸². Que teria se originada dos Essênios, dos Druidas, etc. Enfim, não pretendemos enveredar por uma infinidade de informações e invenções não comprovadas³⁸³.”

Swami entregou-me o manuscrito de sua palestra, e pediu que sua autoria aparecesse, fez questão de ressaltar que tal origem mítica era “invenção”. Assim, afirmou:

³⁷⁹ E em a *História secreta da maçonaria*: “As origens reais da Maçonaria (...) perdem-se nas névoas da antiguidade” Cf. LEADBEATER, Op. Cit, p. 17.

³⁸⁰ Inúmeras publicações comentam sobre essa antiguidade, tais como a *Chave de Hiram*: “A maçonaria é tão antiga quanto seu ritual mostra – foi realmente criada como resultado de acontecimentos durante a construção do templo do Rei Salomão e chegou até nós por meios ainda desconhecidos.” Cf. KNIGHT & LOMAS, *Op. Cit*, p. 34.

³⁸¹ Entrevista realizada em fevereiro de 2005.

³⁸² Termo recusado pelas mulheres que são maçons na cidade de Belém do Pará.

³⁸³ ALVES, Victor Swami. Eminentíssimo Deputado Grão-mestre. Grande Loja maçônica do Pará. Palestra, manuscrito, p. 03. Em 2003.

“Mas, o que se tem de mais provável, é que em épocas bem distantes, existiam as Guildas e as Corporações de Ofício, as quais se destinavam as construções de abadias, igrejas, conventos, catedrais, etc. Têm-se notícias de que eram associações que se ajudavam mutuamente, as quais eram muito temidas por seus perseguidores, por se transformarem em assembléias políticas. Elas regulavam os negócios do Ofício dentro da cidade, fixando preços, salários e condições de trabalho. Ninguém poderia exercer um ofício sem pertencer à corporação correspondente. O objetivo principal era defender os membros das Corporações contra a concorrência. Elas tinham funções religiosas e sociais. Os integrantes, que eram somente do sexo masculino, eram considerados verdadeiros artesões, possuindo os mesmos, privilégios que outras profissões não possuíam. Os regulamentos das corporações proibiam o emprego das mulheres na indústria, exceção feita para a mulher do mestre. E é nesta tradição que reside, sem dúvida, a origem histórica da negação da mulher na Maçonaria especulativa. (...) Os membros, eram chamados de *freemason* – traduzindo: “talhadores de Pedra”. Até esse período podemos afirmar que a Maçonaria era operativa (...) logo a seguir, a Maçonaria passou a aceitar pessoas de todas as profissões, passando desta forma a ser especulativa, até os nossos dias³⁸⁴.”

Dessa forma, sobre o surgimento oficial da maçonaria, afirmou o maçom:

“Dando um salto na história, no dia 24 de junho do ano de 1717, quatro lojas denominadas: Cervejaria do Granso e da Grelha, Cervejaria da Coroa, A Taberna da Macieira e da Taberna da Taça e das Uvas, reuniram-se e fundaram a Grande Loja da Inglaterra, elegendo o seu primeiro Grão-mestre Anthony Sayer. Assim, até os nossos dias a Maçonaria Brasileira é subordinada à Grande Loja da Inglaterra³⁸⁵.”

Swami prefere não reconhecer quaisquer lendas sobre a *maçonaria primitiva*, pois desta forma enveredaria por muitos fatos não-comprovados. Reconhece apenas a Maçonaria moderna, surgida na Inglaterra, no século XVIII, que também instituiu as *landmarks*, a quem todas as maçonarias consideradas “regulares” se filiam ideologicamente. Os dados fornecidos por esse maçom são verídicos em relação à instituição da maçonaria para a modernidade.

Naquele momento de início da pesquisa, em 2003, quando me entregou esse manuscrito, ele era radicalmente contra a existência da maçonaria mista. Um ano depois seu discurso mudou tornando-se mais maleável. E após ter vencido as eleições ao cargo de grão-mestre, propôs que se fundasse uma loja só de mulheres. A estratégia talvez fosse esvaziar a maçonaria mista ou arrebanhar para a *Grande Loja* este “mercado”. De qualquer

³⁸⁴ *Id., ibid., p. 03.*

³⁸⁵ *Id., ibid., p. 04.*

forma, o debate sobre as origens da maçonaria foi arrefecido e as atenções voltaram-se para o mercado emergente das mulheres na instituição.

Assim, com o surgimento da maçonaria mista e a crise de representação da instituição tornada mais evidente em presença desse evento, integrantes do quadro maçônico local passaram a se questionar e a colocar em discussão o que seria a maçonaria. Algumas vezes a instituição se revelava, nas falas, como uma sociedade política de proteção e ajuda-mútua, outras vezes, uma *escola de mistérios*. Outras falas, ainda, reuniam esses traços e transcendiam as definições para afirmar a maçonaria como “sublime”, tão complexa que ultrapassaria interesses e práticas maçônicas locais, pois, vista em sua universalidade, para esses maçons, a maçonaria seria algo além de quaisquer fronteiras. As discussões refletiram também uma preocupação com o que a instituição, em sua concretude, almejaria alcançar, ou seja, por qual capital se movimentariam os maçons, qual seria seu papel na contemporaneidade e a razão de sua existência – o que nos leva ao próximo tópico, sobre as finalidades da maçonaria, segundo a crença de seus adeptos.

3.2.4) Finalidades da maçonaria.

A fundação de um segmento novo e polêmico na cidade veio colocar em questão qual deveria ser o futuro da maçonaria e a razão de sua existência. Se o passado da maçonaria ora se relacionava a grupos misteriosos, esotéricos (no sentido de secretos e fechados), ora à Inglaterra da modernidade, quanto ao que a instituição mostrava como objetivos, a maioria respondeu, de forma automática, que era “tornar feliz a humanidade”.

A frase pode ser interpretada de diversos modos. Para maçons da maçonaria mista, esse dito, que faz parte do “catecismo maçônico”, se traduz pela iniciativa do Grão-mestre do segmento deles, em recuperar uma maçonaria mais espiritualizada e com a presença das mulheres no ritualismo maçônico. Essa maçonaria “primitiva” seria re-apresentada³⁸⁶, assim, de modo a re-criar o presente e a se constituir como o futuro da maçonaria, em uma sociedade de pessoas mais “espiritualizadas”, segundo seus integrantes. A fundação da

³⁸⁶ Pois ela já teria existido nos primórdios, e fora “recuperada” através do ritual espírita da psicografia.

maçonaria mista ressaltou a intenção de se *criar um mundo melhor*³⁸⁷ a partir da presença das mulheres no ritualismo maçônico.

Presença essa nem sempre aceita. O maçom V.P. advogado, defendeu uma maçonaria que conservasse as *landmarks* – leis maçônicas, colocando-se implicitamente contra a recém-fundada potência mista, naquele ano. Em seguida, em relação ao futuro da instituição, declarou achar melhor que a maçonaria, ao invés de se voltar para a ação efetiva na história, se voltasse para a espiritualidade, buscando assim o seu lado iniciático. Muitos maçons paraenses ligados de certa forma ao movimento do esoterismo contemporâneo tomaram parte deste ponto de vista. V.P., além de ser maçom, é presidente de um *tatwa* chamado “Circulo esotérico da Comunhão do Pensamento”, na cidade de Belém. O maçom declarou sua convicção sobre quais deveriam ser os objetivos da maçonaria:

(...) baseada nas *landmarks*, a maçonaria deve sempre buscar a verdade...deve ter uma visão de busca da verdade.... filosófica...de busca do porque de nossa existência...de busca dessa verdade última...então como eu acho que historicamente a maçonaria esgotou o seu trabalho sócio-político ela deve então procurar essa busca na espiritualidade...acho que agora a maçonaria deve se voltar para a espiritualidade (...) ³⁸⁸

Maçons que são defensores de abordagens que voltem a maçonaria para o sagrado, se dedicam a estudos relacionados ao misticismo e se autodenominaram, durante a pesquisa de campo, de 2003, de “buscadores” – buscadores do sagrado – este reuniu maçons que circulavam e/ou que se filiavam a outras ordens esotéricas além da maçonaria – como a ordem Rosacruz-Amorc e a Golden-Dawn, que pareciam estar incansavelmente em busca do que era secreto e sagrado. Todos estes maçons que defenderam um futuro mais místico para a maçonaria local, por coincidência ou não, pertenciam também a outras ordens esotéricas, como a Rosacruz- amorc.

Além dos discursos moralizantes em torno do futuro da instituição, voltados ora para uma moral mais solidária e com a participação maior do maçom na resolução dos problemas de sua cidade (Comab), ora para a importância da amizade e do ato filantrópico (*Grande Loja*) ou ainda para o misticismo (em Seixas) e para o esoterismo (*Grande Oriente*

³⁸⁷ Outra resposta freqüente fornecida pelos maçons da cidade.

³⁸⁸ Maçom da Grande Loja, loja Antonio Baena, pesquisa de campo, jan/2003.

do Brasil) – aspectos esses que se sobressaíram em seus discursos, há também aqueles que continuam a acreditar no poder da maçonaria enquanto influente nos destinos políticos de dado lugar. Nesse caso, a perspectiva se refere a um poder bem maior do que a influência de uma maçonaria local. O maçom R.C, da *Grande Loja*, por exemplo, afirmou que:

(...) O objetivo da maçonaria é de proteção da humanidade... ela age discretamente para que a humanidade não caia em governos despóticos... por exemplo... Já pensou a gente ter um governo despótico? Deus o LIVRE³⁸⁹(...)

Diante disso, como uma sociedade supostamente fortalecida pelo *século das Luzes*, nesse caso, os maçons se representam como aqueles que sabem mais, isto é, são mais *iluminados*, e seriam capazes assim de perceber o futuro de um governo, evitando, *de modo discreto*, que esse chegasse ao poder, pois o despotismo seria contra os valores da liberdade preconizados pela maçonaria³⁹⁰.

Essa visão foi completada pelo maçom C.C.S: “*Conspiração? Conspiração sim. Eu concordo. Mas é para o bem da humanidade*”³⁹¹. – É como se houvesse uma maçonaria abstrata, disseminada pelo mundo, influenciando nos caminhos da humanidade. Algo como um imaginário maçônico sobre a maçonaria, tida como um poder invisível³⁹² que regeria o mundo, tentando dar-lhe ordem, mesmo com o caos, que, para os *maçons-místicos*³⁹³ é apenas aparente³⁹⁴. Von-Rommel, por exemplo, afirmou que vendo uma multidão de perto ela lembraria confusão, mas vista do alto, nós poderíamos perceber uma rosa.

Para outros maçons, o papel da maçonaria seria contribuir para a *evolução*. Mas essa “sociedade de homens evoluídos” que muitas das vezes é traduzido como “desenvolvimento da espiritualidade”, com todas suas figuras emblemáticas, para maçons,

³⁸⁹ *Diário de campo, março de 2004.*

³⁹⁰ Mas não tenho dados para afirmar com certeza que isso realmente acontece, me parecendo essa concepção mais uma vez traduzir uma racionalidade maçônica que se acredita e se percebe como detentora de poderes – um “mundo à parte.”

³⁹¹ *Id;ibid; fevereiro de 2004.*

³⁹² Segundo Salazar, todo verdadeiro poder é invisível pois nós não conhecemos, por exemplo, o chefe da máfia chinesa.

³⁹³ Como não é suficiente citar a palavra maçom, pois o sentido da palavra se desdobrou, sou obrigada a colocar um qualificativo para traduzir a que tipo de maçom me refiro, pois seus interesses são variados, apesar de todos passarem pela formação de aprendiz-companheiro e mestre.

³⁹⁴ Aliás, alguns maçons criticaram fortemente o fato de a igreja católica investir sempre no caos, pois enquanto a maçonaria incentivaria o controle da natalidade, a igreja católica, a procriação, por exemplo.

como *Salazar*, tal evolução para a maçonaria (e ele não se refere exclusivamente à local) consistiria em “aprimorar os instrumentos de dominação”, pois, para ele, a humanidade necessita cada vez mais de “Ordem”³⁹⁵ – afirmação proveniente de um cientista, ex-militar e que disse ter sido formado dentro do contexto positivista. De qualquer modo, essas afirmativas traduzem o pensamento de um “mundo à parte” que no momento se tornou uma arena de embates, principalmente na maçonaria local, consequência da *revelação* da maçonaria mista.

3.3) As eleições na Grande Loja Maçônica do Pará

O processo eletivo ocorrido no segmento da *Grande Loja* para o cargo de Grão-mestre e outros cargos foi o lugar por excelência para se refletir sobre o surgimento da maçonaria mista e sobre tudo o que, através dela, veio à tona. Ou seja, foi a ocasião ideal para se processar mudanças de conceitos.

Tratou-se de eleições previstas no calendário desse segmento. A *Grande Loja* é o segmento com maior número de integrantes, aproximadamente 2100 membros na cidade de Belém do Pará. Concentra vários embates no espaço maçônico da cidade, por ser a maior em número de lojas e de integrantes. Ao se analisar os acontecimentos desta potência é possível entrever os embates ideológicos que movimentam a maçonaria local, através do programa de propostas dos candidatos ao cargo de grão-mestre, em eleição ocorrida no primeiro semestre de 2004. Primeiramente, vejamos as propostas de um candidato ao cargo de grão-mestre, V.S. para as eleições que ocorreram no ano de 2004, a qual ele saiu-se vencedor.

O candidato levanta inicialmente, em seu programa, que as origens da maçonaria universal remontam a épocas distantes, mas sempre que se procura pesquisar tais origens acaba-se enveredando por “lendas e crenças de povos antigos”³⁹⁶. Assim, como nada há de comprovado, após uma reflexão sobre as abordagens da origem da maçonaria, o candidato

³⁹⁵ Chegou a me mostrar enquanto andávamos nas ruas da cidade, diante do Shopping Iguatemi, uma multidão que fazia compras alucinadamente e comentou quanto a isso: “já pensou essa multidão sem controle?”

³⁹⁶ Programa de trabalho V.S.: 2004-2008, Belém-PA, 2004, p. 09.

exorta os maçons a se voltarem para o presente e pensarem mesmo é na “maçonaria de nossos tempos”.

O fato de esta questão estar presente no programa do candidato não é mero acaso, já que este tema foi bastante discutido no meio maçônico local, visto ter sido levantada a questão da “origem da maçonaria” por parte de maçons das potências mistas que procuravam justificar a iniciação das mulheres na maçonaria. Para esses maçons, a presença das mulheres na instituição não seria uma invenção, mas uma recuperação, pois antigamente, afirmaram, as mulheres participavam do ritualismo maçônico. Há, nesse caso, duas leituras diferentes de maçonaria: a *Grande Loja* relaciona-a ao surgimento do homem moderno com todas suas implicações e a potência mista, ao misticismo e à Tradição. Entenda-se nesse caso, o misticismo como a busca de um contato com a divindade, logo, com o sagrado, através das performances ritualísticas e a Tradição, como todo um repositório de conhecimentos considerados “arcãos”³⁹⁷, que foram transmitidos e conservados de geração a geração, segundo o que é dito no meio. Essa tradição incluiria a participação das mulheres na maçonaria, o que nem todos maçons concordam.

Naquele momento, o candidato estava indiretamente se reportando a esta discussão, propondo que se pensasse no presente da maçonaria e não no passado distante que era tão pouco comprovado. Ou seja, seu ato performativo foi estratégico, neste caso, conforme Austin³⁹⁸, quando “dizer é fazer”, pois sua fala visou produzir efeitos no mundo maçônico. Um tipo de fala persuasivo, mais preocupado em alcançar propósitos políticos, desviando o interesse dos maçons do segmento pela maçonaria mista e as discussões que esta estava levantando, embora entre maçons do segmento regular haja de fato alguns que acreditam que a maçonaria é tão antiga quanto o homem e que as mulheres já teriam integrado a maçonaria em tempos remotos.

Em seguida retoma a “época de Ouro” da maçonaria a que todos os maçons recuperam com orgulho, que foi quando a instituição interveio fortemente na história do Brasil, transformando a colônia em Império e depois em República, possuindo portanto

³⁹⁷ Termo utilizado por *Salazar* para se referir a esse tipo de conhecimento que, para ele, é conservado na maçonaria através de símbolos e alegorias.

³⁹⁸ AUSTIN, J. L. *Quand dire, c'est faire*. Editions du Seuil, Paris, 1970.

forte influência política na época. Contudo, depois da Proclamação da República, acredita que a maçonaria teria perdido este seu papel:

“No Brasil, no entanto, a partir da Proclamação da República, promovida sob os ideais libertários dos Maçons, a Ordem mergulhou numa letargia preocupante. Alguns dirigentes de então, entendendo haver conseguido o máximo que se podia alcançar no campo político, decidiram recolher seus membros aos limites dos Templos, dedicando-se exclusivamente ao trabalho ritualístico. E mesmo assim de forma não satisfatória. Como estavam se tornando enfadonhos, passaram a aliar os trabalhos de Loja às ações beneficentes, de auxílios, de caridade...”³⁹⁹,

Desta forma, o maçom afirma que a maçonaria paraense estaria se conduzindo insatisfatoriamente na atuação política, já que não era mais a mesma do passado, e também na “filosofia”, conforme afirma:

“O que se observa é que a instituição está afastada do conhecimento da filosofia da Ordem, vem morrendo à mingua de objetividade, de interesse, de sentido humanístico, em suma, do fortalecimento espiritual do ser humano.”

Contudo, a “filosofia”⁴⁰⁰ não foi apresentada como o ponto mais forte do programa deste candidato. O candidato vitorioso, em seu discurso, sempre afirmou que o homem devia ter um compromisso permanente com suas ações. *Ação* seria, assim, a palavra-chave para o discurso deste maçom, convocando os maçons implicitamente a serem mais *realistas* em suas análises, deixando de lado *especulações* que se fundamentam em *lendas*⁴⁰¹. Em uma escala de valores, portanto, este maçom acabou colocando a ação política em primeiro lugar e chamando a atenção para o tempo presente. Afirmou mais adiante:

“Olha-se para o passado, sorve-se o néctar da glória e deita-se em “berço esplêndido”...

Dessa forma, o candidato recuperou a maçonaria em sua época de forte intervenção na história do Brasil para reafirmar politicamente qual representação maçônica deveria ser reforçada e retomada. Seu ato performativo visou defender interesses de continuidade no

³⁹⁹ *Id.*, *Ibid.*, pp. 11-2.

⁴⁰⁰ A “maçonaria filosófica” se refere aos estudos em graus da Ordem, contendo “estudo detalhado e metódico dos símbolos maçônicos, sendo, assim, uma extensão da Maçonaria Simbólica”. Cf. MOULIN, *Op. Cit.*, p. 70.

⁴⁰¹ Reação ao surgimento da maçonaria mista.

poder, pois independentemente de seu discurso, todos os maçons sabiam que este candidato fora o Vice grão-mestre na administração que então se encerrava. O maçom comprometeu-se, assim, ao menos pelo discurso, com um tipo de maçonaria mais presente e engajada nos acontecimentos da história. A maçonaria que ele defendeu foi a maçonaria como “máquina de guerra”⁴⁰², com presença política eficaz na sociedade, assim, afirmou ainda:

“*URGE QUE SEJA REPENSADA A AÇÃO MAÇÔNICA. (...) ESTAMOS EM CRISE*”⁴⁰³”

Conduziu o discurso performaticamente admitindo a crise na instituição e apontando saídas em direção à atuação política. *Ação política versus filosofia* (com esse termo eles se referem a tudo que o ritualismo agencia) seriam os dois eixos principais pelos quais os maçons discutiam entre si nas eleições: alguns desejavam mais atuação política, com efetivo envolvimento na comunidade, repensando o modo como a filantropia era realizada; outros preferiam que se investisse mais no aperfeiçoamento espiritual do maçom, considerando a maçonaria como uma “escola de esoterismo”.

No espaço dedicado às “eleições 2004”, do *Tribuna Maçônica*⁴⁰⁴, alguns candidatos fizeram sua propaganda: A. M., era o candidato preferido por aqueles que preferiam uma maçonaria mais voltada para o espiritual, destacou os “cinco pontos da vitória: hUmildade, sereNidade, étIca, verdAde, respeitO: estes nomes desenhavam o lema da “união”. O maçom N. deixou uma mensagem da Bíblia para os maçons, destacando a fraternidade, devidamente paramentado, e portando a Bíblia entreaberta nas mãos. E V.S. apareceu com o lema dos mosqueiros: “um por todos e todos por um”, destacando o valor da Fraternidade em uma comunidade que se deve ajudar sempre.

Um outro maçom comentou-me naquela época sobre as eleições:

⁴⁰² Termo sugerido durante um debate no “Centro de Estudos Marcel Mauss”, pelo colega Vilson, no IFCH/Unicamp. Quando se observa os nomes empregados no “banquete ritualístico” do maçom, se percebe que o termo tem sentido, é como se o maçom fosse preparado para se tornar um “soldado”, pois há termos como “pólvora”, que o maçom ingere simbolicamente.

⁴⁰³ *Id., Ibid., p. 14-5.*

⁴⁰⁴ *Jornal Tribuna Maçônica*, fevereiro e março de 2004, ano 5, Belém-PA, p. 08.

(...) Tem quatro candidatos... O S. é o mais favorito... Tem o A. M.... da Renascença... o J.C. que é primeiro Grande Vigilante da Grande loja... o N.... que é assessor do Barbalho... O J. é o menos cotado... a cunhada dele é prefeita de Santa Bárbara... Ele é político... deputado federal... A disputa está acirrada... As eleições são em junho... O cargo de grão-mestre tem interesse político... O grão-mestre não tem gerenciamento nas lojas... As lojas são autônomas... elas tem constituição que não pode ser ignorada... A constituição dá autonomia... o grão-mestre pode ter apoio da loja ou não... Ele tem que ser político com todos... O atual grão-mestre é querido... não é envolvido com política externa... é amigo de todo mundo... S. é o mais cotado... ele dá continuidade ao atual... O A.M. é um excelente maçom... de idade... ele é mais pela filosofia... Há uma divisão entre nós: uma social e outra filosófica... Quem é da filosofia não gosta de política... pra mim todo político é bandido... sou contrário ao político... e não vou mudar... A maçonaria saiu muito da política... largou de mão... a condição igualitária só existe no papel... nós mesmos nos conduzimos... o resto do mundo vai girando aí e o maçom está alheio a isso e não leva pra fora a filosofia... não estamos doutrinando..⁴⁰⁵(...)

Assim, para este maçom, a maçonaria há muito tempo deixou de intervir na história da sociedade com o fim de transformá-la, perdendo desse modo esse papel; além disso, a potência parecia estar alheia ao que acontecia no resto do mundo, pois a Igualdade só existia na teoria. Essa maçonaria, de autonomia local, acabou se isolando em relação ao resto do mundo, assim “eles mesmos se conduzem”. Em relação à história, talvez o maçom queira se afirmar consciente da posição periférica desta potência em relação às outras dos países centrais. De qualquer modo, sem influência mais concreta nos acontecimentos políticos, como antigamente, ela poderia se voltar para o esoterismo: mas isto também não ocorre, pois, segundo outros maçons, o modo como esta potência estava se conduzindo não favorecia este aspecto da instituição. K.B afirmou que o que era apreendido lá dentro não era levado para a sociedade, seria inútil apreender-se como “construtor” e não levar para a sociedade esta filosofia, “não estamos doutrinando”, afirmou. K. B. Disse, ainda, com um ar indignado não gostar de políticos, ficando implícito assim que seu voto não iria para J., deputado federal, e sim para A.M. que era “mais pela filosofia”; e mesmo sabendo que o cargo de Grão-Mestre tem interesse mais político – já que o Grão-mestre deverá administrar vários conflitos com o fim de amenizá-los e manter a instituição, e não perder mais integrantes para as outras potências - o maçom K.B. ao ser questionado⁴⁰⁶ sobre o que havia achado do resultado das eleições, afirmou um tanto tristemente “*que ia continuar*

⁴⁰⁵ Pesquisa de campo, mar/2004.

⁴⁰⁶ Conversa telefônica, agosto/2004.

tudo do jeito que estava” porque o candidato que vencera significava o continuísmo. K.B é dos que procuram na maçonaria o seu aspecto *esotérico*: fechado, secreto, místico, voltado para o desenvolvimento de uma pessoa particularizada do maçom.

Da mesma forma, o maçom Von-Rommel que afirmou:

(...) a Grande Loja...a do Pará atualmente... (...) não tem conexão...nem ligação espiritual com coisa alguma... eu falo isso sem medo da reação... porque NÃO TEM ...NÃO EXISTE NENHUM MAÇOM NA GRANDE LOJA MAÇÔNICA ATUAL QUE POSSA ME CONTESTAR... não tenho preocupação com isso...(((então virou mais um...tipo assim ajuda-mútua?))) não...não é nem isso...é uma fase de transição que a Grande Loja Maçônica passa...uma fase de transição...eu espero para...para melhorar... porque todas as organizações esotéricas sofrem... uma lei que é... imutável...a Lei do Descanso Cíclico...de 108 em 108 anos ocorre um descanso... algumas organizações passam 72 anos... apáticas...outras passam 36...e algumas passam 108... particularmente não sei qual é o ciclo da maçonaria...porque em 1717 foi reavivado... a maçonaria é muito mais antiga⁴⁰⁷ (...)

As eleições foram palco de vários embates e discussões vindas à tona com mais vigor por conta das transformações da maçonaria local. Para Von-Rommel, a maçonaria tem conexão com o *mistério*, mas atualmente em sua prática nada teria a ver com isso. Esse maçom chegou a afirmar que as administrações costumavam se revezar entre grãos-mestres mais voltados para a atuação política e outros mais voltados para o esoterismo. Mas agora tal revezamento não estava mais ocorrendo e o cargo havia se tornado verdadeiramente “político” – revelando novamente uma instituição em crise, com alguns maçons insatisfeitos com o modo como a instituição se conduzia.

Enfim, o processo eletivo da potência deu-se por eleições diretas e voto secreto. O candidato vencedor foi V.S, ex-vice Grão-Mestre da administração anterior. Os temas debatidos nos comícios dos candidatos inevitavelmente trouxeram à tona todos os conflitos enfrentados pela instituição: o significado da maçonaria, seu passado, seu presente e futuro; sua função na sociedade; as novas potências mistas, o esoterismo, o significado do ser maçom; o objetivo da maçonaria; como a maçonaria deveria atuar em relação à sociedade – discussões estas provocadas pelas modificações ocorridas na maçonaria local, principalmente sob efeito da fundação da maçonaria mista. Assim, foi possível entrever

⁴⁰⁷ Entrevista ocorrida em janeiro de 2005. Após as eleições.

esses fatos circulando na própria potência e conversando com alguns maçons dentro e fora da instituição. O tema “eleições” foi um excelente motivo para se perceber as tensões dessa arena de embates, na cidade. Vários quesitos da maçonaria, considerados inquestionáveis, com a crise (essa tornada ainda mais evidente com a formação do segmento misto) entraram em processo de mudança, passaram a se traduzir por meio de dúvidas e incertezas – tornaram-se lugares “entre”.

3.4) Lugares “entre”

“Incerto também parecia o seu rumo,
porque nada no desenho
dava sentido ao movimento da canoa. “

(Miltom Hatoum in *Relato de um Certo Oriente*)

Os diversos *lugares* maçônicos descritos em capítulo anterior se tornaram lugares de incerteza entre os maçons, e isso os levou à mobilidade. Alguns se defrontaram com o estranhamento: queriam compreender enigmas maçônicos e conseguir uma espécie de encontro na instituição, mas nada conseguiram; outros queriam encontrar o sagrado, outros ainda, nada disso, queriam apenas entrar em uma comunidade bem organizada politicamente e dela se beneficiar. Desse modo, maçons partiram em busca de mudanças e de lugares (lojas) que pudessem lhe proporcionar algo mais, em concordância com seus interesses e para que a sensação de estranheza desse lugar ao familiar e eles reencontrassem metaforicamente o lar. Ora, se o maçom está insatisfeito ele migra para outras lojas, passando a conviver com outros “irmãos” que compartilham dos mesmos interesses.

A maçonaria local se transforma assim através da própria articulação de elementos vários, dependendo da representação de maçonaria que se quer praticar, como a propensão maior para a política, e/ou um afincamento pela filantropia; ou o interesse pelos aspectos do ritualismo. A medida que novos membros entram para a instituição, as lojas podem ser modificadas de alguma forma, dependendo do perfil de seus membros. Segundo narrativas de maçons locais, a movimentação de maçons dentro das lojas e/ou o surgimento de novas lojas surgem basicamente motivadas por uma procura: ora pela vontade de se conhecer outra ritualística, ora pela procura de uma loja em que a Moral maçônica esteja mais fortalecida.

Essas movimentações em nada afetam estruturalmente a maçonaria, ao contrário, lhe reforçam a ordem, pois no próprio jogo entre ortodoxia e heterodoxia se reconhecem interesses em questão. Ou seja, mesmo que uma loja seja fundada reunindo dentro de si maçons interessados apenas no aprendizado da mística judaica, por exemplo, tal “heresia” acabará por recuperar uma “fé” de um campo, desenhando-lhe os limites. Assim, temos:

3.4.1) Entre rituais

(...) existe na maçonaria alguns ritos e eu era Venerável de uma loja e resolvi fundar outra loja com o rito diferente que era o rito Schroeder que é um rito alemão...eu tinha vontade de conhecer esse rito e então essas pessoas fundaram uma loja dentro deste rito e eu inclusive era Venerável da Fênix 27 e assinei autorização para os meus irmãos desta loja saírem e fundarem outra loja...depois quando terminou meu mandato...eu saí e fui pra lá.... pra esta loja...Armando do Amaral Sá...⁴⁰⁸

Cada ritualística encena de um forma o “mundo privado” da maçonaria, com outros simbolismos e outro cerimonial. Nas palavras de um maçom, “tudo muda, sinais, toques e palavras”. Assim, algumas lojas preferem o rito *Adonhiramita*⁴⁰⁹ (que recebe este nome em homenagem ao mito maçônico do construtor Adonhiram ou Hiram Abif⁴¹⁰) outras o *Rito Escocês Antigo e Aceito* e outras ainda o *Rito de York*⁴¹¹.

Quem pratica o rito de York como um membro da loja *Duque de Caxias*, do Grande Oriente do Brasil, alega que este é mais condizente com o nosso tempo, mais simples em contraposição ao *Rito Escocês*, considerado por ele muito “ultrapassado” e exagerado no simbolismo. Assim, tendo observado uma loja em que a tradição é se praticar o *Rito Escocês Antigo e Aceito* e outra que estava organizada para a prática de uma cerimônia semanal sob o *Rito de York*, notei que esta última possuía uma decoração mais simples, “desencantada” (no sentido de Weber), isto é, mais despovoada de imagens, cores e símbolos do que o *Rito Escocês* que é rico em simbolismos⁴¹² e bastante ornamentada. Havia um mínimo de simbolismo, nenhuma imagem na parede, com o mínimo possível de ornamentação: uma pedra bruta no chão⁴¹³, para lembrar o grau de aprendiz, pois esse terá que aprender a lapidá-la. Ao lado do “altar” do aprendiz, havia outra mesa e cadeiras idênticas, representando o grau de Mestre, com a pedra polida no chão, já que, de acordo com os maçons, o mestre é aquele que aprendeu a *polir a pedra*. Do ponto de vista de seus

⁴⁰⁸ A.V.P. Maçom da Grande loja, pesquisa de campo, jan/2003.

⁴⁰⁹ Rito bastante semelhante ao Escocês, só que com outros símbolos.

⁴¹⁰ Hiram Abif teria sido o construtor do templo de Salomão e teria sido assassinado por “três irmãos” que lhe exigiram que revelasse o segredo da construção. Como ele se negou, fora assassinado. A seguir os três irmãos se arrependeram do ato. Este drama é (re)encenado na cerimônia de 3º grau, de mestre do Rito Escocês Antigo e Aceito.

⁴¹¹ Que tem apenas 3 graus.

⁴¹² Mesmo de decoração simples, a representação do GADU lá estava como um grande G pendurado por um fio no centro da sala. Mas há ritos que já suprimiram a crença no GADU, que se tornou apenas um princípio filosófico: em um bairro afastado do centro da cidade, se pratica o *Rito Moderno*.

⁴¹³ Conferir figura 15 (Rito de York) e figura 6 (Rito Escocês)

praticantes o *Rito de York* é mais rápido em relação à duração da sessão, do que o Escocês, mais simples, “mas não menos eficiente”, conforme se pode notar nesse trecho em que entrevistei o maçom *Salazar*, adepto desse rito:

(...) internamente na nossa essência nós somos desencantadoramente Weberianos... (...) Eles são mais místicos que nós, o emulação não..é muito puro...é muito inglês...aliás é um rito inglês...(((Vocês não falam então de energia?)))Nossas cerimônias são frias...secas...(((ah...ta...)))O que não quer dizer...que sejam menos eficientes (...)

A relação com a Inglaterra foi novamente enfatizada, pois estes maçons desejam o reconhecimento pela Inglaterra das lojas que praticam o *Rito de York* na cidade – rito que sempre fora praticado na Inglaterra que nunca teria seguido o Escocismo. O *Grande Oriente do Brasil* não achou problema nenhum em fornecer-me a lista com as lojas e seus respectivos ritos adotados:

Aurora (rito adonhiramita)
Lauro Sodré (rito Escocês Antigo e Aceito)
Esperança da Amazônia (rito adonhiramita)
Major Adolfo Pereira Dourado (rito Escocês Antigo e Aceito)
João Salomão Filho (Rito Escocês Antigo e Aceito)
Venerável Osvaldo Rezende (rito Escocês antigo e Aceito)
Luz e Fraternidade de Belém do Pará (rito Escocês Antigo e Aceito)
Paes de Carvalho (rito adonhiramita)
Fanoel (rito adonhiramita)
Vigilância e Perseverança (rito Adonhiramita)
Duque de Caxias (rito de York)
Kaballah (rito de York)
Luz e Fraternidade Marapaniense (Rito Escocês Antigo e Aceito)
Cavaleiros do Oriente (rito Escocês Antigo e Aceito)
Sol nascente (Rito Moderno)

A movimentação interna em busca do conhecimento de outros ritos (pois eles em suas finalidades podem ser iguais, mas têm diferenças em relação aos “sinais, toques e palavras”⁴¹⁴)) parece ser resultante da noção êmica recolhida durante a pesquisa de campo: a noção de “buscadores do sagrado”. Esse sentimento de busca e de insatisfação provoca tais movimentos e partidas no ambiente maçônico. Assim, se não há sentido, busca-se o sentido – efeito do estranhamento. Alguns maçons se associam a outras ordens esotéricas além da maçonaria, como a *Rosacruz-amorc*, outros mudam de loja, outros mudam de segmento maçônico, outros ainda fundam novo segmento. Outros se afastam da maçonaria, mas depois de algum tempo retornam. O que importa é notar que na crise de paradigmas que vivemos, as certezas maçônicas também se viram afetadas e, por isso, tem-se a busca ou a apatia ou como apontou o maçom Von-Rommel, um certo “clima de dispersão”.

3.4.2) Entre moralidades

(...) aí dessa eu também saí... eu saí da loja Armando do Amaral Sá pelo seguinte: eu...quando entrei pra maçonaria havia um rigor muito grande em relação ao ritualismo... simbolismo... um respeito muito grande às nossas tradições e quando esta loja eu...justamente incentivei a ser fundada...que eu fui pra lá...os irmãos desta loja tiveram uma outra concepção de vida maçônica e que eu não aceitei...não aceitei porque eu tenho um rigor maçônico...um maçom é ...Caxias né? ((rindo)) cheguei lá...o sistema tava meio frouxo...o pessoal não queria e...eu fui contra isso...e resolvi sair de lá... por causa disso...Inclusive hoje existe muita tendência entre os maçons de afrouxar com este caráter místico da maçonaria...e eu acho que este caráter místico não pode ser abandonado...não pode ser afrouxado entendeu? E então eu tenho discordado de muita gente que acha que a maçonaria mudou e que tem que se adaptar ao mundo moderno entendeu? (...) Então o camarada deixa de ir numa sessão pra ir ver televiSÃO (...) Essas coisas não edificam o hoMEM (...) Depois fui pra Antônio Baena...me convidaram...teve um irmão que disse que se eu não fosse pra lá ele ia abandonar a maçonaria...o misticismo da maçonaria faz isso: tem uma amizade arraigada...um apego forte (...)⁴¹⁵

Diante desta narrativa percebe-se que, além de algumas lojas surgirem a partir da vontade de alguns membros de praticarem determinada ritualística, alguns maçons, que se

⁴¹⁴ Termo bastante repetido quando o maçom se refere aos seus ritos: “sinais, toques e palavras – tudo muda”. Como já vimos, a ritualização compreende uma movimentação corporal; sinais significativos com um gestual manual; e ensinamentos diferentes (as palavras).

⁴¹⁵ V.P. maçom da Grande Loja Maçônica do Pará, Loja Antônio Baena, advogado, pesquisa de campo, jan/2003.

reconhecem como maçons a partir da ritualização, que para eles é sinônimo de misticismo, saem de lojas à procura de outras em que este misticismo é ainda praticado e conservado, numa representação de maçonaria marcada por este caráter. Este maçom observa também o vínculo de amizade e de afinidade que reúne certos maçons em torno de um mesmo ideal e que os atraem para a mesma loja. Assim, quanto à moralidade na instituição, maçons entram em conflito porque se comprometem nas ritualizações e a crise se dá quando diferentes interpretações para a Moral - que é estabelecida como um dos traços da instituição - são praticadas no meio, colocando-se em crise esta sua diretriz básica. O maçom V.P. observa ainda o quanto o mundo está em “crise de valores”, e a mídia propaga muitas coisas que “não edificam o homem”, e a mente do homem, para ele, é “como uma esponja” que absorve as coisas boas ou ruins, “essas coisas abalam a estrutura psíquica do maçom” – afirma. Para ele, as pessoas têm que ser informadas, mas não devem ver tudo na televisão e muito menos absorver tudo. Outro maçom, F.B.P., também afirmara algo semelhante dizendo que o “esotérico”⁴¹⁶ tem que se manter informado, mas não deve ler de tudo ou assistir de tudo para não deixar a mente confusa. Ele não pode se deixar afetar pelos acontecimentos do mundo. Há, desta forma, um choque entre a moralidade maçônica e o mundo tal como ele se nos apresenta. Ou seja, ocorre um choque entre uma Moral universal e absoluta propalada na ritualística e o mundo e sua moralidade que é relativizada dependendo do local analisado e/ou do modo como se toma uma decisão: quando inevitavelmente há interesses em jogo e estratégias para se consegui-lo. Dissidências políticas tornam-se também o motivo para a saída de maçons de uma potência para outra, como na narrativa do maçom D.M. que teria sido perseguido em uma loja maçônica de um segmento maçônico, porque, segundo o que contou, ele era estudante de cabala (a mística judaica) e sempre na hora em que era permitido falar durante a sessão ele dava “verdadeiras aulas sobre esoterismo” na maçonaria. Isso teria levantado o ciúme de outros componentes que passaram a “persegui-lo” achando que ele, com isso, almejava algum cargo, como o de Venerável, por exemplo, na loja. Mas, segundo esse maçom, ele nada almejava. Ficou decepcionado com a maçonaria e se afastou, deixando de pagar várias mensalidades. Foi

⁴¹⁶ Percebe-se que esses colaboradores da pesquisa, como “maçons” identificam-se também como “esotéricos”, atribuindo-se signos de pertencimento e colocando a maçonaria dentro do esoterismo, recuperando, assim, para a instituição uma definição como “Escola de Mistérios”.

então que foi procurado por outros maçons do *Grande Oriente do Brasil* que, naquele momento estavam fundando uma loja que tinha como diretriz principal o esoterismo, essa Loja praticaria o *Rito de York*, ele então prontamente aceitou a mudança. Esses maçons do *Grande Oriente* pagaram-lhe todas as mensalidades atrasadas e cuidaram de toda a documentação referente à sua transferência para a outra potência. E nesta loja “Kaballah” ele se encontra até então.

Disputas internas movimentam a maçonaria e muitos deslocamentos têm assim motivação política. Além disso, a moralidade local se traduz também quando observamos a abertura de novas lojas maçônicas e/ou potências, em que a maçonaria será praticada com diferentes ângulos interpretativos: ora a ênfase se dará para o esoterismo, para a espiritualidade, ora para a política do engajamento no social. Ou ainda para o puro ato filantrópico, da doação discreta.

A *COMAB* paraense, por exemplo, foi um novo segmento que surgiu no ano 2000, e, segundo um de seus dirigentes, surgiu porque eles achavam que não se estava praticando “uma moral correta” no *Grande Oriente*, em relação à filantropia, interpretada de formas diferentes entre esses dois segmentos.

Assim, entre uma moral e outra, a fundação da maçonaria mista fez manifestar também essa discussão, pois para Seixas, um maçom de boa conduta deve ser espiritualizado.

3.4.3) Entre esoterismos

Maçons que preferem buscar o aspecto místico da instituição também discutem entre si pelos múltiplos significados do termo “esoterismo”. O maçom V.P. tenta esclarecer algo sobre esta terminologia, pois naquele momento, afirmou que tinha acabado de ler um livro sobre o assunto. Explicou⁴¹⁷ que não se deveria confundir “esoterismo” com “ocultismo”:

(...) O ocultismo trata do estudo das forças ocultas da natureza que a ciência com seus experimentos não consegue explicar... o ocultismo vai além dos sentidos físicos da

⁴¹⁷ Foi o primeiro dia de minha pesquisa de campo em Belém, tinha ido à Grande loja apenas para apresentar-me e apresentar a proposta de pesquisa, solicitando o apoio da potência para o desenvolvimento da pesquisa. Em Janeiro de 2003. A reunião aconteceu com o grão-mestre e mais três maçons.

pessoa...dirigindo forças que ela não percebe imediatamente a olho nu... mas que estão presentes na natureza.... O ocultismo divide-se em ocultismo prático: tarô... runas... cristais... etc. que é também o ocultismo divinatório... o ocultismo filosófico... das quais fazem parte as ordens Rosacruz... maçonaria... herméticos... gnósticos... etc. e o ocultismo esotérico que é propriamente o secreto... aquilo que trata da essência das coisas... Há também o misticismo quando o adepto tenta desenvolver uma alta espiritualidade e se torna Um com Deus... visando à união com o divino... práticas como a Hatha Yoga... buscam a união com o divino (...)

O esoterismo, na maçonaria, traduz-se pela prática de inúmeras ritualísticas, que visam desenvolver o nível mental do participante de alguma forma. E também nos estudos maçônicos empreendidos semanalmente na instituição. A *Grande Loja Maçônica do Pará* chegou mesmo a fundar um “Centro Pedagógico Maçônico” em 2001, conforme já comentamos anteriormente, para incentivar mais esse tipo de estudo.

O maçom que prefere ser chamado de *Salazar*, doutor em física, do *Grande Oriente do Brasil*, complementando comentários a respeito do tema “esoterismo” disse que não se deveria confundir o esoterismo, como “conhecimento arcano” com o “lesoterismo”⁴¹⁸ que estava tão em voga na atualidade. O esoterismo, para ele, seria uma das “armas da maçonaria”, um “conhecimento arcano”, isto é, muito antigo, ao contrário da verdadeira loucura que ele percebia no movimento do esoterismo contemporâneo.

O maçom Seixas, da *Grande Ordem Maçônica Mista*...afirmou que o esoterismo na maçonaria se praticava através dos Ritos maçônicos.

O maçom Von-Rommel, da *Grande Loja*, que publicou alguns livros sobre a questão comentou que:

(...) no esoterismo exige que você conheça pelos menos 10 líNGUAS... Senão...você não vai alcançar muita coiSA (((quais seriam elas?))) do hebraico até o inGLÊS... (((tudo né?))) Não...existem variações de 45 a 60 idiomas no mundo...só a língua chinesa tem quatro variações... uma vogal chinesa tem sete sons...então é uma coisa fantástiCA... Então a questão é: comecei daí e tive o privilégio – e a benção – de ter mestres e mestres que faziam parte de organizações seculaRES...⁴¹⁹ (...) Esoterismo é o conhecimento das leis ocultas...eu sou tão esotérico... quanto aquele cientista que está descobrindo o remédio da Aids hoje...ou seja...o esotérico... não existem pessoas esotéricas...existem pessoas que praticam o esoterismo... existem pessoas que tem pesquisas em cima do esoterismo...o curioso é que no momento em que você pesquisa esoterismo ele passa a não ser mais esotérico...não é mais esotérico para

⁴¹⁸ “Leso” em Belém do Pará é uma designação para “louco”.

⁴¹⁹ Entrevistas em 2003 e 2004, em dois momentos.

...você...é...esoterismo é o nome dado para uma coletânea... tão grande de conhecimentos...a contradição real é que não existe nada secreto...NADA...o que foi que eles fizeram? Para não perder o conhecimento eles publicaram liVROS...se você for um bom observador você vai juntando o quebra-cabeças... eles espalharam coisas...*olha...isso aqui é antagônico...isso aqui não é...* (...)

Dessa forma, em suas *buscas*, alguns maçons investem no esoterismo, mas cada um de uma maneira: filiando-se a outras ordens esotéricas; aprofundando-se na ciência; estudando línguas; estreitando seus laços com alguma religião. É como se, ao final das contas, esoterismo fosse simplesmente o conhecimento profundo de algo, mas os sentidos dados à palavra não se resumem a isso. De qualquer modo, na contemporaneidade, o sentido da palavra “esoterismo” passou a englobar práticas variadas, como o conhecimento de oráculos diversos, além de seu sentido de conhecimento restrito às ordens secretas.

3.4.4) Entre filantropias

Dentre os *lugares* da maçonaria, se tem a filantropia, e a própria instituição é tida como “instituição filantrópica sem fins lucrativos”, há discordâncias quanto à interpretação e à prática da filantropia. No segmento da *Grande Loja* quem se movimenta pela filantropia em geral são as chamadas “damas da Fraternidade”, esposa dos maçons, que têm sala própria para reuniões. E no *Grande Oriente do Brasil* têm uma estrutura semelhante de organização e são chamadas “as Acácias”.

A filantropia, isto é, o serviço assistencial prestado à comunidade externa, teve um decréscimo, segundo os maçons, de alguns anos para cá, devido à crise econômica. Crise essa, enfatizada pelo segmento da *Grande Loja*, que expandiu a presença maçônica, associando-se a outros campos, conforme a seguinte notícia:

“Em suas reuniões nas lojas maçônicas regionais, o Sereníssimo Grão-Mestre, informa ao povo maçônico, sobre as obras que está realizando, relativas à Escola/Universidade, à Cooperativa Maçônica e à recuperação das finanças da Grande Loja Maçônica do Pará e da Beneficência Maçônica⁴²⁰”.

⁴²⁰<http://www.gimpa.com.br>. Acesso em 31/05/2003 às 16:28.

Com isso, a potência teve que ampliar “seus negócios” para sair de uma crise financeira. Crise esta que impossibilitava uma maior prática da filantropia e que lhe retirava um pouco mais de sua autonomia – algo superado, conforme afirmou seu Grão-mestre, em 2004. Mesmo com as dificuldades que foram enfrentadas pelo segmento, as lojas em geral têm um calendário fixo de doações, como o *Dia das Mães*, quando alguns produtos são doados à população, (no caso do segmento da *Grande Loja*) produtos tais como cestas básicas de alimentos, redes de dormir, colchões, mantimentos, etc. E em outras lojas, filiadas ao mesmo segmento, como a *Nicandro Seixas*, em Ananindeua, além desses atos, a filantropia passou a ser realizada também através da prestação de serviços à comunidade, pois essa loja firmou um convênio com uma empresa de telefonia celular, e, assim, tornou-se possível realizar estágios nessa empresa, tanto para a *família* maçônica, quanto para os que não são maçons, mas que moram nas imediações⁴²¹.

No entanto, há uma certa polêmica entre lojas, potências e membros que defendem uma maior ou menor prática de ações filantrópicas – com o termo “filantropia” sendo compreendido de modos diferentes. Muitas lojas são fundadas com a intenção de se praticar com mais afinco a filantropia, como a loja “Esperança da Amazônia”, do *Grande Oriente do Brasil*.

A filantropia, compreendida como compromisso de se engajar de fato em uma comunidade para transformá-la, foi um dos motivos que levou à fundação de outro segmento maçônico na cidade, a COMAB. Essa prática era bastante valorizada pelo grupo que integrava a loja “Nova Betel” pertencente ao *Grande Oriente do Brasil*, mas, segundo seus maçons, eles não conseguiam praticá-la, pois esta era colocada em segundo plano pela potência, e toda iniciativa do grupo se via sem apoio do Grão-mestre Estadual, segundo o que relataram. Por causa disso, decidiram romper com a potência e trazer para Belém a *COMAB*⁴²². O primeiro empreendimento do grupo foi relacionar-se com a comunidade do no bairro da Sacramenta, fundando uma escola para a alfabetização de adultos. Interpretavam, portanto, o ato filantrópico como algo além do fato de se fazer donativos.

⁴²¹ Ou seja, não foi somente a COMAB que se preocupou com a filantropia enquanto prestação de serviços à comunidade.

⁴²² Confederação maçônica Brasileira.

Por outro lado, o Grão-Mestre do *Grande Oriente do Brasil* afirmou que sua potência colaborou bastante com o programa “Fome Zero” do Governo Lula, tendo enviado uma considerável remessa de dinheiro para este programa. Com isso, ele demonstrou que seu segmento pratica a benemerência, mas não faz propaganda disso, rebatendo as críticas dos fundadores da COMAB na cidade. Nota-se, diante disso, como a noção de filantropia é praticada e interpretada de formas diferentes no meio e é motivo de controvérsias entre maçons, tornando-se também um lugar de embates: alguns desejam mais atuação política, com efetivo envolvimento na comunidade, repensando o modo como a filantropia é realizada; outros preferem que se invista mais no aperfeiçoamento espiritual do maçom, considerando a maçonaria como uma “escola de esoterismo” e a filantropia somente um “ato” que vem para confirmar um elemento de valor na maçonaria por meio de um gesto nobre⁴²³.

Alguns maçons mais voltados e muitas vezes até ligados ao movimento do esoterismo contemporâneo criticam, assim, o fato de a *Grande Loja* ter-se voltado mais para a filantropia, como se fosse um “Rotary” ou “Lyons”. A filantropia para estes maçons (inclusive também para alguns do *Grande Oriente do Brasil*) não é objetivo da maçonaria, devendo constituir-se apenas como um ato. Ser maçom para estes membros, que são mais voltados para o esoterismo, equivale a desenvolver-se “nos mistérios” da ordem. A filantropia, para eles, não deveria estar em primeiro lugar na instituição.

Cada loja (principalmente das potências do *Grande Oriente do Brasil* e da *Grande Loja*) pode resolver se conduzir de um modo sobre essa questão. O “engajamento no social” é compreendido como uma preocupação forte em ajudar a comunidade, não apenas com doações, com vistas à transformação da sociedade, como no passado – orientação da COMAB e da potência mista “Supremo Conselho...”. A filantropia compreendida como

⁴²³ Semelhante ao que observou Setton em relação aos rotarianos: “A benemerência, na forma de ajuda circunstancial ou perene, expressa sobretudo uma relação entre agentes sociais distintos. Serve como uma estratégia de autopromoção do grupo rotário porque reforça valores caros a seus membros. Isto é, permite que seus integrantes se vejam e sejam vistos pela sociedade como agentes do sucesso, benfeitores, indivíduos legitimamente qualificados para a prática da liderança. O assistencialismo como uma atividade de doação pode significar desprendimento, abnegação e preocupação com a coletividade, qualidades positivas que legitimam seus praticantes como moralmente superiores em relação aos carentes.” Cf. SETTON, *Op. Cit.*, p. 146.

ato de doar algo à comunidade é a orientação da potência de Seixas⁴²⁴, da *Grande Loja* e do *Grande Oriente do Brasil*.

3.4.5) Entre redes de ajuda - mútua em Belém do Pará

A ajuda mútua é um valor para o meio maçônico, se constituindo como unanimidade no grupo como ideal abstrato, sendo que alguns maçons a denominaram de “filantropia interna”, pois já que “todos são irmãos” todos devem se ajudar como a uma família, mas as traduções para a ajuda - mútua podem sofrer a influência do local. Trata-se primeiramente de uma prática considerada quase que obrigatória. Durante uma sessão maçônica circula o “tronco da solidariedade” que é quando o maçom faz alguma doação em dinheiro para ser doado para algum necessitado que pode estar entre os próprios maçons, conta Seixas:

(...) Aí... aquilo ali não tem... maçom tudo que ele faz... ele não julga ninguém... ele dá... às vezes ele leva pra pessoa um prato... ele diz **mandaram pra senhora**... Tem vezes que o irmão sofreu revés na vida... empresta à pessoa... eu que fui lá... não tem problema... Vamos VER... A pessoa precisou de 500 reais... chamei o hospitaleiro... o hospitaleiro tem que saber se ele está doente se está precisando de alguma coisa... É fraternidade... O hospitaleiro chega lá e vê o que tem... tem até mais: **toMA** (o dinheiro) Tem problema nenhum... Consta lá na ata... ao irmão tal... Agora se um dia ele quiser devolver... quiser pagar esse dinheiro... aí ninguém cobra... Ele também faz da mesma forma... tem uma bolsa que corre de latão ele coloca ali... Também não diz que foi ele... Nem fala nada... Acontece até hoje em todas... No mundo inteiro... Ajuda mútua funciona... Às vezes a pessoa ta... **tem?** **Ta aqui.** Tem problema nenhum... E assim vamos vivendo (...)

Além do aperfeiçoamento moral, da prática da filantropia, o maçom deve ajudar o seu “irmão”, já que maçons consideram a maçonaria uma grande família, e se um “irmão” estiver passando por dificuldades ele deverá ser imediatamente “socorrido”, constituindo, desta forma, a ajuda mútua, como uma das leis fundamentais da maçonaria. No entanto, quando se passa para a realidade empírica local, sua prática obtém diversas traduções e o tema se torna polêmico. Ou seja, tal como os temas do aperfeiçoamento moral do maçom e

⁴²⁴ Embora muitas vezes a filantropia maçônica tenha sido interpretada também como caridade cristã, levando uma palavra de conforto às pessoas, sempre que possível, no cotidiano maçônico.

da filantropia mostram-se discutíveis no meio, a ajuda mútua também pode ter várias interpretações. Em Belém do Pará, pude recolher a seguinte narrativa sobre esta prática de um maçom pertencente à *Grande Loja*:

(...) numa outra ocasião eu tinha uma fazenda num lugar chamado “Trasiatêua”.... a 35 km de Goiânia...e sempre eu ia lá... às vezes... na semana...eu saía daqui cinco horas...e eu recebi um telefonema do meu filho que tava lá...tava precisando de uma negócio e eu tinha que ir lá levar...eu saí daqui numa terça-feira...com a minha esposa...fui lá na fazenda (...) nós saímos de lá de Trasiatêua quase seis horas da tarde...ainda tava claro...aí eu vi que quando chegou perto de Santa Izabel...município de Santa Izabel...eu passei perto de uma curva...eu senti que o pneu furou: TCHIN⁴²⁵ Peguei o socorro e tentei levantar o carro mas o pneu não saía e com muita dificuldade/ que de noite ninguém pára/ na estrada/ eram umas sete e meia não consegui...NÃO consegui...NÃO consegui... aí eu digo **o jeito é o seguinte: eu vou na Loja Isabelense/ que era reunião da Isabelense/ e vou ver se alguém me dá uma ajuda.**...aí... até que consegui uma carona e fui bater na loja: cheguei lá na Loja eles estavam pra começar a sessão... aí eu contei pra ele, **TO com a minha esposa...o meu filho...aí deu um problema no meu câmbio...não conseguia resolver...** Ele disse: **AH meu irmão tem um irmão nosso aqui que é dono de uma oficina mecânica....** aí chamou ele/ **nosso irmão aqui tá com problema...** assim...assim... *pega o teu carro e vai lá...tá dispensado da sessão..**...aí ele...aí eles entraram pra sessão...esse irmão...aí entramos no carro dele e fomos lá olhar...aí tinha quebrado uma peça...que eu não me recordo... por baixo da roda tinha quebrado uma peça e o carro só poderia sair de lá se comprasse aquela peça e eu só poderia comprar a peça no outro dia...ele disse: **ah meu irmão o Senhor não vai poder sair daqui hoje por causa disso...disso** Aí fomos lá com o Venerável...**Venerável... é o seguinte: o problema do nosso irmão é aquela manga de eixo e agora tem que comprar outra pra substituir...agora só amanhã...** Ah tudo BEM vamos lá... *leva um vigia pra vigiar o carro dele... ficar lá dentro do carro vigiando...traga nossa cunhada...o sobrinho** /...hoje em dia o meu filho é maçom também/ foi lá...arrumou um rapaz pra vigiar o carro...levou pra Santa Izabel...deixou o vigia lá dentro do carro e trouxe a minha esposa e o meu filho e nós fomos pra loja e ainda assisti o resto da sessão...de lá...outros irmãos...que ele pediu pra outro irmão vir me deixar em Belém...ele veio me deixar em Belém com a minha esposa e os meus filhos...de lá voltou pra Santa Izabel...aí eu... no dia seguinte...peguei a peça...comprei.... e levei pra lá... depois eu fui perguntar...quanto era o trabalho do vigia...o trabalho do irmão...do mecânico...ele disse: **não...meu irmão...aqui o Sr. está proibido de pagar coisa alguMA ((rindo)) certo?** Aí eu vim me embora...agradei... então a maçonaria se baseia niSSO/ Então pelo que eles me fizeram eu me senti na obrigação...que se algum irmão estiver numa situação difícil...que eu possa ajudar...eu também ajudarei...como já ajudei muitos irmãos na minha profiSSÃO (...)⁴²⁶

Desta forma, o “problema” de um pneu furado em uma estrada próxima a uma cidade do interior movimentou uma rede de relações temporárias envolvendo o meio

⁴²⁶ V.P. maçom da Grande Loja Maçônica do Estado do Pará, Loja Antônio Baena, advogado.

maçônico com o intuito de resolvê-lo. A rede social⁴²⁷ acionada constituiu-se de um maçom, acompanhado de sua esposa e filho, que teve um “problema”. Foi em busca de ajuda em uma loja maçônica e conversou com o *Venerável*, que pelo visto não o conhecia, mas ele se apresentou como maçom e então, foi “reconhecido” e passou a ser tratado como “irmão”. O *Venerável* (dirigente da loja) mobilizou então mais três maçons para lhe resolver o “problema”: acionou um chefe de oficina mecânica visando ao propósito 1; alguém para vigiar o carro visando o propósito 2 e um terceiro para levar a família de volta para Belém (propósito 3). Pelo fato de o visitante ser maçom, formou-se imediatamente uma rede de relações temporária e pouco densa (porque momentânea) de ajuda mútua, com o intuito de resolver o problema do maçom visitante, porque se tem em mente um pensamento⁴²⁸ da instituição, regulador das ações de um indivíduo, que se encontra incorporado na hora de se tomar decisões, e a solidariedade (dar e receber) faz parte dessa “base compartilhada de conhecimento e de padrões morais⁴²⁹”. Talvez a conclusão dada à narrativa desse maçom paraense seja tipicamente paraense: ao final do episódio ele voltou ao município de Santa Izabel para pagar os serviços prestados pelo vigia, pelo mecânico e pelo motorista que levou sua família de volta para Belém, mas o pagamento foi recusado. E, por conta disso, uma espécie de *moral da história* revelou-se quando o maçom concluiu que quando puder ajudar alguém também ajudará, como já ajudou várias vezes em sua profissão de advogado. A ajuda mútua praticada através da generosidade interpretada dessa forma seria algo tipicamente local? Não foi a única narrativa que escutei em que a “ajuda mútua” foi interpretada dessa maneira...

Outra narrativa em que uma rede de ajuda – mútua é instituída configura uma aliança temporária entre dois segmentos diferentes de maçonaria em Belém: a de Seixas e a COMAB. O maçom Seixas afirmou várias vezes que o maçom deveria ser “fraterno” e, por conta disso, emprestou seu templo para maçons da COMAB:

⁴²⁷ “Um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos” cf. BARNES, J.A. “Redes sociais e processo político” in *Antropologia das sociedades contemporâneas*, (org.) Bella Bianco, p. 167.

⁴²⁸ DOUGLAS, Mary. *Como as instituições pensam*. São Paulo, Edusp, 1998, p. 18.

⁴²⁹ *Id*; *Ibid*; p. 18.

(...) Eu me encontrei...tava na loja de paramentos maçônicos... eu ia fazer uma iniciação e precisava comprar determinadas coisas... aí me encontrei com o irmão L.O... da loja mista... foi há cerca de quase dois anos atrás...um ano e meio. **Você é o C.S.... da Nova Betel?** Eu tava na Grande Oriente do Brasil.... **Era.. Mas eu tô saindo aqui to fundando a COMAB: Confederação maçônica do Brasil** **Ah... que bom... eu sou da loja mista... de Ananindeua** **Pô... loja misTA?** Ele disse: **é.* *PO... eu gostaria de conheCER** Foi feito o convite... aí eu disse... **olha... agora a gente ta passando por um problema... porque eu to saindo de uma potência... to trazendo uma pra cá... pra Belém e nós não temos onde reunir... haveria possibilidade do venerável de vocês ceder o templo... embora a gente pagasse um aluguel** Ele disse/ **olha eu vou conversar com a G.* *ta bom....* conversei com a G.... marcamos um encontro... eu a conheci... **Agora você vai o irmão S. que é o nosso Grão-mestre... se ele for com a tua cara... ele vai te aceitar logo... se ele não for... vocês não vão reunir mesMO...** E não sei o que foi que houve que o irmão S. foi com a minha cara até hoje: cedeu o templo... SABE... Disse que eu podia ficar com o templo o tempo que eu quisesse... eu agradeci... passamos ali... se eu não me engano... foram três meses reunindo... e após o nosso templo/ o local... o nosso local de reunião já estava quase pronto e nós passamos a nos reunir... Então o que eu tenho a dizer sobre a maçonaria mista é que eles são pessoas sérias... de boa índole... são pessoas muito amáveis e eu só tenho que agradecer e eu sempre digo **se não fosse vocês... a Comab não estaria aqui hoje** Eu adoro aquelas pessoas... tenho o maior carinho...para mim são pessoas especiais... A primeira impressão que eu tive de S. foi de muita serenidade... muita paz (...)

A primeira observação é quanto à localização da narrativa. Uma interação como essa aconteceria em outro lugar do mundo, mesmo que as duas pessoas fossem maçons e se reconhecessem como tal? O grão-mestre da potência mista a quem foi solicitado o aluguel do templo, não aceitou tal acordo: ele emprestou seu templo pelo tempo que o “irmão” precisasse sem pagar qualquer quantia. Isso porque ele “foi com a cara” do maçom da Comab. E, além disso, os dois grupos são dissidências em Belém e por conta disso enfrentavam oposições no espaço de poder maçônico local, logo aconteceu a identificação e a conquista imediata de uma confiança mútua, que foi reforçada em seguida pelo apoio do grão-mestre da potência mista, considerado um líder espiritual entre esses maçons. São dois seres morais que, em questão de instantes, em um espaço de sociabilidade freqüentado mais por maçons, se identificaram por observarem talvez um sistema de valores semelhante agenciando as duas dissidências. Uma relação estabelecida de um modo talvez peculiar, que talvez tenha a ver com a própria cultura local. Algo que vai além de um pensamento influenciado por uma instituição, embora esse exista. Ora, se apenas o fato de se compartilhar conhecimentos e valores morais fizessem com que todos os maçons fossem “fraternos” teríamos um valor estruturante da comunidade, mas nem sempre tais redes

temporárias de ajuda – mútua se estabelecem, de acordo com a narrativa a ser mostrada em seguida, em que se percebe que nem todos são favorecidos pelas redes de ajuda-mútua – efeitos de uma crise na instituição.

Assim a ajuda – mútua não se revela como um valor estruturante da maçonaria, pois nem sempre ela ocorre. Há maçons que criticam a falta de solidariedade local e acham mesmo que ela nem existe:

(...) Existe ajuda entre maçons... mas aqui em Belém... existe interesse muito grande no poder econômico dentro das lojas maçônicas... Você vê por exemplo o Y.Yamada⁴³⁰ ele é maçom... pertence à Fênix 27...mas ele nem vai em LoJA...Vai raras vezes...outros...tem pessoas que tem poder aquisitivo muito grande e tem outras precisando de emprego... Acontece muito isso...Normalmente a pessoa que perde o emprego...que está procurando emprego...abandona a loja... porque se sente discriminada...acontece muito isso aqui em Belém. Em São Paulo realmente eles ajudam...Lá é diferente... Aqui não...a própria pessoa se sente discriminada e esquecida porque ela já não pode mais participar das rodas... entendeste? Ela não pode participar mais das divisões... do que tem para pagar... então ela passa a se minimizar demais... Em referência as outras pessoas.. e... com isso... ela tende a abandonar a loja... Então respondendo à sua pergunta....eu ainda não vi ajuda mútua acontecer aqui (...)

Diante desses dados, se percebe que a ajuda – mútua é concebida através da formação de redes e quem não está nas redes acaba não participando desse *lugar* maçônico. Ou há aqueles que participam de redes extra-locais, como o maçom *Salazar* que se desligou da maçonaria local e em contato com maçons de outras redes, de outros lugares, partiu da cidade. Enfurecido chegou a afirmar que a maçonaria paraense nunca havia lhe ajudado em nada, mas ele já havia sido ajudado pela maçonaria do Rio de Janeiro, dos Estados Unidos e da Inglaterra. Contudo, ele se recusou a entrar em detalhes sobre o assunto, pois o princípio do segredo o impedia.

O segredo está sempre presente como tema, envolvendo a ajuda-mútua e a filantropia que a instituição afirma praticar. Os maçons, em geral, referem-se à instituições como o *Rotary*, que não faz segredo sobre suas doações em comparação à maçonaria que prefere agir discretamente. Comentou o maçom Seixas:

⁴³⁰ Possui uma rede de lojas comerciais e populares em Belém do Pará.

(...) se o maçom estiver necessitando de alguma coisa ele/ a loja... tem um fundo especialmente pra isso... ela doa pra você sem dizer pra que foi... pra quem foi... aquela coisa toda...porque esta aqui não deve saber da outra (((mostra a mão))) Maçons... nós praticamos muitos hábitos de solidariedade mas não divulgamos... Agora a maçonaria branca...que é o lions... Rotary... aquela coisa toda... tudo que eles fazem eles colocam uma placa que não tem mais tamaNHO (...)

Diante dos dados recolhidos, nota-se que a configuração de redes de relações sociais compõe o lugar da ajuda – mútua, mas devido ao fato de o segredo ser estruturante desse campo, não consegui levantar com exatidão todas essas redes, apenas algumas, como a aliança temporária estabelecida entre dois segmentos diferentes de maçonaria, que acabou por se tornar por algum tempo um rede densa, logo depois enfraquecida por intervenções externas. Dessa forma, as redes (visíveis) que se configuram parecem ser temporárias e pouco densas, revelando a ajuda – mútua não ser um ponto forte na maçonaria de Belém do Pará.

3.5) Inter-relações no campo

3.5.1) A maçonaria e o campo da economia

Em situação cotidiana e fora do contexto da ritualística, na esfera pública, surgem os empecilhos de uma instituição que precisa se manter dependendo de quem convida para integrar o corpo maçônico. A questão financeira não deveria preocupar o maçom, uma vez que, para ser maçom é preciso ter estabilidade econômica, para que seja possível a prática de tudo que a maçonaria se propõe filosoficamente, como a filantropia. Mas angariar fundos para a Ordem passou a ser almejado pela instituição, quando essa entrou em crise e a inadimplência cresceu, assim, ela se viu obrigada a investir em outros campos, como o educacional, em Belém do Pará, a partir dos anos 90, para não depender tanto das contribuições de seus integrantes. A relação com o dinheiro, dessa forma, mudou. A instituição não poderia mais depender apenas do dinheiro das mensalidades prestadas por seus membros. Cada loja procurou reverter o quadro de alguma forma e houve uma loja que chegou a oferecer o seu “salão de festas” para aluguel. Mesmo assim abordar essa crise parecia um tabu na instituição e a relação com a economia, e a crise econômica, embora

evidente, continuou sendo dissimulada pela retórica da “sociedade fraterna sem fins lucrativos”, que trata o dinheiro de forma simbólica, e não almeja lucros.

Mesmo com a crise, sempre é dito que há pessoas que entram na maçonaria com a intenção de enriquecerem – e alguns conseguem. A explicação foi-me dada por um tesoureiro da Ordem que disse que “a pessoa melhora de cabeça, ela sobe na vida!”. Trata-se de um mundo vastíssimo em que maçons são exigidos em sua moralidade, mas em que cada um se movimenta de uma forma, ou conforme seu interesse. Assim, diante da pergunta “por que o Sr. quis se tornar maçom?” A resposta, ainda que em tom de galhofa, “para ficar rico” tem certo sentido em ambiente maçônico que terá uma certa relação com o dinheiro que não recusará o universo econômico, embora obter lucros não seja explicitamente o seu fim. Há duas leituras para essa relação com o dinheiro, uma, agenciada pelo contexto da ritualística, e outra relacionada aos negócios da maçonaria⁴³¹ que precisa se associar a outros campos e se manter. A relação com o dinheiro no contexto da ritualística é abordada de forma que o dinheiro surge como um símbolo dentro do contexto ritual, sendo denominado de “jóia” ou “metal” para, com isso, se traduzir uma idéia de perenidade, e sem valor suficiente a ser pago. O capital econômico não é recusado, é trabalhado psicologicamente, na ritualística, quando o aprendiz “recebe o seu salário”, como recompensa de seu “mérito”⁴³², por ter “trabalhado na obra.”

Portanto, a crise econômica adentrou o mundo da maçonaria, o que lhe provocou involuntariamente uma mudança de postura em relação à associação com outros campos, como o econômico. Todavia, mesmo tendo passado por problemas, a instituição resistiu e continuou seu trajeto, com uma autonomia relativizada, associada a outros campos.

⁴³¹ Para diferenciar-se das maçonarias ditas “regulares”, Seixas afirmou que a sua não pretendia cobrar um valor alto para o ingresso, a taxa era apenas simbólica, para cobrir as despesas da iniciação.

⁴³² Embora considere todos iguais, a maçonaria “diferencia os homens pelo seu mérito individual”. Cf. MOULIN, *Op. Cit.*, p. 69.

3.5.2) A maçonaria e o campo da educação.

A *Grande Loja Maçônica do Pará* constituiu outra inter-relação: com o campo da educação. O *Sistema Integrado de Educação do Pará* é uma escola administrada pelas “damas da fraternidade”, a escola possui o ensino fundamental e médio e é aberta a toda comunidade, foi inaugurada em 2003. Esta potência pretende também inaugurar uma Universidade, mas até 2005 a idéia continuava sendo apenas um projeto. Estabelecida essa aliança com o campo da educação, esse também um campo que se tornou inter-relacionado à lógica do campo comercial, configurou-se a maçonaria local como uma maçonaria de campos inter-relacionados, em suas atividades externas.

Dessa forma, a “Arte Real⁴³³”, em um dos segmentos, se tornou também comercial, pois adquiriu a mesma lógica que rege o mercado financeiro e comercial. O universo maçônico, nos primórdios, independia dos poderes econômicos e políticos, com um grupo elitista dedicando-se à prática da “Arte Real⁴³⁴”, através do engajamento político na história do Brasil, ou estudando sua filosofia. Nesse momento o dinheiro parecia não ser um problema, já que o grupo era menor e se tratava de uma elite com poder político e econômico. Mais tarde, porém, com 2100 maçons em apenas uma potência, em um país em crise econômica e em uma cidade também, esse jogo teve que mudar e a maçonaria se viu obrigada a se submeter às leis de mercado. Assim, a lógica de mercado penetrou o mundo da maçonaria. Esse campo se tornou, assim, um universo relativamente autônomo, pois relativamente dependente do campo político e do econômico. E, por conta disso, coalizões foram realizadas a ponto de o cargo de “Grão-mestre” ter se tornado eminentemente político.

⁴³³ Outro nome a qual a maçonaria é denominada.

⁴³⁴ Cf. nota anterior.

A *Comab* também estabeleceu essa relação com o campo da educação, ao fundar uma escola de alfabetização de adultos para a comunidade, no entanto, seu diretor declarou que essa não tinha fins lucrativos.

3.5.3)A maçonaria, o segredo, e os campos do comércio e do mercado financeiro.

O princípio do segredo é um valor estruturante da comunidade maçônica e continua sendo um tema bastante discutido entre os maçons paraenses, pois não há consenso sobre os limites do que deve ou não ser dito e/ou publicado. Na contemporaneidade, percebe-se uma flexibilização deste *lugar* sobretudo quando se examina a conexão que a maçonaria da *Grande Loja* estabeleceu com outros campos, como o comercial e o financeiro. Ora, a simples exposição de símbolos que eram considerados secretos para os maçons em um comércio, revela que algo mudou na maçonaria. Isso traduz sua inter-relação com outros campos, que passaram a fazer parte da maçonaria local já por volta dos anos 60, data em que alguns maçons apontam como de surgimento da loja comercial “Ponto do Maçom”⁴³⁵. O proprietário dessa loja era maçom da *Grande Loja*, depois de seu falecimento a loja passou a ser dirigida pelo seu sócio, também maçom, que foi com quem conversei na pesquisa de campo.

Em nova fase, esse comércio se expandiu para a venda de jóias, além da fabricação artesanal de paramentos maçônicos e vendas de insígnias e símbolos da maçonaria. Uma interconexão com financeiras também foi observada: conforme a figura de no. 18, em que se percebe a bandeira da *Mastercard* e do *Diner's Club International*, como também a bandeira da financeira *Visa*, na figura 14, que comprovam uma inter-relação indireta do segmento maçônico com o campo financeiro, em uma loja que vende desde “Pirâmides” a “jóias”.

Outras imagens⁴³⁶ mostram um material que é utilizado para decorar a *câmara das reflexões*, durante a ritualização maçônica. Ou seja, algo que poderia ser visto apenas por aqueles que resolvem entrar para a maçonaria, considerado “segredo” passou a ser exposto nas vitrines da loja, demonstrando com isso uma mudança de opinião quanto à questão do segredo. A loja *Ponto do Maçom* funciona desde o ano 2000, sob esta nova direção, e,

⁴³⁵ Conferir figura 18.

⁴³⁶ Como as figuras 13,14 e 19, uma das quais mostra uma cabeça óssea humana, usada para decorar a câmara das reflexões.

segundo seu proprietário, é uma das quatro que existem no Brasil que comercializa paramentos e símbolos maçônicos. Nas prateleiras, jóias, insígnias maçônicas, anéis, cabeça óssea, bodes em miniatura, e na parede, o símbolo do *Grande Arquiteto do Universo* (figura no. 19, à venda). Contudo, o público que vai à loja é bem diferente das outras lojas de produtos esotéricos, pois são sempre maçons e/ou relacionados aos maçons. Essa loja chega a se constituir como um local de sociabilidade inclusive de maçons de segmentos diferentes, pois foi nesse lugar que o maçom da COMAB conheceu um maçom da maçonaria mista, os dois tinham ido lá para comprar paramentos. O proprietário é maçom da *Grande Loja do Pará* e afirmou não estar infringindo nenhuma regra da maçonaria ao comercializar e expor produtos que antes eram mais restritos aos círculos maçônicos. Nenhum segredo da maçonaria estava sendo revelado pois, para ele, a maçonaria não tem nenhum segredo. Tem cuidado apenas com “seus assuntos internos”, disse. A maçonaria para ele é de cunho religioso, mas não é religião, ela tem mais “lado social” do que esotérico, segundo ele. Lá era apenas um “*comércio como outro qualquer*”, afirmara.

Assim, no século XX, o campo da maçonaria associou-se ao campo do comércio e ao financeiro, estabelecendo com isso a mercantilização de seus símbolos esotéricos, dessa forma, seus símbolos passaram a ser lidos sob um duplo aspecto, de bens e de significações, com valores mercantis e valores simbólicos diferenciados.

As inter-relações⁴³⁷ com a maçonaria estavam em curso fazia algum tempo, a fundação da maçonaria mista, nos anos 90, veio a colocar todas essas interconexões em discussão, pois o fato do surgimento ocorreu para se reivindicar uma maçonaria menos materialista e mais espiritualizada, segundo Seixas – o que nos leva a abordar as relações entre os segmentos.

⁴³⁷ A outra inter-relação, com o campo do esoterismo, abordarei no capítulo seguinte, por envolver a história de vida de Von-Rommel.

3.6) Redes de relações sociais na maçonaria local⁴³⁸

Se a disputa pelo mesmo espaço de poder for vista em termos de um jogo de forças somente entre segmentos, tal se configura sob a forma de uma disputa que se dá em nível ideológico, pois cada segmento defende a representação de maçonaria que considera mais correta, e também em uma lógica de “mercado”: o espaço encontra-se primeiramente dividido entre “segmentos urbanos “ e “segmentos periféricos”. O espaço urbano é em local privilegiado em que se encontram os segmentos mais antigos da cidade, o *Grande Oriente do Brasil* e a *Grande Loja Maçônica do Pará*, as quais, por serem mais antigas estão mais estabilizadas neste espaço, de forma que estas duas disputam membros entre si: geralmente maçons de suficiente poder aquisitivo que têm perfil conservador e que, em sua maioria, nem sequer cogitam em se misturar às mulheres em suas práticas ritualísticas maçônicas, pois, para eles, isso não seria maçonaria, e preferem, portanto, praticar uma maçonaria regida pelas *landmarks*. Embora na maçonaria mista haja também membros de representatividade na sociedade local, como um prefeito de um interior do Pará, um vereador e uma ex-vereadora e empresária, há ainda no campo a divisão entre segmentos “regulares” e “irregulares”, que traduzem também duas posições: a de *dominantes* e *dominados*, respectivamente.

No entanto, os dois segmentos mais antigos viram-se incomodados com a abertura do segmento da maçonaria mista, e depois, com o surgimento da COMAB, de perfil mais engajado politicamente. Embora, de modo geral, seus membros não cogitem em se tornar “membros de lojas espúrias”, a simples existência dessas lojas incomoda, até porque se disputa um mercado em que faltam pessoas dispostas a se tornarem maçons e de perfil aquisitivo ideal para tanto. Observou-se também o interesse de muitas mulheres em se filiarem a alguma loja, o que levou o candidato vencedor ao cargo de grão-mestre da Grande Loja a propor uma loja “só de mulheres” angariando para esta potência este “mercado”.

⁴³⁸ Conferir mapa ao final do capítulo.

E em relação à COMAB, o embate com o *Grande Oriente do Brasil* ocorreu em um nível ideológico quando os primeiros demonstraram desejar mais atuação na sociedade, com vistas a reformas sociais, como a maçonaria dos tempos “áureos”, levando com isso embora do *Grande Oriente* 30 maçons. Em nível mundial este tipo de “Grande Oriente” como a COMAB, vem crescendo como movimento social, em nível internacional, segundo seus integrantes, o que pareceu provocar certa inquietação entre os maçons do *Grande Oriente do Brasil*, resultando em um embate entre dois pólos ideológicos opostos e duas representações de maçonaria que divergem fundamentalmente sobre a questão filantrópica.

A outra disputa tanto pelo “mercado” quanto pela ideologia gravita entre os dois segmentos de maçonaria mista: ambas na mesma região de Ananindeua, competem entre si pelo “mercado” das mulheres interessadas em entrar para a maçonaria. E, além disso, também reivindicam entre si o título de *primeira potência mista do Norte-Nordeste*.

Embora nessas disputas, o *Supremo Conselho dos 7 da maçonaria Universal* foi a potência que mais se inquietou com tais questões. Seus membros se preocuparam também em configurar com clareza suas diretrizes políticas, as quais procuravam discutir sempre em reunião com todos os integrantes, procurando também angariar mais adeptos para sua potência, ao se movimentarem bastante para tanto e, buscando apoio externo. Organizaram, assim, mutirões na comunidade, com o intuito de se fazerem conhecer e angariarem interessados em ingressar em sua maçonaria. O perfil da potência desenhou-se em torno da preocupação com os problemas sociais.

Um dos integrantes do *Supremo Conselho...*, que era maçom da loja *Harmonia Padre Eutíquio*, (*Grande Loja*) realizou uma visita à potência da *Grande Loja Maçônica do Pará*. Segundo o que narrou este maçom, pessoalmente o Grão-Mestre o recebeu e mostrou-se muito simpático à causa das mulheres na maçonaria. Contudo, oficialmente, a *Grande Loja* colocou-se contra as potências mistas, mas a favor da presença feminina na maçonaria, porém em loja separada.

O *Grande Oriente do Brasil*, da mesma forma, na pessoa de seu Grão-mestre, estabeleceu uma relação com uma das integrantes do *Supremo Conselho*, proprietária de uma loja de materiais de construção, mostrando-se a favor da entrada das mulheres na maçonaria, chegando mesmo a declarar que sua filha estaria interessada em ingressar nessa Ordem. Contudo, seu apoio era pessoal e não em nome da potência, que oficialmente colocava-se contra.

Mesmo assim, visitas não-oficiais de maçons de outras potências sempre ocorreram, em surdina, às potências mistas. Em 2005, um maçom da *Grande Loja* fora visitar o segmento de Seixas e participar da ritualística, para verificar que tipo de maçonaria se tratava, segundo maçons da potência mista, pois sua filha estava ingressando nesse segmento.

No *Supremo Conselho*...cheguei a conhecer um maçom do *Grande Oriente do Brasil* que naquele dia tinha ido levar uma proposta de ingresso de um candidato que, ao que parecia, tinha achado muito cara a “jóia” (o preço para ingressar) do *Grande Oriente do Brasil*. Então o maçom achou melhor encaminhá-lo para a *potência* mista. Segundo o Grão-mestre Estadual do GOB, há “lugar para todos”, e se o interessado achasse “cara demais” o ingresso no *Grande Oriente do Brasil* então ele faria a sugestão que ele se encaminhasse para o *Supremo Conselho*...maçonaria a qual ele conhecia um dos membros.

Esse dado revela o quanto um dos segmentos de maçonaria mista ficou sendo visto aos olhos do *Grande Oriente do Brasil*: uma maçonaria que não oferece qualquer perigo para o segmento que se definiu, na voz de seu Grão-mestre como a “Brastemp” – uma alusão ao comercial que afirma ser essa marca de geladeira a melhor do mercado. A condição desigual foi subrepticamente assumida e a relação se configurou hierarquicamente, entre um *dominante* e outro, *dominado*⁴³⁹. O *dominado* assumiu, nessa perspectiva, a posição de marginalizado que se encontra na periferia do negócio, tanto do

⁴³⁹ Se tentássemos desenhar as redes de relações sociais entre as maçonarias de Belém do Pará a partir do ponto de vista do *Grande Oriente do Brasil*, a relação desigual com um dos segmentos mistos apareceria como não adjacente, isto é, o GOB não se deixa influenciar pelo Supremo Conselho.

ponto de vista histórico quanto geográfico, por tentar estabelecer a *anomia* no meio, ao iniciar mulheres.

Em nossa perspectiva, contudo, a maçonaria mostra-se como um campo de embates⁴⁴⁰, no qual todos os segmentos são maçonarias, porque se definem como tal e têm sua posição na arena da maçonaria local, com todos os segmentos exercitando elementos maçônicos e comungando da mesma crença, com uma *illusio* própria ao meio, que também é motivo de controvérsias.

Em relação à Seixas, fundador da maçonaria mista, maçons do *Grande Oriente do Brasil* jamais tinham ouvido falar de seu personagem, e seus integrantes sequer sabiam que havia duas *potências*. Além disso, levantar o nome Seixas durante a reunião que tive com os integrantes do *Supremo Conselho dos 7 da maçonaria universal* causou um certo desconforto, pois o grupo se dividiu por volta de 2002, sob uma contenda que causou mágoas de ambos os lados.

O nome Seixas despertou indignação quando levantado na *Grande Loja*, pois ele era um integrante muito conhecido na ordem e seu rompimento com a potência para fundar uma ordem mista causou muito impacto no meio. Ao mesmo tempo, notou-se uma grande curiosidade em se conhecer a sua maçonaria, por causa dos ritos “psicografados” que eram diferentes dos ritos praticados em geral.

Relações de amizade se estabeleceram entre a *COMAB* e a *Grande Ordem Maçônica Mista Cavaleiro da Arca da Aliança*, por conta de um acordo inicial quando uma potência emprestou à outra o seu templo. Membros das duas potências passaram a se visitar mutuamente. Algumas mulheres da maçonaria de Seixas chegaram a participar de uma sessão semanal ritualística na *Comab*. E maçons da *Comab*, por sua vez, em retribuição à amizade mútua, chegaram a participar de iniciações na *Grande Ordem*. Um laço que se formou de modo casual e que se manteve por algum período, até que a *Comab* recebesse uma advertência do *Grande Oriente Brasileiro* a quem se filia. Assim, a

⁴⁴⁰ Embates em descrição nessa parte do trabalho.

proximidade entre os dois foi enfraquecida. A aproximação entre os dois segmentos aconteceu, pois ambos haviam se identificado; atribuíam qualidades comuns aos maçons, como a Generosidade e a Fraternidade e estavam organizando suas lojas quando se conheceram. Por conta desse valores, Seixas chegou a emprestar seu templo para que eles praticassem suas sessões por algum tempo.

A *Grande Ordem...* constitui-se de um grupo que, em sua maioria, são espíritas e têm como líder espiritual o maçom Seixas. Este maçom e seus seguidores não se preocupavam em se movimentar para angariar mais adeptos, pois acreditavam que “quem terá que pertencer à ordem, chegará lá naturalmente”. Receberam muitas visitas de maçons de outras potências, mas como em algumas vezes seus integrantes se sentiram desrespeitados, depois as visitas só podiam acontecer através de indicação e, além disso, o visitante seria também “trolhado”, isto é, questionado sobre vários quesitos da maçonaria, se ele não soubesse, ele não entraria. Não pretendiam se tornar uma grande potência, com grande número de maçons, queriam praticar uma maçonaria mais voltada para a espiritualidade e para o esoterismo, com vistas a recuperarem o que consideram que estava perdido na maçonaria regular: o espírito da “maçonaria tradicional⁴⁴¹”, nesse caso o tradicional refere-se a uma espécie de maçonaria primitiva, quando as mulheres participavam da mesma e a instituição era voltada para o sagrado.

Em seguida, tem-se um mapa dessas relações em que os pontos marcados não são as pessoas, em número exato, como nos sugere Barnes⁴⁴², mas pessoas por detrás dos segmentos. A princípio são todos oponentes entre si, no entanto, conforme estratégias e interesses dos agentes por vezes os mesmos chegam a formar alianças temporárias.

No capítulo seguinte, abordarei as trajetórias de dois agentes importantes para as transformações da maçonaria local. Com essas abordagens espero elucidar pontos obscuros na descrição realizada até aqui.

⁴⁴¹ Como já foi dito há controvérsias sobre o que seria essa tradição na maçonaria.

⁴⁴² Cf. BARNES, J.A. “Redes sociais e processo político” in *Antropologia das sociedades contemporâneas*, (org.) Bella Bianco. p. 167.

IV – Histórias de vida

4.1) Carlos Correia Seixas.

“(...) Blimunda, olha só, olha com esses olhos
que tudo são capazes de ver,
e aquele homem quem será, tão alto,
que está perto de Blimunda e não sabe,
ai não sabe não, quem é ele, donde vem...”
(Saramago in *Memorial do Convento*)

“Eu vejo todo mundo por dentro.
O histórico da pessoa, tudo, o problema,
os defeitos, as qualidades,
agora eu não me vejo.”
(Seixas, *maçom e espírita*)

Blimunda, personagem de José Saramago em o *memorial do convento*, romance que recebeu o prêmio Nobel de literatura em 1998, também via todo mundo por dentro, e suas visões eram de um chocante realismo, mas se recebesse alguma alimentação pela manhã, nenhuma visão lhe ocorria. Contudo, Blimunda é apenas um ser de papel criado pela imaginação de Saramago. Carlos Seixas é real. E nos conta sua “realidade”, sua versão de mundo, sua representação. No entanto, ele não é o primeiro visionário que tomamos conhecimento.

William Blake, poeta inglês nascido em 1757, segundo sua biografia, tinha visões. As primeiras manifestações se deram já na infância, aos quatro anos, quando afirmou ter visto a face de Deus numa janela e dado um grito. Mais tarde, passando pelos campos de Peckam, encontrara uma árvore repleta de anjos de asas iridescentes, e num descampado teria avistado Ezequiel calmamente sentado. Ao relatar estes fatos à mãe, teria levado uma surra¹. Com o tempo, ganhou fama de visionário para alguns e de louco para outros. Mas ficou no cânone da literatura como um dos maiores poetas e artista de seu tempo. Segundo o que contam os biógrafos, vivera a maior parte da vida isolado de seus contemporâneos. Em sua época havia uma efervescência mística na Inglaterra, com a recém-fundada maçonaria e as *landmarks* em 1724, mas Blake parece não ter tido contato com nenhum

¹ Cf. “Biografia” in BLAKE, William. *Escritos de William Blake*. Trad. Alberto Marsicano. L&PM editores, Porto Alegre, 1984.

grupo do gênero, embora, na pesquisa de campo, o maçom *Salazar* tenha jurado que Blake teria sido maçom. O fato é que o poeta leu bastante sobre ocultismo e sua pintura, (como a tela em que uma espécie de Deus segura um compasso), e sua poesia têm tons fortemente místicos. O que haverá em comum entre Seixas e Blake? O poeta foi tachado de um misto de revolução e revelação. Seixas, em sua história de vida, também revela os dois lados. Talvez o poeta realmente fosse maçom...Blake responde aos arroubos de seu tempo, mesmo que inconscientemente. Seixas é maçom. Os dois são místicos, no sentido de buscarem o sagrado. E o que se pensar sobre isso? De que realidade estamos tratando?

Para Geertz: “do ponto de vista do agente, e tão-somente em certa medida, o mundo é o que conta em seu universo de representações²”. Representações essas expressas num discurso, que perfazem o próprio lugar da significação. O que é dito por Seixas e por todos os informantes e que poderíamos taxar de crenças têm significado dentro de um contexto, em um tempo e lugar (ou cronotopo, como deseja Bakhtin³). A epígrafe que contém a fala de Seixas é muito importante: parece também marcar o processo subjetivo que impulsionará toda a sua trajetória, consequência de sua experiência⁴, e a consciência que chegou do *si-mesmo*⁵. Traduz, da mesma forma, a sua visão de mundo.

Assim, a trajetória de Carlos Correia Seixas é significativa, representativa e tradutória de uma parte do campo maçônico em Belém do Pará, pois sua ação provoca diferença, e, ainda, contar a história de vida desse maçom equivale a revelar algo sobre as transformações da maçonaria em Belém e suas inter-relações e vice-versa, como se fosse impossível abordar um assunto sem o outro⁶.

² Cf. GEETZ, *A interpretação das culturas*.

³ BAKHTIN, *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*.

⁴ Para Joan Scott, “Experiência é um evento lingüístico (não acontece fora de significados estabelecidos), mas não está confinada a uma ordem fixa de significados. Já que o discurso é, por definição, compartilhado, a experiência é coletiva assim como individual. Experiência é uma história do sujeito. A linguagem é o local onde a história é encenada.” “Experiência” in *Falas de gênero*, P. 42.

⁵ Cf. RICOEUR, *O si-mesmo como outro*.

⁶ Texto publicado em parte em GARCIA DE SOUZA, Patrícia Inês. “A maçonaria e mestre Seixas: esboçando a etnografia de uma experiência” in KOFES, S. (Org.) *História de vida: biografias e trajetórias*. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004. (Cadernos do IFCH; 31) pp.17-40.

Para Bertaux⁷, e outros, há uma diferença entre *récits de vie* (*life stories*) e *histoires de vie* (*life histories*). O *recits de vie* é uma ferramenta de acesso ao vivido subjetivo. A *life story*, é a história de uma vida tal como a pessoa que a viveu a conta. Em francês, *recit de vie*. Em português seria algo como narração de vida. A *life history* diz respeito aos estudos de caso se referindo a uma dada pessoa, e compreendendo não somente sua própria narração, mas também toda espécie de outros documentos, por exemplo, *dossier* médico, *dossier* judiciário, testes psicológicos, testemunhos dos próximos, etc. O ideal é que se chame esse aglomerado de questões de *aproche* (procedimento) *biographique*. Como o autor fala de método e de potencialidades desta maneira de se realizar etnografia, a questão que preocupa sempre os pesquisadores é a da confiabilidade dos dados obtidos. Para tal seria ideal que houvesse uma convergência de fontes sobre a pessoa. Assim, nessa tese, analiso a trajetória de um maçom, Carlos Seixas, que em sua trajetória agenciou a diferença na maçonaria, como uma *life history*, através da *aproche biographique*.

Bertaux nos propõe que se faça etnografia através do procedimento biográfico porque a experiência humana é uma fonte rica para se compreender a sociedade. É concreta, porque é a experiência das contradições, das incertezas, da luta, da práxis, da História, “tomá-la seriamente é colocar em posição de se dominar não somente as relações sociais (socioestruturais e sociosimbólicas) mas da mesma forma sua dinâmica, ou melhor, sua dialética. Os valores, emoções, representações, (simbólico) devem ser levados em conta. Os níveis de deslocamento podem ser também além de geográficos, profissionais, familiares, culturais e sociais, ao contrário do que nos propõe Bourdieu quando fala de deslocamentos objetivos em dado campo. Ou, conforme Becker, nos preocupamos em restituir fielmente *a experiência do sujeito e de sua interpretação do mundo em que vive*⁸.

A noção de trajetória⁹ de Bourdieu foi também um ponto de partida importante pois, através das trajetórias, interpreto os deslocamentos do maçom Seixas de sua infância até a

⁷BERTAUX, Daniel. “L’approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités ». *Cahiers internationaux de Sociologie*, vol. LXIX, 1980.

⁸ Cf. BECKER, Howard. Biographie et mosaïque scientifique. *Actes de la recherche en Sciences Sociales*, 62/63, 105-110, Juin.

⁹ “Série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos (...) Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, (...)marca uma etapa de envelhecimento social que se poderia medir pelo número dessas

fundação de uma nova potência maçônica sem contudo seguir Bourdieu em suas críticas sobre o método biográfico. Nota-se também que os deslocamentos da trajetória analisada não foram de modo algum apenas deslocamentos objetivos, tendo sido fortemente impulsionadas pelos processos subjetivos e pela contingência do histórico.

Mas o que será a história de uma vida? Bourdieu, criticando o método, começa seu texto numa reflexão sobre o que seria a vida do ponto de vista do procedimento biográfico. Nota que a vida é uma história, que para ele é, portanto um caminho, uma rota, uma carreira, um trajeto, uma passagem, uma viagem, lendo a história como uma sucessão de eventos históricos. Afirma:

“Cette vie organisé comme une histoire se déroule, selon un ordre chronologique qui est aussi un ordre logique, depuis un commencement, une origine, au double sens de point de départ, de début, mais aussi de principe, de raison d’être, de cause première, jusqu’à son terme qui est aussi un but¹⁰.”

Nessa tese, não considero a história apenas como uma sucessão de eventos vistos em uma rota linear: história será compreendida tal como em Benjamin, *uma apreensão do tempo histórico em termos de intensidade e não de cronologia*¹¹ em que a origem (*Ursprung*) *quebra a linha do tempo, opera cortes no discurso ronronante e nivelador da historiografia tradicional*¹². O presente benjaminiano explode para fora do contínuo da história, e tal, de certa forma, parece se adequar à narração de Mestre Seixas, quando parece contar uma história movido pelo desejo da *Ursprung*, como se quisesse parar o tempo e permitir que o passado esquecido e recalcado surgisse de novo, sendo retomado e recuperado no atual: o sagrado. Corte este, da *Origem*, que funciona como a espinha dorsal de sua narrativa e motiva suas concepções sobre maçonaria. A rota que tomo segue também

alternativas decisivas, bifurcações da árvore com incontáveis galhos mortos que representa a história de uma vida. (...) pode-se substituir a poeira das histórias individuais por famílias de trajetórias intrageracionais no seio do campo de produção cultural.” Cf. Bourdieu, *As regras da arte*, p. 292.

¹⁰ [Esta vida organizada como uma história se desenvolve, segundo uma ordem cronológica que é também uma ordem lógica, um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de começo, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até o seu final que é também um objetivo] trad. Nossa. Cf. BOURDIEU, P. L’*Illusion biographique*, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 62/63.

¹¹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. Perspectiva: São Paulo, 1994.

¹² *Id.*, *Ibid.*, p. 12.

um itinerário sugerido pelo próprio agente que, mesmo procurando uma linearidade, é vencido pelas intensidades de suas experiências subjetivas.

4.1.1) Seixas, pessoa.

“...uma pessoa com liberdade moral dotada de móveis e de um excesso de sentido”

(Roland Barthes)

Carlos Correia Seixas¹³ nasceu no interior do Pará, em 1931. Filho de um juiz de direito, cedo perdera o pai. Tivera uma infância difícil¹⁴ e em condições precárias, tendo sido criado pela mãe, costureira, e pelo irmão, marinho. Começou a trabalhar aos 12 anos de idade, depois a família se mudou para o Rio de Janeiro com Seixas já casado aos 19 anos. Entre outras profissões, exerceu a função de gráfico. Pertencera a um sindicato, neste Estado, e se envolvera na militância. Teve também formação em química industrial, e trabalhou bastante no ramo, na própria cidade do Rio de Janeiro.

Retornou para Belém nos anos 60. Nessa cidade, tornou-se proprietário de várias lojas, como uma livraria, tipografia, papelaria, e várias lojas de artigos umbandísticos¹⁵. Desde a época em que morava no Rio de Janeiro, se envolvera com o espiritismo e com a umbanda e em Belém, em 1965, fundou a *Ordem Brasileira de Umbanda Cristã*¹⁶. Na fase em que era proprietário de várias lojas comerciais na cidade fora convidado a ingressar na maçonaria e aceitara. Passou a dedicar-se à maçonaria com afinco, tendo ocupado vários cargos na loja *Padre Eutíquio no. 29*, e, a seguir, acabou fundando a primeira loja maçônica de Ananindeua, a loja Nicandro Seixas, em 1984. Nesta loja, segundo o que

¹³ O informante fez questão que seu nome verdadeiro aparecesse no trabalho.

¹⁴ Esses deslocamentos implicam também sentidos subjetivos, isto é, não veremos as trajetórias apenas como deslocamentos objetivos no espaço social, conforme Bourdieu. Uma trajetória também é impulsionada pela subjetividade do agente.

¹⁵ “Carlos Seixas, 536. Tv. Frutuoso Guimarães. Artigos de umbanda.” Encontrei numa antiga lista telefônica na parte comercial. A loja foi vendida em 2000.

¹⁶ Trata-se da Ordem Brasileira de Umbanda Cristã que reúne em sua prática o espiritismo, a umbanda e a cabala. Seixas afirma tê-la “recebido”. Uma análise mais apurada dessa umbanda resultaria em outra tese de doutorado. Portanto, não pretendo empreender tal trajeto. Ao focar a biografia de Seixas procuro a maçonaria.

conta, introduzira várias ordens internas, como os *De Molay*¹⁷, a “Ordem das Amazonas”¹⁸, e o grupo das “Damas da Fraternidade”, ligadas à prática da filantropia. Depois, em 1998, de opinião de que as mulheres deveriam participar da maçonaria, fundou a maçonaria mista, a primeira do norte-nordeste, e se afastou da *Grande Loja Maçônica do Pará*, potência na qual realizou sua formação como maçom, chegando ao grau 33, o grau máximo da maçonaria¹⁹, sob o *Rito Escocês Antigo e Aceito*.

4.1.2) O personagem Seixas

O personagem de Carlos Seixas traduz uma “rede impessoal de símbolos”²⁰ que discutimos sob o nome *Seixas*. Importa etnografar sua experiência a medida em que ela é reveladora da maçonaria em Belém. Não é relevante saber se seus relatos são verdadeiros ou não. Procuramos um lugar no texto e marcamos o lugar sob o nome de Seixas. Quem é Seixas? Ricoeur mesmo já nos previne que nenhuma narração do si estará destituída de alguma ficção. Ele se narra. Dá sentidos ao narrado. E ao se narrar narra a transformação da maçonaria e revela valores próprios ao ambiente em que trafega.

O narrador Seixas ao ser compelido a contar sua história de vida começa pela infância, passando a imagem de um Seixas de origem bastante humilde e sempre de postura de simplicidade diante da vida. Mas evoca também a infância porque parece querer revelar um valor primordial para ele: o sagrado. Um sagrado que tem a ver com a busca pela compreensão de ocorrências consideradas misteriosas que ocorriam com ele. Sua trajetória traduzirá esta busca, passando por inúmeras correntes religiosas e chegando até à maçonaria. Esta busca pela compreensão do sagrado é o que vai permear toda a narrativa de si mesmo, revelando ser essa a sua grande inquietação, e até a sua mensagem.

¹⁷ Ordem masculina e juvenil que existe em várias partes do mundo, com ideais semelhantes aos da maçonaria, já que se preocupa com a formação do caráter moral do jovem. Em Belém, os *De Molay* ajudam na prática da filantropia e sempre participam e ajudam nas festividades do Círio de Nazaré. Já a “Ordem das Amazonas” fora uma criação de Seixas.

¹⁸ Ambos de filhos ou “sobrinhos” de maçons, e a das “Amazonas” das filhas ou “sobrinhas”.

¹⁹ Estas informações foram confirmadas por pessoas próximas à Seixas.

²⁰ BARTHES, Roland.. *Op. Cit*, pp. 122-125.

Assim, contou que era de família extremamente católica, mas que sofria muito com a “mediunidade²¹” que tinha. E, por isso, sentiu-se impelido a se tornar espírita. Conta qual foi o fato derradeiro quando parece ter perdido a consciência certa vez – fato ocorrido na adolescência, que muito o impressionou:

(...) eu saía de manhã... **via todo mundo...** ia pro cinema... então a última vez... eu já era adolescente... eu saí de casa 5 horas pra trabalhar lá no bairro da saúde... na Senador Pompeu...lá no Rio de Janeiro...tomei o bonde lá no catete... na praia do catete... na Lapa... pegava um outro bonde que ia pra lá... Barão de São Félix... e... aquela época... eu tinha essas coisas...peguei... tal... **via todo mundo...** foi foi foi...A gota d’água foi aí... Quando vi me encontrei assim num bairro do Rio de Janeiro... já muito longe... já de tardiNHA... Perguntei pro rapaz *Que lugar é esse?* *Isso aqui é a Pavuna* *Pavuna? Como é pra ir lá pra Madureira? Como é que eu pego uma condução pra ir pra Madureira?* *Três quadras daqui o senhor pega a condução lá/ o lotação* Assim foi... eu eu já ia...no entardecer e assim eu fui vivendo a vida (...)

Chega assim, nos termos de Joan Scott, a uma “consciência de si próprio, um reconhecimento de sua identidade autêntica, aquela que sempre compartilhou, e que sempre iria compartilhar com outros como ele²²”, pois, depois disso, tornou-se espírita, e, dessa forma, passou a compartilhar da convivência de outras pessoas (consideradas *médiuns*) que tinham experiências semelhantes. Começou a psicografar mensagens espíritas e passou a participar da chamada “mesa branca” em uma federação espírita no Rio de Janeiro, segundo o que conta, dentro de uma “linha kardecista²³”. Depois, por acaso e com muita resistência, acabou conhecendo a umbanda. E lá foi feita a previsão de que retornaria para Belém contra a sua vontade. Naquele momento ele detestou o fato de ter ido à umbanda, e ainda ter ouvido esta previsão de um “preto velho” incorporado em um médium umbandista. Mas como a profecia se cumprira depois, ele acabou reavaliando seus conceitos em relação a umbanda e até mesmo converteu-se a ela mais tarde. A umbanda passou a fazer parte de

²¹ Sobre a crença no contato com os espíritos, já que o termo “crença” é tão pouco significativo, pois todo mundo tem, Alcinda Honwana, nos propõe uma solução: “no caso dos sistemas morais e religiosos, é possível e defensável afirmar que são diferentes em aspectos importantes dos seus enfoques, compromissos, estilos e preferências, embora lidem com certas questões existenciais e constrangimentos humanos universais. Deste modo, são significativos e aceitáveis nos seus próprios contextos.” In *Espíritos vivos, tradições modernas*. Ed. Promédia, col. Identidades/CIEDIMA, 2002, Pp. 43-4.

²² Scott, *op. Cit.*, pp. 43-4.

²³ Tratarei deste tema com mais vagar em outro tópico.

suas crenças e Seixas teve várias lojas de artigos umbandísticos em Belém quando retornara à cidade.

Um ano depois da descoberta da umbanda, a previsão se efetivara e Seixas retornou à Belém. Este fato ele localiza na época de Getúlio Vargas. Foi uma fase da vida desse maçom muito dolorosa e, portanto, ele me pediu que não a colocasse na tese.

Para Seixas, Getúlio Vargas fora assassinado. A história do Brasil é marcada pelo signo do mistério, para esse maçom, como se houvesse sempre um lado oculto nessa história, desconhecido pelas fontes oficiais, e, o personagem Seixas, vidente, visionário, de muito soubesse. Mesmo o Seixas militante é um místico. Parece desejar que seus atos sejam reconhecidos como legais, autênticos, legítimos, sobretudo a fundação da maçonaria mista. Ele se coloca como um ser dotado do conhecimento do invisível e se legitima porque também precisa justificar e fazer com que outros aprovelem a maçonaria nos moldes que criara. Esta força insinuada em histórias exemplares se torna poder quando legitimada por uma comunidade de fiéis e é isso que ocorre: tais narrativas lhe colocam sempre como um personagem dotado:

(...) Lá na Ordem... pra salvar uma menina que estava em coma... ele foi e abriu um campo de cura e ficou pedindo pela menina... ele teve que negociar a vida da menina...aí ela saiu do coma... Ele até chorou de tão emocionado que ficou... É que a menina... na outra encarnação foi chefe de gangue... daí os companheiros dela não queriam que ela vivesse... queriam que ela fosse com eles... ele negociou e a menina foi salva... Os pais dela vieram aqui agradecer...(.) (uma maçom e espírita da Ordem de Umbanda)

(...) Uma vez eu vi um acontecimento que me deixou impressionada.... A loja aqui tinha queimado todas as luzes... Aí ele subiu no banquinho e foi mexer lá na luz... Ele pegou chamou **quem tá aí? Vem aqui pra ensinar a consertar esta luz?** Ele chamou o espírito... aí de olho fechado... consertou... mexeu nos fios... depois abriu o olho e disse pra mim acender as luzes... tava tudo consertado...Acendeu TUDO (...) (maçom e espírita)

Os demais integrantes de sua atual potência são unânimes em admirar-lhe as proezas e em fazer-lhe elogios, sendo sempre visto como peculiar, especial, singular. Eles se referem sempre à idéia de que o médium teria uma *missão*, como parte do universo simbólico do espiritismo, no sentido de fazer a humanidade *evoluir* e se desenvolver. Apresenta-se (e é apresentado) dessa forma, como o guru, o condutor, orientador:

(...) Ele repassa o conhecimento...E até mesmo a missão dele é essa né?A missão dele é justamente essa... ele veio aqui pra isso... pra ensinar... pra encaminhar as pessoas.... Com comunicado da Ordem²⁴ e da maçonaria... Ele é o professor entendeste? Ele ta ali pra ensinar a gente... como a gente deve reagir... administrar... como a gente deve prosseguir(...)

Sua personalidade caridosa é muito enfatizada, o que nós faz lembrar os valores do cristianismo:

(...) Olha... eu vou lhe contar... é um pai... um irmão... um amigo... porque a todo momento que você precisa dele... ele ta pronto pra lhe ajudar ?Ta pronto pra lhe socorrer... Uma coisa maravilhosa mesmo... Eu acho que quem não conhece Carlos Seixas... deveria conhecer... Pra conviver com ele... pra saber quem é realmente o Carlos Seixas (...) (maçom e espírita)

(...) É um grande sábio dentro da maçonaria...Foi meu padrinho (...) (da potência mista dissidente)

(...) O irmão Carlos eu conheci no dia da minha iniciação... O irmão Carlos é assim uma pessoa singular... Não existe outro igual... Além de ser uma pessoa extremamente inteligente... ele é uma pessoa extremamente bondosa... ele conhece cada um de nós melhor do que nós mesmos... Sabe... é uma pessoa que você pode contar com ele eternamente... então eu acho o irmão Carlos assim... impar mesmo... não existe outro IGUAL... Ele é uma pessoa que tem muita força... é o nosso mentor e é uma pessoa que não te esconde nada... mas ele consegue mostrar pra gente sem impor a Grande verdade... em todos os sentidos... ele não tem limites... se você conhece o irmão Carlos... você fica alucinada com ele... ele tem assim uma inteligência enorme (...) (maçom e diretora de escola)

²⁴ Quando esse grupo se refere à “Ordem” eles estão se remetendo à Ordem de Umbanda fundada por Seixas.

Também é dito que é profeta, e que predizeria o futuro:

(...) Ele fala algumas coisas que na hora tu te olha assim... mas depois a coisa vem à tona aí *meu Deus...realmente * aí vem à tona... aí tu vais lembrar que aconteceu tal coisa... futuramente...uma vez ele chegou comigo e falou... daí ele não me falou... nós comentamos uma questão... não lembro agora direito o que era... aí ele falou: *Andrelize vai fazer isso? Duvido.* Um tempinho depois... *irmão Carlos quase me meto numa confusão, na hora eu me lembrei direitinho do que o Sr. FALOU...* Foi uma previsão que ele fez... que na hora eu achava que nem ia acontecer e realmente aconteceu... na hora eu me lembrei...quando ele falou *Andrelize* gravei aquilo e aquilo na hora... tipo assim... sabe... soltou no meu ouvido e na hora eu parei... pensei: *égua... ta errado... peraí... não é isso que tem que acontecer* Isso me marcou muito... Que eu lembro sempre disso (...)

Trata-se de um maçom segundo o que o próprio afirmou, consciente de suas ações, que se responsabilizou por tudo que já fez na vida. E isso é narrado por uma seguidora sua:

(...) Até hoje eu não vi nada que ele falasse na teoria pra gente e na prática ele não fizesse
(...) (maçom de sua potência)

Outro Seixas que descobri foi aquele que exerceu a profissão de químico industrial, sua “verdadeira profissão”, segundo ele. O agente resolveu adaptar seus conhecimentos de químico, somando-os a umbanda e aos saberes tradicionais da região a respeito de ervas e preparados considerados miraculosos. Com isso, uma das identidades que Seixas agencia é a relação com o mercado do misticismo regional:

(...) (((E ele te ensinou a fazer perfume?))) Olha porque foi assim né? Meu marido tava desempregado e a gente tava passando uma certa dificuldade... porque quem tava ajudando era meu filho que é formado... minha cunhada que é juíza... Eles que ajudam né? Que tavam ajudando a gente... Então ele pegou disse que ia me ajudar... que ele ia começar a me ensinar a fazer... tanto perfume... sabonete... defumaçã... que ele trabalhou muito com isso né? Então ele começou a me ensinar... e ele ta passando aos poucos né? Estou aprendendo com ele/ aprendendo a fazer perfume... Ta aqui dentro por enquanto.... Mas muita gente já compra.... De vez em quando eu to indo pra lá pra ele ir passando.... Tem cheiro do Pará... tem água de chama...(..)

Na estante desta maçon e espírita percebe-se uma miscelânea de crenças tipicamente locais: a padroeira dos paraenses, Nossa Sra. de Nazaré, e inúmeros perfumes e sabonetes regionais, que têm função terapêutica e também curativa algumas vezes, e alguns sabonetes servem para “limpar o corpo de cargas negativas” sob a proteção de um “espírito de caboclo”, ou para “atrair dinheiro”, como a “água de chama” – todos ensinados por Seixas, que, além de ter exercido a profissão de químico, reuniu seus conhecimentos e ensinou esta maçon a fazer estes produtos.

Por conjugar diversas facetas, e ser bastante admirado entre os seus, pelo seu carisma²⁵, sua festa de aniversário de 2004, quando completou 73 anos, foi muito freqüentada. Nessa comemoração, rodeado por cerca de dez espíritas, Seixas foi perguntado como, de que forma, eles poderiam um dia se tornar como ele. Ele respondeu que isso era possível para todos, ver, ouvir, receber mensagens dos espíritos. Mas cada um deveria descobrir o seu “dom”. Mas ele não se considerava superior a ninguém, “nós todos somos iguais”, disse. “Nós todos somos irmãos”. Ele não se considerava diferente de ninguém e isso também, em nossas conversas, ele sempre reiterava. A questão que a todos inquietava, no dia do seu aniversário, era que ele é diferente, é visto como diferente, e como todos seriam iguais? A questão ficou sem resposta. O silêncio foi a resposta. Diferente, mas igual:

(...) Ele é um homem a quem admiro... eu o respeito... tenho uma boa afinidade com ele... no entanto... eu já tinha bastante tempo na Ordem e não o conhecia...eu sempre ouvia falar...**irmão Carlos Seixas... irmão Carlos Seixas** Eu sempre ouvia falar que ele tinha poderes não-sei-o-quê... várias coisas... no entanto eu sempre o considerei como normal como nós... eu... você... e alguma visão futura... e há pouco tempo tive a oportunidade de conhecê-lo... Já fui várias vezes na residência dele... eu gosto bastante dele... alguns irmãos imaginam ele como se fosse Deus no céu e irmão Carlos Seixas na terra... uma pessoa de grande poder... de grande influência... eu vejo-o como um igual... não um ser superior... eu gosto muito dele... mas eu vejo ele como igual... não que eu me coloque no mesmo patamar

²⁵ Para Weber, “o líder carismático, em certo sentido, é sempre revolucionário, na medida em que se coloca em oposição consciente a algum aspecto estabelecido da sociedade em que atua. Para que se estabeleça uma autoridade desse tipo, é necessário que o apelo do líder seja considerado como legítimo por seus seguidores, os quais estabelecem com ele uma lealdade de tipo pessoal.” Maurício tragtenberg, “Vida e Obra”, Weber, Os pensadores, p. XVI.

dele mas eu não o vejo com os olhos que outras pessoas o vêem como se fosse sobrenatural.... Não... Normal... Ele procura nos ensinar e tal... Normal... Não sei se estás me entendendo... Acho que é porque eu sou muito realista (...) (maçom e espírita da potência mista)

Outro Seixas e o mesmo Seixas é aquele que agencia o campo político e que faz política. Não gosta, mas faz. Valoriza mais o mundo espiritual, mas, segundo ele, nunca se aliena do que está acontecendo, luta pelo que acredita:

(...) Nós temos uma felicidade de ter nosso Sereníssimo grão mestre... que é um homem muito espiritualizado... E a gente tem a felicidade de estar aprendendo com ele... Eu tenho ele como segundo pai porque ele era muito amigo de meu pai... eles dois... meu pai foi um maçom que trabalhou muito... aí eu cresci né? Então o seu Carlos me conhece desde o coero... Ele é uma pessoa... um homem correto... justo... simples... não tem vaidade... não tem orgulho... você vê ele não usa jóia... não usa nada e preocupado com o que acontece no mundo: as guerras... as fomes... as doenças... as necessidades.... Preocupado às vezes com alguns maçons que erram.... Que não aceitam a maçonaria mista... Porque se tem maçonaria mista no Pará... a origem é o irmão Carlos Correia Seixas... ele que trouxe essa idéia... arrumou briga com a Grande loja... mas uma briga que a Grande Loja sabe que ele está certo... Ele não tá separado da Grande Loja por alguma coisa que desabonasse o seu caráter... não... é uma nova ritualística... e a Grande Loja não aceita... ele fica desse lado e a Grande loja de lá... mas a Grande Loja sabe que lá no fundo ele está certo... Vai chegar o tempo que a mulher vai ter mesmo o seu direito de exercer a ritualística de uma loja maçônica e não ficar como dama da fraternidade só pra trabalhar...trabalhar... trabalhar...(...) (maçom da potência mista)

Muitas vezes o nome Seixas é o que faz calar, ou foi aquele que me impediu de entrar em algumas lojas maçônicas ou de entrevistar maçons que ele mesmo me havia indicado como “seus amigos”. O nome Seixas se tornou polêmico e agenciador de vários conflitos no meio maçônico. Em um desses casos, liguei para um de seus amigos e disse-lhe que Seixas me havia passado o seu telefone. A reação me surpreendeu: com agressividade, minha abordagem foi repelida, e ele declarou-se muito ocupado para me atender. *Seguindo o conflito*, conforme Marcus, perguntei a uma maçom de confiança de Seixas o que tinha ocorrido e ela me explicou o motivo daquela reação:

(...) Esse maçom foi um dos que aceitou no início... mas na hora que ele viu que o Seixas ia mesmo fundar a maçonaria mista... recuou.... Disse: **Seixas.. vamos esperar.. isso aí vai causar uma grande revolução... é melhor esperar** Seixas respondeu: **O Sr ta fora**. Ele se afastou de todos os amigos que eram contra isso... E o Seixas sendo pressionado pelo mundo espiritual.... Porque é a missão dele né? Aí o Seixas **eu gosto muito do Senhor mas o sr. está fora**.... Mas ele ainda foi lá na *Resistência* na “entrega de diplomas” fez um discurso muito bonito.... Visitou algumas vezes e depois abandonou...Ele é muito ocupado... Visita lojas todos os dias (...).

Causador de embates no campo, o que é dito sobre ele é dito ou com certa reticência, parcimônia ou incômodo:

(...) É um irmão nosso que divergiu e fundou uma loja mista... mas sem reconhecimento pelas outras potências... É uma loja espúria. (...) (maçom da loja Nicandro Seixas)

(...) Não.(...) (abrupto e ofendido, não ouviu falar de Seixas, não quer falar de Seixas; maçom da Grande Loja)

(...) É um dos dissidentes de Belém.(...) (maçom da Grande Loja)

(...) Pois é... Ele que fundou essa maçonaria mista aí em Ananindeua... ele era da Grande Loja... e se retirou para fundar essa maçonaria (...) (comerciante maçom)

Os dissidentes da sua primeira potência parecem querer insinuar qual seria o “problema do Seixas”: o fato de apenas viver do “outro lado” e deixar a atuação na sociedade de lado. Tratava-se da polêmica pela filantropia, interpretada de diversas formas e da disputa pelo lugar de primeira potência mista do Pará:

(...) Eu sou uma pessoa que não pensa só simbolicamente... Tem muita loja aí que não é legalmente constituída... juridicamente (...)

(...) Se olhar muito pra cima... cai.(...) (uma maçom da potência mista dissidente)

(...) Ah...o problema do Seixas... (a frase é interrompida por uma maçom que não permite que falem mal dele durante a reunião que tive com o *Supremo Conselho*...)

Seixas, em variadas conversas informava-me que havia doado vários terrenos à comunidade, como para comprovar que sua solidariedade e filantropia eram genuínas. Demonstrou, com isso, que a filantropia para ele constituía-se de um ato solidário. Além disso, é válido ressaltar que as acusações de que sua maçonaria não era sequer registrada era um engano por parte do *Supremo*...pois a mesma registrou-se em cartório em 2004 como uma maçonaria, mesmo não reconhecida pela maçonaria regular.

Uma maçom do *Supremo Conselho*... L.T., contou como ela e seu marido José Ramos Telles conheceram Seixas. Seu marido (já falecido) foi *Venerável* e um dos primeiros integrantes da loja *Nicandro Seixas*, ex-loja de Seixas, por ele fundada em Ananindeua, quando era ainda maçom da *Grande Loja maçônica do Pará*. Insinuou-se dessa forma outra identidade de Seixas naquela época, antes de fundar a potência mista, a de recrutador de novos adeptos:

(...) Eu estava lá na Igreja do Maguari e eu ia à missa como todo bom católico né? Ainda mais mineiRO... Tinha que comungar e até hoje faço as mesmas coisas e isso é um bálsamo na vida da gente...e eu ia pra igreja e o seu Seixas também ia...e todo tempo o padre falava e tal.... então de repente... meu marido sentou no mesmo banco e começou a bater papo com ele...seu Seixas já era maçom... mas o meu marido não... a capela era pequena...daí nasceu uma grande amizade... apesar do seu Seixas ser espírita... ele ia à missa... por incrível que pareça... meu marido ciumento foi sentar perto do seu Seixas... seu Seixas sorriu pro meu marido... ele sorriu pro seu Seixas e o seu Seixas na hora do **cumprimentai uns aos outros** né. Aí nós fizemos amizade... e o seu Seixas se apegou mais ao meu marido... ele começou a perguntar de onde vinha... aí ele nos chamou para comermos um...tacacá²⁶ na casa dele... aí começou nossa amizade.... Um belo dia ele convida meu marido para entrar na maçonaria... Ele foi padrinho do meu marido... Ergueram a loja Nicandro Seixas no 57... e...seu Seixas gosta muito dele por sinal... sempre gostou né... teve aquele carinho... um amigo que...as coisas ruins que poderão acontecer..jamais vão atingir minha amizade por ele... ele vai morrer e não vai saber o grau da minha amizade por ELE... A vã filosofia dele não vai calcular a grande amizade que tenho por ele... Então se um dia vier uma pedra do outro lado ela não vai me

²⁶ Espécie de sopa regional com ingredientes locais: a goma da tapioca, extraída da mandioca; o tucupi, também extraído da mandioca; o jambu, espécie de verdura; o camarão regional, salgado e em bom tamanho, e se o cliente quiser, coloca-se também a pimenta de cheiro. O tacacá é servido em cuias, confeccionadas artesanalmente, de origem vegetal, pois são os frutos da árvore chamada “cuieira”.

ferir porque eu vou polir a pedra(...)Ele é espiritualista né? Ele está no patamar dos grandes filósofos...bons que estavam na profecia da Bíblia...Eu tenho ele como meu pai... meu padrinho...(...) (L.T., maçom do *Supremo Conselho*)

O signo do sagrado, ou o contato com o sobrenatural, marca as narrativas sobre Seixas, visto freqüentemente como uma pessoa com dons extraordinários. No trecho seguinte, ao mesmo tempo fala-se sobre Seixas como esta pessoa ímpar e o informante deseja também explicar um conceito utilizado no ambiente do esoterismo, o de *astral*:

(...) Ele fecha os olhos e entra em contato com o astral... O astral dita pra ele... Ele não tem uma umbanda esotérica?O astral é uma dimensão próxima da nossa... É o mundo dos astros... é eletromagnético... Os planetas... São forças magnéticas invisíveis dos planetas que sintonizam com nosso mundo aqui... Ele tem vidência do mundo astral... Aqui é eletromagnético (...) (comerciante de produtos esotéricos)

Assim, diante de inúmeras narrativas que lhe colocaram como um personagem dotado, era de se esperar que esse agente se comportasse como o tal, mas Seixas nunca quis absorver a imagem de “poderoso” que lhe colocaram: sempre se apresentou alegre, risonho, espontâneo e simples, parecendo nunca ter perdido a humildade e a simplicidade que apreendera na infância, quando só foi calçar um sapato pela primeira vez aos sete anos de idade. Pelo contrário, convoca seus seguidores a se aperfeiçoarem sempre, pois, para ele, “todos são iguais”, e todos estão *evoluindo*. Sendo este termo “evolução” muito citado no meio. E a evolução se daria, para Seixas, através da busca pelo sagrado, ou seja, pelo irracional. Busca que ele iniciou no espiritismo kardecista, passou pela umbanda e reunindo as duas práticas, fundou a sua *umbanda lemuriana*.

A conversão de Seixas para a umbanda é um evento importante em sua vida, pois os acontecimentos se encadearão de modo que, em 1965, ele funda a *Ordem Brasileira de Umbanda Cristã*, que em sua prática, em uma espécie de ecletismo, conjuga práticas espíritas (a mesa branca, às segundas-feiras), a umbanda (às quartas-feiras, com a presença de espíritos de indígenas, os chamados “caboclos”), e às sextas-feiras, com uma prática considerada esotérica, porque associada ao desenvolvimento da mente. Ele denominou sua

umbanda de “umbanda dos reflexos” (cada dia de “trabalho” corresponderia a um reflexo) que fora, segundo ele, toda “psicografada”.

Mais tarde ainda, quando fundou a maçonaria mista, seus adeptos foram recrutados inicialmente entre maçons que estavam sem loja e, depois, principalmente após uma divisão no grupo, em sua maioria, entre os integrantes de sua umbanda, e sua maçonaria compôs-se, assim, em um hibridismo com o campo religioso. Da mesma forma que na *Ordem Brasileira de Umbanda Cristã* afirma que os rituais principais de sua ordem maçônica foram todos “recebidos”, mas dessa vez, através de mensagens oriundas de maçons desencarnados, que desejariam recuperar o espírito “tradicional” maçônico que eles julgavam que se estava perdendo. Crença esta (a psicografia) considerada legítima em contexto kardecista e também, sobre a maçonaria, uma afirmação pertinente para quem conhece o meio maçônico que passa então por uma crise de representação.

Seixas no narrar-se procura se legitimar e também é legitimado pelos seus seguidores. Há uma convergência nos dados a respeito de sua pessoa quando se entrevista seu círculo de seguidores. Coloca-se e é colocado como aquele que tem um poder metafísico de ir além, de ver, ouvir e escrever o que é invisível. As narrativas a seu respeito confirmam esta imagem, isto é, a imagem do místico que tem o poder de adivinhar o segredo de cada membro do grupo, como esta:

(...) Dentro do campo maçônico então nem se discute... ainda tem o lado espiritual dele que Deus o livre... o dia que eu conseguir chegar num terço do que ele é hoje eu vou me sentir a pessoa mais realizada da face da terRA... E só dele te olhar que ele já sabe o que tu tens o que tu estás sentindo... ele não te força nada... você acaba conversando com ele... colocando pra fora... e sai de lá assim na maior tranqüilidade... eu acho que aquele ali tem um daqueles ouvidos bem grande... a gente chega lá e diz: *irmAO* e ele lá naquela calma... *te acalma... vamos conversar* Eu gosto muito do irmão Carlos... Deus o liVRE (...)

O poder para o grupo é lido mesmo como “uma substância ou realidade metafísica²⁷” concebido do alto, por um ser onisciente e onipotente. Mas fora do contexto

²⁷ Cf. “Mystique et mystère du pouvoir, Michel de Certeau et Michel Foucault” par Dr. Mohamed Chaouki Zine. In http://www.philo.8m.com/mystique_et_mystère.html. Trad. nossa.

kardecista, na prática, de acordo com Zine, “há toda uma rede de práticas de poder que fazem com que o “Poder” não seja uma substância ou realidade metafísica, mas um modo particular de relações entre os indivíduos²⁸”. Contudo, essas relações foram somente estabelecidas porque se fundamentam no dogma espírita, e dentro desse contexto, o personagem Seixas é visto como uma pessoa de dons extraordinários. Essas relações, além disso, acabam permeadas pela desigualdade e até pela hierarquia, apesar de Seixas tentar minimizar este fato, quando afirma que lá “todos são irmãos”, ele é visto como um ser superior.

Ao passar pela política em sua narração, enfatizando ao mesmo tempo a busca pelo sagrado, acaba, como nos sugeriu Kofes, construindo a imagem do perseguido. A política, no modo como aconteceu em sua vida, não se mostra dissociada de sua narração sobre o mistério. Assim, o personagem Seixas se construiu como um místico, isto é, alguém associado ao mistério e ao sagrado e que por isso se sentia perseguido. O tema da perseguição é muito freqüente entre narrativas que envolvem o misticismo. Mesmo dentro do cristianismo se costuma se referir aqueles que são “perseguidos em Cristo”, isto é, aqueles que, por agenciarem o discurso cristão são vitimados pela sociedade. Ou em outro contexto, no caso dos espíritas, são perseguidos por suas crenças e práticas religiosas²⁹.

Assim, foi por causa de sua “missão” no seu ponto de vista que tivera que voltar para Belém, fundar a umbanda lemuriana e depois entrar para a maçonaria e fundar uma ordem maçônica mista. Os sentidos dados à narração parecem sempre querer evidenciar esta existência de um mundo invisível, de algo outro. Como numa melopéia, é esta a mensagem que pretende passar sempre, acenando com *récits* que traduzem sempre o mesmo signo: o do sagrado e ele fazendo uma espécie de mediação entre a substância

²⁸ Id., *ibid.*, p. 02.

²⁹ Giumbelli em sua obra *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*, narra o processo de deslocamento da doutrina espírita em seus primórdios acusada sob diversos processos judiciais até chegar a uma certa legitimação. O sentimento de perseguição desse agente deve ter vindo em parte pelo fato de ter participado de uma federação espírita, no Rio de Janeiro e depois de outra federação ligada à umbanda, em Belém do Pará. Contudo, a legitimação do espiritismo é questionável, uma vez que a sociedade mesmo hoje ainda não conseguiu livrar-se de preconceitos em relação às religiões diferentes de práticas mais institucionalizadas e aceitas, como o catolicismo, até bem pouco tempo, tido como a religião oficial do país. Cf. GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. Arquivo nacional de pesquisa, Rio de Janeiro, 1999.

“separada” do sagrado e do profano³⁰. É isso que ele busca recuperar do passado e constituir o seu mito pessoal. Ou seja, o personagem Seixas, na infância, Seixas na adolescência e Seixas na idade adulta, possuem sempre afirmado pelo narrador Seixas o signo do sagrado acenando como elemento recorrente.

O sagrado possui um cerne irracional por excelência, Bruseke citando Otto afirma que:

“Como tal dificilmente explicável ou acessível com meios de reflexão científica. Todavia existem testemunhos da experiência do numinoso, e uma predisposição não-cognitiva – a princípio em qualquer criatura – que possibilita e leva ao sentimento do numinoso³¹”

É importante salientar que o objetivo de se abordar a história de vida desse agente não é, na verdade, conforme nos sugere Bertaux, através de seus olhos ver o narrador Seixas, “mas o mundo, precisamente o seu mundo, como um periscópio”.³² Contudo, ao se analisar a visão de mundo de Seixas, se percebe que todas as suas invenções deram-se motivadas pelo modo como ele significa o mundo. Esse modo é que acaba agenciando o surgimento de uma maçonaria mista.

4.1.3) O mundo conceitual de Carlos Seixas.

Conforme Geertz, para descobrir “quem eles pensam que são, o que pensam que estão fazendo, e com que finalidade pensam que o estão fazendo” é preciso “adquirir uma familiaridade operacional com os conjuntos de significado em meio aos quais eles levam suas vidas³³”. Neste tópico tentarei compreender como Seixas vê e percebe o mundo que o cerca. As perguntas que foram feitas partiram das representações que tentam preencher o começo e o fim enquanto incertezas da vida humana. Para preencher os espaços criamos *convicções, imagens, representações*³⁴. Os temas foram apenas estímulos para que ele me falasse de suas crenças e visão de mundo, mas foram inspirados nas representações do

³⁰ Com essa dicotomia, no entanto, se tem em mente que muitas vezes o sagrado pode se profanizar e vice-versa, não havendo fronteiras nitidamente demarcadas. Tudo depende do “contexto da situação”.

³¹ Otto apud BRÜSEKE, Franz. “A técnica moderna e o retorno do sagrado”. In *Tempo Social*; Revista Sociologia USP, S. Paulo, 11 (1), maio de 1999, p. 216.

³² Cf. BERTAUX, *L’approche biographique*, p. 217.

³³ Geertz, *nova luz sobre a antropologia*, p.26.

³⁴ Kermode apud Iser, *o fictício e o imaginário*.

ambiente do esoterismo e das religiões. Quais seriam suas convicções existenciais a este respeito? Enfim, qual a *versão de mundo* de Seixas? Achei necessário conhecer seu mundo conceitual porque dessas representações surgiram *atos sociais*, além disso, é daí que se originarão – em parte, já que ele é um *nós* – os ensinamentos dados aos seus seguidores, inclusive, os sentidos que eles dão à maçonaria.

Seixas tem uma visão panteísta de Deus, afirma que ele está em toda parte, dentro e fora do mundo. Para ele, inclusive, o mundo está em constante transformação, aliás, o mundo não, este sistema solar. Explica como se dá este trânsito, dentro de uma visão de futuro que pareceu uma profecia:

(...) Nós vamos ter outro cristo então estes santos que estão aí vão ter que voltar para encarnar novamente até completar o ciclo para mudar de sistema... Então vamos dizer... vamos mudar de sistema... quando nós completarmos o ciclo... nossos ciclos nós todos... indo e vindo e tal e pá pá pá... nós já estaremos aptos a nos transportar para outro sistema onde nós vamos continuar o aprendizado... Então quando Cristo diz assim: *na casa de meu pai tem muitas moradas*... é isso aí (...)

Ao explicitar mais ainda como vê este mundo, e os níveis de *evolução*, outra palavra muito utilizada no meio, no sentido de desenvolvimento e progresso, ressaltou, quando perguntado:

(...) O diabo não existe... o purgatório... Isso são fantasias... Existe os naturais... aí é outra coisa... os naturais são aqueles que estão vindo de outros...e que ainda não tem...então conforme vai passando lá vai entrando aqui...(((Lá aonde?))) Quando vai passando de sistema... Quer dizer... eles vão entrando aqui... quando nós chegarmos também lá... já vai ser mais ou menos assim... para nos adaptarmos e tal... isso não pára nunca... Não tem alto... não tem baixo... não tem cá... não tem lá.... Nós somos uma bolinha... uma esfera no espaço sideral... Porque que nós nos consideramos grande... aquelas coisas e tal... porque dizem *sou gente não sei o quê!*, é isso que nós temos que entender para podermos ter um espírito de solidariedade.... Para que haja fraternidade... a felicidade... a saúde... tudo na vida que nós quisermos... é isso aí (...)

E já que falamos em “diabo” perguntei-lhe se acreditava em anjos, ele me respondeu:

(...) Acredito... não aquele de asas... o mundo espiritual/ eu acredito também numa coisa que muitos falam tolices... chamo por Maria a mãe de Jesus... todos os dias eu peço pra ela que me dê forças para resistir a tentação do mal... e Jesus é o messias... é o caminho... agora estão vendendo por aí...de uma forma cruel...porque esse negócio de dízimo foi inventado foi aqueles malandros pra usufruir já naquela época....teve os verdilhões do tempo (...)

Deus está em tudo, segundo seu panteísmo. O mundo é *local de passagem*:

(...) Nós temos que entender uma coisa nós estamos aqui de passagem...às vezes eu vejo por aí o pessoal fazendo certas tolices...vai se acabar de uma forma trágica... porque todos nós viemos aqui para sermos felizes... porque o que acontece... nós vamos procurar se exaltar... essas coisas... e ter o poder... o poder é uma dádiva de Deus para que você possa trabalhar pelo bem estar da humanidade (...)

Para ele, ao modo de Heráclito, tudo está em constante transformação, nada estaria isento de temporalidade. Nem mesmo o homem estaria em estado de permanência:

(...) O ser humano é a espécie que está se desenvolvendo... Todos nós estamos nos desenvolvendo... até os animais estão se desenvolvendo... E nós temos que respeitar uns aos outros (...)

Uma idéia que Seixas enfatiza bastante é a da liberdade, ilustrando-a com idéias e exemplos:

(...) Quando veio aqui aquele frei... com aquele crucifixo enorme... aí falando e tal... de Macapá... da Grande Oriente... aí aquela cruz aqui imensa... *o sr é frei?* *Por que, o sr. é católico?* *Não... eu não sou católico... eu não sou nada... nem sei o que é que eu sou..* *não... mas tem que ser e tal...eu já soube que o sr. é meio místico... mas o meu pai também fazia isso... minha mãe era espírita* Aí eu falei *bom... já que o sr. falou no espiritismo... eu acho que pra se pegar alguém não se precisa usar o lado mal...porque eu pertenco a uma ordem que trabalha só com o lado bom da pessoa...porque aí ele vai reconhecendo seus erros gradativamente dentro da sua realidade... da sua verdade*... ele disse... *porque isso aqui é um sinal de respeito* (((refere-se ao Cristo crucificado))) porque eu acho que deveria ser um

cristo de braços abertos... que recebesse a tudo e a TODOS... E outra coisa... o papa... com aquele cajado... com o Cristo pendurado assim... eu não acho justo... mas não é...vai chegar uma época que não vai ser necessário essas coisas... porque Cristo não veio pregar uma religião... veio pregar uma moral... mostrar como é que nós devemos viver... por isso dizem que ele morreu na cruz... nada DISSO.... Tem todo...(((rindo)))

Para Seixas, Cristo não morreu na cruz, mas prefere não se aprofundar nisso, porque segundo ele, ele estaria revelando algo da maçonaria, quando se discute essa questão no grau 18. O grau 18 é dedicado “única e exclusivamente a Jesus Cristo, é o grau mais polêmico”, comentou. Afirmou que a única cruz utilizada naquela época era a de Santo André, que é a dos pontos cardeais. A outra liberdade a que se refere diz respeito à liberdade de mente, e ao domínio da mesma:

(...) Agora a liberdade... a pessoa não conhece bem a noção... de qual o limite da mente humana... A força que nós temos...(.)

Os ideais de Seixas, maçom esse que tem uma genealogia ligada aos franceses, bem poderiam se resumir no lema da “Liberdade, igualdade e fraternidade”. Sobre a igualdade, ela é reivindicada quando ele funda a maçonaria mista, porque para ele, homens e mulheres deveriam desenvolverem-se juntos. Além desse lema, adiciona à sua visão de mundo suas idéias espiritualistas de evolução do sistema. Critica também a vaidade de algumas pessoas que querem *andar cheias de ouro*, e também quem quer apenas agir pelas aparências. Relembrou também de algumas de suas participações em sessões maçônicas:

(...) Olha... eu já fiz muita coisa na minha vida... agora se colocaram pedra fundamental ali... nem gosto de ver... você vê que todos os meus diplomas estão tudo por aí por dentro das caixas...(((ele me mostrou vários deles))) aí... eu só tenho a condecoração do grau 33 e a jóia de mestre instalado.. Só... As vezes... quando eu vou em loja... eu vou só com a jóia de mestre... *Seixas... você não vem pra cá?* * Olha, eu vim como mestre maçom*... Nos temos irmãos que andam com anel...vai ver... não sabem nada...(.)

(...) Eu nunca gostei de ser aquilo que eu não sou... eu gosto de mostrar o que eu sou (...)

Para Seixas, “o progresso é rotativo”. Se agora os americanos são dominantes e “estão com tudo”, ainda vai chegar a vez do Brasil, “ainda vai rodar aqui”. Em todas suas narrativas, para pensar algo que lhe perguntei, ele conta um fato e a identidade afirmada é sempre a do espiritualista que vislumbra o futuro, adivinha, se coloca como profeta.

Os deveres do maçom são, segundo Seixas: “1) seus deveres para com Deus; 2) seus deveres para com a pátria; 3) seus deveres para com a família; 4) seus deveres para com a humanidade, o maçom trabalha pela humanidade; 5) seus deveres para consigo mesmo”. Sobre a maçonaria, Seixas sempre repetia esses deveres do maçom numa escola de moralidade que deve ter como meta o desenvolvimento da pessoa, inclusive o espiritual, exercitando o lema da Revolução Francesa.

Seixas se revela, dessa forma, como um “nós” que agencia diversas polêmicas e com identificações que perpassam diversos domínios. Ele mesmo se mostra com uma identidade híbrida, ao modo de Bhabha³⁵, pois nos parece impossível essencializar sua identidade, já que, a todo momento ele circula entre diferentes domínios. È paraense, mas descendente de franceses, mora em um sítio afastado da cidade, mas já doou diversos terrenos para a comunidade, funda uma maçonaria “espúria”, mas que tem em seu segmento, prefeitos e alguns políticos. È *médium* que promove passes em crianças, por exemplo, mas é também um maçom de uma longa história; parece preferir alienar-se dos acontecimentos, mas não é o que ocorre, pois se mostra sempre informado dos acontecimentos, tendo tido também um passado de envolvimento na militância, etc. Enfim, ao conhecê-lo e ao tomar contato com o campo semântico que ele agencia, como não fundar uma maçonaria mista?

³⁵ BHABHA, O local da cultura.

4.1.4) Seixas, a maçonaria regular e a maçonaria mista.

*“Uma coisa é a perseverança de caráter;
uma outra, a perseverança da
fidelidade à palavra dada”
(Paul Ricoeur)*

No narrar de si-mesmo, de acordo com Ricoeur, “a manutenção de si na promessa³⁶”, ou “a palavra mantida na fidelidade à palavra dada” fez com que Seixas ingressasse na maçonaria. Afirma ter ingressado *por palavras*, porque prometera ao amigo, que havia lhe feito o convite inicial. Ele precisava afirmar sua constância na amizade, em uma espécie de manutenção do si e, por isso, aceitara.

Na maçonaria, Seixas preencheu a proposta, passou pelo ritual de iniciação e quebrando o protocolo, sentou-se por alguns momentos no chão, o que fez com que o “vigilante” lhe perguntasse se estava se sentindo bem, contou-me isto entre risos, parecendo querer insinuar que mesmo os rituais naquela época eram passíveis de serem modificados por ele, já que em sua maçonaria ele reinterpretou alguns rituais. Galgou toda a hierarquia, ocupou todos os cargos na sua loja-mãe, a Padre Eutíquio no. 29, continuou estudando e pesquisando, ao mesmo tempo em que dirigia a umbanda lemuriana³⁷. Citou-me alguns destes cargos: depois “de ter ido a aprendiz, companheiro e mestre”, foi 1º. diácono, 2º diácono, mestre de cerimônias, secretário, orador, venerável, mestre de banquetes, tesoureiro, arquiteto, coluna da harmonia³⁸, “todos os cargos eu passei!”, afirmou, enfático, como que para retratar sua larga experiência na maçonaria regular, ou seja, colocando-se como alguém que conhecia bastante a lógica do campo, para desafiar as estruturas do mesmo. Ressaltou que nenhum cargo é melhor que outro e todos têm sua importância e valor, ao contrário de narrativas que recolhi que contam sobre grandes disputas internas em outros segmentos pelo cargo de *Venerável* de uma loja.

³⁶ RICOEUR, *O si-mesmo como outro*, p. 149.

³⁷ A “umbanda lemuriana” foi por ele fundada em 23/04/1965, afirma ter fundado um “templo maçônico lá dentro” antes mesmo de se tornar maçom, é uma umbanda inspirada pelos lemurianos, que seria uma espécie de território perdido à maneira da mítica Atlântida, uma civilização perdida de seres bastante desenvolvidos. Afirma seguir uma linha de cura e esotérica.

³⁸ Alguns cargos tem a ver diretamente com o rito adotado, no caso, o rito escocês antigo e aceito. Outros cargos são administrativos, como o de secretário e de tesoureiro.

Nos anos 80, Seixas era *Venerável* da Loja *Padre Eutíquio* 29 e fora convocado a fundar uma loja em Ananindeua, a loja *Nicandro Seixas*, pois havia, segundo ele, “vários irmãos sem loja”, incentivado pelo Grão-mestre, ergueu um templo com recursos próprios, com a idéia de reintegrar esses “irmãos” na maçonaria. Nesta época, ele era empresário e dono de lojas em Belém, segundo o que conta, mas ao final das contas, nenhum desses *irmãos* quisera se filiar à nova loja, assim, ele precisou de novos membros para compor a loja, e acabou exercendo por isso a função de recrutar mais adeptos para a maçonaria. Conheceu nessa época José Ramos Telles, tornou-se seu padrinho, e foi ele quem se tornou depois o *Venerável* da loja *Nicandro Seixas*, quando o templo foi inaugurado e consagrado anos depois, em 1984. Afirmou ser a “história viva” da Loja *Nicandro Seixas*, e pareceu desejar também que isto fosse reconhecido, me sugerindo que fotografasse a pedra de fundação da loja³⁹. E, nos anos 90, Seixas rompeu com as regras da maçonaria regular e, agenciado por crenças espíritas, fundou uma potência considera “espúria” porque não-reconhecida como loja “regular” entre os segmentos mundiais.

O maçom afirmou que começou a receber mensagens “do astral⁴⁰” de fundar uma potência maçônica mista na cidade, ou seja, com “ordens de instalar as mulheres⁴¹”. Contrariando as *Landmarks*, decidiu assim *instalar* as mulheres na Loja, contrariando maçons da maçonaria regular. Contou Seixas:

(...) Então... eu conversando com o grão-mestre... **AH Porque não pode...não sei o QUE** Eu disse: **Olha... me diga uma coisa... pegue os nossos rituais do grau 1... 2... e 3 você não é 33... eu sou 33 então eu estudei os inefáveis e a filosofia maçônica (...)*

Na perspectiva desse agente, a maçonaria, em seu aspecto filosófico, é vista como mística, marcada pela hierarquia, em que um grau 33 seria superior a algum maçom que tenha freqüentado apenas os três primeiros graus. Dessa forma, ele se legitima (porque

³⁹ Conferir figura 30.

⁴⁰ O mundo para ele é como uma espiral, o astral seria uma região de seres superiores. E tais espirais estariam em constante movimento de transformação, com seres entrando em nosso sistema solar a todo momento, vindo de outros sistemas e também com seres deste sistema evoluindo para outros sistemas.

⁴¹ Ressaltou que não misturava as duas coisas, “quando os espíritos [chegavam]”, perguntava-lhes se a mensagem era para a maçonaria ou para a umbanda, de “linha curativa” segundo o mesmo.

conhece a lógica do jogo) e se dá o direito de fundar novo segmento apoiado no fato de ser grau 33.

É inegável que Seixas se inscreve na história da maçonaria em Belém. Contar a história de Seixas na maçonaria e fora dela, equivale a traduzir os processos pelos quais a maçonaria passa. Assim, o “terrível” Seixas (como ele mesmo se narrou) veio a movimentar a maçonaria local, ressignificando-a, dando a ela novos sentidos: foi quando o sagrado recorrente em toda sua vida irrompeu novamente e ele inventou uma maçonaria surgida desse sagrado. A potência “espúria” (na perspectiva dos maçons regulares) introduziu, assim, o conflito no espaço maçônico local, constituindo-se como um evento crítico⁴² em uma maçonaria hibridizada (porque se trata de algo mais do que apenas uma relação) ao campo religioso e que deu direito de entrada às mulheres no ritualismo maçônico.

O evento crítico do surgimento da maçonaria mista veio questionar as estruturas da maçonaria regular sobretudo em relação à *landmark* que afirma que só entra quem for do sexo masculino. Seixas agenciou essa tentativa de mudança. Ao narrarmos sua história de vida é possível compreender seu procedimento.

Quanto ao método biográfico, ao invés de revelar a história de uma vida como uma rota, como queria Bourdieu, acaba por enunciar várias relações⁴³ e ramificações que um agente (múltiplo) realiza durante sua vida. Mas, dentre várias relações evidenciadas em sua vida, abordarei, no tópico seguinte, apenas uma: a relação estabelecida com a religião e a forma como esta influenciou na criação da maçonaria mista.

Em seguida, traço a *etno-biografia*⁴⁴ de outra pessoa-personagem, Erwin Von-Rommel que agencia o esoterismo na cidade e na *Grande Loja Maçônica do Pará*. As duas trajetórias somadas ainda a outras histórias de vida revelam muito sobre o campo da maçonaria em Belém do Pará, assim como uma forte pendência local para a valorização do que é misterioso.

⁴² A continuação da trajetória de Seixas e a fundação da maçonaria mista foram descritas no capítulo anterior.

⁴³ KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

⁴⁴ Termo sugerido por Kofes durante a XXIV RBA, junho/2004.

4.1.5) Uma maçonaria no *entre-lugar*: a Grande Ordem Maçônica Mista Cavaleiro da Arca da Aliança.

A maçonaria mista de Carlos Seixas há muito estava em estado de latência em sua subjetividade. Considerou que tinha uma *missão* ao levar a idéia à sua concretização, que seria a de recuperar “o espírito da maçonaria tradicional”. Dessa forma, afirmou acreditar que sua iniciativa não partia do nada. Declarou no jornal de circulação interna da época da fundação da maçonaria mista, *O Aprendiz*:

“Quando iniciamos na maçonaria nós pesquisávamos muito, tínhamos um grupo de estudo de maçons tradicionais, e nós estudávamos de todas as formas e jeito a maçonaria, e não foi uma idéia, foi um ressurgimento, levantamento de colunas que foram abatidas para as mulheres, e nós nesse sentido não erguemos uma só loja, erguemos uma coluna do Supremo Conselho dos 7 da Maçonaria Universal, que é uma maçonaria do século IX, com outra ritualística, então achamos regular o erguimento de colunas, e o maçom é livre, ele não pode ser preso a certas determinações de certos artigos que venham empanar seu desenvolvimento maçônico. Desde que entrei na maçonaria, vejo devidas conveniências, mudanças de rituais de acordo com as suas conveniências, assim como se muda os regulamentos, então nós somos conscientes de estarmos praticando uma maçonaria justa e perfeita, de homens livres e de bons costumes, porque a missão do maçom não tem fronteiras, é fazer o bem a toda a humanidade⁴⁵.”

Após a ruptura no primeiro grupo de maçonaria mista da cidade, Seixas ainda chegou a cogitar em voltar para a *Grande Loja*, dizendo que cada um deveria seguir o seu caminho, mas o grupo que continuou com ele insistiu para que ele continuasse, considerando-se um missionário, fundou então outra potência: dirigida por esse maçom, a “Grande Ordem Maçônica Mista Cavaleiro da Arca da Aliança”. O grupo começou a se reunir e Seixas principiou a receber outra ritualística para esta ordem, retomando a psicografia maçônica.

E o “outro lado” (conforme os denomina o grupo de Seixas) além das lojas fundadas já mencionadas, fundaram a loja “Carlos Correia Seixas” em homenagem àquele que os iniciou. O grupo dissidente afirma que não se deve dar muita importância ao fato da

⁴⁵ Cf. *O Aprendiz*, Junho de 2001.

separação, eles consideram apenas que o crescimento de ambos deu-se de modo diferente, “como duas árvores” que para melhor funcionarem devem se separar.

Os componentes da ordem maçônica de Seixas foram recrutados, em sua maioria, na ordem espírita que Seixas fundara, alguns são funcionários públicos, outros chegaram a ele por acaso e são pessoas que ocupam cargos políticos de importância na sociedade, há até um prefeito de uma cidade do interior, e um vereador de outra cidade. Assim, seus integrantes revezavam-se para abrir sessões de uma ou outra loja, ao menos até 2004, e também nos cargos, sendo cada um deles *venerável* de uma loja, em um único prédio.

As lojas ainda estão se organizando no que diz respeito à atuação na sociedade, já que o grupo havia acabado de construir o templo. Os estudos maçônicos são organizados a partir das indicações de Seixas e também durante as sessões, quando há o momento da “instrução maçônica” isto é, a loja entra “em suspensão e a instrução do aprendiz é dada”. E alguns maçons, geralmente, aqueles mais voltados para a pesquisa, dão a aula. Além disso, há o “catecismo maçônico” livro adquirido por alguns membros. O ingresso desses membros ocorreu como na maioria das lojas maçônicas, com sindicância. Havia cinco propostas sendo avaliadas naquele ano de 2004. E na perspectiva de se tornar maçom o “aperfeiçoamento espiritual” era muito enfatizado como motivo para o ingresso na ordem.

Se como quer Bhabha⁴⁶, o *entre-lugar* se constitui em uma espécie de terceiro espaço, não essencializado, em que nem um nem outro se encontram, então a maçonaria mista, de Carlos Seixas, encontra-se nesse “inter”: não se trata nem de puro kardecismo, nem de maçonaria nos moldes da maçonaria regular. Mas uma terceira, uma criação ocorrida sob emanção espírita – a psicografia – que subverte com a forma das outras duas. Esse terceiro espaço, negociador de duas instâncias, compõe um híbrido, que também tem o elemento do esoterismo, em uma mistura na qual torna-se muito difícil separar tais elementos uns dos outros, quando observada a prática dessa maçonaria, caso esse, se fosse possível, constituir-se-ia em algo eclético.

⁴⁶ Bhabha, *O local da cultura*.

O ponto de contato com o espiritismo pode ser observado em outros fragmentos, recolhidos durante a pesquisa de campo:

(...) Todos lêem... Seixas indica e Seixas dá aula também... É um grande mestre... O meu mestre... Meu grande mestre... A *Grande Ordem* foi *dada* agora.. duas vezes por semestre ele vai para a sessão e J* que dirige... porque ele não enxerga.. Quando ele levanta não é mais ele.(...) (uma maçon da potência mista)

Dois elementos kardecistas destacam-se nesse fragmento de uma conversa que tive com uma maçon sobre a forma como essa maçonaria foi criada. O primeiro é a psicografia, meio pelo qual foi criada a maçonaria mista, quando ela afirma que “a Grande Ordem foi *dada* agora⁴⁷” (grifos nossos). Segundo Soares⁴⁸, que, em um artigo faz uma comparação entre a criação artística e a psicografia:

“A psicografia é um procedimento inscrito num campo de crenças e práticas eminentemente religiosos (...): o *médium*, meio, mediador, veículo ou instrumento, uma vez preparado/purificado para a tarefa, transcreve o ditado que determinado espírito lhe transmite. Para esta função são exigidas qualidades indispensáveis (*dom*, virtude, etc. comparáveis com a noção de talento, o *dom* artístico), o que significa que a concretização da operação psicográfica concede ao *médium* algum prestígio, correspondente à própria legitimidade de seu discurso, gerado psicograficamente. Claro, o raciocínio pode ser formulado como um a tautologia: para que se cumpra a ‘transcrição’ psicográfica são necessárias certas qualificações, donde o cumprimento da tarefa comprova, a *posteriori*, a capacitação valorizada do médium. Não se cultiva o anonimato, portanto não se trata de anular o autor, mas atribuir-lhe e a seu discurso uma legitimidade especial e inscrever a prática ficcional-dogmática na cosmologia kardecista⁴⁹.”

Seixas, ao demonstrar seu dom mediúnico, legitima-se em contexto espírita (mas não na maçonaria regular⁵⁰), mostrando-se capaz de transcrever mensagens (os rituais) de

⁴⁷ É válido lembrar que a primeira maçonaria psicografada havia sido o “Supremo Conselho dos 7 da maçonaria universal”. Mas depois eles se separaram do grupo de Seixas e este entregou-lhes essa ordem.

⁴⁸ Cf. SOARES, Luiz Eduardo. “O autor e seu duplo: a psicografia e as proezas do simulacro” in *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, no. 04, pp. 121-140.

⁴⁹ *Id;Ibid*; p. 131.

⁵⁰ Apesar disso, conforme o autor, MOULIN, Milton. *Treze instruções para aprendizes maçons (REAA)*, a psicografia e o espiritismo são temas estudados pelos maçons.

cunho maçônico, além de receber também pinturas mediúnicas (os estandartes das lojas maçônicas), e, por isso, conjuga nesse caso duas identidades: a de *médium*⁵¹ e a de maçom. Os maçons-espíritas entrevistados, inclusive aquela cuja declaração está acima, no texto, declararam sua completa admiração pelo *médium* Seixas, de forma que, em contexto espírita ele é completamente reconhecido. Segundo Soares, a psicografia é obtida através de “atos sucessivos de afastamento (purificação, concentração) do *médium*, isto é, da ativação de uma dinâmica de desligamento social ou quebra simbólica dos elos imediatos e mediatos que o ligam ao mundo dos homens⁵²”. Tal afastamento se fez necessário para que o processo narrado por Seixas e seus seguidores se efetivasse, conforme demonstra o seguinte fragmento:

(...) Ele recebeu o nome das lojas e as pinturas... Ele vai para a Secretaria e fica lá...Ele se recolhe pra lá e vai recebendo... Ele começou a receber na Ordem (...) (uma maçom de sua potência)

A psicografia iniciou-se na Ordem que ele havia fundado, quando foi pedido pelos “maçons desencarnados” que ele fundasse essa maçonaria e que iniciasse as mulheres. Em seguida, deu-se prosseguimento ao processo no templo construído em madeira, dedicado a essa maçonaria, no próprio terreno de Seixas, em Ananindeua. De acordo com Soares, “pode-se definir a operação psicográfica como a dádiva da entidade espiritual no sacrifício da individualidade⁵³”. Inclusive a modéstia e a humildade, pregadas por Seixas, são qualidades recomendadas para o *médium*, quando em fase de recebimento de mensagens psicografadas, segundo Soares. Dessa forma, a individualidade se vê sacrificada, para que o *médium* se torne uma espécie de “veículo vazio⁵⁴” que dá lugar a uma “identidade, um nome e atitudes restritas ao momento intermediário e decisivo do rito⁵⁵”. Além disso, a “dádiva da entidade espiritual” a que se refere Soares, no caso em estudo, se tratavam de espíritos de “grandes maçons”, como informou uma maçom:

⁵¹ De acordo com Soares, o papel do *médium* por definição é o da “mediação. Se há mediação há dois pólos ou dois domínios relacionados pela intermediação: os homens ou o domínio “encarnado” e os espíritos ou o domínio “desencarnado”. Cf. Soares, *op. Cit.*, p. 133.

⁵² *Id; Ibid;* p. 133.

⁵³ *Id; Ibid;* p. 134.

⁵⁴ *Id; ibid;* p. 133.

⁵⁵ *Id; Ibid;* p. 133.

(...) Essas lojas foram enviadas por grandes maçons que já estão em outro Oriente, eles vieram pra fundar essas lojas(...)

Aliás, todos os maçons entrevistados de seu segmento confirmaram a psicografia e a importância de Carlos Seixas nessa criação. As mulheres de sua maçonaria reconhecem que não teriam entrado em ritualismo maçônico nenhum, na cidade⁵⁶, se não fosse a *agência* de Seixas:

(...) Conheci ele na loja... O mestre Seixas ele é o mentor da loja... ele é grau 33... é a pessoa mais importante da nossa loja... da nossa ordem... ele que nós dá a luz... porque na época em que houve o desmembramento da loja da qual nós fazíamos parte... que eu também fiquei um pouco alheia porque eu estava entrando né... ele que nos deu toda a orientação necessária e tudo... então...a maçonaria tem um lado espiritual então ele tem esse dom... ele recebe as entidades... então sem ele...não existiria a nossa loja (...)

(...) Ele recebeu dos espíritos... O ritual da ordem... ele que recebeu... então ele é a pessoa que recebe as entidades... fundou a nossa loja realmente... Ele recebeu a nossa loja através das entidades... nomeou a nossa loja através das entidades... Se não fosse ele nós não existiríamos como maçom (...) (maçom e historiadora do segmento de Seixas)

As lojas do *Supremo Conselho* (a primeira potência fundada antes da divisão) com exceção da loja “Resistência do Grão-Pará”, foram todas sugestionadas pelas “entidades”, bem como a ritualística da ordem; conta em *O Aprendiz*, um jornal de circulação do segmento, que ao que parece teve apenas um número, em junho de 2001:

“As reuniões provisórias para erguer as colunas do Supremo Conselho dos 7 da maçonaria universal foram realizadas, resgatando a tradição da Arte Real dos primitivos maçons, pois não existia Grande Loja e Grande Oriente, de uma potência não frequentar a outra, pois o G.A.D.U. quer harmonia entre os maçons e que façamos o bem a todos sem preconceito de raça, cor, credo, e que todos creiam num Ser Supremo, que é Deus. Então estava fundada a loja Resistência do Grão-Pará. Na sequência, tínhamos o objetivo de erguer as colunas da maçonaria do século IX, em Marselha e que foi destruída pelas guerras do Mediterrâneo,

⁵⁶ Há outras maçonarias mistas pelo Brasil e outras ainda exclusivamente femininas. Mas não cheguei a fazer o mapeamento, já que este não era objetivo desse trabalho. Nenhuma delas foi psicografada.

tendo as suas colunas abatidas no século XIII, e com o mesmo intuito vieram Jacques de Molay, Inácio de Loiola e outros irmãos⁵⁷.”

Enunciar a transcrição de personagens famosos através de competentes médiuns é algo aceitável em contexto espírita, quando se tornou algo comum anunciar uma nova obra literária de algum escritor famoso, por exemplo. Portanto, não se deve surpreender diante do anúncio de que maçons famosos na história, como Jacques de Molay, estiveram presentes no ritual mediúnico da psicografia de Seixas. Para Seixas, inclusive:

(...) Jacques de Molay foi o ultimo grão-mestre desta época... Felipe Gregório conseguiu queimar Jacques de Molay na fogueira... A maçonaria é composta de 7 senhores... e Felipe o belo conseguiu queimar Jacques de Molay na fogueira (...)

Em sua visão, não deveriam ter feito isso porque a “maçonaria é amor”.

No processo de acusação à legitimação das práticas espíritas, o espiritismo passou a defender a caridade, como algo que compunha o que a instituição dizia sobre si mesma, diante de uma sociedade que se opunha às suas práticas, semelhantemente à maçonaria com a questão da filantropia⁵⁸. Ambas as instituições buscaram uma legitimação pela sociedade, acabando por constituir a caridade ou filantropia como valores intrínsecos ao grupo. Mas cada instituição interpretou esses tópicos de uma forma⁵⁹.

Quanto à mediunidade, o espiritismo passou a propor a criação de uma “escola de médiuns” em meados de 1903, no Brasil, pois, de acordo com Giumbelli⁶⁰, o “*estatuto da mediunidade*” era “central na construção da identidade espírita” e tal ato visava definir o “*caráter do médium*”. A mediunidade (e o médium) era concebida, segundo Giumbelli:

⁵⁷ *O Aprendiz*, junho de 2001.

⁵⁸ Giumbelli observa que a FEB (Federação Espírita Brasileira) no período até a década de 20, “aparece ao lado da maçonaria como uma instituição de caráter misto (civil e religiosa), destacando-se os seus serviços de “assistência moral e médica, física e espiritual, bem como o socorro material”. Cf. Giumbelli, *op. Cit*, p. 245-246.

⁵⁹ Conforme já vimos, a filantropia é algo interpretado de diferentes formas na maçonaria; a caridade, para o espiritismo, faz parte da constituição de uma identidade espírita, sendo parte de uma doutrina, pois as almas devem se ajudar umas às outras. Alcança, portanto, raízes no Cristianismo e na doutrina do “amor ao próximo”. Na maçonaria, a filantropia é algo mais palpável, associada à doativos em materiais e recursos financeiros.

⁶⁰ Giumbelli, *op. Cit*, p. 182.

“Como uma ‘faculdade’ natural presente no ser humano, sendo que para sua manifestação bastaria um ‘treinamento’ adequado e uma boa ‘preparação’ doutrinária”. Era esse o modelo subjacente ao projeto de ‘escola de médiuns’ (1889) (...) no qual se recomenda aos ‘médiuns’ de ‘efeitos inteligentes’ (voltados, por exemplo, ao recebimento de mensagens psicografadas) que sejam indivíduos ‘mentalmente sadios’, com um ‘conhecimento profundo da doutrina’, sempre apoiados por seus ‘guias’ e ‘espíritos protetores’. É essa também a orientação predominante da ‘escola de médiuns’ implantada pela FEB em 1903, em cujos objetivos transparece bem a idéia do ‘médium’ como um indivíduo possuidor de faculdades a serem desenvolvidas e orientadas. Uma outra concepção de mediunidade pode ser depreendida de um artigo assinado por Bezerra de Menezes (...) em 1895: ‘a mediunidade é uma graça, que faz o homem sócio de Jesus na propagação de verdades eternas’. Compara-se o médium ao ‘sacerdote’, sublinhando ser ele o detentor de uma verdadeira missão. (...) nesse caso, mediunidade aparece menos como uma ‘faculdade’ do que como um ‘dom’, uma ‘eleição divina’. (...) Não se nega a importância da doutrina na formação do ‘médium’, mas este passa a ser considerado pela totalidade de suas ações, avaliadas segundo um critério moral. (...)”

O segundo elemento de contexto espírita presente nos discursos sobre a prática dessa maçonaria mista diz respeito ao transe mediúnico. Conforme mencionado nos trechos relevados, além de o maçom Seixas atuar como *médium* com o intuito de renovar a maçonaria, criando novo segmento em novos moldes, ele também por vezes parece entrar em transe mediúnico durante algumas sessões de sua *Grande Ordem*...realizada somente quatro vezes por ano.

Assim, essas “sessões especiais” têm muito de kardecismo. Seixas entra em transe mediúnico com facilidade, e constantemente seus seguidores afirmam estar conversando com ele e, de repente, ele passa a falar diferente, com novo vigor, e depois “quando retorna” já não sabe o que disse, perdendo a noção de tempo e espaço⁶¹.

De acordo com os dados recolhidos em campo, se esoterismo tem a ver com o desenvolvimento da mente, Seixas defende o desenvolvimento do espírito, logo, pode-se dizer que neste sentido sua maçonaria é esotérica, já que cuida mais da parte espiritual, o

⁶¹ Eu mesma presenciei esse acontecimento várias vezes.

próprio diz que “maçonaria é esoterismo”. Coloca-a em outro lugar que não o do espiritismo, afirmando que a maçonaria não é religião, e sobre o espiritismo, considerando-o uma ciência. O lugar da maçonaria, para Seixas, como também no meio maçônico, é o do aperfeiçoamento da pessoa, por isso ele participa de um campo maçônico. Quanto aos ensinamentos cabalísticos, ele afirma transmiti-los muito lentamente, porque a cabala é algo muito forte e seus maçons podem não estar preparados.

Seixas não participa de todas as sessões da ordem maçônica que ocorre todas as terças-feiras. Ele possui uma “deputada”, que é sua substituta e é ela que o representa nas sessões. A maçonaria, sem sua presença, transcorre como todas as outras. O rito utilizado nas sessões semanais é o *Rito Escocês Antigo e Aceito*. As inovações propostas pelos *espíritos desencarnados* deram-se apenas no início e no fim da cerimônia. Não tive acesso a todo ritual. Sei apenas que a água foi acrescentada: antes de iniciar a sessão, os maçons devem lavar as mãos. E há também uma oração que fizera parte da psicografia. Mas Seixas afirma não estar inventando nada, apenas corrigindo:

(...) Existe... no mundo espiritual... um descontentamento muito grande de ver as modificações maçônicas... Estão mudando e um monte de outras coisas deixando de fazer...hoje em dia se você perguntar para muitos maçons as coisas mais simples eles não sabem... Se você perguntar pra um maçom que ele quer fazer lá dentro... ele não sabe...então nós temos isso também... Esse mundo espiritual tem uma coisa... dos maçons tradicionais... eles querem trazer novamente a essência maçônica (...)

Para reforçar ainda mais seu argumento, em outro momento retoma o assunto:

(...) Eles estão tolhindo as coisas... estão tirando... O banquete ritualístico⁶²... por exemplo... só tem loja que faz banquete ritualístico é a Firmeza... a Renascença... porque quem faz

⁶² Mendes revela em seu livro toda a terminologia deste banquete: “os nomes e expressões utilizados, obrigatoriamente, nos banquetes ritualísticos, são os seguintes: Armas ou canhões: copos ou taças; Pólvora fraca: água; Pólvora amarela: cerveja; pólvora preta: café; pólvora forte (branca ou roxa): vinho; pólvora fluída: champanhe; pólvora fulminante: licores; materiais: iguarias; demolir os materiais ou mastigar: comer; fazer fogo: beber; carregar: colocar bebida nos copos ou taças; alinhar: colocar em linha os copos ou taças; mastigação ou recreação: refeição; pedra bruta: pão; telhas: pratos; trolhar: colheres; picaretas: garfos; espadas ou alfanges: facas; barricadas: garrafas; bandejas: travessas; bandeja grande: mesa; bandeiras: guardanapos; bandeira grande: toalha; areia branca: sal; areia amarela: pimenta; estrelas: luzes. Quem errar um desses termos ou infringir outra qualquer regra do ritual de mesa, sendo denunciado, terá que pagar a

iniciação... no término... é muito lindo o banquete ritualístico... não pode ter visitante... os familiares... profanos... aquela coisa toda... Por que? Justamente... é o encerramento do cerimonial... Então tudo tem um nome diferente... a cerveja... o vinho... a água... os talheres...o copo tem nome diferente...então tem muita gente que não sabe mais disso... por que? Se perderam no tempo... Vão mudando... vão mudando... se você perguntar pro maçom também de 20 anos pra cá... **Mestre, o sr. é mestre-maçom? Eu queria saber com quantas estrelas entra o grão-mestre?** Ele não sabe... Tem uns até que dizem **o que é estrela?** A estrela é a guarda de honra do grão-mestre... Ele entra com as estrelas... uma vela e o bastão e forma uma abóbada para a entrada... E outras coisas que estão se perdendo...Aqui quando tem iniciação é banquete ritualístico...(((O sr. quer manter a tradição?))) Toda TRADIÇÃO... O pessoal que saiu daqui eles não querem fazer o banquete ritualístico **ah porque banquete ritualístico não é necessário**

As sessões semanais maçônicas até 2004 aceitavam visitantes de outras potências. Depois que ocorreram alguns fatos que o grão-mestre da potência considerou um desrespeito com as mulheres, ele passou a regular mais a visitação. A partir disso, os visitantes só podiam entrar em sessão se fossem indicados por algum membro. Mesmo com limites, as visitas continuaram e eles foram bem recebidos, porque o grão-mestre considera que eles devem ser “fraternos”. Os procedimentos da sessão semanal são semelhantes ao de todas as outras lojas que adotam o Rito Escocês. Já as reuniões da Grande Ordem é Seixas quem as preside e trata-se de uma sessão extraordinária, restrita aos membros da loja, o rito utilizado nesse caso é secreto e fora “recebido de espíritos de maçons desencarnados”. As sessões em que o médium recebera tais instruções foram todas gravadas, mas não me fora permitido o acesso às gravações. Este ritual, pelo que me informaram, é único e vem dos egípcios. Naquela época, segundo uma Venerável:

(...) Eles vinham sem roupa... A adaptação que se fez é que hoje nós usamos roupa... E também na economia... porque eles queriam ouro e isso não era possível (...)

seguinte multa: “fazer fogo” com uma “arma” carregada com “pólvora fraca”, que lhe será apresentada pelo mestre de cerimônias.” Mendes, *op. Cit*, p. 71.

A sessão é simbolicamente presidida por Zoroastro⁶³. A decoração lembra os egípcios, as cores predominantes são o negro e o dourado, inclusive na indumentária utilizada. Afirmou uma maçom:

(...) Eu comecei a exercer a função de Zoroastro é ele que recebe todos os fluidos necessários para iniciar a sessão... Aquele momento é o correto para iniciar a sessão... (((Como tu sabes que chegou o momento?))) E depois de todos ali... depois de ser feita a oração⁶⁴, depois de todos estarem instalados... aí o Zoroastro... ele pega e determina o início da sessão... É ritual direto da Grande Ordem (...)

Mesmo que seu fundador insista em distinguir o espiritismo da maçonaria, sua criação faz pensar. Na prática, o que ocorre é que um maçom, que nunca se desvencilha do fato de ser um *médium*, exerce o cargo de grão-mestre de um modo diferente, pois, muitas das vezes, pode estar em transe, de acordo com seus adeptos. Tal fato é muito bem aceito e admirado entre eles. Por isso, tal maçonaria parece se sacralizar, em contato direto com o divino, ou o astral, como diz outro informante. Seus adeptos sentem-se privilegiados, e sequer parecem se importar com o fato de se tratar de uma “potência espúria” do ponto de vista da maçonaria regular. Afinal que maçom pode anular sua individualidade e servir como um veículo para trazer mensagens de conteúdo maçônico para seus adeptos?

O fato chegou a assustar alguns membros iniciantes, que logo acharam muito interessante a situação, e assim, esta maçonaria acaba tendo no contato com o espiritismo o seu ponto forte: trata-se de uma maçonaria sacralizada, revelada por *outro* mundo; os sentidos dados a ela tornam seus integrantes como aqueles preocupados com a busca mística, e que teriam encontrado um instrutor, um profeta, ao modo de Weber, adequado para esta ânsia. Uma maçonaria singular que utiliza um rito único, inventado, nas suas

⁶³ “Zoroastro ou Zaratustra (Rages?, Irã, 628 a.c. –551 a. c.), fundador do zoroastrismo ou masdeísmo reformado, cujos discípulos são chamados na Índia de parses. Dizia ter tido uma visão de Ahura-Mazda, senhor da Sabedoria, e dele ter recebido a missão de pregar a verdade. Ensinava que Ahura-Mazda era o maior dos deuses e, dentre uma multidão de outros deuses, o único digno de adoração. Essa doutrina penetrou profundamente a religião da Pérsia aquemênida. O dualismo de Zaratustra também teria influenciado a religião dos judeus na época da diáspora, produzindo depois as diversas formas do maniqueísmo.” *Enciclopédia Larousse Cultural*, p. 6175. Conforme Da Camino, Zoroastro foi o segundo a fazer a transmissão dos “mistérios do Sol e de Mitra”, para ele a maçonaria “realmente teve raízes muito profundas em zoroastro, como as tivera em Buda”, sobretudo no que diz respeito aos cerimoniais. Cf. DA CAMINO, Rizzardo. *Simbolismo do Primeiro Grau: aprendiz*. Madras ed., 1998.

⁶⁴ Trata-se de uma oração que pede pela igualdade, pela solidariedade e pela felicidade da humanidade.

sessões especiais, presidida por Seixas. O que ocorre é que se afirma que existe este ‘outro mundo’ e este ‘outro mundo’ está presente nessa maçonaria, revelada por “entidades espirituais”.

Para Seixas, a maçonaria é fortemente marcada pela presença deste outro mundo, conforme o seguinte trecho:

(...) Quando eu dou instrução... de aprendiz... companheiro e mestre... eu me aprofundo muito e às vezes eu entro em transe com os maçons antigos e falo e coisa aquela coisa toda e já modifiquei muitas coisas do errado para o certo (...)

A perspectiva dos que entram nesta maçonaria acaba por dar-lhe um perfil e revelar muito também sobre a prática maçônica desta ordem, assim:

(...) eu sempre tive interesse por tudo aquilo que era esotérico... por tudo aquilo que partia para o lado espiritual... então eu tenho um irmão que é maçom...e eu comecei a freqüentar muito o círculo deles... Da maçonaria masculina... Não como dama da fraternidade... mas como irmã do meu irmão eu ficava participando com eles... eu participava de eventos... tudo que acontecia eu tava participando... E comecei a me interessar... então a esposa de um dos maçons... amigo do meu irmão me convidou... a fazer parte da loja mista... que seria a primeira loja (...)

Diante do exposto, se nota que a tentativa de separar o que maçonaria do que é kardecismo torna-se tarefa impossível, pois, na prática, os dois elementos se misturaram de forma irreversível. A maçonaria nesse segmento voltou-se completamente para o lado espiritual, místico, esotérico. De acordo com os seguintes fragmentos:

(...) Quando eu vou à maçonaria é um dos poucos momentos que eu peço... que eu agradeço a Deus... entendeu? É um dos poucos momentos que eu me aproximo mais do meu lado espiritual... apesar daquela história de a maçonaria buscar o lado material... mas a pessoa que trabalha muito... que só trabalha o lado material...é lá na maçonaria um dos poucos que ela está desenvolvendo o seu lado espiritual... Então como eu não sou espírita... não sou católica... como não sou...não tenho assim nenhuma afinidade religiosa... a maçonaria é o momento que eu oro... é o momento que eu peço... que eu agradeço a Deus... embora não seja religião...mas tem perfil religioso (...) (maçom e historiadora)

(...) Hoje sou venerável da loja maçônica *Cavaleiros dos Grandes Mistérios no. 01* e isso me orgulha muito... não por ser venerável e sim por ter tido a oportunidade de conhecer a verdadeira luz... porque a nossa maçonaria visa unicamente o lado espiritual (...)

Mas seu aspecto solidário também é ressaltado:

(...) Fui convidada por um grupo de pessoas para fundarmos a maçonaria mista em Belém... aceitei... Pois sei que sou uma maçom nata... a maçonaria já fazia parte de mim há muito tempo.... O prazer que sinto em ajudar os outros é muito forte... e na maçonaria esse é o ponto-chave... Foi aí que encontrei/ que me encontrei como pessoa (...)

(...) Ser maçom é tratar bem os outros... Ser honesto... Sair da loja e levar isso para qualquer pessoa mesmo não sendo seu irmão (...)

Para uma *Venerável*, a maçonaria significa: solidariedade, amor, fraternidade. E isso está dentro dela. Depois da iniciação, algumas delas afirmam que se tornaram mais tolerantes, e começaram a ver as coisas de outro jeito. Além disso, afirmou:

(...) melhorou no controle da mente.... Temos força mental... mas tem que saber usar (...)

Seixas aprofunda-se também em alguns aspectos da maçonaria. A *palavra semestral*⁶⁵, por exemplo, se tornou motivo para dar aconselhamento e diretriz moral:

(...) A palavra semestral é um conselho que o grão-mestre te dá e todas às vezes tu vais ter que te lembrar daquela palavra... existe essa palavra... então às vezes eu to agoniada... querendo matar todo mundo... aí eu lembro da palavra... lembro do que nos foi recomendado... aí eu dou uma refreada entendes? Fim de semestre tem a palavra que nós devemos nos lembrar.... As entidades passam pra ele e ele passa pra gente...muito interessante... É interessante porque faz com que a gente lembre... olha... às vezes eu fico querendo que todo mundo faça rápido pra mim alguma coisa... quero aquilo imediatamente... se não tiver aquilo o mundo vai cair e eu tô aborrecida com uma situação... aí eu lembro do que foi dado na palavra semestral e isso me desarma... Eu acho interessante...isso me causou um efeito muito importanTE... Aquela palavra que o grão-mestre deu naquele dia pra mim ta me guiando todo esse período...eu acho interessante o poder que a maçonaria exerce sobre ti...

⁶⁵ Cf. nota 197, do capítulo “um mundo à parte: os multilugares do campo”, p. 82.

tu vais uma vez por semana... mas aquilo ali tem influência sobre as tuas atitudes... sobre o teu dia-a-dia... então nisso eu agradeço muito... sempre tem a palavra (...)

O cotidiano maçônico de alguns integrantes é diferente. Seixas e outras maçons, por exemplo, às 5 da manhã e às 15 horas, fazem “vibração da ordem⁶⁶ e da maçonaria”, isto é, pela ordem umbandística pedem pelos doentes, pela família e pela humanidade, e pela maçonaria, quando a “vibração é outra”, pedem pela humanidade, pelos maçons e pela família, então se invoca o “olho que tudo vê⁶⁷”.

A associação com o misterioso parece estar sempre presente, em todos os momentos da prática dessa maçonaria. Por exemplo, quanto à função do Venerável : consiste, do ponto de vista esotérico, segundo uma maçom, em “uma abertura de força para você. O venerável recebe a luz e tem que espalhar para os demais, fazendo um triângulo”. Afirmar que quando sai e entra na loja sente um “negócio bem intenso, uma alegria muito grande”.

A maçonaria, denominada também de “arte real”, sob a direção de Seixas tornou-se, desta forma, o próprio contato com o sagrado. Em suas reuniões pratica-se maçonaria (em um templo de desenho maçônico; com as indumentárias maçônicas, ritos, estandartes, estudos maçônicos, etc.) mas tudo tem um toque de renovação agenciado pelo elemento irracional.

É válido ressaltar também que passado o momento de constituição dessa maçonaria e encerrado o recebimento dos rituais maçônicos por meio do ritual psicográfico, esse segmento passou a praticar com regularidade a sua maçonaria e expandiu consideravelmente o número de integrantes em 2005, desta vez, com membros que não se relacionam ao espiritismo, nem pertencem à ordem umbandística que o agente fundara. Além disso, integrantes que estavam participando, desde o início, de sua maçonaria, encontravam-se, então, em 2005, estudando os “graus inefáveis” e sendo submetidos às ritualizações desses graus, inclusive ao cerimonial do grau 18.

⁶⁶ A ordem espírita que ele fundou.

⁶⁷ Símbolo egípcio, também chamado o “Olho de Hórus”, significa, entre outras coisas, o próprio Deus, onisciente e onipotente.

Enfim, a espiritualidade é um tema que perpassa todas as maçonarias, inclusive a regular, constituindo-se em um dos aspectos da maçonaria, mas analisando a potência mista, observamos que essa busca acabou por constituir uma maçonaria híbrida – colocada entre.

4.1.6) Sobre as mulheres da maçonaria mista.

*“Uma mulher, um aleijado, ou um escravo não podem ingressar na Fraternidade”
(landmark, no. 18)*

Como já foi dito, aqueles que são contra a entrada da mulher na maçonaria citam as *landmarks*, no caso, a que nos serviu de epígrafe, e a imutabilidade dessas leis. Caso elas sejam modificadas, não se estaria fazendo maçonaria, conforme essas posições ressaltadas no meio maçônico. Aqueles que são a favor da entrada da mulher no ritualismo maçônico, desqualificam a figura do autor dessas leis, dizendo que ele era apenas um capelão, não se devendo, portanto, levá-lo tão seriamente. Há aqueles que recorrem ao contexto histórico da época em que essas leis foram firmadas, para compreender o motivo da proibição. Esses discursos foram proferidos mesmo por maçons da maçonaria regular bem posicionados no campo, a exemplo de Von-Rommel:

(...) Olha eu considero James Anderson... foi o compilador das constituições como uma pessoa profundamente machista e desequilibrada... e refletiu uma época... de hipocrisia... ele foi chamado para compilar as constituições ou seja...ninguém estava perto... para lembrá-lo que as mulheres faziam parte da maçonaria antes de 1717 (...) então ele com toda frustração e ranço religioso... conseguiu fazer o que está aí e nós por uma condição de conveniência e tradição... não contestamos... e graças a Deus que tem pessoas que não aceitam determinadas coisas e contestam elas conseguem... então elas mudam...então graças a essas pessoas é que o mundo progride (...)

Outros maçons favoráveis à presença da mulher na maçonaria, ressaltaram, no entanto, que o mesmo rigor que deve ser observado para a entrada de um membro do sexo masculino na Ordem, deve ser aplicado à admissão de uma mulher. Como parte do processo levado a termo pelo surgimento da maçonaria mista como um evento crítico, alguns deles passaram a defender a fundação de uma potência exclusivamente feminina,

outros, como *Salazar*, afirmaram a posição de que a maçonaria deveria ser mista mesmo, homens e mulheres juntos, pois, caso contrário, repetir-se-ia o mesmo erro do fundamentalismo. Acham portanto justo que a proibição seja revista. No caso do fundador da potência mista, este afirmou a origem mítica da maçonaria, buscando uma época anterior ao patriarcado, que foi quando, segundo ele, as mulheres participavam da maçonaria. Nesse caso, em sua perspectiva espiritualista, Seixas estaria recuperando uma tradição e não inventando algo novo. O que está em discussão, além da questão da mulher na Ordem, é também a da tradição: a maçonaria é um grande exemplo de *tradição inventada*, conforme nos ensina Hobsbawn. E nessa invenção, a instituição fora estruturada sem a presença das mulheres, ao menos para a modernidade. Modificar tal estrutura equivale a mudar um *nomós* do campo maçônico e encontra, por isso, grande resistência. Seixas afirma que se deve pedir desculpas às mulheres pelo longo processo histórico de exclusão:

(...) Então nós temos de pedir desculpas às mulheres por termos este tempo todo no Brasil discriminado-as com aquela coisa de Dama da Fraternidade (...) Onde é que está a liberdade... igualdade e fraternidade? Elas foram excluídas (...).

Ao contrário de concordar com o argumento de que as mulheres não saberiam guardar segredo, Seixas revelou sua surpresa ao observar a seriedade com a qual elas “*estudam, aprendem e sabem guardar os segredos muito bem, ao contrário do que muitos maçons imaginavam*”. Afirmou ainda que existiram maçons famosas, no passado, como Maria Desraime, Josephine, esposa de Napoleão Bonaparte, Imperatriz Catarina II da Rússia. Vale a pena reproduzir a visão de gênero que Seixas possui:

(...) No plano espiritual... não tem homem nem mulher... tem afinidade... a nossa árvore ela é construída por afinidade... outra é que a mulher não guarda segredo.... Olha... você já viu que eu tenho um aprendizado em maçonaria... a mulher ela aprende muito mais que os homens...é a realidade... a GL é uma pessoa...a GC... a AE...e outras que estão...todas dentro...existe um respeito muito maior que a pessoa possa imaginar... agora o que não pode é a pessoa que nem conhece vir criticar... O que acontece é que as pessoas se apegam a umas coisas que não são legais...digo pelo reflexo e pelo grau que eu tenho em maçonaria... com toda sinceridade... todos nós viemos de uma coisa só... você não distingue mulher e homem (...)

Há aqueles que discordam da presença da mulher no ritualismo maçônico, porque, segundo eles, o ritual maçônico seria inteiramente masculino. A mulher já se identificaria com rituais considerados mais “femininos” como os rituais da Wicca, do Candomblé, etc. que são ligados à natureza. Para um informante, inclusive, estudante de ocultismo, não-maçom, não seria aconselhável à mulher que ela participasse de um ritual tão “masculino” como o maçônico, pois ela passa por ciclos menstruais, assim ela se prejudicaria⁶⁸.

Opinião essa veementemente contestada pelo maçom Seixas. Para ele, deve haver igualdade entre homens e mulheres, “direitos iguais”, e os maçons na maçonaria mista são considerados todos irmãos:

(...) Então... a divergência que existe é do Grande Oriente e da Grande Loja é que eles querem fazer a Loja das mulheres mas não têm coragem de FAZER... Por que? Porque não querem ferir os demais irmãos de outros Estados... Mas a Grande Loja e o Grande Oriente são lojas que possuem sua autonomia... não depende de fulano ou sicrano para fazer as coisas... é uma questão de boa vontade... então as mulheres dos maçons lá se chamam “cunhadas”.... Que é a “associação das damas da fraternidade” que é uma associação independente da maçonaria... mas que são só de mulheres de maçons... Os filhos dos maçons são todos “sobrinhos” agora nós aqui somos Irmãos (...)

A sua visão política da questão não deixa de estar desvinculada de uma ideologia de cunho “esotérico”. A política, assim, não se desvincula de suas crenças, de seu “mundo místico-esotérico”. E uma não coexiste sem a outra. No meio esotérico, na frase atribuída a Hermes Trimegisto (“Assim como é acima, também é abaixo”) parece traduzir bem o espírito de Seixas, frase que, segundo Leadbeater⁶⁹, fora “adotada por rosa-cruzes, alquimistas e estudantes da Cabala”: ou seja, abaixo a política, acima seu franco esoterismo, que ele toma por sinônimo de maçonaria:

(...) Porque o homem esotericamente falando ele não pode ir pra cá e a mulher pra cá (((Faz gesto com as duas mãos e o dedo indicador apontando para duas direções opostas))) Eles têm que se unir para fazer a estabilidade... o homem e a mulher os dois são iguais em tudo em

⁶⁸ De qualquer modo, a maçonaria mista de Seixas, ao criar nova ritualística, incluiu elementos considerados “femininos” em sua simbologia, como a água, talvez mesmo “corrigindo o que estava errado”, como afirmou.

⁶⁹ Leadbeater, *op. Cit.*, p. 26.

TUDO... É uma questão do homem é uma parte... a mulher é outra que...a geração...Mas tem que estar juntos não pode ir pra cá e outro pra cá (...)

Uma maçon da potência mista afirmou ainda que quando se entra em sessão maçônica, se entra em ambiente sagrado, portanto, o valor seria dado ao espírito e não ao corpo:

(...) Na maçonaria não existe o masculino e o feminino... Existe muita distorção na arte real... O que acontece numa sessão? Tem que entrar com o espírito... não com o corpo (...)

Dessa forma, alguns maçons ao recuperarem uma representação de maçonaria voltada também para o esoterismo, em que a crença na existência de uma espécie de “energia” é algo corrente no meio, lembrou o que afirmou Magnani⁷⁰, a respeito do que ele denominou de “neo-esoterismo”, pois, para ele, a “moeda de troca do neo-esoterismo” seria a *energia*. Diante disso, declarou um maçon que pertence ao segmento de Seixas:

(...) Espírito não tem sexo... espírito é **energia**. (maçon da maçonaria mista, engenheiro, Rosacruz e Golden-Dawn)

Com isso, os integrantes da maçonaria mista a colocam em um espaço “entre”: *entre* o campo da maçonaria, o campo da religião e o campo do esoterismo. Agenciam, dessa forma, uma representação de maçonaria relacionada, por um lado, às “Escolas de Mistérios” ou “organizações de Iniciação⁷¹” – o campo do esoterismo; por outro lado, ao espiritismo kardecista (campo da religião) e, ainda, ao mesmo tempo, tal maçonaria mista participa de um espaço de lutas propriamente maçônico.

O tipo de discurso que declara que a mulher se prejudicaria se entrasse em um universo considerado masculino não é algo novo. Adrião⁷², ao fazer uma etnografia sobre os pescadores de um município bastante freqüentado pelos turistas, Salinópolis, no Pará, observou que os nativos constroem seu mundo em torno de crenças como a da existência

⁷⁰ Magnani, *Mystica urbe*.

⁷¹ Cf. Hutin, *As sociedades secretas*.

⁷² Cf. ADRIÃO, D. *Pescadores de sonhos*, Unicamp: IFCH, 2003.

dos encantados⁷³, da crença no poder das “benzedeiras” e “curadores” entre outras. Notou que a presença das mulheres nesse universo é maior do que a dos homens, sendo que este, nos primórdios, era considerado como de essência, “masculino”. O mesmo discurso é dito sobre a presença da mulher na maçonaria masculina ao se referirem aos seus ciclos menstruais e à constituição de seu corpo como o motivo de sua não participação na maçonaria um argumento proferido em uma cidade como Belém do Pará, constituída de muitas migrações do interior do Estado. Comenta Adrião que a participação da mulher na pajelança ainda é “subordinada em relação ao homem”. O motivo disso, segundo ela, se fundamenta:

“...através da observação sobre a construção simbólica que é feita sobre o corpo da mulher, que se remete aos aspectos fisiológicos como menstruação, gravidez, etc. vistos como elementos que, próprios apenas às mulheres, são perigosos, sujos, capazes de perturbar a ordem estabelecida pelos homens ou, do universo essencialmente dominado pelo masculino⁷⁴.”

Notou ainda que após as mulheres atingirem a menopausa, seriam consideradas como “tendo virado homem”, pois então,

“...perdem a capacidade reprodutiva e deixam de menstruar: o sangue, simbolicamente é considerado como “poluidor” nas relações entre os seres humanos e, a menopausa, assim, tem o fato de retirar de sobre a mulher uma série de restrições que se impunham socialmente ao seu comportamento, após o que, há uma redefinição da mulher no sentido de sua atuação social sendo-lhe permitido atuar em esferas antes apenas masculinas⁷⁵.”

Os argumentos utilizados pelos maçons como justificativa para que as mulheres não entrassem na maçonaria em nenhum momento se referiram à seus ciclos menstruais e/ou gravidez, etc. Mas a afirmativa foi proferida por um “esotérico”, mas não maçom. Ao escutar tal opinião Seixas perguntou imediatamente se essa pessoa era maçom, porque, segundo ele, “um maçom não diria tal coisa”.

⁷³ Como eu também observei em minha dissertação de mestrado, realizada às proximidades de Salinópolis, na mesma microrregião do Salgado. Cf. Garcia de Souza, P. *Mayandewa...*Unicamp:IEL, 1999.

⁷⁴ ADRIÃO, *Op. Cit*; p. 200.

⁷⁵ *Id*; *Ibid*; p. 200.

Diante disso, enquanto transcorria essa pesquisa, recebi carta de um maçom, por e-mail, que fora o mesmo que fora dar entrevista na RBA, sucursal da Manchete em Belém, sobre essa questão: ele se dizia a favor da entrada das mulheres, mas alguns maçons para justificar sua ausência da maçonaria argumentaram que a mulher: “ela já é perfeita em seu campo espiritual, portanto não precisa buscar a perfeição”. Afirmou este maçom:

“Eu particularmente não concordo com 18º que proíbe a mulher, o aleijado e o escravo de ingressar na Fraternidade. E explico porque: o aleijado no seu físico é perfeito em seu campo astral; o escravo depende da cultura de um povo. O importante é ele ser livre e de bons costumes em sua essência espiritual. Ele pode ser jogado numa masmorra, sem corromper seu pensamento de liberdade. E a mulher, justificam, que por ser perfeita, ela não precisa entrar para a Ordem. Mas é uma deslavada desculpa, pois antigamente, com raras exceções, ela ficava a margem das grandes decisões. No Egito, no tempo de Akenaton, faraó que adotou o monoteísmo (há 5 mil anos), a mulher participava dos rituais maçônicos. Na igreja e nos exércitos, as mulheres também não eram aceitas para o alto comando. Ainda não tomei conhecimento da existência de uma papisa, ou uma generala ou uma grão-mestra. Para mim é puro preconceito, pois sei de mulheres com extrema sabedoria, como Helena Petrovna Blavatsky, Madre Tereza de Calcutá, Indira Gandi, etc...”⁷⁶”

Outro maçom da *Grande Loja*, candidato à grão-mestre, encontrou-me na *Grande Loja* e foi logo declarando que era a favor da maçonaria feminina, mista não. Mulheres para um lado, homens para outro. Outros maçons, alguns do *Grande Oriente do Brasil*, são radicalmente contra a entrada da mulher na maçonaria e se recusam até mesmo, quando ligam para a sede, em Brasília, a conversarem sobre a ritualística com as secretárias que lá trabalham. Enfim, esta é uma questão bastante polêmica. Seria preciso que houvesse, segundo a fala de alguns maçons, uma convenção mundial para derrubar a tal *landmark*, que proíbe o ingresso das mulheres na maçonaria. Alguns maçons afirmam que inevitavelmente em 10 ou 20 anos esta proibição já terá caído. O assunto divide opiniões mesmo na maçonaria regular.

⁷⁶ R. C. Carta via e-mail, em 01 de Junho de 2003.

Após colocarmos em cena novamente a polêmica de entrada das mulheres na maçonaria em uma cidade como Belém do Pará, é necessário conhecermos, de modo geral, um pouco do perfil dessas mulheres.

Parte dessas maçons conheciam antes a maçonaria por terem participado da mesma como “Damas da Fraternidade” acompanhando seus maridos. Tinham muita vontade de aprender e participar mais efetivamente da Ordem. Uma delas chegou a afirmar que cobiçava muito as leituras maçônicas que o marido fazia. Outra parte das maçons que integraram os dois segmentos de maçonaria mista, vieram da Ordem espírita fundada por Seixas, e tinham sido doutrinadas no Kardecismo, nada conheciam a respeito da maçonaria. Mas aceitaram o convite daquele a quem tinham por líder carismático. Outra maçon gostava de estudar tudo sobre esoterismo e tinha um irmão que era maçom, freqüentava a maçonaria regular em sua companhia. Entrou na maçonaria *em busca dos mistérios da Ordem* – algo dito quase que em uníssono entre elas.

Dentre as profissões das mesmas, parte delas são donas-de-casa, outras são funcionárias públicas aposentadas. Há também as de profissões liberais como uma advogada, uma psicóloga, outra, professora de sociologia; outras ainda, diretora escolar; professora de história; professora de matemática; pedagoga; etc. As faixas etárias são variadas. O grupo continua em expansão e a últimas admissões que soube, em 2005, foi a de uma mãe-de-santo da nação mina-nagô e a filha de um maçom da maçonaria regular.

Assim, essas maçons, em sua maioria, ao entrarem na maçonaria não decidiram ingressar somente porque seria permitida no segmento as suas entradas. Interessaram-se pelos aspectos místicos da instituição propalados pelo carismático Seixas, que as atraiu para esse universo. Conforme lhes perguntei, elas não trocariam de segmento se lhes fosse dada a oportunidade, já que agora outros segmentos afirmam que no futuro pretendem fundar loja “só de mulheres”. Elas estão em busca do que se mostra como um sagrado na maçonaria de Seixas e que nenhuma outra loja do Brasil possui, pois se sabe que existem muitas maçonarias femininas e mistas pelo país, mas nenhuma delas teve origem digamos assim “miraculosa”, mítica, em inter-relação com o espiritismo.

O evento de entrada das mulheres no ritualismo maçônico⁷⁷ teve tanto impacto no meio maçônico local que mesmo o maçom Von-Rommel tomou conhecimento do fato, conforme demonstrou o seguinte trecho de uma entrevista que fiz com esse maçom em 2003:

(...) Existem lojas maçônicas que entram mulheres...a franco-maçonaria... por exemplo... Um dos maiores escritores maçônicos...agora já tem até em Ananindeua...(((Você tem o número deles?))) Não... não tenho contato... Só soube que eles existem... Foi uma falta de tempo pra pesquisar isso... Porque eu já estou numa outra busca agora (...). (Von-Rommel, em 07/02/2003)

Assim, nesse tópico não pretendi apresentar minuciosamente a trajetória de cada uma das mulheres da maçonaria mista, pois observei que suas histórias de vida e seus interesses pela maçonaria se assemelhavam⁷⁸, sobretudo ao declararem seus interesses pelos “mistérios” da instituição e/ou suas atrações para a maçonaria por causa da liderança carismática de Seixas. Esse, por sua vez, verdadeiramente um agente no campo maçônico, cuja trajetória fora descrita porque indispensável para se compreender as transformações da maçonaria local.

Em seguida, de acordo com os objetivos desse trabalho, abordo outra trajetória significativa para a tradução dos processos locais: a trajetória de Von-Rommel – um maçom que afirma ter conhecido seu anjo da guarda quando esteve em coma.

⁷⁷ Foi intenção desse trabalho registrar tal fato, mas o foco dessa tese é a religiosidade. Para um trabalho mais apurado sobre a maçonaria feminina é necessário um pós-doutorado.

⁷⁸ Pois quando faço uso do procedimento biográfico nesse trabalho, procuro ver as transformações da maçonaria local, com ênfase para a religiosidade. Com esse recorte, não vi necessidade de etnografar as experiências das mulheres na maçonaria local, pois tal se configuraria em outro trabalho.

4.2) Erwin Von-Rommel Vianna Pamplona⁷⁹

*“O segredo da busca é que não se encontra”
(Fernando Pessoa)*

*“Você tem que ser mais que humano!
Tem que ser frio na busca da perfeição.
Porque ela nunca chega...”
(Von-Rommel, em entrevista)*

4.2.1) Von-Rommel, pessoa.

A abordagem da biografia de um poeta místico como Blake marcou a abertura desse capítulo. Comparei o grande poeta, em relação aos seus dons visionários ao maçom Seixas, em suas declarações de que *vê tudo...* Von-Rommel é outro personagem/pessoa que também se coloca em relação com o misterioso: afirma ter tido contato com seu anjo guardião, além de se dedicar a estudos sobre ocultismo, fazendo parte de diversas organizações. Semelhantemente à Seixas, Von-Rommel se constitui como um catalizador de polêmicas: em relação à publicação de suas crenças, pensamentos, à questão do segredo *versus* publicidade de conhecimentos tidos como *secretos*, e ao modo como se conduz como maçom. Importa, assim, analisar e descrever a história de vida desse agente, pois ao fazermos isso estaremos também traduzindo as inquietações da maçonaria local e conceitos internos ao meio. Ao nos determos na análise da trajetória desse maçom, além disso, se percebe que a maçonaria é colocada no campo do esoterismo. Portanto, maçonaria e esoterismo acabam se equivalendo.

Erwin Von-Rommel Vianna Pamplona, aos 36 anos em 2004, afirmou-se como analista de sistemas de profissão. Nasceu em Belém do Pará e passou parte de sua vida na Ilha do Marajó. Descendente de alemães e de judeus, disse tratar-se de uma mistura “um tanto quanto venenosa, de um lado alemão-judeu, de outro lado, árabe-português e judeu”. O tema do mistério interessou-lhe desde a infância, quando se deparou com a morte do pai aos oito anos de idade. O tema da morte intrigou-lhe tanto que ele começou a pesquisar o desconhecido desde cedo:

⁷⁹ Cf. figura 22.

(...) eu fui pesquiSAR... Aí eu conheci o vodu... conheci a macumba... conheci catimbó... conheci candomblé...Eu pesquisei tuDO... Aí fui pesquisando as religiões tamBÉM... Do catolicismo ao budismo... as vertentes da religião protestante até... judaísmo... hinduísmo... em busca de uma verdaDE... Comecei a praticar astrologia no intuito de desmenti-LA... Eu não acreditava que alguém pudesse dizer para alguém **tu tens o destino escrito dessa forMA** e hoje... vinte anos depois... eu posso dizer: **a astrologia funciona**... Mas mapa não é território (...)

Considera-se uma espécie de *conseiller*, “conselheiro de muitas pessoas”, e afirma guardar segredo sobre tudo que elas lhe revelam:

(...) Eu guardo segredo sobre todas as pessoas que me consultam... Porque eu conheço todo mundo...e eles me conhecem...Na verdade eu poderia me classificar como um curioso... Que tudo que tem o mistério me interessa...TUDO (...)

Informou ainda exercer as funções de “astrólogo, numerólogo, cabalista, especialista em Feng-shuei”. Traduziu o *Sefer ietzirá* do hebraico-inglês para o português⁸⁰. De analista de sistemas, especialista da área de computação, tornou-se analista de outros sistemas:

(...) Eu pesquisei tantas organizações que alguns sistemas que são criados... alguns sistemas que são desenvolvidos... eu sou convidado pra analisar o sisteMA... Coisas que outras pessoas... digamos...teriam que entrar... ser iniciados... pra chegar no último grau...agora esses sistemas vêm as vezes a minha mão para que eu analise e veja onde está uma falha...**Ah eu to contribuindo para a criação de uma organização?** Não... Eu simplesmente pego um sistema que já existe e vejo em que ele pode ser adaptado para a nossa realidade... Porque quanto mais organizações desse tipo houver... melhor é... Porque são organizações que primam pelo desenvolvimento do indivíduo como SER DO MUNDO... como CIDADÃO DO MUNDO (...)

Pertence ao segmento da *Grande Loja Maçônica do Pará*, Loja *Renascença no. 03*. Na *Grande Loja*, exerceu o cargo de “secretário das Relações Exteriores”. È também

⁸⁰ KAPLAN, Arie. *Sêfer Ietsirá: o livro da criação – teoria e prática*. Trad. Von Rommel. São Paulo: Sêfer, 2002.

doutorando em Filosofia pela *University of Metaphysics*, na Califórnia⁸¹. Suas pesquisas, segundo o que conta, somam 20 anos e envolvem “religião, línguas antigas, crenças e desenvolvimento da inteligência⁸²”. Faz parte de várias “confrarias de pesquisas filosóficas⁸³”. Tornou-se também “consultor internacional de várias empresas, governos e pessoas físicas sobre futurologia, numerologia, feng shui, PNL e astrologia⁸⁴”. Autor ainda de duas obras que envolvem o tema do esoterismo: *Sem Segredos*⁸⁵ e *A verdade sobre os anjos*⁸⁶ de sucesso de vendas local. Tornou-se, enfim, um profissional do ramo do esoterismo, com atuação na maçonaria e fora dela. Possui um escritório no centro da cidade, em bairro bem localizado onde é sempre bastante procurado e admirado por possuir uma das maiores bibliotecas de misticismo do país, que começara – dizem – após esse agente ter ganhado uma quantia considerável na loteria. Então passamos a abordar o personagem, pois esse maçom escapa enormemente à objetivação: cria-se e é criado pelas suas relações verdadeiramente como uma espécie de gênio, além de inteligente e dedicado, *poderoso* para alguns, no sentido de deter grande conhecimento de ocultismo, arrogante e vaidoso para outros.

4.2.2) O personagem de Von-Rommel, por si –mesmo.

Na narração de sua história, ao contrário da linearidade ensaiada por Seixas, foi contada de forma não-ordenada porque sempre entremeada por reflexões filosóficas e por uma espécie de ânsia em transmitir sua visão de mundo. Assim, logo buscou recuperar o seu ponto de mais intensidade:

(...) Quando eu tive a morte clínica eu me defrontei com o meu anjo da guarda... eu disse: **você é fruto da minha imaginação**... Ele me disse: **meu amigo... você está só imaginação aqui nesse estado de suspensão... Você é só a sua mente agora... e a sua mente não pode ocupar dois espaços... Lá você tem seu corpo e sua mente... Olhe para o seu corpo**... Quando eu vi o meu corpo tava na cama...**E agora?** **Agora que você tem todas as*

⁸¹ Até aquele momento da entrevista e da pesquisa de campo, em 2004, ainda estava formulando o seu tema de tese.

⁸² VON-ROMMEL, Erwin. *100 Segredos*. Belém: 2001.

⁸³ *Id; ibid.*

⁸⁴ *Id; Ibid.*

⁸⁵ VON-ROMMEL, *Op. Cit.*

⁸⁶ VON-ROMMEL, Erwin. *A verdade sobre os anjos*. Belém, 1997.

possibilidades a sua frente...Todas... Só que tem que ter a serenidade de compreender que não é só a mente que faz tudo... nós somos seres espirituais independentes...* E aí a história foi muito grande... teve muitos relances... foi um negócio dramático... eu fiquei um ano e oito meses nessa brincadeira. (...) Paralítico...Tetraplégico... só mexia o pescoço (...)

A trajetória de Von-Rommel é assim marcada por uma busca pelo que é misterioso, agenciada pelo tema da morte. Seu nascimento o impressionou, depois, a morte de seu pai, e, em seguida, a sua quase-morte – experiência do coma narrado em seu livro *A verdade sobre os anjos* e também nessa entrevista. Na narração do seu nascimento esboçou uma reflexão do si-mesmo e também o seu mito pessoal:

(...) Eu nasci aqui em Belém... de pé...e foi um parto muito estranho...segundo consta...eu fui o único homem a nascer naquele dia...isto criou uma certa superstição a meu respeito...(...) fora isso eu fui sempre muito meditativo...uma pessoa muito tímida...muito arredia (...)

Em seguida, para explicar a sua obsessão por temas misteriosos, recuperou a estranha morte do pai, mas pediu-me que eu não a colocasse no texto. O que importava nessa informação era compreender que essa morte o impulsionou à busca pelo desconhecido, denominado por ele de “busca pelos mistérios”:

(...) Eu fui educado inicialmente no sistema sufista...Os sufis são uma espécie de maçonaria ligada ao islamismo... Mas os meus mestres não eram especificamente islâmicos... porque o sufismo é antes de Maomé... Mas é uma história muito dura porque você aprende através da restrição e da disciplina... Depois que você passa por esse caminho... que é o meu caso... passei. (...) [eu sou] **aquele que conhece a si mesmo**... eu me conheço... mas isso não quer dizer que eu me domine..(((rindo)))..ce ta entendendo? Tudo bem... Aí foi... foi... fui.. fui adquirindo conhecimentos (...)

Von-Rommel constitui uma descrição de si mesmo como um pesquisador de assuntos ocultos. Até os quinze anos afirmou ter sido orientado por um “mestre”:

(...) Shimon Davi Kohn... Ele não somente era membro da *Golden Dawn* como também ele era cabalista... Era hermetista e era uma pessoa fora de série (...)

E até por volta dos 25 anos ainda estudava o taoísmo:

(...) Na época que eu estudei o taoísmo... eu tinha 16 anos... 17 anos... passei até os 25 anos...27... estuDANDO (...)

Sua fama de estudante de esoterismo crescia e essa cultura foi que provocou um convite da maçonaria para que ele ingressasse na instituição, aos 18 anos. Mas ao final as relações de parentesco influenciaram e ele ingressou na loja de seu padrinho:

(...) Porque o meu padrinho fazia parte dela... eu ia entrar numa facção e ele disse **não... eu sou seu padrinho...vou ser seu padrinho** Eu entrei com 18 anos na maçonaria... quando as pessoas naturalmente quando não são filhos de maçons entram com 21... mas é porque eu já pesquisava a maçonaria e conhecia muitos de seus rituais... Porque na verdade eu já era da *Golden Dawn*... aí a *Golden Dawn* é uma ordem eminentemente maçônica. (...)

Aos 23 anos, sofreu um acidente quase fatal que o deixou tetraplégico, conforme trecho citado no início do tópico. Ocorreu que ele inalou arsênico acidentalmente. Foi a partir da experiência do coma que se converteu à crença na existência de anjos da guarda. No meio da narração fez também uma breve reflexão sobre o valor da linguagem simbólica – muito valorizada na instituição, que afirma de si mesma resguardar suas tradições através dos símbolos. De acordo com o narrado:

(...) Fazendo uma experiência alquímica eu misturei produtos químicos... de forma... em sequência errada... aí ocorreu uma explosão e eu inalei arsênico... cianureto e chumbo... Isso aí/ eu fui para o CTI e tive uma morte clínica... Até então eu achava que só a mente criava tudo... o universo era... e continuo achando/ tenho certeza que o universo é mental...mas eu achava que só era isso e que não existia mais nada... Tenho um livro escrito de 780 páginas provando que quando você fica em estado de desespero... uma projeção da sua mente cria um personagem holográfico que você atribui o título de anjo e ele lhe responde na verdade perguntas que você faz pra si mesmo... e poderia ter essa resposta se ouvisse a tua voz interior...Mas devido a essa coisa do dia de hoje... essa confusão que é o dia de hoje... o mundo de hoje... essa ausência de paz e tranquilidade... é preciso que o seu subconsciente comece a trabalhar externamente... ou seja... aquela criatura surge na sua frente... e lhe dá a resposta que você já sabe... mas que você não tem capacidade... ainda não tem cultura pra detectar a linguagem simbólica... por que o que acontece? O símbolo ele é muito VELHO... E a palavra... falada... a palavra lida... a palavra escrita... ela é muito NOVA... Nós temos o que?

Dez milhões de ANOS... Pelo menos seis... dez mil anos ou seja... 10% dessa eternidade de humanidade... a 1% é que nós conhecemos a linguagem escriTA (...) Você fala por símbolos... todo mundo entenDE... Tá entendendo? Então a linguagem simbólica ela é muito forTE... Eu cometi o erro de achar que anjo da guarda não existIA... Era fruto de uma linguagem simbólica não-decifrável ou não decifrada por falta de cultura... para isso você precisava projetar a sua frente uma personagem holográfica... de uma sensação de proteção ou de querência... Esse personagem fala com você na sua linguagem e lhe dá a resposta que você já deveria saber...Bom... eu estava errado... É muito bonita essa teoria... eu posso até usar a favor do ceticismo... mas não é assim que funcioNA (...)

Mesmo quando estava tetraplégico continuou estudando o taoísmo. Nessa época aprendeu também o *feng-shuei*:

(...) No período que eu fiquei tetraplégico... eu continuei estudando... tinha um amigo chinês que era muito meu AMIGO... Ele me passou esse conhecimento e quando eu vi deu um *boom* todo mundo tava tratando com o *feng-Shuei*... começou evidentemente com uma coisa muito folclórica que é o *feng-shuei* do chapéu preto que é uma coisa muito relativa relacionada à religião e muito relacionada à crenças... mas o *feng-shuei* é muito matemático ele funciona em cima de cálculos... Tem que conhecer astronomia pra mexer com o *Feng-SHUEI*... Porque na verdade... com o *feng-Shuei*... ele foi pra ele juntar as duas partes... O que me importa é só uma coisa: resultados... Meu cartão de visitas são os resultados que eu consiGO... (...)

Logo a paixão desse agente se transformou em profissão, assim, contou utilizar seus conhecimentos de *feng – shuei* atualmente em empresas, e, dessa forma, pôde se firmar mais ainda como um profissional do ramo do esoterismo:

(...) As pessoas que usufruem dos meus conhecimentos são aquelas pessoas que tem em que usufruir os meus conhecimentos...a pessoa vai construir uma indústria e quer saber da localização correta dessa indústria... vai contratar pessoas... 100... duzentas... trezentas pessoas e quer saber qual é a localização dessas pessoas naquela instituição...quer saber porque que algum problema...AH... SIM... A pessoa tem uma indústria... ta começando a ter problemas de ordem... digamos no setor de pessoal...teve uma desarmonIA...(...) ta alguma coisa ERRADA... Pra gente analisar a energia das pessoas que estão ali dentro... a energia do local... (...) Porque existe uma sincronicidade... das coisas boas e das coisas ruins... por isso

que dizem: *desgraça pouca é bobaGEM...* Então as pessoas atentam pra isso... elas começam a buscar mudanças antes que aquilo se torne irremediável... (...) Eu tive qualificação em neurolinguística... eu conheci amigos próximos e alunos próximos aos fundadores da neurolinguística... Eu tive acesso a esses conhecimentos... eu gosto muito do marketing... eu pesquiso história... estudo línguas antigas... e..participei de uma tradução da bíblia... Essa bíblia aqui...tem um detalhe... é muito fácil você abrir a boca e dizer isso e dizer aquilo...NÃO... Vá atrás das fontes... Existe um costume que diz que todo ser humano deve escrever uma tora... e eu fiz questão de digitar esse texto TODO...(((mostrando o volume))) (...)

Até por volta dos 27 anos conheceu outros “mestres, cabalistas”. Então decidiu que o seu sistema era muito mais ligado à *Kaballah*. “Porque a *Kaballah* engloba tudo” – afirmou. Ressaltou que tem se encontrado nesses estudos e ordens místicas, não se pode nesse caso falar em estranhamento, citou a sensação de “volta ao lar” que acompanham as relocalizações no mundo, após a sua partida em tenra idade, da ilha do Marajó para Belém:

(...) Na verdade eu só fiquei em todos os sistemas que eu pesquisei porque eu me identifiquei imediatamente com todas as pessoas que estavam lá... E com as pessoas que dirigiam e vi que existia muito da verdadeira amizade... aquela coisa de você se sentir em casa mesmo (...)

Quando Shimon Davi Kohn, seu primeiro “mestre”, “partiu pro outro lado”, depois ele conheceu um outro “mestre”, segundo o que contou, tratava de uma pessoa muito especial:

(...) Pessoa de envergadura espiritual memorável: professor Roberto Conde dos Reis Cavallero (...) Era uma pessoa única... Uma pessoa que tinha muito conhecimento... eu diria que 20%...não desmerecendo de jeito nenhum ele como pessoa era [idêntico]... mas ele em matéria de poderes manifestos ele era 20% em relação ao meu primeiro mestre... Porque ele tinha um pouco mais de flexibilidade... graças a DEUS... Era uma pessoa tranqüila (...)Já... já...os dois já foram para o outro lado...tiveram...engraçado... essas duas pessoas quando morreram disseram que queriam saber como era viver do outro lado...a partir disso aí... eles aceleraram o processo... e foram embora... Professor Roberto Conde era uma pessoa de façanhas... ele conseguia saber o que as pessoas estavam pensando... ele tinha muito conhecimento (...)

Pelas narrativas de Von-Rommel é possível entrever muitos dos temas estudados pelas ordens esotéricas em geral, como, por exemplo, a alquimia e a telepatia, que fazem parte do “conhecimento” valorizado por ele. Aliás, para ele, tratar-se-ia de uma espécie de conhecimento que traria “poder” para quem o praticasse:

(...) Toda pessoa que detém o conhecimento ela detém o poder porque toda informação que vem em primeira mão ela é privilegiada... então a maçonaria para uns poucos privilegiados consegue um conhecimento que pode ser usado de modo a... ter poder realmente (...)

Além disso, tais “revelações” (conhecimento) só aconteciam porque o homem, segundo ele, “precisa se salvar da própria destruição”. Essas idéias são bastante propaladas no meio esotérico. Longe de reforçar o poder dos detentores do discurso religioso, tais como padres e pastores, o esoterismo propõe que cada um busque o seu próprio caminho, proclamando o “reinado da singularidade⁸⁷”. Seria, assim, buscando a si mesmo e no aprimoramento de sua própria pessoa que se adquiriria conhecimentos (os esotéricos) tidos como “poder” para esse agente.

Carvalho considera o esoterismo como um “*grande movimento – espiritual, religioso, intelectual (...) poderia ser definido (...) como a busca do sentido arcano, transcendente e da experiência iniciática, individual e plena, na era do mundo exaurido dos mistérios doutrinários e da caução sagrada do mundo; isto é, no caso do esoterismo moderno, na era do descrédito e da crítica à religião oficial e da ascensão definitiva da ciência como fonte primordial de saber e gnose*⁸⁸”.

É válido ressaltar que esse “mundo exaurido de mistérios” é um termo que não se aplica adequadamente à cidade de Belém do Pará⁸⁹, um lugar em que, nos termos de Weber, poderia se utilizar a metáfora de “jardim encantado”: foi quando Weber se referiu às civilizações asiáticas, “encantadas, porquanto dominadas pela magia, paralisadas pelo

⁸⁷ Magnani, *Mystica Urbe*, p. 107.

⁸⁸ CARVALHO, José Jorge de. “antropologia e esoterismo: dois contradiscursos da modernidade” in *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 53-71, junho de 1998.

⁸⁹ Cidade que, como nos sugeriu Foot Hardman, de “tradições arraigadas e desenvolvimentos autônomos”.

tabu⁹⁰”. Ou seja com essa metáfora, Weber referiu-se aos recantos do planeta que não passaram pelo processo de racionalização por falta de vocação. Em alguns lugares, a extirpação total do pensamento mágico seria impossível, inerradicável (*unausrottbar*). A *desmagificação* como extirpação total da visão de mundo mágica, só ocorreu com eficácia em algumas partes do mundo, e isso Weber mesmo admitiu, referindo-se aos asiáticos: mesmo em relação à religiões como o budismo, as multidões se interessavam em cultuar os seus santos, tidos por milagrosos, “aos quais se alimentava bem, para que dessem, em troca, a garantia de uma reencarnação melhor, ou concedessem riquezas, uma vida a larga, e coisas semelhantes, isto é, bens deste mundo⁹¹”. Retomarei a questão no capítulo final.

Dessa forma, vivendo em um contexto propício para suas atividades esotéricas, Von-Rommel é o que Carvalho denomina, tomando de empréstimo um termo de Simmel um “tipo social⁹²”, ou melhor, um “tipo esotérico”, pois o conhecimento que propala é advindo de sua experiência em inúmeras ordens esotéricas. Para Carvalho,

“O indivíduo esotérico conformaria um tipo singular de sensibilidade religiosa. Pois já podemos de certo modo circunscrever as sensibilidades específicas dos seguidores de outras vertentes religiosas hegemônicas no Brasil, tais como a dos católicos, dos protestantes, dos adeptos dos cultos afro-brasileiros e dos espíritas. O esotérico se caracterizaria então por um excessivo cuidado com o que diz, a certeza de uma cumplicidade nas conversações sobre coisas do espírito, o pacto de silêncio rigoroso com os membros do grupo a que pertence, um estado constante de alerta diante de sinais tênues e às vezes recônditos de significados ocultos e reveladores. Aqui poder-se-ia enfatizar uma alta predisposição aos efeitos da sincronicidade e uma rejeição radical à obra do acaso⁹³.”

Sobre a questão do acaso, afirmou Von-Rommel:

(...) O acaso...o caos...são a mesma coisa...(...) TUDO é ordenado... Tudo é ordenado.... Até o caos tem ordem... Principalmente a caologia... que é...uma das organizações de que eu faço parte estuda o caos muito antes dessa teoria da caologia... Ou seja... a teoria do caos diz que a

⁹⁰ Cf. Pierucci, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: USP, Editora 34, 2003, p. 33.

⁹¹ Weber, *História geral da economia*, p. 172.

⁹² Carvalho, *Op. Cit*, p. 63.

⁹³ *Id: Ibid*; p. 63.

coisa tá desorganizada daqui... mas de cima você vê é uma rosa.... Quanto mais distante você olha aquele ponto você percebe a simetria oculta... ou seja... o caos só existe quando você é muito pequeno diante da análise global das coisas...Ou seja... tudo tem uma organização natural... o caos... ele na verdade só é visto quando você não consegue ter uma visão maior da coisa... E acho que tudo que existe segue esse padrão....(...) eu acho que o mundo é aparentemente caótico... mas ele é ordenado por uma força superior... ele não se dividiria/ ele vai chegar ao ponto de união.... (...) O calendário maia fala que 2013 vai ser o ano da grande mudança... eu acredito NISSO...(...)

Von-Rommel, como “tipo esotérico”, obedece a um certo “pacto de silêncio” enfatizado por Carvalho e cita o termo “tradição”:

(...) As verdadeiras sociedades secretas nunca fizeram publicidade nenhuma... a maçonaria é uma exceção à regra...sociedade secreta você nem sabe aonde elas funcionam...são poucas as pessoas que estão ligadas... existem sociedades secretas dentro das religiões... e são aqueles que mantêm vivo a chama da tradição (...)

Para Carvalho, a “tradição” é um termo bastante citado no esoterismo:

“Por trás dessa palavra está a transmissão viva e direta de um conhecimento arcano e fundamental, que resiste ao trabalho do tempo precisamente por sua capacidade de renovar-se a cada geração, que o encarna em pessoas dotadas da sensibilidade que estamos chamando de “esotérica”⁹⁴”.

A recuperação da tradição, em Von-Rommel sempre vem acompanhada de uma valorização também de ciências, como a neurolinguística, a qual ele faz uso nas sessões de meditação que promove, o que nos lembra Magnani, que afirma que um dos componentes do movimento da Nova Era é conjugar a tradição com a ciência, mas não a ciência que predomina em meios acadêmicos, mas aquela que serve para legitimar um conhecimento “que se reputa indispensável para a plena realização do homem”⁹⁵”, como por exemplo, Ilya Prigogine, Jung, Joseph Campbell, etc.. Magnani ressalta que o homem da Nova Era,

⁹⁴ *Id; Ibid*; p. 65.

⁹⁵ Magnani, *Mystica Urbe*, p. 86.

“Não rejeita os incontáveis avanços científicos ou seus métodos de trabalho (...) Se a tendência é valorizar as terapias ‘soft’, o hemisfério direito do cérebro, o contato com o ‘eu superior’, isso se faz em nome de uma visão holística, integradora, em conformidade com leis cósmicas, já antevistas nas antigas tradições e que agora a ciência começaria a comprovar⁹⁶.”

Outro quesito que identificaria o “tipo” esotérico seria a própria busca. Von-Rommel afirmou-se como um “buscador”, inclusive quando afirmou que não tinha ido conhecer a maçonaria mista de Belém porque “já estava em outra busca agora”. Para Carvalho, o esoterismo veio a colocar novamente, a partir dos trabalhos e da trajetória de Helena Blavatski, “*a simbólica da busca, da demanda do Graal (da antiga à moderna, da literal-histórica à alegórica atual); a trajetória iniciática; o desenvolvimento das faculdades superiores; o crescimento espiritual, etc*”⁹⁷.

Dentre essas “faculdades superiores” da mente, coloca-se sempre com muita frequência no meio, a capacidade que alguns podem desenvolver de transmitir e de receber mensagens mentalmente: a telepatia.

A telepatia é um item muito citado quando se levanta dados a respeito do misterioso Roberto Conde – um antecessor de Von-Rommel e também uma espécie de lenda que marcou a história do esoterismo da cidade, algo peculiar à Belém do Pará, para quem se abre um breve parêntese, em seguida.

4.2.3) Histórias de vida entrelaçadas: um parêntese para Roberto Conde dos Reis Cavallero.

A cidade de Belém do Pará é extremamente mística, pois há histórias de personagens lendárias que marcaram os místicos e o esoterismo local, como Roberto Conde. Na análise dessa trajetória se percebe, da mesma forma que em Von-Rommel, que a maçonaria é colocada ao lado de outras ordens esotéricas e inserida no campo do esoterismo.

⁹⁶ *Id; Ibid; p. 86.*

⁹⁷ *Id; Ibid; p.62.*

Por volta dos anos 70, além do estabelecimento de uma Ordem esotérica da *Rosacruz-Amorc* na cidade, a chegada do maçom⁹⁸ (?) Roberto Conde⁹⁹, proveniente do Rio de Janeiro formou um grupo de estudos esotéricos no local, e veio transformar um campo esotérico, propalando um ramo da ordem *Golden Dawn*. Jogava tarô, tinha vários clientes da elite local, como políticos, e era tido como uma pessoa com “dons visionários”, as narrativas a seu respeito vão sempre nesta direção e histórias fantásticas são contadas. Um de seus admiradores, ao narrar sua própria inserção no mercado do esoterismo em Belém do Pará, como comerciante de produtos esotéricos na cidade, contou sobre Conde, espontaneamente:

(...) um grande patriarca nesta história aí é o Roberto CONDE...em termos de ocultismo...oráculo...(((faz gestos com a mão...contando))) cursos que ele dava...muita coisa...que eu fui descobrir através do Rommel e pessoas que eram clientes dele e que se tornaram meus clientes em artigos esotéricos...eram clientes nas mancias dele...nos tarôs...no conhecimento dele...todos falavam que ele era realmente uma espécie de gênio na arte dele...Eu acho que ele/ onde tava o conhecimento/ eu acho que ele nunca encontrou barreiras para chegar n'este conhecimento...seja na *Golden Dawn*...seja na Ordem Thot...seja na maçonaria...seja na ordem alquímica...seja na ordem hermética...pelo que eu percebi...eu pude depois me relacionar com a C*...que era irmã dele...dessa abertura toda da família que eu pude chegar um pouco mais próximo dele...Ele era um cara fenomenal e sem preconceitos porque ele entendia desde o Candomblé até a alta magia grega...ele CONHECIA (...) Ele é realmente a pessoa que marca em Belém...como um mago...ele fazia trabalhos de alta magia (...)

Em torno de seu nome sempre houve admiração e, ao mesmo tempo, um certo tabu em se pronunciar sobre ele com mais clareza. O comerciante acima citado, por exemplo, o denominava muito mais de “professor”, levou um certo tempo para que eu descobrisse de

⁹⁸ Dado não confirmado pelos segmentos maçônicos locais.

⁹⁹ Embora nenhuma das potências o tenha reconhecido como maçom, alguns me falaram dele como integrante da maçonaria. Ele teria se iniciado no Rio de Janeiro. Outros afirmam que não, ele morava no Bairro da Pedreira e teria se iniciado em Belém mesmo.

que “professor” se tratava e que o nome desse “professor” fosse pronunciado¹⁰⁰. Em redes diversas, perguntei sobre ele e muito me foi dito, como as seguintes declarações:

(...) Num caso de roubo...ele apenas se concentrava e conseguia ver toda a cena do roubo e assim descobrir o ladrão..¹⁰¹ (...) (maçom)

(...) Era um prestidigitador (...) (maçom, físico)

(...) Ele foi um mago...ele sabia o dia e a hora que ele ia morrer...porque ele foi entrar numa área que ele não dominava... invocou uns mestres lá... e eles decretaram a morte dele... por isso ele sabia que ia morrer (...) (poeta; membro de um grupo de estudos da Chama Violeta)

(...) Ele atendia na casa dele das 7 às 17 horas da tarde... A gente chegava cedo e já tinha uma fila enorme na frente... Eu era cliente dele... Ele acertou tudo...Ele dava uns banhos pra gente depois da consulta e se vestia de mago... de turbante (...) (Professor da área de Letras)

(...) Conde CavaLLERO... Ele era um astrólogo... esotérico... mas já faleceu...só sei que era astrólogo muito conceituado...muitas pessoas que se atendiam com ele vieram se atender comigo...se tornaram meus clientes após o falecimento dele. (...) (astrólogo Arnatif Bechara)

(...) Roberto Conde foi quem trouxe a *Golden Dawn* pra cá... Ele praticava a *Golden Dawn*... mas mais dentro da magia cabalística né? De rituais... daquilo que eu te falei. (...) Ele era muito procurado por políticos...era maçom e Rosacruz (...) (F.P.B)

Nessas narrativas também são reveladas uma espécie de cobiça pelo que Conde teria alcançado como indivíduo. Soube mesmo um maçom admirador seu que, junto à irmã de Conde, sonhou em dar prosseguimento aos seus estudos da ordem da *Golden Dawn*. Mas a empreitada não teve êxito. Esse maçom contou:

(...) Roberto Conde ele...ele teve a premonição da própria morte (...) Ele sabia o dia em que ele iria morrer...de tão comprometido que ele já estava...fazia rituais muito fortes (...)Ele morreu com problemas hepáticos... não sei bem...ele não conseguiu impedir...com todo poder que tinha... ele não conseguiu impedir...(((mas ele tentou?))) Com certeza ((rindo))) (((ele

¹⁰⁰ Esse colaborador eu já o conhecia desde a fase de minha vida que denominei de “fase Paulo Coelho”, comentada na “apresentação” dessa tese. Trabalhei com ele em sua loja e desde essa época ouvia falar de Roberto Conde.

¹⁰¹ Pesquisa de campo, 2003.

morreu com quantos anos?))) eu não sei a idade que ele morreu... eu acho que ele morreu bem novo... eu queria muito... eu queria ter tido o privilégio de ter conhecido ele...eu não conheci...interessante isso.... Mas eu ia soerguer a Ordem dele... eu e a C*... a irmã dele... Nós íamos levantar a Ordem dele (((a ordem Golden Dawn?))) Exatamente... Tudo que ele fazia.. Mas só que eu precisava ser iniciado... mas aí tive vários problemas... mais uma vez o destino me afastou.... Mais uma vez [] Admirei muito tudo que ele fez....Acho que foi uma pessoa muito inteligente....(((O que ele fez por exemplo?))) foi um grande MESTRE... Praticava muito AMOR...TAMBÉM... (...)¹⁰²

Roberto Conde agenciou transformações no esoterismo local, em acordo com um esoterismo que estava em expansão naquela época, por volta dos anos 80, mas antes do fenômeno “Paulo Coelho”. Alguns dizem que ele teria se iniciado na maçonaria na cidade, quando morava no bairro da Pedreira, depois, partido para o Rio de Janeiro, “crescido muito lá” (no sentido de desenvolvimento de “poderes”) e depois, tendo retornado à Belém do Pará, fora morar na Generalíssimo, quando por muitos anos “trabalhou, atendeu e ajudou muita gente”, depois “faleceu” nessa casa, também descrita em tons misteriosos pelos colaboradores dessa pesquisa. Esses fatos não são nunca narrados com exatidão, a imaginação acaba se sobrepujando aos fatos, tornando esse possível maçom – já que ele não me foi confirmado como maçom pelos segmentos regulares – mais uma lenda da cidade.

De qualquer modo, o grupo de Roberto Conde (e ele mesmo) foi um dos primeiros na cidade a romper com um esoterismo de cunho mais secreto e restrito. Este grupo se desfez após a sua morte em 1988, mas deixou seguidores. Um de seus admiradores, E.P., acabou inaugurando a primeira loja comercial esotérica da cidade: a “Arte Mística”. Mas nunca chegou a conhecê-lo, mesmo assim sabia de várias histórias fantásticas envolvendo esse personagem. Acabou conhecendo o maçom Von-Rommel em um leilão que ocorrera dos livros esotéricos de Conde.

O maçom Von-Rommel¹⁰³, autor de vários livros relacionados ao tema do esoterismo, lhe coloca como um de seus mestres, e sempre lhe faz agradecimentos em todos

¹⁰² F.B.P. em dezembro de 2002.

¹⁰³ O maçom fez questão que seu nome não fosse omitido neste trabalho.

os livros. Atualmente, várias pessoas desse campo, citam Conde como alguém importante na constituição do esoterismo contemporâneo em Belém, como o astrólogo Bechara e o numerólogo Kreuter – ambos admiradores de Conde.

Depois de sua morte, também envolta em narrativas que dão margens à especulações e à imaginação, instituições como o *Instituto Paraense de Parapsicologia* e o *Instituto de Desenvolvimento Integral*, continuaram agenciando o esoterismo na cidade, em sua forma contemporânea (com uma maior exposição do que antes era considerado secreto e restrito) com suas inúmeras palestras e cursos sobre temas relacionados ao misticismo/esoterismo, e também a *Livraria Esotérica* (já fechada), que cedia espaço para vários debates e palestras sobre assuntos como numerologia, astrologia, tarô, exatamente na mesma época do lançamento e “boom” dos livros de Paulo Coelho. Ao mesmo tempo, ocorria a abertura de novas lojas comerciais especializadas no ramo esotérico.

Os “herdeiros” e admiradores de Conde continuaram com suas buscas na cidade, outros se retiraram, mas o mais importante nisso tudo é que o espaço deixado por Conde foi logo ocupado: seu discípulo, Von-Rommel é quase tão citado ou até mais do que foi um de seus mestres.

4.2.4) O personagem de Von-Rommel através de suas redes de relações sociais.

Depois do êxito e reconhecimento, como personagem dotado, alcançado na cidade por Roberto Conde, outros personagens/pessoas também foram reconhecidos como *orientadores espirituais*, em várias outras denominações análogas, como Seixas, e Von-Rommel. Ao se observar o nome das publicações desse último, a qual só tive acesso a duas, *A verdade sobre os Anjos* e *Sem Segredos*, já se pode notar o quanto a cidade tem no misticismo um aspecto marcante: Von-Rommel acabou por se tornar uma espécie de *estrela*¹⁰⁴, que concentra as redes do esoterismo local, em relação às lojas que comercializam produtos esotéricos, as quais ele presta assessoria com o *feng-shuei*. Com

¹⁰⁴ Estrela ou alfa é o termo utilizado por Barnes para analisar redes de relações sociais que se formam em torno de uma pessoa, que concentra essas redes. Afirma: “O termo ‘estrela’ é utilizado por Moreno (1953:720) e seus discípulos como significando um indivíduo que, em termos comparativos, é o frequentemente escolhido por seus companheiros em contextos específicos”. BARNES, J. A. “Redes sociais e processo político” in FELDMAN-BIANCO, Bela (org). *Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos*. Global universitária, 1987, p. 168.

sua atuação acabou inegavelmente recobrando uma vasta área da cidade e ainda é conhecido por tocar cavaquinho, aos sábados, em um bar local, quando então é bastante procurado por clientes e admiradores. Enfim, ele está na mídia:

O Von-Rommel é cabalístico... ele trata mais da parte de cabala... de anjo... que não é o meu raMO... Tipo uma pessoa assim... o Von-Rommel como ele pratica astrologia... estuda astrologia... há uma identificação enquanto astrólogos mas também a filosofia de vida dele que já é mais maçônica... não tem nada a ver com a minha, compreende? É toda uma questão de ideologias que se chocam... que seguiram caminhos diferentes... eu nunca estudei cabala... não pretendo... (astrólogo Arnatif Bechara¹⁰⁵)

Von-Rommel é um dos intelectuais de Belém mais fantásticos (...) é autor de livros como *Feng-Shui* e tem um livro sobre anjos (...) O Rommel ...vale a pena conhecer o Rommel. (...) (numerólogo Franz Kreuter)

(...) Von Rommel é o cara mais bem preparado em todas as áreas... é uma sumidade... Tem dois livros publicados...(...) Von Rommel era do grupo do Conde... Ele é *magô*... É Rosacruz... maçom... Chama Violeta...trabalha com Feng Shui... anjos... é TUDO... É o nosso guru aqui em Belém...(...) (proprietária da loja *Tok místico*)

(...) É um grande estudioso... uma pessoa que eu admiro pela capacidade de estudo dele... eu só acredito que ele derrapou demais para o lado religioso...meu único senão para o Von-Rommel é que eu acho que ele derivou demais para o lado religioso... também é aquele meu lance de cientista...(...) (*Salazar*)

(...) O Von-Rommel se ele pudesse ele colocava a foto dele na capa do teu trabalho...(...) (Maçom do *Grande Oriente do Brasil*)

Com exceção dos componentes da maçonaria mista, praticamente a maioria dos integrantes da maçonaria e que fazem parte do meio esotérico contemporâneo afirmaram conhecer Von-Rommel, se referindo a ele como um estudioso da área do esoterismo. Entre os maçons ele é bem visto, em geral, as críticas a sua pessoa se dirigem mais à sua vaidade ou à sua religiosidade. E, para outros ainda, ao fato de ter “falado demais” em seus livros, o que, segundo um maçom, lhe valeu uma “chamada de atenção” na maçonaria. Afirmção

¹⁰⁵ Bechara permitiu a exposição de seu nome, como também o numerólogo Kreuter.

essa não confirmada por outros maçons que revelaram que o que Rommel publica em nada prejudicaria o “segredo” maçônico. Pois ele se aprofundaria nas palestras proferidas aos maçons e em seus livros o mesmo não aconteceria, pois as publicações foram destinadas a leitores não-maçons.

4.2.5) O mundo conceitual de Von-Rommel

O reconhecimento alcançado na cidade por esse maçom foi tornado possível porque ele, a todo momento, preocupa-se em repassar os conhecimentos oriundos de seus estudos no ramo do esoterismo, através de todos os meios que lhe forem possíveis. As mesmas perguntas que fiz à Seixas, fiz a esse agente, em relação aos sentidos dados ao mundo que o cerca, mundo este, para ele, tido sempre como misterioso, e ao qual ele tenta decifrar.

Semelhantemente à Seixas, Von-Rommel acredita que a função da maçonaria é relacionada à espiritualidade. Das várias conversas que tive com ele, em vários momentos sobressaiu esse aspecto, tido como o maior valor para ele, em relação à maçonaria, mesmo não desconsiderando o traço político da instituição, assim, em diferentes momentos afirmou:

(...) A maçonaria é uma ordem formada por alegorias e veladas por símbolos...as alegorias são para dar ao indivíduo um alicerce moral para que ele não se torne uma vítima fácil das ilusões do mundo (...) (entrevista, fev/2004)

“A maçonaria é uma escola de vida, escola filosófica de mistérios, guardiã da sabedoria oculta, o que poucos sabem é que existe uma maçonaria dentro da maçonaria, ou seja, o que entra continua sendo testado para ser admitido em outros níveis, como uma cebola quanto mais casca se tira mais se encontra, todo conhecimento dá ao que possui um grau de poder sobre os que o ignoram totalmente” (por e-mail, março/2003)

Em nossa última conversa, no início de 2004, admitiu que apesar de interpretar a maçonaria sempre como uma instituição ligada às buscas pelo que é oculto e/ou de difícil acesso, relacionando-a à espiritualidade, seu segmento, naquele momento, não se apresentava voltado para este aspecto:

(...) a maçonaria ela tem umas peculiaridades...ela é uma ordem *sui-generis*... o *Grande Oriente* geralmente acolhe em seu seio os espíritas... a *Grande Loja*...a do Pará atualmente... (((nossa... são muitos integrantes hein?))) não tem conexão...nem ligação espiritual com coisa alguma (...)

Nos relatos recolhidos, além disso, ele interpreta vários outros grupos como maçonarias, a exemplo dos Martinistas, rosacrucianos, Sufis, etc. referindo-se a eles como grupos maçônicos, no sentido de “esotéricos”, isto é, “fechados e de difícil acesso”. Ressaltou também respeitar a todos e reconhecer outros grupos como “maçonaria”:

(...) A maçonaria ...quando você vê a maçonaria nascer em uma comunidade você pode crer que em cinco ou dez anos essa comunidade estará... próspera... ela estará diferente porque as pessoas que trabalham com maçonaria/ ela educa o ser humano de uma forma que nenhuma universidade educa... a educação para progredir na vida de modo a não perturbar o mundo...é a educação mais saudável que existe... (((você já ouviu falar da maçonaria mista?))) sim...inclusive o meu querido e saudoso amigo Joaquim Gervázio de Figueiredo era dessa maçonaria...e a mulher dele também...a senhora Cinira...(((ele era aqui de Belém?))) não...de São Paulo...são pessoas muito respeitáveis... quanto a mim...eu considero uma maçonaria tão verdadeira quanto qualquer outra... (((e a de Ananindeua...tu já ouviste falar?))) nunca fui a esta loja mas posso te dizer uma COISA teve sete mestres é loja maçônica... o que impede o reconhecimento é pura politicagem (...)

Como já disse, para Von-Rommel, ter conhecimento é ter poder. Enquanto que, o que Seixas considera um *dom*, de acordo com suas crenças espíritas, a qual ele denomina também de “poder”, tido como “uma dádiva de Deus”, para Rommel, o termo “poder” tem a ver com o desenvolvimento da mente/pessoa, e com o conhecimento. As “escolas iniciáticas” ensinariam primeiramente a moral, a noção da punição, do quem “erra, paga”, e depois o “poder”. Para que “não se desse armas para um assassino”, isto é, para um despreparado no uso desse “poder”. A questão do dom/poder foi citada em vários momentos, a exemplo dos seguintes:

(...) em que eu me especialiZEL... Em pesquisar tudo aquilo que pudesse provocar um aprendizado mais RÁPIDO... Uma sensibilização mais RÁPIDA... Um despertar dos *poderes*

latentes no HOMEM... Pra isso entrei na maçonARIA... Tenho a honra de pertencer à Golden Dawn original (...)

(...) não sei se você viu aquele filme (...) o “aprendiz de feiticeiro”... está contido no filme chamado *Fantasia* de Walt Disney.... Que ele pega e espera o feiticeiro-mor sair e começa a usar a varinha pra fazer as vassouras trazerem água pra ele... que ele tinha a missão de trazer água... de fazer e acontecer...então ele simplesmente começa a fazer besteira porque ele não tem serenidade nem preparação pra usar aquele poder que está na mão dele... Ele começa a fazer bobagem... Então eu já fiz muita bobagem.... Eu aprendi muito com meus erros... Hoje eu já aprendo mais com os erros dos outros... Eu já tenho mais cautela (...)

(...) em matéria de *poderes* manifestos ele era 20% em relação ao meu primeiro mestre (...)

Fiz perguntas também relacionadas à crenças como Deus, o diabo, os anjos, ele me respondeu, primeiramente sobre Deus:

(...) O conceito de Deus... por exemplo... para uma pessoa que pesquisa essas coisas sabe que Deus...duas coisas não tem Deus ou não podem ser adaptadas à Deus... não podem ser nem sequer aproximadas de Deus como significativo de Deus: tempo e movimento....Eu concordo com Aristóteles na *Metafísica* que ele fala que...nem tempo nem movimento estão...são as duas coisas eternas que são de Deus mas não são Deus. Que tudo que tem começo... meio e fim não é Deus... Então o cristianismo tem essa característica de atribuir a um ser humano o título de Deus... Isso para um esotérico... para um cabalista...para um hermetista é o fim... porque quando você diminui deus você se dimiNUI... No momento em que eu pego...ele nasceu num dia e num dia ele vai MORRER... Pode acontecer acidentes no caminho e ele parar por outro motivo...como uma peça que você manda consertar e ele continua funcionando...mas um dia ele vai acaBAR... Se não acabar tu vais comprar um que provavelmente seja mais eficiente pra ti que ele... então de qualquer jeito acabou pra ele...ele deixou de ser ÚTIL... Então quando você vê assim aquela imagem por aí de um velhinho de barba branca... aquilo é a coisa mais terrÍVEL... Porque se ele é velhinho... um dia ele foi adulto... um dia ele nasceu... foi criança... então se ele foi criança... ele nasceu... não é DEUS... Porque Deus é ilimitaDO... Por que que é interessante ter essa noção de Deus? Porque se ele for limitado nós seremos mais limitados AINDA... Porque nós somos uma VÍRGULA... Num mar de opÇÕES.... Então quanto maior for o deus que nós cremos mais alto nós poderemos chegar como indivÍDUOS.... Por isso que a Golden Dawn ela na

iniciação... ela coloca: *você tem que ser mais que humano* (((parece Nietzsche))) Você tem que ser mais que humano.... Por que você tem que ser mais que humano? Porque você tem que buscar a perfeição... Tem que ser frio na busca da perfeição... Tem que ser um lutador constante porque ela nunca chega... ela nunca vai chegar.... Mas o que importa aí... aí vem do taoísmo: o que importa é o caminho (...)

Em seguida, em diversos momentos falou-me sobre a idéia que tem do diabo e do mal, influenciado por sua religião judaica:

(...) Todos têm o SATÃ....Tanto que o demônio grego... Sócrates tinha um demônio que conversava com ele... depois veio o cristianismo que transformou tudo isso em coisas RUINS... O diabo... o satã... segundo as grandes pesquisas é na verdade o gatilho que te provoca uma AÇÃO.... (...) O diabo é um excelente “costa larga”... o diabo é o criador das religiões.... Essas religiões novas... as antigas... os ismos... de mil anos atrás... tu não encontras o diabo.... Tu não encontras o inferno no judaísmo... a *gueena*...ou *guena*... é o local para onde todos os mortos vão... bons ou maus... não tem essa história de inferno...o inferno é aqui meu AMIGO...E o céu é aqui também (...)

(...) Agora... o que é o mal? O mal é quando este gatilho te provoca uma ação em vez de tu criar tu matas... Foi o diabo? Não... ele só te provocou... tu que fizestes... Então é muito fácil... Sabe... no momento que as pessoas assumem a responsabilidade... mas a falta de assumir responsabilidade é humana... A Bíblia mostra claramente ISSO... Deus disse: *não prove da árvore do centro do jardim*...Aí *Adão porque tu provou...* . *Ah... a mulher que me...*... A mulher: *mulher... porque tu fizeste isso? AH... *Foi a serpente...* A serpente olhou pra um lado...olhou pra outro... não achou ninguém pra culpar coitada... Pegou a PEIA... Somente o permanente contato com a responsabilidade torna o homem íntegro o suficiente para se dizer humano (...)

Assim, a “consciência responsável” é algo bastante enfatizado por esse maçom. O ser humano é aquele que se responsabiliza pelos seus atos, e age conscientemente. Além disso, ele deve também procurar sempre aprimorar-se. Enfim, para resumir, afirmou:

(...) Deus é o tudo... O diabo é um funcionário muito bem pago do céu e os anjos são os meios através dos quais deus se manifesta no mundo.... Ta entendendo? Porque o diabo é um mito? Porque é muito fácil... é só você ver o Jô... eu tenho um capítulo aqui sobre...no *a verdade*

sobre os anjos... falando sobre o problema do mal... eu coloco biblicamente a questão do mal... a questão do diabo... o diabo é um funcionário muito bem pago pra tentar... tanto que o nome *diabo* na verdade é uma corruptela do hebraico Satã...que é [charachatan]... *testaDOR* Ele só te testa... é tu que decides fazer o bem ou o mal... deus desistiu de destruir o mundo por causa do homem... ele fala logo no começo... depois do diLÚVIO...*Não mais destruirei a terra por causa do homem porque ele trás em si a essência do mal*... O homem é o diabo... O Satã...só testa... E também serve para te provoCAr... Ele serve para te provocar a vontade de descobrir coiSAS...Ele provoca a tua curiosidade...ele provoca a tua inventividaDE... Todo marketeiro na verdade tem um Satã do lado que o está provocando para que ele aflore a sua criatividaDE (...)

No final de 2002, conversamos sobre as transformações que ocorrem no mundo, enquanto para Seixas, o mundo é “local de passagem”, para Rommel,

(...) O calendário maia fala que 2013 vai ser o ano da grande mudança...eu acredito NISSO...(((2003?))) 2013.... Nós estamos saindo de uma era do *Feng-shuei* chamada *kin-yu* que é a *grande gestação*... Ou seja... a mulher está com as dores do parto e este parto já está acontecendo... ou seja... ela está se libertando... a terra está entrando num cinturão de fótons que segundo os místicos... os mágicos.... psicodélicos... seria a *era de ouro*.... E nada mais justo você vê que tudo está sendo colocado em facilidade... a Internet... os remédios que mexem em áreas do cérebro pra te trazer alegria... o AVIÃO... Os tipos de comida que estão sendo inventados... Os próprios tipos de transgênicos não deixam de ser uma solução para os terríveis problemas de fome no MUNDO... Então o que acontece? Porque que ficam reclamando dos transgênicos e da manipulação genética se nós somos CLONES? A bíblia mostra claramente que no princípio...macho e fêmea os criou... Isso ta em qualquer tradução. *E deu-se os nomes: Adão* Isso antes da criação da MULHER... Só o que acontece? O homem nasceu andróGINO...Por que que tem no Levítico? Todas aquelas designações: *Desses animais comereis... desse não* Por que? Porque são impuros... Porque? Porque os animais puros foram manipulados geneticamente para serem consumidos pelos seres humaNOS... Só que naquela época existia um sistema muito mais hierárquico... Agora NÃO... Vem um pessoal torcendo pra isso...quando o cidadão protege a terra... protege a mata... ele ta fazendo uma coisa boa... mas o fazendeiro que às vezes já afastou aquela terra... ou pai dele ou o avô dele e aí se ele toca fogo na grama... o Ibama vai lá e persegue o cara...

mas quando ele não toca fogo vem um raio cai e faz a mesma COISA... Então as pessoas não se tocam que quando tem que ser SERÁ... Quando se refere à naturezaZA (...)

Para Von-Rommel, do judaísmo, mesmo quando não se sacrifica, a própria natureza se encarrega de fazê-lo. Sua declaração revela também a junção que faz entre tradição e ciência, pois conforme observou Magnani, *o homem da Nova Era* não rejeita os avanços científicos. Por curiosidade, perguntei-lhe se ele era vegetariano, já que existe um movimento grande dentro da *New Age* que preconiza o vegetarianismo. Ele me respondeu:

(...) NÃO... Sou totalmente contrário a desequilíbrios de qualquer espécie... Nada de extremismos...NADA... Um bom churrasco faz bem ao espírito (...)

O conceito de *evolução*, para Rommel, tão freqüente no meio, de acordo com o que notou também Magnani, se faz através da aquisição de conhecimentos e experiências, no plano pessoal e vendo a humanidade como um todo, Rommel acredita que a evolução “tem caminhado a passos largos”:

(...) O conhecimento tem se acelerado de tal forma...que ele muda a cada seis meses... a cada oito meses...você pega...tem livros que tem saído agora que seriam inadmissíveis há 50 anos atrás... Então a nossa evolução tem caminhado a passos largos (...)

(...) a auto-restrição ela te provoca a evolução... mas tem pessoas que se acostumam a essa restrição e acreditam que aquilo é o fim... Mas não... toda restrição... todo problema que surge na verdade é uma espécie de pimenta e cominho na comida... Dá um saborzinho diferente... Se você souber tirar proveito... lá você encontra sua raiz (...)

Para Von-Rommel, “a vida é dura”, mas também traz suas “lições”, semelhantemente à Seixas, em que a vida é uma escola de aprendizados:

(...) Eu não me interesso por quando ela surgiu [a vida]...Mas eu me interesso o que é que ela é....Ela é o meio por onde você pode manifestar suas emoções... É o meio por onde você pode dizer que ama ou que tem ódio... é o meio por onde você pode aprender as lições...repeti-las ou passá-las... A vida é o palco e nós somos os atores deste drama criado de co-autoria: Deus-Eu... Cê entendendo? ((rindo...)))

Prossegui nessa entrevista perguntando ainda questões que revelam mais sobre o modo no qual ele dá sentidos ao mundo:

((O que é a morte pra você?))) Uma passagem para um local realmente paradisíaco...((Existe vida após a morte?)))Existe vida fora nos planetas quem dirá depois da morte...((E o que se faz na morte de um membro de acordo com a sua ordem esotérica? Na Rosacruz o que que fazem?)))Tem um ritualzinho que é feito... Um ritual de veneração... mas eu sigo mais o ritual judaico...você faz aquela despedida do dia... faz um luto de sete dias...você fica no chão... sentado... é....descalço... sem tomar banho e no sétimo dia você se levanta e acabou... Durante um ano você vai à sinagoga e reza uma reza chamada [kabich] em homenagem ao seu ente...E os salmos são rezados com números e letras... com o nome daquela pessoa... para que ela tenha iluminação... O salmo 23 fala: *e retornarei à casa de meu pai por quantas vezes perdurarem os dias de minhas vidas*... essa é a tradução verdadeira... Tanto que não é *o senhor é meu pastor e nada me faltará* é *o Senhor é meu pastor e não me faltará*... Por que que não traduzem? Porque se traduzirem o começo... vão ter que traduzir o fim corretamente... então eles vão ter que concordar que existe reencarnação... ((E na Golden-Dawn tem algum ritual especial?)))Sim... mas esse eu não posso falar porque ele é secreto... Fecha-se o chakra dos mortos para que eles não possam ser chamados em sessões de qualquer espécie...((Olha, interessante...))Ou seja... porque é uma perturbação chamar o morto no caminho da evolução dele...chamar para uma sessão espírita ou seja lá o que for...apesar de eu considerar o espiritismo uma ciência e não uma religião... é danoso para o morto ser chamado quando ele está em caminho de evolução... A bíblia mostra isso muito claramente quando [Chaul] ou Saul evoca o Ezequiel através da feiticeira Elianor, e ele chega muito chateado e esculhamba com Saul...porque pra quê você vai perturbar os mortos? Tanto que a melhor forma de adorar os mortos... escrevi inclusive nos meus *100 segredos* é você ser feliz porque dentro de você está o DNA de todos os seus antepassados... Se você está feliz você está fazendo um carinho em todos esses antepassados... Eles não precisam se preocupar contigo...eles podem renascer tranqüilamente porque eles sabem que você está feliz...((E na maçonaria tem algum ritual?)))Tem... É um ritual muito interessante, as pompas fúnebres...é um ritual muito impressionante que causa um profundo impacto psicológico que envolve raízes muito antigas... da mente... e da memória. ((silêncio...)) (...)

Von-Rommel comenta certos assuntos somente até certo ponto. Depois cala-se em obediência a juramentos prestados.

Ao observarmos ainda a forma como Von-Rommel dá sentidos ao que o cerca, um ponto de contato entre esse maçom e Seixas é que ambos acreditam que o imperialismo americano estaria caminhando para seu fim. Quanto à idéia de igualdade, afirmou:

(...) Do mendigo ao doutor... trato todos do mesmo jeito... porque somos todos iguais e todos vamos pro PÓ (...)

Enfim, ao finalizarmos o exame dos aspectos cognitivos e existenciais em comum entre os dois agentes, se percebe que ambos se tornaram maçons e não se desligaram de suas religiões, o espiritismo e o judaísmo, aliás, não que a instituição exija essa postura, mas há uma contradição nisso, pois a maçonaria transforma uma pessoa em maçom, logo, em um livre-pensador – sem dogmas. Ao manterem seus dogmas religiosos (outros, além da crença em um Deus generalizado) esses maçons estão, assim, agenciando duas identidades opostas: maçom e espírita; maçom e judeu. Além disso, os dois conjugam um aspecto presente no movimento Nova Era, o irracional e o racional, ao mesmo tempo. Mas não em uma dicotomia simplista. Pretendo explorar a questão no próximo capítulo.

4.2.6) O maçom Von-Rommel e o esoterismo em sua forma contemporânea.

O maçom Von-Rommel assumiu um lugar de destaque no esoterismo da cidade. Esse maçom¹⁰⁶ é quase tão citado como o foi Roberto Conde, ou até mais. Dentre os autores presentes no *site* da Grande Loja, destaca-se a sua figura, visto entre os esotéricos como um líder, um grande estudioso no assunto, concentrando as redes do esoterismo na cidade, pois todos o indicam quando se aborda este assunto.

No *site*¹⁰⁷ da *Grande Loja Maçônica do Pará*, maçons listaram suas publicações: *A Ética do Sinai*, Ed. SEFER, livro do Rabino I. Drosnim, com a participação de Erwin Von-Rommel no Conselho Editorial; *A Lei de Moisés – Tora*, Ed. SEFER, livro com a participação de Erwin Von-Rommel no Conselho Editorial; *A verdade sobre anjos*, livro de Erwin Von-Rommel; *Biografias Maçônicas Paraenses*, livro de Cândido Marinho da Rocha (1978); *100 Segredos*, livro de Erwin Von-Rommel; *Em busca da verdade*, livro de

¹⁰⁶ Contou-me que seus clientes mais fiéis eram empresas do sul do país .

¹⁰⁷ <http://www.glmpa.com.br>

Afonso Mauro; *Maçonaria e as necessidades de mudanças*, Sadi, Domingos Perlin; *Os três julgamentos do Mestre*, Reginaldo Cunha; *Pequena História da Loja Maçônica Renascença* nº.3, Matheus Ferreira de Souza; *Poesias*, João Felix da Costa Neto; *Religiões*, Matheus Ferreira de Souza.

Como já disse, essas publicações ocorreram de um modo artesanal, sem envolver muita produção e com nenhuma mídia. Com exceção do único a produzir na contemporaneidade e a quem tive acesso às publicações: o maçom Von-Rommel tinha naquele momento duas obras listadas, *A verdade sobre os Anjos* e *Sem Segredos*, bem como traduções de livros relacionados ao judaísmo. De acordo com dados etnográficos datados de 2003 a 2005, percebi que ele foi o autor que mais publicou nesse período, na contemporaneidade e por conta própria, contando com o apoio da mídia local.

Assim, Von-Rommel foi o mais publicado como também o mais lido no meio esotérico local. Findou, com isso, por realizar a inter-relação da maçonaria com o esoterismo em sua forma contemporânea. É nas lojas comerciais de produtos esotéricos da cidade que seus livros são vendidos; ele é indicado pelos proprietários dessas lojas, a qual também presta serviços organizando as lojas de acordo com o *Feng-Shuei*, é indicado pelos consumidores que se tornaram seus clientes em astrologia. E é também convidado a se pronunciar todo final de ano sobre as previsões do ano novo na mídia local¹⁰⁸. E como se houvesse o Von-Rommel maçom (que, segundo seus “irmãos” fala do esoterismo de uma forma mais profunda na Ordem) e o Von-Rommel envolvido no mercado do misticismo contemporâneo.

Os espaços de sociabilidade dos esotéricos não são muitos. Daí a importância das lojas comerciais esotéricas na cidade, em que a figura de Von-Rommel é sempre pronunciada quando se trata de solicitar uma fala sobre esoterismo.

Dessa forma, em Belém do Pará, as lojas de produtos místicos da cidade são os lugares de reunião e de atração de esotéricos de várias vertentes, além da sua função de

¹⁰⁸ Cf. matéria AS DICAS DO ASTRÓLOGO VON-ROMMEL PARA UM 2004 FELIZ. *O Liberal*. 28 dez 2003, sessão zen, revista *Tropo: demais!*, p. 09.

comercialização dos produtos esotéricos. É bastante visível a expansão de lojas de produtos esotéricos na cidade, mas ainda assim, não parece um fenômeno fora de controle, pois a maior parte de seus comerciantes são ligados a “organizações de iniciação” ou já foram.

Retomando um pouco o histórico deste ambiente esotérico na cidade, observamos que já no século XX, o campo esotérico passou a funcionar sob uma dinâmica própria, não mais completamente secreto, nem presente somente em grupos fechados e iniciáticos, mas interligado ao campo político, que vem a consagrar alguns gurus (como Von-Rommel) e ao econômico¹⁰⁹ (o mercado) e com uma rede de esotéricos mais extensa, o que provocou o afastamento de vários outros esotéricos, pioneiros no agenciamento do campo e desse momento de abertura, por volta dos anos 80, insatisfeitos com a chegada dos novos, considerados “charlatões”¹¹⁰.

Com essa expansão, a rede esotérica perdeu em densidade e, por isso, em qualidade, segundo seus integrantes, com a fragmentação e/ou má-interpretação de seus ensinamentos numa versão contemporânea de esoterismo¹¹¹, menos restrita, mais massificada, pois que traduz em linguagem simplificada conteúdos antes restritos a membros de ordens iniciáticas, causando um embate no interior do próprio campo. Dessa forma, o campo esotérico anuncia um processo de ruptura ética com um esoterismo concebido originalmente como secreto e restrito. Isto é, de uma ética fundada no secreto, na arte em si, para uma ética de mercado, de publicidade e de consumo dos bens simbólicos. Engendrou-se, nesse caso, um novo discurso¹¹² para justificar essa publicidade como normal e sem maiores consequências para o sagrado cultivado nas ordens iniciáticas. A maçonaria acabou enterligando-se a outro campo, já que Von-Rommel, um maçom integrante da *Grande*

¹⁰⁹ Também na época do “fenômeno Paulo Coelho”, por volta dos anos 80, a população de esotéricos aumentou. Mesmo quem não participava de nenhuma ordem secreta ou grupo passou a querer escrever sobre o tema ou se inserir nele de alguma forma, seja através das inúmeras mancias (Tarô, cartomancia, geomancia, numerologia, astrologia, runas, etc.) promovendo atendimento ao público, ou através do comércio de produtos esotéricos. Mapeamos ao todo 12 lojas no início do ano de 2004, com exceção de três lojas, todos seus proprietários vinculam-se a estudos (ordens) esotéricos.

¹¹⁰ A observação veio do numerólogo Franz Kreuter, um dos pioneiros no agenciamento do campo na cidade.

¹¹¹ Enfurecida, comenta uma informante: “todo mundo se diz esotérico hoje em dia. Mas antigamente não era assim!” Mapeamento do campo, jan/2003.

¹¹² Para o maçom Von-Rommel, “é evidente que a revelação de chaves secretas visam um objetivo lógico, o despertar dos poderes no homem para que ele possa evitar a própria destruição.” *A verdade sobre os anjos*, p. 13.

Loja, é uma figura bastante badalada no meio esotérico. Este maçom, além de ter muitos clientes no ramo, promove, de acordo com o calendário astrológico, sessões periódicas de meditação, na qual exercita diversos conhecimentos, já que é membro de várias outras ordens esotéricas, além da maçonaria. Com tudo isso, nota-se que a maçonaria, por causa desses fatos, não se mostra alheia ao movimento esotérico contemporâneo local.

Observa-se, desse modo, a separação de um Von-Rommel-maçom e outro desdobrado em vários personagens que agenciam o esoterismo contemporâneo, têm-se, dessa forma, também duas diferenciações, um esotérico/esoterismo, compreendido como um maçom/esotérico que se movimenta com discrição e guarda segredo porque pesquisa um conhecimento arcano, restrito às sociedades secretas, e outro esotérico/esoterismo que compreende um modo de se movimentar em lojas comerciais de produtos esotéricos, em programas de TV, publicando livros e dando entrevistas para jornais locais sobre as previsões do ano, por exemplo, mais público e sem segredos. Ora, esse esoterismo refere-se ao que Magnani chamou de “neo-esoterismo”:

“Ponto de confluência de elementos das mais diferentes tradições, esse conjunto passou a abrigar uma ampla gama de produtos, atividades e serviços que vai desde consultas a antigas artes divinatórias, passando por terapias não convencionais e exercícios de inspiração oriental, até vivências xamânicas, técnicas de meditação, cursos e workshops sobre crenças e sistemas filosóficos de várias origens. Completa esse quadro a disseminação do consumo de artigos correlatos como compact discs de New Age e world music, livros de auto-ajuda, produtos orgânicos, incensos, cristais, pêndulos, imagens de anjos e duendes, etc¹¹³.”

Tais movimentações não se encontram descontextualizadas de seu momento histórico. Tanto a criação de Seixas quanto o envolvimento de Von-Rommel no que preferimos chamar de “esoterismo contemporâneo” podem se compreendidos sob a ótica do que se convencionou chamar de “novas espiritualidades” ou movimento “Nova Era¹¹⁴”.

Segundo Magnani, o processo de “reencantamento” do mundo teria sido um dos motivos que teria desencadeado o neo-esoterismo contemporâneo. Tal “*reencantamento* do

¹¹³ Magnani, J. *Mystica Urbe*, p. 10.

¹¹⁴ Soube que existe uma loja maçônica chamada de “Nova Era” no Mato Grosso do Sul. Mas a maçonaria é muito mais antiga que esse movimento.

mundo” é algo discutível, pois, a nosso ver, o esoterismo não contradiz empiricamente os supostos do paradigma weberiano. Afinal, todo o mercado e todas as ordens se utilizam da tecnologia para se promoverem e sua ética está perfeitamente adaptada ao capitalismo. As mensalidades nem sempre são acessíveis (com exceção da maçonaria de Seixas), e, além disso, algumas ordens, semelhantemente à maçonaria, abordam a relação com o dinheiro, trabalhando psicologicamente no adepto uma relação menos conflituosa com o capital. O ensinamento rosacruz, por exemplo, pretende treinar a mente de seu adepto para que ele tenha sucesso em seus empreendimentos.

O maçom Rommel, por exemplo, lucra bastante com a ansiedade destes *buscadores do sagrado*, mas, ao mesmo tempo é inegável que está colocando em circulação o que aprendeu nas ordens esotéricas que participou (e participa), com suas idéias e sua lógica esotérica publicadas fornecendo diretrizes aos seus adeptos.

No próximo capítulo exploro o termo *buscadores do sagrado* e tudo que esse envolveu durante a pesquisa realizada e aprofundo essa discussão.

V – “Buscadores do Sagrado”: notas sobre maçonaria, misticismo, esoterismo, religiosidade e espiritualidade na contemporaneidade da cidade de Belém do Pará.

“A espada em tuas mãos achada
Teu olhar desce.
“Que farei eu com essa espada?”
Ergueste-a, e fez-se”
(Fernando Pessoa)

“Buscadores do sagrado” foi um termo que recolhi durante a primeira pesquisa de campo em Belém do Pará. Referiu-se, naquele momento, aos maçons que se inquietavam pela procura do *mistério*, ou pela busca de uma *Verdade*, que estaria presente na maçonaria, enquanto *sociedade secreta*. Relacionada a essas buscas, portanto, eles viam na maçonaria uma Ordem bastante antiga, depositária de segredos milenares, que se revelariam gradualmente ao adepto, conforme o seu merecimento, pois, nesse caso, “existiria uma maçonaria dentro da maçonaria” (Von-Rommel). Assumiam que estavam, portanto, em “busca da Verdade, não importava aonde” (maçom R.C).

A noção revelou-se, desse modo, como uma espécie de chave que traduzia os embates em torno das transformações da maçonaria na cidade de Belém do Pará. Ora, a maçonaria praticada pelos segmentos regulares – pouco *espiritualizada* – não satisfazia a ânsia desses *buscadores* que não compartilhavam a concepção suposta de que a maçonaria deveria se voltar somente para atividades filantrópicas, ou para a *ajuda-mútua* entre os que participavam da Organização, ou mesmo para a influência na política externa, desvalorizando, desse modo, seus princípios *espirituais*. Alguns, inclusive, protestavam e afirmavam que a maçonaria não era um “*Rotary de avental*”. Essa instituição que fora descrita pelos maçons como uma *maçonaria* sem ritual, dedicada à amizade mútua e às causas filantrópicas. Como os maçons utilizam-se do *avental* nas ritualísticas da Ordem, uma maçonaria que não saberia mais o motivo de se utilizar esse *avental* nos rituais teria perdido as diretrizes primordiais da instituição, que, para esses maçons seriam valores relacionados à espiritualidade, aos Mistérios, ao sagrado.

Foi por conta dessa insatisfação com a instituição nos moldes em que era praticada, inclusive, que surgiu a maçonaria mista, levando aos extremos a *busca pelo sagrado*, pois

seu fundador – espírita – fora procurar em seu próprio repertório e religião essa maçonaria *espiritualizada*. Tal iniciativa fora justificada por ele não como uma invenção, mas como a “recuperação do espírito tradicional maçônico” que ele julgava que se estava perdendo.

Se, como *buscador do sagrado*, Seixas procurou a maçonaria (leia-se, a *espiritualizada*) através de rituais psicográficos, em contexto kardecista, outros maçons filiaram-se a outras Ordens além da maçonaria para encontrarem o que estavam buscando, pois a maçonaria como instituição – que daria a conhecer o *sagrado* – conforme o motivo de seus ingressos na Ordem, já não satisfazia. Outros ainda, insatisfeitos também com a prática maçônica local, preferiram partir da cidade interligando-se à *Grande Loja Unida da Inglaterra*, para praticarem uma maçonaria que não teria perdido esse sentido do *sagrado*: como o maçom *Salazar*, que acreditava que a maçonaria inglesa ainda resguardava segredos da Ordem, sendo vista, aos olhos desse maçom, como *gnóstica*. Salazar procuraria assim por essa *gnose*¹¹⁵, não encontrada na maçonaria da cidade de Belém do Pará.

Através da noção de *Buscadores*...se configurava uma espécie de rede social cujos agentes mostravam-se empenhados – a partir de uma trajetória impulsionada pelas suas próprias subjetividades – numa busca por ensinamentos transmitidos (a princípio) apenas nas “organizações de iniciação”¹¹⁶. Todos eles eram bem posicionados na instituição, e estavam, portanto, em condições de criticarem a Ordem, pois alguns deles haviam sido *Veneráveis* e outros ocupavam cargos administrativos em seu segmento. Conheciam desse modo, a lógica de funcionamento e de transformação da maçonaria, o suficiente para realizarem tais críticas e romperem, como o fez o maçom Seixas.

Todos esses maçons se identificam, portanto, com o termo “*buscadores do sagrado*”¹¹⁷ e procuram por uma maçonaria mais *espiritualizada*. Tal dado nos sugeriu que a maçonaria não estaria tão longe do campo da religião como o insistem alguns maçons.

¹¹⁵ “A palavra vem do grego *gnosis*, significando conhecimento ou compreensão, não no sentido científico, mas a partir de uma interpretação mais espiritual, assim como os budistas podem encontrar a iluminação através da autocontemplação e empatia com o mundo à sua volta. A consciência do próprio eu, a apreciação da natureza e das ciências naturais são, para os gnósticos, caminhos que levam a Deus.” KNIGHT & LOMAS. *A chave de Hiram*. São Paulo: Landmark, 2003, p.52.

¹¹⁶ Hutin prefere esse termo por se tratar em essência de “sociedades fechadas e não verdadeiramente secretas”. Cf. HUTIN, Serge. *As sociedades secretas*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

¹¹⁷ Guardadas as devidas diferenças que eles dão ao termo *sagrado*.

No entanto, ela não é uma religião, mas pode ser lida, na perspectiva usada por esses maçons – *buscadores do sagrado* – como uma *forma de religiosidade* ou em *perspectiva religiosa*¹¹⁸.

A afirmação de que maçonaria não é religião é unânime no meio maçônico, mesmo no segmento de Seixas. No entanto, há maçons, mesmo na maçonaria regular, que admitem que alguns maçons adotam uma postura de religiosidade na instituição, freqüentando-a e se dedicando a ela, como se essa fosse a religião deles. Uma maçom da maçonaria mista também afirmou a postura de religiosidade de sua maçonaria. Outro maçom, de *ethos* mais iluminista, como Salazar, afirmou que a maçonaria não é religião porque não adota nenhum deus particularizado, e que se ele tivesse que adorar a algum deus particular dentro do templo, esse deus seria a *dúvida*, porque, afirmou, “eles são os rascantes da humanidade”. Considerar a maçonaria como não religião sustenta-se na afirmativa de que maçonaria se pretende sem fronteiras, não tomando partido de nenhuma interpretação particular de um deus determinado, e porque os maçons se consideram “livres pensadores”. Estudam, por exemplo a vida de Cristo no 18º. grau, mas sem defenderem e/ou encerrarem qualquer tipo de discussão sobre o cristianismo – o que resultaria em um dogma –tomando posicionamentos que poderiam desrespeitar esta ou aquela religião de algum maçom. Segundo o maçom C.C.S, este é um grau “que provoca muita polêmica” quando abordado, pois justamente toca em dogmas religiosos que determinado maçom manteve ao entrar para a instituição, mesmo se tornando maçom, pois sua entrada no grupo não lhe provocou a renúncia à sua religião, portanto, ao seu dogma. Assim, o “Grande Arquiteto do Universo” não seria um deus a mais criado pela maçonaria.

No entanto, ao analisarmos as trajetórias de alguns maçons em Belém do Pará – *buscadores do sagrado* – observamos que as fronteiras entre a religião e uma maçonaria *espiritualizada*, idealizada por esses maçons, não se mostram assim tão nítidas,

¹¹⁸ Cf. Geertz, *a interpretação das culturas*, p. 128. Aceitação, fé, compromisso, encontro. Sentido de “verdadeiramente real”.

configurando uma maçonaria que se não é religião¹¹⁹, é *religiosa*. Ou melhor, que pode ser lida em *perspectiva religiosa*, como uma *forma de religiosidade*.

Por isso voltei-me para as questões que envolvem a *religiosidade*. Destaquei duas trajetórias diferentes, nesse ponto de vista, a do maçom Seixas e a do maçom Von-Rommel. O primeiro procurou a *espiritualidade* maçônica em contexto kardecista e o segundo, nos ambientes de várias *Organizações de iniciação*¹²⁰, publicando também vários livros, na cidade, acerca de suas idéias relacionadas ao esoterismo. Além disso, ao inscrever suas obras no *site* de seu segmento maçônico inseriu a maçonaria no contexto do esoterismo contemporâneo.

O termo *religiosidade* se refere, para Terradas, ao analisar a Revolução Francesa, à:

“...necessidade de dotar de *religiosidade* a ação política e qualquer iniciativa de transformação social; de dotar de um espírito de *devoção* (grifos nossos), que a experiência histórica viveu através da religião, as manifestações da política considerada relevante¹²¹.”

Dotar a maçonaria de um *espírito de devoção* porque em uma ritualística se está diante do sagrado, dentro de um templo devidamente preparado para tal, faz parte do *ethos*¹²² desses maçons que estão em busca do sagrado na maçonaria, vivendo a maçonaria

¹¹⁹ O tema da religião, expressa como um movimento de busca pelo sagrado, agencia, na cidade de Belém do Pará, Amazônia, Brasil, cisões com a fundação de novos grupos maçônicos, como “lojas” (no sentido de reunião de grupos) ou potências independentes uma das outras, como as potências mistas. A religião interpretada ao modo iluminista, também provocou cisões já que muitos integrantes afirmaram que tiveram que sair de determinada loja, porque para eles a maçonaria não era religião e alguns não souberam compreender isso, deixando com que seus dogmas católicos, espíritas, protestantes, por exemplo, interferissem em suas práticas maçônicas e dificultassem a convivência com os chamados “irmãos”.

¹²⁰ Hutin prefere esse termo por se tratar em essência de “sociedades fechadas e não verdadeiramente secretas”. Cf. HUTIN, Serge. *As sociedades secretas*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

¹²¹ Cf. TERRADAS, *Op. Cit.*, p. 50.

¹²² Conforme Geertz: “na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo *ethos*. (...) o *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral, estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete.” Cf. GEERTZ, C. “Ethos, visão de mundo e a análise de símbolos sagrados” in *A interpretação das culturas*, p. 143.

como se fosse uma religião, isto é, plena de *religiosidade*¹²³. É possível se perceber essa perspectiva quando adotamos outra leitura para a religião, seguindo as *pegadas* de Geertz.

Geertz, ao analisar *a religião como um sistema cultural*, em texto homônimo, afirma que uma religião é:

“Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas¹²⁴.”

Nesse caso, o *símbolo* para o autor, se torna uma espécie de *representação*, *concepção* do “programado” – um modelo “para¹²⁵”.

No caso dos maçons, *um modelo para* suas vidas é um mundo visto como uma obra arquitetônica, em que o caos¹²⁶ seria apenas aparente, ordenado pelo *Grande Arquiteto do Universo*. Eles, como maçons, seriam considerados “pedreiros”, mas “pedreiros livres” porque “livres-pensadores”, empenhados no trabalho de construção interior e exterior do “edifício”, com o objetivo do aperfeiçoamento, através da metáfora da “pedra bruta” que deve ser *polida*, representando-lhes a pessoa do maçom.

Para Geertz, quando se diz que “um homem é religioso” se está dizendo que ele é motivado pela religião, mas isso é *apenas uma parte do que se quer dizer*¹²⁷. A outra parte, é que “ele, quando estimulado de maneira adequada, tem uma susceptibilidade a certas disposições, disposições que às vezes englobamos sob rubricas tais como “reverente”,

¹²³ Para Montero, o campo das religiões, deveria ser visto como o campo da *religiosidade*. A *religiosidade* se trata de um termo que procura traduzir o fato de que as fronteiras entre uma e outra religião são ultrapassadas nas práticas de seus sujeitos: “Se o processo de apropriação das significações religiosas não respeita as fronteiras entre os credos – já que os sujeitos (ou seus mediadores) constroem pontes simbólicas que autorizam o movimento entre os códigos –, o campo religioso deveria ser compreendido, pois, não como o campo das religiões, mas o da religiosidade”. MONTERO, Paula. *Max Weber e os dilemas da secularização: o lugar da religião no mundo contemporâneo*. Novos Estudos CEBRAP. No. 65, março de 2003.

¹²⁴ GEERTZ, C. “A religião como sistema cultural” in *A interpretação das culturas*, pp. 104-105.

¹²⁵ *Id;Ibid*; p. 109.

¹²⁶ Cf. o ponto de vista de Von-Rommel no capítulo “Histórias de vida”. Ele afirma que o caos é apenas aparente.

¹²⁷ GEERTZ, *Op. Cit*, p. 111.

“solene”, “devoto”¹²⁸. Mas “não se pode falar de apenas uma espécie de motivação chamada *religiosidade*, da mesma forma que não existe apenas uma espécie de inclinação que se possa chamar *devoção*”¹²⁹.” (grifos nossos)

A idéia persistente de alguns maçons em se buscar o sagrado seria, desse modo, uma motivação¹³⁰ nascida do contato com uma maçonaria que envolve a presença de símbolos e alegorias que resguardariam um conhecimento maçônico e “arcano”, segundo esses maçons, tornando-lhes *devotos* dessa busca. Já a disposição, enquanto, “tendências, capacidades, propensão, habilidades, hábitos, compromissos, inclinações”¹³¹ no maçom se concretizariam também através da prática da Fraternidade, valor cultivado na instituição e muito afirmado, por exemplo, pelo maçom Seixas.

Geertz se refere às motivações religiosas. Os símbolos sagrados devem induzir às disposições (exultação, melancolia, autoconfiança¹³², etc.), formulando “idéias gerais de ordem”¹³³ e sendo reveladores de “verdades transcendentais”¹³⁴. Pois a religião “precisa afirmar alguma coisa”¹³⁵, para comprovar que “Deus não está louco”¹³⁶. O homem é dependente dos símbolos: “ele não pode confrontar-se com o caos”¹³⁷. Para o autor, o caos¹³⁸ ameaça o homem em pelo menos três pontos: “nos limites de sua capacidade

¹²⁸ *Id; Ibid*; p. 111.

¹²⁹ *Id; Ibid*; 111.

¹³⁰ Os motivos, segundo o autor, “gravitam em torno de certas consumações, geralmente temporárias. As disposições, porém, apenas variam em intensidade: elas não levam a coisa alguma. (...) as motivações são tornadas significativas no que diz respeito às condições a partir das quais se concebe que elas surjam. Interpretamos os motivos em termos de sua consumação, mas interpretamos as disposições em termos de suas fontes” *Id; Ibid*; p. 112.

¹³¹ *Id; Ibid*; p. 109.

¹³² *Id; Ibid*; p. 111.

¹³³ *Id; Ibid*; p. 113.

¹³⁴ *Id; Ibid*; p. 113.

¹³⁵ *Id; Ibid*; p. 113.

¹³⁶ *Id; Ibid*; p. 113.

¹³⁷ *Id; Ibid*; p. 114.

¹³⁸ “O que ocorre mais comumente é a dificuldade persistente, constante, reexperimentada, de apreender certos aspectos da natureza, de si mesmo e da sociedade, de trazer certos fenômenos esquivos para a esfera dos fatos culturalmente formuláveis que tornam o homem cronicamente inquieto, dirigindo para eles um fluxo mais uniforme de símbolos de diagnóstico. O que existe além da fronteira relativamente demarcada do conhecimento acreditado e que se avulta como pano de fundo na rotina cotidiana da vida prática é justamente o que coloca a experiência humana ordinária num contexto permanente de preocupação metafísica e levanta a suspeita difusa, oculta, de que se pode estar perdido num mundo absurdo” *Id; Ibid*; p. 117.

analítica¹³⁹, nos limites de seu poder de suportar, e nos limites de sua introspecção moral¹⁴⁰.”

A idéia de Ordem está presente na filosofia maçônica, relacionada à geometria, como já dissemos. A maçonaria, como forma de religiosidade, afirma essa ordem, mas as verdades só se revelariam para alguns, pois os ensinamentos maçônicos estariam assim ocultados em símbolos e alegorias, como afirmam tais maçons.

O termo *buscadores do sagrado* traduziu também a crise em relação à *capacidade analítica* do maçom, que, ao ser colocado no ritual diante de algo incompreensível, enigmático, achava que iria encontrar na instituição explicações para muitas de suas inquietações ao conhecer os “mistérios” da Ordem, e os seus “segredos”. Mas o que esses *buscadores* encontraram lá, (se encontraram algo) não foi satisfatório, fazendo-lhes buscar por mudanças.

O segundo tópico abordado por Geertz, como ameaça à ordem para o homem, é o sofrimento, provocado pela doença e pelo luto¹⁴¹. A religião seria um modo de se suportar tais dores, através dos símbolos religiosos¹⁴².

Símbolos para se refletir sobre a morte são encontrados em profusão na maçonaria, sendo a morte um grande tema de reflexão entre os maçons, presente inclusive em suas indumentárias, em negro. Os ritos de passagem de uma vida são, assim, assistidos pela instituição, que, para o batismo, possui o ritual de *Lowtons*, para o casamento, uma outra cerimônia, de tom confirmatório, e, para a morte, uma cerimônia, que, segundo Rommel:

¹³⁹ Quanto ao primeiro ponto ameaçador de crise no homem, os *limites de sua capacidade analítica*, Geertz sugere que a *inquietação profunda* é consequência, de “qualquer fracasso crônico do aparato explanatório, do complexo de padrões culturais recebidos (senso comum, ciência, especulação filosófica, mito) que se tem como mapeamento do mundo empírico para explicar as coisas que exigem uma explicação”. *Id;Ibid*; p. 115.

¹⁴⁰ *Id;Ibid*; p. 114.

¹⁴¹ Poucos foram os progressos nesse sentido, afirmou, pois para Malinowski, a religião ajudaria as pessoas a suportarem “situações de pressão emocional” “abrindo fugas a tais situações e tais impasses que nenhum outro caminho empírico abriria, exceto através do ritual e da crença no sobrenatural Apud GEERTZ, *Op. Cit*, p. 118.

¹⁴² Nesse caso, segundo Geertz, ancora “o poder de nossos recursos, também simbólicos, de expressar emoções – disposições, sentimentos, paixões, afeições, sensações (...) os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o, dêem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo, soturna ou alegremente, implacável ou cavalheirescamente.”*Id; ibid*; pp. 119-120.

(...) é um ritual muito impressionante que causa um profundo impacto psicológico que envolve raízes muito antigas... da mente... e da memória (...)

O problema do sofrimento nos conduz ao problema do mal¹⁴³. Sobre tal tema, a maçonaria como um sistema de moralidade é sempre bastante enfática em seus rituais. Conforme afirmaram os maçons da cidade, se algum maçom cometer algum delito, ele será julgado por um *tribunal maçônico*, solicitado em casos mais graves; se for um caso de corrupção comprovada, ele deverá ser expulso da Ordem. De qualquer modo, se *errar*, o maçom *paga*, não em dinheiro, mas de modo abstrato, a punição se refere, nesse caso, a algum sofrimento, dificuldade ou problema que o maçom deverá passar, providenciado pelo próprio movimento da vida, que lhe premiará segundo seu mérito ou lhe castigará se suas ações tiverem sido de prejuízo a outrem. Acredita-se, nesse caso, severamente na *Lei do Retorno*¹⁴⁴. Pois depois que jurado durante a ritualização que o maçom será justo e correto, um erro seu representará quebra de juramento e ele “será espiritualmente cobrado”, conforme afirmou Seixas – é através dessa crença, assim, que maçons da cidade procurariam resolver os *paradoxos da experiência humana*¹⁴⁵.

Mas antes de qualquer coisa, “aquele que tiver de saber precisa primeiro acreditar¹⁴⁶”, afirmou Geertz¹⁴⁷, pois se trata de uma *perspectiva religiosa*. Acreditar, na maçonaria, na perspectiva dos *buscadores do sagrado* é ter fé na maçonaria como guardião de segredos milenares, de uma espécie de Tradição, que eles gostariam, a todo custo, de conhecer. A

¹⁴³ Quanto a isso, afirma Geertz: “o problema do mal envolve não a adequação de nossos recursos simbólicos para governar nossa vida afetiva, mas a adequação desses recursos para fornecerem um conjunto manobrável de critérios éticos, guias normativos para governarem nossa ação”. *Id; ibid*; p. 121.

¹⁴⁴ Que pode ser interpretada também como a crença no sagrado em sua forma de *ira dei*, descrita por Otto como “imprevisível, imensurável (...) Vinculada a atos punitivos, consequência da violação das normas divinas.” Cf. Bruseke, *Op. Cit*, p. 217.

¹⁴⁵ Para Geertz, a “muda falta de sentido de uma dor intensa ou inexorável e a enigmática inexplicabilidade da flagrante iniquidade (...) levanta a suspeita incomfortável de que talvez o mundo, e, portanto, a vida do homem no mundo, não tenha de fato uma ordem genuína qualquer – nenhuma regularidade empírica, nenhuma forma emocional, nenhuma coerência moral. A resposta religiosa a essa suspeita é sempre a mesma. A formulação, por meio de símbolos, de uma imagem de tal ordem genuína de mundo, que dará conta e até celebrará as ambigüidades percebidas, os enigmas e paradoxos da experiência humana”. *Id; Ibid*; p. 124.

¹⁴⁶ *Id; Ibid*; p. 126.

¹⁴⁷ “O que significa a crença num contexto religioso?” – pergunta Geertz. Para o autor, primeiramente, quanto a isso, existe uma “aceitação prévia da autoridade que transforma essa experiência”. Essa autoridade pode ser lida através do “poder persuasivo das imagens tradicionais”, nas “religiões tribais”; “nas religiões místicas, ela reside na força apodíctica da experiência super-sensível, e nas religiões carismáticas ela reside na atração hipnótica de uma personalidade extraordinária”. *Id; Ibid*; p. 125.

autoridade a qual o maçom se submeteria, seria assim, a própria Tradição, invisível, e perpetuada através de símbolos e de alegorias. O *Venerável* de uma sessão maçônica teria apenas uma função simbólica dentro de um ritual, liderando a cerimônia. A *perspectiva religiosa*, para Geertz:

“Se move além das realidades da vida cotidiana em direção a outras mais amplas, que as corrigem e completam, e sua preocupação definidora não é a ação sobre essas realidades mais amplas, mas sua aceitação, sua fé nelas (...) em vez de desligamento, sua palavra de ordem é compromisso, em vez de análise, o encontro. (...) A perspectiva religiosa repousa justamente nesse sentido do “verdadeiramente real” e as atividades simbólicas da religião como sistema cultural se devotam a produzi-lo, intensificá-lo e, tanto quanto possível, torná-lo inviolável pelas revelações discordantes da experiência secular. Mais uma vez, a essência da ação religiosa constitui, de um ponto de vista analítico, imbuir um certo complexo específico de símbolos – da metafísica que formulam e do estilo de vida que recomendam – de uma autoridade persuasiva¹⁴⁸.”

Portanto, aqueles que entram na maçonaria com uma *perspectiva religiosa* da instituição assumem um *compromisso* com seus códigos de conduta moral, mas também buscam um *encontro* de tom religioso e singular durante as ritualizações, por exemplo, quando então são submetidos a um *complexo específico de símbolos* que resguardam a autoridade de uma Tradição.

A representação do maçom começa a ser estabelecida durante o ritual¹⁴⁹ de iniciação ao grau de aprendiz, quando disposições *guerreiras* (pois ele é chamado a se empenhar por mudanças em si e na sociedade) e *reflexivas* (para também ser despertado para a filosofia da Ordem) deverão ser incorporadas pelo maçom, ao tomar contato com vários símbolos e vivenciar diversas situações durante o drama da cerimônia. Da mesma forma, as motivações, como a busca pelas *Verdades* ocultas da Ordem ou as religiosas, como uma

¹⁴⁸ *Id;Ibid*; p. 128.

¹⁴⁹ E então Geertz chega ao ritual. “E no ritual – isto é, no comportamento consagrado – que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verdadeiras e de que as diretivas religiosas são corretas. É em alguma espécie de forma cerimonial (...) que as disposições e motivações induzidas pelos símbolos sagrados nos homens e as concepções gerais da ordem da existência que eles formulam para os homens se encontram e se reforçam umas às outras. Num ritual, o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas, tornando-se um mundo único e produzindo aquela transformação idiossincrática no sentido de realidade”. *Id;Ibid*; pp. 128-9.

devoção pela Fraternidade, deverão ser despertadas durante o processo ritual para manter o discípulo interessado em algum aspecto da instituição. Assim, o ritual induz a um “conjunto de disposições e motivações – um *ethos* – e [define] uma imagem de ordem cósmica – uma visão de mundo – por meio de um único conjunto de símbolos¹⁵⁰”

Ao sair¹⁵¹ da *atividade religiosa* do ritual, se espera que o maçom tenha incorporado *motivações* e *disposições* próprias ao mundo que acabara de entrar. Desse modo, cumprirá um papel na sociedade como cidadão atuante e sempre que lhe for possível ajudará “irmãos” em dificuldade, como também aos necessitados.

Em relação ao sagrado, sua busca é levada a termo de diferentes formas. O maçom Seixas o procurou na religião kardecista, por meio dos rituais psicográficos que pretenderam recuperar uma maçonaria *perdida*. Essa maçonaria seria para ele *amor*, com o desenvolvimento de homens e de mulheres reunidos, e de influência egípcia na condução dos rituais. Para o maçom V.P., o sagrado traduzir-se-ia como a busca por uma espiritualidade, que resultaria no desenvolvimento da pessoa do maçom, através do acesso a um conhecimento que ele chamou de *ocultismo filosófico*. Já para Salazar, o sagrado na maçonaria seria sinônimo de *gnose*, um tipo de conhecimento que somente a maçonaria possuiria, e não a paraense, mas a inglesa, a qual ele partiu em busca. O sagrado, para Von-Rommel, seria encontrado em diversas ordens esotéricas. Essas possuiriam segredos (conhecimento) que trariam uma espécie de poder a quem tivesse acesso a elas e ao seu conteúdo. Tal desenvolvimento de “poderes” no indivíduo foi também citado pelo maçom Boris*, que revelou ter entrado em várias ordens esotéricas porque queria conseguir o *poder* da cura. A *perspectiva religiosa* na leitura de maçonaria foi assumida por uma das mulheres da maçonaria mista que declarou que o momento da ritualística era o seu momento de orar, de *conversar com Deus*, pois ela afirmou não ter religião e a maçonaria não era, tampouco, uma religião, mas era *religiosa*.

¹⁵⁰ *Id; Ibid*; p. 134.

¹⁵¹ Contudo, Geertz deixa claro que as “disposições que os rituais religiosos induzem têm, assim, seu impacto mais importante – do ponto de vista humano – fora dos limites do próprio ritual, na medida em que refletem de volta, colorindo, a concepção individual do mundo estabelecido como fato no¹⁵¹.” Ou seja, terminado o ritual, o homem se volta para o mundo do senso comum, “um homem se modifica – a menos que, como acontece algumas vezes, a experiência deixa de ter influência. À medida que o homem muda, muda também o mundo do senso comum, pois ele é visto agora como uma forma parcial de uma realidade mais ampla que o corrige e o completa.” *Id;Ibid*; p. 139.

Assim, o termo *buscadores* do sagrado pôde traduzir diversos sentidos para o sagrado e permitir a inclusão das mulheres nessa crença compartilhada de que se está à procura de algo, traduzível sob diversas formas.

Além dessa leitura possível para a maçonaria, em *perspectiva religiosa*, ao focalizarmos o termo *Buscadores do sagrado*, é necessário comentarmos algo sobre esse sagrado, pois ele configura uma maçonaria ansiada por esses *buscadores*, desenhando outro perfil para a instituição.

O sagrado é uma *potência irracional por excelência*¹⁵² – como já dissemos anteriormente, a partir de Otto. A análise desse irracional foi empreendida por Otto, e recuperada através de um artigo de Brüseke¹⁵³. Embora o sagrado tenha uma parte racional, da ética, existem outros momentos em que tal concepção se perde, segundo Brüseke. Esse momento seria o “numinoso”, fora do alcance de conceitos e possuidor de várias qualidades¹⁵⁴. Sua substância seria irracional, embora existam testemunhos de sua experiência. O *numinoso* seria “o chão da fé¹⁵⁵”. O sagrado é, assim, visto como o *numinoso* sem o seu “momento ético¹⁵⁶”. Otto apresenta, segundo Brüseke, sete “características ou momentos do *numinoso*: o momento *tremendum*, o momento do poder superior (*majestas*), o momento do enérgico (*orgê*), o momento do mistério (o completamente outro), o *fascinans*, o *augustus* (valor numinoso) e o terrivelmente estranho (*das Ungeheure*)¹⁵⁷”.

O silêncio frente a algo inexplicável¹⁵⁸ – o *tremendum* – foi a reação de Von-Rommel quando lhe perguntei sobre os ritos mortuários da maçonaria. Ele não entrou em detalhes sobre o assunto e ficou por algum tempo em silêncio. A maioria dos maçons quando eram

¹⁵² Daí a afirmação de Wright de que ele seria “imoral”, pois ele simplesmente rompe com as regras estabelecidas pois se trata de algo imprevisto.

¹⁵³ Cf. BRÜSEKE, Franz Josef. “A técnica moderna e o retorno do sagrado”. In *Tempo Social*; Revista Sociologia, USP, São Paulo, 11, pp. 209-230.

¹⁵⁴ *Id; Ibid*; p. 216.

¹⁵⁵ *Id; Ibid*; p. 216.

¹⁵⁶ *Id; Ibid*; p. 217.

¹⁵⁷ *Id; Ibid*; p. 217.

¹⁵⁸ Durante a experiência do *mysterium tremendum* o homem entraria em contato com o “segredo da criação”, tal resultaria em sentimentos tais como “medo ou pânico” ou ainda “o silêncio, frente a algo indizível e inexplicável, silêncio que quer evitar que a fala do segredo do Ser torne-se falatório”. *Id; Ibid*; p. 217.

perguntados sobre o tema da morte, reagem dessa forma, porque para eles, a morte é o grande mistério.

O *numinoso* também descarregaria sua *ira dei* se alguém se aproximasse demais de sua essência, levantando um aspecto de temor e respeito do sagrado. Tal aspecto procura ser encenado no rito de iniciação da maçonaria, quando o “profano” tenta entrar para a maçonaria e, a todo momento, lhe são colocados obstáculos, e ele chega também a ser testado pelo “Irmão Terrível”, demonstrando, com isso, um caráter de punição aos infratores que tentam invadir esse sagrado, pois desse modo, *ira* divina pode se manifestar. O caráter de punição também pode se manifestar, como já dissemos, quando um maçom não cumpre com seus juramentos.

Salazar, ao narrar sua experiência de transformação de sua pessoa e confidenciar que sentiu-se como se tivesse tomado um “chá de alcalóide”, durante a cerimônia de instalação de mestre, pelo Rito de York, acabou traduzindo um sentimento do *numinoso* denominado de *majestas*¹⁵⁹ – o momento do poder superior, de transcendência:

“O sentimento de *majestas* transmite a sensação de anulação da própria existência, (o eu torna-se poeira e cinzas) por um lado, e da onipotência da transcendência, por outro. O objeto transcendente ganha um status de uma presença plena enquanto o ego confronta-se com a experiência da dissolução de si mesmo. (...) o Ser ocupa o lugar da transcendência¹⁶⁰.”

O *momento do enérgico (orgé)* foi descrito pela maçom G. L. da maçonaria mista. Ela revelou que, algumas vezes, ao atuar como *Venerável*, saía do templo com uma “sensação de alegria muito grande”, como se ela tivesse se “energizado”. Esse sentimento é descrito por Otto como o do “deus vivo”, experiência que resulta em “vontade, força, movimento, agitação, atividade e paixão¹⁶¹”. Trata-se também do *fascinans*, pois ela afirmou também que não tinha palavras para descrever essa sensação. Nessa forma de *numinoso*, “*em vez de repelir e afastar o homem atrai e requer aproximação. (...) Em contato com este ainda-mais o homem sente uma felicidade plena, que transcende qualquer estado emocional*

¹⁵⁹ *Id; Ibid;* p. 218.

¹⁶⁰ *Id; Ibid;* p. 218.

¹⁶¹ *Id;Ibid;* p. 218.

comum. A im-pressão que o fascinans deixa na alma humana é indizível, a língua é incapaz de ex-pressar o que a alma sente¹⁶².”

O momento do mistério (o completamente outro) foi algo descrito por Von-Rommel em sua experiência do coma, quando afirmou ter conhecido o seu anjo da guarda:

“Misterioso é aquilo que subtrai-se principalmente e para sempre de um acesso cognitivo, ainda mais, na experiência do misterioso fazemos a experiência do completamente outro, que nos repele e nos atrai¹⁶³”

Esse sentimento foi experimentado também por uma das maçons da maçonaria mista, que, sem ser espírita, viu-se frente a frente com o *mistério* (como estranho) quando percebeu o médium Seixas recebendo mensagens de espíritos de maçons desencarnados.

Há ainda o “enormemente estranho” que provoca “uma posição de humildade frente a dimensões tanto do universo como da nossa existência e dos nossos feitos”. Outra forma de numinoso é o *augustum*, como valor numinoso, fundamentando com força uma ética¹⁶⁴.

De todos esses aspectos do numinoso, os maçons – *buscadores do sagrado* – na cidade parecem se inquietar mais com o *mysterium tremendum*, que seria algo como uma revelação do *segredo da criação* e também da *morte*. O mistério do *completamente outro* também se revela desejado pelos *buscadores do sagrado*.

Desse modo, o termo mais apropriado para esse grupo talvez fosse *buscadores do numinoso*: buscam viver experiências na maçonaria, para crescerem como indivíduos, “espiritualizarem-se”, dizem alguns. Voltam-se, desse modo, para a vivência do *numinoso*, valorizando na instituição e procurando, de diversos modos, na maçonaria esse aspecto.

Além dessa perspectiva, acreditam que a maçonaria não é religião, porque o seu sagrado é anterior a qualquer religião. Durkheim, em *As formas elementares da vida religiosa*, já afirmava que:

¹⁶² *Id:ibid*; p. 219.

¹⁶³ *Id;Ibid*; p. 219.

¹⁶⁴ *Id;Ibid*; p. 220.

“A religião, com efeito, não é somente um sistema de idéias, é antes de tudo um sistema de forças. O homem que vive religiosamente não é somente o homem que se representa o mundo de tal ou tal maneira, que sabe o que outros ignoram; é antes de tudo um homem que experimenta um poder que não se conhece na vida comum, que não sente em si mesmo quando não se encontra em estado religioso. A vida religiosa implica a existência de forças muito particulares¹⁶⁵”.

Com isso, segundo Sanchis, Durkheim já colocava a categoria do sagrado como a base de toda religião. Um sagrado que, como força religiosa, para objetivar-se deveria fixar-se em um objeto, de acordo com Sanchis.

Na maçonaria, o sagrado é objetivado através de diversos símbolos, sendo o principal o G maiúsculo encontrado em todos os templos maçônicos que expressa a crença no GADU. Tal objetivação, mediada também pela ritualística maçônica, em um templo adequadamente decorado para esse fim, vai comandar a partição do universo entre “sagrado” e “profano”, atribuindo-lhe sentido e instituindo em seu interior “uma escala hierarquizante de valores¹⁶⁶”.

Este processo de objetivação do sagrado, aliás, só poderá desencadear-se, segundo a leitura de Sanchis, a partir das “forças excepcionalmente intensas” que se “desentranham dos homens reunidos¹⁶⁷” – um “mundo diferente” que caracteriza o mundo sagrado¹⁶⁸.

Ora, tais traços (um deus; um sagrado; ritualísticas; símbolos; homens reunidos em um templo) que caracterizariam uma religião, segundo Durkheim, são encontrados na maçonaria, daí ser possível relacioná-la também através desse argumento a uma *forma de religiosidade*. E, além disso, como o sagrado é visto como base de toda religião, pois o que o define é, de acordo com Durkheim, que ele é “superacrescentado ao Real.” Algo “*Ideal*,

¹⁶⁵ APUD SANCHIS, Pierre. “A contribuição de Émile Durkheim” in *Sociologia da Religião*. Petrópolis, Vozes: Rio de Janeiro, 2003, p. 41.

¹⁶⁶ *Id*; *ibid*; p. 41.

¹⁶⁷ Apud Sanchis, id; *ibid*; p. 44.

¹⁶⁸ “A religião para a maçonaria consiste, segundo Alberton, um autor maçônico, em os maçons serem “bons, sinceros, honrados, de modo que possam ser diferenciados dos outros. Por esse motivo, a Maçonaria é considerada como o CENTRO DE UNIÃO e faculta os meios de se estabelecer leal amizade entre pessoas que sem ela, não se conheceriam”. ALBERTON, Valério. *O conceito de Deus na maçonaria*. Rio de Janeiro: Aurora, 1981, P. 28.

“uma sociedade não pode nem criar-se nem recriar-se sem, pelo mesmo movimento, criar algo ideal”, a maçonaria ao instituir como sagrada uma Moral em sentido universal, procurando transformar o seu maçom, lhe colocando uma ética através da ritualização, porta-se religiosamente – coloca um ideal a ser seguido. Essa transformação que o maçom deverá empreender nele e na sociedade é bem representada pela metáfora da “pedra bruta” que o maçom deverá polir durante toda sua vida, como se fosse a si mesmo.

Conforme Sanchis, “existe sempre (...) um horizonte de surgimento do novo e de possível ruptura. Os sagrados nascem, desenvolvem-se, morrem – e, com eles as sociedades que eles sustentavam no ser¹⁶⁹”. Diante disso e dos dados etnográficos recolhidos na pesquisa de campo em Belém do Pará (2003-2005) que apontam pra uma reformulação da prática maçônica em direção a uma importância maior dada a esse aspecto da maçonaria, a maçonaria se tornou passível de ser interpretada em perspectiva religiosa.

A maçonaria mista de Seixas tornou-se, nesse caso, a representação de uma forma religiosa de sagrado, levando aos extremos a *busca pelo sagrado*, e colocando em tensão um campo maçônico insatisfeito com suas próprias práticas – tendo sido essa a transformação mais crítica abordada nesse trabalho, na maçonaria da cidade.

Sagrado esse, interpretado pelos maçons muitas vezes também como busca por mais *espiritualidade*. Religiosidade¹⁷⁰, sentimento religioso e espiritualidade, estão concentrados na noção êmica de *busca pelo sagrado*. Para alguns maçons, deveria se configurar através de reformas na instituição que a tornassem mais voltadas para a *espiritualidade*, como o maçom V.P., da *Grande Loja*, que declarou que a maçonaria tinha esgotado suas possibilidades de transformações na história e agora “ela deveria voltar-se para a espiritualidade”, investindo, portanto, no desenvolvimento individual de seu maçom. Seixas, ao fundar uma nova maçonaria, procurou “espiritualizar” a instituição. Von-Rommel, ao ingressar em inúmeras sociedades secretas e chegar mesmo a se profissionalizar no assunto, fez a ligação da maçonaria regular com o esoterismo

¹⁶⁹ Sanchis, *Op. Cit.*, p. 54.

¹⁷⁰ “A religiosidade pode ser entendida como um estilo peculiar e coletivo de expressar o sentimento religioso; enquanto espiritualidade refere-se a uma experiência pessoal expressa em formas idiossincráticas individualizadas.” MAGNANI, *Mystica Urbe*, p. 51.

contemporâneo e afirmou estar *buscando o sagrado*. Dessa forma, o sentimento religioso levaria à espiritualidade¹⁷¹.

O laço com o esoterismo em sua forma contemporânea foi acessado quando se analisou a trajetória e interesses de Von-Rommel – um *tipo-esotérico*.

O *tipo-esotérico* ressalta sempre o valor de suas experiências individuais, realizadas na solidão de sua casa, como o maçom D.M do *Grande Oriente do Brasil*, que afirmou dar mais valor às suas experiências *místicas* vividas na solidão de seu quarto do que se ele participasse de alguma religião e dependesse da voz de um padre, por exemplo¹⁷². Mas em relação à maçonaria, o sentido de comunidade é muito forte, embora tal dado não invalide o que foi declarado por esse maçom, que também participa de outras Ordens, além da maçonaria.

O misticismo foi uma característica citada para a maçonaria entre alguns de seus adeptos na cidade, foi interpretada como *busca pela divindade*.

Os sentidos encontrados por Magnani em relação ao *neo-esoterismo* da metrópole de São Paulo lembram em muitos aspectos o que foi dito por Von-Rommel e por muitos maçons a respeito dos valores da maçonaria. Mas a maçonaria é muito mais antiga do que esse movimento. Sua conexão com tal esoterismo, no entanto, se fez por Von-Rommel.

Von-Rommel ressaltou o valor dado à *emoção* na performatização dos rituais. Suas idéias lembram muitas dos conceitos em voga no movimento religioso atual. Sanchis observa que na religiosidade atual existe uma:

¹⁷¹ Segundo Magnani, denominada também de “nova consciência”; “eu interior/eu superior; inner self; “lenda pessoal”; mas todas remeteriam a um dos vértices do triângulo por ele formulado como a “matriz discursiva” do universo neo-esotérico. Cf. Magnani, Op. Cit, p. 105.

¹⁷² O que nos leva à definição das “novas espiritualidades” comentadas por Aubrée: “je les appellerai ici ‘nouvelles spiritualités’ dans la mesure ou la dimension assez individuelle qui se profile dans la ‘quête’ du croyant potentiel induit une dynamique de liaison, parfois exclusive, entre une divinité ou une ‘force’ supérieure et l’individu en état de recherche. Cette dynamique individualisante semble, au moins au Brésil, être un prénomène relativement nouveau dans une société où le propre de la quête mystique était jusque récemment de se structurer autour d’une figure charismatique et d’une dimension communautaire”. Cf. AUBRÉE, Marion. “Le cercle dieu et vérité”. *Archives des Sciences Sociales des religions*, no. 117, janvier – mars 2002, pp. 81-99.

“Primazia da emoção sobre a razão raciocinante ou científica. Emoção que desemboca numa plenitude humana, o que implica que não seja desprovida de repercussões epistemológicas. (...) quando o religioso contemporâneo diz ‘creio’, afirma a sua adesão a uma proposição, adesão que, normalmente, foi fruto de um processo de convencimento, inscrito no horizonte de caminhos não estritamente ‘racionais’: o testemunho, a “experiência” existencial (de cura, por exemplo) (...) trata-se do assumir de uma atitude subjetiva¹⁷³”.

Von-Rommel, como maçom, preconiza a “consciência interior responsável¹⁷⁴”, traço este ressaltado por Sanchis, como um dos tópicos discutidos em relação à Nova Era.

Na contemporaneidade, em relação à religião, não existiria mais uma verdade, mas verdades, sempre passíveis de mudanças em um “projeto simbólico” sempre inacabado¹⁷⁵. O indivíduo mesmo proporia seu próprio “universo de significação”, segundo Sanchis – confirmando o que dizem outros autores quando se põem a analisar a religiosidade da chamada “Nova Era” ou “circuito *neo-esô*”, como preferiu Magnani. Para este autor, o movimento que ele chamou de “neo-esoterismo” traduziria o “reencantamento do mundo”:

“A crise contemporânea de valores, o processo de “reencantamento” do mundo, a fragmentação do mercado religioso, o debilitamento das igrejas tradicionais e conseqüente busca de uma nova espiritualidade ajustada à lógica da sociedade pós-industrial¹⁷⁶ são alguns dos fatores mais listados que talvez tenham desencadeado o “boom do neo-esoterismo e seu processo de transformação tanto na paisagem urbana como no comportamento das pessoas¹⁷⁷”.

Mas se por *reencantamento do mundo* se pretende o contrário do que é afirmado por Weber considero que há um complicador nessa oposição. O conceito de Weber tem a ver com desmagificação¹⁷⁸, um conceito marcado historicamente, porque para que o capitalismo se desenvolvesse a contento era necessário que as *religiões mágicas* dessem

¹⁷³ SANCHIS, Pierre. “A religião dos Brasileiros”, p. 37.

¹⁷⁴ *Id.:Ibid*; P. 42.

¹⁷⁵ *Id.:Ibid*;p. 37.

¹⁷⁶ MAGNANI, José Guilherme Cantor. O Neo-esoterismo na cidade. in *Revista USP*, dossiê Magia, São Paulo (31) : 6-15, setembro/Novembro 1996.

¹⁷⁷ *Id., Ibid.*, p. 08.

¹⁷⁸ Termo de Weber para designar o longo processo histórico de desenvolvimento das religiões, e da racionalização do mundo em que se tratava de retirar a magia do mundo como meio de salvação. Cf. Weber, *a ética...*, p. 79.

lugar às *religiões éticas*, mais propícias para tal desenvolvimento. Foi preciso, portanto, *desmagificar* o mundo.

Com o advento da técnica, segundo Weber, o homem tornar-se-ia cada vez mais racional, a chegada da modernidade e a escalada da razão tenderia a levar o homem a uma especialização cada vez maior, num mundo cada vez mais intelectualizado e artificial, que abandonaria para sempre aspectos mágicos e intuitivos do pensamento e da existência. Este seria o processo irreversível da racionalização. A sua tese desenvolvida através do judeu-cristianismo, quando se operou uma eliminação da valorização da magia em prol da religião e de uma ética capitalista. Segundo Weber, com a chegada do capitalismo, o cristianismo veio propor uma ética da salvação conjuntamente à uma ética que reunia capitalismo e religiosidade, no caso, o protestantismo unido ao espírito do capitalismo.

Weber chegou a admitir contudo que era difícil *desmagificar* regiões que praticavam o budismo, por exemplo, nessas as multidões se interessavam em cultuar os seus santos, tidos por milagrosos, *“aos quais se alimentava bem, para que dessem, em troca, a garantia de uma reencarnação melhor, ou concedessem riquezas, em vida à larga, e coisas semelhantes, isto é, bens deste mundo. (...) O profano não encontrou nenhuma ética, segundo a qual pudesse orientar sua vida (...) Uma religiosidade deste tipo jamais podia estar em condições de eliminar a magia, quando muito, substituí-la”*¹⁷⁹

Pierucci esclarece que a racionalização religiosa acompanha no Ocidente o desencantamento do mundo. E que *secularização* não é o mesmo que desencantamento do mundo. A secularização é “resultado, consequência, de certa maneira um ponto de chegada, uma conclusão lógica do processo histórico-religioso de desencantamento do mundo. Em Weber, o processo de racionalização é mais amplo e mais abrangente que o desencantamento do mundo e, neste sentido, o abarca; o desencantamento do mundo, por sua vez, tem a duração histórica mais longa, mais extensa que a secularização e, neste sentido a compreende.”¹⁸⁰

¹⁷⁹ Weber, *História Geral da economia*, p. 172.

¹⁸⁰ PIERUCCI, Antônio Flávio. “Secularização segundo Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar um velho sentido” in *A atualidade de Max Weber*, pp. 121-122..

O tema do *desencantamento do mundo* foi motivo de uma conversa que tive com o maçom *Salazar*. Esse maçom afirmou que a maçonaria (nesse caso ele se refere à maçonaria universal, liderada pela Inglaterra) faria parte do paradigma weberiano de *desencantamento do mundo*. Chegou mesmo a afirmar que o próprio Weber teria sido maçom. O *desencantamento do mundo* jamais poderia ocorrer sem seu oposto, a maçonaria seria aquela que promoveria este desencantamento, interpretado por este maçom como “esclarecimento”. O que se considera magia hoje, amanhã pode muito bem ser visto como fato natural, como os poderes da mente, por exemplo. O encantamento foi lido como *representação*, assim, as pessoas necessitariam destas representações para viverem, e nenhum esclarecimento total seria possível sem que se provocasse a infelicidade para elas, desta forma, todo este movimento do misticismo contemporâneo seria algo para “mantê-las sob controle”, segundo *Salazar*, e isso tudo a própria maçonaria seria quem estaria promovendo, isto é, enquanto ela atuaria no sentido do “desencantamento do mundo” ao mesmo tempo incentivaria a magificação, através do movimento da Nova Era, que para esse maçom tratar-se-ia de algo *maçônico*.

Salazar, o maçom-cientista, comentou ainda que o objetivo da maçonaria seria a saída da religião. Ora, afirmou que o maçom deve, busca, “ser livre”, mas nem todos conseguem e estacionam nas religiões e nas representações. Daí existirem os dois processos: a desmagificação, que nunca se faz desacompanhar da magificação, com o objetivo da *secularização*. E tudo isso “com ética”, daí a importância de a maçonaria em seus ensinamentos promover bastante a moralidade entre seus membros.

As trajetórias analisadas revelaram aspectos relacionados ao *desencantamento do mundo*: a primeira trajetória pareceu ser representativa da *magificação*, do sagrado como potência irracional subvertendo um campo: Mestre Seixas. A segunda trajetória mostrou a relação com a Nova Era ou o misticismo contemporâneo: Von-Rommel. *Salazar*¹⁸¹ subverteu com as posições dos dois agentes destacados, pois ele declarou não ter religião, não querer que a religião influencie na sua conduta diária, e afirmou viver a maçonaria como o lugar em que ele buscava a Verdade, o *sagrado* (como gnose) mas sem dogmas,

¹⁸¹ Que não foi uma trajetória analisada com mais vagar por falta de dados, ele não gostava de narrar toda sua vida.

criticando, ainda, a postura por demais “religiosa” dos outros dois. A *desmagificação*, para ele, representava o modo como ele se desenvolvia e a secularização, segundo sua perspectiva, seria o grande objetivo da maçonaria. Declarou ainda desejar que em seu ritual de morte não tivesse qualquer padre, pastor, sua alma deveria ser encomendada apenas por um *mestre instalado*; e em sua lápide de morte apenas uma frase: *Salazar, mestre instalado*.

Em Belém do Pará, é inegável que a modernização se processa conjuntamente com os aspectos considerados mágicos e intuitivos, modernidade e sagrado, portanto, não se excluem. Têm se auxiliado. Desse modo, Von-Rommel e Seixas encontraram um terreno fértil – *jardim encantado* – para que suas idéias encontrassem colaboradores, sejam eles os consumidores dos livros e das dicas de Von-Rommel ou os participantes da maçonaria mista de Seixas.

Um imaginário negativo em torno da maçonaria ainda prevalece entre a população, pouco esclarecida sobre a instituição e seus fins. No interior do Estado, o mito do “Bode preto”¹⁸², é ainda bastante presente entre a população local. O escritor Walcyr Monteiro, por exemplo, conta-nos que uma população do interior do Pará, município de Breves, afirma avistar nas noites de quinta e de sexta-feira, na “rua da maçonaria” um Bode perseguindo as pessoas que por lá passariam à meia-noite, às vezes correndo atrás delas, ou surgindo em meio ao fogo¹⁸³.

Desse modo, a cidade – local que recebeu várias migrações provenientes do interior do Estado – conjuga saberes tradicionais, como as vendas de ervas curativas no mercado do Ver-O-Peso, com novas formas de sensibilidade da modernidade, como a chegada de Shoppings à cidade, algo recente, pois me lembro das construções dos mesmos, em meados de 1995, ao mesmo tempo em que chegavam os computadores, e a *internet* começava a se proliferar na cidade. Ao mesmo tempo, as mudanças nos hábitos da população não foram significativas pois os *tacacás* continuaram sendo bebidos nas mesmas *cuias*, e nos mesmos lugares de antigamente, aonde se conhece a qualidade dos *tucupis* utilizados. A benzedeira

¹⁸² Diz-se que maçons adorariam a figura do bode, outros dizem que, além disso, eles cuspiriam na cruz de Cristo.

¹⁸³ MONTEIRO, Walcyr. “O Bode Preto” in *Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia*. No. 09, ano IV. Agosto/2001. Editor Walcyr Monteiro, Belém, Pará.

que mora no Maguari, em Ananindeua, região da Grande Belém, continuou utilizando-se de ervas para fazer suas curas dos “quebrante” e “mau-olhado”, cobrando apenas hum real ou uma *tapioca*... Ou seja, nos parece que o saber tradicional não foi expulso do meio urbano, apenas somou-se a ele novas sensibilidades e novos hábitos. A modernidade se processa dentro da cultura local.

Assim, as transformações da maçonaria na cidade de Belém do Pará inscreveram-se na discussão do *desencantamento do mundo*, pois se voltaram para a *busca de um numinoso*, tentando modificar a instituição. Na modernidade, é sempre afirmado que o sagrado ter-se-ia perdido. Em contrapartida, as experiências de Seixas, de Von-Rommel e até a iniciativa de Salazar em partir da cidade, foram contrárias a essa afirmação e traduziram uma ânsia de que eles queriam outra maçonaria. Essa nova maçonaria, sobretudo a de Seixas, voltou a valorizar aspectos mágicos e intuitivos da existência, tradução que encontrou contexto favorável na cidade de Belém do Pará.

BIBLIOGRAFIA

Referências teóricas

- ADRIÃO, Denize Genuína da Silva. *Pescadores de sonhos: um olhar acerca da mudança nas relações de trabalho e na organização social entre as famílias dos pescadores do turismo balnear em Salinópolis-PA*. Campinas: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003 (Tese de doutorado).
- AUBREÉ, Marion. « Le cercle Dieu et verité » in *Archives des Sciences Sociales des Religions*. no. 117, janvier – mars 2002, pp.81-99.
- AUSTIN, J. L. *Quand dire c'est faire*. Editions du Seuil, Paris, 1970.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre. Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.
- BAKHTIN, M. “Formas de tempo e de cronotopo no romance” in *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Editora Unesp: Hucitec, 1993, pp. 211-268.
- BARTHES, Roland. “O nome Próprio” In *Roland S/Z, uma análise da novela Sarrasine*, Ed. Nova fronteira.
- BERTAUX, Daniel. “L’approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités ». *Cahiers internationaux de Sociologie*, vol. LXIX, 1980.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov e sobre o conceito de história, em Benjamin, W. *Obras escolhidas*, vol. 1, Brasiliense, 1985.
- BECKER, Howard. Biographie et mosaïque scientifique. *Actes de la recherche en Sciences Sociales*, 62/63, 105-110, Juin.
- BRÜSEKE, Franz. “A técnica moderna e o retorno do sagrado”. In *Tempo Social*; Revista Sociologia USP, S. Paulo, 11 (1), maio de 1999.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “Crer, duvidar e pensar a crença: confessantes, engajados e buscadores” in *Teoria & Sociedade. Número especial: passagem do milênio e pluralismo religioso na sociedade brasileira*. UFMG, Maio de 2003, p. 64-75.
- _____. *Memória do sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- BERTAUX, D. “L’approche biographique, sa validité méthodologique, ses potentialités” in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXIX, n 2, Juil – Déc., pp. 198-225.

- BOURDIEU, P. *As regras da Arte*. Companhia das Letras: São Paulo, 1996.
- _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- _____. *L'Illusion biographique, Actes de la recherche en sciences sociales*, 62/63, juin 1986.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. “Algumas propriedades dos campos” in *Questões de sociologia*. Editora Marco Zero Limitada. Rio de Janeiro, 1983, pp. 89-94.
- BARTH, Fredrik. “Towards greater naturalism in conceptualizing societies” in *Conceptualizing society*. Ed. Adam Kuper, London and New York, Routledge, 1992.
- CRAPANZANO, V. *Tuhami: portrait of a Maroccan*. The University of Chicago. 1980.
- CLIFFORD, James. *A Experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Org. José Reginaldo Gonçalves. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFGJ, 2002.
- CAMPBELL, Colin. “A Orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio” in *Religião & Sociedade*. Vol. 1, 1977, Rio de Janeiro, ISER, pp. 5-22.
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 163.
- CARDOSO, Ciro & MALERBA, Jurandir (org.) *Representações; contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- CARVALHO, José Jorge de. “Antropologia e esoterismo: dois contradiscursos da modernidade” in *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 4, no. 08, p. 53-71, junho de 1998.
- COSTA, Fernando Marques da. *A maçonaria feminina*. Lisboa: Editorial Vega, 1979.
- DAS, Veena. *Critical Events: an anthropological perspective on Contemporary India*. Oxford university press: New York, 1995.
- DE COPPET, D. “Comparison, a universal for anthropology. From ‘re-presentation’ to comparison of hierarchies of values”. In: KUPPER, Adam. *Conceptualizing Society*, Routledge, London and New York, 1992.
- DUMONT, L. *Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. Edusp: São Paulo, 1992.

- DURKHEIM, E. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989. .
- DOUGLAS, Mary. *Como as instituições pensam*. São Paulo: Edusp, 1998.
- DIONÍSIO, Ângela. *Imagens na oralidade*. Recife: Centro de artes e comunicação, 1998 (Tese de doutorado).
- DELEUZE & GUATTARI. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto 2: teoria da lírica e do drama*. São Paulo: Ática, 1995.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1990.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.
- _____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do novo mundo*. Edusp, São Paulo, 1996.
- HUTIN, Serge. *As sociedades secretas*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.
- HOWELL, Signe. "Introduction" in *The Ethnography of Moralities*. Routledge: London and New York, 1997.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos*. Global universitária, 1987.
- FREUD, Sigmund. "O estranho" in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- GARCIA DE SOUZA, Patrícia Inês. *Mayandeua: espaço e imaginário em narrativas de uma comunidade no litoral paraense*. Dissertação de mestrado. IEL/UNICAMP, Campinas, 1999.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. Perspectiva: São Paulo, 1994.
- GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Petrópolis, Vozes, 1977.
- GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo nacional, 1997.
- GOLDMAN, Marcio. “Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de pessoa” in *Alguma Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.
- HUGHES, F. & CRAIN, M. *Recasting ritual*. London and New York, Rotledge, 1998.
- HUTCHESON, Francis. “Ilustrações sobre o senso moral” in *Filosofia moral britânica: textos do século XVIII*. Campinas: Unicamp, 1996.
- HUTIN, Serge. *As sociedades secretas*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.
- HUMPHREY, Caroline. “Exemplars and rules: aspects of the discourse of moralities in Mongolia” in *The Ethnography of Moralities*. Routledge: London and New York, 1997.
- HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HONWANA, Alcinda. *Espíritos vivos, tradições modernas*. Ed. Promédia, col. Identidades/CIEDIMA, 2002, Pp. 43-4.
- ISER, Wolfgang. *O fictício e o Imaginário: Perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- KOFES, Suely. *Trajetórias de maçons e transformações da maçonaria: entre segredo e conhecimento, sistema moral, apoio mútuo e política*. Projeto de pesquisa, Unicamp, IFCH, Campinas: 2002.

- _____. *Objeto (in)definido e/ou a (in)definição do entre: desde uma pesquisa sobre a maçonaria contemporânea*. XXVIII Encontro anual da ANPOCS, Caxambu, MG, 2004. Texto de circulação restrita.
- _____. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.
- KOFES, S. (Org.) *História de vida: biografias e trajetórias*. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004. (Cadernos do IFCH; 31)
- KUPER, Adam. *Antropólogos e antropologia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1978.
- LIMA, Ana Paula Belon. *Sobre a inserção da maçonaria na sociedade brasileira contemporânea: aspectos sociológicos*. Monografia apresentada ao IFCH/UNICAMP, Graduação em Ciências Sociais, Campinas, 2003, mimeo.
- LEIRIS, Michel. “Le sacré dans la vie quotidienne” in *Le collège de Sociologie* (1937-1939). Gallimard, 1979, pp. 60-74.
- LEWGOY, Bernardo. “A antropologia pós-moderna e a produção literária espírita”. In *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, ano 4, no. 08, pp. 87-113, junho de 1998.
- MUSSALIM, F. & BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2003.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “O neo-esoterismo na cidade” in *Revista USP: Dossiê Magia*. No. 31. São Paulo, SP: USP, CCS, 1996.
- _____. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- _____. *O Brasil da Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental : um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo : Abril, 1984.
- MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do “eu” in *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- MARCUS, George in “Ethnography in/of the world system: the emergence of Multi-Sited Ethnography” in *Annual Review of anthropology*, volume 24, 1995, pp.95-117.

- _____. “Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial” in *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, no. 34, 1991.
- MARCUS & CUSHMAN. “Las etnografias como textos” in *El surgimiento de la antropología posmoderna*. Org. Geertz, Clifford [et al.]compilación de Carlos Reynoso. México: Gedisa Editorial, 1991.
- MARCUSCHI, L. *Análise da conversação*. São Paulo : Atica, 1991.
- MERCIER, Paul. *História da Antropologia*. São Paulo: Editora Moraes, s/d. (1966)
- MONTERO, Paula. “Questões para a etnografia numa sociedade mundial” in *Novos Estudos CEBRAP*, no. 36, São Paulo, julho, 1993.
- _____. “Max weber e os dilemas da secularização: o lugar da religião no mundo contemporâneo” in *Novos estudos CEBRAP*, no. 65, março de 2003.
- MARIANO, Ricardo. “Igreja Universal do Reino de Deus: a magia institucionalizada” in *Revista USP*, dossiê Magia, São Paulo (31) : 122, setembro/Novembro 1996.
- NÖTH, Winfried. “Semiótica da magia” in *Revista USP*, dossiê Magia, São Paulo (31) : 30-41, setembro/Novembro 1996.
- ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- PAOLO, Pasquale di. *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*. Belém-Pará: Conselho Estadual de Cultura, 1985. .
- PEIRANO, Mariza (org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2001.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito de Max Weber*. São Paulo: editora 34, 2003.
- _____. “Secularização segundo Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar um velho sentido” in *A atualidade de Max Weber*.
- PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Campinas: SP: Papirus, 1991.

- RABINOW, Paul. *Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow*. Relume-Dumará: Rio de Janeiro, 1999.
- ROUANET, Sérgio Paulo. “A verdade e a ilusão do pós-modernismo” in *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ROCQUE, Carlos. *História Geral de Belém do Grão-Pará*. Belém: DistribeL, 2001.
- SALLES, Vicente. *O negro no Pará*. Coleção amazônica. Série José Veríssimo. Fund. Getúlio Vargas. UFPA, 1971.
- _____. *Épocas do Teatro no Grão-Pará: ou apresentação do teatro de época*. Belém:UFPA, 1994, tomo 1.
- SANTOS, Boaventura. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997.
- SANCHIS, Pierre. “A religião dos Brasileiros” in *Teoria & Sociedade. Número especial: passagem do milênio e pluralismo religioso na sociedade brasileira*. UFMG, Maio de 2003, p. 16-49.
- SOARES, Luiz Eduardo. “O autor e seu duplo: a psicografia e as proezas do simulacro” in *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, no. 04, pp. 121-140.
- SPERBER, Dan. *Le savoir des anthropologues*. Paris: Collection Savoir Hermann, 2000.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Rotary Club: habitus, estilo de vida e sociabilidade*. São Paulo: Annablume, 2004.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- SANCHIS, Pierre. « A religião dos brasileiros » in *Teoria & Sociedade. Número especial: passagem do milênio e pluralismo religioso na sociedade brasileira*. UFMG, Maio de 2003, p. 16-49.
- SIMMEL, G. « La société secrète » in *Sociologie : études sur les formes de la socialisation*. Presses Universitaires de France, 1999.
- STRATHERN, Marilyn. *The Relation: issues in complexity and scale*. Prickly Pear Pamphlet no. 06, Cambridge, 1995.
- SCOTT, Joan. “Experiência” in Leite da Silva, Alcione et all. (org.) *Falas de Gênero*, ed. Mulheres, 1999.

- TERRADAS, Ignasi Saborit. *Religiosidade na Revolução Francesa*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- TEIXEIRA, Faustino (org.) *Sociologia da religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- TURNER, Victor. "The anthropology of Performance" in *Anthropology of Performance*. Paj Publications, New York, 1987.
- _____. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petropolis : Vozes, 1974.
- VELHO, Otávio. "E o tal de mundo não se acabou": a religião na passagem do milênio" in *Teoria & Sociedade. Número especial: passagem do milênio e pluralismo religioso na sociedade brasileira*. UFMG, Maio de 2003, p. 52-63.
- _____. "A orientalização do Ocidente: comentários a um texto de Colin Campbell". In *Religião & Sociedade*. Vol. 1, 1977, Rio de Janeiro, ISER, Pp. 23-29.
- VICTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice; ORO, Ari Pedro (org). *Antropologia e ética: o debate atual no Brasil*. – Niterói, EdUFF, 2004.
- VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª. Edição, 1980.
- VIOTTI, Frederico Romanini de Abranches. *Origem e fundamento da mística pós-moderna*, UNB, Bacharelado em Ciência Política, 1995.
- VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- WELLBERY, David. *Neo-retórica e desconstrução*. Rio de Janeiro: eduerj, 1998.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2000.
- _____. "História Geral da Economia" in. *Os pensadores*. São Paulo: Abril cultural, 1974, vol. XXXVII.

Referências literárias

- BLAKE, William. *Escritos de William Blake*. Trad. Alberto Marsicano. L&PM editores, Porto Alegre, 1984.
- BROWN, Dan. *O código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- COSTA, Dalila. *O esoterismo de Fernando Pessoa*. Porto: Lello & Irmão ed., 1987.
- CONRAD, Joseph. *O Coração das trevas*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- ECO, Umberto. *O Pêndulo de Foucault*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. Porto Alegre: L& PM, 2003.

- HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MONTEIRO, Walcyr. *Cosmopoemas*. Belém: Smith Produções gráficas Ltda, 2001.
- PESSOA, Fernando. “Iniciação” in *Mensagem: poemas esotéricos*. [Madrid] : Fundação Eng. A. Almeida, 1993.
- RUSHDIE, Salman. *Os versos satânicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Livros maçônicos**
- ASLAN, Nicola. *Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia*. Vol 1. Arte nova, Rio de Janeiro, 1974.
- ALENCAR, Renato de. *Enciclopédia Histórica do Mundo Maçônico*. Editora Maçônica, Rio de Janeiro, 1968.
- ALBERTON, Valério. *O conceito de Deus na maçonaria*. Rio de Janeiro: Aurora, 1981.
- ADOUM, Jorge. *Do mestre maçom e seus mistérios: 3º grau*. São Paulo: Pensamento, 1997.
- _____. *Grau de Companheiro e seus mistérios*. São Paulo : Editora Pensamento, 1997.
- BÉDARRIDE, Armand. *Desbastando a pedra bruta*. Juiz de Fora, MG : Instituto Maria departamento editorial, 1988.
- CHARLIER, René. *Pequeno ensaio de simbólica maçônica*. Edições Futuro, São Paulo, 1964.
- DA CAMIÑO, Rizzardo. *O aprendiz maçom*. São Paulo: Madras, 2000.
- _____. *Rito Escocês antigo e Aceito*. São Paulo: Madras, 2004.
- _____. *Os Graus Inefáveis: loja de perfeição*. Rio de Janeiro: Aurora, s/d.
- _____. *A cadeia de União*. Rio de Janeiro: Aurora, 1977.
- _____. *Simbolismo do primeiro grau: aprendiz*. São Paulo: Madras, 1998.
- GUIMARÃES, Ildefonso. *Coisas da maçonaria*. Belém: Cultural Cejup, 1989.
- GOMES, Manoel. *A maçonaria na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Aurora, s/d.
- KAPLAN, Arie. *Sêfer Ietsirá: o livro da criação – teoria e prática*. Trad. Von-Rommel. São Paulo: Sêfer, 2002.

- KNIGHT, C. & LOMAS, R. *A Chave de Hiram : faraós, franco-maçons e a descoberta dos manuscritos secretos de Jesus*. Trad. Zé Rodrix. São Paulo : Brasil, Editora Landmark, 2002. (1997)
- MOULIN, Milton. *Treze instruções para aprendizes maçons (REAA)*. Edições Adonai, Rio de Janeiro, 1977.
- LEADBEATER, C. W. *A História secreta da maçonaria*. São Paulo: Madras, 2003.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *Dicionário de maçonaria portuguesa*. Lisboa: Editorial Delta, 1986.
- MENDES, Antônio. *Memórias de um aprendiz*. Cultural Cejup: Belém, 1991.
- MELLOR, Alec. *Os grandes problemas da atual franco-maçonaria: os novos rumos da franco-maçonaria*. São Paulo: Pensamento, 1976.
- SHURÉ, Édouard. *Hermes: os grandes iniciados*. São Paulo: Martin Claret, 1986.
- TOURRET, Fernand. *Chaves da Franco-maçonaria*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.
- VON-ROMMEL, Erwin. *A verdade sobre os anjos*. Belém, 1997.
- _____. *100 Segredos*. Belém: 2001.

Publicações periódicas não- maçônicas

- AS DICAS DO ASTRÓLOGO VON-ROMMEL PARA UM 2004 FELIZ. *O Liberal*. 28 dez 2003, sessão zen, revista *Tropo: demais!*, p. 09.
- BARATA, Manoel. “A primeira Loja maçônica no Pará”. Artigo da *Folha do Norte*, Belém, 13 de Setembro de 1911.
- GUARDIÃES DA FAMÍLIA CONQUISTAM NOVOS ESPAÇOS. *O Liberal*. 16 nov 2003, caderno mulher, p. 01.
- MULHERES CONQUISTAM A MAÇONARIA. *O Liberal*. 04 março 2001, caderno cidade, p.11.

Publicações periódicas maçônicas

- Grande Oriente Paulista*: boletim oficial no. 209, 10 dez 2004, Comab.
- O Aprendiz*. Órgão de divulgação do Supremo Conselho dos sete da maçonaria universal. Ano 1. No. 01. Ananindeua (PA), Junho/2001.
- Órgão informativo do Centro Pedagógico Maçônico. Belém-PA, Janeiro/Fevereiro 2003.
- O VIGILANTE*. Belém (PA) Dez 2003/Janeiro 2004.
- O VIGILANTE*, Jornal do Grande Oriente Brasileiro, Rio de Janeiro, 1870-1872.

“Quatro Elementos” do *Grande Oriente Paulista*, jan/fev/2004, p. 06.

Revista O Maço. Ano 1986, ano 3. Belém, PA.

Revista O Maço. Ano 1988. Número X-XI, Belém, PA.

Tribuna Maçônica. Belém (PA) fev e mar 2004. ano 5. no. 20.

União Maçônica: o jornal da COMAB. Ano 1, no. 02, São Luís-MA, 20/12/2001.

Endereços eletrônicos utilizados no texto

BIARD, Michel. « *L'Autre et le Frère. L'étranger et la Franc-maçonnerie en France au XVIIIe. Siècle* » in *Annales historiques de la Révolution Française* (317). Comptendu. Texte intégral. Cf. <http://ahrf.revues.org/document936.html>. Acesso em 9/9/2005.

“Estados de Consciência” in <http://www.3ponto.com.br/news.asp> Acesso em 14/11/2005.

Grande Loja Maçônica da Paraíba. <http://www.grandeloja-pb.org.br/historia>. Acesso em 12/08/2005. “Vademecum da Regularidade maçônica”, publicado em 1982, pela Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB).

Grande Loja Maçônica do Pará. <http://www.glmpa.com.br>. Acesso em 31/05/2003 às 16:28

Grande Loja Unida da Inglaterra. <http://www.grandlodge-england.org/masonry/freemasonry-and-religion.htm>, acesso em 21/04/2004.

Site de artigos maçônicos. <http://www.samauma.com.br>, acesso em 18 de julho de 2004.

ZINE, Dr. Mohamed Chaouki. “Mystique et mystère du pouvoir, Michel de Certeau et Michel Foucault”. In http://www.philo.8m.com/mystique_et_mystere.html.

Outros materiais consultados

ALVES, Victor Swami. Eminentíssimo Deputado Grão-mestre. Grande Loja maçônica do Estado do Pará. Palestra, manuscrito. Discurso proferido em 29/05/2002 na loja *Firmeza e Humanidade no. 01*.

Informativo do Centro de Irradiação Mental Tattwa Antônio de Pádua. Ano 2, no. 04.

LEGIÃO Gonçalves Ledo. *Manifesto aos maçons: diretrizes da Legião: razões históricas e morais*, Bahia: [s.n], 1957.

Manifesto Positio Fraternitatis Rosae Crucis. Agosto 2001. Ordem Rosacruz Amorc.

MARQUES, Raimundo Ferreira. *Reflexões sobre a existência e a razão de ser da maçonaria na contemporaneidade*. Manuscrito. Comab, Grande Oriente autônomo do Maranhão.

Programa de trabalho Swami 2004-2008.

Ritual do 1º. grau – aprendiz, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901.

Ritual do 2º. Grau – companheiro, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901.

Ritual do 3º. Grau – mestre, Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, Rio de Janeiro, 1901.

Regimento Interno, *Loja Nicandro Seixas*, Ananindeua-PA, 1988.

Apêndices

Anexo 1: *O Surgimento das Grandes Lojas no Brasil*

Extraído do "Vademecum da Regularidade Maçônica", publicado, em 1982, pela Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB)

A história da Maçonaria no Brasil, no que se refere às atividades das Grandes Lojas Estaduais Soberanas, está íntima e indissolavelmente ligada à história do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito, podendo, para tanto, ser sintetizada em três períodos.

I Período

Lojas Selvagens

Chamavam-se Lojas "Selvagens" aquelas existentes no País, ao tempo em que a Sublime Instituição ainda não havia sido organizada em Potências Maçônicas como hoje ocorre. Essas Lojas, em quase sua totalidade, não se identificavam publicamente com o nome de Loja Maçônica. Ocultavam-se sob os títulos de clubes literários, grêmios, etc., para escapar à perseguição tenaz que lhes era movida pela Inquisição e autoridades coloniais. Reconhece-se, no entanto que existe muita lenda e controvérsia em torno dessas Lojas.

II Período

Grande Oriente do Brasil e Supremo Conselho Confederados

A partir de 1822 termina o período das Lojas "Selvagens" e três delas se reúnem para fundar o grande Oriente do Brasil, o qual mais tarde, sofreu uma cisão, separando-se dele uma parte ponderável que se constituiu em outra Potência com o nome de Grande Oriente Brasileiro. Seguiram ambas o Rito Moderno, inspiradas no sistema do Grande Oriente de França.

A história do Rito Escocês Antigo e Aceito no Brasil tem que se desintegrar da história do Grande Oriente do Brasil até o ano de 1864, pois que até esta data o que existia de Escocismo dentro desse Corpo era irregular, clandestino, espúrio. Seu Supremo Conselho, fundado irregularmente, patenteado por um Corpo irregular, não fora até aquela data reconhecido como legítimo por nenhum outro Supremo Conselho. De 1864 para cá,

confunde-se a história dos dois Corpos, porquanto foi naquela data que os remanescentes dos Supremos Conselhos, legítimos de Montezuma e David Jewett, fundiram-se com o irregular do Lavradio, dando-lhe a regularidade de que era carecedor.

A história, pois, do Rito Escocês Antigo e Aceito no Brasil, pode ser dividida em três períodos: o primeiro, de 1832 até 1864, quando viveu inteiramente separado do Grande Oriente do Brasil; o segundo, de 1864 a 1926, quando o Supremo Conselho viveu confederado ao Grande Oriente do Brasil; e o terceiro, de 1926, quando rompeu-se a confederação, até os dias de hoje. Esses três períodos se caracterizam perfeitamente pela organização maçônica em nossa terra. No primeiro, coexistiam o Supremo Conselho, tendo sob sua jurisdição o Simbolismo e o Grande Oriente do Brasil, potência do Rito Moderno exclusivamente a princípio, depois adotando outros, vários, inclusive o escocês, para o qual criou um Supremo Conselho irregular; no segundo período, a fórmula de potência mista - Grande Oriente do Brasil e Supremo Conselho, confederados; no terceiro, enfim, o Supremo Conselho, reconhecendo plena soberania ao Simbolismo, autoriza a formação das Grandes Lojas em todos os Estados da Federação.

Conforme é do conhecimento geral, o primeiro Supremo Conselho, que existiu trabalhando integralmente sob a fórmula adotada nas Constituições de 1786, foi o de Charleston, nos E.U.A., constituído em 1801. A este seguiu-se o de França, em 1804. A situação dos dois países em matéria maçônica era muito diferente. Nos E.U.A. estavam todas as Lojas Simbólicas reunidas sob a jurisdição de Grandes Lojas Soberanas, formadas nos diferentes Estados da Federação.

Na França, existia o Grande Oriente trabalhando no Rito Francês, com sete graus, fruto da cisão havida no seio da Grande Loja de França. Essa é a razão da não existência, nos E.U.A. de Lojas Simbólicas sob a jurisdição dos Supremos Conselhos lá existentes, o mesmo sucedendo no Canadá, na Escócia, na Irlanda, na Inglaterra, ao passo que na França e nos países latinos, que sempre lhes seguiram a orientação maçônica, os Altos-Corpos Escoceses abrangiam ainda o Simbolismo.

E, assim, se conservam as Lojas Simbólicas por muitos anos, até, com o correr dos tempos, o Simbolismo, que sempre foi a força dinâmica da Maçonaria, pugnar pelo seu direito de se dirigir, de se governar, de decidir, ele próprio, os negócios da competência das

Lojas, sem intervenção dos Supremos Conselhos, aos quais as Grandes Constituições só garantiam a exclusividade nos graus filosóficos.

O Brasil entrou nessa corrente. Formando o seu Supremo Conselho por Montezuma, que conhecia o escocismo através da orientação francesa, com Cartas-Patentes da Bélgica ao ser criado, encontrou dois corpos maçônicos, ambos trabalhando no Rito Moderno: o Grande Oriente Brasileiro e o Grande Oriente do Brasil. Assim, Montezuma teve de criar não só os corpos destinados à prática dos graus filosóficos, mas ainda a dos graus simbólicos que não existiam no Rito Escocês.

Fundado, portanto, o Supremo Conselho, em 12 de novembro de 1832, a ele se agregaram mais tarde os Supremos Conselhos que, embora com autorização legal, haviam sido irregularmente criados pelo Irm.º Marechal João Paulo dos Santos Barreto, com Carta-Patente do Supremo Conselho de França e pelo Ir.º Contra-Almirante David Jewett, com Carta-Patente do Supremo Conselho Jurisdicional Sul dos E.U.A..

Sobre a existência do Supremo Conselho Jewett, há muitas dúvidas, acreditando-se realmente que ele nunca tenha chegado a ser instalado, tanto que na fundação do Supremo Conselho Montezuma, Jewett aparece como eleito para Lugar-Tenente Comendador.

O Supremo Conselho Montezuma, depois de várias vicissitudes, fundiu-se com o Supremo Conselho chamado de Conde de Lages; este último fundiu-se em 18452 (Tratado de União de 5 de dezembro) com o Grande Oriente Brasileiro da Rua do Passeio. Durante a gestão do Soberano Grande Comendador Paulino José Soares de Souza, Visconde de Uruguai, o Grande Oriente Brasileiro fundiu-se com o Grande Oriente do Brasil em 1864. Com essa fusão o grande Oriente do Brasil ganhou regularidade e legitimidade, pois o grupo que veio se juntar a ele era o legítimo portador da regularidade e do reconhecimento internacional, remanescentes do Supremo Conselho Montezuma.

Por essa fusão confederaram-se as duas Potências Soberanas - o Grande Oriente do Brasil e o Supremo Conselho para o Brasil -, aquele uma verdadeira confederação de Ritos, o último com administração apenas do Rito Escocês antigo e Aceito. Dentro da Federação, o chefe supremo da Maçonaria Brasileira reunia em suas mãos os poderes de Grão-Mestre do Grande Oriente e de Soberano grande comendador do Supremo Conselho e, até os derradeiros anos do Império, a eleição para preenchimento da vaga no Grão-Mestrado se fazia no seio do então chamado Grande Oriente, que corresponde mais ou menos a atual

Assembléia Geral; os votos dos Iir.',, entretanto, só podiam recair nos nomes constantes de uma lista tríplice, organizada pelo Supremo Conselho dentre os Irmãos que fossem Membros Efetivos daquele Alto-Corpo Escocês. Essa prática, que pode ser criticada e o foi várias vezes, era a única maneira de evitar as incompatibilidades entre as leis do Grande Oriente desde a sua fundação mais ou menos orientadas pelas do Grande Oriente de França e as do Supremo Conselho regido pelas constituições de 1762 e 1786 e ainda pelas decisões dos Congressos Internacionais do Escocismo.

Com o advento da República, acentuou-se formal a divergência entre uma e outra legislação. As reformas constitucionais sucessivas da Maçonaria Brasileira foram calçadas sempre sobre as leis do Grande Oriente de França, chegando a consagrar um princípio, entretanto, que só existe na Maçonaria Brasileira - o da eleição do Grão-Mestre pelo sufrágio de todo o Povo maçônico, por eleição efetuada nas Lojas.

Dessas sucessivas transformações nas leis, resultou ir aos poucos desaparecendo até a memória de que era a Maçonaria Brasileira a resultante de uma confederação de duas Potências igualmente soberanas, e a usurpação de todas as atribuições do Supremo Conselho convertido em mera chancelaria de graus e Cartas Constitutivas.

Na última reforma constitucional, então, cumulou o desatino, abolido até o nome do Supremo Conselho do título porque é conhecida a Maçonaria Brasileira, restando somente o nome do Grande Oriente do Brasil em 1925. Durante o período de 1864 até 1926, exerceram o cargo de Soberano Grande comendador os seguintes Irmãos:

Bento da Silva Lisboa - Barão de Cairú (1864-1965)

Joaquim Marcelino de Britto (1865-1870)

José Maria da Silva Paranhos - Visconde do Rio Branco (1870-1872)

Joaquim Saldanha Marinho (1872-1883)

Francisco José Cardoso Júnior (1883-1885)

Luiz Antônio de Vieira da Silva - Visconde de Vieira da Silva (1885-1889)

Manoel Deodoro da Fonseca (1890-1891)

Antônio Joaquim de Macedo Soares (1894-1901)

Quintino Bocaiúva (1901-1904)

Lauro Sodré (1904-1916)

Nilo Peçanha (1917-1919)

Thomaz Cavalcanti de Albuquerque (1919-1922)

Mário Behring (1922-1933)

Contra o estado de coisas já citado, agravado ainda pelo fato de que pelo novo sistema de eleições para o Grande Oriente do Brasil qualquer Irmão, mesmo sendo somente Grau 3 ou, mais grave ainda, pertencente a qualquer outro Rito sem ser o Escocês, eleito para Grão-Mestre o era também, automaticamente, eleito para Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito, insurgiu-se Mário Behring, que desde 1922 ocupava esse alto posto da maçonaria escocesa e que, em 1925, já conseguira fazer com que as eleições para o Supremo conselho fossem feitas exclusivamente por Membros Efetivos de seu quadro, independente das eleições para o Grão-Mestre, quando fora reeleito para Soberano Grande Comendador. E, tendo em vista manter a regularidade do Supremo Conselho, ameaçado de ser considerado irregular pelos demais Supremos Conselhos do mundo, Mário Behring iniciou sua grande luta.

Desde 1921, o Supremo Conselho já havia denunciado ao Grande Oriente do Brasil a existência na sua constituição de vários artigos que o Supremo Conselho não cumpriria por colidirem com as Leis Universais do Rito Escocês, do qual, no Brasil, ele era o responsável e diretor. Por parte do Grande Oriente do Brasil foi prometida uma revisão na Constituição para sanar-se os problemas demonstrados pelo Supremo Conselho. Mas, infelizmente, a Assembléia Constituinte do Grande Oriente do Brasil reuniu-se em 1922, 1923, 1924, 1925 e 1926, sem que a prometida reforma fosse feita. Em 1926, o Supremo Conselho fez um tratado com o Grande Oriente, que tinha como Grão-Mestre o Ilustre Irmão Fonseca Hermes, que inclusive assinou o tratado, pelo qual:

1. O Supremo Conselho reconhecia o Grande Oriente do Brasil como única potência regular no Brasil para os três graus simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito;
2. O Grande Oriente do Brasil, por seu lado, reconhecia o Supremo Conselho como única potência regular no Brasil com jurisdição sobre os altos-graus do Rito Escocês Antigo e Aceito;
3. O Supremo Conselho renunciava o direito de fundar Lojas Simbólicas e de iniciar ou fazer iniciar nos três primeiros graus do Rito Escocês Antigo e Aceito;

4. O Grande Oriente do Brasil, por seu lado, comprometeu-se, no Rito Escocês Antigo e Aceito, só fundar Lojas Simbólicas e só iniciar nos três primeiros graus;

5. O Supremo Conselho reservava-se o direito inerente às suas funções como regulador do Rito Escocês Antigo e Aceito, de organizar e modificar os rituais dos três graus simbólicos, fornecendo ao Grande Oriente do Brasil, cópias autênticas para este imprimir e distribuir, obrigando-se este último não consentir qualquer alteração nos referidos rituais mantendo-os como foram aprovados pelo Supremo Conselho.

Por este tratado firmado em 1926, ficou acertando, ainda, que as Lojas Maçônicas do Rito Escocês Antigo e Aceito em atividade no Brasil:

1. Ficariam desligadas do seu juramento de fidelidade e obediência ao Supremo Conselho, que passariam a obedecer diretamente ao Grande Oriente;

2. Ficariam cassadas as Cartas Constitutivas expedidas às mesmas Lojas que deverão se substituídas por outras emanadas do Grande Oriente do Brasil.

Com a ratificação do Tratado e estando o mesmo em pleno vigor, estava pacificada a Maçonaria Brasileira e trabalhando dentro dos moldes da regularidade internacional preconizada para o Rito Escocês Antigo e Aceito e universalmente reconhecida. Infelizmente, durou muito pouco o Tratado que havia trazido união, paz e possibilidades de desenvolvimento para as duas correntes de tradição maçônica no Brasil. O rompimento deu-se pelas razões seguintes: quando o Dr. Fonseca Hermes, cansado e doente, renunciou ao cargo de Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, passou o exercício do cargo ao seu sucessor Dr. Octávio Kelly, e este, logo que assumiu o cargo, por atos e palavras, inutilizou todos os esforços para a união. Anulou a convocação de uma Assembléia Constituinte, feita por seu antecessor, alegando ser a mesma inconstitucional; promoveu a retirada dos auxiliares de confiança de Fonseca Hermes, substituindo-os por outros francamente adversários do Tratado; declarou que, como juiz que era, só respeitaria os dispositivos da Constituição do Grande Oriente do Brasil, ferissem eles, embora, as leis dos outros Ritos; que não queria saber nem compreendia a necessidade de uma Maçonaria internacional, antes queria fazer uma Maçonaria nacional, porque desta é que precisávamos; que nessas condições reporia a Constituição no seu verdadeiro pé, pouco lhe importando as conseqüências. Ante atitude tão insólita, o Supremo Conselho, sob cujos auspícios trabalhavam quatro quintos das Lojas Maçônicas existentes no Brasil, só teve uma coisa a

fazer, uma atitude a tomar: denunciar o Tratado com o Grande Oriente do Brasil, chamar à sua obediência as Lojas escocesas e com elas constituir as Grandes Lojas que cada Estado do Brasil poderia possuir para administração dos graus simbólicos do Rito Escocês antigo e Aceito com repleta independência e soberania.

III Período

Grandes Lojas Estaduais e Supremo Conselho Independentes

Com o advento das ocorrências que culminaram com a cisão entre o Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito, tem início o terceiro período das atividades da Maçonaria no Brasil.

A crise que se vinha processando no seio da Maçonaria Brasileira desde 1921 acabou por ter seu ruidoso desfecho com a denúncia solenemente feita pelo Supremo Conselho do pacto que o confederava ao Grande Oriente do Brasil. A 20 de junho de 1927, em sessão do Supremo Conselho, efetivou-se essa declaração e o Soberano Grande Comendador, historiando os fatos ocorridos desde 1921, demonstrou a perfeita lealdade do procedimento do Supremo Conselho, a cordura, a tolerância, a longanimidade com que o Alto-Corpo Escocês, por seis longos anos, aguardara a reforma constitucional do grande Oriente do Brasil; demonstrou que o tratado firmado fora feito só em benefício do Grande Oriente do Brasil, pois só por meio dele o simbolismo do Rito Escocês Antigo e aceito era transferido à jurisdição do Grande Oriente do Brasil, entretanto, certo, pelas declarações formais feitas a vários de seus membros pelo Grão-Mestre em exercício, Dr. Octávio Kelly, de que a orientação desse Irmão era francamente desfavorável à manutenção do Tratado; assim sendo, no uso de suas prerrogativas soberanas, em vez de denunciar somente o tratado, preferira denunciar de vez o seu Pacto de União e Confederação com o Grande Oriente do Brasil, separando-se resolutamente desse Corpo e avocando a si todas as corporações escocesas existentes no País. Em manifesto às Lojas escocesas, diz o Supremo Conselho:

"Separando-se do Grande Oriente do Brasil, o Supremo Conselho avoca à sua jurisdição todos os Corpos que no Brasil trabalham no Rito Escocês, pois dele, Supremo Conselho, emanaram todas as Cartas Constitutivas que deram vida regular a esses Corpos, tendo sido todos esses documentos assinados pelo Soberano grande Comendador do Supremo Conselho. Como, porém, não quer o Supremo Conselho, em face mesmo das Leis Universais do Rito, manter sob sua jurisdição direta o simbolismo,

incentiva a criação em todos os Estados, de Grandes Lojas Simbólicas que, por ele patenteadas, gozarão da mais absoluta soberania, não dependendo de nenhum outro Corpo ou organização maçônica, dentro ou fora do País. Cada Grande Loja proverá os destinos do Simbolismo no Estado ou Estados em que tiver sede. Suas rendas pertencer-lhes-ão, exclusivamente. Com os seus três poderes Executivo-Legislativo-Judiciário, escolhidos pelas Lojas reunidas em Grande Loja, todos os assuntos atinentes à Maçonaria local serão "in loco" resolvidos.

"Por outro lado e para concentrar toda a vida maçônica, todas as atividades maçônicas dos Estados, para permitir o pleno desenvolvimento da Maçonaria local, o Supremo Conselho fundará em cada Estado onde exista uma Grande Loja, um Corpo filosófico superior - Consistórios de Príncipes do Real Segredo - que facultará à Maçonaria, em cada Estado, ascender na hierarquia escocesa até o Grau 32. Empunha, por essa forma o Supremo Conselho, francamente, a bandeira da descentralização maçônica no Brasil, propugnando pela sua reforma nas seguintes bases:

- a. uma Grande Loja soberana, para os três graus simbólicos, em cada Estado da União, Grande Loja constituída pelas Lojas do Rito escocês Antigo e Aceito; para a sua regularização expedirá o Supremo Conselho uma Carta-Patente e Constitutiva independente de qualquer pagamento, documento que lhe garantirá o reconhecimento das Potências Maçônicas do Universos;
- b. um Consistório do Grau 32 que terá sob sua jurisdição as Lojas de Perfeição, Capítulos e Conselho de Kadosch, criado onde exista uma Grande Loja; e
- c. fusão de interesses econômicos e financeiros por meio de um convênio entre esses dois Corpos Diretores da Maçonaria Simbólica e da Maçonaria Filosófica".

Essa forma de organização correspondia amplamente às aspirações de autonomia das Lojas e Mestres dos Estados. Não se tratava tão somente de autonomia, mas, sobretudo, de soberania. A partir de então, cada Grande Loja Estadual viveria por si e para si, independentes de qualquer outro poder maçônico no Brasil. O que ocorreu em 1927 foi uma reorganização exclusivamente dentro do Rito Escocês Antigo e Aceito, do qual é o Supremo Conselho o responsável no Brasil.

Com os Decretos N^{os} 04 e 07, de 3 de agosto de 1927, o Manifesto às Lojas escocesas e uma publicação em português e inglês que foram distribuídos para toda a Maçonaria

Regular no mundo, estava oficializado o rompimento entre o Supremo Conselho e o Grande Oriente.

Deste rompimento é que surgiriam as seis primeiras Grandes Lojas no Brasil, as quais foram regularmente instaladas sob a autoridade de Cartas-Patentes Constitutivas outorgada pelo Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito para a República Federativa do Brasil. Foram elas:

Grande Loja do Amazonas

Grande Loja do Pará

Grande Loja da Bahia

Grande Loja da Paraíba

Grande Loja do Rio de Janeiro

Grande Loja de São Paulo

Apesar de os historiadores fazerem referência às "oito primeiras Grandes Lojas Brasileiras", as Grandes Lojas de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul não foram incluídas no parágrafo 2º do Decreto Nº 07, expedido pelo Supremo Conselho em 3 de agosto de 1927, que, assim, estabelecia:

"São reconhecidas como únicas corporações regulares com jurisdição legal sobre as Lojas Symbolicas do Rit.'. Esc.'. Ant.'. e Acc.'. as Grandes Lojas Soberanas do Amazonas, Pará, Parahyba, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo e as que para o futuro se constituírem por Cartas Constitutivas delle directamente emanadas ou de qualquer das Grandes Lojas já existentes."

Na realidade foram 9 (nove) as Cartas Constitutivas outorgadas pelo Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito às Grandes Lojas pioneiras, as quais, pela ordem de concessão e independente do disposto no parágrafo 2º do Decreto Nº 07, de 3 de agosto de 1927, e da data de fundação, são as seguintes:

01 - Grande Loja da Bahia, fundada em 22.05.1927;

02 - Grande Loja do Rio de Janeiro, fundada em 22.06.1927;

03 - Grande Loja de São Paulo, fundada em 29.07.1927;

04 - Grande Loja da Paraíba, fundada em 24.08.1927;

05 - Grande Loja do Amazonas, fundada em 24.06.1927;

06 - Grande Loja de Minas Gerais, fundada em 26.09.1927;

07 - Grande Loja do Rio Grande do Sul, fundada em 08.01.1928;

08 - Grande Loja do Pará, fundada em 28.07.1927;

09 - Grande Loja do Ceará, fundada em 19.03.1928.

Hoje, as Grandes Lojas Brasileiras, tanto as que receberam as suas Cartas Constitutivas diretamente do Supremo Conselho, como as que, criadas posteriormente, receberam suas Cartas Constitutivas das Grandes Lojas pioneiras, estão regularmente constituídas e assentadas em todos os Estados do Brasil.

Ocupando todo o território nacional e com reconhecimento generalizado em todo o mundo, por parte das Potências Maçônicas regulares, as Grandes Lojas não mais necessitam do aval do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito, pois são soberanas e regulares por si mesmas - na origem e nas práticas - entretanto, desse patrocínio original não estão esquecidas, mantendo com o mesmo as melhores relações de amizade baseadas no interesse comum de aperfeiçoar o homem e a sociedade¹⁸⁴.

¹⁸⁴ http://www.grandeloja-pb.org.br/historia_grlojas.htm. Acesso em 19 de fevereiro de 2006.

Anexo II: Landmarks, de Albert G. Mackey

LANDMARKS

de ALBERT G. MACKEY

1.º — Os processos de reconhecimento são os mais legítimos e inquestionáveis de todos os Landmarks. Não admitem mudanças de qualquer espécie, pois, sempre que isso se deu, funestas consequências vieram demonstrar o erro cometido.

2.º — A divisão da Maçonaria Simbólica em três graus é um Landmark que, mais do que nenhum, tem sido preservado de alterações, apesar dos esforços feitos pelo daninho espírito inovador. Certa falta de uniformidade sobre o ensinamento final da Ordem, no grau de Mestre, foi motivado por não ser o terceiro grau, considerado como finalidade; daí o Real Arco e os altos graus variarem no modo de conduzirem o neófito à grande finalidade da Maçonaria Simbólica. Em 1813, a Grande Loja da Inglaterra reivindicou este antigo Landmark, decretando que a Antiga Instituição Maçônica consistia nos três primeiros graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre, incluindo o Santo Real Arco. Apesar de reconhecido por sua antiguidade, como um verdadeiro Landmark ele continua a ser violado.

3.º — A lenda do terceiro grau é um Landmark importante, cuja integridade tem sido respeitada. Nenhum Rito existe na Maçonaria, em qualquer país ou em qualquer idioma, em que não sejam expostos os elementos essenciais dessa lenda. As fórmulas escritas podem variar e, na verdade, variam; a lenda, porém, do construtor do Templo constitui a essência e a identidade da Maçonaria. Qualquer Rito que a excluísse ou alterasse cessaria, por isso, de ser um Rito Maçônico.

4.º — O governo da Fraternidade por um Oficial que a preside, denominado Grão-Mestre, eleito pelo povo maçônico, é o 4.º Landmark da Ordem. Muitas pessoas supõem que a eleição de um Grão-Mestre se pratica em virtude de ser estabelecido em lei ou regulamento de uma Potência ou Obediência. Nos anais da Instituição se encontram, porém, Grão-Mestres muito antes de existirem as Potências ou Obediências e, se o atual sistema de governo legislativo fosse abolido, sempre seria preciso a existência de um Grão-Mestre.

5.º — A prerrogativa do Grão-Mestre de presidir a todas as reuniões maçônicas, feitas onde e quando se fizerem, é o 5.º Landmark. É em virtude desta norma, derivada de antiga usança, e não de qualquer decreto especial, que o Grão-Mestre ocupa o trono em todas as sessões de qualquer Loja subordinada, quando se acha presente.

6.º — A prerrogativa do Grão-Mestre de conceder licença para conferir graus em tempos anormais, é outro e importantíssimo Landmark. Os estatutos maçônicos exigem um mês, ou mais, para o tempo que deva transcorrer entre a proposta e a recepção de um candidato; o Grão-Mestre, porém, tem o direito de por de lado, ou de dispensar essa exigência e permitir a iniciação imediata.

7.º — A prerrogativa que tem o Grão-Mestre de autorização para fundar e manter Lojas, é outro importante Landmark. Em virtude dele, pode o Grão-Mestre conceder ao número suficiente de Mestres Maçons o privilégio de se reunirem e conferirem graus. As Lojas assim constituídas chamam-se “Lojas Licenciadas”. Criadas pelo Grão-Mestre, só existem enquanto ele não resolva o contrário, podendo ser dissolvidas por ato seu. Podem viver um dia, um mês ou seis meses. Qualquer, porém, que seja o tempo de sua existência, devem-no, exclusivamente, à graça do Grão-Mestre.

8.ª — A prerrogativa do Grão-Mestre de criar Maçons, por sua deliberação, é outro Landmark importante, que carece ser explicado, controvertida como tem sido a sua existência. O verdadeiro e único modo de exercer essa prerrogativa é o seguinte: O Grão-Mestre convoca em seu auxílio seis Mestres Maçons, pelo menos; forma uma Loja e, sem nenhuma prova prévia, confere os graus aos candidatos; findo isso, dissolve a Loja e despede os Irmãos. As Lojas convocadas por esse meio são chamadas “Lojas Ocasionais” ou de “Emergência”.

9.º — A necessidade de se congregarem os Maçons em Loja é outro Landmark. Os Landmarks da Ordem sempre prescreveram que os Maçons deviam congregarem-se, com o fim de se entregarem a tarefas operativas, e que a essas reuniões fosse dado o nome de “Loja”. Antigamente essas reuniões eram extemporâneas, convocadas para assuntos especiais e logo dissolvidas, separando-se os Irmãos para, de novo, se reunirem em outros pontos e em outras épocas, conforme as necessidades e as circunstâncias exigissem. Cartas Constitui-

vas, Regulamentos internos, Lojas e Oficinas permanentes e contribuições anuais, são inovações modernas, de um período relativamente recente.

10.º — O governo da Fraternidade, quando congregada em Loja, por um Venerável e dois Vigilantes é, também, um Landmark. Qualquer reunião de Maçons, congregados sob qualquer outra direção, como, por exemplo, um presidente e dois vice-presidentes, não seria reconhecida como Loja. A presença de um Venerável e dois Vigilantes é tão essencial que no dia da congregação é considerada como uma Carta Constitutiva.

11.º — A necessidade de estar uma Loja a coberto, quando reunida, é um importante Landmark que não deve ser descurado. Origina-se do caráter esotérico da Instituição. O cargo de Guarda do Templo que vela para que o lugar das reuniões esteja absolutamente vedado à intromissão de profanos, independe, em absoluto, de quaisquer leis de Potências, Obediências ou Lojas subordinadas. Seu dever, por este Landmark é guardar a porta do Templo, evitando que se ouça o que dentro dele se passa.

12.º — O direito representativo de cada Irmão, nas reuniões gerais da Fraternidade, é outro Landmark. Nas reuniões gerais, outrora chamadas Assembléias Gerais, todos os Irmãos, te. Nas Grandes Lojas (Assembléias) só tem direito de assistência os Veneráveis e os Vigilantes, na qualidade, porém, de representantes de todos os Irmãos das Lojas. Antigamente cada Irmão se representava por si mesmo. Hoje são representados por seus Oficiais. Nem por motivo dessa concessão, feita em 1717, deixa de existir o direito de representação, firmado por este Landmark.

13.º — O direito de recurso de cada maçom das decisões dos seus Irmãos, em Loja, para a Grande Loja (Obediência ou Potência) ou Assembléia Geral dos Irmãos, é um Landmark essencial para a preservação da justiça e para prevenir a opressão.

14.º — O direito de todo maçom visitar e tomar assento em qualquer Loja é um inquestionável Landmark da Ordem. É o consagrado direito de visitar, que sempre foi reconhecido como um direito inerente que todo Irmão exerce quando viaja pelo Universo. É a consequência de se encarar as Lojas como meras divisões, por conveniência, da Família Maçônica

Universal.

15.º — Nenhum visitante, desconhecido aos Irmãos de uma Loja, pode ser admitido à visita sem que, antes de tudo, seja examinado, conforme os antigos costumes. Esse exame só pode ser dispensado se o maçom for conhecido de algum Irmão do Quadro que por ele se responsabilize.

16.º — Nenhuma Loja pode intrometer-se em assuntos que digam respeito a outras, nem conferir graus a Irmãos de outros Quadros.

17.º — Todo maçom está sujeito às leis e Regulamentos da Jurisdição Maçônica em que residir, mesmo não sendo membro de qualquer Loja. A inafiliação é já em si uma falta maçônica.

18.º — Por este Landmark os candidatos à iniciação devem ser isentos de defeitos ou mutilações, livres de nascimento e maiores. Uma mulher, um aleijado ou um escravo, não pode ingressar na Fraternidade.

19.º — A crença no Grande Arquiteto do Universo é um dos mais importantes Landmarks da Ordem. A negação dessa crença é impedimento absoluto e insuperável para a iniciação.

20.º — Subsidiariamente a essa crença, é exigida a crença em uma vida futura.

21.º — É indispensável a existência, no Altar, de um Livro da Lei, o Livro que, conforme a crença, se supõe conter a verdade revelada pelo Grande Arquiteto do Universo. Não cuidando a Maçonaria de intervir nas peculiaridades de fé religiosa de seus membros, esses Livros podem variar de acordo com os credos. Exige, por isso, este Landmark, que um "Livro da Lei" seja parte indispensável dos utensílios de uma Loja.

22.º — Todos os maçons são absolutamente iguais dentro de uma Loja, sem distinções de prerrogativas profanas, de privilégios que a sociedade confere. A Maçonaria a todos níveis nas reuniões maçônicas.

23.º — Este Landmark prescreve a conservação secreta dos conhecimentos havidos por iniciação, tanto dos métodos de trabalho, como das suas lendas e tradições, que só podem ser comunicadas a outros Irmãos.

24.º — A fundação de uma ciência especulativa, segundo métodos operativos, o uso simbólico e a explicação dos ditos métodos e dos termos neles empregados, com propósito de ensinamento moral, constitui outro Landmark. A preservação da lenda do Templo de Salomão é outro fundamento deste Landmark.

25.º — O último Landmark é o que afirma a inalterabilidade dos anteriores, nada podendo ser-lhes acrescido ou retirado, nenhuma modificação podendo ser-lhes introduzida. Assim como de nossos antecessores os recebemos assim os devemos transmitir aos nossos sucessores. NOLONUM LEGES MUTARI.

(Transcrição da "Edição Comemorativa da Sagração do Templo 21 de Abril, do Edifício Sede do Grande Oriente de São Paulo" — Livraria Editora Evolução — 1954).

LANDMARKS

de Enrique A. Lecerff

1.º — A Maçonaria é a Instituição Orgânica da Moralidade.

2.º — São seus princípios a Moral Universal e a Lei Natural ditadas pela Razão e definidas pela Ciência; reconhece o Ser Supremo; não admite diferença entre os homens senão as que se originam da estreita relação entre o mérito e o demérito; não combate nem condena ninguém por sua crença ou opiniões e não estimula debates sobre religião nem política.

3.º — A Instituição é una e indivisível e seus ensinamentos se comunicam em graus: Aprendiz, Companheiro e Mestre.

4.º — Seu espírito, meios de reconhecimento e a lenda do 3.º grau são inalteráveis.

5.º — A Maçonaria respeita a organização civil e política do país em que vive.

6.º — O mérito pessoal, não a posição social nem a antiguidade é o que mais a Maçonaria aprecia. Em seu seio todos os Irmãos são iguais, sem que a Instituição, entretanto, despoje de seus direitos civis ao que os possua.

7.º — Só podem ser admitidos como Maçons, homens livres, de bons costumes e maiores.

8.º — Os Maçons devem conduzir-se moralmente, dentro e fora da Loja, considerando-se Irmãos e devem-se, mutuamente, amor, respeito e proteção, vivendo em absoluta harmonia.

9.º — O Governo da Instituição está baseado no sufrágio universal.

10.º — Um Grão-Mestre é o Chefe Supremo da Fraternidade.

11.º — A Maçonaria emprega sinais, toques e palavras secretas para reconhecer seus Irmãos e mantém juramentos que qualificam o Maçom.

12.º — Todo Maçom deve pertencer a uma Loja, assistir ao trabalho e participar dos encargos gerais da Oficina.

13.º — Ninguém pode ser admitido como Maçom por um Irmão isoladamente, senão por uma Loja.

14.º — A Loja goza de todos os direitos gerais da Sociedade: admitir ou recusar candidatos; legislar sobre assuntos de sua competência; administrar seus negócios e fundos; justificar e castigar aos seus membros.

15.º — Reunida uma Loja Maçônica, deve estar sempre a coberto da curiosidade de estranhos.

16.º — Um Venerável Mestre e dois Vigilantes que o substituem em sua ausência, governam a Loja.

17.º — O Maçom tem o direito de assistir ao trabalho de todas as Lojas; de filiar-se; de ser socorrido na desgraça; de acusar, queixar-se, apelar, defender-se e representar-se.

18.º — Todo desconhecido deve ser “trolhado” antes de ser tratado como Irmão.

19.º — Uma Obediência governa, soberana e exclusivamente, a Associação da Maçonaria em sua jurisdição e é formada pela confederação das Lojas.

20.º — O Grão-Mestre é o Presidente nato da Obediência e Lojas particulares; exerce o poder Executivo e é responsável por seus atos perante a Confederação.

21.º — As Lojas são iguais e soberanas; uma não pode intervir em assuntos de outra, nem promover aos seus membros sem sua aquiescência.

22.º — As Lojas tem o direito de fixar a duração de suas sessões e o seu domicílio; eleger e instalar seus funcionários; impor contribuições a seus membros; encaminhar a apelação do seu Venerável ao Órgão competente; ser representadas perante a Ordem e dar instruções a seus representantes.

23.º — Devem as Lojas reunir-se periodicamente e conservar incólumes o espírito e a forma da Fraternidade em seus trabalhos.

24.º — A Loja não pode desobedecer nem justificar seu Venerável.

25.º — As eleições dos seus funcionários são periódicas.

26.º — Todo Irmão está sujeito às leis da jurisdição maçônica em que reside, mesmo quando não seja membro de nenhuma Loja ou o seja de uma Loja distante de sua jurisdição.

27.º — A iniciação é que caracteriza o Maçom; para possuir, porém, a plenitude dos direitos maçônicos é mister receber os três graus da Maçonaria.

28.º — Só são aceitos novos Irmãos com o consentimento geral da Loja, mas não é indispensável a unanimidade dos Irmãos que a formam.

29.º — O candidato deve ter capacidade para compreender e praticar os ensinamentos da Instituição. Seu pedido de iniciação será livre e espontaneamente feito e assinado; não pode ser admitido senão após suficiente averiguação sobre sua conduta e antecedentes.

(Transcrição da Revista ORIENTE —

Ano II n.º 7 — Janeiro/Março de 1955)